

**PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO**

autor de  
**Mesmer e  
Revolução  
Espírita**



# **AUTONOMIA** a história jamais contada do **ESPIRITISMO**

PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO  
*Autor de Mesmer, a ciência negada do magnetismo animal  
e Revolução espírita, a teoria esquecida de Allan Kardec*

# **AUTONOMIA** **a história jamais contada do** **ESPIRITISMO**

2ª edição



São Paulo, 2019

© 2019, Paulo Henrique de Figueiredo

Fundação Espírita André Luiz (Feal)  
Rua Duarte de Azevedo, 728 – Santana  
02036-022 – São Paulo – SP  
(11) 4964-4700 – editorial@feal.com.br

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio ou processo eletrônico, digital, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610, de 19.02.1998.)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da FEAL.

Impresso no Brasil  
*Presita en Brazilo.*

Diretoria editorial: José Antonio Lombardo, Eliana Miranda Ivano e Vanilson Aguiar

Gerente editorial: Karen Pereira

Pesquisa: CDOR, Conde Fouá e Cristina Sarraf

Preparação: Tulio Kawata

Revisão: Laila Guilherme

Produção Editorial: Johannes Christian Bergmann

Capa e projeto gráfico: Simone Fernandes Nikolaus

Imagens de capa: Arquivo CDOR e Shutterstock

Imagens de miolo: Age Fotostock/Easypix Brasil (p. 646) e Bridgeman Images/Easypix Brasil (pp. 144 e 528)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angelica Ilacqua CRB-8/7057

F475a

Figueiredo, Paulo Henrique de

Autonomia : a história jamais contada do Espiritismo / Paulo Henrique de Figueiredo. –

São Paulo (SP): Fundação Espírita André Luiz, 2019.

672 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-7943-092-3

1. Espiritismo 2. Espiritismo - História 3. Espiritismo - Doutrina 4. Kardec, Allan, 1804-1869 5. Filosofia I. Título

19-1364 CDD 133.909

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo - História 133.09

# SUMÁRIO

[Agradecimentos](#)

[Prefácio do autor à segunda edição](#)

[Prefácio](#)

[Livro primeiro. Os arquivos do Espiritismo](#)

[Os tempos estão chegados](#)

[A reação espiritualista](#)

[As circunstâncias extremamente favoráveis](#)

[Espiritismo é o desenvolvimento do Espiritualismo Racional](#)

[Manter dogmas em tempos de fé racional é um projeto falido](#)

[Os judas e seus desvios](#)

[Os preciosos arquivos do Espiritismo](#)

[O inestimável acervo de Canuto Abreu](#)

[Como os documentos de Kardec chegaram ao Brasil](#)

[O movimento espírita na época de Canuto](#)

[No Espiritismo, a ciência precede a fé](#)

[A surpreendente denúncia de Canuto](#)

[O tradicionalismo retrógrado fundamentado na tradição mística](#)

[A ovelha negra](#)

[O inimigo invisível está vigilante](#)

[Sacrificando a Causa](#)

[O plano de recuperação](#)

[A verdadeira missão da FEB em sua fundação](#)

[A solidariedade entre o pesquisador e o médium](#)

[Nossa ligação com Kardec é mais profunda do que imaginamos](#)

[A mensagem de Emmanuel, por Chico Xavier](#)

[Os períodos do Espiritismo](#)

[A meta é a renovação social](#)

[O período do restabelecimento](#)

[Livro segundo. O restabelecimento](#)

[Em busca dos arquivos do Espiritismo](#)

[Um mistério solucionado](#)

[Quase tudo ficou perdido](#)

[O Memorial do Espiritismo](#)  
[Circunstâncias extremamente favoráveis](#)  
[O pensamento materialista dos ideólogos](#)  
[Onde o materialismo para, o espiritualismo continua](#)  
[A revolução psicológica por Maine de Biran](#)  
[A sociedade filosófica de Maine de Biran](#)  
[A filosofia racional de Victor Cousin](#)  
[As ciências morais, filosóficas e metafísicas](#)  
[As ciências psicológicas](#)  
[Ciências filosóficas: psicologia experimental](#)  
[Fundamentos da teoria psicológica e da Doutrina Espírita](#)  
[Vida animal e vida humana](#)  
[Senso íntimo ou \*sensorium commune\*](#)  
[Inclinações, apetites, instintos e paixões](#)  
[Sensações e percepções](#)  
[Consciência psicológica e consciência moral](#)  
[Os sentimentos](#)  
[A liberdade moral ou livre-arbítrio](#)  
[Desejo e vontade](#)  
[Os hábitos passivos e ativos](#)  
[A teoria e a prática educativa do Espiritualismo Racional](#)  
[O estudo científico da metafísica](#)  
[A metafísica enquanto ciência filosófica](#)  
[Ciências filosóficas: metafísica geral](#)  
[Ciências filosóficas: metafísica especial](#)  
[A aplicação das ciências psicológicas](#)  
[Ciências filosóficas: lógica](#)  
[O método das ciências](#)  
[O método nas ciências morais e filosóficas](#)  
[A pluralidade dos testemunhos nas ciências históricas](#)  
[A abordagem científica dos testemunhos dos Espíritos](#)  
[Ciências filosóficas: estética](#)  
[Ciências filosóficas: moral teórica](#)  
[Autonomia, a moral do novo mundo](#)  
[Ciências filosóficas: moral prática](#)  
[O crepúsculo das ciências filosóficas](#)  
[O positivismo comtiano contra o Espiritualismo Racional](#)  
[Em 1848, Victor Cousin publica a obra Justiça e caridade](#)  
[A maior chaga da humanidade](#)  
[Allan Kardec foi um exemplo de caridade desinteressada](#)  
[O verdadeiro e sincero auxílio](#)

[Uma virada autoritária, ou a união do clero e do ditador](#)

[O livre pensamento](#)

[Allan Kardec e a imprensa progressista francesa](#)

[O dogma materialista na psicologia moderna](#)

[O Espiritismo no atual cenário cultural](#)

[Espiritismo e moral](#)

[A moral e a busca pela felicidade](#)

[O surgimento de um novo paradigma quanto à moral](#)

[A moral está na relação entre felicidade e perfeição](#)

[Perfeição e felicidade segundo o Espiritismo](#)

[O juízo moral na criança, autonomia e heteronomia em Piaget](#)

[Mesmer, magnetismo animal e Espiritismo](#)

[Os precursores da Doutrina dos Espíritos](#)

[Os magnetizadores fluidistas estavam em oposição ao Espiritismo](#)

[Por uma física do mundo espiritual](#)

[Os fluidos imponderáveis](#)

[A teoria do fluido cósmico universal](#)

[O sonambulismo magnético como instrumento de observação](#)

[A cura pelo magnetismo animal segundo Mesmer](#)

[A cura pelo magnetismo segundo o Espiritismo](#)

[O passe magnético, a vontade e as células orgânicas](#)

[Psicologia fisiológica segundo o Espiritismo ou fisiologia da alma](#)

[A patologia da alma](#)

[O código penal da vida futura](#)

[A cura segundo o Espiritismo](#)

[O tratamento espírita](#)

[O passe magnético na obra de Chico Xavier](#)

[Uma revolução moral e social na arte de curar](#)

[As vivências pessoais de Allan Kardec](#)

[A expiação, conforme o Espiritismo](#)

[A proposta espírita de educação moral ou moralização](#)

[A Teoria Moral Espírita](#)

[Desconstruindo os conceitos dogmáticos](#)

[O dogma da degradação das almas](#)

[Os dogmas da queda da alma e da encarnação só como castigo](#)

[A causa da diversidade de condições desde o nascimento](#)

[A conquista da liberdade pelo próprio esforço](#)

[As diferenças entre o mal físico e o mal moral](#)

[A prova da dor e os três Espíritos](#)

[A vida no mundo espiritual](#)

[A questão do carma, causa e efeito ou ação e reação](#)

[A evolução moral do planeta: caridade desinteressada ou \*ubuntu\*](#)

[A moral espírita na família](#)

### **Livro terceiro. O desvio**

[O esquecimento da Teoria Espírita original](#)

[Os difíceis desafios do movimento espírita brasileiro](#)

[Um jardim abandonado precisa de dedicação para florescer](#)

[A moral de Jesus sob a luz da psicologia espiritualista](#)

[A adulteração da obra de Allan Kardec](#)

[Em defesa do legado espírita](#)

[As terríveis circunstâncias no período pós-Kardec](#)

[A tentativa frustrada de defender o indefensável](#)

[A comunicação dos Espíritos em \*Obras Póstumas\* sobre \*A Gênese\*](#)

[A quem interessa o conteúdo adulterado na obra \*A Gênese\*?](#)

[A questão central do desvio](#)

[A falsidade de uma fase teológica, da Igreja universal e de seu chefe](#)

[Os desvios ocorridos no movimento espírita brasileiro](#)

[A Sociedade Acadêmica e o Centro União](#)

[Como ocorreu uma divisão entre os espíritas](#)

[Trabalhos de um pequeno grupo de crentes humildes](#)

[Nenhum sinal extraordinário aparecerá no céu nem na Terra](#)

[As convicções religiosas de Bezerra de Menezes](#)

[O plano: controlar a todos por um modelo único e uniformizado](#)

[Uma cisão no movimento espírita brasileiro](#)

[O plano dos inimigos invisíveis: a história se repete](#)

### **Livro quarto. A renovação social**

[Os tempos estão chegados](#)

[O prelúdio da vitória: a Terra será um mundo feliz](#)

[Referências](#)

# AGRADECIMENTOS

A obra *Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal* surgiu da sugestiva afirmativa de Allan Kardec de que essa ciência e a Doutrina Espírita são gêmeas, e de que seria impossível compreender uma sem a outra. Depois, em *Revolução espírita – a teoria esquecida de Allan Kardec* nos permitiu entender que o Espiritismo anuncia a completa transformação moral da humanidade, fundamentada na autonomia intelecto-moral. Por fim, ao se constatar que o livro *A Gênese – os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* havia sido adulterado em mais de quatrocentas passagens, estávamos diante de uma terrível trama arquitetada para desviar a Doutrina Espírita de sua missão.

Esta obra destina-se a oferecer ao leitor, baseada em documentos inéditos separados cuidadosamente por Kardec para esse fim, a verdadeira e jamais contada história do Espiritismo, resgatando a proposta original dos espíritos superiores, no momento adequado, quando o mundo novo está por surgir. Os documentos e imagens citados ao longo do texto estão disponíveis por meio de links para fácil acesso por smartphones e computadores.

Há uma considerável lista de colaboradores primordiais para a complexa pesquisa em obras raras e documentos inéditos que fundamentaram este livro. Vamos agradecer a todos, representando-os pelo doutor Álvaro Glerean (1930-2019), que retornou ao mundo espiritual este ano. Tradutor das obras de Mesmer, Puységur e outros magnetizadores, por duas décadas participou semanalmente de nossos trabalhos mediúnicos de forma ativa e lúcida. Até breve, caro amigo!

Dedico este livro e agradeço especialmente o apoio e o entusiasmo de

minha esposa Viviane, e de minhas filhas, Juliana e Carolina.

*Paulo Henrique de Figueiredo*

São Paulo, agosto de 2019.

# PREFÁCIO DO AUTOR À SEGUNDA EDIÇÃO

Lançado no dia 10 de agosto de 2019, *Autonomia – a história jamais contada do Espiritismo*, passadas duas semanas, recebemos o aviso da Editora Feal de que os primeiros milhares de exemplares estavam esgotados! Não seria o suficiente para que um segundo prefácio fosse oferecido a você leitor, a não ser pela preciosa descoberta que fizemos exatamente no dia 21 de agosto último.

Examinando uma pasta reservada por Canuto Abreu para a mensagem recebida de Emmanuel sobre as Cartas de Allan Kardec<sup>1</sup>, há mais de ano folheada pelos pesquisadores do CDOR (Centro de Documentação e Obras Raras da FEAL), por incrível que isso possa parecer, encontramos um manuscrito novo, nunca antes percebido ali!

Ainda nos parece inacreditável, mas um conjunto de dez páginas psicografadas por Chico Xavier, em folhas de papel pautado de fichário, escritas à lápis, trazendo palavras grafadas por seu protetor espiritual Emmanuel, estava lá, num envelope plástico transparente, nunca antes percebido. Um texto inédito, escrito e lido na primeira hora do dia 21 de agosto de 1952 (isso mesmo, as datas da escrita e do achado coincidem...) por Canuto e Chico, mantido sigilosamente por sessenta e sete anos e só agora chegando até nós.

Um trabalho empolgante sobre a pesquisa que Canuto Abreu vinha desempenhando por décadas, de recuperação dos documentos originais e registro histórico minucioso do Espiritismo, que este livro vem trazer ao público. Os detalhes desse momento ocorrido em Pedro Leopoldo estão

registrados na narrativa desta obra.

Certamente a emoção dos amigos de Doutrina foi muito grande, quando o objetivo das Cartas de Kardec que chegavam às mãos deles, e os artigos e apontamentos que o sucederam, ganhava a descrição de sua finalidade, quando Emmanuel afirmou: “As tuas anotações quanto à história dos pioneiros do Espiritismo, não constituem obra do acaso e sim tarefa de elevado alcance moral para a Causa que pretendemos defender [...] É a revivescência de lembranças que os soldados e operários de nosso Movimento não podem esquecer sob as cinzas”. E então conclui pela definição de alta responsabilidade pela guarda e divulgação deste legado, inicialmente assumida por Canuto, mas agora sob a responsabilidade da FEAL, mas que se estende a todos os espíritas conscientes da atualidade:

“Imprescindível te mostres digno de tão sagrado depósito, espalhando-lhe as cintilações com todos os trabalhadores da Doutrina de Amor e Luz que há quase um século vem despertando a consciência da Humanidade para a nova era de trabalho e progresso que as trevas debalde procuram rejeitar”.

O reestabelecimento do Espiritismo como Allan Kardec o elaborou, despido dos desvios que nas próximas páginas relataremos, tem chegada a sua hora. E sua contribuição para a revolução moral da humanidade se faz urgente.

*Paulo Henrique de Figueiredo.*

São Paulo, setembro de 2019.

---

1. <https://espirito.org.br/autonomia/revelacoes-de-emmanuel-para-canuto>

# PREFÁCIO

Sempre senti o mais profundo respeito e admiração pelo trabalho das Casas André Luiz. Esses sentimentos intensificaram-se ainda mais quando nossa família, residente no exterior por motivos profissionais, passou a vivenciar os desafios de assistir um ser querido com consideráveis deficiências – nossa própria filha, diagnosticada com autismo severo. Sabemos muito bem quão crucial é, para quem se encontra nessa situação, poder contar com o trabalho de instituições sérias, preparadas e abnegadas como as Casas André Luiz, que, muitas vezes, além da assistência terapêutica e da ajuda material, oferecem às famílias e ao próprio deficiente o ombro amigo em meio ao abandono que essas pessoas costumam sofrer.

Também no campo doutrinário, o complexo institucional do qual fazem parte, juntamente com as Casas André Luiz, a Fundação Espírita André Luiz (FEAL) e o Centro Espírita Nosso Lar, tem realizado um trabalho admirável, digno do maior respeito. Um marco histórico desse trabalho foi o lançamento, em 26 de maio de 2018, sob a coordenação de Paulo Henrique de Figueiredo, da tradução para o português do conteúdo autêntico e definitivo, depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868, de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

A publicação pela Fundação Espírita André Luiz da tradução do conteúdo autêntico e definitivo, ou seja, de 1868, da obra *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* encontra-se plenamente respaldada do ponto de vista doutrinário, jurídico e histórico, conforme demonstramos na pesquisa que resultou no livro *O legado de Allan Kardec*<sup>1</sup>.

Com efeito, documentos oficiais franceses provam que a obra *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* sempre foi impressa, até o falecimento de Allan Kardec, com o mesmo conteúdo, depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868 e reproduzido nas quatro primeiras edições. Inclusive em fevereiro de 1869, Allan Kardec mandou imprimir uma grande quantidade (2.000 exemplares) desse mesmo conteúdo, o que indica que, no mês anterior a seu falecimento, o autor não dispunha da versão revista, corrigida e aumentada que se encontra na quinta edição, do contrário teria mandado imprimir essa versão modificada.

Além disso, em 1868, o mestre de Lyon encomendou as matrizes ou moldes para que o conteúdo que ele havia depositado legalmente continuasse sendo impresso. Foi precisamente esse conteúdo, de 1868, juntamente com as respectivas matrizes e clichês, que Amélie Boudet, a viúva de Allan Kardec, transferiu, em doação, em 1869, à Sociedade Anônima da Caixa Geral e Central do Espiritismo para que continuasse sendo reproduzido fielmente.

Portanto, o conteúdo depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868, reproduzido, sem modificação, nas quatro primeiras edições de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* é, com certeza, de Allan Kardec e está autorizado por ele. Cumpre, desse modo, com as normas jurídicas, particularmente com as que se referem ao direito moral à integridade da obra, estabelecidas na Convenção de Berna para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas e no ordenamento jurídico de muitos países, entre os quais o Brasil, também signatário da mencionada convenção. Ademais, o conteúdo de 1868 é fiel aos ensinamentos da Doutrina Espírita.

Por outro lado, documentos oficiais franceses também provam que a solicitação para a impressão, bem como a publicação da quinta edição, revista, corrigida e aumentada, de *A Gênese, os Milagres e as Predições*

*segundo o Espiritismo* ocorreu em dezembro de 1872, mais de três anos depois do falecimento de Allan Kardec.

A quinta edição, de 1872, apresenta mais de uma centena de modificações no texto que foi depositado legalmente em 1868, publicado e autorizado por Allan Kardec. Foram suprimidos e alterados conteúdos que haviam sido desenvolvidos na *Revista Espírita* e que, confirmados segundo os critérios espíritas, foram publicados por Allan Kardec em todas as edições que ele fez em vida de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Além disso, na quinta edição, foram acrescentadas incoerências doutrinárias, inclusive passagens de caráter supersticioso, que constituem outras evidências de que a autoria da quinta edição não corresponde a Allan Kardec.

A própria Sociedade Anônima, que publicou a quinta edição, em 1872, jamais alegou que Allan Kardec teria deixado uma edição modificada em seus manuscritos e a autorização para que fosse publicado o conteúdo da quinta edição como a versão definitiva da obra, no lugar do conteúdo que o próprio Allan Kardec havia divulgado nas quatro edições anteriores. A propósito, a Sociedade Anônima admitiu publicamente que somente recebeu os manuscritos deixados por Allan Kardec em 1873 (ano seguinte à impressão e à publicação da quinta edição) e que esses manuscritos não passavam de rascunhos.

Por conseguinte, além de não ter conteúdo fiel à Doutrina Espírita, a quinta edição, de 1872, de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* não respeita as normas jurídicas sobre o direito moral à integridade, segundo o qual ninguém pode modificar a obra sem autorização do autor.

Para que seja considerada como definitiva alguma edição de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, é necessário, antes de tudo, provar que Allan Kardec é seu autor. Documentos oficiais franceses e outras

evidências provam que Allan Kardec é o autor do conteúdo de 1868, mas não da quinta edição, revista, corrigida e aumentada, de 1872. Enquanto o conteúdo de 1868 é fiel à Doutrina Espírita e cumpre com as normas jurídicas, a quinta edição, de 1872, apresenta incoerências doutrinárias e não respeita o direito moral à integridade da obra.

Em suma, diante dessas e de outras evidências, a edição definitiva de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* é a quarta, a última que Allan Kardec publicou durante sua existência física, cujo conteúdo, igual ao das três edições anteriores, coincide totalmente com o do exemplar depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868.

Fiel à Doutrina Espírita e às normas jurídicas, a Fundação Espírita André Luiz não somente levou a público a tradução para o português do conteúdo de 1868, o definitivo, de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, mas também tem realizado um trabalho exemplar de esclarecimento dessa questão.

Desde 2017, Paulo Henrique de Figueiredo e eu estávamos em contato sobre a pesquisa que publiquei em *O legado de Allan Kardec*, especialmente sobre a questão da edição definitiva de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Meu livro ainda não havia sido traduzido para o português quando Paulo Henrique, ao retomar, em 2018, sua participação no programa *Livre Pensamento*, da TV Mundo Maior, realizou, juntamente com Claudio Palermo, a histórica apresentação do dia 15 de janeiro, na qual divulgou, com base nas informações do livro *O legado de Allan Kardec*, a adulteração de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*.

Nem Paulo Henrique de Figueiredo nem eu sabíamos o que estava por vir depois desse programa. No entanto, independentemente do que viesse a ocorrer, nossa consciência levou-nos a trazer o assunto também para o Brasil. O livro *O legado de Allan Kardec* havia sido lançado em espanhol,

em Buenos Aires, na Confederación Espiritista Argentina, em 3 de outubro de 2017. Naquele mesmo mês, foi amplamente divulgado e distribuído gratuitamente a todos os dirigentes dos países representados no Quarto Congresso Espírita Sul-Americano, em Bogotá. A Confederación Espiritista Argentina já havia tratado do tema no Conselho Espírita Internacional e publicado a tradução para o espanhol do conteúdo autêntico e definitivo de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, tradução essa que passou a ser cada vez mais amplamente difundida nos países de língua espanhola. O movimento espírita francófono decidira restaurar o conteúdo definitivo, de 1868, de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, que voltou a ser impresso, em substituição ao da quinta edição. No entanto, com exceção de um artigo, que também constitui um marco histórico, publicado por Cesar Perri na revista *O Consolador* <sup>2</sup>, o assunto ainda não estava sendo tratado publicamente no Brasil, justamente no sesquicentenário de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*.

Depois da primeira apresentação de Paulo Henrique de Figueiredo e Claudio Palermo sobre o tema no programa Livre Pensamento, que foi seguida por várias outras, ocorreram muitos desdobramentos altamente positivos no Brasil, como a decisão do complexo institucional integrado pela FEAL de publicar em português o texto autêntico e definitivo dessa obra de Allan Kardec. Por outro lado, também tivemos que enfrentar desafios. Em todos os momentos, inclusive nos mais desafiadores, jamais nos faltou o inestimável apoio da equipe da FEAL, das Casas André Luiz e do Centro Espírita Nosso Lar; da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo; do Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro; da Confederación Espiritista Argentina; da Asociación Espiritista Constancia; do Centro Espírita Redención, de Montevideu; do grupo Espiritismo com Kardec; do portal

Autores Espíritas Clássicos, bem como de várias outras instituições e trabalhadores dedicados ao ideal espírita, tanto do Brasil como do exterior, que se encontravam devidamente informados sobre o tema. Deixo registrada a todas essas instituições e trabalhadores minha mais profunda gratidão, ainda que não seja factível designar pelo nome cada um deles.

Os desafios enfrentados levaram a estas indagações: diante das evidências de que a edição definitiva é a quarta (a qual reproduz o conteúdo depositado legalmente em 1868), como se poderiam explicar as resistências à restauração do texto autêntico e definitivo de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, ainda mais no sesquicentenário dessa obra, quando se pretenderia homenageá-la de maneira especial? O que motivaria a insistência em tais resistências se a restauração do texto autêntico e definitivo favorece a compreensão e a prática do Espiritismo? O que levaria à obstinação na proclamação da quinta edição como a definitiva, tendo em vista que o conteúdo de 1872 contém incoerências doutrinárias e desrespeita normas jurídicas internacionais e nacionais sobre os direitos do autor, que, aliás, é o próprio Allan Kardec?

Essas e outras indagações indicam que a questão não se limita ao trabalho de restauração do conteúdo autêntico e definitivo de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Na realidade, é necessário restaurar a autenticidade dos ensinamentos espíritas de maneira geral e recuperar as informações fidedignas sobre Allan Kardec. É precisamente sobre esse trabalho mais amplo que versa a obra *Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo*, levada a público pelo dedicado pesquisador espírita Paulo Henrique de Figueiredo como resultado de profundo estudo de documentos relevantes e esclarecedores encontrados no acervo de Silvino Canuto Abreu e em outros.

A propósito, conforme Paulo Henrique de Figueiredo relata nesta obra, Silvino Canuto Abreu, grande conhecedor do espiritismo, compreendeu a

necessidade desse amplo trabalho e a ele se dedicou heroicamente a fim de que atualmente pudéssemos encontrar o terreno preparado e dispor de material pertinente. A Silvino Canuto Abreu, à sua família e colaboradores, bem como à FEAL, que passou a ter a guarda desse precioso acervo, expressamos todo o nosso reconhecimento.

Aproveitamos para prestar nossa homenagem também aos membros da União Espírita Francesa, os verdadeiros espíritas que denunciaram, já no século XIX, a adulteração de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* e enfrentaram grandes desafios na defesa do legado de Allan Kardec.

De fato, quando a denúncia da adulteração veio a público, a Sociedade Anônima, que tinha como atribuição institucional divulgar as obras de Allan Kardec, mas também a pretensão de representar o movimento espírita, estava dominada pelo *roustainguismo*. Desse modo, em lugar de ser fiel à Doutrina Espírita, a instituição divulgou amplamente um comunicado no qual faltou à verdade ao deturpar fatos e evidências e procurou difamar os espíritas responsáveis pela denúncia. Tal atitude é, em si mesma, muito grave para uma entidade que, por ter tão elevada atribuição institucional, deveria dar o exemplo na prática dos ensinamentos espíritas. No entanto, lamentavelmente, a instituição foi além. Tentou impor ao movimento espírita, mediante intimidação, o conteúdo da obra *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* que mais era conveniente a seus interesses, ou seja, a quinta edição, de 1872, como se essa instituição pudesse colocar-se acima dos ensinamentos doutrinários, dos fatos históricos, das leis humanas e, especialmente, das leis de Deus.

Tendo em vista que tais atitudes não produziram os efeitos que a instituição desejava, esta se valeu, entre outros artifícios, de textos divulgados como comunicações mediúnicas para tentar legitimar sua posição de que a edição definitiva de *A Gênese, os Milagres e as Predições*

*segundo o Espiritismo* seria a quinta, de 1872. No entanto, para a Doutrina Espírita, a mediunidade não tem caráter oracular. O Espiritismo ensina-nos que deve ser refutado tudo o que provenha de Espíritos ou de médiuns e contrarie a razão, a lógica, o bom senso, os dados objetivos disponíveis<sup>3</sup> (no caso, as claras evidências de que o conteúdo de 1868 é o definitivo de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*). A Doutrina Espírita também esclarece que Deus quer que trabalhemos, que exercitemos nosso pensamento<sup>4</sup>. Se os Espíritos pudessem poupar-nos de fazer pesquisas, deixaríamos de nos dar o trabalho de descobrir a verdade, e, nessa situação, o mais preguiçoso poderia conhecê-la tanto como o mais trabalhador, o que não seria justo<sup>5</sup>. A ciência deve ser adquirida, portanto, por meio do trabalho, pois não haveria mérito se nos bastasse interrogar os Espíritos para sabermos tudo<sup>6</sup>.

O estudo da história do movimento espírita na França no século XIX proporciona-nos, portanto, significativas lições para que tenhamos a necessária vigilância e não repitamos condutas equivocadas, especialmente aquelas que têm como objetivo a satisfação de interesses e conveniências, em lugar da fidelidade aos ensinamentos da Doutrina Espírita. Além disso, oferece-nos importante estímulo para que sigamos os bons exemplos dos verdadeiros espíritas, que, nas situações mais adversas de desvios doutrinários da instituição que pretendia ser a representante do movimento espírita, perseveraram fiéis ao legado dos ensinamentos das obras e do exemplo de Allan Kardec.

Para ser fiel ao legado de Allan Kardec, é indispensável conhecê-lo. Portanto, é necessário estudar, de maneira continuada e reflexiva, as obras de Allan Kardec, as quais foram escritas com a mais elevada assistência espiritual, clareza, precisão e rigor metodológico. Trata-se das obras fundamentais da Doutrina Espírita, do necessário alicerce para a sólida formação doutrinária. Embora existam outros livros espíritas, bem como

métodos didáticos de ensino doutrinário, nenhum deles substitui o estudo direto das obras de Allan Kardec.

As obras fundamentais da Doutrina Espírita encontram-se indicadas no *Catálogo racional das obras que podem servir para fundar uma biblioteca espírita*, a saber: *O Livro dos Espíritos*; *O Livro dos Médiuns*; *O Evangelho segundo o Espiritismo*; *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo*; *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*; *O que é o Espiritismo?*; *O Espiritismo em sua Expressão mais Simples*; *Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas* (separata de um artigo que Allan Kardec publicou na *Revista Espírita* de abril de 1864); *Caracteres da Revelação Espírita* (separata do capítulo 1 de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*); *Viagem Espírita em 1862*; além da coleção entre 1858 e 1869 da *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* <sup>7</sup>.

Para conhecer o legado de Allan Kardec, também é necessário estudar as informações fidedignas disponíveis sobre a biografia do mestre de Lyon, comprovadas por documentos autênticos, com o cuidado de não as confundir com interpretações que possam levar a deturpações dos fatos. Temos certeza de que o Projeto Cartas de Kardec, da Fundação Espírita André Luiz, o qual reúne o acervo de Silvino Canuto Abreu e outros, oferecerá inestimável contribuição nesse sentido.

Ser fiel ao legado de Allan Kardec compreende, ademais, defendê-lo, principalmente de nossas imperfeições. Os desvios doutrinários, decorrentes de nossas imperfeições, geram confusão e, como consequência, dificultam a difusão da verdade, estimulam a ignorância e favorecem a dominação de consciências.

Tenhamos sempre presente nossa responsabilidade perante o legado de Allan Kardec. A propósito, refletamos sobre esta advertência que o mestre de Lyon faz especificamente aos espíritas:

(...) considerai que, de um momento para outro, amanhã talvez, o anjo da morte pode vir bater à vossa porta e vos dizer: Deus te chama para que lhe prestes conta do que fizeste de sua palavra, da palavra de seu Filho, que ele fez repetir para ti pelos bons Espíritos<sup>8</sup>.

Tocados no âmago de nossa consciência por essa séria advertência de Allan Kardec, especialmente no sesquicentenário de sua partida para a pátria espiritual, perguntamo-nos: o que estamos fazendo da Doutrina Espírita?

O estudo da obra *Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo*, de Paulo Henrique de Figueiredo, poderá auxiliar-nos, de maneira significativa, a responder devidamente a essa pergunta. Esperamos que dessa reflexão partamos para a ação a fim de que compreendamos cada vez melhor e pratiquemos ainda mais os ensinamentos espíritas, em fidelidade ao legado de Allan Kardec.

*Simoni Privato Goidanich*

Brasília, 26 de maio de 2019.

Primeiro aniversário do lançamento pela FEAL da tradução para o português do conteúdo autêntico e definitivo de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

---

1. Para mais informações sobre o tema: PRIVATO GOIDANICH, Simoni. *O legado de Allan Kardec*. São Paulo: USE, CCDPE-ECM, 2018; *La génesis, los milagros y las predicciones según el espiritismo: ¿cuál es la edición definitiva?* In: *Revista La Idea*, Confederación Espiritista Argentina, ano 95, n. 645, janeiro/dezembro de 2018, disponível em: <https://www.ceanet.com.ar/wp-content/uploads/2019/03/La-Idea-645-1.pdf> (acesso em 26 de maio de 2019).

2. PERRI DE CARVALHO, Antonio Cesar. 150 anos de *A Gênese* – a fidedignidade das primeiras edições. In: *O Consolador*, ano 11, n. 548, 24 de dezembro de 2017, disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano11/548/especial.html> (acesso em 26 de maio de 2019).

3. KARDEC, Allan. *L'Évangile selon le Spiritisme*. 4<sup>a</sup> ed. Paris: Dentu, 1868, Introduction, p. VII-XVII; KARDEC, Allan. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: FEAL, Introdução, 2018, p. 37-9.

4. KARDEC, Allan. *Qu'est-ce que le spiritisme*. 6<sup>a</sup> ed. Paris: Librairie Didier, 1865, p. 64.

5. *Revue Spirite – Journal d'Études Psychologiques*, ano 4, n. 3, março de 1861, p. 80.

6. KARDEC, Allan. *Le livre des médiums*. 6<sup>a</sup> ed. Paris: Didier, 1863, item 294, pergunta 28, p. 402-3.

7. *Catalogue raisonné des ouvrages pouvant servir à fonder une bibliothèque spirite*. 2<sup>a</sup> edição,

Paris: Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, agosto de 1869, p. 1-2.  
8. KARDEC, Allan. *Voyage spirite en 1862*. Paris: Ledoyen, 1862, p. 39.



Livro primeiro  
Os arquivos do Espiritismo



## OS TEMPOS ESTÃO CHEGADOS

Allan Kardec, a partir dos ensinamentos dos Espíritos superiores, chegou pelo Espiritismo a uma teoria destinada a promover uma revolução moral jamais vista, uma nova etapa no progresso da humanidade, com a força de participar do surgimento de um mundo novo, onde os privilégios acabarão e as oportunidades serão para todos. Kardec publicou versos do Espírito Alfred de Musset sobre a nova era que vai chegar:

[...] Em breve se ouvirá elevar-se do chão  
Um grito misterioso, um hino colossal  
Cobrindo, com seu eco, rajadas de trovão,  
Gemendo, canhões a serviço do mal.  
Esse grito será para todos: progresso, amor, claridade!  
Todos os homens, finalmente, as mãos unindo,  
Vão se reunir sob o santo estandarte;  
A doce liberdade, o caminho apontando.  
Obrigado, Deus! Liberdade! Um o pai, a outra a filha,  
Mas ambos imortais; haveis libertado  
Do obstáculo, enfim, vossa pobre família,  
A Humanidade sofredora, o coração desanimado.  
Mostrais, finalmente, a esperança ao proletário,  
Mas em o defendendo na revolução  
Fazeis triunfar o dogma igualitário

Pela bondade, amor e abnegação.

Única é sua bandeira, e seu lema é santo.

Amor e liberdade, progresso, fraternidade!

Que as generosas palavras vibrem neste canto

Antes de chegar ao coração da Humanidade! [...].

(KARDEC, [RE] 1869, p. 189. Tradução do autor)

Como explicar tão grande entusiasmo pelo futuro de nosso planeta? É porque os Espíritos, Kardec e os espíritas conscientes sabiam que a moral do Espiritismo tem a força para criar um novo edifício social. O velho mundo se sustenta na moral heterônoma, moral do orgulho de alguns e da submissão da multidão, mediada por castigos e recompensas, pela competição, o mais forte dominando os pequenos, privilégios de um lado e absoluta miséria de outro. *A revolução moral espírita* vem demonstrar por fatos e estabelecer, como direito fundamental de todos os indivíduos, a liberdade! Lei universal da moral autônoma, pois a mais fundamental determinação divina é o livre-arbítrio.

Os Espíritos superiores não competem entre si, e atuam na harmonia universal de forma voluntária, consciente e participativa. Não se submetem a uma hierarquia dominadora, substituindo-a por uma cooperação solidária, pois não há medo nessa relação, mas sim completa confiança. Todos são aceitos e valorizados pelas suas singularidades, a diversidade é bem-vinda. Mais que isso, ela é fundamental! Não há necessidade de repressão, desconfiança, entre eles, todos conhecem a lei divina e a respeitam, pois sabem que ela é a garantia da própria felicidade. Não precisam de códigos legais, tribunais, ordens, pois a lei eterna está presente em sua consciência, e a compreendem por milênios de experiências, estudo e trabalho, pelos recursos da reencarnação. A proposta moral espírita está em pesquisar, compreender e adaptar à nossa realidade esse comportamento social dos bons Espíritos. Fazer chegar às massas a autonomia moral e intelectual.

Substituir o automatismo condicionado, que faz do ser uma máquina, pelo agir pensado, escolhido e consciente. Esse será o destino inevitável de nossa humanidade, pois estamos numa transição entre o mundo velho e a nova era. Ninguém pode barrar essa evolução, pois os tempos estão chegados, anunciados pelo Espiritismo!

Quando uma revolução social ocorre na Terra, no mundo invisível as paixões se exaltam, sejam boas ou más, tudo se agita, tudo se transforma! No dia 10 de fevereiro de 1867, um médium da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas entrou em sono sonambúlico espontaneamente, falando por quase uma hora sem interrupção. Kardec fez as anotações. O Espírito comunicante falou sobre planos de combate dos inimigos do Espiritismo, pois o progresso deste causa um pavor que eles não conseguem dissimular. Estes são os pensamentos íntimos dos detratores que ele revelou:

Disse a si mesmo: o Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que ele esteja inteiramente realizado, tratemos de desviá-la em nosso proveito. Façamos de maneira que ela não seja efetiva como certas revoluções políticas. Desnaturando-lhe a essência, poderíamos lhe imprimir um outro caminho. O plano de campanha está, pois, mudado... vereis se formarem reuniões espíritas, cujo objetivo declarado será a defesa da Doutrina, mas seu objetivo secreto será a sua destruição. Supostos médiuns terão as comunicações de instrução apropriadas ao objetivo que se propõem; essas publicações, sob o manto do Espiritismo, em verdade se esforçarão por destruí-lo. Doutrinas vão emprestar algumas ideias espíritas, mas com o pensamento de superá-lo. Essa será a luta, a verdadeira luta a ser sustentada, e que será perseguida com obstinação, mas da qual sairá vitorioso o mais forte. Que podem os homens contra a vontade de Deus? (KARDEC, [RE] 1867, p. 167)

Desse modo, a reunião dos mais eminentes Espíritos deste planeta, com o propósito de regenerar a humanidade, enfrentaria o combate de um grupo de Espíritos hipócritas, interessados em manter seu poder e regalia, na exploração da humanidade. São os *inimigos invisíveis*. E eles elaboraram um plano. Já que o combate direto não trouxe resultado, restava a infame invasão do próprio meio espírita, seduzindo e dominando médiuns e dirigentes, tentando destruir a Doutrina Espírita por dentro, em seu próprio terreno!

Esse plano terrível foi previsto, e Kardec avisado pelos Espíritos. A verdadeira história do Espiritismo tem o dever de revelar quem foram os verdadeiros pioneiros e também os judas que retardaram a marcha do progresso. Por mais de uma década, todos os documentos foram reunidos em dossiês por Allan Kardec, garantindo uma fonte legítima para os pesquisadores e historiadores do futuro.

Mas não seria tão fácil essa obra. Logo após a morte de Kardec, sua Sociedade foi invadida, a revista tomada pelos inimigos, o espólio da Doutrina saqueado. Guiadas pelos opositores invisíveis, mãos consideradas amigas queimaram parte dos arquivos. Herdeiros destruíram provas. Numa invasão dos nazistas à França, importantes peças, quadros, livros e documentos foram roubados. Porém, guiados pelos vigilantes bons Espíritos, os mais relevantes manuscritos, escritos à pena pela mão de Allan Kardec, preservados num bernal de couro afivelado, foram sigilosamente conservados. Levados de Paris para o Brasil no século 20, permaneceram ocultos, pela orientação segura dos Espíritos superiores, por meio do maior médium brasileiro de todos os tempos.

As profecias, contidas em mensagens espirituais, indicariam o momento adequado para que esse tesouro chegasse sem perigo ao conhecimento de seu legítimo dono: a humanidade. E a hora de desatar a fivela dessa pasta de couro, manusear os inéditos e surpreendentes milhares de manuscritos centenários e contar a verdadeira história do Espiritismo, chegou.

## **A reação espiritualista**

No século 19, como o Espiritismo teria sido recebido em sua chegada? As circunstâncias foram ou não favoráveis? As ciências e a cultura da época estavam preparadas para receber as novas ideias?

Com base no senso comum, a maioria das pessoas vai responder que Allan Kardec encontrou a resistência tanto do ambiente religioso quanto do

meio científico. Mas a resposta de Kardec é surpreendente: “Foi nessas circunstâncias, *extremamente favoráveis*, que chegou o Espiritismo; mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego” (KARDEC, 1863, p. 196). Ou seja, segundo a descrição de Kardec, no momento de seu surgimento, a Doutrina Espírita encontrou um ambiente que o recebeu favoravelmente, quando nem o fanatismo nem o materialismo predominavam no pensamento francês.

Desse modo, a situação atual, de uma sociedade dividida entre uma ciência cética e uma religião dogmática, difere em muito do cenário cultural francês de 150 anos atrás. Sem uma necessária contextualização, não é possível uma interpretação adequada do pensamento espírita. Pois olhar para o passado pensando no que se vivencia no presente (hábitos, pensamentos, sentimentos, conceitos) causa uma distorção histórica.

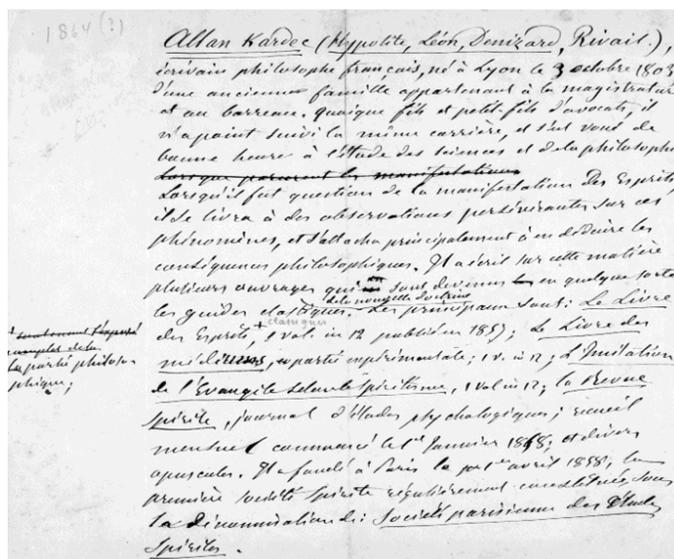
Muito do que se escreveu sobre Espiritismo desde o século 20 foi equivocado por utilizar conceitos e ideias da época atual, sem considerar as peculiaridades da França dos tempos de Kardec. A própria consideração de que o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869)<sup>1</sup> era um cientista cético ou materialista antes de conhecer os fenômenos espíritas é absolutamente falsa. Além de ser um discípulo do pensamento espiritualista do educador Johann Heinrich Pestalozzi, sendo um cientista da área de humanas, adotava o Espiritualismo Racional próprio do século 19 como fundamento de suas ideias. Esse equívoco nasceu de uma interpretação errônea de um depoimento de Kardec presente em *Obras Póstumas*, sobre a sua *primeira iniciação no Espiritismo*, quando ele encontrou-se com o senhor Fortier, que lhe falou assim sobre as mesas falantes:

– Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde. (KARDEC, 1890, p. 265)

E, então, o professor Rivail respondeu:

– Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé. (*Ibidem*)

Nessa ocasião, o professor Rivail já conhecia os fenômenos sonambúlicos, a capacidade de presciência dos sonâmbulos, a transmissão do pensamento e outros fenômenos da ciência do *magnetismo animal* que vinha estudando desde sua chegada a Paris, durante 35 anos. O sonambulismo provocado era então considerado a mais patente manifestação da alma, que fazia do corpo seu instrumento. Desse modo, quando Fortier, interpretando equivocadamente o fenômeno das mesas falantes, atribuiu a elas a capacidade de responder, Rivail, fazendo uso da razão, jamais poderia aceitar esse fato, pois só seria possível sonambulizar um ser humano, que tem sistema nervoso e pode pensar. Jamais se poderia conceber essa capacidade em um objeto inerte como uma mesa. Como ele mesmo explicou: “Era lógico este raciocínio: eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-se-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material”. (*Ibidem*)



### Esboço autobiográfico de Allan Kardec

<https://espirito.org.br/autonomia/allan-kardec-data-e-nome>

Como magnetizador, Rivail considerava possível que existisse uma causa natural para o movimento de objetos, o que explicaria o fenômeno das mesas girantes, mas jamais aceitaria um fenômeno inteligente dessa monta. Todavia, quando conheceu o fenômeno de perto, ao participar de algumas sessões, pôde constatar que eram Espíritos que se serviam da mesa como instrumento para a sua comunicação. Tudo então mudou de figura. Os Espíritos declararam, por si mesmos, que eram as almas dos homens desencarnadas, e então um novo campo para a ciência surgiu. Rivail era um cientista espiritualista e absolutamente racional, nunca foi um cético materialista.

Também jamais fundou uma religião nova ou seita, sendo esse um outro falso entendimento presente atualmente no senso comum. Em seu tempo, os espiritualistas racionais, distantes das religiões formais, faziam uso dos conceitos de religião e moral natural para estudar os atos da alma humana e de suas relações sociais. O Espiritismo é uma ciência dedicada a estudar o ser humano, considerando a sua fase espiritual como regida por leis

naturais. Explica fatos e conceitos relacionados a Deus, alma e vida futura, base das religiões, mas jamais pretendeu tornar-se uma delas.

Analisar o que Allan Kardec escreveu em suas obras e revistas a partir dos conceitos da cultura atual é um *anacronismo*<sup>2</sup>, obstruindo a percepção de como ele realmente pensava. Para compreender corretamente a Teoria Espírita é necessário recuperar o seu ambiente cultural, levando em consideração o significado então corrente dos termos utilizados em sua obra, os paradigmas científicos e filosóficos vigentes, a estrutura social e o pensamento francês daquela época. Só então as aparentes contradições em seus textos serão afastadas e suas definições assimiladas sem deturpações.

Por exemplo, sendo a ciência atual dominada completamente por uma teoria materialista, o significado da expressão *Ciência Espírita*, proposto por Kardec em 1857, fica sem sentido e até incoerente, aos olhos de hoje. As questões relacionadas à moral são atualmente compreendidas, de forma geral, nos limites do campo religioso. Moral e religião, para a maioria das pessoas, são inseparáveis. Todavia, no século 19, a ideia de uma moral laica estava amplamente compreendida. Dizer, então, que o Espiritismo é uma *ciência filosófica com consequências morais* é invariavelmente interpretado presentemente como se ele fosse uma religião, por tratar da moral. Nada mais distante do significado vigente desses termos na França da segunda metade do século 19! Quase não se sabe, mas as ciências humanas, naquele tempo, adotaram o Espiritualismo como paradigma fundamental para estudar o ser humano.

## **As circunstâncias extremamente favoráveis**

No regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o artigo primeiro define que a Sociedade tem por objeto:

O estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às *ciências morais*, físicas, históricas e psicológicas. São proibidas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social. (KARDEC, [1861] 1996, p. 371-2)

Mas o que são *ciências morais*? Não é por dedução que se pode chegar a uma resposta adequada (não se tratava simplesmente de uma *ciência da moralidade*), e sim pesquisando o significado dessa expressão (*sciences morales*) na França da época de Kardec.

Na França, o campo do que chamamos hoje ciências humanas recebe o nome de *ciências morais*. Isso porque, entre os fatos, segundo sua causa, há aqueles que advêm da ação humana (como os fatos históricos, sociais, políticos) – *fenômeno moral*, portanto objeto de estudo das *ciências morais* –, enquanto o *fenômeno natural* (fatos físicos, químicos etc) era objeto de estudo das *ciências naturais*.

Mas, no século 19, a diferença era ainda mais ampla. O objetivo das ciências morais estava em compreender as leis naturais que regem a alma humana por meio de uma *psicologia experimental*, para recriar a sociedade sobre novas bases. Mas essa psicologia não se destinava a uma finalidade terapêutica, como ocorre hoje, mas a de compreender as leis naturais que regem o ser humano em sua capacidade de progresso intelecto-moral e, conseqüentemente, a realização de uma sociedade livre, igualitária e fraterna. Alcançar, enfim, o sonho iluminista de conquistar no campo da alma humana o sucesso teórico já obtido quanto às leis da matéria.

Após a Revolução Francesa, quando o pensamento materialista dominou o Instituto Nacional de Paris em oposição ao domínio dogmático da Igreja até então, a incredulidade virou moda. Mas, como toda coisa extrema tem sua reação, o apogeu do domínio da incredulidade provocou o interesse pelo desconhecido e *uma reação inevitável para as ideias espiritualistas*, como Kardec explicou no artigo de abertura da *Revue Spirite (Revista Espírita)*, de outubro de 1863.

Na Revolução Francesa foi criada em Paris uma Academia de Ciências Morais e Políticas (Classe des Sciences Morales et Politiques) dentro do Instituto da França (Institut de France) de 1795, mas foram interrompidas

por Napoleão Bonaparte em 1803. O ministro da Educação, Guizot, reviveu a Academia de Ciências Morais e Políticas em 1832, com o objetivo de retomar o trabalho interrompido quase trinta anos antes. Sob o comando de Victor Cousin, a nova Academia abandonou os pressupostos sensualistas de inspiração materialista do Instituto de 1795, implantando entre as ciências morais: o estudo da alma, da moral teórica e prática, nas ciências filosóficas, e, numa subdivisão, as ciências metafísicas, na qual se estudavam os primeiros princípios (Deus, Espírito e matéria).

Desse modo, depois de 1832, o ensino superior das ciências morais reagiu ao ceticismo radical dos materialistas, adotando os estudos da fisiologia, mas ampliando o entendimento do ser humano ao adotar como base conceitual o Espiritualismo Racional, e a ideia de um ser duplo: *uma alma encarnada no corpo*.

Chegava à academia o Espiritualismo como filosofia oficial. Ou seja, adotando um olhar anacrônico, alguém de nosso tempo (sem saber desses fatos) diria sem pestanejar que as circunstâncias teriam sido desfavoráveis quando do surgimento do Espiritismo na França. Mas se perguntarmos a Kardec, ele responde: “Foi nessas circunstâncias, *extremamente favoráveis*, que chegou o Espiritismo; mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego”. E então continua:

Ele se apresenta no momento em que o fanatismo, morto pela incredulidade que ele mesmo provocou, não mais lhe pode impor uma barreira séria e em que se está fatigado do vazio deixado pelo materialismo; no momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todos os Espíritos, quando se está à procura das grandes soluções que interessam ao futuro da Humanidade. (KARDEC, [RE] 1863, p. 196)

Como explica Kardec, foi o radicalismo fanático da Igreja, lutando contra a razão, que abriu caminho para o surgimento do materialismo como movimento diametralmente oposto. E também foi a incredulidade absoluta

e enérgica do materialismo, causando um vazio angustiante na sociedade francesa do período decorrente do período revolucionário que permitiu que vingasse uma retomada espiritualista das ciências morais a partir de uma psicologia experimental espiritualista inédita e singular na história da ciência.

A *reação espiritualista* a que Kardec se refere, portanto está representada por um movimento moderno, chamado Espiritualismo Racional, para se diferenciar da tradição ancestral religiosa. Caracteriza-se pela adoção de metodologia científica, buscando fazer com o ser humano o que se conquistou com sucesso ao estudar a matéria: a compreensão das leis naturais que o fundamentam. Ou seja, substituiu a fé cega por uma fé racional, exigência dos novos tempos. E Kardec descreve os efeitos culturais desse movimento no pensamento francês com as seguintes palavras:

Eis por que, nestes últimos tempos, um tão grande número de escritores e de filósofos trataram de sondar esses misteriosos arcanos, porque tantos sistemas foram criados tendo em vista resolver as inumeráveis questões permanecidas insolúveis. Que esses sistemas sejam racionais ou absurdos, nisso não testemunham menos as tendências espiritualistas da época, tendências das quais não se faz mais mistério, que não se procura esconder, da qual se faz glória, ao contrário, como outrora se glorificava de sua incredulidade. Se todos esses sistemas não chegaram à verdade completa, é incontestável que vários dela se aproximaram ou a roçaram, e que a discussão que dela foi a consequência, preparou o caminho dispondo os Espíritos a essa espécie de estudo. (*Ibidem*)

O Espiritualismo Racional, depois de tomar as ciências morais na universidade, passou a ser matéria fundamental da Escola Normal, na formação dos professores, e depois foi adotado nos liceus e colégios franceses. Foi mais longe. A reação espiritualista foi adotada em universidades de todo o mundo, como em Portugal, Espanha, países da América Latina e até no Brasil. Em nosso país, durante o Segundo Império, o Espiritualismo Racional tornou-se a primeira escola filosófica de nossa história<sup>3</sup>, trazida por Gonçalves de Magalhães, que depois se tornaria

espírita! Fez também parte da grade escolar oficial durante o Segundo Império<sup>4</sup>.



Gonçalves de Magalhães

A moral proposta pelo Espiritualismo Racional (moral da liberdade), pesquisada na universidade e ensinada aos jovens, é oposta tanto à adotada pelas igrejas e religiões ancestrais (moral da submissão) quanto à do materialismo (moral do utilitarismo). Vamos desenvolver essa questão com profundidade mais à frente neste livro, mas por agora basta afirmar que a moral racional se fundamenta na psicologia e na definição de um ser humano ativo. Ou seja, o ato moral é caracterizado por um ato livre e consciente, que se definiu como sendo o ato do *dever*. É a moral da liberdade, portanto absolutamente livre, por definição, de qualquer recompensa ou castigo. Desse modo, como definiram os pensadores do Espiritualismo Racional, o dever fundamenta a caridade como ação livre e desinteressada, enquanto a justiça é o cumprimento do dever. A beleza da caridade está justamente em sua liberdade, afirmava Victor Cousin, principal líder dessa escola na Universidade Sorbonne, em Paris. Paul Janet (1823-1899) esclarece o sentido do bem moral, segundo o Espiritualismo Racional:

nosso princípio fundamental é que o bem moral supõe o bem natural que lhe é anterior e serve de fundamento. [...] O bem moral consiste em preferir em nós o que há de melhor ao que há de inferior, os bens de alma aos bens do corpo, a dignidade da natureza humana à servidão das paixões animais, as nobres afeições do coração às inclinações de um vil egoísmo. (JANET,

Agir pelo bem moral é uma escolha racional, tornando-se uma lei moral por ser a melhor escolha, e não por obediência a Deus, ou medo do castigo, seja ele divino ou imposto pela sociedade. Seu fundamento primordial é a livre escolha. A lei moral está presente na natureza do ser em sua consciência. Continua Janet:

Esta lei, que permite a evolução moral, não pode, todavia, obrigar nenhum agente, sem que lhe seja conhecida, sem que ele seja presente, isto é, sem que ele a aceite como verdadeira e lhe reconheça a aplicação necessária em cada caso particular. Essa faculdade de reconhecer a lei e aplicá-la a todas as circunstâncias que se apresentam é o que se chama a consciência. A consciência é, pois, o ato do espírito pelo qual aplicamos a um caso particular, a uma ação por praticar-se, ou já praticada, as regras gerais dadas pela moral. (*Ibidem*)

A moral da liberdade, adotada pelo Espiritualismo Racional, coloca essa vertente associada com as ideias progressistas, como o direito primordial à educação ativa, a conquista de oportunidade para todos, toda a luta para o que se chamou *regeneração da humanidade*, conceito dos espiritualistas adotado por Kardec em suas obras.

Por um lado, a Igreja liderava um movimento retrógrado e tradicionalista, mantenedor do velho mundo, baseado na moral da submissão, impingindo aos crédulos os castigos e recompensas divinos. De outro, o materialismo elegia a utilidade como móvel do cidadão. Mas o Espiritualismo Racional, propondo a moral da liberdade baseada na concepção psicológica científica do ser humano, abria o pensamento francês para a possibilidade de um novo mundo, criado pelo ato solidário e pela nova educação transformadora. Desse modo, enquanto pôde, o Espiritualismo Racional liderou o movimento liberal francês, lutando pelas liberdades de pensamento (ensino livre), de consciência (liberdade de crença) e moral (dever), um movimento oposto à fé cega. O Espiritismo pôde surgir quando as crenças ancestrais foram confrontadas pela razão, e a descrença materialista, por sua vez, não era suficiente para garantir a evolução da humanidade:

Para que se pudesse compreendê-lo e apreciá-lo, seria preciso que as crises morais pelas quais o espírito humano passou há um século, e que lhe ensinaram a discutir as suas crenças; mas seria preciso também que o niilismo, sob suas diferentes formas, como transição entre a fé cega e a fé raciocinada, provasse a sua impossibilidade em satisfazer as necessidades sociais e as legítimas aspirações da Humanidade. A rápida propagação do Espiritismo, em nossa época, prova que ele veio em seu tempo. (KARDEC, [RE] 1868, p. 215)

Para compreender o Espiritismo e sua associação com o pensamento liberal francês do século 19, esse termo, “liberal”, precisa ser bem definido, sem anacronismo, para não ser confundido com os diversos significados adotados em diferentes países e épocas. Na Inglaterra, por exemplo, ele está associado com o *laissez-faire*, uma visão econômica, enquanto nos Estados Unidos contemporâneos normalmente se define liberal como aquele que se identifica com a esquerda política. Na França do século 19, o movimento liberal procurava ficar equidistante tanto dos excessos radicais do período da Revolução Francesa quanto do conservadorismo retrógrado e antirrevolucionário das doutrinas conservadoras. Para ele, a religião, a moral e a existência de Deus são de importância social, mas não o exclusivismo das seitas que causa divisão. Portanto, pretendiam estabelecer no ambiente social uma religião natural e um Deus filosófico, todo amor e justiça, onipresente e providente. O fundamento social estava nas liberdades individuais da alma: de pensamento, de crença, de escolha do ato moral. Era o liberalismo ético.

Um especialista no tema é Lucien Jaume, autor de *L'individu effacé ou le paradoxe du libéralisme français* (em tradução livre, *O indivíduo eliminado ou o paradoxo do liberalismo francês*). Na visão do autor, o liberalismo francês não seria uma filosofia, mas um conjunto de princípios, que ele enumera: “Os direitos do indivíduo constituem a preocupação fundamental. Direito à educação, família, oportunidade de trabalho, participação social. A liberdade, principalmente a coexistência das liberdades. O Estado como meio, instrumento e expressão da sociedade. A visão de uma sociedade

como espaço público neutro, livre de supremacias religiosas ou doutrinárias”.

Assim, podemos concluir que o Espiritismo não cria essas ideias progressistas, mas surgiu como alavanca conceitual poderosa, exatamente no momento em que a sociedade almejava intensamente essas conquistas. Uma condição extremamente favorável.

## **Espiritismo é o desenvolvimento do Espiritualismo Racional**

A reação espiritualista foi tão fundamental para o surgimento do Espiritismo que, em 1868, ao analisar uma obra de um pensador pertencente a esse movimento cultural, o doutor Alexis Chassang (1827-1888), que, além de dicionarista e gramático, era professor de ciências morais e mestre de conferências na Escola Normal Superior de Paris em 1868, tendo como especialidade a Grécia, Kardec afirmou:

A obra do sr. Chassang é a aplicação dessas ideias [espiritualistas] à arte em geral, e à arte grega em particular. Reproduzimos com prazer o que dela diz o autor da crítica do jornal *Patrie*, porque é uma prova a mais da enérgica reação que se opera em favor das ideias espiritualistas e que, como dissemos, *toda defesa do Espiritualismo Racional abre caminho para o Espiritismo, que dele é o desenvolvimento*, combatendo os seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo. (KARDEC, [RE] 1868, p. 223)

Nesse trecho, não só Kardec retoma a questão da *reação espiritualista* empreendida na universidade e na cultura em geral pelo Espiritualismo Racional, declarando que esse movimento abriu caminho para o Espiritismo, mas vai além, afirmando que o *Espiritismo é um desenvolvimento do Espiritualismo Racional*. Aqui já fica clara a conclusão de que, por princípio, o Espiritismo de forma alguma se filia a qualquer tradição religiosa – representada pelas igrejas e pelo Espiritualismo dogmático –, mas se desenvolve a partir do Espiritualismo Racional e suas consequências *científicas, morais, educacionais e sociais*, representadas

respectivamente pela *psicologia experimental espiritualista, moral da liberdade, educação ativa e movimento liberal francês*. Cada um desses fatores será amplamente desenvolvido e justificado nesta obra.

Por ora, basta apontar que, ao comentar um relatório superficial e equivocado publicado na imprensa leiga francesa pelo *Journal d'Amiens*, em 17 de janeiro daquele ano, apreciando um livro, *Resumo da Doutrina Espírita*, de Florent Loth, Allan Kardec afirmou que a descrição correta do Espiritismo é a de uma doutrina que possui: “*tendências liberais e antirretrógradas, o espírito de tolerância e de conciliação*”, sendo “um auxiliar poderoso para a *reforma dos abusos* contra os quais se levanta a cada dia”:

Sua ignorância das tendências do Espiritismo é tal que não sabem mesmo que é uma *doutrina liberal*, emancipadora da inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre exame como base essencial de toda crença séria. Não sabem mesmo que o primeiro escreveu sobre sua bandeira esta imortal máxima: Fora da *caridade* não há salvação, princípio de união e de fraternidade universais, o único que pode pôr um termo aos antagonismos dos povos e das crenças. (KARDEC, [RE] 1868, p. 43)

É importante destacar que o termo *caridade* utilizado por Kardec, para o Espiritualismo Racional, naquele tempo (divergindo da definição atual do termo, que se aproxima do assistencialismo), representava agir pelo dever, ou seja, de forma livre, consciente, intencional, independentemente de castigos e recompensas, com a plena compreensão da lei moral. A caridade é um princípio que orienta o agir integral do ser, e não uma atividade complementar, como se fosse um comportamento acessório, como vamos desenvolver mais à frente nesta obra.

Por tudo isso, abandonando as distorções causadas pelo anacronismo de quem tenta interpretar Kardec pelos olhos da cultura atual, e mesmo pela situação do movimento espírita contemporâneo, bastante diferente da vivenciada no século 19 na França, podemos concluir que o Espiritismo não foi e jamais pretendeu ser uma religião exclusivista. E, mesmo quanto à sua

proposta moral, nada tem a ver com a versão heterônoma das igrejas e religiões ancestrais, que fazem do crente um autômato submisso. Mas que, na verdade, se filia à moral da liberdade, moral autônoma, baseada no pensamento racional e científico das ciências filosóficas vigente naquele tempo, ampliado pelos ensinamentos dos Espíritos superiores.

## **Manter dogmas em tempos de fé racional é um projeto falido**

A fé cega não atendia aos anseios de uma sociedade que via o progresso moral como sua meta. Em 1862, no artigo “Consequências da doutrina da reencarnação sobre a propagação do Espiritismo”, publicado na *Revista Espírita*, Allan Kardec vai tratar primeiramente da falência das religiões por abordarem a vida futura de forma dogmática, mantendo-se retrógradas, estacionadas no pensamento do mundo velho, quando predominava a fé cega. A fragilidade do dogma está no fato de que a ciência, derrubando uma ideia falsa, faz desmoronar toda a doutrina, levando-a ao descrédito:

Toda religião repousa, necessariamente, sobre a vida futura, e todos os dogmas convergem, forçosamente, para esse objetivo único. É tendo em vista alcançar esse objetivo que são praticados, e a fé nesses dogmas está em razão da eficácia que se lhes supõe para alcançá-los. A teoria da vida futura é, pois, a pedra angular de toda doutrina religiosa; se essa teoria peca pela base, se abre o campo para objeções sérias; se ela mesma se contradiz, se se pode demonstrar a impossibilidade de certas partes, tudo desmorona: a dúvida vem primeiro, à dúvida sucede a negação absoluta, e os dogmas são arrastados no naufrágio da fé. Acreditou-se escapar ao perigo invalidando o livre exame e fazendo-se crer que a fé cega era uma virtude. Mas, pretender impor a fé cega neste século, é desconhecer os tempos em que vivemos. (KARDEC, [RE] 1862, p. 70)

A tentativa de manter os dogmas em tempos de fé racional é um projeto falido pela própria natureza do progresso da humanidade. A insistência em manter histórias de diabos, chamadas e penas eternas no terreno da vida futura é a própria causa da incredulidade que afasta indivíduos que primam pela racionalidade.

Mas o outro caminho, proposto pelo Espiritualismo Racional, permitiu ao professor chegar à seguinte conclusão em seu artigo:

O Espiritismo vem, a seu turno, *não como uma religião, mas como uma doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada sobre o fato das manifestações*; não se impõe; não reclama confiança cega; candidata-se e diz: Examinai, comparai e julgai; se encontrardes alguma coisa melhor do que a que vos dou, tomai-a. Ele não diz: Venho saber os fundamentos da religião e substituí-la por um culto novo; ele diz: Eu não me dirijo àqueles que creem e que estão satisfeitos com a sua crença, mas àqueles que desertam de vossas fileiras pela incredulidade e que não soubestes ou não pudestes reter; venho lhes dar, sobre as verdades que repelem, uma interpretação de natureza a satisfazer sua razão e que lhes faz aceitá-la. (*Ibidem*)

E uma “doutrina filosófica, apoiada pelos fatos”, significava, na época, uma ciência filosófica! Jamais uma religião formal inevitavelmente exclusivista, pois eram claramente dois campos bem diferentes da cultura, do pensamento francês daquele tempo. A moral da liberdade é claramente uma recusa da solução tradicional religiosa. O primeiro campo prima pela metodologia científica para a sua elaboração racional e progressista, já a religião se fundamenta na interpretação dogmática de um conteúdo estanque, messiânica. Kardec define com total clareza e veemência essa posição em seus escritos.

A definição do Espiritismo como seita seria a morte de sua proposta. Tanto que representantes das Igrejas tentaram a todo custo definir o Espiritismo como uma religião formal ou seita concorrente, para melhor combatê-lo, trazendo-o para o seu campo de disputa habitual. Na *Revista Espírita*, Kardec muitas vezes denunciou e combateu esses ataques, apontando esse plano ardiloso.

Entre os grupos que acolheram o Espiritismo, a maioria no século 19 eram espiritualistas racionais. O conhecimento desse novo paradigma era um pré-requisito natural para entender o Espiritismo. Aqueles que vinham das religiões, tendo abandonado o pensamento dogmático e a fé cega, estudavam a Teoria Espírita e a aceitavam por sua racionalidade. Os incrédulos, que a essa condição chegaram por não aceitar em uma vida

futura como apresentada pelos dogmas, também encontraram satisfação na lógica da Doutrina.

A falta de conhecimento dessas circunstâncias primordiais da Doutrina Espírita elucida o fato de que grande parte dos adeptos atuais, sem compreender sua verdadeira natureza e mantendo os hábitos de sua formação religiosa, vivenciam o meio espírita como prática devocional, ritualística, messiânica, individualista, como se estivessem filiados a uma seita. Desse ponto de vista, o indivíduo pensa estar diante de um instrumento de salvação pessoal, almejando resolver seus problemas como quem aposta sua fé na salvação pela Igreja. Mas o verdadeiro Espiritismo requer uma mudança de paradigma, a conscientização de que é pelas conquistas da liberdade que vai surgir um mundo novo, por meio do nosso esforço voluntário; e não por uma intervenção arbitrária de Deus, como promulga o dogma. Sem perceber, inocentemente, esses adeptos executam os planos daqueles que combateram de forma contumaz o Espiritismo, sem sucesso, no entanto, enquanto Kardec o liderava em vida.

Essa questão não é um detalhe que se possa desconsiderar, alegando novas circunstâncias sociais. É capital! Pois, desnaturando a essência da prática espírita, seus objetivos jamais seriam alcançados. Para quem conhece a própria história, as trajetórias do passado se desvendam, interpreta-se o presente e surgem as oportunidades do futuro.

## **Os judas e seus desvios**

Mas se o Espiritismo encontrou, na reação promovida pelo Espiritualismo Racional, circunstâncias “extremamente favoráveis”, nas palavras de Kardec, por outro lado se deparou com adversários retrógrados poderosos que dedicaram a ele uma guerra implacável, pois eram inimigos das ideias progressistas e reconheciam no Espiritismo um poderoso auxiliar delas, por ser uma doutrina liberal. Esses indivíduos conservadores observavam que

essa revolução moral mataria pela raiz seus privilégios, seus interesses materiais, seu apego pelo mundo velho.

Num trecho de *A Gênese*, sua última obra, Kardec afirma que muitas pessoas possuem a intuição das inovações de um novo mundo que surge. Mas há também os refratários, mesmo entre os mais inteligentes, e que lutarão contra, por convicção ou por interesse:

São aqueles cujos interesses materiais estão ligados à atual conjuntura e que não estão adiantados o suficiente para deles abrir mão, pois o bem geral importa menos que seu bem pessoal – ficam apreensivos ao menor movimento reformador. *A verdade é para eles uma questão secundária*, ou, melhor dizendo, a verdade para certas pessoas está inteiramente naquilo que não lhes causa nenhum transtorno. (KARDEC, [1868] 2018, p. 407)

O Espiritismo abre caminho para uma reforma baseada em ideias progressistas, segundo Kardec, o que o torna um alvo dos conservadores reacionários:

[Para os refratários] todas as ideias progressivas são, de seu ponto de vista, ideias subversivas, e por isso dedicam a elas um ódio implacável e lhe fazem uma guerra obstinada. São inteligentes o suficiente para ver no Espiritismo um auxiliar das ideias progressistas e dos elementos da transformação que temem e, por não se sentirem à sua altura, eles se esforçam por destruí-lo. Caso o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam com ele. Nós já o dissemos em outro lugar: Quanto mais uma ideia é grandiosa, mais encontra adversários, e pode-se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais seja objeto. (*Ibidem*)

É incrível, mas exatamente esse trecho, no qual Kardec denuncia a violência dos ataques de que poderia ser objeto uma ideia progressista e reformadora, está entre os que foram mutilados de sua obra *A Gênese*, numa adulteração ocorrida em 1872, apenas três anos após a sua morte. Foram cerca de quatrocentas supressões e acréscimos que alteraram o sentido de suas ideias, deixando alguns trechos e capítulos desfigurados (mais à frente nesta obra daremos os pormenores desses fatos).

Mas não apenas essa obra foi atacada violentamente.

Allan Kardec deixou em seus livros toda a estrutura progressiva da

Doutrina Espírita, segundo os ensinamentos dos Espíritos superiores. O desenvolvimento de sua pesquisa, depoimentos, mensagens, a repercussão na imprensa, os debates, mês a mês, estão registrados na *Revista Espírita*, da qual cuidou pessoalmente desde 1858 até 1869. Todavia, pouco relatou sobre os bastidores da história do Espiritismo e de sua própria biografia. Quase nada sobre isso se encontra em suas publicações. No entanto, Kardec considerava esse registro de fundamental importância e, quando recebia cartas e documentos, esclarecia: “Eu os conservarei preciosamente, porque serão um dia os gloriosos *arquivos do Espiritismo*”. (KARDEC, [RE] 1862, p. 184)

Esse era o seu plano, conservar cuidadosamente, classificada e dividida em dossiês segundo o tema, além dos documentos, comunicações, registros de atas, pensamentos, preces; toda a sua correspondência com milhares de pessoas por todo o mundo:

o original, em lugar de ser descartado, está cuidadosamente conservado nos arquivos da Sociedade. Se não publicamos esse volumoso documento, foi precisamente porque, se devêssemos publicar tudo o que nos é endereçado, ser-nos-iam necessários dez volumes por ano, e, em segundo lugar, cada coisa deve vir a seu turno. (KARDEC, [RE] 1860, p. 197)

Todos esses documentos formam um registro único no mundo, “quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem, ao mesmo tempo, os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que fizeram nascer a Doutrina”, nas palavras de Kardec. (KARDEC, [RE] 1867, p. 189)

O estudo desse arquivo, no futuro, planejou o mestre, permitiria reconstruir todos os passos como “os resultados morais, os devotamentos e os desfalecimentos”. Tudo reconstruído a partir de “arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas sobre peças autênticas”, e não sobre lendas, opiniões e tradições que nascem, costumeiramente, dos boatos. E então Kardec conclui: “Em presença destes testemunhos irrecusáveis, em que se tornarão, na sequência, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?”. (*Ibidem*)

Allan Kardec não relatou em suas obras os detalhes das lutas vivenciadas, os ataques empreendidos mesmo por indivíduos que se diziam espíritas. Para estabelecer a história, planejou os arquivos do Espiritismo. A cada um a sua obra, fossem deturpadores ou pioneiros leais:

A história do Espiritismo moderno será uma coisa verdadeiramente curiosa, porque será a da luta do mundo visível e do mundo invisível; os antigos teriam dito: A guerra dos homens contra os deuses. Isso será também a dos fatos, mas sobretudo e forçosamente a dos homens que tiverem desempenhado nele um papel ativo, num sentido como no outro, de verdadeiros sustentáculos, como de adversários da Causa. É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento; é preciso que consagrem a memória dos *verdadeiros pioneiros da obra regeneradora*, e que não haja glórias usurpadas. (KARDEC, [RE] 1864, p. 95)

O professor sabia que os inimigos poderiam se valer de uma arma costumeira, a adulteração da história:

Sem dúvida o Espiritismo, em si mesmo, não pode ser atingido pelas alegações mentirosas de seus adversários, com ajuda das quais tentam mascará-lo; elas poderiam, no entanto, dar uma falsa ideia de seu começo e de seus meios de ação, desnaturando os atos e o caráter dos homens que nisso terão cooperado, se se lhes desse uma contrapartida oficial. Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que levantará todas as dúvidas, *uma mina onde os comentaristas futuros poderão haurir com certeza*. Vede, senhores, de que importância é esse trabalho no interesse da verdade histórica; a nossa própria *Sociedade* nisso está interessada, em razão da parte que ela toma no movimento. (*Ibidem*)

Com o passar dos séculos, boatos, tradições e relatos de detratores podem se infiltrar nas descrições históricas, alerta Kardec para esse perigo:

O que dará a essa história um caráter particular é que em lugar de ser feita, como muitas outras, dos anos ou dos séculos tarde demais, sobre a fé da tradição e da lenda, ela se faz à medida dos acontecimentos, e *sobre peças autênticas das quais possuímos*, por uma correspondência incessante vinda de todos os países onde a Doutrina se encontra, a coleção mais vasta e mais completa que seja no mundo. (*Ibidem*)

O maior dos perigos, alertava Kardec regularmente aos grupos, não eram os inimigos declarados da Doutrina, pois, segundo o provérbio, “mais vale um inimigo confesso que um amigo desajeitado”. As publicações excêntricas ou intempestivas, patrocinadas por Espíritos pretensiosos e

falsos sábios, transmitindo ideias falsas, sistemas absurdos, estão na linha de frente da imperícia ao conduzir a proposta espírita, explica Kardec. Mas é mais séria ainda a questão dos falsos irmãos ou adeptos:

Os adversários do Espiritismo, alguns pelo menos, porque pode e deve haver os de boa-fé. [...] O perigo não está nos ataques de viva força; nem está nas perseguições, nem mesmo na calúnia, como vimos; mas está nas astúcias ocultas empregadas para desacreditar e arruinar o Espiritismo por si mesmo. (KARDEC, [RE] 1863, p. 51)

Cabe também ao arquivo do Espiritismo demonstrar, além dos pioneiros e dos judas, que as fases vivenciadas pela Doutrina Espírita estavam previstas:

Devendo o Espiritismo marcar nos fastos da Humanidade, será interessante, para as gerações futuras, saber por que meios ele se estabeleceu. Esta será, pois, a história das peripécias que terão assinalado os seus primeiros passos; as lutas que terá tido que sofrer; os entraves que se lhe terão suscitado; de sua marcha progressiva no mundo inteiro. O verdadeiro mérito é modesto e não procura se fazer valer; é preciso que a posteridade conheça o nome dos *primeiros pioneiros da obra*, daqueles cujos devotamento e abnegação merecerão estarem inscritos nos seus anais. Daqueles que terão sofrido pela Causa, a fim de que bendigam, e daqueles que terão feito sofrer, a fim de que orem para que sejam perdoados; em uma palavra, de seus amigos verdadeiros e de seus inimigos confessos ou ocultos. Não é possível que a intriga e a ambição usurpem o lugar que não lhes pertença, nem um reconhecimento e honras que não lhes serão devidos. *Se são judas, é preciso que sejam desmascarados*; uma parte, que não será a menos interessante, será a das *revelações que, sucessivamente, anunciaram todas as fases dessa era nova* e dos acontecimentos de toda natureza que a acompanharam. (KARDEC, [RE] 1862, p. 204)

Os arquivos do Espiritismo, como planejou Kardec, são parte integrante da Doutrina Espírita, um tesouro para os comentaristas do futuro. Mas onde foram parar esses documentos?

## **Os preciosos arquivos do Espiritismo**

Allan Kardec liderava os preparativos de uma nova fase do Espiritismo. Suas obras estavam publicadas. Iniciava a propaganda das ideias progressistas e reformadoras. O apartamento da Sociedade, da rua

Sant'Anne, 59, visitado por milhares de pessoas interessadas no Espiritismo nos últimos anos, precisava ser entregue.

A adaptação da moradia de Kardec e Amélie na Villa de Ségur, 39, onde possuíam um grande terreno, iniciada em janeiro daquele ano, 1869, já recebia os últimos retoques. Na época, era uma região suburbana de Paris, na parte posterior ao Campo de Marte, uma propriedade semirural, e lá Kardec construiu o retiro de sua velhice. Esse terreno, com 2. 666 metros quadrados, foi comprado com o produto de suas obras pedagógicas. E os seus recursos se esgotaram. Contraiu com o Crédit Foncier um empréstimo de 50. 000 francos para construir seis pequenas casas com jardim. Pretendia viver numa delas com Amélie, e as outras abrigariam espíritas idosos desabrigados.

Os planos da divulgação exigiam um novo estabelecimento. Para isso, o secretário, senhor Bittard, registrou o nome Librarie Spirite (Livraria Espírita), alugou uma loja na rua de Lille, 7, tirou as licenças, fez prateleiras e balcões. No fundo da loja, Kardec fez preparar uma sala para expedição e administração da *Revista Espírita*, com janela para a área interna e uma entrada independente. A proprietária do antigo apartamento da sociedade foi avisada que ele seria entregue na data final do contrato de locação, 31 de março. Dia 26, sexta-feira, última sessão na forma costumeira, depois de ler a ata anterior e esgotar a ordem do dia, Kardec se pronunciou no encerramento:

Amigos, é a última sessão de nossa sociedade, depois de onze anos servindo ao Espiritismo. Dia 31 deixaremos esta casa. Segundo a lei, o novo endereço precisará de outra licença, para isso formaremos o Comitê Central e a sociedade será dissolvida. Esta ata será juntada às outras completando nosso arquivo, que, com as correspondências, aguardarão os historiadores do Espiritismo. Em primeiro de abril pela manhã, estão todos convidados para a inauguração da Livraria Espírita, na rua de Lille. Nosso próximo encontro ocorrerá lá. Está encerrada a reunião!

Logo pela manhã do dia 31 de março, a mudança tinha início nas

dependências da sociedade. A senhora Allan Kardec, Amélie, arrumara na véspera os objetos e partira para a Villa de Ségur. Lá encontrou sua amiga diletta Berthe Froppo. Janelas abertas cheirando a tinta, a luz penetrava nos quartos com caixas espalhadas aguardando o lugar definitivo de seus conteúdos. O restante da mudança estava agendado para as 13 horas. Allan Kardec ficou no escritório arrumando o precioso arquivo. Os livros estavam amarrados em lotes. Os móveis pesados estavam juntados perto da escada.

Amélie, junto à amiga fiel, podia recordar o quanto foi árido o caminho percorrido até ali. As lágrimas derramadas, o esforço sobre-humano dela e de seu marido. Por muitos anos, lembra-se, precisou ter um trabalho, incomum para uma mulher de seu tempo e posição social, pois era de uma família bem situada socialmente. Precisava do ganha-pão para manter a vida absolutamente frugal de sua família, enquanto Hippolyte, como carinhosamente o chamava, trabalhava dura e diariamente para o Espiritismo. Mas também podia se lembrar dos momentos felizes, da confiança que renova os ânimos, das cartas trocadas desde os tempos de quando se encontraram no Instituto de Educação, que demonstravam admiração, respeito e bem-querer mútuos.

Naquela mesma hora, Kardec guardava os elementos constitutivos da História do Espiritismo em seu gabinete. Os papéis, grande parte escritos pelo seu próprio punho, foram divididos em dossiês de couro, guardados num armário de nogueira, tipo biblioteca, no estilo império, com duas grandes portas com apliques de bronze e losangos de cristal bisotado, fechado a chave. No armário abrigavam-se também, cuidadosamente, as peças do museu, os quadros, as estátuas e gravuras. Seriam os últimos a seguir na mudança, conduzidos pessoalmente por ele.

Aquele armário trazia doces lembranças. Examinando aqueles dossiês de couro, com seus documentos e manuscritos cuidadosamente escolhidos entre os milhares do arquivo da Sociedade, traziam em suas linhas toda a

sua trajetória até aquele dia, quando já se podia ver a construção delineada da Doutrina. Foi comprado no auge de sua carreira como educador. Em 1835, o estatuto impresso do Instituto, cuja cópia estava ali, descrevia toda a sua maestria como diretor, implantando em Paris o método de Pestalozzi. Naquela mesa ao lado, passava em média dezoito horas de seu dia. Muitas noites, porém, foram emendadas com o dia seguinte, numa dedicação extremada que lhe custou a saúde. Muitas vezes, descreveu suas súplicas aos bons Espíritos, como São Luís e Espírito da Verdade: “Me ajudem, por favor! Permitam que as dores não sejam obstáculos em meu caminho, pois não há dúvida alguma que hei de cumprir esta missão”.

Mesmo com todo esse trabalho, seu dia era dividido com os simples que o procuravam para obter diagnóstico de suas aflições. E encontravam em Kardec toda a atenção. Intercedia por eles nas comunicações com os Espíritos, juntava seus nomes na caixa das preces, mas regularmente os visitava, levando o pão, a esperança, o auxílio da reabilitação, mesmo que estivessem nas prisões.

Aquele dia de mudança, porém, carregava um ar de conclusão, de tarefa cumprida. A fase de elaboração parecia ter chegado ao final, e a publicidade e a continuidade seriam tarefas coletivas. A exigência de sua liderança na construção do edifício doutrinário, ao custo do desgaste de seu corpo físico, cumpria também a função de destilar os valores de sua alma. O bom combate! À sua frente, já se fazia surgir o alvorecer da nova era. Podia, enfim, usufruir, em seu coração, de satisfação, alegria e esperança! Mas então, voltando à realidade, continuou a arrumar os arquivos.

Bittard, que estava na livraria preparando a chegada da mudança, notou que faltavam os fascículos mais recentes da *Revista Espírita*, e pediu ao empregado Adolphe que fosse buscá-los, na hora do almoço, na rua Sant’Anne, com o mestre.

Eram onze e meia quando o rapaz recebeu das mãos de Kardec as revistas

requisitadas. Durante o tempo que descia as escadas, porém, ouviu um baque de queda na sala e, preocupado, voltou. Seus olhos não podiam acreditar ao ver o mestre caído no chão do gabinete, em frente ao arquivo, sobre os dossiês e pastas contendo seus mais importantes apontamentos.

Não havia mais ninguém no apartamento. Adolphe correu ao segundo andar em busca do *concierge*<sup>5</sup> do prédio. Juntos, tentaram erguer o corpo inerte. O rapaz, porém, correu a chamar o médico mais próximo, senhor Junot, na rua Saint-Marc, 18. Quando voltou esbaforido, subia com ele as escadas Alexandre Delanne, grande amigo do casal Kardec e membro fundador da Sociedade, que tinha uma loja próxima, na passagem em cuja entrada ficava o prédio. Morava no segundo andar de seu comércio. Vinha oferecer ajuda para a mudança, mas, avisado do acidente, correu para aplicar passes, imaginando que Kardec desfalecera por excesso de trabalho; foi o que concebeu ao ver seu semblante sereno, parecendo que dormia.

– Ele não pregou os olhos esta noite – disse a empregada. – Estive junto dele, ajudando com os embrulhos, desde a madrugada até as onze horas.

Delanne, percebendo o insucesso de seus esforços, constatando a inexistência do sopro da vida, colocou o corpo inerte de Kardec sobre um colchão e o cobriu com uma manta. O mestre estava morto.

Chamadas às pressas, Amélie e Froppo chegaram.

Depois do salão da frente, passando a sala de visitas, acerca-se o escritório, organizado com móveis de carvalho no estilo império. Escrivaninha, poltrona, duas cadeiras. Interessante escolha, pois o carvalho era a árvore símbolo dos druidas, que de seus galhos escolhiam o cajado. Allan Kardec era o nome druida do professor Hippolyte Rivail, nos tempos de César. Peças delicadas, envernizadas em claro, ornamentadas com enfeites de bronze, carregavam uma longa história desde que foram adquiridas em 1825 para o gabinete de Rivail, então diretor do Instituto Educacional Técnico da rua de Sèvres, 35.

Apoiada em Berthe e Delanne até a porta da saleta, Amélie viu, no solo, o corpo do marido. Um xale de lã branca o cobria, deixando aparecer a gola amarela do roupão. Na face rosada notava-se leve sorriso nos lábios entreabertos. Parecia repousar.

Esse dia estava destinado a ser um divisor de águas. Antes dele, o Espiritismo seguia os planos, desenvolvimento, orientação e o caminho traçado por Allan Kardec. Era o Espiritismo original solidamente estabelecido conforme os planos dos Espíritos superiores. Depois desse dia, seus leais continuadores sofreram um obstinado ataque com a intenção de desviar a Doutrina Espírita da revolução moral à qual se destina. Tanto a sociedade quanto a livraria e a revista criadas por Allan Kardec seriam tomadas por falsos representantes e desviadas de seu propósito primordial.

Somente 150 anos depois, as condições necessárias para o restabelecimento da verdade se apresentariam.

## **O inestimável acervo de Canuto Abreu**

O leitor certamente deve estar se perguntando de onde vieram tantos detalhes descritivos desse dia determinante para o Espiritismo, 31 de março de 1869. Como é possível conhecer os diálogos, os passos de cada personagem, as minúcias do ambiente. Os principais segmentos desse relato foram elaborados pelo pesquisador do Espiritismo Silvino Canuto Abreu (1892-1980). Os fatos verídicos e inéditos, os pensamentos íntimos dos personagens, estavam ao alcance de suas mãos. Toda a sua imensa biblioteca rara, milhares de documentos históricos dos tempos de Kardec e seus milhares de páginas escritas de próprio punho, parte manuscritas, parte datilografadas, chegaram ao Centro de Documentação e Obras Raras (CDOR) da Fundação Espírita André Luiz (FEAL) para sua guarda, conservação, recuperação, digitalização e divulgação pública.



Silvino Canuto Abreu

Canuto Abreu, nascido no final do século 19, pertencia a uma família rica de Taubaté, com fazendas e empreendimentos. Um espírito dedicado aos estudos, formou-se em Farmácia já aos 17 anos, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois estudou direito e medicina. Também exerceu a diplomacia e estudou teologia e ciências religiosas na França. Autodidata e poliglota, por seu interesse em compreender o cristianismo conhecia o grego, o aramaico e o hebraico. Acordava muito cedo todos os dias, e o tec-tec da máquina de escrever Remington, dedilhada só pelos indicadores, ecoava na velha sede da fazenda Vila Branca em Jacareí, concorrendo com o tique-taque do carrilhão. Advogou no Brasil e na França, destacando-se em direito comercial. Recebeu orientação de Rui Barbosa e Clóvis Beviláqua. Conheceu o mundo, por um ano permaneceu

no Japão, estudando a migração japonesa a pedido do governo. Atuou pelo Banco do Brasil na solução para a questão canavieira, sendo pai do futuro Instituto do Açúcar. Atuou no governo Getúlio Vargas defendendo ideias trabalhistas, fez parte de bancas de universidades. Enfim, um homem culto, com ampla formação, autodidata, bem relacionado, pertencente a uma família de posses.

O acervo de Canuto Abreu é um conjunto único no mundo, pois, além de conter um lote remanescente do lendário arquivo do Espiritismo cuidadosamente elaborado por Kardec com as mais importantes cartas e comunicações, sobre as quais seu corpo caiu naquele dia 31 de março, encontra-se nele uma elaborada e minuciosa história do Espiritismo, com milhares de páginas escritas por décadas por Canuto Abreu, por meio de fontes primárias inéditas, além de sua biblioteca de obras raras, que contém milhares de obras sobre Espiritualismo, magnetismo animal, Espiritismo, cristianismo, desde o século 16, entre as quais exemplares únicos de títulos preciosíssimos.

Diante de tal monumento, podemos afirmar que Canuto Abreu foi o maior pesquisador da história do Espiritismo que o movimento espírita possa ter visto. Apesar de sua extraordinária obra ter ficado absolutamente desconhecida até agora.

Sobre a trajetória de seus achados, relata Canuto, “após numerosas peripécias judiciais, que se sucederam por um espaço de quase dez anos, o arquivo foi entregue aos herdeiros da senhora Allan Kardec”. Isso aconteceu depois de uma criminoso fogueira que vitimou o acervo da Sociedade, logo após a morte de Amélie, destruindo a maior parte da volumosa correspondência e dos registros de atas da sociedade.

Continua Canuto Abreu:

Então os documentos preciosos, guardados religiosamente, se dispersaram, vendidos a colecionadores nacionais e estrangeiros. Uma boa parte foi destruída para extinguir o nome da família da senhora Allan Kardec da história do Espiritismo. Os pouquíssimos admiradores do

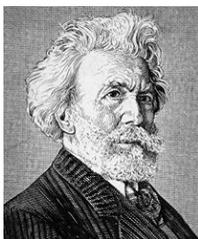
mestre que estavam abonados para licitar com os mercadores de autógrafos guardaram as peças adquiridas em seus arquivos particulares. A Livraria Espírita, entretida com outros interesses, entre os quais a sucessão de Pierre Leymarie, não tentou evitar a dispersão.

Canuto, ao estudar Allan Kardec, percebeu grandes diferenças entre as propostas humanitárias de liberdade que encontrava em suas páginas e o panorama do movimento espírita que observava a partir da Federação Espírita Brasileira que frequentava. A estrutura religiosa formal, os maneirismos dogmáticos, as práticas ritualísticas, nada conferia com a simplicidade e a isenção quanto às particularidades dos cultos característicos de Kardec. Não havia coerência entre a proposta teórica original e a prática que observava, apesar da distância de apenas cinquenta anos. Por isso determinou-se a pesquisar profundamente o Espiritismo, vasculhar suas raízes, recolher minuciosamente, em cada pista, os documentos, as obras, percorrer o entorno de Kardec, descobrir os fatos desse homem tão preciso em sua expressão, mas hermético quanto a si mesmo. Era preciso conhecer profundamente Kardec para recuperar a essência de sua obra. Canuto deu a si mesmo uma difícilíssima missão, que tomaria a extensão de toda a sua vida. Mas que lograria um sucesso extraordinário, fundamental para que as sucessivas gerações pudessem, futuramente, restabelecer a Doutrina Espírita original.

Aproveitando um período de estudos na Sorbonne, em Paris, entre os anos 1920 e 1922, aos 29 anos de idade, em busca da reconstrução da história do Espiritismo, Canuto, determinado a cumprir a tarefa de recolher em fontes primárias os fatos reais, pôde visitar os pioneiros, recolher relatos de suas vivências e examinar as peças em poder desses gentis colecionadores particulares: Gabriel Delanne (1857-1926), Jean Meyer (1855-1931), Paul Leymarie (1867-1955), Camille Flammarion (1842-1925), Gustave Geley (1865-1924), o médium e crítico de arte Pascal Forthuny (1872-1962), Henri Sausse (1852-1928), Léon Denis (1846-1927), o editor e livreiro

Dorbon François Louis (1878-1956), conhecido com Dorbon-Ainé, e tantos outros. Foi uma oportunidade singular, pois quase todas essas testemunhas estavam no final da vida. Por seu esforço e oportunidade, Canuto tornou-se o único depositário dos relatos originais da História do Espiritismo.

Ao ser recebido em suas casas e escritórios, examinou, com atenção e método incomuns, os documentos e obras raras cuidadosamente guardados nas estantes dos pioneiros. Leu as cartas trocadas com Allan Kardec, artigos de jornal, livros autografados e anotados. Teve acesso aos mais íntimos manuscritos do mestre: “mais reveladores da pessoa humana, mais dignificantes de sua missão, alguns até secretos”, relatou Canuto. Nos dois anos em que permaneceu na França, conversou longamente com cada um deles, ouvindo suas versões dos fatos, seus pensamentos e ideias, tomando contato com a história viva desses extraordinários pensadores contemporâneos do surgimento do Espiritismo.



Flammarion



Sausse



Delanne

Em dezenas de cadernos preenchidos a lápis ou pena, num trabalho extraordinário, Canuto anotou aplicadamente todos os dados da viagem, relatos, trechos dos livros e das cartas, descrições dos ambientes, opiniões e conceitos. Testemunhas singulares da história do Espiritismo nascente.

Quando voltou ao Brasil, elaborou grandioso relato que, com simplicidade, chamou de “velhos e despreziosos rascunhos de estudante, sem outro objetivo que sua instrução pessoal”, mas que, em verdade, constituem um verdadeiro marco, fonte de valor incalculável para recuperação dos acontecimentos até então perdidos.

Entre seus milhares de documentos pessoais, separados em pastas e dossiês, páginas amareladas pelo tempo, encontramos importante registro: “Em 1921, em Paris, relacionei-me com Paul Leymarie, filho único<sup>6</sup> de Pierre-Gaëtan Leymarie (1827-1901), seu sucessor na administração da Livraria, vinda através de herança. Esse estudo ocorreu na saleta dos fundos da livraria. A loja era dirigida por uma espírita convicta, ilustrada, antiga secretária da senhora Leymarie”, descreveu o pesquisador, que antes da viagem havia trocado diversas cartas.

Nessa saleta, Canuto Abreu teve acesso ao lendário armário de nogueira que acompanhou Kardec desde o Instituto de Educação até seu último dia em 1869, em seu escritório na Sociedade Parisiense. Esse móvel inerte foi uma testemunha diária de toda a trajetória desde a carreira como educador e diretor até a elaboração do Espiritismo, contendo as peças do museu e as dezenas de dossiês de couro cuidadosamente organizados: “as numerosas

minutas de cartas, de preces, de evocações dos Espíritos, de artigos doutrinários, as cópias das várias cartas a diversos personagens, um sem-número de bilhetes, diferentes recibos, diplomas, atas, folhetos e recortes de jornais anotados, a maior parte do punho do professor, datados de 1825 a 1869. Volumoso dossiê de couro marrom, com um palmo de largo em sua altura. O bojo estufado estava apertado por um cinto de cadarço de linho acinzentado, largo de cinco centímetros, cruzado no verso e no anverso da pasta de couro reforçada nas lombadas. As pontas do cinto se engatavam por uma fivela de metal niquelado com dois dentes enfiados no cadarço. Esse era, sem dúvida, a maior preciosidade do arquivo”, descreveu Canuto, minuciosamente, o raro tesouro que consultou.

Quando já havia refletido sobre boa parte das cartas, ele registrou: “Uma boa cópia original manuscrita da correspondência de Allan Kardec ainda se achava em poder de Paul Leymarie. De abril de 1857 a 1869, o mestre respondera a numerosas pessoas de todas as classes sociais, escritores, políticos, sacerdotes, pastores, filósofos, professores, médicos, advogados, engenheiros, juízes, lavradores, comerciantes etc. Comecei por lê-las. Numa delas, escrita em dezembro de 1865, Allan Kardec dizia ao doutor Jaubert, vice-presidente do Tribunal Civil de Carcassonne: “Minha correspondência será um dia, depois de mim, uma coisa curiosa! Será o mais vasto e mais luminoso repertório da História do Espiritismo moderno pelos homens e pelas coisas. Será o quadro mais verdadeiro do movimento regenerador que se opera e a prova mais palpável de sua marcha irresistível, pois aí se vê a semente germinar desde o palácio do príncipe até a cabana do lavrador, desde o sábio até o ignorante, desde o muçulmano, ou do hindu adorador do fogo até o cristão, desde as estepes tartáricas até as terras de civilização mais refinada. Por toda parte se propagam a agitação e a efervescência precursora das grandes transformações. *Eis o que me é dado ver, não pelos olhos da elucidação, mas por provas escritas que tenho em mãos*”.<sup>7</sup>

As dezenas de caixas com os documentos e escritos preservados ou elaborados por Canuto Abreu durante toda a vida possuem valorosas fontes históricas de diversas épocas, relatando acontecimentos do movimento espírita não só na França, mas também no Brasil. Desde os estatutos e discursos do Instituto de Educação, de 1835, cartas pessoais entre Amélie e Rivail, recibos de doadores da *Revista Espírita*, atas da Sociedade, cópias das cartas enviadas por Kardec, missivas recebidas (há também correspondência de Amélie, Léon Denis, Delanne, Flammarion, Leymarie etc.), diplomas, documentos pessoais como salvo-conduto, bilhetes de viagem, testamento de própria mão, pensamentos, preces, bilhetes, evocações, comunicações com Espíritos, transcrição de diálogos com os seres da espiritualidade, recortes de jornais comentados à margem pelo mestre, fotografias.

Vasculhando seus apontamentos, encontramos Canuto apresentando-se como secretário da *Revista Reformador* desde 1915. Diversas trocas de cartas com Léon Denis, Flammarion, Delanne. Também com personagens do movimento espírita brasileiro, inclusive da Federação Espírita Brasileira. Diversos artigos e livros jamais publicados. Acompanhando seus escritos cronologicamente, uma história pessoal, nunca contada, surpreendente e inédita, vai surgindo das páginas amareladas com o tempo.

É incrível imaginar a paciência, a determinação e a confiança de Canuto, sabendo que, após a sua morte, esse tesouro precisava permanecer unificado, preservado, sem cair em mãos indevidas, para finalmente chegar ao conhecimento público. Sem publicar nem divulgar quase nada em vida! Tendo a confiança na manifestação dos Espíritos garantindo que tudo se cumpriria no futuro. Não é fácil guardar silenciosamente, por toda uma vida, tão imensa revelação.

## **Como os documentos de Kardec chegaram ao**

## Brasil

Recebemos a missão confiada pela família de Canuto Abreu, representada por Lian Duarte e seus filhos, diretores do Instituto, cumprindo as tarefas determinadas pelo notável pesquisador: Manter todo o acervo unido sem qualquer dispersão; transcrever, traduzir e comentar, relacionar os documentos entre si, só então fazê-los, progressivamente e na medida do possível, de conhecimento público. Tornar conhecidas as obras raras, divulgar os escritos e anotações. Tarefa enorme e longínqua! Não é para um só. Canuto foi pesquisador de raras qualidades e admirável dedicação. Tradutores experimentados, acadêmicos conhecedores do assunto, bibliotecários, especialistas em restauração e preservação de documentos, livros e objetos. Colaboradores conhecedores das tecnologias de preservação digital e catalogação. Laboratórios apropriados, com controle de temperatura e umidade, equipamentos, materiais museológicos. Todo esse aparato foi organizado pela FEAL, por meio de seu CDOR, para, com a participação de colaboradores do Brasil e do exterior, realizar essa tarefa coletiva que pertence a toda a comunidade espírita mundial. Mas era preciso, preliminarmente, consultar as pilhas de páginas datilografadas e manuscritas de Canuto Abreu para recuperar a história da trajetória dos manuscritos inéditos, desde as mãos de Allan Kardec até o acervo diante de nós, em São Paulo. Sem o objetivo de esgotar o tema, vamos relatar os apanhados, esparsos em diversos relatos, muitos deles embaralhados em virtude das diversas mudanças e transportes da biblioteca do pesquisador.

Allan Kardec tinha clareza da necessidade de reunir documentos, obras e objetos para o futuro estabelecimento da história do Espiritismo, sua própria biografia e a trajetória dos pioneiros e dos desertores da primeira hora. Quando morava em Paris, na rua des Martyrs, 8, segundo andar, fundos, quando redigia a primeira versão de *O Livro dos Espíritos*, conservava um armário trazido de seu escritório no Instituto de Educação Rivail, desde a

sua inauguração em 1824. Já guardava nele as cartas trocadas com Amélie desde o início de seu relacionamento, onde estão registradas as questões familiares, viagens, pensamentos pessoais, documentos do Instituto, seu regulamento, prospectos e recortes de jornais, discursos pronunciados, entre outros interessantes guardados.

O arquivo foi transportado para a passagem Saint Anne, 59, fundos, primeiro andar, em 15 de julho de 1860, no gabinete de trabalho do presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, lá instalada. No precioso armário de nogueira, Kardec passou a colecionar os principais elementos para reconstituição histórica.

Em 1869, no dia do regresso de Allan Kardec à espiritualidade, como já descrevemos, após o episódio, uma parte menor foi levada para a livraria da rua de Lille, 7, e a maior para a Villa de Ségur, 39, residência de Amélie Boudet. Segundo Canuto Abreu, vinte anos depois, as duas porções estavam reunidas num gabinete próprio dessa residência, mas, após a morte da viúva, os procedimentos judiciais de seu espólio causaram grande dispersão. Pequenos conjuntos de documentos ficaram com amigos e adeptos próximos. Uma parte considerável de manuscritos passou às mãos de madame Leymarie.

Canuto Abreu chegou a Paris determinado a compreender o Espiritismo em sua realidade original, conversando com testemunhas legítimas dos fatos, ouvindo relatos inéditos e buscando fontes primárias, sem poupar esforços, onde quer que elas estivessem.

Sentados à mesinha de um café, na rua des Écoles, quase em frente ao Collège de France, Paul Leymarie narrou a Canuto sua longa trajetória como editor espírita.

– A livraria estava endividada quando a herdei de minha mãe. Depois de crises, busquei incentivar a tradução das obras básicas e ampliar a tiragem da *Revista Espírita*. Busquei atrair colaboradores internacionais. Meu

estabelecimento era visitado por adeptos vindos a Paris, conheci diversos brasileiros.

– Sabemos de seus esforços – comentou Canuto.

– O meio espírita vinha sofrendo perigoso desvio. Enquanto eu era acusado de mercador de livros fora de moda, surgiam por toda a França exploradores da magia, da teosofia, do esoterismo. Em 1915, adoeci gravemente. A doença tornou-se minha maior preocupação.

– Justamente no ano em que, como secretário do *Reformador*, começamos a nos corresponder.

– Continuei lutando para manter a *Revista*; no entanto, com as dificuldades financeiras, meu maior credor cobrou a garantia dos direitos autorais; ainda enfermo, entreguei-a como pagamento. Enquanto estive doente, tomou à frente do empreendimento a *mademoiselle* gerente, dedicando-se extraordinariamente, apesar do declínio dos negócios. Concorrentes surgiam. A mais vendida obra era *O Livro dos Espíritos*. Mas, quando se esgotou a tiragem, fiz novo empréstimo ao credor, agora garantido pelas edições de Kardec. O plano fracassou e transferi os direitos em 1919. Desde 1920, transformei-a em estabelecimento comum de livros novos e usados, mantendo, porém, toda a herança das obras do passado.

Paul narrou entristecido sua história, sem ter como contornar tais sentimentos, Canuto pronunciou:

– C'est la vie, mon ami, c'est la vie...

– A gerente, Marie Eugenie Jaunard, é extremamente dedicada, e estimada pelos espíritas antigos.

Enfim, adentrando à livraria, finalmente Canuto Abreu teve acesso aos arquivos de Allan Kardec, conduzido pela gerente, pessoa amável, bondosa, ilustrada, mas severa, que impunha respeito até mesmo a Paul Leymarie, o qual lhe deixava os encargos e diretivas do estabelecimento. Tratava-a atenciosamente e pelo pronome respeitoso *vous*. Os mais notáveis

frequentadores, antigos e recentes, recorriam aos seus préstimos, pois conhecia muito sobre Espiritismo e também ocultismo. A livraria era um ponto de encontro habitual. Figura mediana, esbelta, cabelos castanhos e olhos pardos, a gentileza de *mademoiselle* era uma exceção à habitual sisudez do atendimento pelas damas no comércio parisiense em geral, comentou Canuto.

Tinha satisfação em orientar e atender sobre todos os temas. Possuía a lista de assinantes da *Revista Espírita*, conhecia pessoalmente os pioneiros e médiuns ainda vivos, tornando-se a orientadora de Canuto em suas visitas e buscas, em toda a sua estadia em Paris. Além de apresentá-lo, não raro pessoalmente, como o fez Paul, às grandes autoridades do mundo espírita, espiritualista, metapsiquista, teosofista da época.

Colocado diante do precioso armário, com seu metro e meio de altura e largura semelhante, Canuto comentou: – Lindo móvel, *mademoiselle*!

Consciente da importância do acervo, só excepcionalmente o abria àqueles que lhe inspiravam confiança. Poucos examinaram aquelas raridades. Contou ter recebido de madame Leymarie a chave do arquivo, com a recomendação de “zelar pelo conteúdo do armário desveladamente até o fim designado pela Providência Divina”. Conhecia tudo melhor que o dono da livraria. Nem mesmo a ele confiava a chave, temerosa de que a cobiça de colecionadores amadores de autógrafos tentasse o dono a trocar certos documentos do Espiritismo por um prato de lentilhas. E, então, ponderou:

– Certas coisas íntimas de uma instituição sagrada, como é a Doutrina Espírita, não se devem exibir à curiosidade, senão dos adeptos bem-intencionados.

A princípio vigilante, consentiu em permitir a Canuto examiná-los em 1921. Disfarçava afazeres para permanecer por perto. Depois, confiante, deixou Canuto a sós com os originais. Sentado num banquinho tosco junto

ao armário aberto, equilibrando sobre o joelho um caderno de bolso que depois de cheio era substituído por outro, copiou, dia após dia, por horas a fio, não raro até doer-lhe os pulsos, até o fechar tardio das portas, boa parte das memórias e lendas daquele verdadeiro tesouro.

A leitura levou Canuto aos bastidores da elaboração da Doutrina Espírita, à intimidade de Kardec e de alguns pioneiros. Cadernos de diferentes tamanhos, folhas avulsas, recortes de jornais, originais das obras publicadas, mensagens conhecidas e inéditas, pastas de papelão com documentos cronologicamente selecionados. Alguns amarelados pelo tempo, outros fatigados pelo uso.

Continha todo o museu espírita. Os quadros e objetos passaram a terceiros. Mostrando as prateleiras repletas do armário aberto em suas duas portas, mostrou os dossiês, a velha caneta, os antigos livros pessoais de Kardec. Ele escrevera na capa de algumas pastas: Minhas supostas vidas anteriores e missão atual; Atas das sessões da Sociedade Parisiense, muitas lavradas de próprio punho pelo professor; Autobiografia de Espíritos célebres; Notas a livros antigos e modernos; Comentários às críticas favoráveis ou adversas; Dados para a história do Espiritismo; Notas às cartas de Laváter; Fatos e comunicações sobre almas de animais; História espírita de Jesus; Previsões e sonhos místicos.

Também havia documentos da fase anterior ao Espiritismo e de sua carreira na educação. Um dossiê principal, num bernal de couro com um palmo de altura, com cartas selecionadas por Rivail, para constituir a história e restabelecer a trajetória da elaboração da Doutrina Espírita, com relatos das vivências pessoais. Boa parcela da correspondência trocada com adeptos, homens notáveis nas letras, nas ciências, nas artes, no jornalismo, na política, nas profissões liberais. Algumas comunicações traziam à margem, anotadas por Kardec, as palavras *reservada* ou *particular*. Não menos importante, explicou a gerente a Canuto, seis dossiês separados e

classificados por Amélie: recordações espíritas; Levent, trabalhos inacabados; Desliens, páginas preciosas; Bittard, correspondência comercial e contratos; Berthe Froppo, lembranças dos pioneiros, e Leymarie, comunicações do mestre Allan Kardec de 1869 a 1882. Grande parte das cartas eram rascunhos prévios escritos pelo missivista, com rasuras e novos trechos à margem. Esses ficavam no arquivo, depois de serem copiados pelos secretários ou Amélie, e enviados aos destinatários.

Muitos desses documentos traziam comentários, títulos e esclarecimentos de próprio punho por Kardec, com sua letra miúda em linhas próximas e tinta negro-ferruginosa, com palavras abreviadas. Muitos documentos faziam referência a outros dossiês que não foram encontrados por Canuto.

Com o tempo e a conseqüente confiança natural, a gerente abria o armário e deixava Canuto à vontade, lendo tudo e fazendo anotações em seus cadernos. Nos intervalos, entrevistava pioneiros, anotando também seus testemunhos. Perguntava sobre os manuscritos, verificava correspondências cruzadas. Três importantes bibliotecas concentravam peças literárias e objetos do antigo arquivo, segundo Canuto Abreu: as de Camille Flammarion, Gabriel Delanne e Jean Meyer. Repetidamente entrevistou, além dos discípulos eminentes e seus parentes próximos, vultos notáveis da primeira e segunda geração de espíritas, possuidores de reminiscências inestimáveis. Visitando sebos e coleções, reuniu volumes raros e significativos.

Voltando ao Brasil, Canuto Abreu reuniu e classificou todos os seus escritos. Meditou, estudou as obras, releu as anotações e elaborou uma rica e minuciosa crônica da história do Espiritismo. Compreendeu bem os propósitos iniciais de Kardec. Identificou os fatos relacionados ao desvio promovido por Roustaing, Leymarie, Guérin. Valorizou a luta grandiosa dos pioneiros. Com todos esses estudos, conseguiu identificar o grande desvio promovido no movimento espírita brasileiro, tirando dos trilhos a proposta

original. Com o passar dos anos, elaborou relatos divididos em três fases: a inicial ou preparatória, de 1848, com as manifestações de Hydesville, até 1857, publicação de *O Livro dos Espíritos*. A filosófica, dessa data até 1869. Da propaganda, desde a abertura da Librairie Spirite, até 1919, cinquentenário do regresso à espiritualidade de Kardec. Todavia, diante de tão valioso material, como potencial de, ao fazer conhecido o passado, permitir que os espíritas construíssem um novo futuro, Canuto ponderou:

– Como, porém, lançar mão de tais elementos inéditos sem a antecipada anuência dos proprietários das fontes e do pensamento das pessoas entrevistadas? Mas, obtido porventura o assentimento de todos, de que maneira imprimir à narrativa brasileira o cunho da autenticidade originária indispensável à validade da descrição de documentos inéditos? Além desses dois problemas capitais, algumas passagens, outrora julgadas pelo copista menos interessantes para a sua crônica, achavam-se muito resumidas. Agora, distante dos manuscritos, não poderia confiar somente na memória. Desde 1940 não se correspondia mais com os companheiros da França. As revistas que poderiam trazer notícias dos já idosos em 1921, não mais circulavam desde a Segunda Guerra Mundial. Cartas ficaram sem respostas. Não havia outra solução, senão novo inquérito pessoal, fotografar textos e lugares, visitar paradeiros, obter respostas dos detentores dos manuscritos. Chegou a hora da segunda viagem, Canuto voltou a Paris, numa tarde quente de junho de 1950.

No dia da chegada, sua visita à livraria da rua Saint-Jacques a encontrou fechada. Nem vestígio de Paul Leymarie, nem da simpática gerente. Só lembranças, ao visitar as redondezas.

Canuto passou pela rua Copernic, 8, o prédio onde em 1923 se instalara a Maison dos Spirites. Estava fechado, como se esperava. Viu uma senhora se aproximando, a *concierge*, que, perguntada pelos pertences, inclusive sobre o paradeiro do precioso armário de noqueira, lhe informou:

– A casa está interditada. Está vazia. Não restou nada. Não sabe? Tudo foi levado pelos alemães no período da ocupação nazista.

– Não sabe se os espíritas retiraram a tempo os documentos guardados nos armários?

– Não tiveram tempo, senhor. Os alemães chegaram bruscamente. Os espíritas saíram de mãos vazias e vexatoriamente revistados. No dia seguinte, os caminhões levaram todos os materiais e móveis. Não se sabe o paradeiro.

Hoje sabemos que os nazistas se organizaram em vários grupos de trabalho encarregados de fazer batidas e confiscar materiais. Especialmente aqueles de interesse pessoal dos dirigentes do Terceiro Reich, incluindo arte, história e todo tipo de ocultismo, mitologia e Espiritualismo. Cada país tinha unidades especializadas, uma às artes, outra a música, igreja e arqueologia, e também história antiga. A *Sonderstab Bibliothek der Hohen Schule* era o departamento destinado a acervos bibliográficos, tendo pilhado mais de mil bibliotecas na Europa ocidental: as nacionais, de lojas maçônicas, de templos, particulares. A maior operação foi exatamente na França. Hitler e Himmler estavam entre os interessados no ocultismo. O jornalista especializado Anders Rydell relata, em sua obra *Ladrões de livros: a história real de como os nazistas roubaram milhões de livros durante a Segunda Guerra*:

A inclusão de livros sobre ocultismo na biblioteca do RSHA (gabinete central de segurança do Reich) é uma prova da seriedade com que o tema era encarado na SS (tropa de proteção). Uma “biblioteca ocultista” já vinha sendo organizada no SD (serviço de segurança) antes da criação do RSHA. Isso serviu como base para uma biblioteca dedicada ao assunto: a Zentralbibliothek der okkulten Weltliteratur. Ela incluía, entre outras coisas, uma seção chamada Sonderauftrag H, com foco nas artes mágicas e encantamentos. Havia um acervo de livros sobre ciências ocultas, Geheimwissenschaftlichen, e outras obras sobre teosofia, seitas e astrologia. Grande parte dessa literatura remonta à pilhagem das lojas maçônicas. Outra seção, a Sonderauftrag C, tratava de assuntos pseudorreligiosos. (RYDELL, 2018, p. 94)

Talvez uma visita ao Instituto de Metapsíquica fosse mais proveitosa para

orientar a busca, e, no dia seguinte, Canuto tocou a campainha do portão 89 da avenida Niel. A secretária e gerente o recebeu e fez entrar. Canuto era frequentador e assinante. Visitou todo o prédio, conversando sobre os acontecimentos dos últimos trinta anos. No gabinete, ela sentou-se na mesma poltrona que Gustave Geley (1865-1924) ocupava, e Canuto na mesma cadeira de quando lá esteve para ouvir o primeiro diretor-geral do Instituto.

– Está tudo conservado como outrora! – observou Canuto.

– Tivemos sorte. O interventor militar alemão era metapsiquista, antigo amigo do parapsicólogo e psiquiatra Albert von Schrenck-Notzing (1862-1929), que era amigo próximo de Charles Richet e fazia pesquisas conjuntas com Geley.

Foi muito útil conferir a lista dos assinantes da *Revue Métapsychique*, mas, checando nome a nome, a gerente concluiu:

– Só um está vivo e nos frequenta. É um pintor muito pobre. Precisa vender quadros para sobreviver. Mora num subúrbio longínquo, não vale a pena ir até lá. Ele costuma vir a Paris, conversa com admiradores e faz suas demonstrações mediúnicas, ou metagônicas, como se diz hoje no Instituto.

Encontraram-se dias depois. Com a pobreza, se desfez de quase tudo que tinha. Trouxe ao hotel, gentilmente, um amarrado com cadernos, folhetos e brochuras mais recentes, nada precioso.

– Você possuía um punhado de cartas de Allan Kardec, trabalhos mediúnicos, num dossiê de couro marrom? – perguntou Canuto.

– Sim, sim. A coleção feita por Roustan, que sediou as primeiras sessões acompanhadas por Kardec, quando elaborou seu primeiro livro. Era amigo íntimo de meu pai. Você os leu em 1921. Em meu apartamento perto da Place da Republique. Bons tempos. Não tenho mais nada há anos. Nem lembro mais se vendi para a Librarie ou para a Maison des Spirités.

Nas demais visitas, só decepções. Munido de apresentação diplomática,

procurou por antigos possuidores de manuscritos. Uma descendente disse que os cadernos da sogra, importante pioneira, estavam sumidos. Outra afirmou: “Tudo foi destruído pela madame F. , depois que o marido morreu”. Indagada sobre a necessidade de ter doado a uma instituição espírita, disse que a família não queria que o nome do cientista ficasse associado com os espíritas.

Dia após dia, pacientemente, Canuto percorreu velhos alfarrabistas, depósitos de relíquias literárias, cartórios de autógrafos, casas de manuscritos, bibliotecas religiosas, perguntando a todos sobre os antigos possuidores e as velhas peças. Tudo em vão.

Restava voltar à histórica rua Saint-Jacques, antiga Saint-Jacques-de-la-Boucherie, dos tempos de São Luís, que terminava à porta de Paris. Tocado no coração e na mente por lembranças vivas de 1922, passou pelos monumentos educacionais da rua des Écoles à sua direita e dobrou na rua Saint-Jacques, para visitar a cara livraria. Porta e vitrina cerradas. Dessa vez encontrou a *concierge* do prédio, que informou: a livraria estava em liquidação. A bondosa gerente morrera no trabalho mesmo havia algum tempo. Inseguro, Paul Leymarie fez sociedade, mas se viu, ele mesmo, explorado. Não houve solução, e tudo foi parar nas filas dos tribunais. O liquidante fizera o inventário da partilha, e só de vez em quando aparecia por lá. O dono, muito enfermo, foi para distante parada na periferia. Os litígios judiciais demoram, e não se poderia prever uma decisão final.

– Paul está vencido pela idade e pela moléstia. Sem a companheira, que era tudo para ele, não terá como voltar à atividade. Não tem parentes, casou-se muito velho com a antiga gerente, como um prêmio pelo companheirismo, em sua dedicação de cinquenta anos servindo à livraria.

Pensando no armário de relíquias, Canuto perguntou:

– Poderia dar uma espiada lá dentro da loja? Estou fazendo uma visita de recordação.

– Infelizmente a chave não está comigo. Só tenho a da vitrina.

A senhora chamou com um berro um homem que, de avental azul e tamancos, varria o pátio. Com habilidade, mas bufando pelo esforço, desenrolou a porta, abrindo-a até o meio. Por meio da vidraça encardida, cobrindo os olhos para evitar a luz que entrava, surgiu na penumbra interna o antigo mostrador espírita. Podia ver as capas brancas, cobertas de pó, amarelecidas e com suas cores desbotadas. Nas prateleiras, podia ver brochuras ordinárias de astrologia, cartomancia, hipnose, magia, teosofia, uma mistura sórdida de literatura popular, conta Canuto sua impressão desairosa. Uma chocante decadência. Nas laterais, ainda se salvavam obras mais nobres, de história, filosofia e psicologia. No fundo duma tábua e quase escondida, estava, à direita, a fila espírita, com os clássicos. Um espetáculo triste de uma miscelânea literária.

A porta rolante pela metade remetia ao luto. O pó dava à imaginação um ar fúnebre. Canuto despertou daquele mau sonho quando a *concierge* comentou:

– Quanta sujeira! Quando poderei fazer aí uma limpeza em regra? – perguntou retoricamente.

– Está bem necessária, madame – respondeu Canuto –, mas não tanto pela poeira, que é coisa secundária, mas quanto à literatura imunda que macula esta livraria!

A mulher deu de ombros, indiferente e sem desejar entender aquele estrangeiro. Quando Canuto perguntou:

– Madame, atrás da estante da loja, à direita de quem entra, ainda está aquele armário de nogueira com detalhes em bronze, sempre fechado à chave?

– Não existe lá nenhum armário, e com chave somente a escrivadinha do gerente e o cofre. Trabalho aqui para mais de quinze anos e, conheço bem, nunca vi esse móvel.

A livraria onde consultara tantos tesouros, os sonhos e alegrias de Kardec, os registros de uma intensa trajetória, a esperança de uma história importante para a cultura mundial, ali, pertinho da Sorbonne, uma casa que morria. Caminhando pela avenida Saint-Michel, parou num café para examinar o mapa e traçar a rota para encontrar o paradeiro do antigo dono da livraria, seguindo a pista fornecida pela *concierge*. Era imprescindível visitá-lo o quanto antes, em virtude das difíceis condições enfrentadas em sua busca, até então frustrada. A distância era muito grande, precisaria sair bem cedo, tarefa reservada somente para o dia seguinte.

Enfermo, desgastado pelo tempo, sem recursos, viúvo, Paul Leymarie aceitou o convite de um amigo e estava pousando numa vivenda campestre, nos fundos da célebre floresta periférica de Paris. Canuto atravessou o bosque, sendo recebido com gentil satisfação pela inesperada visita de um brasileiro, amigo de longo tempo. Aguardou na sala de visitas, conversando com o dono da casa, enquanto se preparava o quarto do hóspede. Numa cama de solteiro, recostado à parede com almofadas, com a perna doente estirada sobre uma cadeirinha de palha, onde se notava o pé envolto em chagas recoberto por ataduras recentes. Nesse estado, aos 83 anos, estava o homem portador de tantas vivências e tradições no meio espírita, que com surpresa e carinho recordou vivamente a antiga correspondência com Canuto desde 1915, entre França e Brasil. O frequente convívio entre 1921 e 1922. Cabeça baixa, face umedecida pelas lágrimas, caiu no pesar, ao lembrar dos acontecimentos sequentes.

– Em 1923, nós, os veteranos, advertidos de nossa desorganização, resolvemos realizar o plano de Kardec, centralizando em Paris, numa casa própria, todas as peças restantes de seu passado. Fundamos com Jean Meyer, Gabriel Delanne, León Denis e outros a Maison des Spirités – lembrou Paul.

– Soube disso pela *Revista Espírita* – afirmou Canuto. – Já em 1921, na

casa de Delanne, no parque de Montmorancy, em Auteuil, um chalé entre árvores, se cogitava desse empreendimento. Já estava grisalho, curvado sobre bengalas, estatura pequena, bigode amarelado, sorriso acolhedor, cambaleante, mas muito lúcido. Ainda lembro de seu especial olhar, a vista direita mais clara que a outra. Acolhedor. Doces lembranças!

– Pois o armário tão bem preservado por nossa querida gerente Ernestine<sup>8</sup>, minha esposa por pouco tempo, para lá foi, com parte dos dossiês e algumas lembranças. Mas tudo foi saqueado pelos nazistas! Também havia cedido a coleção de obras sobre magnetismo animal e franco-maçonaria. Mas nem tudo se perdeu. O escritório das Editions Jean Meyer e da *Revista Espírita*, cuja sede era na Maison des Spirités, foi reaberto em conjunto, depois da libertação, em Soual, no Tarn, pelo antigo secretário de Jean Meyer, Hubert Forestier, onde ainda se encontra. Parte dos documentos está lá. – Paul fez o relato com os olhos voltados para cima, como quem busca na memória os detalhes do passado.

Nunca Canuto esteve tão perto do precioso tesouro.

– Ficou algo na livraria? O que restou de todo o acervo? – questionou preocupado.

Todavia, esse foi o último instante das reminiscências desse encontro narrado por Canuto Abreu, descoberto em seu acervo. O relato em páginas datilografadas envelhecidas para nesse ponto e não dá uma resposta concreta sobre o diálogo a seguir. No entanto, examinando um calhamaço de folhas soltas escritas à mão entre os guardados pessoais, nos deparamos com o seguinte relato, onde Canuto registrou o fato de ter recebido a incumbência de guardar os documentos, levando-os para o Brasil, para que não tivessem o triste destino de grande parte do acervo. No trecho a lápis, deu o seguinte depoimento:

Assim [Allan Kardec] se expressou numa mensagem mediúnica em novembro de 1869: “Quando eu me encontrava corporalmente entre vós, disse muitas vezes que havia de fazer aí uma história do Espiritismo, que não seria desinteressante. Ainda agora esse é meu parecer, e os

elementos que reuni para esse fim poderão servir um dia à realização da minha ideia!”. Examinei em 1921 e 1922 boa parte desses conhecimentos. Com a invasão alemã em Paris, durante a Segunda Guerra Mundial, o arquivo espírita dissolveu-se. Em 1950, boa parte dele estava em Tarn, com os sucessores de Jean Meyer. A que estava em poder de Paul Leymarie veio para o Brasil.

O diálogo que se seguiu ficou perdido no tempo. Ou o encontraremos um dia, entre dezenas de milhares de anotações do acervo das quais ainda desconhecemos o conteúdo e ainda estão por ser catalogadas. Algo parecido com as seguintes palavras deve ter sido dito, de forma emocionada, por Paul Leymarie, naquela memorável e histórica tarde:

– Minhas condições não permitiram salvar tudo. Antes do inventário, com grande dificuldade, para salvar a memória e cumprir a missão tão necessária, conservei o que considerei mais fundamental, as cartas escolhidas por Kardec pessoalmente, suas preces mais íntimas, evocações redigidas aos Espíritos superiores, relatos de sua vida pessoal, os atendimentos que recorriam às consolações da Doutrina Espírita. Nessa hora grave, quando tudo está disperso e inseguro, mergulhado na doença, sem família, confio em suas mãos este tesouro, certo de que, espírita convicto e consciente, vai honrar o compromisso de preservar e dar à luz a história do Espiritismo, como nunca se viu.

A preciosa relíquia histórica estava juntada ao dossiê principal, de cartas selecionadas pessoalmente por Allan Kardec, para futuramente reconstituir-se a história do Espiritismo. O bernal de couro marrom com o cinto afivelado de linho manuseado por Canuto três décadas antes, contendo cerca de mil e cem páginas bem conservadas.

A tarefa de guardiã confiada à gerente Ernestine foi passada a seu marido Paul quando de sua morte. Moribundo, Paul delegou a tarefa a Canuto. Em 1955, na comuna de Le Perreux-Sur-Marne, no departamento de Val de Marne, aos 88 anos, Paul Leymarie voltou ao mundo espiritual<sup>2</sup>. Canuto Abreu, considerando essa realização uma missão familiar, depois de transcrever e traduzir boa parte do material, instruiu sua filha a preparar o

neto, Lian, para a importante incumbência. Finalmente, no século 21, o destino está se cumprindo, com a união de professores universitários e tradutores de diversas partes do mundo dedicando-se a preparar a disponibilização pública do projeto Allan Kardec, a partir do CDOR (Centro de Documentação e Obras Raras da FEAL).

Canuto escreveu a Soual, departamento de Tarn, antes de seu retorno, para ir em busca dos documentos complementares ao dossiê que levaria ao Brasil. Já em São Paulo, recebeu uma carta em resposta, escrita pelo diretor, convidando-o a um futuro encontro em Paris para tratar do assunto. Informava que em breve pretendiam restaurar a Maison des Spirites no mesmo endereço do antigo hotel comprado por Jean Meyer, na rua Copernic, 8. Mas, depois disso, perdeu o contato com o lote confiado a ele. Até o momento em que Canuto escreveu o seu relato, em dezembro de 1950, a Maison des Spirites continuava fechada.

O trabalho de Canuto, destinado a preservar o legado documental de Allan Kardec, não estava completo. Cabe ao nosso tempo reunir ao máximo todo o acervo remanescente. Não podemos esquecer que Canuto não pôde examinar o que Paul Leymarie deixou para trás em sua livraria quando salvou os principais dossiês nos últimos anos de sua vida, confiando-lhe a guarda. Paul também indicou outro lote enviado a Soual, confiado a Jean Meyer, posteriormente sob a guarda de Hubert Forestier, secretário particular de Meyer e continuador das atividades da Maison.

Outro lote de manuscritos originais, contendo parte do acervo de cartas, trechos manuscritos das obras de Kardec, mensagens, atas da Sociedade Parisiense, recortes de jornais anotados e outros documentos, permaneceu guardado na Livraria Leymarie quando ela foi interditada em virtude do litígio entre Paul Leymarie e seu sócio. Em 1957, a loja foi adquirida por Michel Chigot, que usava o pseudônimo Michel Leymarie, apesar de não ter parentesco algum com o fundador. Ao encontrar os preciosos

documentos, o novo dono os guardou como um tesouro, mantendo sigilo sobre a sua existência. Foi seu filho, Phillipe Chigot, que, adotando o costume do pai, se apresenta como Phillipe Leymarie, quem revelou recentemente a existência do acervo, colocando-o à venda, permanecendo atualmente esse lote sob a guarda de um consciencioso colecionador espírita.

Há também o material saqueado pelos ocupantes da Alemanha nazista. Logo após a guerra, o BCR (Bureau Central de Restitutions), pertencente ao comando francês na Alemanha ocupada, publicou um extenso relatório, em oito volumes e milhares de páginas, álbum encadernado num pano cinza, com suas folhas unidas por um fecho metálico. Trata-se de um manual para identificar obras de arte, móveis, livros raros e tudo o mais que foi pilhado. Foram encontrados imensos depósitos de objetos armazenados em cavernas, castelos e minas pela Alemanha. Entre as listas do *Répertoire des biens spoliés pendant la Guerre 1939-1945*, constam retratos de Kardec, Amélie Boudet, Demeure; quadros pintados por Monvoisin, retratando Joana D'Arc, que lembram os descritos na *Revista Espírita* como destinados ao Museu Espírita, idealizado por Allan Kardec. Um busto esculpido por Capellaro que fez aquele que enfeita o dólmen em Père Lachaise, no túmulo do professor Rivail. Há o registro de muitos armários de nogueira com portas de cristal, como o descrito por Canuto Abreu como sendo o lendário móvel histórico do Espiritismo. Quem sabe os livros e parte menor dos dossiês de manuscritos de Kardec estejam nos espólios dos alemães?

Por fim, numa pequena quantidade, cartas e documentos esparsos estão guardados em acervos pessoais, tornaram-se peças de colecionadores ou estão misturados a relíquias de famílias.

Canuto anteviu a mais ampla divulgação pública de todo esse acervo fundamental para o estabelecimento da história do Espiritismo, para o qual colaborou decisivamente. Numa carta de 13 de junho de 1951, endereçada a

um escritor da época, depois de diversas considerações, Canuto pede que lhe sejam remetidos os originais manuscritos de suas obras, para serem preservados, pois: “Minha biblioteca e arquivo particulares pertencerão um dia ao público, e gostaria que neles figurassem os trabalhos seus”.

## O movimento espírita na época de Canuto

Canuto escreveu ter vivenciado na Federação Espírita Brasileira (FEB) uma instituição afastada dos ensinamentos originais de Kardec. Em 1902, quando o livro *Os quatro Evangelhos*, de Roustaing, era publicado em trechos, todos os meses, na revista *Reformador*, o editorial de maio trouxe a seguinte notícia:

E foi por compreender a sua preponderante utilidade [do Evangelho] que a Federação instituiu o seu estudo nas sessões das terças-feiras, preferindo-o ao *Evangelho segundo o Espiritismo* [por Allan Kardec], que apenas contém os ensinamentos morais, *Os quatro Evangelhos* (Revelação da revelação), ditados a J.-B. Roustaing, por ser completa essa revelação, contendo, não somente o desenvolvimento daqueles ensinamentos, mas a explicação de todos os atos da vida de Jesus, com uma nova e esclarecedora orientação acerca da natureza e da sua missão messiânica. (FEB, 1902, p. 1)

Os diretores da FEB, como Pedro Richard (1853-1918), Manuel Faustino de Freitas Quintão (1874-1955), Luiz Olímpio Guillon Ribeiro (1875-1943), entre outros, eram partidários do jurista francês Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879). Quando questionado sobre as inúmeras divergências entre Roustaing e Kardec, Quintão, então presidente daquela instituição, escreveu na revista *Reformador*, de maio de 1917:



Manuel Quintão

Ao contrário, eles se completam [...] estudando Kardec sem “*parti pris*” [preconceito], pode a

sua obra ser considerada uma tarefa preliminar destinada ao grande público cético ou profano, e daí o seu cuidado evidente em chocar certas teorias, sempre que as comentava pessoalmente. [...] Roustaing, ao contrário, preposto a uma tarefa complementar, viria tocar o mundo religioso imanente, essencial de todos os tempos, tudo dizendo sem ambiguidade nem restrições, e ferindo a fundo escolas, dogmas, preconceitos e consciências. [...] a Federação não impõe mas procura divulgar criteriosamente uma obra [*Os quatro Evangelhos*, de Roustaing] útil para o advento integral do Espiritismo. (FEB, 1917, p. 167)

Em julho do mesmo ano, questionado por um leitor sobre as diferenças entre Kardec e Roustaing quanto à reencarnação, Manuel Quintão deu sua explicação:

Para este [Roustaing], a encarnação é a consequência de uma falta (simbolismo presumível do pecado original), e essa falta pode ocorrer em qualquer grau da escala espiritual, na ascensão do espírito para Deus e, daí, a encarnação em mundos correspondentes, mais ou menos expiatórios. Para aquele [Kardec], a encarnação é consubstancial a todo espírito criado. Sê-lo-á? Nós cremos ter deixado patente o nosso pensamento no artigo anterior: a revelação de Roustaing abrange, a nosso ver, um plano universal, que alteia a onipotência Divina; a revelação de Kardec adstringe-se à esfera planetária e nela é íntegra e completa, também. [...] Roustaing deveria ter explicado e desenvolvido o que Kardec deixou de aclarar. (FEB, 1917, p. 215)

Os espíritas da FEB estavam longe do cenário cultural no qual o Espiritismo se estabeleceu apropriadamente na França, como desenvolvimento do Espiritualismo Racional. A geração francesa do século 19 discutiu as crenças do passado, substituindo a moral heterônoma do velho mundo para a moral autônoma do mundo novo. Esse pequeno grupo de brasileiros do século 20, filiados à crença dogmática tradicional católica, presença absoluta em suas mentes, não podia compreender a liberdade como fundamento do desenvolvimento moral. Estava condicionado pela ideia de pecado e castigo da heteronomia, sem compreender o sentido do dever como ato moral livre, consciente e voluntário. Os místicos brasileiros estavam como os religiosos fanáticos anteriores à Revolução Francesa, que não poderiam compreender o Espiritismo por serem prisioneiros do paradigma dogmático, como explica Kardec:

Se se veem, ainda hoje, pessoas que têm sob os olhos todas as provas, materiais e morais, da realidade dos fatos espíritas, e que, apesar disto, se recusam à evidência e ao raciocínio, com mais forte razão dever-se-ia encontrá-las muito mais há um século; é que seu espírito é ainda impróprio para assimilar essa ordem de ideias; elas veem, ouvem e não compreendem, o que não acusa uma falta de inteligência, mas uma falta de aptidão especial; elas são como as pessoas a quem, embora muito inteligentes, falta o sentido musical para compreender e sentir as belezas da música; é o que é preciso entender quando se diz que a hora não é chegada. (KARDEC, [RE] 1868, p. 216)

Ou seja, Kardec apresenta uma teoria que contempla todos os seres regidos por uma lei natural, seguindo um caminho evolutivo igual para todos, desde o simples e ignorante que, aos poucos, vai conquistando por seus esforços o desenvolvimento de suas faculdades, razão e vontade. E, por estas, adquirindo inteligência, livre-arbítrio e senso moral. Desse modo, a sua responsabilidade moral não existe inicialmente, e depois surge e se amplia com o desenvolvimento da inteligência, como explicou em sua obra *A Gênese* (moral que vamos comentar e desenvolver mais à frente neste livro). Essa teoria tem coerência com a psicologia experimental de seu tempo e atende aos critérios da razão, abrindo caminho para uma moral da liberdade, autônoma, fundamento do mundo novo ou regeneração da humanidade.

A reencarnação segundo o Espiritismo tem uma definição conceitual moderna e oposta às doutrinas do início da civilização. Nesse tempo, havia uma concepção estática da criação e não progressiva, conceito recente: “Segundo os hindus, as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas, e sua queda foi o resultado de uma rebelião”. Desse modo, sua encarnação seria uma punição:

Assim, a metempsicose dos hindus está fundada sobre o princípio da degradação das almas; a reencarnação, segundo os Espíritos, está fundada sobre o princípio do progresso sucessivo. [...]. Segundo os Espíritos, a ignorância é o início, a perfeição, o objetivo e o resultado. Seria supérfluo procurar demonstrar qual das duas doutrinas é a mais racional e dá mais alta ideia da bondade e justiça de Deus. É, pois, por uma completa ignorância de seus princípios que algumas pessoas as confundem. (KARDEC, [RE] 1859, p. 223)

Desde o século 20, as ideias ancestrais se infiltraram no meio espírita, adulterando essa teoria inovadora da Doutrina Espírita. Conceitos como carma ou *karma* derivam da ideia de degradação da alma, depois absorvida pela doutrina da Igreja como o pecado original de Adão, que também sofrera a queda do paraíso, onde era feliz e perfeito.

A falsa teoria ditada pelos inimigos invisíveis a Roustaing mistura aos termos calcados da obra de Kardec aqueles dogmas conservadores sobre a degradação da alma próprios dessas antigas doutrinas, com a intenção implícita de anular o Espiritismo como alavanca das ideias progressistas. Ou seja, um pensamento filiado à tradição religiosa dogmática da Igreja, um pensamento retrógrado, heterônimo.

Quintão qualifica a teoria da reencarnação de Roustaing apropriadamente como um “simbolismo presumível do pecado original”, mas, ao contrário do pensamento de Kardec, qualifica esse desvio como um sinal de superioridade, aos seus olhos!

Mas seria essa mesma a razão da preferência dos diretores da FEB, representados por seu presidente nesse artigo, pelas explicações de Roustaing, entendida como mais ampla e próxima do pensamento tradicional da Igreja? A resposta é *sim*. Na conclusão de seu artigo, a opinião de Quintão fica clara:

Entre a divinização dogmática e absurda da teologia católica que a Doutrina Espírita infirma e combate e a humanização pura e simples que a Razão não explica, ficamos no meio-termo da Revelação Roustanguista, que nos inculca o Salvador investido de prerrogativas excepcionais em relação à humanidade terrena, como espírito puro e não falido [...] Nem Deus, nem homem, portanto [...] É forte a asserção? Convimos. Mas, sobre o ser, tem a vantagem de estar em acordo com a tradição, que não é coisa somenos no cômputo da nossa crença. (*Ibidem*)

A posição de Manuel Quintão é clara, e nos parece sincera. Mas denuncia um desconhecimento do verdadeiro caráter do Espiritismo. Podemos concluir, enfim, que a versão adotada pela FEB se opõe vastamente a

Kardec. Mas foi conscientemente preferida por ficar no meio-termo entre a Doutrina racional presente nas obras de Kardec e a tradição das religiões do Velho Mundo. Tanto Roustaing na França quanto os brasileiros da FEB rejeitam a base espiritualista racional do Espiritismo por um tradicionalismo retrógrado, fundamentado na tradição mística.

Repetimos, então, que a Doutrina de Kardec é liberal, associada às ideias progressistas, abalizada na moral da liberdade ou moral autônoma. A equivocada teoria de Roustaing é uma continuação da heteronomia das velhas religiões do passado, da tradição dogmática, baseada em castigos divinos, em pecados originais, nas quedas da alma. O Jesus presente em Kardec é um exemplo a ser seguido, por ter vivenciado o caminho de todos nós. Foi inicialmente simples e ignorante, reencarnou centenas de vidas até conquistar a consciência de si mesmo, desenvolveu sua inteligência, livre-arbítrio e senso moral. Aprendeu com os erros e acertos. Galgou vida após vida a evolução dos mundos que habitou, de primitivo, expiações e provas, regeneração e felicidade. Depois tornou-se Espírito cocriador, ajudando a Deus junto aos grandes grupos gestores da harmonia universal. Por fim, participando do grupo de Espíritos puros que cuidaram da evolução de nossa Terra, reencarnou entre nós, filho de Maria e José, cresceu menino. Viveu com todos e nos ensinou a enfrentar o mundo vivendo nele com todas as limitações que o corpo nos impõe. Sofreu como sofremos, morreu como vamos morrer. E voltou em Espírito para provar, com o testemunho de Madalena, a imortalidade e a realidade da vida espiritual.

Já segundo a falsa comunicação endereçada a Roustaing, que tanto aprouve aos dirigentes da FEB por se aproximar da tradição do passado, justificando a ideia do pecado original e da queda, Jesus não teria sido nem Deus nem homem. Um ser que nunca poderia encarnar e, para estar entre nós, teria executado uma vida falsa, sem dor, sem fome, sem vida, num corpo etéreo.

Canuto Abreu desejava pôr a limpo essas profundas diferenças entre o Espiritismo proposto por Kardec no século 19 e esse novo movimento espírita que se afastava dele debaixo de seus olhos, no início do século 20. Desde 1915 se correspondeu com os pioneiros franceses e, como vimos, esteve entre eles durante dois anos desde 1921. Depois estudou e escreveu um completo e minucioso relato histórico com milhares de páginas.

Pesquisando em seus arquivos, encontramos, na caixa que continha os pertences das gavetas da escrivaninha de seu gabinete, uma pasta de cartão pardo, trazendo impresso no alto o timbre: “S. CANUTO ABREU – advogado”.

E, escrito abaixo a lápis, de próprio punho, como descrição do autor, “Canuto Abreu”, e, como título do artigo, “O Espiritismo e as religiões” Por fim anotou: “São Paulo, 1934”.  
(<https://espírito.org.br/autonomia/espiritismo-e-as-religioes/>).

Esse artigo, documento datilografado por ele próprio, ficou arquivado em sua gaveta por 84 anos e nunca foi lido, nem mesmo por sua família. Ficou completamente inédito até hoje. E seu conteúdo é absolutamente surpreendente por sua profunda lucidez, alterando o que imaginávamos no senso comum sobre o legado de Canuto. Foi essa a impressão causada ao virar suas páginas.

## No Espiritismo, a ciência precede a fé



## Frontispício de "A Gênese"

Canuto Abreu, em seu artigo “O Espiritismo e as religiões”, afirma que “no Espiritismo a ciência *precede* a fé”. Ou seja, a compreensão racional da Doutrina Espírita, com base na ciência, é o fundamento da crença, portanto, da fé racional. Esse pensamento está coerente com Kardec, como se pode constatar na explicação de São Luís, na *Revista Espírita*, ao comentar a chegada da obra *A Gênese* em 1868:

A religião, antagonista da ciência, respondia, pelo mistério, a todas as perguntas da filosofia cética. Ela violava as leis da Natureza e as torturava à sua fantasia, para dela extrair uma explicação coxa de seus ensinamentos. Vós, ao contrário, vos sacrificais à ciência; aceitais todos os seus ensinamentos sem exceção e lhe abris os horizontes que ela supunha intransponíveis. (KARDEC, [RE] 1868, p. 39)

E então Canuto completa, afirmando que “essa fé se objetiva no reconhecimento de um Deus. Em Deus pressupõem-se atributos, leis morais e a regência de nossos destinos. Toda a moral espírita tem por alicerce Deus”. Esse estudo de Deus não é exclusivista, nem pressupõe um Ser que age arbitrariamente, mas sim por leis. É o Deus estudado pelo Espiritualismo Racional, na ciência filosófica denominada *teodiceia*, na universidade e nos liceus do século 19. Dessa forma, Canuto pôde concluir que devemos distinguir agora “entre religião e ciência, e bem assim entre a religião de Deus, comum a todos, e a religião dos profetas, segundo as predileções de cada um”. Pois fazer uso de uma definição filosófica de Deus para fundamentar uma crença racional atende a todos os espiritualistas. Por outro lado, seguir um determinado profeta e sua visão particular de Deus causa o exclusivismo, o antagonismo que divide e isola em seitas inimigas.

Continua o artigo afirmando que “a religião se baseia na fé, a ciência em leis, as leis em provas. [...] como, pois, subordinar ao Cristo ou a qualquer outro iluminado o fenômeno espírita, anterior a eles, e deles independente, como as leis da natureza? É possível fazer de tudo motivo de religião”. Ele

continua: “Não admira, pois, que alguns místicos, fazedores de religiões, queiram personificar no mártir do calvário a filosofia espiritualista [...]. Confinar a obra gigantesca [de Kardec] ao estreito âmbito das crenças religiosas, reduzi-la a discussões bizantinas sobre o corpo de Jesus, sobre os atos dos apóstolos, sobre versículos dos evangelistas, sobre as inúmeras interpretações da bíblia em espírito e verdade, interpretações nas quais cada um se fez juiz desse espírito e dessa verdade; querer apoiar a nova revelação nas escrituras sagradas, cujas doutrinas, digam o que quiserem, estão em contradição com os seus princípios cardeais, é de um lado juntar novas seitas protestantes ao número considerável das que já pululam no planeta, e de outro desconhecer, desvirtuar, negar a ciência filosófica de que se dizem arautos”.

O pesquisador denuncia que subordinar o Espiritismo às escrituras da Bíblia de forma teológica, o transformaria numa seita protestante. Enquanto, em verdade, a Doutrina Espírita trata-se, originalmente, de uma ciência filosófica, como vimos.

Canuto Abreu podia tratar desse assunto com autoridade, pois não só se dedicara ao estudo profundo do Espiritismo, recuperando sua origem na França, com os pioneiros, como também estudara profundamente o Evangelho. Conhecia latim, grego, aramaico e copta. Traduziu do grego a primeira versão dos Evangelhos. Sua biblioteca de cristianismo, judaísmo e religiões é extensa e rara. Além de ter estudado religiões comparadas na Sorbonne, em Paris.

Jesus, na obra de Kardec, surge no ensinamento dos Espíritos como exemplo de comportamento moral, mas não como profeta do Espiritismo. Portanto, como bem define Canuto, a Doutrina Espírita não se filia à tradição religiosa cristã, mas explica fatos do Evangelho como fenômenos espíritas e naturais. Desse modo, a Teoria Espírita atende a todos os espiritualistas, mas não se submete a nenhum exclusivismo religioso. Como

afirma Canuto: “Em suma, tenha cada indivíduo a sua religião; deve tê-la, é uma consequência da Doutrina, mas não queira impingi-la como *religião do Espiritismo*, tirando a este, como ciência que é, o seu cunho de universalidade e a sua força de infiltração em todas as inteligências, onde quer que exista um ser pensante”.

Canuto Abreu avança em seu estudo apontando também aqueles que pretendem *innovar* no estudo do Espiritismo, associando a ele os mais variados conceitos alegóricos: “A mística foi sempre uma fonte de heresias. Fazer de Jesus, de Shinto, de Buda, de Maomé, filhos de Deus no sentido literal. Dar a Deus, criador dos Espíritos, funções sexuais de reprodutor animal, equipará-lo à nossa organização animal, dividi-lo em três, como fizeram os padres [...]. E pretender-se envolver o Espiritismo nessa embrulhada fantástica de deuses, inová-lo, [supostamente] fazê-lo *evoluir*, como os sacerdócios têm feito evoluir as mais belas religiões, controvertendo-as, corrompendo-as, enxertando-as de heresias”. E então Canuto conclui clamando: “Oh! Não! Deixai estar o Espiritismo como ele nasceu. No Espiritismo a ciência precede a fé; ciência dos fatos, de fenômenos, de realidades que falam à razão dos mais incultos. No Espiritismo a ciência é a base, a raiz, a seiva, a força, o tronco de que ele é flor e fruto. Sem o seu conhecimento, a fé raciocinada não podia existir”.

Como bem compreendia o surgimento da Doutrina Espírita em suas pesquisas nas obras fundamentais anotadas pelos pioneiros, conhecia suas ideias e advertências, histórias e explicações dadas pessoalmente, pôde definir que “data daí a fundação do Espiritismo, isto é, da ciência espiritualista que orientou as inteligências no estudo de tais fenômenos. É, pois, acontecimento recente”. Desse modo, é ciência que “necessariamente não é privativa de nenhum povo, de nenhuma raça, de nenhuma religião, de nenhum indivíduo. [...] não depende de seitas nem de vontades. Existe por si mesma como parte da natureza. É, portanto, universal”.

Ou seja, “a Ciência Espírita, nas suas bases e generalizações, é completa; nada de essencial ao nosso aproveitamento foi esquecido”.

## **A surpreendente denúncia de Canuto**

Avaliando as circunstâncias do movimento espírita em 1934, Silvino Canuto Abreu, após suas profundas análises do desvio ocorrido ao Espiritismo originalmente proposto por Kardec, das quais oferecemos trechos, afirmou na parte final de seu artigo inédito “O Espiritismo e as religiões”:

Por não querer seguir os preceitos de Kardec, é que a Diretoria da Federação Espírita Brasileira tem semeado de incoerências a doutrina, desorientando os grupos que se deixam embair por mistificações emanadas de falsas autoridades, aceitas de pronto sem maduro exame. Até comunicações eivadas de ignorância e misticismo, ou de erros crassos, facilmente reconhecíveis, por violarem as leis físicas e os fundamentos da Doutrina que dizem professar, eles as aceitam como ouro de lei, dando-lhes curso. E à semelhança dos católicos que, a despeito de fraudarem a obra do Nazareno, continuam a se proclamar cristãos, assim aqueles reformadores, renegando os princípios básicos da filosofia espiritualista, continuam a se dizer discípulos de Kardec.

E tão longe levam a sua intransigência que, não contentes com serem religiosos, pretendem fazer de suas crenças a religião do Espiritismo. É sempre a mesma incompatibilidade do fanatismo com ciência; à força de querer aumentar os seus santos, o místico não recua diante do absurdo e, suprimindo a razão, coloca-os acima do próprio Deus.

### **Continua Canuto:**

Do erro inicial, surgem às vezes graves consequências. O Espiritismo entrou no Brasil por adesão de algumas inteligências corajosas, de entre as quais se destacavam pelo ardor combativo os doutores Bezerra de Menezes, Dias da Cruz e Bittencourt Sampaio. Infelizmente os hábitos devocionais, trazidos da Igreja por aqueles líderes, preponderaram na sua nova orientação, imprimindo-lhe uma feição cultural em desacordo com a Doutrina. Ao parecer deles (e tal foi o erro inicial), não se podia ser espírita sem ser forçosamente devoto de Cristo. Assim, uma questão de fé estranha à ciência, tenderia desde logo a abrir cisões entre adeptos procedentes de outras igrejas que, sem prejuízo da Doutrina, tinham direito a seguir uma orientação acorde com os ditames de sua consciência. Nasceu daí a falsa concepção de um *Espiritismo* sectário. Retomando a herança daqueles campeões, a Federação Espírita concebeu o plano de nacionalizar a nova

filosofia, dando-lhe uma interpretação *brasileira* e esperando impingi-la ao resto do mundo como sendo a verdadeira doutrina. É como se alguém pretendesse criar uma álgebra brasileira, uma química nacional, uma astronomia americana, uma anatomia para uso particular de nossa raça.

Na verdade, se a alma brasileira fosse distinta das outras almas, e se todas diferissem nos seus atributos, nos seus instintos e na sua fenomenologia, seria admissível para cada indivíduo, raça, povo ou seita um *Espiritismo* particular, o que implicaria a impossibilidade de sua generalização.

Que fizeram os inovadores? Com o fundamento de aperfeiçoarem a Doutrina de Kardec, adotaram a extravagância religiosa de Roustaing, já fulminada pelo mestre com argumentos irrefutáveis, ao vir à luz. O Jesus fluídico daquele escritor fascinou a nova seita, centralizando a concepção de um *espiritismo* beato, tão inconsistente e falso como o fantasma que o encabeça.

A reação dos ortodoxos tinha de vir, e veio, contra essa impostura sinistra que, repulsada de toda parte do mundo, encontrou guarida no seio da Federação. Exigia a coerência que os membros dessa associação se declarassem desligados do Espiritismo e adotassem uma denominação mais apropriada à sua corrente de ideias, pois não é compreensível que, tendo endossado uma doutrina golpeadora da lei da reencarnação, se digam fiéis à Doutrina de Kardec.

Lembre-se que Canuto era a mais abalizada testemunha para afirmar o que ocorria no movimento espírita do mundo e do Brasil. E então, continuando, ele conceitua:

De fato, Roustaing é a antítese de Kardec. Em Kardec há uma ciência, em Roustaing não há ciência alguma. Em Kardec não há milagres, nem dogmas; em Roustaing só há milagres e dogmas. Em Kardec tudo se passa dentro da natureza; em Roustaing tudo se passa fora da natureza. Em Kardec há princípios definidos; em Roustaing não há princípios. Em Kardec há bom senso, unidade e lógica; em Roustaing confusões e disparates. Em Kardec tudo se prova, tudo se verifica, tudo desafia a observação experimental, motivo pelo qual é ciência e convence; em Roustaing tudo é indemonstrável, inverificável, sobrenatural, oposto à razão. Em Kardec os fatos se harmonizam com as leis e com a concepção de um Deus; em Roustaing os fatos brigam com as leis e com a Providência Divina. Em Kardec, Jesus é um espírito puro, reencarnado na Terra, não já para expiar faltas passadas, mas em cumprimento de uma sagrada missão; em Roustaing, Jesus é uma exceção à lei fundamental da reencarnação, e conseqüentemente a negação dessa lei. Em Kardec, Jesus, homem, nasceu e vive como todos os homens, como eles padece a morte corporal; em Roustaing, Jesus é um homem aparente que não nasceu de mulher, uma entidade *sui generis*, feita de fluidos por arte do Espírito Santo no corpo de Maria, cuja gravidez e parto foram de ficção para que nela se cumprissem as lendas da Escritura, sendo assim Maria mãe sem filho, e Jesus um fantasma vivo

que nasceu e não nasceu, e todavia existiu; um ser sobrenatural que, escapando a todas as leis da fisiologia, apareceu pequenino, mamou, cresceu e durante 33 anos viveu fluidicamente, a engazopar o gênero humano, fazendo jejuns, ele que só fingia comer, sofrendo sede, ele que só em aparência bebia, valendo-se de sua natureza ilusória para simular padecimentos que não podia em verdade sofrer.

Tudo isso, entretanto, não impediu que Roustaing e seus discípulos o considerassem mártir para os efeitos finais de sua religião.

Roustaing não teve ao menos o mérito da originalidade. O que ele apresenta como revelação dos Evangelhos e apóstolos à sua pessoa é uma velha criação mística de Marcion de Sinope nos começos do século 2, revivida no século 4 pela seita dos Apolinaristas, e novamente anatematizada pela Igreja. Eis a heresia que o senhor Roustaing desenterra da poeira dos tempos, acobertando-a com a autoridade daqueles oráculos, certo de que os Espíritos não se dão ao incômodo de vir à Terra desmascarar as mistificações que em seu nome praticam.

Dessa hibridez do Espiritismo com a superstição e o sobrenatural só poderia resultar um tecido de incongruências. Não se chega a saber o que aquilo é. O Deus de Kardec é uno, insexual, criador de Espíritos, mas não reprodutor de corpos e deuses; Roustaing considera Jesus descendente direto de Deus, um desdobramento de seu ser, um seu igual. Seus adeptos combatem os dogmas católicos, e aceitam os dogmas da trindade e da virgindade de Maria, tão inconcebíveis ambos que os próprios padres os qualificam de mistérios, e têm por grave pecado discuti-los. Encapando os dogmas da trindade e da virgindade, instituídos séculos depois da morte do Cristo, os adeptos de Roustaing, segundo o princípio de que um absurdo maior justifica o menor, deviam encampar também o dogma da infalibilidade e, no entanto, rejeitam-no.

As inconseqüências, porém, não param aí. Os discípulos de Roustaing se dizem monoteístas, mas, aceitando a multiplicação dos deuses, se emparelham aos politeístas.

Isto no que concerne à religião. Com relação à ciência, o dissídio é maior. Que os padres no interesse de sua Igreja, em matéria de fé, e a despeito dos testemunhos evangélicos sobre o nascimento de Jesus e de seus irmãos, afirmem que a virtuosa esposa de José continuou virgem, compreende-se, visto colocarem a Igreja acima dos fenômenos invariáveis da procriação; mas que o venham dizer inteligências emancipadas, que não podem sem afronta à coerência e à razão desconhecer a inflexibilidade das leis físicas, é abusar demais da própria ingenuidade.

**E Canuto Abreu conclui, afirmando:**

Mas basta. Crenças respeitam-se. Dessa seita protestante, não me ocuparia decerto, se a não pretendessem cobrir com a bandeira do Espiritismo. Quem a segue, abandona Kardec. O Espiritismo de Kardec, fundado em fenômenos e provas, decorrente de leis, só reconhece na ordem moral um Deus. É uma Doutrina lógica, íntegra, da dualidade da vida, perecível em parte, em parte imortal, uma, material palpável, outra, astral e imponderável, onde reside a individualidade. Da união de ambos pelo laço do perispírito, pertencente ao astral, nasce a vida do corpo. O espírito é o renovador eterno do ciclo vital. Encarnação, sobrevivência, reencarnação, expiação, aperfeiçoamento, ascensão a outros mundos mais puros e mais felizes, tais as fases dos destinos da criatura através dos tempos. Essa lei do progresso não sofre exceção. Desse desdobramento sucessivo da existência em novas existências, que se adiantam de grão em grão, surgem as elites celestiais e o conseqüente aparecimento em várias épocas de enviados do Altíssimo, encarnados ou não, com a missão de impulsionar o adiantamento moral dos povos. Espiritismo aceita tais enviados como entes superiores, mas não lhes dá foros de descendentes do Eterno. Deus não tem prole.

Deixemos, portanto, os sectários de Roustaing como seu Jesus fluídico, e fiquemos com o outro de carne e osso. A este o nosso culto de veneração; a cruz é um símbolo apenas, síntese representativa de uma vida de virtudes e ensinamentos morais. Fisicamente, milhões de criaturas têm padecido mais que o Cristo, e ainda outros hão de padecer; as tochas vivas de corpos nus, untados de pezo, pregados a cruzes, e ardendo lentamente nos jardins de Nero, os mártires da Inquisição, muitos entes torturados, dia e noite, meses e anos, por enfermidades crudelíssimas ou em lóbregas prisões, sofreram muito mais. Não é, pois, na tragédia do Gólgota que está a religião, nem no sofrimento do corpo a santidade do espírito. É, sim, nas virtudes praticadas, seja qual for o credo teórico. Daí a finalidade da ciência espiritualista. É no conhecimento da alma e de seus destinos, ciência mãe, que havemos de fundar nossas crenças.

O Espiritismo, em suma, é o campo neutro de todas as religiões. Por isso mesmo que a alma é um ser, os seus fenômenos se classificam no ramo das ciências físicas e naturais. Existe o desconhecido, o sobrenatural é um mito. Tudo o que a nós se manifesta, por maravilhoso que pareça, está *ipso facto* contido na natureza. A natureza é o Universo infinito, e desse infinito o nosso conhecimento é tão pequeno ainda que o podemos comparar ao nada.

A certo assistente de nossas sessões, disse uma vez o guia do médium: – O Universo é para os Espíritos desencarnados o que é para vós o tamanho desta sala.

Frase hiperbólica, de fácil compreensão. Em menos tempo que o necessário para percorrermos um estreito recinto, os Espíritos percorrem as esferas e, por mais que as percorram, terão andado

tanto no infinito como nós em relação ao espaço e às coisas contidas no âmbito de uma sala.

Que ensinam os Espíritos na ordem moral? A caridade. Que pregou o Cristo? A caridade. Que pregou o Buda? A caridade. Que pregou Maomé? A caridade. E Confúcio? A caridade, sempre a caridade. Tal o pensamento dominante dos fundadores das igrejas. Que importa que falsos ministros de Deus façam dessa virtude um motivo para ódios, perseguições e guerras?

É tempo de pôr as coisas em seus devidos lugares. “O Espiritismo não é em si mesmo uma religião, nem pretende substituir-se a nenhuma seita religiosa, respeita-as a todas”, disse categoricamente Allan Kardec. E soube o que disse. As religiões são necessárias, e correspondem a determinadas mentalidades de povos e civilizações; todas têm um fundo comum. Expurgado de excrescências e dogmas irracionais, o catolicismo é imortal em Cristo, como o budismo em Buda, o islamismo em Maomé, o judaísmo em Moisés, e as demais religiões em seus profetas e fundadores. É possível, pois, ser um verdadeiro espírita e conjuntamente um bom cristão, um bom maometano, um excelente brâmane.

A ciência física, simples ou complexa, é uma só, e onde estiver a alma em qualquer ponto do Universo, aí está, quer queira, quer não, a ciência espiritualista, apresentando invariavelmente os mesmos fenômenos, obedecendo sempre a princípios eternos. É coisa independente de ritos e sacerdócios. Estes podem variar, evoluir, reformar-se ou desaparecer; as leis da alma, estas são fixas, imutáveis como as demais leis da natureza.

Ao espírita que importam os rituais do culto externo, as abluções do maometano, o cerimonial das sinagogas? Pratique ele o mandamento da caridade, e deixe a cada indivíduo a crença que o consola. Quanto aos erros introduzidos pelo misticismo e pelos interesses materiais na obra dos fundadores das Igrejas, quanto aos abusos individuais e às disciplinas que violentam os sentimentos naturais, pondo em conflito a virtude e o homem, a saúde e o culto, a razão e a fé, quanto a essas aberrações que se desenvolvem no seio dos sacerdócios, a reação virá dos próprios crentes. O Espiritismo é neutro. No meio dos cismas que ele há de levantar nas igrejas que o queiram desconhecer e perseguir, a sua atitude deve ser a de serena indiferença.

## **O tradicionalismo retrógrado fundamentado na tradição mística**

Em 1934, com a amplitude de seu conhecimento sobre o Espiritismo na França e no Brasil, Canuto Abreu estava credenciado para tão importante denúncia sobre o desvio do movimento espírita por meio dessa entidade que

indevidamente se apropriava do nome *Espiritismo*, sem se filiar aos conceitos fundamentais da Doutrina desenvolvidos por Allan Kardec. Mas, em virtude das circunstâncias, seu valoroso artigo aguardou incógnito por 85 anos. O que teria mudado desde aquele tempo?

O que mudou foi o fato de o desconhecimento da história ter se ampliado. Já a Federação Espírita Brasileira continua a publicar e a cultuar *Os quatro Evangelhos* de Roustaing, em seus estudos semanais, ritualisticamente desde 1902.

O movimento espírita brasileiro, em geral, salvo raras exceções, desconhece Roustaing e mesmo os demais personagens citados. Todavia, o desvio representado por misticismos, dogmas, incoerências, imitados da teologia da Igreja advindos dessa mistificação continua como uma indigesta tradição secular. Sem conhecimento consciente da origem desse desvirtuamento, as falsas ideias de pecado original, queda, reencarnação como castigo, carma, salvação pelo sofrimento, superioridade divina do Cristo, ideias implantadas pelos Espíritos mistificadores, ainda são repetidas, como espólios das gerações anteriores.

O tradicionalismo retrógrado fundamentado na tradição mística se ampliou e generalizou no movimento espírita brasileiro, como um cavalo de Troia. O motivo é o mesmo que seduziu os diretores da FEB do século 20: “Por ficar no meio-termo entre a Doutrina racional presente nas obras de Kardec e a tradição das religiões do velho mundo”.

Nos tempos de Allan Kardec, a maioria dos espíritas era advinda do Espiritualismo Racional, do qual o Espiritismo foi o desenvolvimento. Já no Brasil, a quase totalidade dos espíritas vem das religiões tradicionais, principalmente do catolicismo. E isso até hoje. Em virtude dessa origem religiosa, os dogmas de pecado, castigo, perdão pelo sofrimento, a ideia de um Deus humanizado, todo o universo católico e mitológico reproduzido pelo roustaingismo dão um falso conforto da continuidade, de aceitação

passiva, para aqueles doutrinados desde a infância pelo catecismo.

Para tornar a religião um instrumento de dominação do povo, explica Kardec que “ela não poderia ser discutida, assim como as ordens de um soberano. Disso resultou o princípio da fé cega e da obediência passiva” (KARDEC, [1868] 2018, p. 113). A religião foi instrumento para tornar os indivíduos submissos, temerosos de uma condenação, sentindo-se culpados e dependentes de um perdão divino. Os falsos profetas alcançam suas ambições “valendo-se do prestígio dessa denominação, exploraram a credulidade em proveito do próprio orgulho, da própria cupidez, ou da preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos enganados” (*Ibidem*), afirma Kardec. Culpa: jamais esse sentimento deve ser oferecido a quem procura o Espiritismo! Pois Kardec propõe a completa inversão desse comportamento: a atitude proativa da autonomia moral, valorização da diversidade; dever como ato voluntário, consciente e independente de recompensa ou castigo; igualdade de oportunidade e educação para todos; livre exame, fé racional, solidariedade participativa; liberdade de pensamento, opinião e crença. Ou seja, o inverso da espera passiva por uma libertação divina. O verdadeiro espírita age pela *caridade desinteressada*, que resume todos os seus deveres. Seu sentimento é o de uma feliz esperança, coragem, acolhimento, certeza racional da conquista futura.

Apesar de o relato dos fatos históricos do desvio no século 20 pelos diretores da FEB ter ficado esquecido, os ecos dessa mistificação continuaram e se expandiram, tornando-se uma execrável tradição. E quando se divulga, como conceituou Canuto, “a falsa concepção de um Espiritismo sectário”, o público recebe a infiel orientação da obediência passiva equivalente às religiões tradicionais. E normalmente os dirigentes e expositores também se encontram submetidos ao pensamento anacrônico, desconhecendo a verdadeira teoria liberal proposta originalmente por Kardec.

Como em qualquer ciência, quem se propõe a assimilar a Doutrina Espírita, quanto mais a ensiná-la, antes deve estudar dedicadamente todo o conjunto da obra de Allan Kardec, que compreende seus livros e também a coleção da *Revista Espírita*, editada por ele desde janeiro de 1858 até março de 1869. Agora estamos diante de um acervo amplo e riquíssimo, contendo milhares de manuscritos originais do século 19, em sua maioria de próprio punho de Kardec. Além de 50.000 registros de depoimentos, documentos e pesquisas históricas elaboradas pelo pesquisador Canuto Abreu, durante décadas, sobre o movimento espírita na França e também no Brasil. E uma enorme quantidade de novas fontes primárias surge a cada dia, neste período determinante para o restabelecimento do Espiritismo em sua proposta original.

Quem desconhece a história torna-se escravo do passado, impotente para interpretar o presente. É imprescindível recuperar as narrativas, por mais dolorosas que tenham sido. Só quando se entende o presente pelas luzes do passado é possível construir um futuro diferente.

## **A ovelha negra**

Em 1921 e 1922, Canuto Abreu, investigando a história do Espiritismo, surpreendeu-se com os relatos reveladores de fiéis e dedicados pioneiros, como Delanne, Flammarion, Sausse, Léon Denis. Conversou longamente, examinou cartas e documentos, anotações manuscritas, nas diversas visitas. Pôde percorrer as obras nas estantes particulares, verificar notas às margens das páginas. Foi a única testemunha a registrar notas do grandioso acervo elaborado por Allan Kardec para a constituição futura da história do Espiritismo, que décadas depois teria seu paradeiro perdido. Ouviu deles sobre as terríveis dificuldades que a sucessão do movimento espírita francês sofreu após a morte de Allan Kardec em 1869, além das que ele próprio enfrentou durante a elaboração da Doutrina.

Pesquisando no acervo de Canuto sob a guarda do CDOR-FEAL, páginas de grande valor vão surgindo entre os milhares de documentos. Reunindo os fragmentos, vamos oferecer ao leitor valiosos e esclarecedores achados históricos das suas crônicas, artigos e registros inéditos.

Antes, algumas reflexões preliminares.

No período da elaboração filosófica do Espiritismo, pela necessidade de uma investigação coesa para a determinação dos conceitos fundamentais da Doutrina, a direção teve que ser individual. Explica Canuto que “a unidade doutrinária não podia emergir senão do estudo comparativo e meditado dos resultados parciais de muitas consultas, e exigia por isso a concentração dos trabalhos numa só pessoa; acabada a tarefa de elaboração, pelo menos no concernente às questões basilares, e firmados para sempre os princípios gerais da Ciência Espírita em leis naturais, o Espiritismo deveria ser entregue a um grupo de homens que o levassem intacto a todas as partes do mundo. Aí estava por que o chefe atual do movimento, inspirado pelos guias, projetava passar o comando, não a um sucessor individual, mas a uma fundação. O peso dos trabalhos, na próxima fase, excederá as forças de um só”.

Nunca foi fácil o trabalho pessoal de Allan Kardec para manter o Espiritismo no caminho, conforme a orientação dos Espíritos superiores. Entre as caixas de documentos, encontramos o seguinte relato dos pioneiros, segundo Canuto Abreu: “Durante a elaboração, surgiram homens bem-intencionados que entraram no movimento com a aspiração de medianizar a terceira revelação. Outros, porém, ambiciosos, não podiam tolerar que Allan Kardec preponderasse, sozinho, na chefia do movimento. Queriam a todo custo ligar seus nomes à Causa, ainda que para isso fosse mister fazer ‘inovações’. Como a vaidade é a sombra do Orgulho, muitos adeptos do Espiritismo não quiseram ocupar posto secundário, e desligaram-se para tentar ‘novas correntes’. Como o amor-próprio é a

sombra da Ambição, outros não puderam suportar o prestígio crescente do mestre, e o guerrearam por detrás e pelos flancos, minando-lhe a estrada de intrigas e calúnias. [...] mas, à medida que a Doutrina foi se organizando, os sistemas dissidentes foram caindo no esquecimento. O chefe cuidava de elucidar todas as partes da Filosofia, dando precisão e clareza a seus princípios e normas, a suas hipóteses e conclusões, nada deixando no ‘vago’. E repetia, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas: – Quando se disser redondamente, precisamente, sem nenhuma ambiguidade, que dois e dois são quatro, ninguém mais pretenderá afirmar aos simples que, no Espiritismo, dois e dois são cinco. Esse resultado só poderá aparecer *fora* da Doutrina”.

Canuto continua seu relato nas notas históricas de seus manuscritos descrevendo a quais perigos o Espiritismo ficaria sujeito caso alguém assumisse pessoalmente a função de substituir Kardec na condução do Espiritismo:

Outra dificuldade na sucessão individual [de Kardec] seria o perigo da astúcia ao serviço da cupidez ou da malícia. Não faltariam intrigantes, supostos espíritas, guiados pela cobiça ou por segunda intenção. Sob a falsa aparência de adepto, fingindo qualidades de coração e de inteligência, um refinado aventureiro, desejoso de viver à custa de papalvos, poderia insinuar-se no meio do rebanho, com pele de ovelha. Esse ainda não seria tão perigoso como aquele que, com disfarçada má-fé, encobrisse o intuito de fazer o navio desviar-se da rota e encalhar-se nos recifes. O embuste, duma ou doutra espécie, se tornará cada vez mais possível à medida que o Espiritismo se for tornando uma força religiosa.

Esse era o grande perigo.

Chefe do Espiritismo! Kardec ficou muito preocupado com a tendência popular de se eleger um monarca para toda coisa, e o Espiritismo corria esse risco, o que seria um desastre:

Se ele se impuser com sua autoridade privada, será aceito por uns, rejeitado pelos outros, e vinte pretendentes podem surgir que levantarão bandeira contra bandeira; isso será, ao mesmo tempo, o despotismo e a anarquia. Um tal ato seria o fato de um ambicioso, e nada seria menos próprio do que um ambicioso, por isto mesmo orgulhoso, para dirigir uma Doutrina baseada sobre a abnegação, o devotamento, o desinteresse e a humildade; colocado fora do

princípio fundamental da Doutrina, ele não poderia senão falsear-lhe o espírito. (KARDEC, [RE] 1868, p. 247)

Mesmo que alguém reunisse todas as qualidades para o seu mandato, depois de um bom pode vir um mau, e conclui Kardec: “Sem maus desígnios, ele pode ter objetivos mais ou menos justos. Mas, se quiser fazer prevalecer suas ideias pessoais, poderá fazer a Doutrina desviar, suscitar divisões, e as mesmas dificuldades se renovarão em cada mudança” (*Ibidem*).

O pior de todos os pretensos chefes, porém, seria o que alegasse ter sido eleito por Deus! Dizer-se escolha dos Espíritos, com a pretensão de um messias, o que Kardec define como “tola presunção se for de boa-fé, ou uma insigne impostura” (*Ibidem*).

Infelizmente, após a condução lúcida do professor Rivail, foi exatamente esse desvio que ocorreu tanto na França quanto no Brasil. A ambição tomou conta de pretensos messias no movimento espírita, indivíduos declarando-se visionários, profetas, continuadores, herdeiros, reformadores, médiuns escolhidos, todos portadores de pretensas missões divinas, na loucura de liderar e tomar para si o nome da Doutrina Espírita. Sabendo dessa tendência, Kardec preveniu os espíritas desses lamentáveis episódios:

Não faltarão intrigantes, supostamente espíritas, que quererão se elevar por orgulho, ambição ou cupidez; outros que exibirão pretensas revelações com a ajuda das quais procurarão colocar-se em relevo e fascinar as imaginações muito crédulas. É preciso prever também que, sob falsas aparências, os indivíduos poderiam tentar se apoderar do governo com o pensamento determinado de soçobrar o navio em o fazendo desviar-se de sua rota. Ele não naufragará, mas poderá experimentar deploráveis atrasos, que é preciso evitar. Aí estão, sem contradita, os maiores escolhos dos quais o Espiritismo deve se guardar; quanto mais ele toma consistência, mais seus adversários lhe endereçarão armadilhas. (KARDEC, [RE] 1868, p. 247-8)

Kardec deixou bem claro que durante o período de elaboração, que durou de 1857 a 1869, “a direção da doutrina deveria ser individual”. Pois seria preciso que os elementos surgidos numa multidão de grupos convergissem

para um só centro para serem controlados, colecionados. “E que uma única pessoa presidisse à sua coordenação para estabelecer a unidade no conjunto e a harmonia em todas as partes.” Senão suas partes não teriam o necessário entrosamento. Quando a fase de elaboração terminou, “a direção, de individual que deveu ser no começo, deve se tornar coletiva”. (KARDEC, [RE] 1868, p. 249)

## **O inimigo invisível está vigilante**

Em meio às crônicas elaboradas por Canuto Abreu fundamentadas em fontes primárias, encontramos as seguintes notícias:

Amélie Boudet, aos 74 anos, como maior acionista, escolheu dois diretores entre os mais constantes amigos do mestre. Desliens e Bittard. Os diretores não recebiam honorários: davam de graça o que de graça receberam. Os lucros líquidos destinavam-se à “Caixa Geral e Central do Espiritismo”. Dessa forma, a Livraria Espírita tornou-se, desde 1º de agosto de 1869, o centro de divulgação do Espiritismo no mundo: editava com exclusividade as obras fundamentais, a *Revista Espírita*. A intenção era criar uma representação por duas sociedades, e não por uma pessoa física: “Nem a viúva nem pessoa nenhuma tem o direito de inculcar-se chefe do Espiritismo. O Espiritismo não depende de nenhum homem, como também de nenhum espírito. Repousa em leis eternas cujos princípios constam de *O Livro dos Espíritos* e foram desenvolvidos nas demais obras de Allan Kardec. A Société Anonyme (Sociedade Anônima) formada para propagar essas obras e a Société Parisienne (Sociedade Parisiense) mantida para as elucidar e orientar os adeptos são meras coordenadoras do Movimento”. Assim pensavam os verdadeiros amigos da Causa, narrou Canuto, e continua: “Mas o *inimigo invisível* estava vigilante e rondando a cidadela do Espiritismo, à espreita dum ensejo de tomá-la de assalto para lhe desviar a orientação impessoal traçada pelo mestre e inicialmente seguida pelos

discípulos. A constituição legal e definitiva do Espiritismo como pessoa jurídica era um perigo para as velhas instituições sectárias ameaçadas em sua potencialidade e contrariadas em sua intolerância”.

Surge o vento da discórdia e da intriga no seio das duas sociedades visando primeiro desuni-las, depois subdividi-las e afinal aniquilá-las. Inicialmente os discípulos estavam próximos e vigilantes, mas em seguida veio a guerra de 1870 entre a França e a Prússia, quando, temeroso da escalada de poder dos alemães, Napoleão III declarou guerra, em julho daquele ano. Dois meses depois estava preso com seus soldados. Paris foi cercada e tomada. A população, em 1871, revoltou-se e estabeleceu o governo pela Comuna de Paris. Após ser paga uma indenização, os prussianos soltaram 100 mil prisioneiros de guerra que, depois de dois meses de luta, esmagaram a Comuna. Somente em setembro de 1873 as tropas alemãs abandonaram a França, encerrando a ocupação.

Durante o período da guerra, o movimento espírita se dispersou. Os mais fiéis discípulos de Kardec precisaram largar suas tarefas para cuidar devidamente da sobrevivência e necessidades de suas famílias. Foi nesse momento de dispersão que a oportunidade para o inimigo surgiu. Após a renúncia de Desliens, o antigo médium Pierre-Gaëtan Leymarie, oprimido pela falência de sua alfaiataria, estava perdido e sem rumo. Explica Canuto Abreu:

Quando ele voltou ao seio dos apóstolos, após a capitulação de Sedan em 1871, era um instrumento dócil à vontade implacável do inimigo e foi por este explorado até o máximo nos seus pontos fracos, que eram a vaidade, a ambição e o amor-próprio. Ao cabo de alguns meses, captando lentamente a confiança da viúva com insinuantes comunicações atribuídas ao espírito de Allan Kardec, a *ovelha negra* conseguiu fazer ceder a viúva que lhe delegou plenos e ilimitados poderes ao instrumento do inimigo.

Dispondo do voto da maioria, por ter conquistado diversas procurações dos sócios mergulhados em suas preocupações familiares, denuncia Canuto que “a ovelha negra alterou os estatutos para se tornar o administrador

único da Sociedade, da Livraria e da *Revista Espírita*, além do Caixa Geral. Mudou o nome social para Sociétés pour la Continuation des Oeuvres Spiritistes d'Allan Kardec [Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec]. E, desde 18 de outubro de 1873, o mestre começou a ter, contra a sua vontade expressa em vida e reiterada em numerosas comunicações, numa pessoa física o seu continuador. O Espiritismo passou a ter um chefe. Os oponentes foram exonerados, a Sociétés perdeu sua sede e, em face do Regulamento Policial, teve por isso que se dissolver. O inimigo invisível invadiu triunfante a cidadela. Mas isso não bastava à sua satisfação. Era preciso levar o barco do Espiritismo a alto-mar e encalhá-lo. Sem perda de tempo inspirou ao seu instrumento o rumo da perdição. Piloto bisonho, considerando-se o *Cephas*<sup>10</sup> dos discípulos, o infeliz arvorou a bandeira negra de capitão audaz e saiu para águas grossas sem temor dos elementos nem dos adversários”.

Daqui em diante, a crônica histórica minuciosamente elaborada por Canuto Abreu descreve como Leymarie, por sua ambição, caiu em armadilhas, levando consigo o nome do Espiritismo.

## **Sacrificando a Causa**

Numa aventura destinada a aumentar seus proventos, já que destinara a si mesmo um salário e parte dos lucros da Sociedade e isso não lhe parecia o bastante, envolveu-se numa fraude a partir de falsas fotografias de Espíritos vendidas aos clientes esperançosos de rever seus parentes desencarnados e acabou preso, “sacrificando a Causa que pretendia conduzir, e perdendo-a no escândalo público”. E então, afirma Canuto, “a polícia correcional, após a sentença de 17 de agosto de 1875, cassou ao Espiritismo a licença de funcionar como sociedade regular. A imprensa cobriu de lama e irrisão a memória ilibada de Allan Kardec, e de ridículo a viúva octogenária e os pioneiros que procuravam defender a doutrina inocente. Não se dizia em

parte nenhuma que Leymarie era o único culpado, mas que ‘de longo tempo os espíritas vêm explorando torpemente a credulidade pública às barbas da polícia que afinal pôs fim à indecência’”.

As falsas fotografias tiveram início nos Estados Unidos, por William Mumler, desde 1861. Ainda no início da aplicação dessa tecnologia, a dupla exposição era quase desconhecida. O fotógrafo logo percebeu que poderia simular a aparição de Espíritos para ganhar dinheiro, em virtude da credulidade dos espiritualistas. A novidade se espalhou pelo mundo, chegando à França em 1863, como noticiou Kardec, reproduzindo notícia do jornal *Courrier du Bas-Rhin*:

Os americanos, que nos antecedem em muitas coisas, nos ultrapassam certamente na arte da fotografia e na evocação dos Espíritos. Em Boston, hoje, não só os defuntos são chamados pelos médiuns, mas são ainda fotografados. Deve-se esta descoberta maravilhosa a um senhor William Mumler, de Boston. Há algum tempo, é ele mesmo que conta, tentava em meu laboratório um novo aparelho de fotografia, fazendo a minha própria fotografia; súbito, senti uma certa pressão se exercer sobre o meu braço direito, e uma certa lassidão geral em todo o corpo. “Mas quem descreveria minha admiração quando vi meu retrato reproduzido, e que tinha à sua direita a imagem de uma segunda pessoa que não era outra senão minha prima falecida? A semelhança do retrato, no dizer daqueles que conheceram essa senhora, não deixa nada a desejar.” A consequência disso é que o sr. Mumler, desde essa época, não dá mais aos seus clientes, não só senão sessões espiritualistas, mas executa ainda para eles a fotografia dos defuntos evocados. Comumente elas são um pouco pálidas e nebulosas, e os traços bastante difíceis para se reconhecer, o que não impede aos habitantes de Boston, esclarecidos, de declará-los verdadeiros, autênticos. Quem olharia de tão perto pelas imagens espectrais! (KARDEC, [RE] 1863, p. 62)

Allan Kardec, porém, foi bastante prudente e logo de imediato comentou:

Uma semelhante descoberta, se fosse real, teria seguramente consequências imensas, e seria um dos fatos de manifestações dos mais notáveis; no entanto, convidamos a acolhê-la com uma prudente reserva; os americanos que, no dizer do autor, nos ultrapassam em muitas coisas, nos ensinaram também que nos distanciam de muito na invenção de boatos. (*Ibidem*)

Não se pode atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que não se podem explicar, afirmou Kardec, pois “um exame atento neles mostra, o mais frequentemente, uma causa toda material que não se tinha percebido”.

Para justificar sua opinião, ele relata que, na Inglaterra, o fenômeno da dupla exposição na placa de vidro emulsionada, utilizada para fazer a fotografia, estava sendo utilizado de forma recreativa na mesma época:

Na Inglaterra, alguns artistas exploram essa aplicação bizarra da fotografia; fabricam e vendem imagens duplas, cujos esquisitos acoplamentos produzem efeitos estranhos ou agradáveis. Mostrou-nos, entre outros, um castelo em ruínas acima do qual transparecia seu parque, suas fachadas e suas pequenas torres, tais como deveriam existir antes de sua destruição. Fazem-se ainda retratos de velhos, através dos quais pode-se ver seu rosto tal como era nos mais belos tempos de sua juventude. (*Ibidem*)

Ou seja, como logo depois foi denunciado, tudo não passava de uma fraude, com vistas a ganhar dinheiro à custa de ingênuos indivíduos em busca de consolação pela perda de familiares e amigos.

Anos depois, Leymarie percebeu o grande interesse pelas fotografias que impulsionava as vendas da *Revista Espírita*. Inicialmente comprava fotografias dos americanos, pagando alto preço para reproduzi-las. Mas logo lhe foi apresentado um fotógrafo parisiense, Buguet, para reproduzir o efeito. Uma alta soma foi emprestada da Sociedade para construir um laboratório apropriado. No início as fotografias eram apresentadas como exemplares americanos, mas depois algo muito mais lucrativo se apresentou: oferecer aos leitores fotos exclusivas com os Espíritos familiares. Leymarie agenciava, e Buguet produzia para todos os que recorriam a ele ao preço de vinte francos por seis fotos por pessoa, contrariando todos os princípios reais da mediunidade de efeitos físicos, que é naturalmente intermitente e ocasional. Não se falava de outra coisa, mas o feito atraiu também o exame das autoridades. A fraude foi desmascarada minuciosamente. Havia uma cabine dupla. Na secreta, Buguet fazia uma exposição leve com bonecos, cabeças esculpidas, perucas, tecidos. Depois, levava o vidro novamente emulsionado para a cabine onde o cliente esperava e produzia a dupla exposição. As autoridades policiais, em flagrante, desmascararam toda a pantomima. Funcionários do fotógrafo

denunciaram todo o esquema, indicando a participação de Leymarie. Todos foram parar nos tribunais. Buguet, Leymarie e um médium americano que atestava a veracidade dos fenômenos foram condenados. Leymarie cumpriu a sentença atrás das grades.

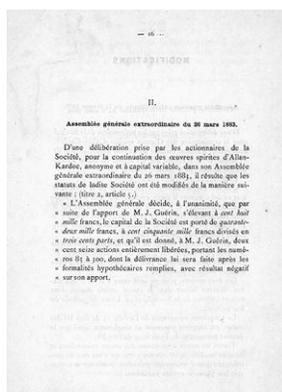
A grande imprensa da França e da Europa explorou por muito tempo esses fatos, e a opinião pública generalizou equivocadamente a mácula de charlatanismo, indignidade e exploração a todos os espíritas. Diariamente, as reportagens relataram o progresso do processo. Muitos espíritas ingênuos, ávidos por atestar as fotografias como uma prova patente de sua crença, deixaram-se levar pelos hábeis fraudadores, referendando a mentira. Camille Flammarion, porém, com sua experiência vasta com o tema, afirmou: “Édouard Buguet, cujas fotografias mostravam as sombras dos mortos e que, tendo me autorizado a fazer experiências com ele, deixou-me pesquisando durante cinco semanas antes de descobrir seus truques” (FLAMMARION, 2011, p. 199-200). Muita gente foi iludida, explorada, abalada em sua confiança. Esse triste episódio, jamais esquecido pelos franceses, criou, infelizmente, o hábito de associar o nome dos espíritas a charlatões, fraudadores ou farsantes. Leymarie não colocou em jogo somente a sua reputação, que despencou, mas também a credibilidade do Espiritismo, em virtude do cargo que exercia e da sociedade que representava. Esse episódio alterou decisivamente o futuro da Doutrina Espírita em sua pátria, pulverizando o movimento espírita nas décadas seguintes.



Amélie com o "espírito" de Allan Kardec, em foto forjada

Mas essa terrível condição ainda não era o suficiente para as metas destrutivas ambiciosas do inimigo invisível. Descreveu Canuto, em suas crônicas fundamentadas nos relatos dos pioneiros, que, “depois do escândalo criminal, a *librarie* adotou outra designação, abolindo a de *spirite* que estava então desmoralizada. O administrador, amargando o abandono em que se viu durante a provação, traçou outro plano. A casa de livros deixou de ser o baluarte do Espiritismo para abrigar em suas muralhas arruinadas toda e qualquer doutrina espiritualista”. A partir desse momento, “a verdadeira filosofia espírita não estava mais somente nos livros de Allan Kardec, para o médium do inimigo”, Leymarie. Ocultismo, teosofia de Blavatsky, ideias de carma e da queda do Espírito, roustainguismo invadiram as páginas da *Revista Espírita* e das estantes da livraria.

Em busca da fortuna, Leymarie, o representante legal do legado de Allan Kardec, cedeu às investidas de Jean Guérin, o mais próximo e fiel apóstolo do rico advogado Jean-Baptiste Roustaing, que lhe deu a missão de gerir milhares de francos para fazer sua obra e seus conceitos invadirem o movimento espírita, sobrepondo-se à de Kardec. A união entre Guérin, cheio de dinheiro para seduzir, e Leymarie, sedento por ele, estava fadada ao mais completo e infame sucesso.



Aporte de capital de M. J. Guérin, registrado em ata de 26 de março de 1883

<https://espirito.org.br/autonomia/aporte-guerin/>

Como vamos relatar mais à frente os pormenores das peripécias que se sucederam, basta assinalar que a estrutura da Sociedade, com o direito às obras e à *Revista Espírita*, na calada da noite e longe do olhar dos fiéis pioneiros, foi vendida a Guérin 72% das ações da Sociedade em troca de uma casa com jardim valendo 108 mil francos<sup>11</sup>, o que lhe permitiu oficialmente usar a *Revue Spirite* para vergonhosamente atacar Kardec e seus verdadeiros continuadores, além de divulgar a deturpação de Roustaing e *Os quatro Evangelhos* em suas páginas.

Allan Kardec, nas comunicações recebidas na casa de Amélie, junto à sua fiel e sempre presente amiga e médium Berthe Froppo e demais participantes, deu orientações para que os verdadeiros espíritas se afastassem dessa perdida sociedade pois ela não mais o representava, para formar outra, e criar nova revista, restabelecendo o leme do Espiritismo. Em janeiro de 1881, em Espírito, Kardec alertou:

A doutrina, por assim dizer, ficou adormecida desde minha partida. Era impossível que fosse de outra forma, já que meu desaparecimento súbito não me deu tempo para realizar os projetos que havia feito e que permitiriam a uma coletividade homogênea continuar o trabalho que havia sido iniciado. Então, as desgraças que surgiram em nossa querida pátria obrigaram cada um a trabalhar materialmente para melhorar a própria situação e a de nosso querido país. Pois deve-se confessar que a maior parte dos espíritas, sendo os primeiros apóstolos, sem possuírem fortuna, tem o dever de primeiramente prover as necessidades diárias de seus familiares. (FROPPO, 1884)



Berthe Froppo

O afastamento dos adeptos mais conscientes, em virtude dos fatos nacionais, deixou o campo vazio para o assalto dos desvios. Não havia mais

como recuperar as antigas instituições, e um novo plano se fez necessário.

Continua Kardec:

Não te disse, Amélie, querida companheira de meus trabalhos, que era para o futuro que tinhas que olhar, por ti, por mim, pelo Espiritismo? Cabe a ti, portanto, retificar aquilo que, no momento, tem sido manchado de erros. Cabe a ti distinguir os espíritas abnegados e devotados à nossa causa desde há muito, que, chamados a continuar a fazer frutificar o que eu semeiei, devem, tão logo o momento de agir lhes seja indicado, formar uma sociedade nova chamada a elaborar a continuação das minhas obras. Assim, por ora, consiste em preparar-te para mudar as disposições existentes em favor desta velha sociedade, encaminhando-as àquela que vai se formar e para a qual é tua missão velar. (*Ibidem*)

Uma nova sociedade, um novo meio de divulgação, recomendou Kardec em Espíritos aos seus mais próximos e fiéis sucessores. Apesar da oposição sistemática de Guérin, Leymarie e mais alguns outros poucos opositores; mais de quatrocentos espíritas fiéis à causa de Kardec se reuniram para formar a União Espírita e seu novo jornal, *Le Spiritisme*, em dezembro de 1882. Enfim, surgia uma tribuna competente e leal para retomar a propaganda consciente da Doutrina Espírita e defender em suas páginas os absurdos ataques que o mestre então recebia na própria *Revista Espírita*. Os objetivos do novo grupo eram a fidelidade aos princípios básicos do Espiritismo, o mais completo desinteresse material e moral. A fé raciocinada, a coragem moral e a dedicação ao ideal espírita da caridade desinteressada. Oposição aos desvios e práticas equivocadas daqueles que tomaram para seu proveito a Sociedade Anônima.

## **O plano de recuperação**

O plano de recuperação e defesa foi executado por Amélie e Froppo, auxiliadas pelos pioneiros com os quais Canuto Abreu dialogou pessoalmente, Gabriel Delanne, Léon Denis, Henri Sausse. “A viúva de Allan Kardec de 88 anos faleceu, quando havia deixado a totalidade de seus bens à Société. A herança ultrapassava o valor de 250 mil francos daquela época, em grande parte em imóveis”, afirmou Canuto, revelando que

“estava o continuador [Leymarie] em suas sete quintas<sup>12</sup> prelibando sossegadamente o doce fruto de sua esperança quando a justiça lhe bateu às portas. Os herdeiros da viúva, patrocinados pelo maior advogado de Paris e futuro presidente da República Francesa, tinham ingressado em juízo com uma anulatória do testamento e petição da herança. Entre os motivos dói a alma anotar o seguinte: ‘a falecida era uma “demente” senil visto haver confessado no instrumento testamentário ser espírita e ter praticado o Espiritismo. Com a condenação, desde logo o continuador ficou afastado da Sociedade e lutou para salvar a herança. Depositou em juízo o valor estimado no inventário”. Mas os fatos se consumaram quando os herdeiros ganharam, e deram fim, vendendo tudo o que restara de valor no legado de Amélie Boudet.

Pois foi exatamente após a morte da viúva que os pioneiros descobriram uma terrível infâmia denunciada em *Le Spiritisme*: a adulteração da obra *A Gênese*, conclusão científica, filosófica e moral da Doutrina Espírita por Allan Kardec, que elaborou os revolucionários conceitos presentes nesse livro durante anos, recebendo os ensinamentos dos Espíritos superiores de forma a estabelecê-los por meio da universalidade do ensino<sup>13</sup>.

No inverno entre os anos de 1883 e 1884, Henri Sausse, dedicado divulgador da Doutrina Espírita, conversava à noite, cercado de testemunhas, com um senhor de Lyon, que afirmava ser amigo pessoal de Leymarie, além de fervoroso seguidor de *Os quatro Evangelhos* e de Roustaing. Quando trataram das obras espíritas, aquele senhor comentou, espontaneamente, a Sausse:

– Devemos crer que os livros de Allan Kardec não são tão perfeitos como se imagina, considerando que Leymarie precisou fazer correções em *A Gênese!* (*Le Spiritisme*, ano 2, n. 23, fevereiro de 1885, p. 6).

Surpreendido com essa audaciosa revelação, Henri Sausse dedicou-se a estudar minuciosamente a edição original de Kardec e a versão alterada,

página a página, linha a linha. Tomando cuidado para não acusar ninguém, apresentou os fatos em um artigo, “Uma infâmia” (Une infamie), em dezembro de 1884, em *Le Spiritisme*. O artigo refletia, além do autor, o apoio abalizado da União Espírita Francesa, com Gabriel Delanne, Berthe Froppo, o casal Rosen, Léon Denis, entre tantos outros. Essa grave denúncia foi um alerta para os espíritas, quanto à necessidade de recuperar a história, verificar os documentos, conferir as edições e traduções, pois a obra de Allan Kardec não estava protegida de ataques inimigos<sup>14</sup>.

Alguns capítulos, mutilados pelo adulterador, ficaram irreconhecíveis. Os trechos suprimidos foram cuidadosamente escolhidos para eliminar do livro os conceitos da revolução moral proposta pelo Espiritismo. Henri Sausse ficou especialmente surpreendido ao constatar que justamente no trecho onde Kardec trata do desaparecimento do corpo de Jesus, questão fundamental da tese de *Os quatro Evangelhos* de Roustaing, tenha sido suprimido o trecho conclusivo:

Portanto, sobre a maneira pela qual se deu esse desaparecimento, apenas pode haver opiniões pessoais, que somente teriam valor caso fossem sancionadas por uma lógica rigorosa e pelo ensinamento geral dos Espíritos; ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle. (KARDEC, [1868] 2018, p. 351)

Ou seja, a questão do corpo fluídico de Jesus, a partir do qual toda a obra de Roustaing se sustenta, não tendo respaldo do duplo controle, cai para o nível das opiniões pessoais, não pertencendo ao corpo fundamental da Doutrina Espírita. É o que decorre do trecho mutilado. Caso tivesse permanecido desde que Kardec o escreveu, teria ficado mais clara a sua posição firme e definitiva diante dessa questão. Causar essa impressão de indecisão, dubiedade, inconclusividade, todas essas características absolutamente contrárias ao estilo de Kardec, nos parece, foi exatamente a intenção de quem adulterou a obra.

Herculano Pires denunciou Roustaing como a mais completa antítese a Kardec:

A mais ridícula mistificação da doutrina, o roustainguismo, continua a dominar a Federação Espírita Brasileira, que reedita e propaga, sustenta e defende a obra *Os quatro Evangelhos*. Jean-Baptiste Roustaing, advogado em Bordeaux, na França, publicou essa obra no tempo de Kardec. O mestre a examinou e criticou com paciência cristã. Depois dele, muitos outros espíritas lúcidos e cultos denunciaram as incongruências dessa obra, decalque e deformação da obra kardeciana. O próprio advogado explicou no prefácio da obra, com a ingenuidade típica dos fascinados, as condições precárias de saúde em que se encontrava quando a recebeu, depois de evocações temerárias. A mecânica da mistificação foi exposta ao público pela própria vítima. Roustaing é o anti-Kardec, mente confusa, misticismo beato e portanto vulgar, credence popularesca, falta absoluta de critério *científico*, desprezo pelos dados históricos, mitologia arcaica, raciocínio confessadamente avariado, aceitação pacífica de teses clericais obscurantistas, posições anedóticas na explicação dos fatos evangélicos (a falsa gravidez de Maria, Jesus-menino fingindo que sugava o seio da mãe e devolvendo-lhe magicamente o leite aos vasos sanguíneos em forma de sangue, Espíritos superiores reencarnando em mundos inferiores como *criptógamos carnudos*, em forma de lesmas em carne humana e assim por diante). Um montão de ridicularias que se repetem nos cansativos volumes da obra num *ritornelo* desesperante. E homens de cultura regular (não pode ser superior) a vangloriar-se dessas tolices a ponto de considerarem a FEB como – pasmem as criaturas de mediano bom senso – como a *casa-máter do Espiritismo*. Ignoram certamente a existência histórica da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e todo o trabalho exaustivo de Kardec. Várias federações estaduais atrelaram-se ao carro funerário dessa Mistificação. (PIRES, 1979, p. 99-100)

Apesar da luta empreendida pelos pioneiros, Leymarie, como vamos demonstrar a partir de documentos originais inéditos, forjou provas, adulterou mensagens, espalhou desesperadamente uma cortina de fumaça para encobrir suas faltas.

Enquanto a *Revue Spirite*, tomada de assalto pelos sectários da seita roustainguista, era utilizada para combater Allan Kardec, os pioneiros, agindo de forma completamente desinteressada, faziam da União e da revista *Le Spiritisme* os mais importantes instrumentos de defesa da Doutrina.

Uma das mais lúcidas pensadoras do Espiritismo, a escritora e educadora suíça Sophie Rosen-Dufaure fez um alerta num artigo para o fato de que “a Doutrina Espírita apresentada por Kardec é uma obra regeneradora do pensamento e do coração, *destinada a promover a mais completa e elevada*

*das transformações sociais*”. Enquanto essa teoria foi amplamente aceita por ser uma resposta adequada para o seu tempo, campeã da liberdade de pensamento, demonstrando uma “perfeita concordância entre os ensinamentos dos Espíritos, a capacidade de percepção de Allan Kardec e as necessidades da época” (UNION SPIRITE FRANÇAISE, 1883), a obra contraditória de Roustaing permanecia absolutamente impopular e esquecida no século 19, afirma Rosen.

Então, porque o roustainguismo ressurgiu no Brasil do século 20?

Da mesma forma que pensou Canuto Abreu, a senhora Rosen considerava que a tentativa de ressuscitar a obra de Roustaing ocorreu como instrumento de um plano dos inimigos invisíveis que a ditaram, adulterando a proposta moral libertadora do Espiritismo pelo pensamento religioso pregador da submissão:

[Pensam os inimigos do Espiritismo que] é uma grande necessidade encontrar um alicerce para suspender a ação desse vasto movimento que se alastra passo a passo como um incêndio; pois os católicos e os protestantes se afastam de suas igrejas respectivas e vêm engrossar ainda a imensa falange dos livres-pensadores espíritas. Que fazer?... É bem simples! Aguardar a primeira ocasião favorável para recrutar os adeptos menos dedicados numa crença híbrida, ao mesmo tempo cristã e espírita, nem muito lá nem cá, para não assustar as consciências fracas, e que, por falta de melhor, viu as dificuldades circunstanciais, os clérigos poderiam tolerar, teriam mesmo de admitir, até que, pouco a pouco, até os procedimentos com os quais estão familiarizados, a onipotência episcopal reconquistaria suas prerrogativas à sombra da doutrina progressista que ela colocaria sobre um tradicional esquecimento. Assim se operará a fusão, leia-se: a absorção do Espiritismo. (UNION SPIRITE FRANÇAISE, 1883, p. 34)

Rosen denuncia como absurda, incoerente e adulteradora essa “crença híbrida”, ficando “nem muito lá nem cá, para não assustar as consciências fracas”. E foi exatamente esse despropósito que foi elogiado no Brasil pelo presidente da FEB, Manuel Quintão, anos depois, para preferir Roustaing a Kardec!

A conclusão é a de que a grave denúncia de Canuto Abreu vale tanto para o movimento espírita francês pós-Kardec no final do século 19, quanto para

o brasileiro, início do 20: “Com o fundamento de aperfeiçoarem a Doutrina de Kardec, adotaram a extravagância religiosa de Roustaing, já fulminada pelo mestre com argumentos irrefutáveis, ao vir à luz. O Jesus fluídico daquele escritor fascinou a nova seita, centralizando a concepção de um Espiritismo beato, tão inconsistente e falso como o fantasma que o encabeça”.

Por qual motivo pôde ocorrer tão grande desvio tanto na França quanto no Brasil? O que salta na primeira observação é o fato de os centros de convergência, tanto a Sociedade Parisiense quanto a Federação Brasileira terem caído na pretensão de eleger um chefe do Espiritismo, o que Allan Kardec enfaticamente desestimulou. Esse chefe serviria como instrumento para os interesses dos inimigos invisíveis. Leymarie deu a si mesmo plenos poderes, recebimento de proventos e constituiu o mais amplo despotismo. No entanto, veja o que pretendia Kardec para sua sucessão:

A necessidade de se aproximar e de se formar um feixe será tanto maior quanto o número dos adeptos seja mais considerável. Mas qual será a extensão do círculo de atividade desse centro? Está destinado a reger o mundo, e a se tornar o árbitro universal da verdade? Se houvesse esta pretensão, isto seria compreender mal o ideal do Espiritismo que, por isto mesmo, proclama os princípios do livre exame e da liberdade de consciência, repudia o pensamento de se erigir em autocracia; desde o início, ele entraria num caminho fatal. (KARDEC, [RE] 1868, p. 255)

Realmente a pretensão autocrática de Leymarie foi fatal, tendo como consequência o desvio e a extinção da Sociedade Parisiense. A União Espírita veio substituí-la exatamente com uma proposta inversa, um ser coletivo, sem interesses pessoais, centrada nas obras de Kardec.

## **A verdadeira missão da FEB em sua fundação**

No Brasil, a Federação Espírita Brasileira foi criada sem nenhuma pretensão de dirigir, determinar, filiar, liderar ou chefiar os espíritas, nem mesmo instituir uma religião, como se pode constatar em seu primeiro estatuto, publicado no *Reformador* de 1º de março de 1893, n. 247,

propondo que todos os espíritas participem de sua tarefa primordial, que é a propaganda do Espiritismo, pois a sua finalidade, definida em seu artigo primeiro, era a seguinte:

Dar o máximo desenvolvimento às conquistas do Espiritismo; concorrer para a sua *mais lata disseminação pela sociedade*. Fomentar a solidariedade e a fraternidade entre todos, procurando erguer o nível moral.

O significado de uma “mais lata disseminação” é o de não exclusivismo, acesso a todos, independentemente de a qual religião pertença, respeitando a proposta de Kardec de não se constituir como seita ou denominação religiosa, mas uma “ideia” acessível a todos, pois seu objetivo é colaborar com a renovação social. Ou seja, quando de sua fundação, esse estatuto estava coerente com o ideal original do Espiritismo.

Em seu parágrafo único do artigo terceiro, todos os espíritas membros, contribuintes ou não, “têm o direito de concorrer com seus conselhos para as deliberações da Federação”.

Nessa época, os adeptos de Roustaing no Brasil eram alguns poucos, em grupos fechados consagrados ao estudo de sua obra. O movimento espírita estava representado majoritariamente pelos que compreendiam o Espiritismo como ciência filosófica destinada a esclarecer a todos, independentemente de qual credo religioso adotem, os princípios da lei natural que rege o espírito humano.

Sofrendo a perseguição dos inimigos do movimento espírita brasileiro – os ateístas, os materialistas, os positivistas, os católicos, os protestantes –, os espíritas uniram-se em torno da criação da Sociedade Acadêmica Deus-Cristo-Caridade, para defender o direito de exercer o estudo do Espiritismo sem afrontar os direitos legais da religião oficial do Império, nem a proibição legal de instituir sociedades secretas. Primeiramente os espíritas foram perseguidos pelo clericalismo do regime monárquico, depois mais fortemente ainda pelo positivismo materialista do regime republicano.

A união dos espíritas do Rio de Janeiro ocorreu no dia 3 de outubro de 1879, no prédio público da Escola Normal, concedida pelo conselheiro José Bento, ministro do Império. Nesse dia, os sócios e representantes das sociedades espíritas Grupo Confúcio, Sociedade de Estudos Spíritas Deus-Cristo-Caridade, Congregação Anjo Ismael e Grupo Caridade resolveram:

Tendo sido deliberada a fusão dessas quatro sociedades, foi solenemente aberta a assembleia de fundação e instalação da Sociedade Acadêmica Deus-Cristo-Caridade. (TORTEROLI, 1898, p. 13-4)



### Regulamento do Grupo Confúcio

<https://espírito.org.br/autonomia/regulamento-confucio/>

Para termos ideia da representatividade dessa sociedade, os cinco diretores, nessa assembleia primeira, foram eleitos por meio do preenchimento de cédulas por 695 espíritas presentes! Um número absolutamente expressivo para a época, demonstrando a urgência e a unanimidade quanto à legitimidade dessa iniciativa. Foram eleitos o doutor Francisco de Siqueira Dias, Carlos Joaquim de Lima e Cirne, Francisco Carlos de Mendonça Furtado de Menezes, doutor Antônio Pinheiro Guedes,

Salustiano José Monteiro de Barros e os auxiliares da diretoria, João Paulo Temporal, professor Angeli Torteroli, entre outros (*Ibidem*).

Em 21 de janeiro de 1883, teve início a publicação do jornal *Reformador*, com o subtítulo Órgão Evolucionista. Esse empreendimento foi concretizado pelo uso da prensa antes utilizada para a confecção da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus-Cristo-Caridade*, que teve a iniciativa dessa propaganda do Espiritismo: “Encarregaram-se da redação desse jornal o diretor da União Espírita, Augusto Elias da Silva e os membros da comissão confraternizadora, doutor Antônio Pinheiro Guedes e Angeli Torteroli”. Em seu primeiro número, os redatores apresentaram o Espiritismo como proposta de união em torno de um futuro solidário para o mundo:

As ideias preconcebidas, os hábitos, os preconceitos e vícios adquiridos, são as montanhas escabrosas que dificultam a marcha: madeiros que atravancam o caminho, parciais que embarçam os portos. Umas e outras, por isso, não podem constituir materiais de nenhuma escola, a nenhuma pode filiar-se. Ainda mais: se as hipóteses são úteis, podem mesmo tornar-se necessárias, as ideias preconcebidas, o apego aos conhecimentos adquiridos, o hábito, a tendência à imobilidade são contrários ao progresso, e por isso devem ser combatidos como elementos de estagnação de aniquilamento. Esta é a tarefa de cada um, e, portanto, igualmente a do *Reformador*: caminhar em linha reta, tendo em mira o alvo que é comum a todos, seguindo sempre no sentido da direção inicial. É isto que ensina o Espiritismo. (*REFORMADOR*, ano I, 21 jan. 1883, p. 1)

E então conclui o artigo: “Iluminados pela luz da Doutrina Espírita, somos evolucionistas, essencialmente progressistas”.

Em seu segundo ano, o jornal passou a ser órgão da Federação Espírita Brasileira.

Affonso Angeli Torteroli respondeu a uma pesquisa do *Reformador*, tendo seu depoimento pessoal publicado na mesma edição de 1º de março de 1896, quando o primeiro estatuto da FEB foi levado a público. De uma família católica, os dogmas não atendiam ao seu pensamento racional, e acabou seduzido por amigos céticos que lhe ofereceram livros materialistas, que por um tempo o convenceram. Influenciado por amigos, como

Casemiro Lieutaud, investigou o Espiritismo e a obra *O Céu e o Inferno*, de Kardec, persuadiu-se da impossibilidade da condenação eterna. Em maio de 1874, pertencia ao primeiro grupo espírita do Rio de Janeiro, Grupo Espírita Confúcio (sociedade de estudos fundada em 1873). Sabendo que o Espiritismo era uma ciência filosófica e não uma denominação religiosa, tentou continuar os sacramentos, mas diante do questionamento do padre:

– O senhor não me disse que era espírita?

E Torteroli respondeu:

– Não é um pecado estudar a Ciência Espírita, desde que não se abandone a religião de seus pais.

Mas o sacerdote declarou:

– Se o senhor não abandonar o Espiritismo, não o absolvo.

E ele prontamente respondeu:

– O reverendo já me absolveu e até já cumpri a penitência.

Mas o padre vociferou furioso:

– Pois não lhe dou a comunhão, porque o senhor pertence a Satanás!

Torteroli tornou-se verdadeiramente espírita, livre das superstições e dos preconceitos, declarando ter por divisa “estudar a ciência espírita e praticar a moral cristã, isto é, estudar as leis que regem os fenômenos espíritas e praticar a moral do Cristo por ser a moral universal e a mais pura perante a razão do século” (*REFORMADOR*, ano XI, 1º mar. 1893, n. 247, p. 2-3).

Desenvolveu a mediunidade psicográfica, depois a psicofonia. Inicialmente as mensagens dos Espíritos contrariavam suas próprias ideias e pensamentos, muitas vezes em resposta a perguntas mentais dos evocadores, mesmo não espíritas. Por fim, deu em seu depoimento uma lúcida declaração, profissão de fé, demonstrando ter compreendido a moral espírita como autônoma, apoio das ideias progressistas, exatamente como proposta por Allan Kardec, apenas trinta anos antes na França:

*Admito que Deus não castiga e não perdoa, porque ama a todos os Espíritos e espera que livre*

e conscientemente pela evolução moral e intelectual, por meio de diversas encarnações, de corpo a corpo e de mundo a mundo, cada espírito consagra a todos os seres em qualquer classe ou ordem que se ache na escala da perfeição. Estou convencido de que, pela caridade e amor do próximo de ente a ente, de criatura a criatura se chegará ao nosso bom pai, o Deus criador da única lei absoluta, a santa e eterna – Lei do Amor. (*Ibidem*)

Enfim, havia no Brasil uma maioria lúcida, consciente da proposta do Espiritismo de Kardec como doutrina liberal, assim como na França agiram os pioneiros fiéis ao mestre, fundadores da União Espírita da França. Também lutaram contra uma minoria que se apossou da revista, da entidade representativa constituída pela maioria e da editora. Também se repetiu no movimento espírita brasileiro o desvio patrocinado pelos roustinguistas. Os inimigos invisíveis repetiram seu plano para seduzir mãos amigas, poucas décadas depois, em outro continente.

Anos depois, desejosos de fazer prevalecer a adoção pela entidade da obra de Roustaing, alguns poucos dirigentes implantaram um regime de exceção na Federação Espírita Brasileira, como explicou Leopoldo Cirne, seduzindo e oferecendo a Bezerra de Menezes plenos poderes até o dia de sua morte: “Esse regime, porém, propriamente ditatorial deve cessar” (*REFORMADOR*, 15 de fevereiro de 1901, p. 3). Novos estatutos foram admitidos, mantendo a pretensão de eleger um chefe. E, como ocorreu anteriormente na França com Leymarie, a adoção de uma autocracia também iria levar a um resultado fatal, como previsto por Kardec.

No século 20, tendo dominado a FEB e o *Reformador*, os diretores roustinguistas fizeram uso dessa estrutura para contar a história do movimento espírita a partir de seu ponto de vista. Demonizando os opositores, escolheram fatos, coroando deturpadores como se fossem heróis. Marc Ferro, entre outros historiadores, relata o conceito de uma *história silenciada*. Uma narrativa histórica pode ser adulterada por diversos interesses, sejam ideológicos ou políticos, de tal modo que só uma face da realidade seja conhecida. Dominando o registro dos fatos, tendo

sobre seu controle a publicação de livros, apostilas e manuais, controlando congressos, a versão messiânica, salvacionista, heterônoma, do desvio roustainguista cobriu com o véu do dogmatismo místico os verdadeiros conceitos doutrinários espíritas e silenciou Kardec.

Canuto Abreu conservou, como subsídio para a história do movimento espírita brasileiro, uma carta manuscrita de Manuel Quintão para seu amigo Pedro Richard, um roustainguista histórico, de primeira hora.

Em 1912, reacende o interesse de se aprovarem novos estatutos. Nessa época, Manuel Quintão atuava na Federação como médium receitista. Tempos depois viria a ser eleito presidente, por mais de uma vez.

Inicia assim a carta:

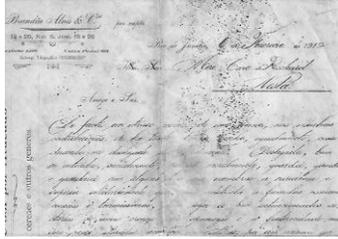
Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1912.

Meu caro Richard:

De há tanto tempo tenho, igualmente, considerado me desligado da Federação. Desligado, bem se entenda, socialmente, porque moralmente, guardei, guardo e guardarei com alguns dos seus membros a carinhosa e superior solidariedade.

Eram, afinal, amigos. Enquanto Richard já estava nos 59 anos de idade, Quintão tinha 39. A proximidade entre os dois justifica a exposição sincera de suas opiniões, revelando o que não se observa na superfície da entidade, mas somente nas suas entranhas:

Mas, corre-me o dever de justificar o propósito inabalável de não aceitar quaisquer cargos e compromissos no seio dessa coletividade, a não ser que os possa exercer ou desempenhar por meu arbítrio, ou antes, nos moldes espíritas como eu os entendo, isto é, com inteira liberdade de consciência e ação. [...]. De há muito, meu caro amigo, eu venho notando entre os que dirigem a Federação, na permuta de atos e de palavras, um tal ou qual prurido de hegemonia doutrinária, com laivos de presumida superioridade, bem-intencionada, decerto, mas de todo contraproducente e repugnante a Espíritos redimidos de uns tantos preconceitos de autoridade”.



Carta de Manuel Quintão para Pedro Richard

<https://espírito.org.br/autonomia/carta-manuel-quintao/>

Segundo Kardec, “A causa mais comum de divisão entre cointeressados é o conflito dos interesses, e a possibilidade para um de suplantar o outro em seu proveito” (KARDEC, [RE] 1868, p. 249). E ele propõe a solução, afirmando que a autoridade do presidente deveria ser puramente administrativa, não podendo tomar nenhuma decisão isolada, e conclui: “Portanto, nada de abusos possíveis, nada de alimentos à ambição, nada de pretextos de intrigas nem de ciúmes, nada de supremacia ofensiva”.

Continua Quintão:

Tomasses um a um de cem sócios dessa casa, e um a um interrogasse, que verias com ideias ululantes e contraditórias a respeito de Doutrina... Isto, no terreno das teorias, porque no das práticas, nem devemos falar... Eu pergunto: neste caso, onde está o fruto do trabalho de longos anos? Nas sessões? Mas as sessões são isócronas e monótonas, dando uma triste copa de nossa fraternidade. Nas obras de Espiritismo divulgadas? Mas essas obras só são adquiridas pelos conhecedores da Doutrina, e só platonicamente influem e atuam nos poucos que leem, nos pouquíssimos que sabem ler.

Os novos estatutos da sociedade, que seriam aprovados, segundo o médium precisavam de profundas revisões para abolir seus vícios:

Os Estatutos que vocês veem de promulgar, têm disposições verdadeiramente draconianas, *de um exclusivismo e de um individualismo inconcebíveis*, numa comunidade verdadeiramente cristã.

Todavia, num dia de chuva, poucos se atreveram a enfrentar o mau tempo naquele sábado à noite, 1º de fevereiro de 1912, e seus 126 artigos foram aprovados de uma assentada, encerrando a assembleia (*REFORMADOR*, 1º fev. 1912, n. 3, p. 46-7).

Em seguida, afirma Quintão:

Mas ao fim, todos veremos que não construímos senão um templo de pedra, como a pedra fria e dura. Uma bela casa onde verdadeiros preceitos de altruísmo cristão são relegados ao segundo plano, para maior realce das ordenanças de bom tom social, de um ritualismo tão estéril quão ridículo.

A ambição de se proclamar chefe, porém, tem preço alto a pagar, e o autoritarismo torna fatal a consequência de afastamento dos propósitos da Doutrina Espírita, que é a fraternidade. Então, a carta se encerra assim:

Sinto que tão amargas sejam as minhas impressões de quanto aí vejo, e a ti, que és meu amigo e meu irmão, ao menos pelo desejo de acertar, ousou confiá-las com o desejo de que possa atenuar o mal nas suas consequências mais afastadas, reagindo contra esse autoritarismo inconsequente, que é o maior escolho da propaganda e torna suspeitíssima a atitude de cada um dos Diretores da Federação, que continuo a reputar bem-intencionados. Seu irmão e amigo, Manoel Quintão.

No atual estatuto da FEB, no parágrafo único do artigo primeiro consta o seguinte: “Além das obras básicas a que se refere o inciso I, o estudo e a difusão compreenderão, também, a obra de J.-B. Roustaing e outras subsidiárias e complementares da Doutrina Espírita”. Apesar de que, a qualquer momento, uma assembleia poderia ter alterado esse desvio. Mas nada se fez nos últimos cem anos.

## **A solidariedade entre o pesquisador e o médium**

Quando Canuto Abreu chegou à França em 1921, depois da Primeira Guerra Mundial, encontrou o Espiritismo mantido por alguns de seus antigos adeptos, mas abandonado pela maioria. Sua imagem estava desgastada diante da opinião pública francesa. Enquanto isso, no Brasil, o roustainguismo dominava a Federação Espírita Brasileira. Representativamente, em nenhum lugar do mundo havia guarida plena e segura para a verdadeira Doutrina. Em 1934, diante de fartos documentos e depoimentos, Canuto elaborou, na calada de seu gabinete, sua forte denúncia. Mas guardou silêncio, meditando sobre como e quando agir. Seria

momento adequado para fazer a grave revelação? Sabemos hoje que o pesquisador reservou para o futuro seus artigos históricos, declarações dos pioneiros, registros e documentos originais de Allan Kardec.

Vamos em busca da razão dessa espera.

Uma das mais amareladas páginas do acervo, rodeada por manchas escuras e com as bordas corroídas, é uma cópia de missiva datilografada sobre papel de seda leve e macio. O cabeçalho cita: “São Paulo, 29 de abril de 1937, Francisco Cândido Xavier, paz, saúde e alegria”.

Essa não foi a primeira vez que o médium e o pesquisador se encontraram, mas representa o registro de uma amizade, cumplicidade firme, compromissada e duradoura. Inicia Canuto contando:

Recebi com muito prazer seu obsequioso cartão, pelo qual demonstrou não haver esquecido de minha insignificante pessoa, apenas encontrada no meio de tanta gente importante, que o rodeou curiosa e reverente em São Paulo. Guardei excelente impressão de nosso encontro e nenhum elogio ou adulação vai em dizer-lhe, com sinceridade, que aprecio o seu dom mediúnico. Sensitivo como é, não verá no que se segue senão o fruto de minha admiração e apreço.

São Paulo, 29 de abril de 1937.

Francisco Candido Xavier

Paz, saúde e alegria.

Recebi com muito prazer seu obsequioso cartão, pelo qual me demonstrou não se haver esquecido de minha insignificante pessoa, apenas encontrada no meio de tanta gente importante, que o rodeou curiosa e reverente em São Paulo. Guardei excelente impressão do nosso encontro e nenhum elogio ou adulação vai em dizer-lhe, com sinceridade, que aprecio o seu dom mediúmico. Sei que não é motivo de orgulho para o amigo possuir a faculdade de entrar na percepção das coisas espirituais que escapam aos sentidos comuns dos homens. Entretanto, não me atreveria a exaltar o seu caráter se não quisesse dizer algumas palavras sobre sua mediunidade. Sensitivo como é, não verá no que se segue senão o fruto de minha admiração e apreço.

Como sabe, uma das qualidades mais estimadas no médium--e que o amigo possui -- é a simplicidade. Oxalá jamais a perca, meu amigo, no convívio conosco, que somos cheios de defeitos. Pelo fato de ter sido afortunado com um favor divino, mais lhe será pedido por Deus. Base quinhão, que o torna em qualquer parte do mundo mais esclarecido, mais iluminado do que nós, precisa ser cuidado com todo o carinho, porque pode ser corrompido. Três são os grandes inimigos da simplicidade, a qual deve permanecer o bom médium: a soberba, o egoísmo e a cobiça. Seu guia familiar Emanuel, teria muitas vezes falado desses escolhos da mediunidade. Mas sempre é bom que a gente que o estima e o quer ver triunfante recorde de vez em quando a lição. Falo por longa experiência no mediunismo. Tenho visto a exaltação, a glorificação, o declínio, a queda, o aniquilamento de muitos médiums, que esqueceram, na hora da prova, a lição do guia. Se muitos tivessem de quando em quando quem se atrevesse, como ora faço, a repisar o assunto, por certo teriam encontrado meio de austerar a marcha para o abismo, onde há choro e ranger de dentes e clamores de arrependimento. Da soberba você se livrará pensando, dia e noite, que é um simples depositário duma graça que lhe não pertence. Do egoísmo você se defenderá usando dessa graça, dia e noite, com a maior liberalidade possível em proveito do Bem. Da cobiça você se resguardará não se esquecendo, dia e noite, de que, se se inclinar para esse lado perigoso, tirando proveito material do dom que lhe foi emprestado para o Bem, só recolherá torturas espirituais, que estão reservadas pela Justiça de Deus aos que sucumbem à tentação. Esses três inimigos o espreitam, dia e noite. Dia e noite é preciso que você ore e vigie, para não tombar. A primeira replica dos médiums às nossas fraternais recomendações costuma ser:-- Porventura seria eu capaz de me orgulhar da mediunidade, de me servir della para tirar lucros materiais? Nossa resposta deve ser: - Não, meu caro, nem é preciso chegar a tanto para revelar a soberba, a vaidade e a cobiça. Basta querer parecer, como médium, mais esforçado, mais trabalhador, mais beneficiado do que os outros. Basta dispensar os favores da mediunidade a uns, que agradam, negando-os a outros que são antipáticos, impertinentes ou simplesmente caríssimos. Cobiça é ostentar a mediunidade. Cobiça é negar a aos humildes. Cobiça é dispensar a às pessoas graduadas com preterição das pequeninas. Cobiça é dar a em maior porção aos confrades, aos crentes aos amigos, aos familiares e, em menor porção, com desconfiança, nos inimigos. Egoísmo é coisa que mais vemos em certos médiums. Egoísmo é dizer, por exemplo: -- Agora não posso, estou cansado,

preciso almoçar. Ou, estou adoentado, estou triste, estou em más condições de receptividade. Egoísmo é dizer ao necessitado que "co-de cheio de esperança : -- Só dou consultas em tal parte, com tal círculo, ou em tais condições. Se quiser, procure-me mais tarde, ou em tal parte. Egoísmo é temer parecer ridículo diante dos incredulos. Egoísmo é receber uma critica desagradavel.

Ora, de tudo isso o amigo se livrará se continuar a viver na simplicidade, em que eu o vi entre nós. Não saia dela jamais, por Deus!

É o ardente pedido que lhe faço pela amizade, que lhe dedico.

Seja sempre simples, sincero, de boa vontade, atencioso, despretencioso, servicial, como aqui foi.

Oxalá assim triunfe até o fim para sua felicidade, para o triunfo do Bem.

Peça ao Emanuel desculpas pelo meu atrevimento de entrar na seara dele com estes avisos de irmão mais velho. É que muitas vezes ele não pode, por mais adiantado do que eu, ferir o seu livre arbitrio, ou entervir nos seus pensamentos. E eu, como espírito atrasado, posso, bastando para isso ser ousado como ora sou.

Queira-me Bem. Escreva-me quando puder. Ore por mim, que sou pobre coração e no espírito das virtudes e vivo, neste vale de lágrimas, coberto da lepra do orgulho, da cobiça e do egoísmo.

Carta de Canuto Abreu para Chico Xavier em 29 de abril de 1937

<https://espírito.org.br/autonomia/carta-canuto-para-chico/>

O jovem médium, com apenas 27 anos nessa época e ainda pouco conhecido, havia publicado apenas três livros: *Parnaso de além-túmulo* (diversos Espíritos) pela FEB, no Rio de Janeiro, *Cartas de uma morta* (de Maria João de Deus, sua mãe) e *Palavras do infinito* (Humberto de Campos) pela LAKE (Livraria Allan Kardec Editora<sup>15</sup>), em São Paulo. Chico foi a essa cidade para a Semana de Espiritismo e Metapsíquica entre 23 e 31 de março de 1937. Foi nessa ocasião que abraçou, entre as personalidades espíritas, Cairbar Schutel (1868-1938), de Matão; ambos conversaram sobre a divulgação do Espiritismo pelo rádio, na casa do amigo comum João Batista Pereira, na rua Júpiter, bairro da Aclimação em São Paulo. Foi a única vez que estiveram pessoalmente juntos. Nessa semana, esteve também, muitas vezes, com Canuto Abreu, que em 1935 havia fundado, com o advogado João Batista, o médico Augusto Militão Pacheco, Pedro Lameira de Andrade e outros, a Sociedade Metapsíquica de São Paulo, entidade que promoveu a vinda a São Paulo do médium mineiro. Nessa ocasião, Chico fez uma famosa psicografia invertida em inglês (colocada junto a um espelho para se ler), por Emmanuel, num papel timbrado da Sociedade, assinado e datado por pessoas presentes naquele instante.



Visita de Canuto Abreu e sua esposa a Chico Xavier em Pedro Leopoldo (outubro de 1954)

## Continua a carta íntima de Canuto ao Chico:

Como sabe, uma das qualidades mais estimadas no médium – e que o amigo a possui – é a simplicidade. Oxalá jamais a perca, meu amigo, no convívio conosco, que somos cheios de defeitos. Três são os grandes inimigos da simplicidade: a soberba, o egoísmo e a cobiça. Seu guia Emanuel [Emmanuel] teria muitas vezes falado desses escolhos. Mas sempre é bom que a gente que o estima e o quer ver triunfante recorde de vez em quando a lição. Falo por longa experiência no mediunismo. Tenho visto a exaltação, a glorificação, o declínio, a queda, o aniquilamento de muitos médiuns, que esqueceram, na hora da prova, a lição do guia. O amigo continua descrevendo ao jovem médium iniciante os escolhos do caminho daquele que decide servir como instrumento do além. Jamais usufruir de qualquer recurso financeiro, mesmo mínimo ou indireto, dessa atividade; essa é a recomendação fundamental, desde Kardec. Nos detalhes é que permeia o maior perigo: “Basta querer parecer, como médium, mais beneficiado que os outros. Basta dispensar favores da mediunidade a uns, negando-os a outros. Cobiça é ostentar, negá-la aos humildes. Cobiça é dispensá-la aos graduados preterindo-a aos pequeninos. Egoísmo é dizer: agora não posso, estou cansado, preciso almoçar, estou triste, estou em más condições de receptividade. Egoísmo é dizer aos necessitados de esperança: só dou consultas em tal parte, com tal círculo, em tais condições. Se quiser, me procure mais tarde. Egoísmo é temer parecer ridículo diante dos incrédulos. Egoísmo é recear uma crítica desagradável. Ora, de tudo isso o amigo se livrará se continuar a viver na simplicidade, em que eu o vi entre nós. Não saia dela jamais, por Deus!”.

Começava aí uma amizade profunda, selada pela sinceridade de quem se preocupa com o futuro. E então conclui:

Peça ao Emmanuel desculpas pelo meu atrevimento de entrar na seara dele com estes avisos de irmão mais velho. É que muitas vezes ele não pode, por mais adiantado que eu, ferir o seu livre-arbítrio, ou intervir nos seus pensamentos. E eu, como espírito atrasado, posso, bastando para isso ser ousado como ora sou. Escreva-me quando puder.

## **Nossa ligação com Kardec é mais profunda do que imaginamos**

Em 1952, Canuto já dispunha de extenso relato histórico, desde o passado longínquo, percorrendo a vida de Allan Kardec na Gália, em meio aos

ancestrais e precusores conhecimentos dos druidas. Também o período de desenvolvimento da Doutrina, e o terrível plano dos inimigos invisíveis levado a efeito pelos discípulos de Roustaing na França e no Brasil. Em Pedro Leopoldo, por uma semana, Canuto e Chico Xavier entraram nas madrugadas, lendo os relatos inéditos, inteirando-se dos depoimentos, conhecendo o conteúdo dos manuscritos, dos bons e maus momentos.

Em meio às leituras de originais, lembranças do passado e reflexões doutrinárias dos dois amigos, pesquisador e médium, por volta da primeira hora do dia 21 de agosto de 1952, se deparam com a presença da espiritualidade desejando dar sua contribuição ao momento tão grandioso para a história do Espiritismo. Manifesta-se, pelo lápis de Chico Xavier, o Espírito Emmanuel, evocando a urgência no serviço de recuperação da proposta original de Kardec e dos pioneiros fiéis, sobre os quais conversavam.

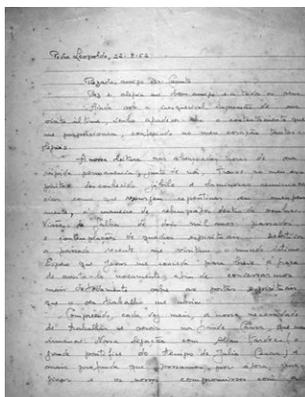
Primeiramente, Emmanuel qualifica as condições de quem vai se dedicar a essa tarefa, nos moldes da postura moral autônoma: “Compete-nos o serviço dos líderes fiéis. Nem louros nem aplausos no mundo. Nem facilidades e nem vantagens entre os homens”. Fundamental observação, nem castigo nem recompensa! A profunda mensagem da caridade desinteressada está no ápice das recomendações. Há que se considerar o interesse junto ao orgulho, como principais escolhos dos desvios sofridos pelo movimento espírita. Nessa hora última de reestabelecimento, nada disso pode existir entre aqueles que desejam estar entre os batalhadores da regeneração da humanidade.

Antes do tempo presente não havia condições para essa recuperação, observa o Espírito ao perguntar: “Como aguardar de frágeis vergôntes o labor milagroso da frutescência?”. Tudo tem seu tempo adequado, devemos esperar o amadurecimento das pessoas e condições, faz parte do exercício do Bem saber aguardar, considerar o tempo como ingrediente das

mudanças.

Podemos imaginar a profunda emoção dos amigos, décadas de luta pela Doutrina Espírita, diante da revelação seguinte de Emmanuel, considerando que sobre a mesa estavam manuscritos de Allan Kardec, peças históricas únicas, ainda inéditas para o mundo. Afirma o Espírito: “As tuas anotações quanto à história dos pioneiros do Espiritismo, não constituem obra do acaso e sim tarefa de elevado alcance moral para a Causa que pretendemos defender”. Ou seja, a Causa do Espiritismo se esclarece e completa pela obra que deveria ser edificada ao entorno das Cartas de Kardec!

Alguns, diante dos fatos novos, chegaram a pensar que tal conjunto de documentos serviria como curiosidade passageira, ou novidade literária, mas não, a descrição seguinte a qualifica em todo o seu esplendor e significância: “Não define mero arranjo literário para alimentar os caprichos de leitores famintos de novidade e emoção nem compõe simples tessitura de fios dourados da ficção objetivando efeitos especiais em nossos arraiais doutrinários”.



Carta de Chico Xavier para Canuto Abreu

<https://espirito.org.br/autonomia/psicografia-chico-xavier-a-canuto>

Qual o caráter, então de tão precioso legado? Continua Emmanuel: “É a revivescência de lembranças que os soldados e operários de nosso Movimento não podem esquecer sob as cinzas, de modo a içarem, cada vez mais alto, o estandarte luminoso da Nova Revelação, confiada aos homens para a glorificação dos nossos mais altos destinos”.

As cartas, as traduções, os artigos de Canuto, as histórias resgatadas dos pioneiros fiéis, a recuperação da moral autônoma, dos ensinamentos da psicologia espiritualista e das demais ciências filosóficas, todo esse trabalho de reestabelecimento tem uma finalidade primordial, “içar o estandarte luminoso da Nova Revelação”.

Em seguida, atentos às afirmativas que elevavam a importância do material sob a responsabilidade de ambos, apesar de tão frágeis e insignificantes que se consideravam, recebem uma recomendação que se transfere, atualmente, a todos os espíritas conscientes do material que nos foi confiado, e apenas iniciamos o entendimento:

Imprescindível te mostres digno de tão sagrado depósito, espalhando-lhe as cintilações com todos os trabalhadores da Doutrina de Amor e Luz que há quase um século vem despertando a consciência da Humanidade para a nova era de trabalho e progresso que as trevas debalde procuram rejeitar.

Cabe a todos nós espalhar a luz da verdade que liberta, do entendimento que esclarece a vida e a eternidade. Não é só Espiritismo, é a verdadeira mensagem de Jesus recuperada. Mas o mundo velho ainda, apesar de agonizante, tenta afastar os indivíduos do conhecimento de seu sublime destino. Então, o Espírito considera, gravemente: “Árduo é o conflito entre o esplendor da Verdade e a sombra cristalizada e fria da Ignorância; todavia na plantação da Liberdade pela obediência à Lei e do Direito pelo Dever, a nossa conduta não pode sofrer qualquer tergiversação”. Não cabe meio termo. Não há instrução para os sábios e falsos ensinamentos para os simples. Cabe a esta hora levar a autonomia para todos, indistintamente. Cada um deve assumir as escolhas de seu caminho, trilhado no terreno da

liberdade.

Da Europa, nos chegam eivos aterrorizantes do materialismo ultrajante. De nosso mundo velho, sobrevivem carcaças desvalidas do passado de privilégios de uns e trabalho massacrante de multidões, incluindo os irmãos do continente africano. Toda essa cangalha merece mergulhar no solo, sobreposta pela terra, tornando-se escombros de um mundo que se vai, do qual restará apenas lembrança. Por isso, assumindo a tarefa de recuperar o Espiritismo como proposta de autonomia, implantando a cooperação, solidariedade e caridade desinteressada, nossa nação, abraçando os lidadores da fraternidade do mundo, tem sim, uma missão:

Ultrajado e esquecido, vilipendiado e espezinhado em muitos setores de nossa cultura de eminências e abismos, encontra no território abençoado do Brasil, novo ninho de segurança e expansão, atendendo aos ascendentes místicos que situaram entre nós o novo Lar do Evangelho Renascente.

Longe de dogmas e desvios que tornaram a mensagem libertadora original de Jesus um monturo sem frutos, a recuperação do Espiritismo original, pode-se afirmar sem dúvida, recobra a verdadeira base do movimento cristão. Nesse sentido, enquanto corriam as lágrimas de esperança, fé e alegria nos rostos dos jovens Canuto e Chico, com as testemunhas da pequena casa de Pedro Leopoldo, naquela mesa onde páginas consoladoras foram recebidas no silêncio das lamparinas, Emmanuel conclui, deixando a missão do reestabelecimento profundamente qualificada: “... que o Espiritismo, desde a primeira hora da codificação kardequiana é o Cristianismo redivivo em movimento. Consagrados, pois à tarefa que nos compete desempenhar com o Senhor, avancemos sempre”. Avancemos! A obra não está completa. Apenas começa. A tarefa está chamando a todos. Sejam escolhidos aqueles que se oferecerem sem nada ouvir de fora. O chamado é do coração, o alistamento é voluntário. Sem aplausos, não esqueçamos.

Numa página amarelecida de papel pautado, com uma letrinha miúda mas

regular, escrita comum a lápis afiado, Chico grafou: “Pedro Leopoldo, 22-8-52. Prezado amigo Dr. Canuto”. E noticiou o médium ao amigo: “A nossa leitura nas abençoadas horas de sua rápida permanência, junto de nós, trouxe ao meu espírito desconhecido júbilo e luminosas reminiscências como que ressurgem repentinas em meu pensamento, à maneira de relâmpagos dentro da sombra. Visões da Gália de dois mil anos passados e contemplações de quadros espirituais relativos a passado recente me visitam o mundo íntimo”.



Amélie Gabrielle Boudet

Continua Chico, então, rogando: “Espero que Jesus me conceda para breve a graça de visitá-lo novamente, a fim de conversarmos mais detidamente sobre as portas espirituais que o seu trabalho me abriu. Compreendo, cada vez mais, a nossa necessidade de trabalhar e servir na Grande Causa, que nos irmana. Nossa ligação com Allan Kardec (o grande pontífice do tempo de Júlio César) é mais profunda que possamos, por agora, imaginar, e os nossos compromissos com a doutrina da Reencarnação e da Fraternidade, à luz do Evangelho, são desafios que os séculos nos lançam à alma, concitando-nos às mais amplas tarefas em nosso campo de redenção. Espiritismo, em nossa vida e em nossos destinos, é uma bandeira de luz, a cuja convocação não poderemos fugir”.

E continua descrevendo a tradição espírita que estavam assumindo: “Que o Senhor nos dê forças para a batalha, porque não creio possa existir para nós a bênção da paz enquanto não oferecemos o nosso testemunho de aplicação com a Luz Divina, para nos reunirmos em definitivo, à corrente

sagrada dos velhos lutadores que serviram à verdade com sangue e lágrimas dos próprios corações”. Lutadores da Causa foram Amélie, Froppo, família Delanne, Léon Denis, Sausse, casal Rosen, entre tantos que lutaram bravamente para defender a Doutrina liberal de Allan Kardec. Um retorno às origens.

Chico, em seguida, aborda os apontamentos históricos de Canuto que tão profunda impressão causaram em sua atmosfera psíquica. O médium compartilhava as confidências do amigo, e sabia da importância das inquietantes denúncias e resgates dos pioneiros, aguardando a hora da revelação: “as suas páginas estão impressas em mim e aguardando-as ansiosamente no livro que nos promete, peço a Jesus para que as suas energias sejam multiplicadas no bom combate. Quando lhe for possível, ajude a nossa comunidade a obter os informes precisos acerca dos pioneiros de nossa Redentora Doutrina nas claridades da sua primeira hora. Seu espírito missionário prestará assinalados serviços ao presente e ao futuro de nosso movimento. Esperarei a alegria de suas notícias quanto à marcha do serviço inicial pró-publicação. Muito espera a nossa Causa de sua abençoada contribuição”. E então concluiu a carta, demonstrando o cuidado e o respeito que havia entre os dois amigos, confidentes e guardiões de tantas informações fundamentais da Doutrina Espírita: “E enviando-lhe o meu profundo reconhecimento, com as minhas lágrimas de emoção e júbilo pela felicidade que me trouxe com as suas páginas iluminadas de Verdade e de amor, aguarda suas notícias e abraça-o, com muito carinho e saudade, o seu menor irmão e servidor muito reconhecido, Chico”.

A resposta de Canuto Abreu seguiu para Pedro Leopoldo dias depois, em 1º de setembro de 1952: “Prezado amigo Chico: Sensibilizou-me sua carta de 22 de agosto último. Era eu certamente quem devia primeiro escrever-lhe para registrar com preto no branco o que de gratidão lhe devo. No entanto, como prova de sua imensurável tolerância, a missiva de afeto veio de cima,

do chefe para o servo, conforme preceitua o Instrutor”.

O pesquisador refere-se aos dias que passaram ambos em Pedro Leopoldo, estudando os depoimentos e as notícias dos pioneiros do Espiritismo: “Marcam profundamente o meu caminho de romeiro da Verdade as horas de entretenimento que tivemos nesse recanto de *menagem*<sup>16</sup> para seu Espírito cativo. Entrar nessa estreita prisão onde você resgata em trabalhos forçados as horas de ócios espirituais de outrora é sempre uma graça para os que arrastam, como eu, as guilhetas<sup>17</sup> em outros campos de expiação”.

Quanto aos fenômenos de percepção do passado no médium, quando das leituras referentes à Gália, comenta o amigo pesquisador em suas palavras poéticas: “Felicito-me de haver despertado em seu longínquo passado os compromissos em priscas eras com a ordem do Carvalho, a ordem do Pinheiro: dentro da floresta escura, a luz avermelhada dos archotes selvagens a rubinizar as frondes sob as quais passamos as primeiras provas do Druidismo, hoje redivivo no Espiritismo. Filiado à Ordem da Cruz pelos mais nobres compromissos”. Allan Kardec foi um pseudônimo escolhido como referência aos tempos dos gauleses, onde viveram muitos dos Espíritos compromissados com a Verdade: “É ainda o Druidismo praticado pelos nossos ancestrais, os gauleses, que mais se aproxima de nossa filosofia atual” (KARDEC, [RE] 1869, p. 114). Depois eles participaram do cristianismo, antes de revivê-los na Doutrina dos Espíritos, nos tempos modernos<sup>18</sup>. No acervo de Canuto, há muitos escritos, artigos inéditos sobre os costumes, ideias e memórias do druidismo. Além de uma valiosa biblioteca rara sobre cristianismo.

Por fim, Canuto Abreu se refere a documentos e artigos, à história do Espiritismo tão bem acolhida por Chico Xavier: “Haveremos, se Deus o permitir, de trocar mais impressões a respeito. Infelizmente não me será possível dar de logo ao público ‘tudo quanto me foi inspirado. Sei de nossa

necessidade de *reavivar* o valor dos trabalhos de Allan Kardec, cada vez mais esquecidos das gerações que se seguiram à dele. Você já tem feito muito, já tem trabalhado por todos os compromissados do Brasil, puxando quase sozinho o carro de nosso progresso espiritual. Nada, absolutamente nada eu ainda fiz”.

Vale aqui destacar a expressão utilizada por Canuto nessa missiva a Chico Xavier quanto aos trabalhos de Kardec: “*Sei de nossa necessidade de reavivar seus valores, cada vez mais esquecidos*”.

Em 1952, Canuto e Chico Xavier compartilharam confidências, documentos, relatos dos pioneiros. Receberam as recomendações de Emmanuel e o anúncio da importância do acervo de Kardec para o reestabelecimento do Espiritismo. Ambos sabiam dos desvios causados por Leymarie, chamado *ovelha negra* por Canuto. E também da *seita beata* contaminada pelo roustainguismo infiltrada no meio espírita brasileiro pela diretoria da FEB. Para amigos íntimos e familiares, Chico comentava sobre os equívocos responsáveis pelo esquecimento da Doutrina original. Conhecendo a história verdadeira, chamava Leymarie de *coveiro do Espiritismo*. Mas não havia chegado a hora de divulgar tão grave denúncia, para que pudesse ocorrer a necessária recuperação dos valores perdidos.

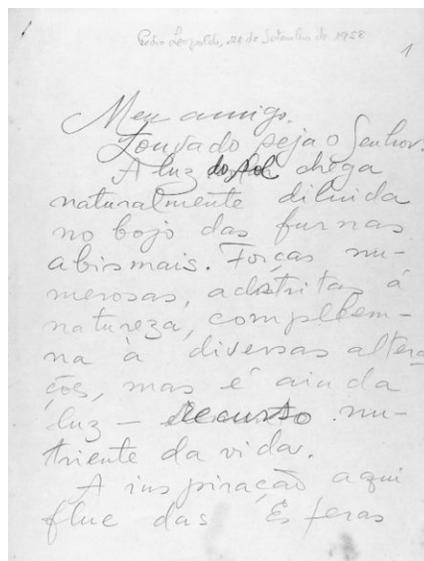
Mas quando seria a hora certa para levar ao público as fundamentadas revelações? Canuto encerra a carta fazendo um pedido ao médium: “A esse caro chefe, El-Immanu<sup>19</sup>, queira você apresentar meus sinceros afetos e a súplica de ajudar-me com seus conselhos na hora de turvação”.

Depois de alguns anos de cartas trocadas, um novo evento trouxe uma reviravolta ao correr dos fatos.

## **A mensagem de Emmanuel, por Chico Xavier**

Em 20 de setembro de 1958, Canuto procurou seu amigo Chico Xavier em Pedro Leopoldo, para quem já havia confidenciado todas as terríveis

histórias sobre o desvio da obra de Allan Kardec após 1869, apesar do esforço da viúva e dos pioneiros para resgatá-la. Depois de horas de conversa na madrugada, Chico, depois de se preparar psiquicamente, psicografou uma mensagem de Emmanuel, que orientava: “Lembremo-nos que, logo depois da partida do Codificador Allan Kardec, envolveu-se o mundo em sombras densas. Desde 1870, a humanidade quase não conheceu, na governança política dos povos, senão a guerra por estado natural”. E então o Espírito explicou: “Não admita, pois, meu amigo, que as colunas históricas dos alicerces espíritas tenham vindo parar em suas mãos sem a sanção dos Excelsos Desígnios”.



1  
Espírito Emmanuel, 21 de Setembro de 1958 1

Meu amigo.  
Louzado seja o Senhor!  
A luz do Sol chega  
naturalmente diluída  
no bojo das furnas  
abismais. Forças nu-  
merosas, adstritas à  
natureza, compõem-  
na à diversas altera-  
ções, mas é ainda  
luz - elemento nutri-  
tivo da vida.  
A inspiração aqui  
flue das Esferas

Trecho da mensagem de 16 páginas do Espírito  
Emmanuel psicografada por Chico Xavier, destinada a

Canuto Abreu

[https://espírito.org.br/autonomia/psicografia-  
emmanuel/](https://espírito.org.br/autonomia/psicografia-emmanuel/)

Diante dessas palavras, Canuto comentou: “O guia espiritual consultado refere-se aos manuscritos históricos de Allan Kardec, em meu poder. Sou dos que admitem sinceramente a impossibilidade do acaso em certos eventos de repercussão geral. A história constitui-se de fatos que são efeitos inteligentes. Tem, portanto, causas inteligentes. Os documentos em meu arquivo foram escritos pelo punho de um missionário invulgar, incumbido de lançar os primeiros tijolos da Revelação Espírita. Não foram destruídos por ele; ao contrário, guardados para servir de base à história do Espiritismo. Escaparam às destruições tendenciosas dos inimigos conscientes e inconscientes da Doutrina Espírita. Atravessaram crises e sucessões. Os invasores alemães procuraram em todos os arquivos espíritas os vestígios do Missionário para destruir como um comando sanitário invade os pontos onde supõe estarem os focos de insalubridade pública. Os papéis estavam, porém, guardados num lugar imperceptível de qualquer suspeita, sob o zelo de um homem que talvez não tivesse, pelo seu encargo, a consciência exata do tesouro que guardava. Acham-se agora comigo, em sua maior reserva, desde alguns anos. Porém, sabem de seu valor intrínseco. Mas, aproximando-se o fim de meus dias terrenos, recorri a duas fontes conselheiras, uma das quais em Pedro Leopoldo, Minas”.

de consagração ao  
arquivo e anotações  
quinzenais não repre-  
sentam demasiada exi-  
gência para a sua saúde  
física e psíquica.  
Quanto à solidão e  
à incompreensão, recorde-se  
a tempestade. Quando a  
procela risca o firmamen-  
to, raras vezes meditam  
os amantes. É preciso  
compreender e atender  
sem e passar. Não há  
faltar a possibilidade.  
Reajuste-se e trabalhe-  
mos. Quando o trabalho acan-  
sar, voltaremos a novo  
ten-tamento. Que o Senhor  
nos abençoe. Emmanuel

Continua Emmanuel em sua recomendação: “Vinculado ao Apóstolo da Codificação, conserve amorosamente o Legado, com preocupação de preservá-lo e distribuí-lo, defendendo-lhe a integridade e dosando-lhe a administração ao espírito popular, à feição de um membro da família humana, responsável por sagrado depósito dos ancestrais, com o dever de transmiti-lo, com carinho aos descendentes”.

E Canuto ponderou, diante dessas palavras: “Sim, sem qualquer vaidade, e conhecendo minha posição inferior de servo dos grandes servidores da Revelação Espírita, estou vinculado ao Apóstolo da Codificação, vínculo frágil, é certo, pois é o de um contrato de serviço, perfeitamente rescindível e de curto prazo. Recebi um mandato. Aliás, ignoro o porquê de tanta coisa que me coube nesta vida obscura, malgrado minha timidez e aversão pelas responsabilidades”.

“Não estamos”, prossegue Emmanuel, “credenciados a indicar-lhe, por enquanto, outros abrigos para a sua sublime herança, que não seja o seu coração de discípulo fiel, porque o Mundo ainda conhecerá vasto incêndio

de paixão e de fervor, necessários à purificação dos nossos caminhos. A hora ainda é de aflitiva Tormenta, e, quando a tempestade desarticula os horizontes, a nossa vigilância no leme deve aguardar as determinações do Comando Divino que opera nos recessos da natureza.”

E Canuto confia, em suas cogitações: “Meu coração, aí, é meu sentimento de responsabilidade de fiel discípulo de Kardec. Emmanuel apela para esse fiel coração, por enquanto, ainda bem que se trata de um abrigo provisório, dada a curta passada que me resta para o túmulo. Admito que o mundo deverá queimar seus ideais egoísticos, antes de entrar no caminho nosso que o Espiritismo vem rasgando na selva a que se refere Dante. Partirei antes. Como entender o dever de guardar a ‘sublime herança’ em minha fidelidade de discípulo, senão por enquanto, como adverte o Guia?”.

O pesquisador já imaginava que a divulgação só ocorreria depois de sua morte, pois partiria antes.

E, então, Canuto recebe das mãos de Chico Xavier o seguinte conselho de Emmanuel: “Assim sendo, somos de parecer que imponha a si mesmo, com a proteção do Senhor, a disciplina necessária, oferecendo, se possível, duas horas por dia ao trabalho de tradução paciente e cópia leal dos documentos, a partir por ordem cronológica de sua produção – por ano de serviço –, organizando as atividades preciosas com a cooperação profissional de alguém que não possa lanhar os escritos em vibrações de sensacionalismo e cupidez, a fim de que o futuro encontre o documentário habilitado a produzir seus frutos, incluindo não apenas o trabalho apostólico de Allan Kardec, mas também o esforço dos pioneiros”.

Centenas de manuscritos, alguns com letras pequenas, difíceis de ler a olho nu, receberam a dedicação diária de Canuto Abreu por décadas. Mas não era só esse o seu mandato diante da Doutrina. Continua o Espírito:

“Quinzenalmente, se possível, receberá auxílio para escrever suas próprias

impressões, em forma de notas, apontamentos, observações ou crônicas do movimento espírita em seus primórdios, que publicará ou não, mas que se articularão por tijolos de luz, endereçados às edificações do Porvir”.

E Canuto completa com seus pensamentos, afirmando: “A inspiração é dote de todo homem chamado ao serviço da verdade. As minhas impressões, subordinadas à inspiração, equivalerão a simples comunicação mediúmica do tipo consciente. Provavelmente a crônica daí resultante será mais documentada do que aquela que escrevi em 1922”.

Realmente, as centenas de caixas que chegaram ao CDOR-FEAL, as dezenas de milhares de documentos manuscritos e datilografados por Canuto, testemunham o quanto o fiel pesquisador serviu à Causa da Doutrina Espírita, elaborando a maior e mais bem documentada história do Espiritismo, tratando do antes, durante e depois das atividades de Allan Kardec. Um patrimônio de valor inestimável que só agora começa a vir a público, permitindo que sua missão enfim se cumpra.

Por fim, prevendo as dificuldades que seriam enfrentadas pelo pesquisador espírita na execução de tão grande missão sem poder ser auxiliado por ninguém, trabalhando incansavelmente sozinho e sabendo que em vida nada poderia se tornar público, deveria agir com o mais absoluto desprendimento do resultado de suas valiosas pesquisas e dos documentos raros, Emmanuel recomenda: “Quanto à solidão e à incompreensão, recordemos a tempestade. Quando a procela risca o firmamento, raros homens meditam no amanhã. É preciso compreender”, conclui o Espírito, “e atender, servir e passar”.

Resoluto, Canuto aponta sua última consideração: “Sim, felizmente, compreendo. Venho esperando, desejo servir e passar. O trabalho só começou hoje. Aqui ficam as primeiras linhas. Possa eu merecer a paz, saúde e alegria, indispensável para me tornar verdadeiramente útil nesse modestíssimo empreendimento!”.

Entre os guardados de Canuto Abreu presentes em seu acervo, nos deparamos com diversas trocas de cartas entre ele e Chico Xavier, demonstrando respeito, amizade e confiança mútuos.

Numa cópia de missiva enviada por Canuto ao médium, de São Paulo, no dia 7 de outubro de 1958, em meio aos avisos e relatos, uma importante resolução é comunicada:

Não devo roubar-lhe tempo, eis que é o único e mais estimável patrimônio do amigo. Dir-lhe-ei apenas que tomei na melhor conta o conselho relativo ao destino, ou melhor, destinação para o arquivo confiado a mim. Desde os quinze anos eu me consagro ao Espiritismo, ao qual dou as melhores horas de minha vida. Há, portanto, meio século. E que fiz eu, até hoje, de útil a meu semelhante? Para não exagerar, apenas o óbolo do homem que passa pela multidão. Todos os projetos jazem em seus túmulos, pelas minhas gavetas de papéis velhos, amarelecidos pelo tempo. *Às vezes, impotente para aproveitar as ideias postas nas folhas envelhecidas, tenho saudades do Futuro...*

O futuro é agora. O acervo vai se tornar público. Momento tão aguardado por Canuto e Chico Xavier, para reavivar os trabalhos da Doutrina. Hora esperada por Allan Kardec, quando os comentadores poderão estabelecer a história do Espiritismo não por lendas falsas, mas julgando “os homens e as coisas sobre peças autênticas”, em suas palavras.

Numa caixa pessoal de Canuto Abreu, dentro de uma pasta de papel pardo, encontramos preciosidades selecionadas, como uma fotografia autografada para ele por Léon Denis, uma carta manuscrita de Camille Flammarion, outra de Gabriel Delanne, notas pessoais de próprio punho de Allan Kardec e, por fim, uma psicografia à caneta, sem referência do médium:

Meu querido amigo.

Você é como Francisco que pediu ao Pai para amar mais do que fosse amado; para dar mais do que recebesse, para consolar mais do que fosse consolado.

A luz realmente não é para ser colocada sob o alqueire, mas sim no alto das casas ou dos montes para servir de guia aos caminhantes.



Cartão fotográfico com dedicatória de Léon Denis a Canuto Abreu

<https://espirito.org.br/autonomia/imagem-leon-denis/>

Os essênios guardavam em cavernas seguras os pergaminhos que ensinavam aos que viessem depois deles as verdades que lhes haviam sido confiadas e que ainda não estava na hora de ser divulgadas.

Moisés em sua jornada pela Terra banhou sua alma nestas verdades que seus guardiões lhes puseram em mãos no momento oportuno.

Jesus também.

Que todos os guardiões do presente possam também guardar em lugar seguro o tesouro que lhes foi entregue.

Para isto, é necessário orar e vigiar.

Se orar somente e não vigiar ao mesmo tempo, e fiado na oração adormecer no seu posto, os ladrões poderão chegar e levar o tesouro.

E o clamor da multidão que reclama a posse do tesouro com seu legítimo dono é enlouquecedor.

Vigiai o tesouro que o Pai lhe entregou para que no momento oportuno ele seja entregue ao seu legítimo dono.

Unidos em Deus caminhamos como irmãos continuando nossa jornada, buscando calor no seu coração quando sentimos o frio do sofrimento de nossos irmãos e levando meu amigo, a seu coração fatigado pela larga e árdua caminhada neste abençoado corpo, o nosso calor fraterno em nosso Senhor Jesus Cristo.

O velho Bezerra. 14 de novembro de 1968.<sup>20</sup>

As páginas amareladas dessa mensagem profetizaram que não caberia a Canuto Abreu tornar seu acervo público ainda em vida. Agora, finalmente,

escapou esse tesouro de ser levado por “ladrões”, como diz Bezerra Espírito, e está agora entregue ao seu legítimo dono, que é a humanidade. Pois o legado de Allan Kardec é um patrimônio da humanidade, luz do futuro iluminando o caminho para sempre.

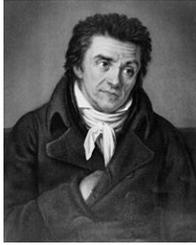
E, olhando para a data na psicografia de Bezerra de Menezes, nos demos conta de que foi encontrada justamente no dia 14 de novembro de 2018. Exatos cinquenta anos depois.

## **Os períodos do Espiritismo**

Os fenômenos espíritas surgiram primeiramente na América, onde se ampliaram as experiências materiais. Só depois o Espiritismo se desenvolveu na França. Explica Kardec:

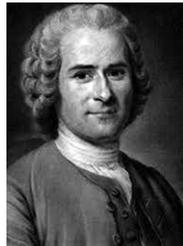
Ocorre frequentemente que uma ideia nasce num país, e se desenvolve em um outro, assim como se vê pelas ciências e pela indústria. Sob esse aspecto o gênero americano fez suas provas, e nada tem a invejar à Europa; mas, se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. (KARDEC, [RE] 1864, p. 96)

Kardec refere-se às ciências morais, expressão própria do francês, que equivalem ao que chamamos ciências humanas. Entre elas, naquela época, havia as ciências filosóficas (desenvolvidas nas universidades e ensinadas aos jovens nos liceus), disciplinas criadas a partir da psicologia experimental espiritualista. Nessa, o ser humano era considerado como uma “alma encarnada”. Ou seja, encontrava-se na Europa o ambiente absolutamente adequado para o estabelecimento do Espiritismo filosófico, que rapidamente conquistou hegemonia com sua proposta:



Johann Heirinch  
Pestalozzi

Em consequência dessa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental estava sobre seu terreno na América, ao passo que a parte teórica e filosófica achava na Europa os elementos mais propícios ao seu desenvolvimento; também foi ali que ela nasceu: em poucos anos conquistou o primeiro lugar. (*Ibidem*)



Jean-  
Jacques  
Rousseau

A história do Espiritismo inicial na França é bem conhecida. Mas Kardec, para explicar seu longo desenvolvimento, o dividiu didaticamente em seis períodos: *o período da curiosidade, o filosófico, o da luta, o religioso, o intermediário* e, por fim, *o período da renovação social*. Vamos descrevê-los, sugerindo uma interpretação de suas cronologias e características.

Numa primeira fase, as mesas girantes despertaram a curiosidade popular, portanto: *período da curiosidade*. Depois, alguns grupos de pesquisa, como o do senhor Jean-Pierre Roustan, por meio da sonâmbula e médium Ruth Celine Japhet, que desde 1849 questionavam os Espíritos, na rua Tiquetonne, 14; trabalho frequentado por eminentes personalidades que, durante cinco anos, elaboraram questões científicas, filosóficas e morais sobre as mais diversas questões que interessam à compreensão dos destinos

da humanidade. Certamente não foi uma coincidência a presença de cientistas e filósofos nesse grupo de precursores:

Nestes últimos tempos, um tão grande número de escritores e de filósofos tratou de sondar esses misteriosos arcanos, porque tantos sistemas foram criados tendo em vista resolver as inumeráveis questões permanecidas insolúveis. [...]. Se todos esses sistemas não chegaram à verdade completa, é incontestável que vários dela se aproximaram ou a roçaram, e que a discussão que dela foi a consequência preparou o caminho dispondo os Espíritos a essa espécie de estudo. Foi nessas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que chegou o Espiritismo. (KARDEC, [RE] 1863, p. 196)

Quando as ciências filosóficas se estabeleceram na Sorbonne, o livreiro Pierre-Paul Didier (1800-1865) dedicou-se a publicar o registro estenográfico das aulas dos grandes professores fundadores do Espiritualismo Racional, como Victor Cousin e Jouffroy. Ele conhecia todos eles muito bem.

Didier esteve na reunião mediúnica de Roustan e Japhet que, segundo AKSAKOF (1875, p. 74-5), contou com professores como: Saint-René Taillandier (1817-1879), historiador e homem de letras, acadêmico que participou da reformulação da educação pelo Espiritualismo Racional; Amédée Thierry (1797-1873), historiador especializado na história dos gauleses, na doutrina druídica, ancestral da Doutrina Espírita, conforme Kardec; Abel-François Villemain (1790-1870), audacioso defensor do pensamento liberal que lutou contra a censura e foi favorável à retirada do catolicismo como religião do Estado, fez parte da Academia Francesa, tendo, depois de 1844, renunciado ao cargo de ministro da Educação e se dedicado às ciências, sendo importante patrono da literatura na França. Também participou da reunião o educador e acadêmico espanhol Ramón de la Sagra<sup>21</sup> (1798-1871), liberal que lutou pelos excluídos da sociedade, visitando presídios, asilos, orfanatos por todo o mundo, defendendo a ideia de que a educação é a chave para promover a igualdade de oportunidades para todos, abrindo caminho para um mundo novo, e promovendo os ideais

de Rousseau e Pestalozzi. O mais novo dos participantes foi Victorien Sardou (1831-1908), que seria grande amigo de Rivail e atuaria como médium na Sociedade Parisiense; na época, apenas iniciava sua carreira como dramaturgo, e suas peças foram muitas vezes censuradas por suas críticas sociais e ideias políticas. Anos depois, Gabriel Delanne, fiel pioneiro da obra espírita, escreveu: “Em França, a escola eclética brilhou com vivo clarão sustentando a tese espiritualista. As vozes eloquentes de Jouffroy, Cousin, Villemain demonstraram a existência e a imaterialidade da alma, com tal evidência que lhes coube a vitória no terreno filosófico” (DELANNE, 2004).

Didier, que publicava os livros da maioria desses professores, viria a ser o editor das obras de Allan Kardec, sendo também membro fundador da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas; foi “um dos adeptos mais sinceros e devotados, editor inteligente, justo apreciador, consciencioso e prudente, quanto o era para fundar uma casa séria como a sua”. (KARDEC, [RE] 1866, p. 261)

Todos esses pensadores fizeram perguntas inteligentes, adotando a psicologia espiritualista e as ciências filosóficas como guia, e anotaram tudo cuidadosamente em cinquenta cadernos, entregues ao professor Rivail em 1854. Os acadêmicos e escritores do grupo não podiam se dispor a organizar tão complexo trabalho. Coube à dedicação e interesse de Rivail a organização dos temas, a eliminação das repetições, o preenchimento dos vazios, o aprofundamento das explicações, o questionamento das ideias. Para auxiliar nessa tarefa do diálogo com os Espíritos superiores, Rivail tinha à sua disposição as sessões da senhora Plainemaison, a esposa e as duas filhas (Julie e Caroline) da família Baudin, o senhor Rose, a psicografia experimentada da médium Celine Japhet na casa do senhor Roustan, Ermance Dufaux, senhor Croset, Aline Carlotti, entre outros, totalizando o auxílio de mais de dez médiuns para a elaboração de *O Livro dos Espíritos*, que, como se sabe, tinha 501 perguntas em sua primeira edição, quando chegou à livraria no dia 18 de abril de 1857.

## A meta é a renovação social

O Espiritismo surgia exatamente em consequência da reação espiritualista racional, como afirma Kardec: “Foi, pois, nesse momento, que veio resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritualismo o caráter positivo único que convém à nossa época” (KARDEC, [RE] 1863, p. 196). Essa abordagem metódica e científica no diálogo com os Espíritos, permitindo a elaboração de uma doutrina espiritualista e liberal baseada no ensino dos Espíritos superiores, marcou um novo ciclo para o Espiritismo, o *período filosófico*, transferindo para a França a continuidade daquele movimento anteriormente ocorrido nos Estados Unidos:

Os fatos lá primeiro despertaram a curiosidade; mas constatados os fatos e satisfeita a curiosidade, logo deixaram as experiências materiais sem resultados positivos; não ocorreu mais o mesmo desde que se desenvolveram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade; desde esse momento o Espiritismo tomou lugar entre as ciências filosóficas; caminhou a passos de gigante, apesar dos obstáculos que lhe suscitaram, porque satisfazia as aspirações das massas, porque se compreendeu prontamente que vinha preencher um vazio imenso nas crenças e resolver o que até então parecia insolúvel. (KARDEC, [RE] 1864, p. 96)

Sendo a moral dos Espíritos superiores a mesma dos espiritualistas racionais (moral autônoma, baseada no ato do dever, que é livre, consciente, voluntário), os dois movimentos se uniram na luta contra os seus maiores inimigos, a incredulidade materialista e o fanatismo dogmático.

Nos primeiros anos, ainda não lhe davam muita atenção. Mas, quando começaram a se propagar em todas as classes sociais, por todo o mundo, segundo Kardec, “os interesses na conservação das ideias antigas se alarmaram seriamente”, e, desde esse momento, “os ataques tomaram um caráter de violência estranha; a palavra de ordem foi dada; sermões coléricos, pastorais, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a

calúnia” (KARDEC, [RE] 1863, p. 250). Estava iniciado o *período da luta*.

Em dezembro de 1863, Kardec considerava o Espiritismo em pleno período da luta, pois, “vendo a inutilidade do ataque a céu aberto, vai se tentar a guerra subterrânea, que já se organiza e começa; uma calma aparente vai se fazer sentir, mas é a calma precursora da tempestade”:

Espíritas, sede-o, pois, sem inquietação, porque o resultado não é duvidoso; a luta é necessária, e o seu triunfo não será senão mais brilhante. Eu disse, e o repito: vejo o objetivo, sei quando e como será alcançado. Se vos falo com esta segurança, é que tenho para isso razões sobre as quais a prudência quer que me cale, mas as conhecereis um dia. Tudo o que posso vos dizer é que poderosos auxiliares virão, que fecharão a boca a mais de um detrator.  
(*Ibidem*)

Os novos detratores não falam mais dos púlpitos em seus sermões, nem são os materialistas tentando ridicularizá-lo perante o público. O plano dos inimigos invisíveis a partir de então é atacar o Espiritismo por dentro, por meio dos adeptos seduzidos por eles. Kardec sabia muito bem disso, avisado pelos Espíritos superiores; “a maioria das comunicações que se obtêm hoje, nos diferentes centros, tem por objeto premunir os adeptos contra as astúcias de seus adversários”, e a situação encontra-se completamente resumida na seguinte comunicação de Erasto:

Não sereis martirizados corporalmente, como nos primeiros tempos da Igreja, nem se levantarão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas vos torturarão moralmente; se vos levantarão armadilhas; se vos estenderão emboscadas tanto mais perigosas quanto nelas se empregarão mãos amigas; agirão na sombra, receberéis golpes sem saber por quem esses golpes são trazidos, e sereis atingidos em pleno peito pelas flechas envenenadas da calúnia.  
(KARDEC, [RE] 1863, p. 251)

Ou seja, foi exatamente o que ocorreu anos depois, após a morte de Kardec, quando antigos associados tomaram a Revista e a Sociedade para atacar Kardec e divulgar seitas opostas à Doutrina Espírita, como o roustainguismo e a teosofia, “mãos amigas agindo na sombra”, como profetizou Erasto, audaciosamente disparando flechas da calúnia contra o mestre, nas páginas de sua própria *Revista Espírita*! Continua Erasto, em

sua comunicação:

Nada faltará às vossas dores; suscitarão fraquezas em vossas fileiras, e supostos espíritas, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, se colocarão em sua independência exclamando: “Nós é que estamos no caminho reto!”, a fim de que vossos adversários natos possam dizer: “Vede como são unidos!”. Tentar-se-á semear o joio entre os grupos, provocando a formação de grupos dissidentes. (*Ibidem*)

Como exemplo dessa previsão aqui denunciada, ocorreu o desvio causado pela campanha de oposição feita pelo advogado Roustaing, dizendo-se “*o escolhido* a quem Allan Kardec deveria ter dado lugar, se não fosse orgulhoso”, como afirmariam os discípulos roustainguistas anos depois.

Todavia, uma questão ainda mais perigosa iria ocorrer, em virtude do interesse financeiro, o grande perigo enfrentado pelos médiuns, que, segundo o Espiritismo, devem se abster de qualquer ganho, mesmo indireto, no exercício de suas tarefas espirituais. E então Erasto alertou:

Captar-se-ão vossos médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou desviá-los de ir aos grupos sérios; se empregará a intimidação para uns, a captação para os outros; se explorarão todas as fraquezas. Depois, não esqueçais que alguns viram no Espiritismo um papel a desempenhar, e um primeiro papel, que sentem hoje mais de uma má sorte em sua ambição. Ser-lhes-ão prometidos de um lado o que não podem encontrar do outro. Depois, enfim, com o dinheiro, tão poderoso em vosso século atrasado, não se podem encontrar comparsas para desempenhar comédias indignas, a fim de lançar o descrédito e o ridículo sobre a Doutrina? (*Ibidem*)

Aqui está descrito o papel que desempenharia Leymarie, antigo médium da Sociedade Parisiense, explorando financeiramente o movimento espírita, promovendo “comédias indignas” ao atender às inspirações dos inimigos invisíveis que “exploraram todas as suas fraquezas”. O médium agiu como uma *ovelha negra*, segundo Canuto Abreu, ou como o *coveiro do Espiritismo*, segundo Chico Xavier.

Por fim, depois de tão grande desastre, é hora de resgatar as origens, cumprindo os deveres como espíritas, pois a vitória do Espiritismo ocorrerá certamente, como afirmou Erasto: “Eis as provas que vos esperam, meus

filhos, mas das quais saireis vitoriosos, se implorardes do fundo do coração o socorro do Todo-Poderoso”. Os tempos estão chegados, e tudo se restituirá em seus devidos lugares. Mas há uma condição fundamental para que isso ocorra, alerta o Espírito aos pioneiros, defensores da Causa Espírita:

Por isso, eu repito de toda a minha alma: meus filhos, cerrai vossas fileiras, permaneci sobre o que vive, porque é o vosso Gólgota que se levanta; e se, por isso, não sois crucificados em carne e osso, vo-lo sereis em vossos interesses, em vossas afeições, em vossa honra! A hora é séria e solene; para trás, pois, todas as mesquinhas discussões, todas as preocupações pueris, todas as questões ociosas, e todas as vãs pretensões de preeminência e de amor-próprio; ocupai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos e dos quais o Senhor vos pedirá conta. Uni-vos para que o inimigo encontre vossas fileiras compactas e cerradas; tendes uma palavra de união sem equívoco, pedra de toque com ajuda da qual podeis reconhecer os verdadeiros irmãos, porque esta palavra implica a abnegação e o devotamento, e resume todos os deveres do verdadeiro espírita. (KARDEC, [RE] 1863, p. 251-2)

Foi exatamente o que fizeram Amélie Boudet, Berthe Froppo, Gabriel Delanne, Léon Denis, Rosen-Dufaure, Henri Sausse, entre outros. Agora, na hora do resgate, dando continuidade ao trabalho de recuperação empreendido por Canuto Abreu, orientado pela mediunidade de Chico Xavier, será basilar a união fortemente compacta dos espíritas conscientes da verdadeira Doutrina liberal do Espiritismo, “união sem equívoco”, sem desvios de interesses da personalidade e materiais. Não importa o quanto essa tarefa possa ser considerada utópica ou sonhadora, divulgar a Doutrina Espírita não se trata simplesmente de conquistar uma meta a qualquer preço, mas de uma clareza quanto aos meios de se alcançar esse objetivo. Ao Espiritismo e aos verdadeiros espíritas, para alcançar o fim importam os meios.

Nada do que denunciou Canuto Abreu, e também as novas obras que atualmente reconstroem o caminho, estava fora do previsto pelos Espíritos superiores! Como comentou Kardec em referência às comunicações: “Assim, pois, espíritas, coragem, confiança e perseverança, porque tudo vai

bem segundo o que está previsto”.

Mas como se podem explicar os desvios causados pelos próprios participantes do movimento espírita, em luta contra a Doutrina? Eles se sustentam pela obsessão de alguns médiuns, explica Erasto na mensagem seguinte:

Há no momento atual uma recrudescência de obsessão, resultado da luta que deve, inevitavelmente, sustentar as ideias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. A obsessão, habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, é uma das provas mais perigosas que se terá que suportar antes de se assentar de maneira estável no espírito das populações. (KARDEC, [RE] 1863, p. 252-3)

A questão da obsessão dos médiuns não só continuou, mas se ampliou quando o movimento espírita se ampliou no Brasil. Vimos como Canuto Abreu aconselhou Chico Xavier como irmão mais velho, pedindo que mantivesse a simplicidade, anunciando os maiores escolhos do mediunato: soberba, egoísmo e cobiça. No decorrer das últimas décadas, centenas de livros ditados por falsos profetas inundaram as livrarias dos centros espíritas, espalhando falsidades propostas por Espíritos, alguns sábios inimigos que os dirigem para defender as ideias retrógradas do passado, outros são pseudossábios, divulgando equívocos por acharem que tudo sabem, outros são apenas ignorantes, agindo mesmo sem má-fé, ditando o que não deveria vir a público em livros pela imperfeição de suas ideias. Muitos médiuns, iludidos, não se limitando a servir aos pequenos grupos em suas reuniões, trabalho de grande importância, caem na tentação de buscar as mídias e os holofotes, agindo como anunciado há 150 anos:

De todas as partes surgem médiuns com pretensas missões, dizendo-se chamados a adotar nas mãos a bandeira do Espiritismo e a plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se viéssemos destruir, logo nós que viemos somente para edificar. Não há individualidade, por medíocre que seja, que não tenha encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhes dizer: “Tu também serás rei”. E que não se julgue designado para um apostolado todo particular. Há poucas reuniões íntimas, e mesmo grupos familiares que não tenham contado, entre seus médiuns ou seus simples crentes, uma alma bastante envaidecida de si mesma para se crer indispensável ao sucesso da grande Causa, demais presunçosa para se contentar com modesto

papel de obreiro, trazendo sua pedra ao edifício. Ah! Meus amigos, quantas pessoas discutem e nada fazem! (*Ibidem*)

Hoje absurdos são publicados, causando “decepções, dissabores, ridículo, por vezes a ruína”, o que é, em verdade, uma “justa punição do orgulho presunçoso que se crê chamado a fazer melhor que todo mundo”, mas que está somente “desdenhando os conselhos e desprezando os verdadeiros princípios do Espiritismo”, explica Erasto (*Ibidem*).

Os Espíritos condutores da Doutrina Espírita sabiam que haveria uma fase de confusão causada pela imprudência dos médiuns obsidiados e dos adeptos que os seguem. Pois os médiuns que servem aos bons Espíritos não estão livres de falsas mensagens, mas, modestos, “dão pouco valor às comunicações que recebem quando estes se afastam da verdade”. Enquanto os médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores “mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, fosse isso mesmo absurdo”. Erasto afirmou que, “segundo as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris, pelo seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira Torre de Babel está em vias de se edificar entre vós”. Uma tragédia anunciada!

Há os hipócritas encarnados e os hipócritas da erraticidade. Aos retrógrados unem-se os inimigos invisíveis, denuncia Erasto, que, estando lá, podia ver toda a trama sendo armada na espiritualidade. Aqueles claramente agindo em favor do velho mundo, lutando contra o mundo novo que deseja nascer, promovendo as ideias emancipadoras, liberais, da liberdade do pensar e crer, fundamentadas na autonomia intelecto-moral:

Aliás, seria preciso ser cego ou iludido para não reconhecer que, à cruzada dirigida *contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressiva e emancipadora*, juntando-se uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudossábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrestres por meio dessa multidão de médiuns fanatizados por eles, e aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas. (KARDEC, [RE] 1863, p. 254)

Anunciando que essa fase de deturpação que ainda vivemos terá fim,

Erasto motiva a quem defende a Causa, dizendo que a verdade será restaurada:

Espíritas sinceros, não vos amedronteis com esse caos momentâneo. Não está longe o tempo em que a verdade, desembaraçada dos véus com que a querem cobrir, sairá mais radiosa que nunca, e em que a sua claridade, inundando o mundo, fará entrar na sombra seus obscuros detratores, postos em evidência durante alguns instantes para a sua própria confusão. (*Ibidem*)

Os conselhos para atingir esse objetivo são tão claros quanto, atualmente, urgentes. Vejamos:

- Tereis de vos defender não só contra os ataques e calúnias dos vossos adversários vivos, mas, também, contra as manobras ainda mais perigosas dos adversários da erraticidade. Fortalecei-vos, pois, por santos estudos e sobretudo pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece.
- Propagar a verdade de boa-fé e desprovidos de toda ambição pessoal. Importa que os médiuns são, antes de tudo, instrumentos! O importante são os ensinamentos, a pureza da moral ensinada, a limpeza e a precisão das verdades reveladas nas mensagens.
- Verificar se as instruções correspondem às boas almas, e se elas estão em conformidade com as leis gerais da lógica e da harmonia universal.
- Cuidado com os Espíritos imperfeitos que tomam, sem escrúpulos, os nomes mais venerados. Portanto: *Não julgueis jamais uma comunicação mediúnica em razão do nome pelo qual está assinada, mas somente por seu valor intrínseco.*
- O número dos médiuns é hoje incalculável, e é deplorável ver que alguns se julgam os únicos chamados a distribuir a verdade ao mundo e se extasiam ante banalidades que consideram monumentos. Pobres iludidos, que se abaixam passando sob arcos triunfais, como

se a verdade devesse esperar sua vinda para ser anunciada!

- Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante tiveram esse privilégio exclusivo; foi por mil vozes desconhecidas que a verdade se espalhou, e é justamente por essa unanimidade que ela se fez reconhecida.
- É urgente vos colocardes em guarda contra todas as publicações de origem suspeita que apareçam, ou que vão aparecer, contra todas aquelas que não teriam o modo de proceder franco e limpo, e tende por certo que mais de uma foi elaborada nos campos inimigos do mundo visível ou do mundo invisível, tendo em vista lançar entre vós tochas de discórdia.
- A boa vontade nos basta quando ela é acompanhada do desejo de fazer o melhor. Em tudo, meus amigos, o relaxamento é pernicioso; porque será muito pedido àqueles que, depois de se terem elevado por uma renúncia generosa à sua própria individualidade, retomaram o culto da matéria, e se deixaram ainda invadir pelo egoísmo e o amor de si mesmos.
- Por fim: No entanto, oremos por aqueles que caem e não condenemos ninguém; porque devemos sempre ter presente à memória este magnífico ensino do Cristo: “Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra!”.

Esse último conselho de Erasto é fundamental. Pois, para recuperar o verdadeiro ensinamento dos bons Espíritos, nessa atividade, os fins não justificam os meios! Ou seja, não se pode condenar sob o pretexto de servir ao bem.

Não se trata de uma caça às bruxas, buscando a formação de uma falange de anjos livres de todo o mal. Pois, explica Erasto, “não é que venha vos recomendar de não abrir vossas fileiras senão aos cordeiros sem mácula e às

vitelas brancas; não, porque, mais do que todos os outros, os pecadores têm o direito de encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições”. Mas trata-se de desconfiar em meio à multidão de adeptos, os que são:

Hipócritas perigosos aos quais, à primeira vista, se é tentado a conceder toda a confiança. Com a ajuda de uma postura rígida, quando estão sob o olhar observador das multidões, conservam esse ar sério e digno que leva os outros a dizer deles: “Que pessoas respeitáveis!”, ao passo que, sob essa respeitável aparência, por vezes são dissimuladas a perfídia e a imoralidade. São sociáveis, obsequiosos, cheios de gestos e amenidades; intrometem-se nos interiores; se intrometem com prazer na vida privada; escutam atrás das portas e se fazem surdos para melhor ouvirem; pressentem as inimizades, as instigam e as entretêm; vão nos campos opostos questionando e interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é essa pessoa? Conheceis sua família? Depois os vereis ir secretamente destilar na sombra as pequenas maledicências que puderam recolher, tendo o cuidado de ainda as envenenar por piedosas calúnias. “São apenas boatos”, dizem, “nos quais não acreditamos”; mas, no entanto, acrescentam: “Não há fumaça sem fogo etc”. A esses hipócritas da encarnação reuni os hipócritas da erraticidade, e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar agir doravante com uma reserva extrema, e vos guardar de toda imprudência e de todo o entusiasmo irrefletido. (KARDEC, [RE] 1863, p. 255)

Isso ocorre quando se está num momento de crise, completa Erasto, “dificultado pela malevolência, mas do qual saireis mais fortes com firmeza e perseverança”. Os hipócritas, falsos adeptos, publicam livros por toda parte, espalham artigos difamatórios e improdutivos, fazem críticas excessivas a tudo e a todos, sobem às tribunas fazendo sermões inflamados. Tudo anunciado por Erasto em sua comunicação a Kardec. Atualmente, ainda utilizam as mídias eletrônicas, além das impressas, tomando de assalto o rádio, a TV e as redes sociais. Todos, agindo contra ou a favor, pressentem que o Espiritismo traz em si o princípio de uma renovação, que uns chamam de promessas e outros temem, afirma o bom espírito Erasto. E então pergunta retoricamente: “Mas, de tudo isto, que restará? Desta Torre de Babel que surgirá?”. E, de forma esclarecedora, conclui:

Uma coisa imensa: a vulgarização da ideia espírita, e como doutrina, o que são verdadeiramente seus princípios fundamentais! Esse conflito é inevitável, porque o homem

está manchado de muito orgulho e de egoísmo para aceitar sem oposição uma verdade nova qualquer; digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é a colisão de ideias que decompõe as ideias falsas e faz ressaltar a força daquelas que resistem. No meio dessa avalanche de mediocridades, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida desabrochará em sua grandeza e sua majestade. Erasto. (*Ibidem*)

Como afirmou, Kardec via o objetivo a ser alcançado e sabia as razões e fatos que, naquele momento, não deveria divulgar. Mas elaborou cuidadoso arquivo para que futuramente a verdadeira história pudesse ser contada, denunciando os judas e ressaltando os pioneiros leais. O período de luta ainda iria durar mais tempo, e ela “determinará uma nova fase do Espiritismo e conduzirá ao quarto período, que será o *período religioso*”.

O período de luta foi o período que continuou depois da morte de Kardec, quando os pioneiros se desdobraram para manter a Doutrina Espírita como ciência filosófica e doutrina liberal. A meu ver, enquanto isso, os inimigos invisíveis, por meio de uns poucos deturpadores, trabalharam para transformar o Espiritismo numa religião exclusivista, como denunciou Canuto Abreu, fazendo-o vivenciar o quarto período, ou *período religioso*, que perdura até hoje.

Mas Kardec anunciou ainda que “depois virá o quinto, *período intermediário*, consequência natural do precedente, e que receberá mais tarde sua denominação característica”. Mas por que seria um período intermediário? Na sequência temos a resposta, pois ele antecede ao sexto e derradeiro, o *período da renovação social*:

O sexto e último período será o da renovação social, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas queridas por Deus, para transformação da Terra, terão desaparecido; a geração que se levanta, imbuída de ideias novas, será toda a sua força, e preparará o caminho daquela que inaugurará o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença pela prática da lei evangélica. (KARDEC, [RE] 1863, p. 251)

Para Kardec, esses períodos do Espiritismo representam o cumprimento das profecias de Jesus, “porque os tempos preditos estão chegados”.

## O período do restabelecimento

Está claro que o *período religioso*, enquanto equivocado exclusivismo, não está fadado a ser a condição final, mas será superado. Erasto disse que, depois da luta, os espíritas sinceros não devem temer “esse caos momentâneo”, pois ele vai acabar. Atualmente, a verdadeira Doutrina, deturpada pelo desvio que sofreu, está encoberta. Mas, continua o espírito, “não está longe o tempo em que a verdade, desembaraçada dos véus com que a querem cobrir, sairá mais radiosa que nunca”. Essa fase, quando os documentos, os arquivos do Espiritismo, os depoimentos dos pioneiros, as obras raras encontradas, os manuscritos inéditos, as provas das adulterações, quando cairão os véus colocados pelos inimigos invisíveis, é o *período intermediário*, que podemos denominar *período do restabelecimento*.

Quando a verdade for restaurada, explica Erasto, “a sua claridade, inundando o mundo, fará entrar na sombra seus obscuros detratores, postos em evidência durante alguns instantes para a sua própria confusão”. Por isso, a recuperação da verdadeira história do Espiritismo também tem como seu objetivo denunciar os detratores que usurparam, durante algum tempo, o lugar que pertence aos verdadeiros pioneiros, defensores fiéis da Causa.

Mas qual a função primordial desse *período do restabelecimento*? Cabe a ele, como explicou Erasto, “uma coisa imensa: a ampla divulgação da ideia espírita, e como doutrina, o que são verdadeiramente seus princípios fundamentais!”. Ou seja, recuperar o Espiritismo como estava estabelecido durante o *período filosófico*, até o momento fatídico daquele 31 de março de 1869, quando o corpo de Allan Kardec caiu sobre os dossiês de seu arquivo do Espiritismo. Naquela época primeira, repetimos, o Espiritismo já se havia constituído quando “se desenvolveram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade”. Foi quando a Doutrina Espírita demonstrou ser um desenvolvimento do Espiritualismo Racional,

pois, “desde esse momento, o Espiritismo tomou lugar entre as ciências filosóficas”.

Iluminado pela psicologia experimental espiritualista, que é a base dessas ciências, foi o período durante o qual o Espiritismo “caminhou a passos de gigante, apesar dos obstáculos que lhe suscitaram”, afirmou Kardec. Os espíritas daquele tempo, em sua maioria, faziam parte da reação espiritualista, tinham estudado o Espiritualismo Racional em sua educação escolar na infância e na juventude. Segundo o professor, naquele cenário cultural, a Doutrina “satisfazia as aspirações das massas, porque se compreendeu prontamente que vinha preencher um vazio imenso nas crenças, e resolver o que até então parecia insolúvel”. Ou seja, ela veio para preencher o vazio das crenças, mas jamais para se tornar mais uma delas; caso contrário, rebaixando-se a mais um exclusivismo, fadaria a se extinguir.

Mas os tempos estão chegados! E a verdade vai prevalecer.

Neste livro, para ajudar o leitor a estudar as obras de Allan Kardec (fonte primordial e perene da Doutrina Espírita como concebida pelos Espíritos superiores, encabeçados pelo Espírito da Verdade), vamos apresentar o cenário cultural de quando elas foram elaboradas, pois, enfatizamos, este foi muito diferente do panorama no qual estamos hoje mergulhados.

No Livro Segundo desta obra, “O restabelecimento”, vamos recuperar o surgimento da *psicologia experimental espiritualista*, que abriu caminho na academia francesa para o estabelecimento do Espiritualismo Racional. Na Universidade Sorbonne, após 1830, se estabeleceu como filosofia hegemônica das ciências morais. Ciências de que vamos explorar seu estabelecimento, a estrutura e o conteúdo das disciplinas. Vamos conhecer a moral autônoma, e como ela surgiu como alternativa ao dogmatismo místico de um lado, e à crença na descrença materialista, de outro.

No Livro Terceiro, “O desvio”, oferecemos a história de como o

Espiritismo foi encoberto pelos véus da ignorância, sob o comando dos hipócritas da erraticidade, os verdadeiros inimigos invisíveis do Espiritismo. Mas eles nada poderiam fazer sem a cumplicidade dos hipócritas deste mundo, alguns guiados pela má-fé, sedentos pela manutenção de seus privilégios. Outros, pela crença em suas ideias carcomidas do velho mundo, pregadores do pecado, do castigo, da queda divina, da ira de Deus castigando alguns e perdoando outros, ao seu bel-prazer. Esses dogmas falsos serão devidamente sepultados pelos conceitos libertadores da Doutrina liberal espírita.

Por fim, em uma crônica do futuro, ofereceremos no Livro Quarto, um breve poema de esperança, “A renovação social”. Será o período final do Espiritismo, que está destinado a abrigar as almas regeneradas, pois a destruição que vemos “constitui um sinal característico dos tempos, porque essas causas aceleram o surgimento dos novos germes”. E então Kardec define que as causas da destruição “são as folhas que caem no outono, e isso será substituído por outras folhas cheias de vida, porque a humanidade tem suas estações, assim como os indivíduos têm suas diferentes idades” (KARDEC, [1868] 2018, p. 412).

Parafraseando Kardec, podemos imaginar que as folhas mortas da humanidade caem impulsionadas pelas rajadas e sopros do vento, mas para renascer mais vigorosamente, pelo mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas purifica. Pois, se para os materialistas os flagelos mortais são calamidades injustas, aniquilando para sempre seus entes queridos, para o verdadeiro espírita destroem apenas os corpos, instrumentos da alma livre.

O Espiritismo atende, principalmente, a quem, por ter um pensamento racional incompatível com o misticismo, deseja compreender as leis da espiritualidade pelo uso da razão. Também àqueles que, educados pelo catecismo nas igrejas em sua formação primeira, estão desiludidos pelos dogmas, aceitos pela fé cega, que exigem submissão. A Doutrina Espírita é

uma teoria organizada por conceitos fundamentais que formam uma estrutura lógica irrepreensível, explicando os fenômenos da vida moral por meio de leis naturais. Quem a estuda profundamente, e compreende sua mensagem original, encontra forças nos momentos difíceis, coragem para enfrentar seus próprios infortúnios, tem esperança no futuro e ganha a certeza de um mundo melhor, onde encontrará o seu lugar.

O Espiritismo é uma resposta lúcida a um tempo de incredulidade e de desprezo em relação ao Espiritualismo. Não é possível estudar essa ciência filosófica a distância, pois ela trata de nós mesmos, mexe com os valores íntimos, a própria razão da existência.

Por outro lado, não se trata de uma salvação exclusivista nem contemplativa. Deus não barganha sua submissão em troca de prazeres, nem castiga para revelar sua ira; esse deus foi criado pelos homens e não existe. O verdadeiro é imanente à nossa realidade, e se faz representar, de um lado por leis imutáveis do mundo moral, por outro pela infinita diversidade de seres responsáveis por voluntariamente manter a harmonia do cosmos. O mundo novo é um convite para que cada um de nós participe dessa incomensurável rede do bem. Trata-se de uma revolução moral, nova fase da humanidade. Não se dará por cataclismos e catástrofes, mas por uma adesão voluntária a uma nova ordem. Ela se dará por meio de uma abordagem psicológica do agir, das relações interpessoais, de uma nova organização social, renovação de hábitos, revisão dos valores que a humanidade deve almejar.

O Espiritismo surgiu para secundar a gestação do mundo novo.

- 
1. Entre os papéis de próprio punho de Allan Kardec há um esboço autobiográfico no qual ele corrige seu primeiro nome, normalmente grafado como Hippolyte, para a verdadeira grafia Hypolite. Canuto Abreu teceu considerações num artigo, que pode ser acessado pelo endereço em <https://espirito.org.br/autonomia/allan-kardec-data-e-nome>, assim como o manuscrito de Kardec. Também o ano de seu nascimento foi corrigido nesse mesmo documento, tendo nascido em 1803 e não em 1804 como as biografias posteriores registraram equivocadamente..
  2. O *anacronismo* pode ser definido como uma incoerência temporal que consiste em estudar o discurso de um outro tempo com os olhos do presente, ignorando o contexto da época.
  3. Sobre a escola brasileira do Espiritualismo Racional ou Escola Eclética, fundada por Gonçalves de Magalhães, consulte-se o consagrado pesquisador Antonio Paim, que afirma: “(...) o fato de haver a Escola Eclética se constituído na primeira corrente filosófica brasileira tem o mérito de haver inaugurado a busca pelo verdadeiro sentido da filosofia, livrando-a tanto da religião como da política (...) uma tarefa árdua, exigente de grande devotamento e persistência”. (*Escola Eclética*. Londrina: Edições CEFIL. 1999, p. 4)
  4. A edição brasileira do *Tratado elementar de filosofia*, de Paul Janet, apareceu em 1885, e a do segundo volume, em 1886; ambas a cargo da Editora Garnier, do Rio de Janeiro. Antes disso, o livro era estudado pelos jovens no original em francês. Consta dessa edição a indicação de ser obrigatória a sua adoção nos liceus estaduais desde que isso ocorrera no Colégio Pedro II.
  5. O *concierge* faz a tarefa de porteiro do prédio, de receber os visitantes, distribuir a correspondência, cuidar das partes comuns, auxiliar em pequenas tarefas.
  6. Em verdade, sabemos por recentes pesquisas que Paul Leymarie (10/04/1867-28/12/1955) não era filho único, pois tinha uma irmã mais velha, Marie Angèle Jeanne Leymarie, nascida em 14 de julho de 1864. (Dados obtidos por Carlos Seth Bastos, <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts>.)
  7. Todas as citações estão contidas nas páginas manuscritas e datilografadas pertencentes aos arquivos pessoais de Canuto Abreu, sob a guarda do CDOR-FEAL. Depois de higienizadas, digitalizadas, transcritas e catalogadas, serão disponibilizadas, em sua totalidade, ao público.
  8. O casamento entre Paul Leymarie e Ernestine Marie Eugenie Jaunard ocorreu em 30 de agosto de 1945, Paris, quando o livreiro tinha 78 anos de idade. (Fonte: Carlos Seth Bastos, [www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/463654781064976](http://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/463654781064976)).
  9. Fonte: [www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/463654781064976](http://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/463654781064976).
  10. *Cephas*, latim, derivado do aramaico *Képhâs*, significa rocha, pedra.
  11. Essa venda foi revelada quando a pesquisadora Simoni Privato Goidanich encontrou o documento de registro dessa transação nos Arquivos Nacionais da França. Uma cópia desse documento se encontra em Goidanich, 2017, p. 237.
  12. “Estar nas sete quintas” é uma expressão de origem portuguesa, que significa “estar satisfeito e muito feliz”. Quinta é uma propriedade rural.
  13. Segundo Allan Kardec, “foi a universalidade do ensino, sancionada, além disso, pela lógica, que fez e que completará a Doutrina Espírita” (KARDEC, [RE] 1867, p. 157). O instrumento fundamental da metodologia de verificação do ensino dos Espíritos superiores pela Ciência Espírita é a universalidade do ensino. Os Espíritos superiores são capazes, por sua evolução intelecto-moral, de fazer ciência ao observar o mundo espiritual. Desde que se decidiram por ensinar esse conhecimento do mundo espiritual aos homens, optaram por fazê-lo por meio de comunicações dadas em diversas

partes do mundo aos grupos organizados para a pesquisa espírita, em comunicação com o centro de elaboração de Kardec, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Quando esses Espíritos, proficientes nas mais diversas áreas do conhecimento, desejavam apresentar um novo conceito doutrinário, manifestavam-se simultaneamente nos diversos grupos, por meio de comunicações de diversos Espíritos, que, apesar de adotarem linguagens e profundidades diferentes em suas abordagens, mantinham todos a mesma ideia de fundo. Esse processo garante a autenticidade do fenômeno, sem cair nos prejuízos incontornáveis da comunicação dada por um só médium, ou vários deles de um só centro de pesquisa, condições estas sujeitas a mistificações. Trata-se com mais detalhes da universalidade do ensino em Figueiredo, 2016.

14. Vamos analisar, no Livro Terceiro desta obra, os documentos, argumentos e detalhes que demonstram como falsas as explicações dadas à época por Leymarie para a União Espírita Francesa. Essa reviravolta ocorreu a partir da publicação da obra *El legado de Allan Kardec*, em 2017, por Simoni Privato Goidanich, seguida pela proposta de reunir e tornar público o acervo de cartas manuscritas inéditas de Kardec, muitas delas trazendo profundos esclarecimentos históricos, conceituais e factuais quanto a todas essas questões.

15. Por iniciativa do jovem Antônio Baptista Lino, de 24 anos, surgiu na rua Riachuelo em São Paulo uma editora espírita com livraria aberta ao público, publicando obras de Kardec e alguns livros de Chico Xavier.

16. Termo jurídico utilizado por Canuto Abreu, que era advogado. *Menagem* significa uma prisão apenas apalavrada, onde o indivíduo não é encarcerado, mas permanece obrigatoriamente no lugar de suas atividades. Essa palavra foi na carta utilizada, de forma figurada, para descrever as atividades espirituais diárias de Chico Xavier, em trabalho incessante pela Doutrina.

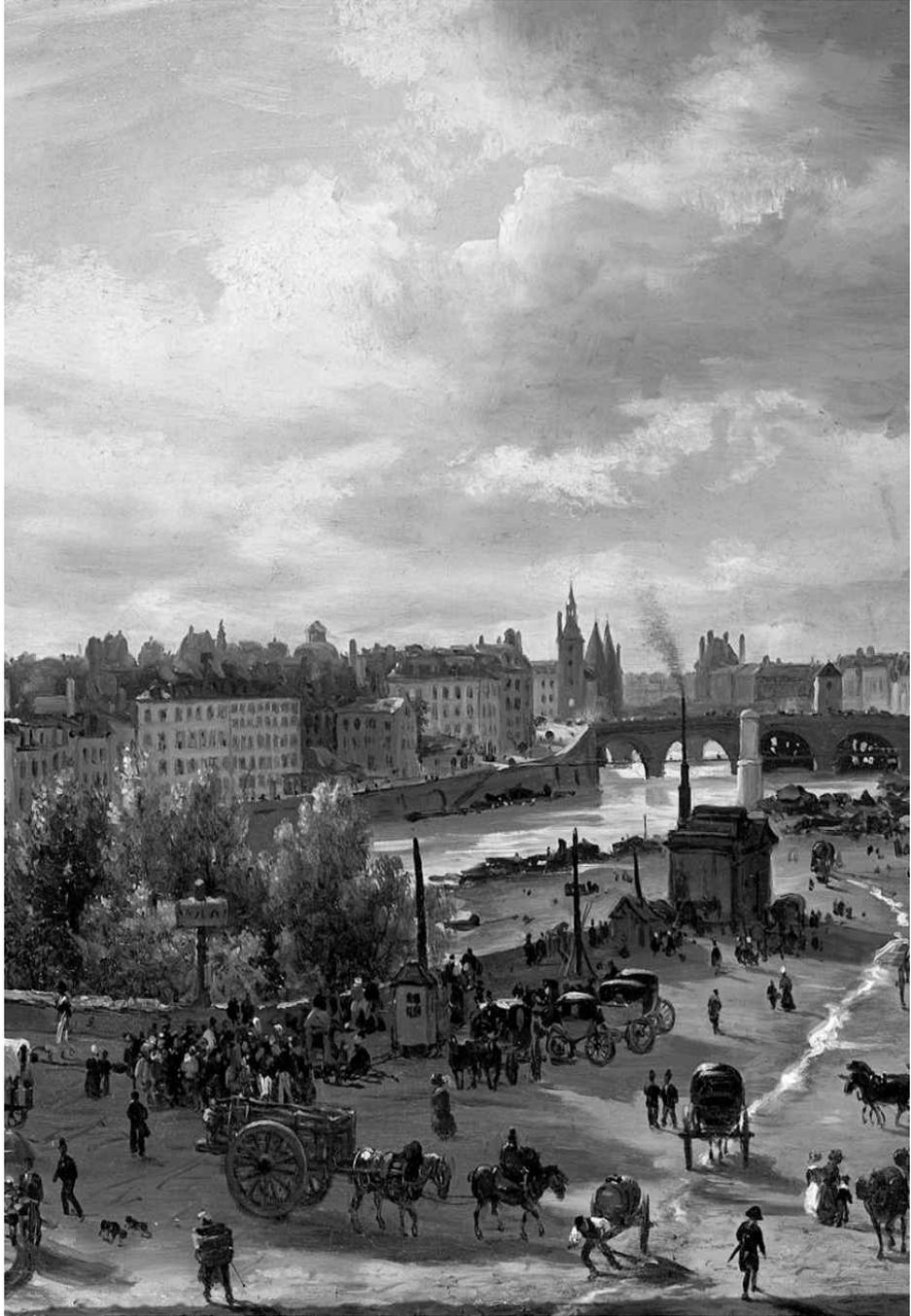
17. No século 19, os *guilhetas* eram trabalhadores forçados trazidos da prisão para calcetar as ruas de Lisboa com pedras.

18. Kardec tratou do assunto em diversos artigos: “A doutrina druídica nos oferece um curioso exemplo do que acabamos de dizer [anterioridade da Doutrina Espírita]. Essa doutrina, da qual conhecemos somente as práticas exteriores, se elevava, sob certos aspectos, até as mais sublimes verdades; mas essas verdades eram apenas para os seus iniciados: o vulgo, terrificado pelos sangrentos sacrifícios, colhia com um santo respeito o visgo sagrado do carvalho, e não via senão a fantasmagoria”. (KARDEC, [RE] 1858, p. 67)

19. Canuto faz referência à origem do nome Emmanuel, do hebraico: *El-Immanu*, ou *Immanu-el*, que significa: Deus está junto de nós.

20. <https://espírito.org.br/autonomia/psicografia-bezerra-a-canuto/>

21. Veja mais informações sobre De la Sagra e demais professores em FIGUEIREDO, 2016, p. 526-9.



Livro segundo  
O restabelecimento



## EM BUSCA DOS ARQUIVOS DO ESPIRITISMO

2018. Entramos na sala do apartamento antigo de andar térreo, assemelhando-se a uma casa, impressão causada pelo jardim e pela calçada vistos pelas grandes janelas. Fotografias da família em todo o corredor de acesso, desde os antepassados. O sentimento era o de ansiedade pelo encontro aguardado por quinze anos unido à alegria pela promissora oportunidade.



Lian de Abreu Duarte

Lian Duarte, neto do pesquisador espírita Canuto Abreu, nos recebe com largo sorriso, oferecendo uma bem-vinda xícara de café quente. A feição era a mesma de minha memória, alterada pelos cabelos brancos.

Eu o conhecera quinze anos antes, quando, junto com o pesquisador e escritor espírita Eduardo Carvalho Monteiro e o então presidente da FEB Nestor Masotti, nos encontramos na Federação Espírita do Estado de São Paulo para tratar da revelação pública dos lendários arquivos de cartas manuscritas originais guardadas pessoalmente por Allan Kardec. Ele visava permitir o resgate dos fatos que constituíram a verdadeira história do Espiritismo, com seus sucessos e as lutas enfrentadas pelos pioneiros, além

dos tropeços causados pelos que viveram o papel de Judas, entavando os caminhos. Nada relatado por tradições e lendas, mas sim por documentos reais, fatos concretos. Durante décadas, a existência desse acervo no Brasil foi uma lenda contada em rodas de conversa, mas não se sabia se era real.

Naquela oportunidade, Nestor nos chamou para entrar em contato com Lian e fazer um estudo prévio, para que o acervo em posse da família finalmente se tornasse público. Infelizmente, nada ocorreu como planejado. O exame dos documentos por nós nunca ocorreu. Esse momento foi roubado por pessoas que se passaram por representantes do Eduardo para visitar o Lian em seu escritório, sem a sua autorização. Foi um choque. Eduardo me ligou desesperado:

– Relembrando aquele dia, percebi que conhecidos, porém estranhos àquela reunião, estavam à nossa volta no salão nobre da Feesp, espreitando a conversa. Certamente, sabendo que eu iria ao encontro de Lian na semana seguinte, me anteciparam no primeiro dia, como se estivessem me representando. Uma ousadia imperdoável! Vamos conversar pessoalmente, fico muito nervoso só de contar – concluiu, com voz trêmula.

Quando o encontrei, estava vermelho de nervoso enquanto as lágrimas escorriam por trás dos óculos.

Cheguei à sua peculiar casa. Nela os cachorros dividiam os ambientes conosco, enquanto todas, realmente todas as paredes e espaços eram forrados de livros. Nas salas, corredores, quartos e até nos banheiros! Em seu escritório era preciso esgueirar-se pelas estantes abarrotadas, um pé diante do outro, até chegar ao computador na mesinha do fundo, coberta de documentos.

Logo me interpelou, indignado:

– Paulo, estão examinando os documentos sem nossa presença, que traição!

– Mas então entre em contato com o Lian e conte tudo – respondi.

– Não posso, não vou fazer, não podemos perder a oportunidade de tornar público esse maravilhoso e inédito tesouro. Imagine conhecermos a intimidade, as dificuldades enfrentadas, os fatos históricos ainda desconhecidos, as comunicações e diálogos com o Espírito da Verdade, São Luís, as cartas trocadas com os pioneiros, as doces palavras de Amélie, Léon Denis, família Delanne, e tantos outros que conhecemos pelos livros! Além daqueles que tentaram prejudicar o estabelecimento da Doutrina Espírita e agora poderão ser denunciados – relatou emocionado.

Então, Eduardo me disse que estava recebendo telefonemas diários daqueles que tomaram seu lugar no exame das cartas. Ele conhecia com profundidade os personagens e a história do Espiritismo em seu nascimento. Pesquisador engajado, simples e entusiasta tanto do Espiritismo quanto da maçonaria, nunca conheci alguém mais generoso. Sua casa era frequentada por escritores e acadêmicos, que saíam de lá com cópias de tudo o que buscavam. Ou recebiam de suas mãos livros raros, documentos raríssimos, com a recomendação de que os devolvessem para que outros tivessem acesso a eles. Naquelas ligações – estive presente em várias –, ouvíamos a transcrição do teor das cartas de Kardec, e Eduardo contava os detalhes necessários para contextualizá-las. O intermediário ouvia atentamente e depois utilizava as informações para oferecê-las à admiração de Lian, conquistando a sua confiança.

Depois de algumas semanas, porém, nos sentimos recompensados diante da reunião marcada para finalmente termos acesso ao acervo, chamados pelo intermediário que impropriamente nos substituiu na tarefa. Completa decepção, porém, foi o desfecho, quando ouvimos:

– Fui nomeado curador do Instituto Canuto Abreu, aguardem o futuro quando vocês terão acesso às cartas, agora cuidaremos delas reservadamente. – Encerrou a conversa segurando o referido contrato na mão e nos encaminhando para a porta da rua.

Eduardo ficou completamente frustrado. Não era de sua natureza querer nada para si, mas, emocionado, preocupava-se em garantir para a história os fatos aos quais dedicou a vida e a saúde. Convivemos mais alguns anos, mas tenho para mim, pela proximidade, que o epílogo daquele caso oprimia seu coração quando de sua morte. Guardei todos esses acontecimentos sem contar absolutamente a ninguém, com o propósito de relatá-lo de primeira mão a Lian, quando o encontrasse um dia, como um resgate da memória de Eduardo. E esse momento havia afinal chegado. Antes disso, é preciso resgatar algumas coisas.

Nos dias anteriores a nosso encontro naquele apartamento, estávamos envolvidos com o resgate de *A Gênese* originalmente escrita por Allan Kardec. A diplomata e escritora espírita Simoni Privato havia comprovado em fontes primárias encontradas na Biblioteca e Arquivos Nacionais da França que a quinta edição, difundida nas traduções por todo o mundo, não fora publicada por Kardec, que, desde a primeira em 1868, cuidou pessoalmente das quatro primeiras edições, absolutamente idênticas. Pois em 1872, uma edição completamente modificada, com trechos suprimidos, alguns bastante longos, e outros acrescentados, sabemos agora que se trata de uma infame adulteração! Um ato promovido nas sombras por mãos amigas, mas interesseiras, escondendo as conclusões inovadoras e revolucionárias da moral espírita, pesquisadas cuidadosamente por Kardec nos anos anteriores, publicadas em sua derradeira obra como conclusão de seu trabalho.

Mais à frente neste livro vamos tratar desse assunto com detalhes, documentos e provas. Agora nos basta dizer que estávamos divulgando amplamente esses fatos e a obra de Simoni, *O legado de Allan Kardec*, nas redes sociais e nos programas da rádio Boa Nova e da TV Mundo Maior, quando, após o programa ao vivo *Livre Pensamento*, recebemos da equipe técnica um recado: “O presidente da Fundação Espírita André Luiz (FEAL)

quer falar imediatamente com você”. Atendendo a ligação, o senhor Lombardo me disse, bastante comovido:

– Fiquei tocado com os irrecusáveis fatos denunciando a adulteração da obra *A Gênese* do mestre Allan Kardec. A FEAL, que é dedicada à divulgação da Doutrina Espírita, entidade ligada ao tradicional Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz<sup>22</sup>, por mim representado, se sente no dever de resgatar a edição primeira, verdadeira e original de Kardec. Para nós será uma honra. Você pode nos ajudar a publicá-la?

Aceitei a tarefa sem hesitar. Na Argentina e nos demais países de língua espanhola, a edição primeira já estava traduzida e editada. Na França e nos outros países francófonos, a quinta edição adulterada fora substituída pela versão original. Nos Estados Unidos, a tradução estava em andamento. No Brasil, porém, com a exceção da iniciativa de Altivo Pamphiro no Centro Espírita Léon Denis, Rio de Janeiro, que havia publicado a primeira edição muito antes da revelação da adulteração, as demais editoras ainda faziam silêncio. Por sua vez, a Federação Espírita Brasileira emitiu um comunicado dizendo que continuaria publicando a versão adulterada até “prova cabal em contrário”<sup>23</sup>. A iniciativa da FEAL foi um passo determinado, histórico e leal à memória de Kardec.

Na reunião preparativa da publicação, estávamos na sala da diretoria da FEAL, com suas paredes marcadas por três grandes e significativos quadros retratando Jesus, Kardec e Chico Xavier. Fiz um relato dizendo que recebêramos a oportunidade de publicar a tradução feita por Carlos de Brito Imbassahy, a primeira em português da edição original, publicada em formato digital em 1998, exatos vinte anos depois. A atuação da FEAL na divulgação do Espiritismo é muito especial, fazendo uso de televisão, rádio, cinema, redes sociais, revistas, livros. Os dirigentes são voluntários, e, como foi proposto por Kardec, tudo é resolvido de forma colegiada, sem chefe.

A conversa caminhou para os trabalhos de pesquisa sobre Espiritismo, as dificuldades para encontrar fontes legítimas, as informações interessantes sobre a vida de Rivail em sua infância e juventude relatadas na obra *Revolução espírita*. Contando andanças e buscas, em meus pensamentos lembrei Eduardo Carvalho Monteiro, os tempos que passamos juntos, as dificuldades, e brilhou em minha mente a decepção com as cartas de Kardec que tanto o magoara. Senti que seria o momento adequado de tocar naquele segredo de quinze anos e falei:

– Preciso de um sigilo absoluto de vocês, mas tenho algo a contar, pois é possível que manuscritos inéditos de Allan Kardec, uma lenda do Espiritismo, possam ajudar a desvendar a questão da adulteração de *A Gênese*!

E contei toda a nossa vivência com Lian.

Tudo era ouvido atentamente por Onofre Baptista, presente no Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz desde 1981, por diversas vezes presidente executivo da Fundação, e ele disse imediatamente:



Eduardo Carvalho Monteiro

– Por décadas trabalhei com a família de Canuto Abreu, amigo próximo, conheço todos, estive por décadas ao lado do Lian. Tenho algo a lhe revelar, fui eu quem promoveu o encontro entre ele e o Nestor Mazotti, com a intenção de ajudar a tornar público o legado de Kardec! Vamos falar com ele, talvez tenha chegado a hora. – Pegou o celular, iniciando naquele instante os contatos necessários.

As notícias eram preocupantes. Lian havia sofrido uma queda, impossibilitando sua comunicação. Mas havia poucos dias uma súbita

melhora revertera o quadro. Depois de algumas semanas de uma difícil aproximação, nos encontrávamos os três, Lian, Onofre e eu, na sala de seu arejado apartamento térreo. Parece que os caminhos de um destino estavam se realizando.

## **Um mistério solucionado**

Luiz Lian de Abreu Duarte (1945-) sempre foi bastante reservado, mas bem-humorado e de personalidade cativante. Ainda jovem, conheceu os irmãos Wilson e Emerson Fittipaldi, envolvendo-se com o automobilismo. O pai industrial, José Duarte, dono dos tradicionais óleos Maria, permitiu-lhe investir na carreira, ganhando nos anos 1970 os 500 quilômetros de Interlagos com uma Porsche 908, no seu auge. Quando testava sua entrada na Fórmula 1, na Inglaterra, viu-se obrigado a voltar ao Brasil com a chegada da notícia do adoecimento de seu pai. Seu amigo Fittipaldi, por sua vez, teve uma carreira brilhante, primeiro consistente sucesso nacional. Amigos até hoje, desde os tempos de ginásio. Emerson se tornou evangélico; Lian, ouvindo em casa as histórias, vendo os fenômenos mediúnicos e vivências de seu avô Canuto Abreu, escolheu o Espiritismo.

Perguntamos a Lian sobre as cartas, falando sobre sua importância para elucidar a adulteração da obra *A Gênese*, de Allan Kardec. Lian ouviu atento, solícito, respondendo que todo o acervo estava no Museu Espírita de São Paulo, no bairro da Lapa, criado por um amigo de Canuto Abreu, Paulo Toledo Machado, desde 1997. Sabendo da necessidade de instauração do Instituto na cidade de São Paulo, como desejava o pesquisador, Paulo Machado desejava doar todas as instalações para Lian. Todavia, impossibilitado de o gerir, Lian acabou por deixar a FEB tornar-se proprietária do imóvel, ficando apenas com um comodato de algumas dependências para preservar o acervo de seu avô. Ele, então, nos disse:

– Vamos combinar um dia próximo para examinar os arquivos de Kardec

para encontrar algo sobre *A Gênese*. Espalharemos tudo sobre a mesa.

Onofre, com a necessidade de resgatar a história que lhe havia confiado, respondeu:

– Antes disso, Lian, ouça um relato muito importante que o Paulo Henrique precisa lhe fazer.

Finalmente, depois de tantos anos, abri meus sentimentos, com Eduardo presente em minha mente, e contei todo o sofrimento dos telefonemas daqueles que haviam retirado dele o direito de conduzir a divulgação pública das cartas. Ouvindo-me com suprema atenção, olhos marejados, Lian, notadamente emocionado, depois de uma pausa, me respondeu, surpreendentemente:

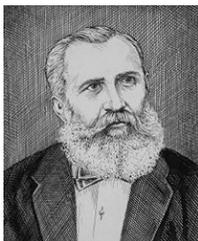
– Nunca soube que o Eduardo Carvalho, pessoa que sempre prezei muito, ficou magoado com esse episódio! E mais, nunca, jamais alguém foi nomeado curador do Instituto Canuto Abreu. A posse e a guarda sempre estiveram comigo e meus filhos, única e exclusivamente.

Num movimento rápido e decidido, caminhou para um canto de sua sala, onde sobre o que parecia uma mesinha estava um quadro de Kardec sobre uma toalhinha bordada. Retirando tudo de cima, era um baú metálico, com dois trincos e dois cadeados. Tudo aberto, ao levantar a tampa, muitas centenas de conservados manuscritos à pena se revelaram, separados por pastas e temas. Ficamos tomados de grande emoção! Enfim, estava ali o legado de Allan Kardec, os subsídios centenários da história do Espiritismo.

Examinamos a letra corrida de quem tem muito a escrever, as linhas precisas de quem tem prática de escrever sem pauta, o papel amarelado, muito bem conservado. O primeiro que recebi de suas mãos era um pedido para instituir uma Sociedade regular para o estudo do Espiritismo em Paris, ao responsável legal do Império. Ao pedido formal, de 1858, seguia-se uma assinatura característica: *Hippolyte Leon Denizard Rivail, dit Allan Kardec*.

Nunca Lian havia entregue a ninguém as cartas. Apesar do que disse

inicialmente em nosso início de conversa, elas jamais saíram de sua guarda, em nenhum momento foram para o museu. Durante décadas ficaram preservadas naquele baú, guardado todas as noites ao lado de sua cama. Carregava em sua mente a dedicação e a importância que seu avô concedera àquele legado. Agiu como paciente e dedicado guardião. Assumiu a missão confiada por sua mãe, no pedido profundamente sincero de seu avô. Cumpriu religiosamente a missão de preservar até a hora da divulgação, como dizia a mensagem de Emmanuel e de Bezerra de Menezes.



Bezerra de Menezes

Lian e sua família estavam transtornados com um episódio recente ocorrido no museu, quando parte do valioso acervo ficou perdido numa inundação, em virtude de uma reforma não bem planejada. Livros raríssimos foram perdidos. E se as cartas estivessem lá? Seria um absurdo e triste fim, depois de tanto esforço. Por fim, uma semana antes daquele encontro, Lian havia recebido, nos revelou posteriormente, um *e-mail* da FEB dizendo: “a ida do nosso presidente a São Paulo para assinatura de tais documentos somente teria sentido se, na oportunidade, simultaneamente, recebermos os acervos objeto de tais contratos”.

Enquanto segurávamos os documentos na sala do Lian, com firmeza, ele me disse:

– Paulo, estando você à frente, tenho a confiança de lhes confiar a guarda do acervo. Mas precisa ser tudo: os milhares de livros, os arquivos de meu avô, os móveis, quadros, documentos e os manuscritos de Kardec.

Ao lado, emocionado, representando a FEAL, Onofre completou:

– Em você aceitando, Paulo Henrique, a Fundação se compromete a secundar a tarefa, criaremos os laboratórios e as condições necessárias, trabalharemos juntos.

Pensando em tudo o que vivemos, com a memória viva da luta de Eduardo Carvalho e ciente da importância daquele momento, respondi, resolutivo:

– Assumo com toda a dedicação e esforço esse trabalho, só possível se todos os espíritas se unirem em torno dessa fundamental recuperação, desejada por Kardec e todos os pioneiros, mas com uma condição indispensável: tornar tudo, absolutamente tudo, acessível ao público, com a devida transcrição, tradução e contextualização.

Concluimos que esse era o desejo de todos nós ali presentes. Uma longa saga chegava ao fim. Ou melhor, a um novo começo!

## **Quase tudo ficou perdido**

Mas uma dúvida precisava ser sanada para compreendermos a surpresa de tudo aquilo que estava acontecendo, os fios da meada para chegar a esse acordo entre a família Abreu Duarte e a FEAL, com a instituição do Centro de Documentação e Obras Raras (CDOR), com a finalidade de levar aos espíritas todo o material inédito da história do Espiritismo. O que teria ocorrido com o acervo nos últimos quinze anos?

Flávio de Carvalho (1955-) conhecera Lian na pista de Interlagos, um fã fotografando-o no seu Porsche verde e branco, equipe Z, um protótipo importado da Alemanha, que no início dos anos 1970 era de uma geração muito superior a tudo o que se via no Brasil. Trinta anos depois, Flávio estava envolvido na recuperação dos carros de Fórmula 1 da Fittipaldi e na organização do Museu do Automobilismo. Gerente de projetos, é especialista em documentação digital, organização de acervos digitais e estruturação de exposições.

Nas dependências da enorme mansão da avenida Rebouças em São Paulo, 2004, Lian Duarte fazia uso de uma das salas como escritório, onde Flávio viu pela primeira vez as cartas originais de Kardec, espalhadas na mesa, sendo mostradas aos representantes da FEB, que contavam em ter sua guarda. Numa longa negociação, o Instituto deveria permanecer em São Paulo, apesar de todo o medo e receios do Lian – estaria fazendo a coisa certa? Não tinha certeza, mas também não tinha a quem recorrer para pensar em alternativas; também a idade estava avançada, e precisava cumprir a missão confiada pelo avô.

A iniciativa que já relatamos, do doutor Paulo Toledo Machado, amigo dileto de Canuto Abreu, foi determinante para a continuidade, ao doar os prédios de seu museu para Lian abrigar o acervo de seu avô. Todavia, a FEB registrou os imóveis em seu nome, fez um contrato de comodato cedendo algumas salas ao Instituto, reformou, preparando-se para receber a guarda dos documentos históricos. Toda a tarefa, todas as providências e cuidados, até mesmo o transporte dos livros eram feitos pessoalmente por Lian, determinado em seus propósitos e ações, no entanto, em seus 70 anos já não tinha a agilidade e a força dos tempos automobilísticos, apesar da mente lúcida. A incerteza tomava seus pensamentos: estaria cumprindo os desejos de Canuto fielmente? Os livros, os milhares de documentos, as cartas inéditas seriam tornados públicos como deveriam? Tomou a iniciativa de começar a digitalização, mas não tinha experiência nem mãos suficientes para tão grande tarefa.

Uma forte chuva que caiu em 20 de outubro de 2016 alterou completamente o rumo dos acontecimentos.

Eliana Almeida (1962-), historiadora, iconógrafa e especialista na organização de acervos, que havia atuado inicialmente na catalogação do acervo no Museu, mas havia sido afastada, recebeu um telefonema no começo de novembro. Lian, que estava atordoado, sem reação, apenas

relatou que o galpão reformado do Museu Espírita da rua Guaricanga havia despencado. Um frágil e fino telhado ondulado de fibrocimento rompeu com a força da chuva. Depois do terrível ocorrido, a fragilidade da cobertura contrastava com o moderno forro, luminárias, ar condicionado do ambiente que parecia impecável e seguro. Apenas parecia. Vinte por cento dos livros raros, alguns documentos, objetos pessoais do acervo de Canuto Abreu foram molhados por uma enxurrada que descia as escadas. A umidade ativou os micro-organismos das obras, algumas com mais de quatro séculos, e o mofo e bolor se espalharam assustadoramente. Sem saber o que fazer, ninguém ajudou. Nenhuma providência foi tomada pela entidade espírita. Não havia conhecimento técnico para impedir o mais completo desastre.

Quando chegou, Eliana não perdeu tempo. Contatou o diretor do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN), doutor Pablo Vasquez, que prontamente irradiou com raios gama de cobalto 60 as caixas com o precioso conteúdo, salvando-os da perda total. Depois da providência urgente, Eliana lembrou-se de perguntar: – Qual o custo de tudo isso?

Pablo respondeu: – Nada! Fiquei muito impressionado com o ocorrido, a grandeza da Causa, a eminente perda de tão vasta cultura e a emoção de sua presteza. Será nossa contribuição para esse resgate.



Irradiador do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN/USP)

<https://espírito.org.br/autonomia/ipen/>

Só então Eliana tomou consciência dos riscos. E se as cartas inéditas estivessem no salão naquele dia? E se algumas semanas se passassem sem essa providência técnica? Porque Lian ficou sozinho diante desse desastre? Sem poder segurar, caiu em lágrimas.

Um ano depois, no decorrer de 2017, de novo sozinho, Lian estava outra vez mergulhado em dúvidas, hesitante, temendo pelo futuro do acervo. Recebeu no galpão um historiador representante da FEB que examinou as cartas para confirmar sua existência real. Reiterados comunicados determinavam a urgência de que eles fossem entregues, para serem levados à sede de Brasília. Mas esse passo, pensou Lian, alteraria completamente os destinos do acervo, modificando o caminho inicial, desmembrando-os da biblioteca. Não era o que desejava seu avô, nem sua mãe, que lhe transmitiu sua missão.

Num documento registrado em cartório, intitulado “Transferência de responsabilidade”, a mãe de Lian assim incumbiu o filho:

EU, LUCE DE ABREU DUARTE, HERDEIRA UNIVERSAL DE DR. SILVINO CANUTO ABREU, MEU PAI, E GUARDIÃ DE SUA BIBLIOTECA FORMADA E AUMENTADA CONSTANTEMENTE UNICAMENTE ÀS SUAS EXPENSAS, UM DOS MAIORES PATRIMÔNIOS DE ESTUDO SOBRE RELIGIÃO; TRANSIRO PARA MEU FILHO LUIZ LIAN DE ABREU DUARTE, CONFORME DESEJO DE MEU PAI, A GUARDA DESTE PATRIMÔNIO, COM TODOS OS LIVROS E MÓVEIS QUE CONSTITUEM A BIBLIOTECA E ESCRITÓRIO DE MEU PAI, COM A RESPONSABILIDADE DE MANTER UMA SALA OU LOCAL SEM NUNCA DIVIDIR OU DESMEMBRAR E COM A PROMESSA *AD INFINITUM*, DE TRANSFERIR, QUANDO NECESSÁRIO FOR, ESTA GUARDA A UM CONSANGUÍNEO DIRETO DE MEU PAI OU FORMAR UMA FUNDAÇÃO DR. SILVINO CANUTO ABREU.

Mesmo que não o soubesse, havia sérios motivos para seu temor. Quem sabe sua intuição o estava alertando. Pois, dias depois, a notícia do exame do historiador chegou à diretoria da FEB, reunida para tratar da possível guarda do legado de Allan Kardec. O conteúdo impactante das missivas foi exposto aos presentes. Segundo revelou o então presidente César Perri, cercado pelos diretores em seus bancos de couro, piso de mármore, o

comentário marcante de um deles ecoou no imponente nobre salão: “Os espíritas não estão preparados para conhecer o conteúdo desses documentos, eles jamais vão ser publicados!”.

Mas a situação ficaria ainda mais complicada. Flávio, que regularmente contatava o amigo, não conseguia falar com ele, apesar de mandar mensagens sem resposta e ligações em vão. Escreveu a Gabriel, filho de Lian, que respondeu: “Ele não está nada bem. Caiu no começo de novembro e está com um hematoma subdural. Tem dificuldades de se comunicar. Estamos profundamente preocupados”.

O destino do legado de Canuto Abreu estava em jogo, e o futuro das cartas de Kardec absolutamente em risco.

Felizmente, essa história teve um final feliz e promissor.

Num evento emocionante, no dia 26 de maio de 2018, a FEAL, na presença de centenas de espíritas no salão principal do Centro Espírita Nosso Lar, lançou a edição restaurada de *A Gênese*, primeira edição original como escrita pelo autor, Allan Kardec. No mesmo dia, foi apresentado publicamente o projeto do CDOR, o da divulgação pública do acervo de Canuto, do legado de Kardec, da criação de um Memorial do Espiritismo, para abrigar toda a biblioteca rara, os documentos e demais dependências para pesquisa e divulgação da Doutrina Espírita. Estavam presentes também os profissionais Flávio e Eliana, contratados para criar e gerir os laboratórios de higienização, recuperação e digitalização, contando com dezenas de voluntários especializados, finalmente cumprindo a missão dos pioneiros, dos pesquisadores e da família de Canuto Abreu.

## **O Memorial do Espiritismo**

Uma mobilização em torno do ideal de recuperar a mensagem original tocou a alma de espíritas do Brasil e do exterior. O CDOR recebeu apoio, auxílio e esforço voluntário de centenas de pessoas. Tocadas pela grandeza

do projeto, a equipe da Fundação Maria Virgínia e José Herculano Pires, representada por seu filho Herculano, Heloísa, e também de Antônio Carlos Molina; estabeleceu-se uma parceria. O CDOR irá higienizar, acondicionar e digitalizar, somando ao seu acervo digital os documentos, fotografias, manuscritos e obras dos amigos, escritores e jornalistas espíritas Herculano Pires (1914-1979), Jorge Rizzini (1924-2008) e Júlio de Abreu Filho (1893-1971).



José Herculano Pires

Além desses lúcidos pensadores do Espiritismo, também Luciano Costa, Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Nazareno Tourinho, Wilson Garcia. Todos lançaram livros no século anterior, em palestras e artigos lutaram para divulgar o Espiritismo como obra resultante do esforço de Allan Kardec, batalhando bravamente contra os desvios e as mistificações, como o roustainguismo. Em *O verbo e a carne*, Herculano faz um apelo, afirmando que “não é possível calar diante da astúcia dos mistificadores e da fascinação dos que a aceitam e aplaudem”. E completa:

É dever dos espíritas sinceros combater a mistificação roustainguista neste alvorecer da Era Espírita no Brasil. Ou arrancamos o joio da seara ou seremos coniventes na deturpação doutrinária que continua maliciosamente a ser feita. O Cristo agêneré é a ridicularização do Espiritismo, que se transforma num processo de deturpação mitológica do Cristianismo. A doutrina do futuro nega-se a si mesma e mergulha nas trevas do passado. O homem-espírita, vanguardeiro e esclarecido, converte-se no homem da era anticristã, no crente simplório das velhas mitologias. (PIRES, 1972, p. 61)

E Herculano termina com uma citação de Edmund Burke: “Para o triunfo do mal, basta que os bons fiquem de braços cruzados”.

Ainda havia mais por vir, considerando a trajetória inicial do CDOR, na

tarefa de reunir a memória do Espiritismo na França e no Brasil.

Convocado para um congresso espírita em Uberaba, considerei uma boa oportunidade para levar ao Museu Chico Xavier, entregando ao seu filho adotivo, Eurípedes, a correspondência entre Canuto e o médium sobre as cartas de Kardec. Pedi a um amigo comum, o promotor de justiça Thales Cerqueira, a gentileza de marcar uma reunião. Chegando à casa do médium, onde eu já estivera mais de trinta anos antes por algumas vezes, me surpreendi com a preservação dos ambientes ainda presentes na memória. A mesma cozinha, quintal, quartinho simples. Parecia que ele ainda estava por ali.

Eurípedes me recebeu alegre e acolhedor. Ouvindo que queria conversar, foi logo dizendo:

- Vamos a um lugar especial, sentaremos ao lado da cama de meu pai.
- Trago cartas manuscritas trocadas entre Chico e Canuto, sobre a preservação do acervo de Kardec – eu lhe disse, entregando as cópias dos documentos.
- Pois o Chico me alertou para fazer o mesmo com tudo o que ele havia guardado pessoalmente. Seus livros, psicografias inéditas, bilhetinhos com pensamentos, versos, ideias. Cartas, fotografias, enfim, um legado. Confiou a mim a tarefa de guardá-los, pois me alertou que muitos tentariam se apossar sem ter esse direito – explicou Eurípedes.

Narrei todos os passos para a preservação e a divulgação do acervo de Canuto, e sobre a importância de todo esse material para a Doutrina Espírita. Examinando tudo cuidadosamente, baixou as folhas sobre o colo, olhando fixamente para um ponto vazio. Inesperadamente, disse-me:



Eurípedes Higino dos Reis, filho de Chico Xavier

– Pois vocês vão preservar, digitalizar e divulgar o legado do Chico, junto ao de Kardec. – Levou-me a um quartinho mais afastado, contendo cofres e armários, deles retirou diversas pastas com os materiais inéditos do médium e, ao me entregá-los, recomendou: – Leve-os a São Paulo. Depois farei uma visita levando mais, para que tudo seja fotografado.

Fiquei sem reação, honrado e preocupado com a responsabilidade em transportar tão importante legado.

Um mês depois, quando nos visitou em São Paulo, Eurípedes e Lian Duarte ficaram lado a lado, satisfeitos e motivados, trocando confidências sobre a tarefa difícil que foi guardar por décadas o acervo de Allan Kardec, Canuto Abreu e Chico Xavier. Examinaram documentos, provocando recordações. Um encontro memorável. Tomei a liberdade de abraçar a ambos, dizendo:

– Podem tirar o fardo das costas, vocês não estão mais sozinhos. A difícil tarefa está completa. Os espíritas sinceros estão mobilizados e vão ajudá-los a partir de agora. A memória de seu pai, Eurípedes, e a de seu avô, Lian, serão resgatadas, ganhando o destino que eles desejavam. Agora vão contar conosco!

Comentei, então, a minha surpresa pela rápida oferta de Eurípedes, com a profunda credibilidade de nos ofertar a tarefa, confiando que os originais fossem levados para tão longe. E ele, então, nos deixou ainda mais impressionados ao confidenciar:

– Chico Xavier, antes de partir, fez muitas recomendações para o sucesso

de minha tarefa. Disse que tivesse profundo cuidado para que nada caísse em mãos erradas. Pediu que fundasse um museu em sua casa. Mas revelou que o seu legado seria divulgado no futuro junto com o de Kardec, e seria estudado por acadêmicos da universidade, alcançando a profundidade e o sentido original da Doutrina Espírita, pois ela estava sendo desviada por detratores. “Para você ficar seguro, meu filho”, continuou Chico, “saiba que aquele para o qual você deve entregar meu legado será indicado pelo homem da justiça. Essa será a hora certa!”

Assim Eurípedes descreveu as palavras do Chico, esclarecendo o motivo de sua segurança e determinação na parceria com a FEAL, deixando a todos emocionados, inclusive o senhor Onofre, o promotor Thales Cerqueira, os profissionais Flávio e Eliana, entre outros amigos presentes.

Nos meses seguintes, tanto nos laboratórios do CDOR em São Paulo, quanto no museu em Uberaba, todo o acervo preservado por Chico Xavier foi digitalizado e fotografado. Será integrado ao futuro Memorial do Espiritismo, ficando, assim, à disposição de acadêmicos, estudiosos e espíritas interessados em pesquisar a história do Espiritismo.

Foi a missão de Kardec e dos pioneiros leais deixar como herança a mensagem de esperança, transformação e conquista da liberdade para todos da *teoria moral espírita*, alavanca oferecida pelos Espíritos superiores para secundar a regeneração da humanidade. O professor, até 1868, deixou em sua obra os *conceitos fundamentais* da Doutrina Espírita de forma inequívoca. Vamos, a seguir, recuperar essa Teoria Moral e seus conceitos, a partir de uma reconstituição do cenário cultural vigente durante sua elaboração, além dos movimentos precursores para seu adequado estabelecimento.

## **Circunstâncias extremamente favoráveis**

Apesar de a humanidade ser espiritualista, em sua maioria, em todos os

tempos, quase sempre houve ideias materialistas. A incredulidade surge em oposição radical, provocada pelas usurpações da classe sacerdotal em seus excessos de fanatismo, preconceito e exploração da fé. São seus próprios abusos que desacreditam as religiões.

Por volta de mil e quinhentos anos antes de Cristo, povos arianos nômades e guerreiros invadiram a Índia e se apropriaram do território da população negra que lá vivia. Os sacerdotes, *brâmanes*, impuseram uma rígida estrutura social de castas, seu culto, e posteriormente uma norma de conduta, o *código de Manu*, descrevendo castigos terríveis conforme a gravidade do delito, para serem cumpridos nas próximas vidas. Abaixo dos sacerdotes, estavam guerreiros, comerciantes, e os *sudras*, trabalhadores que formavam a quarta e mais baixa classe de uma rígida estrutura social. Todos seguiam determinações de como se vestir, comportar, relacionar, cultuar, de acordo com seu grupo. Porém, os povos autóctones, de pele mais escura, foram considerados impuros, imundos, intocáveis. Os *dalits*, sem casta e excluídos da sociedade e dos cultos, foram escravizados e humilhados. Ainda hoje, entre eles, 66% são analfabetos, limpam dejetos e lixo, cuidam dos mortos, as mulheres são prostituídas, regularmente têm suas casas invadidas, incendiadas e suas famílias espancadas.

Segundo Kardec, a religião dos primeiros povos “era um freio para governar. Os povos se curvavam voluntariamente diante dos poderes invisíveis, em nome dos quais eram subjugados”. Para controlar as massas, sua razão era ofuscada e sua vontade oprimida:

Para dar mais força à religião, era necessário apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem os quais ela teria perdido a ascendência sobre esses seres quase primitivos, apenas iniciados para a racionalidade. Ela não poderia ser discutida, assim como as ordens de um soberano. Disso resultou o princípio da fé cega e da obediência passiva, que tinha, na origem, sua razão de ser e sua utilidade. (KARDEC, [1868] 2018, p. 113)

Por volta de 600 a. C., diante da opressão, de abusos e excessos dos sacerdotes hindus, surgiram sistemas de ideias heterodoxos, como Budismo,

Jainismo e Carvaka. Este último criou uma filosofia cética radical, motivado pelos questionamentos da tradição ancestral de sua época. Para ele, a vida é uma só, não há nada após a morte, pois apenas o mundo material existe. A única finalidade humana é sentir prazer, a alma é um corpo que pensa, e após a morte não haveria inteligência alguma. Carvaka, num poema, denuncia os sacerdotes brâmanes por pregarem as crenças em benefício próprio:

E se uma alma fantasma pode passar de um mundo para outro, por que as fortes afeições que o morto deixa neste mundo não fazem seu fantasma voltar? Os custosos ritos em torno dos que morrem não passam de meio de vida, inventados pelas habilidades dos sacerdotes – nada mais... Enquanto perdurar a vida, vivamos na folga e no prazer; deixemos que um homem tome emprestado de todos os amigos e regue-se em manteiga derretida. (TINOCO, 1996, p. 104-5)

Ou seja, o materialismo dessa escola nada propõe, pois é um sistema de negação: rejeita os deuses, a alma, a vida após a morte, o futuro. É a pregação do nada minando toda fé, sendo, porém, ele próprio, uma crença na descrença. Subverte toda a razão de ser da moral, corrompe as bases fundamentais da sociedade, proclamando o reino do egoísmo, orgulho e satisfação dos desejos.

Em momentos de crise, a crença na descrença ressurge como resposta extrema. Kardec reproduziu, na *Revista Espírita* de 1868, um artigo de jornal que protestava contra as tendências materialistas que começavam a proliferar nos meios científicos:

O materialismo prático, que se reduz a algumas vergonhosas máximas, sempre apareceu nas épocas de decomposição moral ou social, como as da Regência e do Diretório. O mais frequentemente, quando houve pretensões mais altas, o materialismo filosófico foi uma reação contra as exigências exageradas das doutrinas ultraespíritualistas ou religiosas [...]. Para quem quer nisto pensar, o materialismo é bem, com efeito, um perigo, não da ciência verdadeira, mas da ciência incompleta e presunçosa; é uma planta má que cresce sobre nosso solo. (KARDEC, [RE] 1868, p. 148)

Nesse artigo, publicado no jornal *Le Droit* em 14 de maio de 1868,

intitulado “O materialismo e o direito”, o jurista, advogado e escritor Jacques-Henri Thiercelin defendia o direito natural proposto pelo Espiritualismo Racional, concluindo que “o materialismo da nova escola não é, pois, um resultado demonstrado do estudo; é uma opinião preconcebida”. Apesar de considerar o materialismo aniquilador de toda moral, Thiercelin não pede que o ensino cético seja interditado, pois “a liberdade nos é cara”, mas questiona se o Estado poderia “ensinar doutrinas cujas consequências mais próximas são destrutivas do Estado”. Nem Thiercelin, nem Kardec, podiam imaginar que a incredulidade iria se tornar o dogma do século 20 em diante, imperando absoluta nas universidades, nas escolas e até mesmo nos meios de comunicação. Eles viviam num contexto cultural bastante diverso do contemporâneo.

Atualmente vivemos uma época de extremos. Por um lado, a descrença domina as academias, impondo a toda estrutura da educação e produção do conhecimento um materialismo dogmático; por outro lado, as massas, em sua maioria, são relegadas à opressão da fé cega, obediência passiva e exploração econômica dos falsos profetas.

Pensando de uma forma simplista, tudo gira em torno de poder e dinheiro. Contrariando o senso comum, o materialismo e o fanatismo tornam-se instrumento da manutenção dos privilégios de alguns, justificando hábitos abusivos de uma elite. Sustentando seus excessos, que, em verdade, não passam de efeitos do seu egoísmo e orgulho. Sem cumprir o verdadeiro destino do dinheiro público e das doações aos templos, que deveriam ser os investimentos coletivos, ele é desviado e apropriado por alguns, em proveito próprio. Os direitos civis se perdem, a injusta desigualdade é mantida pela lei do mais forte, resultando num estado de constante medo, violência e opressão. Essa é a verdadeira causa do desfile de desgraças noticiadas pelos telejornais diariamente.

Caso o Espiritismo tivesse surgido em nossa época, inevitavelmente teria

sido abortado, pois o período adequado para o desenvolvimento de suas ideias passou, tomando um curso de tal forma radical quanto ao ceticismo que seria difícil desviá-lo. Em outubro de 1863, Allan Kardec escreveu na *Revista Espírita* um artigo para delinear “as circunstâncias extremamente favoráveis” para a chegada do Espiritismo, momento histórico no qual a *reação espiritualista* havia florescido.

Segundo Kardec, caso chegasse num tempo muito recuado, a Teoria Espírita “teria sido abafada pelo fanatismo cego”. Pois, durante o Antigo Regime, a Igreja dominava tanto a universidade quanto as estruturas de educação das crianças e jovens, pregando o fanatismo servil e a sua filosofia dogmática.

Quanto aos dogmas, o principal fundamento conceitual das religiões positivas ou ancestrais é a *degeneração da alma*. Está presente em todas elas. Para a Igreja Católica, por exemplo, tanto o diabo quanto os demônios foram criados anjos bons e puros em sua natureza, por Deus, e teriam caído pelo pecado ao rejeitar o Criador, de tal forma que “não existe arrependimento para eles depois da queda, como não existe para os homens após a morte” (VATICANO, § 393).

Ainda segundo a filosofia dogmática da Igreja, Adão teria recebido de Deus a santidade e a justiça originais, “para si e todos os seres humanos”. Foi pelo pecado original que ele caiu, transmitindo-o a toda a sua descendência. Com ele, todos pecaram, e padecem as consequências, “a natureza humana está submetida à ignorância, sofrimento, morte e inclinada ao pecado” (VATICANO, § 405).

Ou seja, a alma de Adão teria sido criada perfeita em bondade, sabedoria e senso de justiça, além do livre-arbítrio para decidir por si mesmo. Sua queda foi causada por desobediência, provocando a ira divina e o castigo para todos. Apesar da origem comum de perfeição da alma, a condição humana, assim definida, é degenerada. De tal forma que, quanto mais

ignorante e incapaz for o indivíduo, maior teria sido o castigo aplicado, pois Deus teria tirado mais dele. Uma teoria ao mesmo tempo elitista e opressora.

Também as religiões ancestrais reencarnacionistas adotam essa teoria da degeneração, porquanto consideram a alma perfeita em seu estado natural, mas corrompida quando encarna na matéria, nas mais diversas formas de vida. Todavia, cometendo outro erro nessa primeira existência, voltaria nas vidas seguintes em condição ainda mais degenerada, na roda das reencarnações, até que saia dela pelo desprendimento, voltando ao estado original de pureza.

O clero ensina ao povo que, se o crente for submisso, obediente, passivo, servil, seguir as regras e procedimentos ditados por eles sem questionar, receberá o perdão divino, voltando a ser justo pela vida eterna. Os injustos, por sua vez, irão para o castigo eterno junto aos demônios.

A degeneração da alma, como se vê, é um instrumento de subjugação na mão dos sacerdotes, oprimindo as massas temerosas ao profetizar falsamente a eternidade futura. A religião dava base para o poder, controlava a vida social e impedia o seu progresso:

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação; o papel de profeta provoca as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, valendo-se do prestígio dessa denominação, exploraram a credulidade em proveito do próprio orgulho, da própria cupidez, ou da preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos enganados. A religião cristã não tem podido evitar esses parasitas. (KARDEC, [1868] 2018, p. 46)

De acordo com Kardec, nessa circunstância de fanatismo cego, o Espiritismo teria sido abafado.

Segundo a teoria da degeneração da alma, o uso da razão e da vontade pelo ser humano ficaria obliterado pela sua condição corrompida, pois “o homem, ferido na sua natureza pelo pecado original, está sujeito ao erro e inclinado para o mal no exercício da liberdade” (VATICANO, § 1714). Ou

seja, não poderia conhecer as leis divinas senão pela interpretação feita pela Igreja das revelações divinas. Caso tente compreender por si mesmo, cairá no erro e, portanto, na desgraça. Essa falsa ideia foi utilizada para conter o desenvolvimento das ciências, impondo a fé cega por milhares de anos, até que a razão humana se libertasse de suas garras.

A humanidade quer cumprir seu luminoso destino, e uma revolução crítica da tradição cultural e institucional tomou seu curso. O iluminismo<sup>24</sup> foi um movimento que se desenvolveu especialmente no século 18, o “século das luzes”, representando a luta da razão contra as trevas da autoridade, visando ao progresso amplo e irrestrito da humanidade, por meio do pensamento científico, livre e incondicional:

O termo *philosophe*, com que o próprio iluminista se autodefine, indica a figura de um vivificador de ideias, de um “educador”, isto é, daquele que em tudo se deixa guiar pelas luzes da razão e que escreve para se tornar útil, dar sua contribuição para o progresso intelectual, social e moral e debelar toda forma de tirania, seja esta intelectual, moral ou religiosa. A *philosophie* visa levar à instauração no mundo de uma ordem nova, caracterizada pela felicidade, e quer, portanto, estar ao alcance de todos, em oposição à filosofia antiga. (BOBBIO, 1998, p. 605-6)

O pensamento do movimento iluminista gira em torno da ciência, mas não tem um posicionamento teórico definido, único, mas diverso. Havia filósofos que adotavam o paradigma materialista, outros o espiritualista, entre eles, as mais diversas nuances. Independentemente de sua orientação teórica, porém, todo iluminista acredita na força da ciência para alcançar um progresso em todas as áreas da vida humana, em busca da felicidade, em total oposição à autoridade, ao misticismo e ao preconceito. Contrapondo a obscuridade, tem como objetivo dominar a razão sobre a natureza, seja interna ou externa, erradicando absolutamente a era do medo e do sobrenatural. Desse modo, desde o século 18, os movimentos em busca da liberdade tomaram forma:

As concepções libertárias só tiveram um desfecho irrevogável no mundo político do século 18, como primeira forma de reação e de união simultânea em relação ao racionalismo

iluminista, provocando e aprofundando a discussão sobre o conceito de autoridade. (BOBBIO, 1998)

Teóricos céticos como Helvétius e Condillac, e espiritualistas como Rousseau e Kant (segundo o qual, iluminismo é “sapere aude!”, ou seja, saber!), lutavam por um mesmo ideal: desenvolver a filosofia da ciência para libertar a mente humana da fé cega. Todos eles, apesar dos dois primeiros serem materialistas e Rousseau e Kant espiritualistas, abominavam a ideia da *degeneração da alma* das religiões ancestrais, que coloca o ser humano passivo diante da ira divina, num mundo de sofrimento destinado a ser destruído para dar lugar a um destino eterno de sofrimento ou beatitude. A confiança do iluminista estava depositada inteiramente na *perfectibilidade do ser humano*, com sua capacidade de progredir indefinidamente, superando o velho mundo por um mundo novo, conquistando uma era de felicidade por meio da liberdade, recusando o princípio de autoridade e da aceitação passiva. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), na profissão de fé do vigário saboiano, em seu livro *Emílio*, descreve o homem como ser ativo, com o poder do entendimento pelas faculdades da alma, fundamento de sua verdadeira liberdade:

Qual a causa então que determina sua vontade? Sua faculdade inteligente, seu poder de julgar; a causa determinante está em si mesmo [...]. O princípio de toda ação está na vontade de um ser livre; [...] imaginar um ato qualquer, ou um efeito, que não derive de um princípio ativo, é realmente supor efeitos sem causa, é cair num círculo vicioso [...]. Não há verdadeira vontade sem liberdade. O homem é, portanto, livre em suas ações e, como tal, animado por uma substância imaterial. (ROUSSEAU, 1995, p. 323-4)

Como vamos demonstrar, essa definição de Rousseau do ser humano ativo será o fundamento de toda psicologia espiritualista do século 19, especialmente a do Espiritismo.

Os pensadores iluministas não foram revolucionários, no sentido de liderar uma mudança das instituições sociais, mas suas ideias de liberdade abriram caminho para as revoluções do século 19. Fazendo uso da natureza

com referência às leis imutáveis, o iluminista busca esse caminho do conhecimento para renovar o pensamento religioso, ético e social; sua meta é superar as rígidas estruturas hierárquicas do passado, pensando novos arranjos para as relações humanas. Os conceitos humanitários e progressistas desse movimento são importantes para compreender a direção empreendida por Kardec para o Espiritismo, como alavanca de uma nova era. São eles, além da *perfectibilidade do homem*, os de *direito, moral e religião naturais*.

O sucesso das ciências experimentais apontou o caminho para alcançar o mesmo nas demais áreas, principalmente quanto aos valores humanos, sociais e morais. Todos, salvo características próprias de cada pensamento, buscavam a concretização de um *direito natural*, procurando compreender as leis que regem o gênero humano, afastando-se dos retrógrados conceitos sobrenaturais e de exceção do velho mundo, buscando uma normativa jurídica universal. Caminha-se para concretizar os direitos universais e naturais do ser humano.

A razão deveria também determinar uma *moral natural*, uma conduta baseada nas escolhas e dirigida pela razão, absolutamente independente das religiões positivas, abandonando as referências metafísicas irracionais e dogmáticas por referências universais. Ou seja, dando formação a uma antropologia e uma psicologia racionais, buscando o ideal de perfectibilidade do homem. Como vamos ver, alguns buscaram uma moral utilitarista, outros a autônoma, mas todos em oposição ao dogmatismo.

Apesar da grande divergência das ideias quanto ao significado do tema religioso, a ampla consideração da existência de um Deus criador de todas as coisas, como causa primeira, iria sugerir a existência de uma *religião natural*, base da fraternidade entre os homens de uma nova era iluminista. A existência de uma harmonia universal seria o efeito da existência de Deus, referência para a moral, mas completamente independente de sacerdotes,

cultos, dogmas, ritos:

Afinal, também neste campo são aceitos aqueles princípios que são tidos por comuns a todas as religiões e a todos os povos e que, desvinculados dos pressupostos transcendentais, parecem conformes à razão ou à natureza. A religião se torna um modo de sentir, um íntimo sentimento de comunhão com Deus, que decorre da adesão sentimental à harmonia da natureza. (BOBBIO, 1998, p. 607)

## **O pensamento materialista dos ideólogos**

O ambiente criado pelo iluminismo vai preparar os ideais revolucionários na virada para o século 19, como a reforma das instituições sociais e demais propostas progressistas. Com a Revolução Francesa, porém, ocorreu primeiramente o florescimento das ideias materialistas, resposta radical, como explica Kardec:

A incredulidade era moda, era de bom tom ostentar a negação de tudo, mesmo de Deus. A vida presente, eis o positivo, fora disso tudo é quimera e incerteza. Vivamos, pois, o melhor possível, e depois advenha o que advier. Tal era o raciocínio de todos aqueles que pretendiam estar acima dos preconceitos, e se chamavam por essa razão Espíritos fortes. [...] O próprio clero sofria essa influência, a conduta privada ou pública de muitos de seus membros, em completo desacordo com seus ensinamentos e os do Cristo, provava que não acreditavam naquilo que pregavam. (KARDEC, [RE] 1863, p. 195)

A Igreja, considerando o ser humano degenerado pelo pecado e com sua liberdade fadada ao mal, adotava a instrução de jovens e crianças por meio de castigos, para domá-los e alcançar a obediência passiva almejada pelos jesuítas. Outros meios adotados por eles eram as competições para destacar os mais capazes, o uso mais amplo da memória para decorar e do condicionamento para impor os hábitos. Ou seja, uma catequização fundamentada na moral heterônoma.

Quando os revolucionários materialistas buscaram uma nova interpretação do ser humano, apesar da negação do pecado original e da degeneração da alma, adotaram os mesmos métodos da Igreja para educar, pois consideravam o ser humano, em seu estado de natureza, um animal.

Interpretando essa condição inicial como sendo irracional, egoísta, indolente, promíscua. Segundo o moralista Volney, representante do pensamento materialista na Revolução Francesa, “o homem no estado selvagem é um animal feroz e ignorante, um monstro brutal e traiçoeiro, à semelhança dos ursos e orangotangos” (VOLNEY, 1809). Sendo assim, segundo essa concepção, psicologicamente o homem seria um ser passivo diante dos estímulos dos sentidos (uma definição oposta ao ser ativo de Rousseau). E a criança deveria ser disciplinada pelo método punitivo, para que o conhecimento derramado em sua mente originalmente vazia a preenchesse segundo os interesses da sociedade. O indivíduo deveria ter seus desejos restringidos pelo controle das leis, para apaziguar a coletividade.

Durante o império de Napoleão, as escolas primárias vão retornar ao controle da Igreja, mas o Instituto Nacional de Moral e Política, que determinaria a produção do conhecimento universitário, ficou nas mãos de um grupo intitulado *ideólogos*, conduzindo o pensamento filosófico para o ceticismo materialista.



Antoine Destutt de Tracy

Quando a Universidade Sorbonne foi fechada e o Instituto foi constituído para dar uma base científica para reestruturar a sociedade, Antoine Destutt de Tracy (1754-1836) pretendeu elaborar uma filosofia primeira para as ciências do homem, e para isso buscou o fenômeno simples do comportamento humano, por meio da análise psicológica das faculdades humanas. Dela derivaria uma teoria da linguagem (gramática), do juízo

(lógica) e da vontade (moral). Destutt, que pretendia investigar a origem e a extensão do conhecimento humano, criou uma nova ciência (baseada em Locke e Condillac), a *Ideologia*, pois, sendo o ser humano um animal, seu diferencial seria a produção de *ideias*, sendo esse o objeto de seus estudos. Uma psicologia remeteria a uma causa: a alma, inacessível pela observação dos fatos e dependente da metafísica, até então mergulhada no misticismo e no sobrenatural.

Da mesma forma que das ciências da natureza derivavam as ciências aplicadas, Destutt pretendia derivar da Ideologia, como filosofia primeira ou fundamental, as ciências históricas, a gramática, a lógica (combinação das ideias), a moral, a teoria da educação, tratando também da legislação e da economia.

Sua pergunta fundamental para compreender o ser humano seria: o que é pensar? Destutt conclui que se associa com o *juízo* (sentir que há relação entre as coisas), a *memória* (sentir algo do passado), o *desejo* (sentir que quer algo), a *sensação* (sentir algo atual e presente por meio de seus órgãos). Ou seja, seu raciocínio, apresentado em sua obra *Éléments d'Idéologie*, leva a concluir que sentir é a mesma coisa que existir: “Sentir é o fenômeno fundamental de nossa existência, é a existência em si mesma” (TRACY, 1817, p. 24). Ser, pensar e existir seriam então uma só coisa, um fenômeno fisiológico para constituir uma ciência do espírito, e um tratado das faculdades humanas seria parte da zoologia.

Sua solução envolveria também a *motilidade*, faculdade de se mover. Pois, para tocar algo e sentir a diferença entre esse objeto externo e si mesmo, é preciso se movimentar, estender a mão, por exemplo. Sentindo a diferença entre o que é *si mesmo* e o que é *externo*, toda uma cadeia de ideias levaria à formação da personalidade humana e do conhecimento das coisas. A repetição vai criar os hábitos pelo condicionamento. E, assim, um indivíduo inicialmente zerado em seu nascimento iria tornar-se um

indivíduo pensante.

Desse modo, chega-se à definição de um *ser passivo* diante da sensibilidade, dor e prazer internos, interagindo com os estímulos externos que o formam. Um animal, cuja sensibilidade comanda fugir da dor, e buscar o prazer para a satisfação dos instintos e desejos. Segundo Volney, senador e membro do Instituto da França, numa obra destinada a orientar jovens e crianças para a moral utilitarista, *La loi naturelle ou catéchisme du citoyen français* (A lei natural ou catecismo do cidadão francês), a pobreza é “ou o resultado ou o princípio do vício”, pois “todos os vícios conduzem à pobreza e, quando falta o necessário, o homem vai buscá-lo por meios viciosos”. Por fim, o autor revolucionário conclui que a lei natural não prescreve que se faça o bem aos outros sem limites, pois “seria um meio certo de criar ingratos” (VOLNEY, 1809).

Os ideólogos não acreditam na existência de um senso moral inato no homem, nem de uma consciência que o inspire quanto às leis naturais comuns. Não haveria, portanto, uma moralidade universal baseada em leis naturais. O que moveria o ser humano, afirma Destutt, seria o instinto de preservação, comandado pela dor e pelo prazer. Ou seja, o ser humano, não sendo bom nem mau originalmente, apenas estaria em busca da realização de seus desejos. No pensamento materialista, a educação formaria sua personalidade e seu comportamento por meio da punição e da recompensa, conforme os interesses da sociedade.



Na doutrina materialista, o homem é um ser passivo, moldado segundo os

ideais projetados pelos notáveis para estabelecer uma nova sociedade. Destutt era um dos maiores proprietários de terra da França, foi nomeado senador vitalício e acreditava no controle das massas para mover a economia de forma pacífica, garantindo a evolução da humanidade. Ao lado de Volney, Cabanis, Broussais, Laplace; Tracy foi um dos idealistas do materialismo comentado por Kardec.

Mas logo as coisas iriam ganhar um novo rumo:

Todas as coisas extremas têm sua reação, quando não estão na verdade; só a verdade é imutável. As ideias materialistas tinham chegado ao seu apogeu. Então, percebeu-se que elas não ofereciam o que delas se esperava; e deixavam o vazio no coração; que abriam um abismo insondável, do qual se recuava com pavor, como diante de um precipício. Daí uma aspiração para o desconhecido e, conseqüentemente, uma reação inevitável para as ideias espiritualistas, como única saída possível. (KARDEC, [RE] 1863, p. 195-6)

Segundo o Espiritismo, o espírito humano tem uma intuição inata de sua natureza; pensar a si mesmo como um animal sem destinação futura após a morte, lhe dá um calafrio, um medo aterrorizador do vazio, o pavor do nada, e ele busca naturalmente a ideia das causas primeiras.

## **Onde o materialismo para, o espiritualismo continua**

O estabelecimento de uma ciência do homem espiritualista na França não ocorreu subitamente, do nada. O conhecimento científico parte sempre de uma tradição, progressivamente evoluindo em seus conceitos. Mas, quando a comunidade científica encontra imperfeições na teoria então aceita, ocasionalmente ocorre uma mudança de paradigma, a adoção de uma teoria mais completa que a anterior, que vai mais longe na explicação dos fenômenos que são seus objetos de estudo.

Foi exatamente por um processo de mudança de paradigma que a ciência do homem após a Revolução Francesa evoluiu de um corpo que pensa porque sente, para uma alma que pensa usando o corpo como seu

instrumento.

A reação espiritualista teve início quando a teoria dos ideólogos foi corrigida e ampliada com a revolução científica proposta pelo filósofo e moralista francês Marie-François-Pierre Gonthier de Biran, mais conhecido como Maine de Biran (1766-1824), causando um despertar do sono materialista e avançando experimentalmente no estudo da psicologia humana quanto à produção do conhecimento e aos fundamentos da moral. No início de suas pesquisas, Biran foi desafiado pelo próprio Instituto da França, vencendo diversos concursos nele propostos, como o que perguntava, em 1802: “Qual a influência do hábito sobre a faculdade de pensar?”.

O materialismo é uma hipótese que nega os pressupostos espiritualistas. Mas o contrário não é verdadeiro. Quanto ao ser humano, a ciência materialista estuda seus órgãos, funções, tecidos, sistemas, os sentidos físicos e tudo o mais. O espiritualismo parte desse conhecimento estabelecido e avança nos fatos do espírito humano. Kardec desenvolveu essa ideia:

Deixemos, pois, o materialismo estudar as propriedades da matéria; este estudo é indispensável, e o será tanto de fato: o espiritualismo não terá mais do que completar o trabalho naquilo que lhe concerne. Aceitemos as suas descobertas, e não nos inquietemos com suas conclusões absolutas, porque sua insuficiência, para tudo resolver, estando demonstrada, as necessidades de uma lógica rigorosa conduzirão forçosamente à espiritualidade. (KARDEC, [RE] 1868, p. 134)

Maine de Biran, longe de rejeitar a Ideologia como um todo, partiu do entendimento conquistado por essa ciência para a compreensão do ser humano, identificando as limitações e os erros cometidos por seus criadores para fazê-la avançar. E, na busca de uma solução que explicasse melhor os fatos, ampliou o campo de investigação, porque em seu pensamento não negava a existência da alma, mesmo reconhecendo e respeitando que sua essência era inacessível aos sentidos. Sabia, porém, que podia estudá-la

somente observando seus efeitos. Foi mais longe que os ideólogos, pois, enquanto eles se detinham nos limites da matéria tangível, o pensamento espiritualista alcançou a abrangência necessária para explicar satisfatoriamente os fenômenos psicológicos envolvidos.

Havia um objeto bem definido em sua pesquisa. Maine de Biran recebeu do século das luzes a ideia da *moral natural*, deixando de ser um assunto restrito da religião para tornar-se conquista superior da ciência, pela compreensão da natureza humana. Ele atendeu assim à exigência dos novos tempos, ao abandonar o dogmatismo e o sobrenatural anteriormente aceitos pelas regras científicas, como também seus termos, métodos e fundamentos.

Até então, os materialistas do Instituto reduziam em sua teoria o mecanismo psicológico para relacionar a personalidade humana a um processo passivo. Segundo eles, tanto as faculdades, o juízo, quanto a reflexão, desejos e paixões seriam apenas transformações da própria sensação. Tudo no homem se resumiria ao sentir. As únicas forças que provocariam o movimento do indivíduo seriam a dor que detém e o prazer que motiva. Repetindo as experiências, fugindo do sofrimento e buscando a satisfação na relação com o ambiente e os objetos que encontra, o ser estabeleceria os hábitos formadores de sua estrutura psicológica, como a faculdade de pensar, a memória e todos os demais. Seria o homem, assim considerado, nada além de uma máquina fisiológica de pensar.

Vendo o homem como um animal que pensa, o exclusivismo da razão como único meio para estabelecer um indivíduo social, o materialista consagra como impulso da ação o prazer, o limite na dor. Abandona a consciência moral que fundamenta valores transcendentais da fisiologia, pois nada vê senão carne e ossos. Esta ainda hoje é a chaga da humanidade. Sondando as profundezas da alma, Biran vai não só fundar uma psicologia científica, como dar bases adequadas para uma vida humana que valha a pena, pois não é possível “tantos homens dissipados e empedernidos ir na

carreira das paixões e dos divertimentos do mundo até sufocar esta verdade interior que o chama continuamente à ordem, ao dever, à razão e à reflexão”. Nada mais atual! E ele conclui afirmando ser “necessário conciliar o coração com as luzes, a consciência com os costumes, os deveres com os prazeres e, por aí, chegar à paz do coração, a esta paz interior, sem a qual não há felicidade possível” (BIRAN, 1927, p. 215).

Maine de Biran reconhece na fisiologia os instrumentos da sensibilidade, mas, vendo o ser humano como alma e corpo, reconhece as faculdades como inerentes à alma, promovendo por seu esforço o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades. De um ser passivo, faz do homem um ser duplo, ativo e livre; responsável por suas escolhas racionais, tornando essa definição a base da psicologia e da moral experimentais. Mas, é importante frisar, ele não partiu primeiro dessa conclusão para chegar à sua teoria, como vamos ver, mas observou e estudou os fenômenos e, desses fatos, extraiu as hipóteses que a sustentam.

Assim, Biran estabelece duas metas para a ciência do homem – unir psicologia e fisiologia em sua pesquisa e compreender o fenômeno simples ou fato primitivo único da atividade do espírito, respeitando assim as exigências racionais da época.

Essa revolução psicológica criada por Maine de Biran foi inédita. Até então, a palavra alma estava unicamente associada a metafísica e religião, sendo uma abstração criada por Deus, hipotética ou dogmática. Mas ele alterou o caminho e observou-a por meio de fatos como causa da natureza humana, tirando-a das intangibilidades celestes para a vida, do campo religioso para o científico. Conceitos e modelos criados por ele, como a ideia de inconsciente, vão direcionar essa disciplina nos séculos seguintes.

A psicologia de Biran foi precursora, criando uma base conceitual essencial para o surgimento do Espiritismo, porquanto elevou o debate da alma para o nível científico, único ambiente no qual a Doutrina Espírita

poderia se estabelecer. Kardec inseriu a Ciência Espírita entre os estudos psicológicos espiritualistas de seu tempo. Por isso, reafirmamos, para compreender o Espiritismo em seu sentido original, é preciso antes conhecer o cenário cultural de seu surgimento. E foi para a psicologia espiritualista do começo do século 19 que todas as ideias elaboradas nos séculos anteriores convergiram para uma só síntese.

Atualmente, porém, essa origem das ideias espíritas é grandemente desconhecida. A visão mais comum está em tentar definir o Espiritismo pelo estado de coisas de nosso tempo, tirando-o de seu contexto original. O engano está em imaginar Allan Kardec desenvolvendo os conceitos fundamentais tomando como base uma alma abstrata da filosofia ou definida pelos devaneios da teologia. Nada mais fora da realidade. O passo de superação dessas limitações, alterando o foco de abordagem da alma para a metodologia científica, já havia ocorrido na primeira metade do século. Kardec não foi pioneiro da definição do ser humano como sendo “uma alma encarnada”, isto foi obra de Maine de Biran, ao fundamentar cientificamente os fenômenos psicológicos. Mas coube ao professor Rivail desvendar ao mundo as consequências morais de se reconhecer o Espírito como sendo a “alma desencarnada”, por meio da observação dos fenômenos espíritas. Ambos se estabeleceram como conhecimento científico.

A filosofia tradicional lida somente com hipóteses, as religiões estabelecem dogmas, Kardec reforça enfaticamente que o Espiritismo parte de fatos ou fenômenos produzindo conhecimento científico. Por isso é equivocado derivar a Ciência Espírita diretamente de outras formas de conhecimento, como os sistemas filosóficos clássicos ou a teologia milenar, como se tem imaginado nos estudos do Espiritismo desde o século 19 até hoje. A partir desse equívoco, ocorreu algo ainda mais nefasto, pois essa visão acabou por adulterar a prática espírita no Brasil, congelando seus propósitos transformadores, pois, ao adotar as obras de Kardec como

revelação metafísica extraordinária, independente de uma tradição do pensamento científico, gerações de adeptos o transformaram numa fonte de culto, conformando um movimento espírita teológico, erigido numa seita exclusivista, desvio que vamos estudar no Livro Terceiro desta obra.

Em verdade, o campo da psicologia experimental e dos fatos psicológicos foi o ponto inicial, do qual a Teoria Espírita é o seu desenvolvimento, como explicou Kardec:

O Espiritismo não tomou seu ponto de partida na existência dos Espíritos e do mundo invisível, a título de suposição gratuita, salvo a provar mais tarde essa existência, mas na observação dos fatos, e de fatos constatados, ele concluiu na teoria. Esta observação o conduziu a reconhecer, não somente a existência da alma como ser principal, uma vez que nele residem a inteligência e as sensações [mas não a sensibilidade, que pertence à fisiologia orgânica], e que sobrevive ao corpo, mas quantos fenômenos de uma ordem particular se passam na esfera de atividade da alma, encarnada ou desencarnada, fora da percepção dos sentidos. Como a ação da alma se liga essencialmente à do organismo durante a vida, o Espiritismo é um campo de exploração vasto e novo aberto à psicologia e à fisiologia, e no qual a ciência encontrará o que procura inutilmente há muito tempo. (KARDEC, [RE] 1866, p. 159)

Por ter profundo conhecimento da ciência psicológica, estudada por décadas antes de se deparar com os fenômenos espíritas, Kardec tinha à sua disposição os termos e a definição dos fatos psicológicos apropriados para estender o estudo então vigente da alma para o da alma liberta do corpo, ou espírito. Conseguiu, então, compreender a profundidade do ensino dos Espíritos superiores.

## **A revolução psicológica por Maine de Biran**



Maine de Biran

Vamos, agora, retomar exatamente a gênese desse conhecimento, quando

Maine de Biran desenvolveu a ciência do homem, unindo psicologia e fisiologia para o estabelecimento da moral por meio da vontade, identificando o fato primitivo primário da atividade da alma. São exatamente esses termos e ideias próprios do século 19 que serão referidos por Allan Kardec em seus artigos na *Revista Espírita* e em suas obras, como: sensação, percepção, instinto e razão, ação da vontade, senso íntimo, faculdades inatas, livre-arbítrio, justiça e caridade, entre outros.

O cerne da psicologia de Biran está em considerar propriamente da alma somente o que há de voluntário no ser humano: “A vontade é a condição primária e necessária do conhecimento de nós mesmos ou do sentimento de nossa própria existência. O eu é a força livre, que se conhece pela consciência de seus próprios atos” (FRANÇA, 1973, p. 577). O médico brasileiro Eduardo França, que estudou a psicologia espiritualista e a divulgou no Brasil do Segundo Império, conseguiu derivar as consequências morais da liberdade humana proporcionada pela faculdade da vontade, e assim as definiu:

A vontade é a única força livre no homem: pela vontade o homem se apodera de todas as faculdades, as dirige e aperfeiçoa. A vontade é uma faculdade muito especial ao homem; é por ela que se distingue de todas as outras criaturas. É por ela que somos responsáveis por nossos atos, [...] só a nós mesmos deveremos atribuir o mal que fizemos, e só de nós mesmos poderemos queixar do castigo que sofremos. (FRANÇA, 1973, p. 578)

Quando o materialista considera somente a fisiologia, encontra no homem um ser passivo, pois, reduzido a essa limitação, não tem livre-arbítrio e seus atos seriam regidos somente pelas sensações de prazer e dor. Quando a alma é considerada causa dos atos voluntários, a faculdade da vontade define a real particularidade da vida humana, e a moral se estabelece a partir da ação autônoma, ou ato voluntário.

Por isso a tendência atual da psicologia e das neurociências em conceber o ser humano considerando o pressuposto de que ele é um ser passivo, sem livre-arbítrio, retoma a tese materialista dos ideólogos e, portanto, não se

concilia com a Teoria Espírita. O compêndio *Princípios de neurociências*, pelos doutores Eric Kandel, James Schwartz e outros, define essa questão:

Alguns pesquisadores propõem que, ao contrário do pensamento comum, a experiência subjetiva de que a intenção e a volição são processos mentais que precedem a ação é, de fato, um construto *a posteriori* do cérebro. [...] Benjamin Libet e colaboradores exploraram essa questão [...]. Eles solicitaram aos sujeitos que fizessem um movimento com a mão quando quisessem e usassem uma escala de tempo visual como o relógio para relatar quando foi o primeiro instante em que perceberam sua intenção de mover. A descoberta surpreendente foi que os sujeitos relataram ter reconhecido pela primeira vez a intenção de seu movimento apenas cerca de 200 ms antes do início da atividade muscular, cerca de 1 segundo após o início do potencial de prontidão, um sinal bilateral que surge no córtex frontal e está associado com a preparação volitiva para o movimento. Libet concluiu que os processos neurais que levam ao início de um movimento voluntário começam muito antes de o sujeito relatar qualquer consciência de intenção de se mover e, desse modo, a consciência e o livre-arbítrio teriam um papel pequeno nos processos iniciais relacionados com o controle do comportamento voluntário. (KANDEL, 2014, p. 773)

E os autores concluem, a partir do experimento de Libet e outros correlatos, que o consenso desses estudos é o de que a noção de agente causal estaria relacionada ao controle de movimento e não de uma atividade separada de áreas de ordem superior. As escolhas se dariam em áreas inconscientes do cérebro, não controladas pela consciência do indivíduo. Por que os neurocientistas chegaram a essa conclusão? Pelo fato de adotarem um pressuposto implícito de que a noção de ser ou do eu está compreendida na atividade consciente nascida de uma atividade do córtex frontal. Ou seja, reduzindo o ser em si a subproduto do funcionamento de uma área do cérebro. Mas essa é a única maneira de analisar esse experimento? Não! Considerando o ser humano como dual, uma alma, causa percebida por seus efeitos, fazendo uso do cérebro como instrumento; por esse outro pressuposto, a consciência cerebral seria uma condição do pensamento da alma, e não ela própria. Ou seja, as relações neurológicas da estrutura cerebral não contêm em si o ser, ou agente causal, mas são, em verdade, resultantes circunstanciais da relação entre alma e corpo.

A teoria materialista de que o ser é um efeito do funcionamento do cérebro não pode ser provada por experimento algum, pois é estabelecido previamente por escolha do cientista, sendo seu ponto de partida ou escolha ideológica, e não a conclusão do experimento. No experimento de Libet, podemos considerar um modelo segundo o qual há um agente causal independente da estrutura cerebral (alma, individualidade) e que a escolha, a intenção, a volição, não estão condicionadas pelos processos mentais do cérebro que definem a consciência do indivíduo (personalidade). Desse modo, a consciência reconhecida principalmente por um foco localizado no córtex cerebral pelos neurocientistas não seria o agente causal em si, mas um efeito cuja causa estaria além da fisiologia. Ou seja, não é a consciência fisiológica que tem livre-arbítrio, mas a individualidade ou a alma. Mudando o paradigma inicialmente adotado para estudar os fatos do experimento, a conclusão será outra.

Para o Espiritismo, é absolutamente clara a conciliação de sua teoria com esse experimento de Libet. Pois a consciência da alma é mais ampla do que a da personalidade, compreendida pelo funcionamento do cérebro ou da consciência derivada das atividades neurais. Isso pode ser demonstrado pelo fenômeno do sonambulismo, quando a alma, afastada do corpo, raciocina de forma independente e, em alguns casos, até divergente do pensamento da personalidade quando desperta. O sonâmbulo pode tratar de temas complexos sobre os quais nada sabe quando em vigília. Isso porque, por exemplo, um espírito sábio pode estar vivendo a experiência de um indivíduo iletrado. Acordado, fica limitado pelos recursos de seu cérebro e pela cultura adquirida nesta vida. Em estado sonambúlico, porém, acessa a memória e a capacidade racional de seu espírito por meio de seu perispírito, podendo tratar de assuntos complexos. O experimento de Libet, portanto, evidencia as limitações de escolha da personalidade, limitada pela consciência derivada do uso do cérebro, e não do verdadeiro agente causal,

que é a alma, ou espírito encarnado. Mas, para chegar a essas conclusões, um longo percurso foi necessário, desde as definições primordiais da psicologia espiritualista dualista de Maine de Biran, até chegar à pesquisa dos fatos espíritas por meio dos estudos psicológicos elaborados por Kardec.



Franz Anton Mesmer

Diante do estudo do ser humano, Maine de Biran escolheu outro caminho que não o materialista, como vamos ver a seguir, e considerou o pressuposto de que *o eu é a vontade*, e os efeitos dela sobre o corpo definem o ato psicológico como voluntário, sendo a alma percebida por uma atividade que age sobre a matéria. Desse seu esforço inédito para compreender melhor a nós mesmos, surgiu uma ciência sólida, que causou entusiasmo na sua e nas gerações seguintes dos psicólogos e pesquisadores espiritualistas, desembocando na Ciência Espírita. Biran também influenciou diretamente psicólogos modernos como William James e Henri Bergson.

Assim, a definição do livre-arbítrio da alma elaborada *psicologicamente pela faculdade da vontade* será o ponto de partida ou a espinha dorsal das diversas ciências espiritualistas da era moderna, como o magnetismo animal de Mesmer, a psicologia de Biran, as ciências filosóficas do Espiritualismo Racional (Royer-Collard, Cousin, Jouffroy, Paul Janet) e do Espiritismo de Allan Kardec, que o define também quanto ao *Espírito*, em *O Livro dos Espíritos*:

O Espírito goza sempre do livre-arbítrio. Em virtude dessa liberdade é que escolhe, quando desencarnado, as provas da vida corporal e que, quando encarnado, decide fazer ou não uma coisa, procede à escolha entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio fora reduzi-lo à

condição de máquina. (KARDEC, [1860] 1995, p. 219)

Assim, as consequências morais da *psicologia espiritualista* serão exatamente as mesmas que vão fundamentar a *Teoria Moral Espírita*, sendo a faculdade da vontade o ponto de partida de ambas.



Pierre Paul Royer-Collard

Vejam, então, como Maine de Biran encontrou, por meio da observação, a alma humana ativa num corpo sensível por meio de suas faculdades (razão, vontade e imaginação), definindo o mecanismo desse fato experimentalmente. Lendo Tracy, que definiu a função sensorial da *motilidade*, Maine percebe que não seria possível promover o movimento sem que ele fosse provocado por uma iniciativa, uma intenção que o antecede. Desiludido com o erro, escreverá ao seu mestre:

Por não terdes levado sua análise até ao fim, você não viu tudo o que compreende o seu grande princípio da motilidade e deixou subsistir um princípio de erro que o tornará suspeito, levando-o ao abandono. Esse erro, perdoe-me o termo, é o seguinte: o de *supor que o sentimento de existência pessoal é idêntico à afecção sensitiva*. (UMBELINO, 2010, p. 157)

Tracy estava no caminho certo, mas não chegara ao cerne da questão. Vejam um exemplo prático analisando a decomposição dos fenômenos como proposto por Biran. Quando o indivíduo faz um gesto simples como estender a mão e tocar um objeto, é possível perceber em nosso íntimo a ação de nossa vontade como causa desse movimento voluntário. Reconhecemos na prática a existência de nossa individualidade comandando o corpo físico, provocando por nosso esforço a movimentação muscular que leva o braço a pegar o objeto. Ou seja, não há como percebermos a nossa individualidade senão enquanto ela atua no corpo ao

qual está unida. Desse modo, segundo Biran, chegamos ao fato primitivo do espírito humano: o esforço.

Assim, decompondo o movimento voluntário simples, como mover a mão para alcançar um objeto, ocorrem várias coisas ao mesmo tempo: há a sensação de tocá-lo e a percepção desse contato com algo externo; no mesmo ato, há também a sensação da tensão muscular no braço e a percepção dessa ação fisiológica ocorrendo internamente em seu organismo; mas, no início de tudo, ocorreu primeiramente a intenção do movimento, e a percepção da vontade ativa escolhendo fazer essa ação, ou esforço. A percepção do ser, observando a si mesmo pela introspecção, reconhece, nesse simples exercício, três coisas distintas:

1. A *vontade*, faculdade da alma, que escolhe;
2. O *corpo* que exerce o movimento;
3. O *objeto externo* que exerce uma pressão de seu peso, representando o ambiente exterior.

Portanto, Biran concluiu que “o conhecimento do eu é separado em seu princípio do conhecimento do universo externo”<sup>25</sup>. Assim, ele afirma que “o fato primitivo ou psicológico não é a sensação, mas a ideia da sensação que ocorre quando a impressão sensível concorre com a individualidade pessoal do eu” (BIRAN, 1942, p. 81). Há uma diferença fundamental, não compreendida até então pelos ideólogos, entre movimento instintivo e movimento voluntário, abrindo caminho para um novo entendimento do ser humano, seu processo evolutivo e as consequências morais e pedagógicas dessa compreensão<sup>26</sup>.

Está na consciência da força que exercemos sobre os nossos órgãos, nessa experiência interna, a percepção do poder ativo de nosso ser em si, ou alma:

Todo o mistério de noções *a priori* desaparece diante do fato da experiência interna, que nos ensina que a ideia de causa tem seu tipo primitivo e único no sentimento do eu identificado

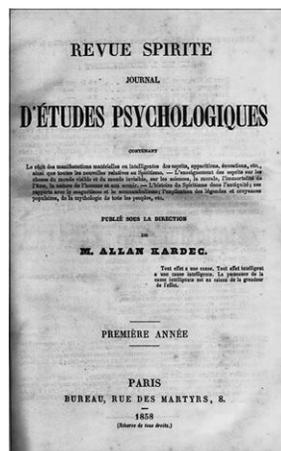
com o do esforço. Encontramos profundamente arraigada em nós a noção de causa ou de força; mas antes da noção está o sentimento imediato da força, e esse sentimento não é outro senão o de nossa própria existência, do qual é inseparável o da atividade. Com efeito, não podemos reconhecer-nos como pessoas individuais sem nos sentirmos causas relativas a certos efeitos, ou movimentos produzidos no corpo orgânico. A causa ou força atualmente aplicada em mover o corpo é uma força ativa. Mas a existência da força não é um fato para o eu senão enquanto se exerce. A este fato chamamos esforço ou ação voluntária, e digo que este esforço é um verdadeiro fato primitivo do senso íntimo. (JANET, 1885, p. 206)

Como resultado desses estudos psicológicos, é possível compreender diferentes atos próprio do ser humano, uns de origem fisiológica no âmbito do corpo físico e outros originários da ação humana propriamente dita, ou fatos do espírito humano. Formam então dois grupos, definidos por dois elementos distintos:

A – *Sensação*, fenômeno fisiológico relativo ao corpo físico.

B – *Percepção*, ato psicológico, decorrente das faculdades da alma como força ativa, ao fazer uso do corpo físico como instrumento para raciocinar pela faculdade da razão e escolher pela vontade.

Essa distinção é fundamental, pois os ideólogos, negando a existência da alma como princípio ou, podemos dizer, por preconceito, adotaram um reducionismo extremo considerando que tudo no homem resume-se a sentir. Tudo é sensação. E o estudo do homem ficaria reduzido aos fenômenos fisiológicos.



Número da Revista Espírita de 1858

Desse modo, pela definição biraniana, “o ser humano é uma alma encarnada”. A ciência do homem lida com um ser complexo – *homo; simplex in vitalitate, duplex in humanitate*. Faz uso de seu corpo como instrumento para o exercício de suas faculdades, pois todo conhecimento mediato do mundo pressupõe uma consciência anterior como fato primeiro. Ampliando os limites da ideologia, abandonando o materialismo por um Espiritualismo Racional, Maine de Biran faz renascer a psicologia, mas agora toda experimental, mantendo-se no limite dos fenômenos observáveis e independente da metafísica. Pois a percepção como ato psicológico tem a alma como “causa”, sem necessitar ou se preocupar em definir a sua essência ou sua origem.

A revolução de Biran, identificando duas classes de fenômenos (sensação e percepção), vai dar surgimento a um grande número de novas ciências, que, como vamos ver à frente, serão classificadas como ciências morais, psicológicas, filosóficas e metafísicas. Essa base científica permitirá a Allan Kardec ampliar o objeto de estudo da psicologia, partindo da alma para compreender o espírito, ou seja, “o espírito é a alma desencarnada”. Enquanto Biran fundamenta sua ciência no indivíduo que percebe a si mesmo em sua relação com o corpo físico, de forma análoga e simétrica, Kardec vai estudar os Espíritos a partir de sua percepção por meio do corpo espiritual ou perispírito. Por isso o Espiritismo é classificado por ele como sendo uma ciência filosófica e, ampliando os limites da psicologia, vai fundar uma metafísica experimental. A sua *Revista Espírita* recebeu o adequado subtítulo de *Jornal de estudos psicológicos*:

Nosso quadro, como se vê, compreende tudo o que se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem; estudá-la-emos em seu estado presente e em seu estado futuro, porque estudar a natureza dos Espíritos é estudar o homem, uma vez que deverá fazer parte, um dia, do mundo dos Espíritos; por isso acrescentamos, ao nosso título principal, o de *jornal de estudos psicológicos*, a fim de fazer compreender toda a sua importância. (KARDEC, [RE] 1858, p. 5)

Allan Kardec, seguindo essa proposta de pesquisa psicológica experimental, em *O Livro dos Espíritos*, fundamenta todo o estudo da vida espírita no entendimento das “percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos”, culminando com um tratado fundamental, o *Ensaio teórico da sensação nos Espíritos*, que nada mais é do que uma tese de psicologia experimental espiritualista aplicada ao estudo da fisiologia do espírito, considerando a participação do perispírito na causa dos fenômenos da vida espiritual:

O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que a alma conserva da dor pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se. Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo aprofundado do perispírito, que tão importante papel desempenha em todos os fenômenos espíritas; nas aparições vaporosas ou tangíveis; no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte; na ideia, que tão frequentemente manifesta, de que ainda está vivo; nas situações tão comoventes que nos revelam os dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver pelos gozos materiais; e inúmeros outros fatos, muita luz lançaram sobre esta questão, dando lugar a explicações que passamos a resumir. (KARDEC, [1860] 1995, p. 165)

Outro ponto de vista de grande importância do Espiritismo como estudo psicológico está no fato de que a meta das ciências filosóficas era conquistar excelência na aplicação de suas conquistas científicas para o desenvolvimento da educação e da moral, visando à regeneração da humanidade. E a Doutrina Espírita vai ficar lado a lado com o Espiritualismo Racional nessa grandiosa tarefa, a partir da criação de uma nova educação e uma nova moral, baseadas na autonomia intelecto-moral do ser humano.

A revolução psicológica de Maine de Biran dará a ele, na continuidade de

seu projeto, a meta de desenvolver também uma pedagogia derivada de sua teoria. O estudo dos hábitos permitirá compreender como motivar a criança e o jovem ao desenvolvimento de suas faculdades de forma voluntária, consciente e progressiva. E não por um condicionamento ou adestramento, baseado em castigos e conteúdos decorados, como se caracterizava a educação dos jesuítas e ideólogos, únicas existentes na França até então.

Para uma nova educação, será preciso considerar a criança como uma alma ativa (vida humana) percebendo por meio de um corpo físico (vida animal). Dessa dualidade do ser humano decorre a existência de dois tipos de hábito: o *hábito natural*, derivado dos instintos, e o *hábito adquirido*, nascido da faculdade da vontade, conduzida pela razão. Desse modo, dessa psicologia das faculdades, a perfectibilidade do homem deve ocorrer por sua ação ativa. A instrução, diferindo tanto da proposta das religiões positivas quanto dos materialistas, é motivada pela vontade estimulada pelo acolhimento, pela curiosidade e pelo pensamento voluntário. Já a educação ocorre pela formação de hábitos adquiridos, motivados pela razão e iluminados pela consciência, agindo pelo dever, mirando o seu destino moral. Por fim, as atividades físicas, hábitos alimentares, e outros recursos naturais poderão manter a saúde, o vigor e plenas capacidades do corpo físico.

A teoria de Maine de Biran altera o escopo da pedagogia, ao considerar a criança como agente ativo e responsável, peça-chave do modelo educacional. Na visão do ser como passivo, agindo determinado somente por estímulos internos e externos, o indivíduo torna-se autômato, submisso, controlado por outrem. Mas, quando aprende a fazer uso consciente de sua vontade e razão, torna-se senhor de si mesmo, responsável por seus atos, conquistando a verdadeira liberdade. Todavia, não deixa de ter em seus atos da vida cotidiana a influência benéfica de seus instintos, além de seu organismo vivenciar o controle das atividades inconscientes para as

necessidades fisiológicas e de sobrevivência.



Compreendendo, assim, a diferença entre o homem do velho mundo e o homem novo, a reação espiritualista pretendia sacudir a humanidade da obediência passiva, justificada tanto pelo dogmatismo quanto pelo materialismo. Dando novo alento à faculdade de pensar, é a conquista plena da liberdade de pensamento e de consciência. E é Biran que inicia esse processo histórico, que vai se ampliar no cenário cultural do século 19, dando o clima ideal para o surgimento do Espiritismo. Kardec, em seu artigo de 1863 sobre a reação espiritualista, assim definiu essa conquista da fé raciocinada em seu tempo:

É essa reação que se manifesta há alguns anos; mas o homem chegou a um dos pontos culminantes da inteligência; ora, nessa idade em que a faculdade de compreender é adulta, não pode mais ser conduzido como na infância ou na adolescência. O positivismo da vida ensinou-o a procurar, dizemos nós, tornou-lhe necessário o porquê e o como de cada coisa, uma vez que, no nosso século matemático, se tem necessidade de se dar conta de tudo, de tudo calcular, de tudo medir, para saber onde se põe o pé. Quer-se a certeza, senão material, pelo

menos moral, até na abstração. (KARDEC, [RE] 1863, p. 196)

Em maio de 1818, quando sua teoria ganhou a plenitude de suas ideias, Biran demonstrou filiar-se ao projeto de Rousseau em *O vigário de Savoia*, de sua obra *O Emílio*, herdando dos iluministas a ideia de uma moral separada da religião, estritamente laica: “Jean-Jacques Rousseau fez a poesia da consciência moral. Eu gostaria de fazer a teoria” (BIRAN, 1957, p. 100). E então desenvolveu: “O homem somente pode ser solidamente virtuoso quando tiver demonstrado a ele mesmo, seja pelo raciocínio, seja pela experiência, que a virtude e a felicidade são inseparáveis” (*Ibidem*).

Ou seja, com Biran, a ciência ganha eficácia mais ampla, pois, se até então, em sua competência permitia dominar a natureza, agora o alvo é dar condições ao indivíduo ser senhor de si mesmo, por meio de uma moral natural prática e teórica. Ela permitiu um amplo desenvolvimento da educação – superando o treinamento por meio de castigo e competição, pelo desenvolvimento motivado das faculdades humanas (razão, vontade, imaginação). Uma pedagogia ativa e afetiva, caracterizada pela autonomia intelecto-moral como seu fundamento primordial.

Há uma outra aproximação importante entre Biran e Kardec. Sabe-se que este foi educado no castelo de Yverdon, Suíça, escola de Pestalozzi. Depois, Rivail (futuro Allan Kardec) iria tornar a educação o objeto de sua vida, produzindo obras de aplicação do método pestalozziano na França, além de diretor de instituições de educação com esse objetivo. Pois, antes disso, Maine de Biran, reconhecendo a excelência desse método para a educação da infância, ao ser eleito subprefeito de Bergerac desde 1806, sua cidade natal, foi um dos pioneiros, fundando um colégio inspirado nas ideias pestalozzianas.

Após a Revolução Francesa, as escolas públicas estavam em condições deploráveis, e Napoleão nada fez por elas, até mesmo porque temia as consequências de um povo letrado. Ou seja, Biran tinha não só uma

preocupação intelectual e moral, como também social. A prática comum de recitação mecânica lhe pareceu reprovável, porque: “Ensinar a ler, escrever, traduzir e recitar com palavras insignificantes e vazias de sentido, sem nenhuma relação direta com a realidade na qual vive o aluno, cria neste uma automação mental e uma falta de espírito crítico totalmente nefastos” (GOMEZ, 1982, p. 49).

Inicialmente, Biran escreveu a Pestalozzi pedindo o envio de um discípulo para implantar seu método no novo colégio. Para ele, trata-se da melhor aplicação e verificação experimental de sua teoria psicológica sobre o entendimento humano e o desenvolvimento das faculdades. Depois de algum desencontro, chegou François Barraud a Bergerac para conduzir a educação de sua instituição. Sobre os resultados, Maine de Biran vai escrever:

A finalidade principal do ensino em Pestalozzi não é somente comunicar aos alunos uma certa quantidade de conhecimentos exatos, mas, sobretudo, proporcionar às faculdades da primeira infância o desenvolvimento que mais lhe convém, o estímulo e o desenvolvimento dessa primeira semente da razão inerente à nossa natureza intelectual e que normalmente nem se sabe reconhecer, muito menos cultivar na infância, tão tristemente depreciada entre nós. Este método que toma aos alunos em sua mais tenra idade, precede a qualquer outra educação e deve ser considerado como uma preparação essencial para os restantes estudos. É a instituição primária por excelência. (GOMEZ, 1982, p. 52)

Em vez de decorar palavras vazias, a criança conquistava a capacidade de relacionar os termos com signos representativos de ideias claras e compreensíveis, explica Biran, que iria se tornar um profundo conhecedor das ideias de Pestalozzi, além de cultivar uma amizade mantida pela troca de cartas, sustentando o afeto mútuo. Viajando à Suíça em setembro de 1822, Biran chegou a Yverdon ao entardecer para visitar e conhecer pessoalmente Pestalozzi, que o recebeu “como a um antigo amigo e se entusiasmou falando sobre seu Instituto e de uma revista de educação organizada sob sua direção” (GOMEZ, 1982, p. 60). Feliz encontro de duas mentes brilhantes.

## A sociedade filosófica de Maine de Biran

Todas as semanas, desde setembro de 1814, um pequeno número de pensadores tomou parte numa sociedade filosófica em torno de Maine de Biran. Entre eles, Guizot, Royer-Collard, Thurot, Ampère, todos professores do Collège de France. Também o diretor da Escola Politécnica, Duriveau. Além do jovem professor de filosofia, desde 1816, Victor Cousin, que nessa época tinha apenas 24 anos. Faziam leituras de artigos, debatiam temas, sobre as ciências, como a psicologia experimental e seus desenvolvimentos.

Maine de Biran não se tornou diretamente uma alavanca de transformação do pensamento acadêmico, mas o grupo de seguidores, motivado por suas ideias, liderou a reação espiritualista que transformou a história filosófica e educacional da França no século 19. Nas primeiras décadas desse século, porém, enquanto o jovem Rivail recebia a educação libertária de Pestalozzi na Suíça, a Igreja ainda ditava regras nas escolas primárias francesas e a Universidade estava dividida entre dois grupos de moralistas: os ideólogos de um lado e a oposição, representada por Camille Royer-Collard, inspirada por Maine de Biran, Platão, Rousseau, Kant e os escoceses Thomas Reid e Dugald Stewart. Entre os seus alunos, Victor Cousin foi um personagem central na concretização desse projeto liberal:

A descoberta de Maine de Biran preenche efetivamente todas as exigências da observação introspectiva, que chegara a adquirir situação privilegiada na evolução da hipótese empirista. Além disto, foi trabalhada pelo seu autor de forma exaustiva, com tal rigor que nem se dera o direito de publicar o conjunto das análises que chegou a efetivar, o que somente teria lugar depois de sua morte. Assim, uma investigação que se considerava, à época, realizada segundo cânones científicos, chegara a fundar a liberdade da pessoa humana. É natural que provocasse entusiasmo sem limites e desse origem a uma corrente importantíssima no pensamento francês, mais tarde batizada de *positivismo espiritualista*.<sup>27</sup> (PAIM, 2007, p. 46)

Filho de um relojoeiro e uma simples engomadeira de Paris, depois de vencer um concurso e cursar a Escola Normal Superior, Cousin conquistou a nomeação de suplente do professor Royer-Collard na cadeira de história

de filosofia moderna na Universidade Sorbonne. Com esses dois professores (além de um grupo expressivo que deu plena continuidade à escola, como Theodore Jouffroy, Jean Damiron, Vacherot, Jules Simon, Emile Saisset, Paul Janet, entre outros), as ideias espiritualistas pensadas pelo rigor científico começaram a ganhar cidadania, atraindo o interesse dos jovens cansados do infrutífero pensamento materialista dos ideólogos. O Espiritualismo Racional vai se tornar a filosofia oficial, influenciando toda a cultura da França e muitos outros países, também do Brasil. Allan Kardec comentou essa conquista histórica:

As ideias espiritualistas respondem bem às aspirações gerais, são preferidas ao ceticismo e à ideia do nada, uma vez que se sabe, instintivamente, que elas estão na verdade, mas não satisfazem senão imperfeitamente, porque deixam ainda a alma no vago, e que sozinhas são impotentes para darem a solução de uma multidão de problemas. O simples Espiritualista está na posição de um homem que percebe o objetivo, mas que não sabe ainda por qual caminho a ele chegar, e que encontra escolhos sobre seus passos. Eis por que, nestes últimos tempos, um tão grande número de escritores e de filósofos tratou de sondar esses misteriosos arcanos, por que tantos sistemas foram criados tendo em vista resolver as inumeráveis questões permanecidas insolúveis. Que esses sistemas sejam racionais ou absurdos, nisso não testemunham menos as tendências espiritualistas da época, tendências das quais não se faz mais mistério, que não se procura esconder, da qual se faz glória, ao contrário, como outrora se glorificava de sua incredulidade. Se todos esses sistemas não chegaram à verdade completa, é incontestável que vários dela se aproximaram ou a roçaram, e que a discussão que dela foi a consequência, *preparou o caminho [para o Espiritismo] dispondo os Espíritos a essa espécie de estudo.* (KARDEC, [RE] 1863, p. 196)

Os debates e pesquisas dos filósofos, no decorrer dos tempos, aprimoraram os entendimentos por meio da ciência psicológica, e em muitos pontos, principalmente quanto às consequências morais, convergiram, mas sem chegar a apresentar uma teoria geral tão ampla e conexas como a espírita. Os Espíritos superiores esclarecem que “esses homens eram precursores da eterna Doutrina Espírita. Prepararam os caminhos”. Mas não podiam estudar a alma apenas por seus efeitos no ser humano, por meio da introspecção, e não na observação objetiva que os bons Espíritos podem fazer de seu plano. Ou seja, “eram homens e, como

tais, se enganaram, tomando suas próprias ideias pela luz. No entanto, mesmo os seus erros servem para realçar a verdade, mostrando o pró e o contra”. De posse da Teoria Espírita, porém, um estudo comparativo é de grande proveito, pois “entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo torna apreensíveis” (KARDEC, [1860] 1995, p. 108). Atualmente, o estudo comparado entre as ciências filosóficas e a Doutrina Espírita atende grandemente à compreensão de seus princípios.



Victor Cousin

A reação espiritualista liderada por Victor Cousin e inspirada por Maine de Biran vai entusiasmar os jovens e renovar a esperança ao propor uma sociedade baseada nos valores morais da alma. Os indivíduos podem escolher novos hábitos, agir por sua escolha de modo solidário, exercendo o ato do dever e estabelecendo a caridade ao lado da justiça. As preocupações mesquinhas de uma vida sensualista, patrocinada pelo materialismo, perdiam todo o seu brilho tentador, revelando o egoísmo em suas entranhas. Esse cenário cultural, onde o homem mergulha em si mesmo em busca de respostas aos grandes enigmas da humanidade: De onde viemos? Para onde vamos? Como conquistar o bem-estar e a felicidade para todos? Um imenso debate, presente desde a Universidade, passando pelos jornais, revistas, livros, peças teatrais, música, iniciativas humanitárias, tomou o interesse de todos.

Os Espíritos superiores, evocados por Allan Kardec, perguntados sobre o que representava essa grande movimentação da sociedade humana, responderam que ela era um reflexo de um estado de coisas semelhante que ocorria no mundo espiritual, pois, enfim, *os tempos estão chegados*.

## **A filosofia racional de Victor Cousin**

Não foi fácil esse caminho até que as tendências espiritualistas fossem glorificadas, superando a incredulidade, como afirmou Kardec.

Após a queda de Napoleão em 1814, Luís XVIII, irmão do guilhotinado Luís XVI, torna-se rei, aclamado pelos reacionários desejosos de um retorno ao Antigo Regime. Foi o período da Restauração. Também a Igreja se uniu a essa meta, no movimento *ultramontano* inspirado pelas ideias do contrarrevolucionário Joseph de Maistre (1753-1821), que considerava tanto a revolução quanto as ideias liberais um erro fatal, propondo a união em torno do papa, a submissão popular, a volta aos velhos princípios dogmáticos como solução ideal.

Em 1821, Cousin foi exonerado do cargo de professor, após a reação política promovida pelos ultramonarquistas. Nesse período, traduziu e editou importantes obras filosóficas espiritualistas de Platão, do neoplatônico grego Proclo, e reeditou Descartes. Ao viajar para a Alemanha, em 1824, foi preso por suas ideias liberais, libertado somente seis meses depois. Em 1826, publicou a primeira de suas principais obras estruturadoras de suas ideias, os *Fragments philosophiques* (*Fragmentos filosóficos*).



Joseph de Maistre

A Restauração foi um desesperado movimento promovido por aqueles que perderam poder e privilégio, determinados a deter os avanços das ideias progressistas. Mas a França estava determinada em sua busca pela liberdade. O esforço para recuperar o poder pelos ultramonarquistas foi extinto em 1828, pois, com as pressões da opinião pública que exigiam um governo liberal, Carlos X tentou ceder nomeando o liberal Martignac como primeiro-ministro da França. Este fez concessões à liberdade de imprensa, às associações políticas, e, nesse clima, Victor Cousin pôde voltar à sua cátedra.

Em 1830, os deputados liberais venceram as eleições, o rei tentou reagir, mas, com a liderança de Luís Felipe, conhecido como o “rei cidadão”, estudantes, jornalistas, profissionais liberais e operários promoveram manifestações e levantes que configuraram uma nova revolução. Foi o fim das ambições restauradoras. Oportunidade única para os professores espiritualistas, pois, em virtude da amizade de Luís Filipe I e Cousin, nos dois anos seguintes ele recebeu os cargos de conselheiro de Estado, membro da Câmara dos Pares ou Parlamento da França, membro do Real Conselho da Instrução Pública, professor titular na Sorbonne e, por fim, diretor da *École Normale Supérieure de Paris*<sup>28</sup>.

A partir da Escola Normal, numa ampla reforma educacional constituída por docentes cuidadosamente formados por Cousin na Sorbonne quanto às ciências morais, a homogeneidade do ensino espiritualista estaria garantida tanto na formação dos professores quanto em sua difusão aos jovens nos liceus e colégios do país. Sua obra principal, *Du Vrai, du beau et du bien* (*Do verdadeiro, do belo e do bom*), publicada pelo editor Didier, que também editaria obras de outros professores espiritualistas racionais. Tornou-se, depois, o editor das obras de Allan Kardec.

Desse modo, toda a estrutura concebida desde a Revolução Francesa para a produção de conhecimento de uma nova era, como a formação de

professores na Escola Normal, estrutura das ciências, formação das ciências aplicadas, será instituída, desde então, para o estabelecimento do Espiritualismo Racional, por meio das ciências filosóficas, tendo como ciência primeira ou fundamental a psicologia experimental espiritualista inspirada em Maine de Biran. Foi a concretização da reação espiritualista, um novo e inédito cenário cultural na França, irradiada para diversos outros países.

Paul Janet, em sua obra sobre Victor Cousin, notou que, para os liberais de 1830, o estabelecimento de um currículo de filosofia independente não era apenas a consequência do estado secular; “foi ao mesmo tempo um instrumento de propaganda dos princípios da separação entre as instituições governamentais e instituições religiosas” (JANET, 1885). O objetivo fundamental foi criar uma sociedade que ponderasse princípios comuns e fraternos, sem excluir a diversidade de opiniões e crenças. A moral teórica em nada dependia dos dogmas e doutrinas das igrejas formais, pois estas dividem por disputarem a salvação. A moral social deveria oferecer uma base conceitual acessível a todos, propondo o ato livre do dever como base de uma sociedade solidária. E, seguindo esse caminho, foi exatamente Victor Cousin quem planejou e fundou o ensino secular da filosofia na França.

As ciências filosóficas estabelecidas nas escolas secundárias e no ensino superior por Cousin, auxiliado por Jouffroy, Simon e grande grupo de docentes, não estavam ligadas a religião alguma em particular, mas eram absolutamente compatíveis com a religiosidade de todos os indivíduos. Havia independência entre o Espiritualismo Racional e a teologia, pois, apesar de tratar dos princípios filosóficos originais de todas as religiões, como Deus, alma e sua sobrevivência, em nada lidava com as questões dogmáticas e as particularidades de cada culto.



Théodore Jouffroy

Esse clima conceitual favorável para a chegada da Doutrina Espírita foi assim descrito por Kardec como condição de sua época:

Não basta dizer que uma coisa é boa ou má, se quer saber por que ela é boa ou má, e se há razão ou não de prescrevê-la ou proibi-la; eis por que a fé cega não tem mais curso em nosso século racional. Pede-se mais que ter a fé, se a deseja, dela se tem sede hoje, porque é uma necessidade; mas se quer uma fé raciocinada. Discutir sua crença é uma necessidade da época, à qual é preciso, de bom grado ou malgrado, se resignar. (KARDEC, [RE] 1863, p. 196)

Ou seja, a sociedade francesa, desde a Monarquia de Julho (1830-1848), tinha em sua filosofia oficial exatamente a mesma orientação que seria dada posteriormente ao Espiritismo por Kardec, considerando-o como uma ciência filosófica com consequências morais, jamais uma religião formal:

O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; ele é de todas, e não é de nenhuma em particular; é por isso que não diz a ninguém para mudá-la; deixa cada um livre para adorar a Deus à sua maneira, e observar as práticas que a sua consciência lhe dita, tendo Deus mais em conta a intenção do que o fato. (KARDEC, [RE] 1862, p. 26)

Há, portanto, um princípio de continuidade entre o Espiritualismo Racional, que recupera os princípios iluministas de direito, moral e religião naturais; e o Espiritismo. Ambos tratam seus temas e questões por meio da metodologia científica própria das ciências morais da época. A abordagem de ambos é racional, estando, portanto, unidos em campos diversos do pensamento em relação às teologias das religiões reveladas, que tratam suas doutrinas exclusivistas por meio de interpretações inspiradas, já que consideram suas obras verdades infalíveis. Por esse motivo, para Kardec, “toda defesa do Espiritualismo Racional abre caminho para o Espiritismo,

que dele é o desenvolvimento” (KARDEC, [RE] 1868, p. 223). Combate o fanatismo e materialismo, não a crença religiosa, pois seria atentar contra a liberdade de consciência. Nesse sentido, explica Kardec:

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro; disso resulta que desta última questão depende, de alguma forma, a racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. O Espiritismo vem, a seu turno, não como uma religião, mas como *uma doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada sobre o fato das manifestações*; não se impõe; não reclama confiança cega; candidata-se e diz: Examinai, comparai e julgai; se encontrardes alguma coisa melhor do que a que vos dou, tomai-a. (KARDEC, [RE] 1862, p. 71)

Uma teoria apoiada sobre fatos é a própria definição de ciência, pois representa o que a diferencia de outras formas de pensar, como a conjectura ou a fé religiosa.

## **As ciências morais, filosóficas e metafísicas**

É muito comum, no meio espírita, afirmar que o Espiritismo se trata ao mesmo tempo de ciência, filosofia e religião.

No que se refere à religião, como já vimos, é preciso levar em conta o conceito de *moral e religião naturais* no qual a Doutrina Espírita se insere. *Filosofia*, por sua vez, no século 19, tinha dois significados. O primeiro é a definição de amor à sabedoria, investigação racional das ideias gerais ou princípios, estabelecida no decorrer da história pelos sistemas dos grandes pensadores e suas escolas, como Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, Locke, Leibniz, Rousseau, Hume, entre tantos outros. É o uso tradicional e popular da palavra. Mas há outro, específico do período, que é a filosofia considerada como ciência. As *ciências filosóficas* não se preocupavam somente com as causas abstratas, mas buscavam a dedução lógica das leis fundamentais que regem seu objeto pela observação dos fatos internos.

Já em 1858, iniciando as pesquisas no Instituto Parisiense de Estudos Espírita se fazendo uso da *Revista Espírita* como instrumento de

apresentação das hipóteses e elaboração da teoria, Kardec apresentava o caráter científico do Espiritismo, porém diferenciando o seu lugar exato e apropriado na divisão então vigente das ciências (exatas, naturais e, entre as morais, as filosóficas):

Talvez nos contestem a qualificação de *ciência* que damos ao Espiritismo. Ele não poderia, sem dúvida, em *alguns casos*, ter os caracteres de uma *ciência exata*, e está precisamente aí o erro daqueles que pretendem julgá-lo e experimentá-lo como uma análise química, como um problema matemático: já é muito que tenha os de uma *ciência filosófica*. Toda ciência deve estar baseada sobre fatos; mas só os fatos não constituem a ciência; a ciência nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto de leis que os regem. O Espiritismo chegou ao estado de ciência? Se se trata de uma ciência perfeita, sem dúvida, seria prematuro responder afirmativamente; mas as observações são, desde hoje, bastante numerosas para se poder, pelo menos, deduzir os princípios gerais, e é aí que começa a ciência. (KARDEC, [RE] 1858, p. 3)

Todas as ciências buscam estabelecer o conjunto das leis naturais que regem os fatos que estuda. São os objetos de estudo que distinguem as diferentes disciplinas. O objeto da biologia são os seres vivos, o objeto da cosmologia é o Universo e os corpos celestes. Quais seriam os objetos das ciências filosóficas?

As *ciências filosóficas* estudam os fatos ou fenômenos do espírito humano, por isso tomam como base a psicologia experimental. É pelo uso do método científico que elas se diferenciam dos *sistemas filosóficos* tradicionais. O filósofo brasileiro Gonçalves de Magalhães (1811-1882)<sup>29</sup>, que trouxe ao Brasil e implantou nas escolas o Espiritualismo Racional, em sua obra *Fatos do espírito humano*, explica:

A base e o ponto de partida de todas as *ciências filosóficas* é a psicologia, da qual elas são ampliações e aplicações. A psicologia lhes dá o elemento subjetivo, e reconhece as condições necessárias e absolutas da razão, objetos da metafísica. As leis gerais dos fenômenos e de suas relações lhe são fornecidas pelas ciências empíricas. Se a filosofia só se ocupasse do ideal absoluto, ela seria uma ideologia abstrata, uma pura metafísica. Por outro lado, a psicologia seria toda a filosofia, se o sujeito pensante não saísse da contemplação de si mesmo, se o eu espontaneamente não se distinguisse do não eu, se ao subjetivo não se opusesse o objetivo. (MAGALHÃES, 1858, p. 29)

A divisão da realidade em seus diversos objetos revela a estrutura das ciências. Vamos recorrer ao manual do Espiritualismo Racional do parisiense Paul Janet (1823-1899), aluno e discípulo de Victor Cousin e professor do Liceu Louis-le-Grand de 1857 a 1864. Desde então ocupou a cadeira de filosofia na Sorbonne, tornou-se também membro da Academia de Ciências Morais e Políticas. Em 1855, publicou *La Famille: leçons de philosophie morale* (*A família: lições de filosofia moral*). Em 1858, *Histoire de la science politique dans ses rapports avec la morale* [*História da filosofia política em sua relação com a moral*]. Em 1879, seu *Tratado elementar de filosofia*<sup>30</sup> (*Traité élémentaire de philosophie à l'usage des classes*), obra que teve como fonte aulas dadas por mais de quarenta anos para o estudo dos jovens sobre as ciências filosóficas. Traduzida para o português, foi adotada nas redes de ensino brasileiras, a partir do Colégio Pedro II como modelo.



Paul Janet

A adoção da obra de Janet nos colégios brasileiros correspondia a um plano mais amplo e significativo, sendo uma escolha consciente e bem preparada, liderada por Domingos de Magalhães, apoiado por uma parcela da corte. A consolidação das instituições imperiais após a Independência seguiu ideias liberais, respeito à imprensa, uma cultura laica buscando a separação da Igreja católica, postura inspirada nos espiritualistas racionais, notadamente em Maine de Biran, Victor Cousin e Paul Janet.



Capa do volume II do “Tratado elementar de philosophia” de Paul Janet  
<https://espirito.org.br/autonomia/livros-tratado-de-filosofia-paul-janet/>

A primeira divisão das ciências, apresentada no *Tratado de filosofia*, de Paul Janet, conforme a estrutura vigente na Universidade Sorbonne, no século 19, era entre:

- a) As *ciências exatas* ou matemáticas.
- b) As *ciências naturais*, que estudam os objetos do mundo físico (física, química, biologia etc.).
- c) As *ciências morais*, que estudam o mundo moral, o qual compreende as ações e pensamentos do gênero humano.

As ciências morais, por sua vez, eram divididas em quatro grupos:

1. As *ciências filosóficas*, divididas em duas classes: psicológicas (psicologia, lógica, moral, estética) e metafísicas (teodiceia, psicologia racional, cosmologia racional).
2. As *ciências históricas* (história, arqueologia, epigrafia, numismática, geografia) estudam os acontecimentos e o desenvolvimento humano no tempo.
3. As *ciências filológicas* (filologia, etimologia, paleografia etc.), que têm como objeto a linguagem e a expressão simbólica humana.
4. As *ciências sociais* e políticas (política, jurisprudência, economia política), que estudam a vida social do ser humano (JANET, 1885,

p. 15-17).

As três últimas classes das ciências morais (históricas, filológicas e sociais) tratam dos fatos ou fenômenos morais que são exteriores ao ser humano, visto a partir do ponto de vista objetivo. Mas, considerando espírito humano “o conjunto das faculdades intelectuais e morais do homem, tais quais se manifestam interiormente em cada um de nós”, tudo o que concerne ao eu, princípio interior consciente de si mesmo, é o ponto de vista subjetivo, ou “estudo da própria alma” (JANET, 1885, p. 17). Daí um grupo de ciências chamadas *ciências psicológicas*. Elas adotam a metodologia da introspecção e foram um desenvolvimento da escola científica iniciada por Maine de Biran. Todavia, para sustentar o estudo psicológico pelo olhar espiritualista, as bases conceituais desse paradigma precisaram se tornar objeto de pesquisa, compreendendo uma ciência do homem (espírito humano) e uma ciência das causas primeiras, ou *metafísica*. Esses são os objetos das ciências filosóficas.

As *ciências filosóficas*, então, foram divididas em duas classes:

- a) As *ciências psicológicas*, cujo objeto de estudo são os fatos do espírito humano.
- b) A *metafísica* ou ciência primeira.

<p align="center"><b>ACADEMIA DAS SCIENCIAS</b> (Universidade Sorbonne de Paris – século 19)</p> <p align="center">Base conceitual materialista</p> <p>1. CLASSE DE SCIENCIAS MATHEMATICAS 2. CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES</p> <p align="center">Base conceitual espiritualista</p> <p>1. CLASSE DE SCIENCIAS MORAES</p>
---

<ul style="list-style-type: none"> <li>• CIÊNCIAS MATHEMATICAS OU EXACTAS</li> <li>• CIÊNCIAS PHYSICAS E NATURAES</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• CIÊNCIAS MORAES:             <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ciências Filosóficas</li> <li>2. Ciências Sociais e Políticas – Jurisprudência, Economia política e social</li> <li>3. Ciências Philológicas – Philologia, Etmologia, Paleografia etc.</li> <li>4. Ciências Históricas – História, Epigrafia, Archeologia, Numismática e Geografia</li> </ol> </li> </ul>

<p><b>ESPIRITUALISMO RACIONAL</b></p> <p><b>CIÊNCIAS FILOSÓFICAS:</b></p>
<p><b>Ciências psicológicas (ESPÍRITO HUMANO)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Psicologia experimental – estudo dos fatos do espírito humano</li> <li>• Lógica (<b>razão</b>) – estudo do verdadeiro</li> <li>• Moral teórica e prática (<b>vontade</b>) – estudo do bem</li> <li>• Estética (<b>imaginação</b>) – estudo do belo</li> </ul>
<p><b>Ciências metafísicas (CAUSA PRIMEIRA)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Psicologia racional – (alma e corpo)</li> <li>• Cosmologia racional – (matéria e vida)</li> <li>• Teodiceia – (Deus, seus atributos e sua providência)</li> </ul>

A base do estudo de forma empírica da natureza humana e suas faculdades, como já vimos, é a psicologia experimental, pois tem como objeto exatamente os fatos do espírito humano. O estudo do desenvolvimento das faculdades humanas estava dividido em outras ciências psicológicas subordinadas a ela, por exemplo:

1. O estudo das ideias do entendimento, ou capacidade de produzir conhecimento, chama-se *lógica* (conhecimento, metodologia, aprender a aprender).
2. O estudo das ideias da vontade, por meio da qual se fazem as escolhas com base na consciência, chama-se *moral* (moral autônoma, agir pelo dever), o entendimento de suas leis pela ciência *moral teórica*, e sua aplicação pela *moral prática*.
3. Já as leis da faculdade da imaginação, capacidade de abstrair e criar, formam os objetos da ciência *estética* (arte, criatividade, habilidade).

Sendo o Espiritismo uma ciência filosófica, é importante conhecer suas congêneres mais profundamente. Mas há outro motivo para esse estudo. Como a Doutrina Espírita foi um diálogo entre a cultura humana e o ensino dos Espíritos superiores designados para essa tarefa, ela toca em todas as áreas do conhecimento, todavia mais especialmente na *ciência do gênero humano*; os temas, conceitos e questões não resolvidas dessa disciplina foram o foco principal na elaboração da Teoria Espírita.

## AS CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS

As ciências psicológicas tratam das leis naturais que regem a natureza humana. E essas leis são de duas espécies, as experimentais ou empíricas, exprimindo os resultados da experiência do espírito humano *tal como ele é*, e as outras são ideais, representando o fim para o qual devemos encaminhar nossas faculdades por meio da evolução, ou *tal qual elas deveriam ser*. O estudo do ser humano em seu estado real é a *psicologia experimental* propriamente dita. Derivando dessa ciência primeira ou fundamental estão as que estudam as nossas faculdades em estado ideal, o estudo das leis do entendimento é a *lógica*, o estudo das leis da vontade é a *moral*, e o das ideias da imaginação é a *estética*.

## CIÊNCIAS FILOSÓFICAS: PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

A filosofia tradicional tratou da alma de forma especulativa, por meio de sistemas criados por pensadores como Platão, Aristóteles, Leibniz, Kant, entre tantos outros. O advento da psicologia experimental abriu novo caminho, o das ciências filosóficas, que o Espiritismo vem complementar. Nas palavras de Kardec,

O Espiritismo experimental surgiu na América, mas a parte teórica e filosófica encontrou na Europa melhores elementos para o seu desenvolvimento. Os fatos lá primeiro despertaram a

curiosidade; não ocorreu o mesmo desde que se desenvolveram as conseqüências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade; desde esse momento, *o Espiritismo tomou lugar entre as ciências filosóficas*. Caminhou então a passos de gigante, porque satisfazia as aspirações das massas, porque se compreendeu prontamente que vinha preencher um vazio imenso nas crenças, e resolver o que até então parecia insolúvel. A filosofia espírita da Europa, incontestavelmente, é a que prevalece hoje no mundo inteiro. (KARDEC, [RE] 1864, p. 96)

Como todas as ciências filosóficas, também o Espiritismo teve como base a psicologia experimental:

A filosofia, de todos os tempos, esteve ligada à procura da alma, de sua natureza, de suas faculdades, de sua origem e de seu destino; inúmeras teorias foram feitas a esse respeito, e a questão sempre ficou indecisa. [...] O Espiritismo veio por sua vez dar a sua teoria; *ele se apoia sobre a psicologia experimental*. Estuda a alma, não só durante a vida, mas depois da morte; observa-a no estado de isolamento; ele a vê agir em liberdade, ao passo que a filosofia comum não a vê senão em sua união com o corpo, submissa aos entraves da matéria. (KARDEC, [RE] 1864, p. 90)

O estudo da alma pela psicologia, antes do advento do Espiritismo, permitia estudar os seus efeitos em sua relação com o corpo físico, mas ela em si fugia de qualquer abordagem empírica. Foi possível, desde Maine de Biran, considerá-la como causa somente, nada mais além. Um limite intransponível.

Mas, enquanto a psicologia estudava os fenômenos da alma pela introspecção, ou observação dos fatos internos, o Espiritismo, por meio da mediunidade e do sonambulismo<sup>31</sup>, passou a estudar a alma em seu estado livre. O fundamental, porém, está no fato de que essa condição não é uma abstração, pois o perispírito dá ao espírito uma condição objetiva, determinada por leis naturais próprias do ambiente físico espiritual. Enquanto o estudo da alma é abstrato, racional, o estudo do espírito se dá por meio de fenômenos objetivos relatados pelos Espíritos em suas vivências:

A natureza íntima da alma, quer dizer, do princípio inteligente, fonte do pensamento, escapa completamente às nossas investigações; mas sabe-se agora que a alma está revestida de um

envoltório, ou corpo fluídico, que dela faz, depois da morte do corpo material, como antes, um ser distinto, circunscrito e individual. A alma é o princípio inteligente considerado isoladamente; é a força atuante e pensante que não podemos conceber isolada da matéria senão como uma *abstração*. Revestida de seu envoltório fluídico, ou perispírito, a alma constitui o ser chamado Espírito, como quando ela está revestida do envoltório corpóreo, constitui o homem; ora, se bem que no estado de Espírito ela goze de propriedades e de faculdades especiais, não deixa de pertencer à Humanidade. Os Espíritos são, pois, seres semelhantes a nós, uma vez que cada um de nós se torna Espírito depois da morte de seu corpo e que cada Espírito se torna de novo homem pelo nascimento. (KARDEC, [RE] 1866, p. 48)

Desse modo, o Espiritismo amplia o estudo científico do ser humano até então feito pela psicologia experimental espiritualista, definido como um ser duplo por Maine de Biran (alma imaterial num corpo material). O homem, segundo a Doutrina Espírita, é um ser triplo. Explica Kardec:

Em resumo, a alma [princípio inteligente imaterial] é o ser simples, primitivo; o Espírito [alma unida ao perispírito] é o ser duplo; o homem [espírito ligado ao corpo] é o ser triplo. Nas circunstâncias das quais se trata, a palavra Espírito é a que corresponde melhor à coisa expressa. Pelo pensamento, representa-se um Espírito, não se representa uma alma. (KARDEC, [RE] 1864, p. 91)

O fenômeno da emancipação da alma, explicado pelo Espiritismo, ocorre, por exemplo, quando nos distanciamos do corpo durante o sono com o perispírito, podendo agir e interagir com os Espíritos no mundo espiritual. Também se explica pela emancipação, quando, no fenômeno do sonambulismo provocado, o que ocorre longe de seu corpo é relatado pelo sonâmbulo. Parece que ele vê a distância, mas em realidade ele se transporta pelo perispírito até o local distante e descreve o que vê lá. Fora do corpo, vê ao mesmo tempo a si próprio, ou seja, o Espírito revestido pelo perispírito, e o seu corpo, constatando sua dupla existência.

Os sonâmbulos, em graus diferentes, podem também ler pensamentos, observar os organismos de pacientes por dentro, descrever doenças, comunicar-se com Espíritos desencarnados, e muito mais. Essa capacidade extraordinária, chamada *lucidez sonambúlica*, torna-se um instrumento de

pesquisa fundamental para se compreender o homem como ser triplo. Kardec demonstra o quanto se amplia o campo da psicologia a partir dos fenômenos sonambúlicos e espíritas, tirando da especulação e da abstração o estudo da causa quanto aos fenômenos do espírito humano:

Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação. Abre-nos, dessa maneira, o livro do nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, é evidente que vê, mas não com os olhos do corpo. Vê-se a si mesmo e se sente transportado ao lugar onde vê o que descreve. Lá se acha, pois, alguma coisa dele e, não podendo essa alguma coisa ser o seu corpo, necessariamente é sua alma, ou Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral, Deus cotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance da mão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental. (KARDEC, [1860] 1995, p. 242)

O estudo das questões metafísicas que até então eram somente especulações racionais, passa a ser experimental no âmbito do Espiritismo. Os homens, porém, não estão rompendo os limites de observação por seus sentidos, pois não nos é possível observar diretamente o perispírito, por exemplo, ou objetos da matéria mental ou espiritual. Mas é pelo depoimento dos Espíritos, por meio dos médiuns, que, de forma indireta, podemos conhecer as leis gerais que regem o mundo espiritual. Por isso, é determinante que as comunicações dos Espíritos sejam consideradas somente opiniões, pois apenas pela metodologia da Ciência Espírita é possível estabelecer uma teoria confiável.

Por meio de uma ciência adequada, a Doutrina Espírita amplia o significado dos conceitos fundamentais da psicologia espiritualista racional a partir dos ensinamentos dos Espíritos superiores, que estudam cientificamente o mundo espiritual. Desse modo, a ciência do homem torna-se completa, preenchendo as dúvidas e as lacunas que os homens puderam identificar, mas não resolver, como veremos em seguida.

# **Fundamentos da teoria psicológica e da Doutrina Espírita**

Vamos aqui apenas pontuar os temas estudados na psicologia (em seguida também das demais ciências filosóficas) que serviram a Allan Kardec como referência para os estudos espíritas. Em sua obra, porém, ele fez uso de termos, conceitos e teorias próprios de sua época (daremos alguns exemplos do emprego desses termos por Kardec), mas não explicou didaticamente cada um deles, pois escrevia para os leitores de seu tempo, que tinham os cursos e manuais disponíveis para esse aprofundamento. Atualmente, contudo, distantes dessa realidade, a recuperação dessa bagagem teórica é necessária para uma compreensão adequada de suas obras e artigos. O manual de Espiritualismo Racional de Paul Janet, *Tratado elementar de filosofia*, é abrangente e didático para esse estudo.

A psicologia considerava o homem como nascido para viver em um corpo, intimamente unido a ele. A alma, em si, é espírito puro, mas serve-se do corpo como seu instrumento. Reconhecendo, assim, uma vida animal e fisiológica distinta profundamente da vida intelectual e moral. Janet afirma, então, que “daí deriva a necessidade de fazer preceder o conhecimento das faculdades da alma o das funções e órgãos do corpo humano” (JANET, 1885, p. 23). Esse estudo prévio de todos os sistemas fisiológicos, funções dos órgãos fisiológicos e dos sentidos, a estrutura do cérebro e do sistema nervoso, realizava-se na parte inicial dos cursos das ciências filosóficas.

## **Vida animal e vida humana**

Em seguida ao estudo da fisiologia humana, no curso de Espiritualismo Racional, tratava-se da distinção dos fenômenos fisiológicos (operações sensitivas) e os da consciência (operações intelectuais) ou psicológicos, pelo fato de considerar o ser humano como uma alma encarnada.

A *vida animal*, portanto, se constitui das operações da alma que dependem do corpo, os fenômenos do movimento, os afetivos (prazer e dor) e os sensitivos (impressões produzidas pela ação dos objetos exteriores). Os movimentos ativos são os provocados no corpo pela vontade da alma, gerida pela razão, e essa seria a vida em si, ou *vida humana*.

Por essa definição, a moral, segundo o espiritualista racional, está relacionada à *vida humana* (faculdades da alma), enquanto materialistas e religiosos dogmáticos a definiam no âmbito da *vida animal* (sensações), como regida por castigos e recompensas determinados pela dor e pelo prazer. Sendo dor e prazer próprios da vida animal, não podem ser considerados as causas da moral, como pensavam os ideólogos, concluem os espiritualistas racionais. Desse modo, para estes, a moral será determinada pela expressão da vontade, estudada numa disciplina própria (ciência moral teórica e prática), e não considerada como derivada da fisiologia, como definiam os materialistas.

## **Senso íntimo ou sensorium commune**

Diferindo dos fisiologistas e ideólogos que consideravam a radical redução segundo a qual “viver é sentir”, os espiritualistas descreviam a existência de um *senso íntimo* (ou *sensorium commune*), permitindo o acompanhamento pela alma dos fenômenos internos da sensibilidade (como o prazer e a dor) e de todos os demais estímulos causados pelas impressões da matéria.

Na Doutrina Espírita, considerando a dualidade entre corpo físico e o Espírito que pode se emancipar em virtude do perispírito, o *senso íntimo*, que recebe as impressões causadas no corpo, é o próprio Espírito: “As vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao *sensorium commune*, que é o próprio Espírito” (KARDEC, [1860] 1995, p. 168).

## Inclinações, apetites, instintos e paixões

Os *instintos*, por sua vez, são limítrofes entre a psicologia e a fisiologia. Por eles, tanto o animal quanto o homem realizam de forma infalível, sem aprendizado, os movimentos inconscientes necessários à sua conservação. Os instintos, além da conservação, podem ser relativos a caça, acumulação, construção, conservação da espécie e de sociedade. O homem, portanto, participa da natureza dos animais pelos instintos, que lhes são comuns, e pela alma participa da natureza dos Espíritos.

A origem dos instintos era considerada obscura; nenhuma teoria dava uma explicação satisfatória, contentavam-se em verificá-lo como fato natural. Kardec vai tratar desse assunto com bastante dedicação e profundidade em praticamente todas as suas obras, buscando o ensinamento dos Espíritos para esclarecer as relações entre os instintos e a inteligência. O tema ficará mais claro pela teoria da evolução do princípio inteligente e as relações entre os animais e a alma humana, como veremos mais à frente.

Além dos instintos, a psicologia definia também o que se chamavam inclinações e paixões. As *inclinações* podem ser físicas (que são os *apetites*) ou morais (os *sentimentos*). Os *apetites* derivam do instinto de conservação e impulsionam periodicamente o indivíduo para a nutrição, o repouso, a atividade, a reprodução etc. (Exemplo de uso do termo em Kardec ([1860] 1995, p. 433): “Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos *apetites grosseiros* é infeliz, desde que não os pode satisfazer”.) Os instintos provocam uma inquietação inicial para provocar a ação e um prazer sensível relacionados à realização da necessidade.

*Paixões*, consideradas operações sensitivas, são as comoções pelas quais as inclinações passam conforme são contrariadas ou satisfeitas: medo, desejo, raiva, prazer, nojo, tristeza. Estudavam-se as leis das paixões, como continuidade (pelo hábito e pela continuidade de seu deleite, pode se transformar em necessidade), lei da idealidade (a paixão subsiste fora do

objeto pela imaginação, que as exagera), lei da difusão (reflexos orgânicos e musculares que acompanham as paixões), entre outros.

Por essas leis das paixões, podemos inferir que o ser humano, dotado de vontade, diferindo dos animais, pode exagerar e abusar das paixões, ocasionando os vícios. Como explica Janet: “No uso comum, a palavra *paixão* significa os movimentos excessivos e violentos da alma que a levam além dos limites da razão, um fenômeno patológico. É nesse sentido que devem ser combatidas”. Assim entendidas, são apenas exagero e abuso das comoções naturais e inevitáveis que os psicólogos chamavam de paixões. Sendo muito difícil a distinção desses conceitos, as pesquisas espíritas de Allan Kardec são de grande importância, pois ligam essas condições fisiológicas às questões morais, como veremos posteriormente. Kardec explica, em *A Gênese*:

O instinto, sendo o guia e as paixões, a força motora das almas, no primeiro período de seu desenvolvimento [...] O instinto é um guia seguro, sempre bom. Ele se enfraquece com a predominância da inteligência. As paixões, nas primeiras idades da alma, têm, em comum com o instinto, o fato de que as criaturas são incitadas, por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo e dependem do organismo mais que o instinto. [...] São úteis como estímulo, até a eclosão do senso moral, que, de um ser passivo, faz um ser racional. A partir desse momento, elas se tornam não somente inúteis, mas prejudiciais ao adiantamento do Espírito, pois retardam seu domínio sobre a matéria. As paixões se enfraquecem com o desenvolvimento da razão. (KARDEC, [1868] 2018, p. 106)

## Sensações e percepções

Um tema primordial da psicologia, tratado em seguida nos cursos, é a diferença entre sensação e percepção, basilar para a teoria espiritualista na ciência do ser humano quanto à definição da *vida humana*. A *sensação* é fisiológica e causada pelos sentidos. Já a *percepção* chama-se “a sensação a que se aplica a atenção e que, de passiva, se torna ativa” (JANET, 1885, p. 121). Ou seja, é o uso ativo dos nossos sentidos, a aplicação da atividade do

Espírito ao discernimento das sensações. Da percepção derivam diversos elementos, por ser um ato complexo. O movimento, a atenção, comparação, o hábito pela repetição dos atos, a memória.

Também entre os estudos psicológicos do Espiritismo, as investigações sobre *sensação e percepção* serão essenciais para a compreensão da vida espiritual.

Segundo o Espiritismo, a fisiologia do ser humano se revela mais complexa, pois o corpo físico está ligado célula a célula ao corpo espiritual, ou perispírito. Segundo Kardec, “o perispírito realiza um papel tão importante no organismo e em muitas afecções, que se liga tanto à fisiologia quanto à psicologia” (KARDEC, [1868] 2018, p. 60). Portanto, a *sensação* causada no corpo pelos estímulos externos transmite-se ao perispírito, que permite a *percepção* pelo Espírito:

A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual também é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo se repercutem no Espírito, como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual do qual os nervos parecem ser os fios condutores. (KARDEC, [1868] 2018, p. 298)

Essa explicação define como o Espírito sente os sofrimentos físicos causados em seu corpo fisiológico, sejam externos: lesões, excesso de calor ou frio etc.; ou internos, como dor nos órgãos, fome, sede, palpitação, tremor, entre outros.

Mas quando Allan Kardec se deparou com o conceito do Espírito desencarnado como vivenciando um mundo espiritual, no qual habita com seu perispírito, uma nova questão surge sobre a sensação dos Espíritos. Eles sofrem?

Numa reunião da Sociedade Parisiense (KARDEC, [RE] 1858, p. 120-1), um dos sócios fez o relato de que estava fazendo evocações de Espíritos junto com amigos quando, espontaneamente, veio até eles o Espírito de um conhecido, homem avaro quando em vida, apegado aos bens materiais que amontoava sem o proveito de ninguém. Era inverno, e eles estavam

reunidos em torno da lareira. O Espírito, então, pediu permissão para vir ali junto deles, por alguns dias, pois estava sofrendo horrivelmente de frio.

Esse Espírito tinha a sensação de sofrimento causada pelo frio em seu corpo espiritual? Kardec, na reunião, perguntou a São Luís:

– Poderia nos dizer como esse Espírito de um avaro, não tendo mais um corpo material, podia sentir o frio e ainda pedir para se aquecer junto ao fogo?

– Podes imaginar os sofrimentos do Espírito pelos sofrimentos morais.

Há os *sofrimentos físicos* e os *sofrimentos morais*, e essa diferença tem grande importância para a Teoria Moral Espírita. Afirma Kardec em *A Gênese* que “Há várias classes de mal. Em primeiro lugar há o mal físico e o mal moral” (KARDEC, [RE] 1861, p. 96). Essa definição estava compreendida entre os espiritualistas racionais, como explica Le Mansois-Duprey, no curso de filosofia da Escola Normal de Paris:

O mal físico consiste em dor, doença, morte. São consequências inevitáveis da organização dos seres sencientes, estimulante essencial para sua atividade. O mal moral é a condição fundamental da liberdade. Sem o mal, o bem não é possível no mundo, pois, se o homem não pudesse errar, não estaria livre nem seria capaz de fazer o bem. Essa vida é uma época de provação e, sem o mal físico e moral, não há lugar para coragem, paciência, dedicação e demais virtudes. (MANSOIS-DUPREY, 1864, p. 235)

Também foram inspirados nessa distinção por Rousseau, que escreveu em *Emílio*:

É o abuso de nossas faculdades que nos torna infelizes e maus. Nossas tristezas, nossas preocupações, nossas penas vêm de nós. O mal moral é incontestavelmente nossa obra, e o mal físico nada seria sem nossos vícios que no-lo tornaram sensível. Não é para nos conservar que a natureza nos faz sentir nossas necessidades? A dor do corpo não é um sinal de que a máquina se perturba e uma advertência para atentarmos a isso? Como o homem vivendo na simplicidade primitiva é sujeito a poucos males! (ROUSSEAU, 1999, p. 325-6)

Dando continuidade ao diálogo, Kardec perguntou:

– Concebemos os sofrimentos morais, como os desgostos, os remorsos, a vergonha; mas o calor e o frio, a dor física, não são efeitos morais. Os

Espíritos sentem essas espécies de sensações?

– Tua alma sente o frio? Não, mas tem a consciência da sensação que atua sobre o corpo – respondeu São Luís.

A resposta sucinta do Espírito a Kardec é bastante técnica quanto aos termos da ciência psicológica. Pois não é a alma que sente, pela definição correta do termo, como vimos, mas ela tem somente a *percepção* (consciência da sensação) da impressão térmica intensa causada pelo agente físico do ambiente exterior (ar muito frio) sobre a fisiologia orgânica (sistema nervoso).

Conclui, então, Kardec, afirmando:

– Disso pareceria resultar que esse Espírito de avaro não sente um frio efetivo; mas que ele teria a lembrança da sensação do frio que suportou, e que essa lembrança, sendo para ele como uma realidade, tornava-se um suplício.

– É quase isso – afirmou São Luís. – Está bem entendido que há uma distinção, que compreendeis perfeitamente, entre a dor física e a dor moral; não se deve confundir o efeito com a causa.

Kardec desenvolveu a ideia:

– O corpo é o instrumento da dor; senão a causa primeira, ao menos a causa imediata. A alma tem percepção dessa dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que dela conserva pode ser tão penosa quanto a realidade, mas não pode ter ação física. Com efeito, nem um frio nem um calor intensos podem desorganizar os tecidos: a alma não pode nem gelar nem queimar. Não vemos, todos os dias, a lembrança ou apreensão de um mal físico produzir o efeito da realidade? Ocasionar mesmo a morte? Todo mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Seguramente, não é nesse membro que está a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor. O cérebro dela conservou a impressão, eis tudo. Pode-se, pois, acreditar que há alguma coisa análoga no sofrimento do Espírito

depois da morte. Essas reflexões são justas?

A resposta estava correta, confirmou São Luís. Mas como ocorre com toda definição dos conceitos fundamentais, seria necessário estudar mais, para compreendê-lo mais detalhadamente:

– Sim; mais tarde compreenderéis melhor ainda. Esperai que fatos novos venham vos fornecer novos motivos de observação, e então deles podereis tirar conseqüências mais completas.

Em 1860, Kardec vai apresentar um *ensaio teórico da sensação nos Espíritos*:

Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, conseguintemente, a temperatura. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa. (KARDEC, [1860] 1995, p. 166)

Sofrendo fisicamente no mundo, causa estranheza ter que vivenciar coisas semelhantes no mundo espiritual, como fome, sede e frio. Os Espíritos, por inúmeras mensagens e comunicações nos trabalhos mediúnicos, os relatam diariamente. Mas somente os Espíritos que tenham imperfeições morais as vivenciam. Os Espíritos que aprenderam a tornar nulas as percepções, capacidade que se torna plena entre os Espíritos superiores, pois “sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro” (KARDEC, [1860] 1995, p. 167).

Portanto, no caso do Espírito do avaro, o sofrimento aparente causado pelo frio que sentia tinha, como causa primeira, sua *imperfeição moral* e o

*sofrimento moral* que lhe é inerente. Por não identificar a natureza espiritual do sentimento aflitivo que intensamente o incomoda, o Espírito faz como uma transferência psicológica inconsciente, percebendo como aparentemente física (frio intenso) uma dor em realidade moral, causada por avareza, apego à matéria, egoísmo, imperfeições que tornam denso seu perispírito e, assim, afeito às percepções de ordem material.

A ciência psicológica foi um avanço racional necessário para dar condições aos Homens de compreender um novo paradigma sobre o mundo espiritual. Até então, aceitava-se pela fé cega uma ideia material, condicionada pelas sensações fisiológicas, da dor e do prazer fisiológicos como castigo ou recompensa após a morte. Na interpretação dogmática da Igreja mantida pela fé cega, somente depois da ressurreição, pela restituição do corpo físico, é que as almas viveriam as penas eternas. Na obra *O Céu e o Inferno*, Kardec comenta:

Antes de a Ciência ter revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da Terra e sua formação, poderiam eles compreender a imensidade do Espaço e a pluralidade dos mundos? [...] Antes de a Astronomia descobrir as leis que regem o Universo, poderiam compreender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Poderiam identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da *ciência psicológica*? Conceber depois da morte uma vida feliz ou desgraçada, a não ser em lugar circunscrito e sob uma forma material? Não; compreendendo mais pelos sentidos que pelo pensamento, o Universo era muito vasto para a sua concepção; era preciso restringi-lo ao seu ponto de vista para alargá-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade e, embora sábia até então, não satisfaria hoje. O absurdo provém dos que pretendem poder governar os homens de pensamento, sem se darem conta do progresso das ideias, quais se fossem crianças. (KARDEC, [1865] 1995, p. 38)

O ambiente físico do mundo espiritual, portanto, não causa impressões físicas no perispírito. Mas como explicar as descrições infernais dos Espíritos sofredores em suas mensagens? Os lugares áridos e pestilentos, fome e sede, não decorrem do ambiente, impressão externa, mas sim da condição interna ou moral. Desse modo, dois Espíritos, um sofredor e outro mais esclarecido, estando lado a lado nesse lugar, o primeiro sente sofrer,

enquanto o segundo nada experimenta.

Por conseguinte, os infernos, umbrais, trevas, geena, das mitologias e religiões ancestrais, descritos como lugares de castigo onde as almas condenadas seriam jogadas, são figuras mal compreendidas da realidade espiritual, em virtude do desconhecimento das leis que a regem. Esses ambientes descritos pelos Espíritos podem existir como forma e imagem, constituídas pela matéria mental ou sutil daquele mundo, mas não como causa de sensações. Os Espíritos criam o ambiente correspondente ao foco de seus pensamentos, interesses, sentimentos e desejos:

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que estava habituado a utilizar. Um avaro manejará ouro; um militar terá suas armas e seu uniforme; um fumante, seu cachimbo; um trabalhador, sua charrua e seus bois; uma velha mulher, sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto seriam no estado material para o homem encarnado. (KARDEC, [1868] 2018, p. 291)

Sendo a causa interna, decorrente da condição moral do espírito, as sensações o acompanharão, aonde quer que ele vá. Da mesma forma que as sensações agradáveis e a felicidade são inerentes à condição evolutiva gradual dos Espíritos em evolução, onde quer que estejam. Por esse motivo, é com desprendimento e dedicação que vão ao socorro dos Espíritos sofredores, levando alento e esperança, auxílio e educação, para espalhar o despertar, pois essa é a missão de todos eles.

Não importa o grau evolutivo que tenham, seja um espírito simples e ignorante, imperfeito ou superior; todos, quando encarnados, quando o corpo físico é lesionado ou adoece, passam pelo sofrimento físico. Até mesmo os animais, pois essa condição é natural do mundo corpóreo. A dor física é mesmo um instrumento para a preservação da vida, alertando o indivíduo, e até mesmo prevenindo um prejuízo maior. Todavia, o homem causa suas próprias enfermidades e males quando age com excessos, ambição, abusos das paixões. Ou seja, a maior parte dos sofrimentos são efeitos cujas causas poderiam ser evitadas. Da mesma forma, explica

Kardec, “o mesmo se dá com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre consequências da maneira que viveu na Terra” (KARDEC, [1860] 1995, p. 169).

Mas, em sendo morais, os sofrimentos do Espírito são inerentes às suas imperfeições. Criadas por ele mesmo, só por sua vontade e dedicação, superando esses hábitos equivocados, poderá se livrar em definitivo da causa de suas aflições:

Ele tem o livre-arbítrio, tem, por conseguinte, a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá a influência. Nenhuma recordação dolorosa lhe advirá dos sofrimentos físicos que haja padecido; nenhuma impressão desagradável eles deixarão, porque apenas terão atingido o corpo e não a alma. Sentir-se-á feliz por se haver libertado deles e a paz da sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral. (KARDEC, [1860] 1995, p. 170)

Não existem, enfim, castigos nem recompensas divinas, pensados de forma material. Os sofrimentos morais e a felicidade são regidos pelas leis naturais do mundo espiritual. Na Terra precisamos lidar com a lei da gravidade, e somos responsáveis se nos ferimos ao pular de um lugar alto. Sabemos com clareza que esse efeito não é causado por um castigo divino. O Espiritismo, fundamentado pela ciência psicológica, vem demonstrar que o sofrimento moral também não é um castigo, mas consequência natural das escolhas do Espírito. E a felicidade, conquista gradual, é o mérito do esforço, pela conquista gradual da evolução intelecto-moral.

## **Consciência psicológica e consciência moral**

Os ideólogos definiam o ser humano como tendo apenas duas faculdades, o entendimento e a sensibilidade, sendo que o entendimento era a faculdade de receber ideias a partir dos sentidos, e a sensibilidade o dirigia pela dor

que o ser evita e o prazer que o impulsiona. Desse modo de pensar, o ser humano é passivo, como os animais, diante dos estímulos externos e internos. Já os espiritualistas racionais determinavam as faculdades como sendo ativas, instrumentos para o desenvolvimento intelecto-moral da alma. Para que isso ocorra, primeiro o indivíduo precisa ter consciência de si mesmo, para reconhecer-se, e, conhecendo a si mesmo, fazer uso de seus recursos ativamente. Essa condição é universal para todos os fatos da alma, condição primeira da alma humana. Por ela temos consciência de nosso corpo, de Deus, de nós mesmos como causa ativa, portanto os espiritualistas diferenciavam essa que é a *consciência psicológica* da *consciência moral*, ou a conselheira que nos adverte quanto ao bem e ao mal, ou juízo íntimo.

Allan Kardec distinguia e fazia uso dos dois conceitos em suas obras. A *consciência moral*, por exemplo, será garantia de felicidade nos mundos superiores, pois “A intuição que seus habitantes têm do futuro, a segurança que uma consciência isenta de remorsos lhes dá, fazem que a morte nenhuma apreensão lhes cause” (KARDEC, [1860] 1995, p. 296).

Enquanto os materialistas igualavam o homem aos animais, os fatos psicológicos evidenciaram a *consciência psicológica* como base para o domínio sobre as faculdades, e esse foi um enorme avanço na ciência do homem.

A consciência psicológica, ou consciência de si, é atributo da alma humana, diferenciando-a da alma dos animais; com esse conceito, o Espiritismo completa a definição da psicologia em *O Livro dos Espíritos*: “O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito” (KARDEC, [1860] 1995, p. 165).

## **Os sentimentos**

Como o ser humano é alma e corpo, segundo a teoria do Espiritualismo Racional, as comoções ou fenômenos afetivos são de dois tipos:

1. *Sensações* – As comoções que têm sua origem no corpo e a sua causa na ação dos objetos externos sobre os órgãos, ou de suas funções fisiológicas. Um exemplo em Kardec: “E, para esse belo resultado, não se conta o número de epilepsias causadas pela *comoção* de um cérebro delicado. É preciso não confundir a loucura patológica com a obsessão” (KARDEC, [1859] 1995, p. 58).
2. *Sentimentos* – As *comoções morais* se originam da alma e sua causa é um pensamento. Veja o uso da expressão em Kardec: “A ação do Espírito sobre o físico é tão evidente que não raro vemos graves desordens orgânicas sobrevirem a violentas *comoções morais*” (KARDEC, [1865] 1995, p. 87.)

Os sentimentos diferem também quanto aos apetites. Como vimos, os apetites são os impulsos ou inclinações que nos conduzem às coisas sensíveis, à satisfação do conforto corporal. Já os sentimentos são os impulsos ou inclinações que nos conduzem às coisas intelectuais e morais. O conjunto dos primeiros determina a *sensibilidade física*, o conjunto dos sentimentos corresponde ao que se denomina *sensibilidade moral*.

Conforme a Doutrina Espírita, sabemos que os pensamentos e sentimentos são atributos do Espírito. Quando este pensa e sente, determina a qualidade e densidade de seu perispírito, que varia, portanto, de acordo com o grau evolutivo:

Sabemos que, quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro. (KARDEC, [1860] 1995, p. 167)

Enquanto a sensibilidade física tem sua causa externa, pelas comoções externas, podemos considerar que esse movimento se dá de fora para dentro. Já quanto à sensibilidade moral, segundo a Teoria Espírita, ela ocorre de dentro para fora, ou seja, sendo a causa o Espírito, seu perispírito irradia à sua volta, impregnando os fluidos com as características de seu pensamento e sentimento:

A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais [...]. Na medida em que esses fluidos são o veículo do pensamento, e que este possa modificar as propriedades, é evidente que elas devam estar impregnadas das qualidades boas ou más dos pensamentos que os ponham em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos [...]. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus ou os que eles emitem são viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o grau da perfeição moral deles. (KARDEC, [1868] 2018, p. 291)

O ambiente do mundo espiritual, portanto, é determinado pelo que pensam e sentem os Espíritos que o habitam. Eles se unem, assim, de acordo com a afinidade de suas ideias e sua condição moral.

Como somos Espíritos encarnados, ao mesmo tempo que participamos do mundo físico também atuamos no mundo espiritual, agindo sobre os fluidos e nos sintonizando com Espíritos livres afins. Também atuamos, por meio do perispírito, sobre as células de nosso corpo. Se os fluidos forem de boa natureza, a impressão orgânica é salutar. Mas, se forem maus, a impressão é penosa. De tal modo que uma impressão má forte e constante pode causar desordens orgânicas, desencadeando muitas doenças.

É um equívoco pensar, então, que maus Espíritos podem agir sobre nós, nos prejudicando deliberadamente. Esse pensamento tem origem nas fantasias sobre demônios. Um Espírito somente pode entrar em relação conosco se houver afinidade de pensamentos e sentimentos entre ambos. Quem, por meio de seu perispírito, irradia de forma benéfica e salutar, em virtude de seus bons sentimentos e pensamentos, traz em si mesmo a segurança e a plenitude de seu bem-estar:

O perispírito é, assim, uma couraça à qual é preciso dar a melhor têmpera possível. Como as qualidades do perispírito são proporcionais  s da alma, torna-se necessário trabalhar em sua própria melhoria, porque as imperfei es da alma é que atraem os maus Espíritos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 294)

Os maus Espíritos não têm o poder de atacar ninguém, mas são atraídos por quem se afina a eles. A afinidade permite aos Espíritos se comunicar pelo pensamento, interagir no mesmo ambiente espiritual.

Um Espírito unido mentalmente a outro pode também induzir um pensamento ou sentimento, caso o outro aceite, e suas densidades podem se alterar por esse meio. Assim se explica, por exemplo, quando um bom Espírito se sintoniza com outro inferior, irradiando bons sentimentos, permitindo que este altere suas vibra es para melhor, tornando-se mais etéreo ou leve.

Também não faz sentido ter medo de para onde se vai após a morte. Há quem tenha pavor de cair inesperadamente num lugar de trevas e sofrimento. Em verdade, ninguém vai ser atirado em lugar nenhum, pois já estamos no ambiente espiritual correspondente ao grau evolutivo de cada um de nós, em tempo integral. Nossa vida principal é a do Espírito, l  habitamos, antes, durante e depois da morte. Apenas nos ligamos a um corpo físico desde a concep o, e, durante a vigília, a percep o do mundo pelos sentidos momentaneamente se sobrepõe às do perispírito, nos dando a ilusão de estarmos aqui no mundo material. Da mesma forma que, quando se faz uso de um equipamento de realidade virtual, o indivíduo se desliga do ambiente real, parecendo se transportar ao simulado pelo aparelho, induzido por imagens e sons criados que percebe. Por analogia, essa condi o se assemelha   de um Espírito ligado ao corpo.

Podemos concluir, então, que o mundo moral, compartilhado entre Espíritos desencarnados e encarnados, é determinado por leis físicas naturais próprias desse ambiente espiritual. Nesse meio, eles podem perceber as consequências imediatas de seus pensamentos e sentimentos,

recurso necessário para conhecer a si mesmos, e empreender sua própria evolução. Assim, a liberdade rege todos os Espíritos humanos, condutores de seus próprios caminhos quando conquistam a condição de senhores de si mesmos. Controlar o próprio pensamento e sentimento, para agir de acordo com a consciência, permite desenvolver por si mesmo sua vontade, razão e imaginação. O Espírito é o único responsável pelo seu mal-estar e sofrimento moral caso escolha o caminho da imperfeição; ou de seu bem-estar, felicidade e o mérito de suas conquistas, quando escolhe o bom caminho. Todos, porém, sem exceção, não importa o caminho escolhido, terão o mesmo destino final, que é a plenitude da felicidade na condição de Espíritos bons.

## **A liberdade moral ou livre-arbítrio**

A consciência de si é a que permite a liberdade moral, explica Janet pela teoria do Espiritualismo Racional. Pois existe liberdade corporal, civil e moral. A *liberdade corporal* ou física está em agir sem constrangimento. A doença, a prisão, a alteração da consciência, todos são entraves para a liberdade de agir.

A *liberdade civil* implica as questões de escravidão, direitos sociais, direito de propriedade, de expressão, de instruir-se; são os bens que permitem a vida em sociedade.

A *liberdade moral* ou *livre-arbítrio* foi assim definida por Paul Janet: “É a liberdade interna da vontade, liberdade que subsiste inviolável e inteira, ainda quando toda a liberdade civil é roubada. Pode-se constranger o corpo, mas nunca a vontade” (JANET, 1885, p. 305). É a liberdade moral o poder de cada um determinar a si mesmo em conformidade com suas ideias, é o contrário do automatismo. Atributo fundamental da natureza humana, dela origina-se a responsabilidade moral e a personalidade, diferenciando os atributos da alma e do corpo. A matéria é inerte, nada produz, não é causa,

menos ainda causa livre. Também os animais são regidos pelos instintos internamente e pelos estímulos do ambiente no qual se insere, externamente. A liberdade de escolher, ou livre-arbítrio, é atributo fundamental da alma humana, base de sua moral, conclui Janet (1886, p. 266).

Caso os atos humanos fossem determinados por sensibilidade, prazer e dor, ele seria livre apenas em potência, mas não de fato. Ou seja, seus atos seriam arrastados pelo atrativo do prazer ou pelo temor de um sofrimento físico. Essa é a moral do condicionamento, da utilidade ou do egoísmo do pensamento materialista, para o qual a moral se resume à conservação de si mesmo. Para o Espiritualismo Racional, é por meio do entendimento, ou razão, que a vontade se acha livre tanto da coação interna quando da externa. Desse modo, o livre-arbítrio, esclarecido pela razão, torna-se a *força moral*:

Atesta-nos a experiência que pode o homem tornar-se senhor da natureza física que ele subjugou aos seus intentos, pode tornar-se senhor do próprio corpo, de suas paixões, de seus hábitos, de seu caráter, de suas ideias, em uma palavra, senhor de si mesmo. Assim, remontando gradualmente da natureza exterior ao corpo, do corpo às paixões, das paixões aos hábitos e ao caráter. Chegamos a uma derradeira mola que tudo move sem ser movida: é a liberdade moral. (JANET, 1885, p. 326)

O Homem começa pela animalidade para conquistar sua condição humana.

Aqui surge um problema da psicologia que só o Espiritismo poderá resolver. Como e quando a alma humana adquire a *consciência de si mesma*, diferenciando-se dos animais, que não a possuem? Apenas pelo raciocínio, elaborando teorias e sistemas, o Homem jamais iria desvendar essa questão, pois não pode observar as almas em si, seja dos animais ou dos homens, e assim estudar suas relações e transições evolutivas. Apenas pelo estudo feito pelos Espíritos superiores no mundo espiritual será possível desvendar essa dúvida, ou seja, só pelo Espiritismo temos uma

solução, como explica Kardec:

Até o presente, a ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais; ela nos mostra, no físico, todos os animais da cadeia dos seres sem solução de continuidade; mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos existia um abismo; se os fatos psicológicos, mais bem observados, vêm lançar um ponto sobre esse abismo, isso será um novo passo de fato para a unidade da escala dos seres e da criação. Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos; se ela deverá sê-lo um dia, o Espiritismo, criando a *psicologia experimental*, só ele poderá fornecer-lhe os meios. (KARDEC, [RE] 1865, p. 86)

Segundo o Espiritismo, a alma é criada *simples e ignorante*, ou seja, sem desenvolvimento algum de sua moral, portanto simples, nem tem inteligência, sendo assim ignorante. Em 1864, Allan Kardec vai tratar de uma questão moral sobre essa condição inicial, que lhe foi enviada por um leitor: considerando duas almas simples e ignorantes em sua primeira vida humana, somente por acaso uma escolheria o caminho do bem e a outra do mal nessa encarnação, pois não conhecem nem o bem nem o mal. De acordo com a lógica, essa primeira vida deveria dar a elas a consciência de si mesmas que não tinham inicialmente? Apenas na segunda encarnação elas saberiam distinguir entre o bem e o mal, tornando-se responsáveis pelos seus atos? Essa opinião tem fundamento?

Em sua resposta, considerada resolvida pela Doutrina Espírita, Kardec explica que, apesar de ignorarmos absolutamente as condições das primeiras encarnações da alma humana, sabemos que elas têm um mesmo ponto de partida, pois são criadas simples e ignorantes igualmente, o que está em acordo com a justiça. Sabemos, também, que “o *livre-arbítrio* se desenvolve somente pouco a pouco e depois de numerosas evoluções na vida corpórea”. Sendo assim, afirma Kardec:

Não é, pois, nem depois da primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem uma consciência bastante limpa de si mesma, para ser responsável por seus atos. Não é talvez senão depois da *centésima*, talvez da *milésima*. (KARDEC, [RE] 1864, p. 18)

Ocorre o mesmo com uma criança, por exemplo, que não aprende a andar

em um, dois ou três dias depois de nascida, mas por volta de um ano.

Além disso, continua Kardec, “desde que a alma goza de seu livre-arbítrio, a sua responsabilidade moral cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência”. Ou seja, a alma é responsável na medida em que compreende as circunstâncias, as consequências das diversas escolhas que pode fazer diante dos atos da vida. E esse conhecimento é progressivo. Um homem primitivo que mata para defender seu território instintivamente não tem responsabilidade moral por esse ato, enquanto o homem civilizado é responsável por uma pequena falta na relação com seus semelhantes, pois comete o ato consciente de estar agindo errado.

Há, portanto, uma transição lenta entre a condição animal, durante a qual o princípio inteligente está submetido ao comando de seus instintos, e a alma dotada de liberdade moral ou livre-arbítrio, que é sua conquista gradual, secundada pelo desenvolvimento intelectual que determina a responsabilidade pelos atos:

Durante longos períodos, a alma encarnada está submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação. Pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes, ou, melhor dizendo, se equilibram com a inteligência. Mais tarde, e sempre gradualmente, a inteligência domina os instintos, é então somente que começa a responsabilidade séria.  
(*Ibidem*)

O ato moral, assim definido pelo Espiritismo, é livre, consciente e racional. Portanto, para fazer o bem é preciso aprender a escolher pelo desenvolvimento da razão, conquistando o domínio de sua vontade. E só é responsabilizado progressivamente, na medida de sua evolução intelecto-moral. Assim como a inteligência não é uniforme em todos os indivíduos, alguns possuindo mais ou menos, também não o é o livre-arbítrio, nem a capacidade moral, nem a responsabilidade pelos atos.

Para os espiritualistas racionais havia um mistério insondável na constatação da diversidade das faculdades humanas, pois essa desigualdade contraria a noção de justiça. Por qual razão Deus teria criado alguns

indivíduos muito inteligentes, outros ignorantes; alguns com inclinação para o mal, outros para o bem; alguns cuidadosos em suas escolhas, outros pródigos? A carne é fraca, explicavam os religiosos. Simples acaso, afirmavam os materialistas, dizendo ainda que essa injustiça prova que Deus, que deveria ser a justiça suprema, para não ser uma contradição, não deve existir. O Espiritualismo Racional diminui o problema, mas não resolve a incoerência. Só o Espiritismo põe fim à controvérsia, por meio de sua teoria.

A lógica da criação da alma segundo o Espiritismo é uma revolução completa na questão psicológica.

Todas as religiões do passado consideram que a alma foi criada perfeita por Deus, que lhe teria dado justiça, sabedoria e livre-arbítrio. E, por ter concedido tudo isso ao homem, pode cobrar seu uso. Quando a alma desobedece, cometendo um pecado, merece o castigo para ser submissa e voltar a viver junto do Criador.

Mas a Doutrina Espírita explica que a alma não ganha de Deus suas faculdades e capacidades, pois, criada simples e ignorante, vai conquistar até mesmo a consciência de si mesma por seu esforço. Depois, só gradualmente aprende a fazer escolhas, à medida que desenvolve gradualmente a inteligência. Passa, então, proporcionalmente, a ser responsável pelo uso de suas aquisições intelecto-morais. Esse o sentido adequado da responsabilidade pelos atos. Não é uma relação de cobrança divina pelos recursos concedidos por Deus, e pelos quais poderia Ele cobrar, castigando ou recompensando os seres. Segundo a Teoria Moral Espírita, quem cobra de si mesmo o bom uso de seus recursos é o próprio Espírito!

Vejam um exemplo. Quando uma pessoa empresta a outra um objeto por um tempo, tem o direito de cobrar o uso adequado e as boas condições dele quando da devolução. Em outra situação, vamos imaginar um

indivíduo que tenha conquistado uma habilidade de produzir o objeto que queira. Ninguém pode cobrar dele o uso dessa habilidade. Quem tem uma habilidade é que cobra de si mesmo, em seu íntimo, no diálogo virtual entre o seu juízo e sua consciência moral. O objeto emprestado é algo em si, um bem concedido, recebido por uma pessoa de outra. A habilidade, por sua vez, é apenas um potencial conquistado, um valor pessoal e íntimo.

Caso Deus tivesse dado ao Espírito todas as suas faculdades e o livre-arbítrio, eles não seriam uma conquista pessoal, mas uma concessão divina da qual Ele poderia cobrar seu uso. O Criador, em verdade, dá condições para a alma conquistar seu potencial gradualmente, por seu esforço e vontade, no decorrer de milhares de vidas, desde um início igual para todos, sem nenhuma capacidade original, ou seja, simples e ignorante. Na medida em que a consciência de si mesmo, livre-arbítrio, senso moral e inteligência são potenciais conquistados, a responsabilidade pelos atos é uma cobrança íntima e pessoal.

As imperfeições da alma também são hábitos desenvolvidos por uma alma que sabe distinguir entre o certo e o errado. Kardec, então, conclui sua resposta afirmando:

Nós não somos perfeitos, eis o que é positivo. Sabemos que as nossas imperfeições são os nossos únicos obstáculos para a nossa felicidade futura, estudemo-nos, pois, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto onde estamos, a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sadiamente o bem e o mal, e é neste ponto também que sua responsabilidade está mais empenhada, porque não se pode mais dizer dele o que disse Jesus: Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem. (*Ibidem*)

## **Desejo e vontade**

Até o século 18, as escolas de filosofia consideravam que a alma tinha somente duas faculdades, o entendimento e a vontade. Não distinguiam da vontade o que os espiritualistas racionais chamavam afeições, inclinações, amor, desejo. Condillac e a escola materialista reconheciam as faculdades

tendo origem na sensação, então o querer não é diferente de amar. Os escolásticos definiam vontade e desejo como a mesma coisa, *appetitus rationalis*, um movimento exercido pela razão, que pode ser dirigido para um alimento ou um ato benevolente, sendo uma causa única. Todavia, Maine de Biran, Victor Cousin, Paul Janet, distinguem *vontade* de *desejo*. Explica Cousin:

É o desejo um impulso cego que, sem deliberação alguma, e sem a intervenção da vontade, sobe ou desce, aumenta ou míngua: não é uma resolução, é um arrastamento: não se deseja e nem se deixa de desejar com o seu livre-arbítrio. A vontade combate o desejo, como também muitas vezes cede a ele, ela não é, pois, o desejo – o poder da vontade sobre o desejo é uma prova da diferença de sua natureza. (JANET, 1885, p. 286)

Em Kardec, vamos encontrar sobre os desejos:

O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus *desejos*. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura completas. O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já nesta vida experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus *desejos* lhe dá ao Espírito calma e serenidade. (KARDEC, [1860] 1995, p. 438)

Dessa maneira, enquanto o desejo está no âmbito da vida animal, a vontade é faculdade da alma, caracterizando a vida humana. Desse modo, a psicologia vai definir o conceito de *personalidade humana*, noção importante para a moral e para a doutrina do direito:

Reconhece-se a personalidade humana por três caracteres principais: 1) a *consciência de si mesmo*: não um sentimento completamente passivo acompanha cada uma de nossas sensações e afeições e que tanto existe no homem como no animal, mas a consciência do eu, do sujeito pensante, a consciência refletida. 2) A *inteligência* ou faculdade de discriminar o verdadeiro do falso, o bem do mal. Finalmente, 3) a *vontade*, ou poder de se determinar por si próprio, poder que é idêntico à liberdade. O ser que não pensa, que não quer e que não tem consciência de si, não é uma pessoa. (JANET, 1885, p. 292)

No entanto, qual a causa das diferentes personalidades humanas? Há quem nasça mais ou menos inteligente; há personalidades simples e outras com amplo domínio da consciência refletida; alguns são propensos aos

vícios enquanto outros possuem a força da vontade para produzir grandes feitos. Até o Espiritismo, não havia uma explicação sobre a diversidade da personalidade humana que fosse coerente com a justiça divina, afastando, por sua teoria, toda injustiça e todo ato deliberado de Deus, oferecendo às suas criaturas a mais absoluta igualdade de condições e oportunidades. A resposta estava na união da reencarnação com a evolução gradual pelo próprio esforço e mérito.

Segundo o Espiritismo, a evolução moral ocorre pelo desenvolvimento da faculdade da vontade, própria da alma, para com ela moderar os desejos e paixões relativos às necessidades materiais, fisiológicas, instintivas. A moral confere ao ser serenidade, calma, amplitude de visão, controle sobre si mesmo, capacidade de agir pelo dever, promovendo equilíbrio e fraternidade à sua volta, sendo, assim, a causa primeira da felicidade.

Em resumo:

1. *Materialismo*: o ser humano é passivo diante dos desejos que o movem, pelo impulso do prazer e da dor. Desse modo, equivale ao animal.
2. *Igreja*: vontade e desejo são uma só coisa, potência natural da alma humana, que, em virtude do pecado original presente no corpo, tende ao mal em suas escolhas. Deus determina as personalidades por sua deliberada vontade.
3. *Espiritualismo Racional*: Vontade é faculdade da alma distinta dos desejos relativos à vida animal, sendo uma força capaz de controlar o desejo e também realizar o ato moral ou dever. A personalidade é definida pela consciência de si mesmo, inteligência e vontade. Mas não se explicam as desigualdades desses caracteres nos indivíduos, desde o nascimento.
4. *Espiritismo*: As faculdades da alma, vontade e razão, inicialmente

nulas no Espírito simples e ignorante, são instrumentos conquistados pelo seu esforço e mérito, no decorrer de milhares de reencarnações.

O Espiritismo, porém, amplia ainda mais esse entendimento, pois define o pensamento e a vontade como instrumentos de ação do Espírito sobre a matéria mental ou fluido universal, próprio do mundo espiritual:

Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do *pensamento* e da *vontade*, que são para o Espírito o que a mão é para o homem. (KARDEC, [1868] 2018, p. 290)

O Espírito atua sobre a matéria mental pela ação da vontade, transformando-a, conferindo-lhe determinadas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo. Por essa faculdade, também determina a condição fluídica de seu perispírito, tornando-o mais ou menos denso, alterando sua aparência.

A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado, podendo atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. (KARDEC, [1861] 1996, p. 172)

O animal age por meio das paixões, instintos e desejos, dos quais não pode fugir. O Espírito simples e ignorante, durante centenas de vidas desenvolve a consciência de si mesmo, inteligência e vontade, para desenvolver seu livre-arbítrio e senso moral. O ser humano, no início de seu desenvolvimento, vive, pelos desejos, a vida animal; e, pela vontade, a vida humana. Seu primeiro desafio está em moderar os desejos pelo esforço e vontade. Caso se prenda à satisfação dos desejos, desenvolvendo os vícios e imperfeições, enquanto essa condição permanecer viverá inquieto, temeroso, em sofrimento moral. É pela alavanca da vontade que vai superar

essa condição.

Mas a maioria dos Espíritos evolui naturalmente pelo exercício de suas faculdades. Progressivamente, essas faculdades se tornam seu instrumento, podendo agir ativamente em sua vida espiritual. De animal se faz homem, pela conquista das faculdades. E, por meio desses instrumentos, de homem torna-se espírito livre, capaz e consciente.

Dominando essas faculdades, o Espírito tem à sua disposição o recurso necessário para criar objetos fluídicos, transportar-se a distância, alterar sua aparência, comunicar-se pelo pensamento, controlar a densidade de seu corpo espiritual, sintonizar-se com os outros Espíritos, induzir seus inferiores a um sentimento e pensamento mais sublime, atuar por meio da prece, agir por meio de passes. Com esses instrumentos, pensamento e vontade, os Espíritos superiores atuam na harmonia universal, em missões maiores, como cocriadores junto ao Criador.

## **Os hábitos passivos e ativos**

Repetindo frequentemente o mesmo ato, adquire-se mais facilidade em sua prática. Um bom pianista, uma bailarina, conquistam suas habilidades pelo exercício repetitivo dos movimentos coordenados. Quando um motorista experiente conduz um carro, não fica consciente dos movimentos que faz, pois estes foram condicionados. Essa é uma das formas do que se chama hábito. Mas, se isso ocorre com os movimentos corporais, também acontece com os atos do espírito. Todo exercício repetido de uma faculdade ou no uso dos órgãos produz, de forma adquirida ou contraída, o *hábito*.

A maioria dos filósofos desde o século 17, como também os empiristas como Locke, Helvétius, Condillac, Destutt de Tracy, acreditava que o hábito era um fenômeno meramente mecânico. Essa opinião estava ligada a uma questão mais geral, segundo a qual a vida seria explicada por causas meramente físicas, a ação espontânea dos seres vivos não passaria de uma

aparência, pois eles estariam reduzidos às leis naturais que regem a matéria, como causa e efeito, e inércia. Todavia, os espiritualistas racionais, por meio da observação, encontraram nos seres vivos uma disposição não só “para serem modificados de um modo constante por causas externas, mas ainda para se modificarem a si mesmos de uma maneira constante por uma causa interna” (JANET, 1885, p. 296). É a diferença entre os *hábitos passivos* e os *hábitos ativos*.

Entre os hábitos ativos, que aumentam a potência de uma faculdade ou habilidade, há os de inteligência e os de vontade:

*Hábitos de inteligência* – Aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, como a memória, atenção, raciocínio.

*Hábitos da vontade* – O ato voluntário, como a escolha de um determinado modo de agir, ou uma reação emocional a uma situação, pela continuidade de seu esforço e repetição, pode se tornar hábito. Mesmo que ele seja praticado de forma inconsciente, por se tornar condicionado, isso não altera a natureza livre de sua aquisição. Eduardo Ferreira França (1809-1857), que pode ser considerado o primeiro psicólogo espiritualista brasileiro, autor de *Investigações de psicologia* (<https://espírito.org.br/autonomia/livro-investigacoes-de-psicologia/>), manual inspirado em Maine de Biran e nos espiritualistas racionais, publicado em 1854, elucida:

Para explicar os hábitos, admitem alguns filósofos que os movimentos ficam automáticos. Ficam involuntários na maior parte dos casos, mas por serem involuntários não deixam de provir da ação de uma faculdade humana. [...] o hábito se mostra na sensação, na inteligência, no sentimento e até na vontade. A sensação afetiva se enfraquece com o hábito, o que é passivo sofre a mesma alteração, mas o que há de ativo no homem se aperfeiçoa. (FRANÇA, 1973, p. 269)

Eduardo França distingue, desse modo, entre instinto e hábito tanto por sua origem quanto por sua natureza, pois o instinto é natural e o *hábito* é *adquirido*. E essa diferença é basilar para definir o destino do ser humano,

que é moral. Vejamos o desenvolvimento de suas ideias.

Pelo fato de tanto o instinto quanto o hábito serem conduzidos pela vontade, não se pode concluir que sejam da mesma natureza, pois “o instinto nunca foi voluntário, nem o há de ser; o hábito nasceu da vontade, e seus efeitos, posto que muitas vezes sejam involuntários, estão também muitas vezes dirigidos pela vontade”. Ou seja, caso se deixe conduzir pelos instintos e pelos hábitos condicionados por estímulos externos, como a moda, a sociedade e aqueles que dirigem os grupos sociais como os sacerdotes, o homem torna-se uma máquina ou um verdadeiro animal. Por outro lado, continua o psicólogo, “o hábito é a condição de todo progresso no homem e aquilo que o faz cada vez mais um ente superior e o torna mais diferente do animal”.

Como ser duplo, afirma Eduardo, há em nós ações originárias de instintos, pela vida animal, e dos hábitos adquiridos, pela vida humana; somos, então, regidos “por duas ordens de leis bem diferentes”. E, “dotando-nos da inteligência e da liberdade, nos deu o poder de resistir-lhes indiretamente e nos proporcionou os meios de dar-lhes até certo ponto a direção mais conveniente” aos instintos, “para que eles mesmos concorressem para um fim moral”.

Tudo o que há de espiritual e de ativo no homem se aperfeiçoa pelo exercício, e tudo que é orgânico e passivo se deteriora pela repetição. As sensações orgânicas perdem intensidade pela frequência, como sabores, cheiros, sensações de prazer, entre outros. Essa condição instintiva é uma natural proteção, mas o uso da vontade em buscar a satisfação das sensações físicas em excesso leva o Espírito a uma condição de imperfeição. Por exemplo, o uso constante de uma substância entorpecente fará diminuir o efeito pela multiplicação reiterada da sensação. Diminuindo a sensação, o indivíduo aumenta a dose e a frequência, o que acaba levando-o ao vício. Esse é um resultado pernicioso do hábito passivo.

Sendo o hábito uma segunda natureza do ser humano, explica Eduardo França, “fumar, beber álcool”, entre outros apegos, “são outras tantas necessidades fictícias que produzem desejos” (FRANÇA, 1973, p. 576). Somos passivos diante da sensibilidade, e o Espírito torna-se escravo das sensações quando se deixa dominar pelos desejos. Já a vontade, faculdade da alma, representa o ato refletido, muda a direção que escolheu, suspende a ação, começa e recomeça. É por meio dela que se pode mudar e progredir.

A vontade é a faculdade livre da alma. Nesse sentido, em resposta a Allan Kardec sobre as necessidades criadas para entreter os sentidos, o supérfluo da vida moderna, os Espíritos responderam que:

Os males deste mundo estão na razão das necessidades factícias que vós criais. A muitos desenganos se poupa nesta vida aquele que sabe restringir seus desejos e olha sem inveja para o que esteja acima de si. O que menos necessidades tem, esse o mais rico. (KARDEC, [1860] 1995, p. 429)

E está na *liberdade* a condição primeira dessa evolução própria do ser humano, esclarece Eduardo França, “porque o hábito, que tende incessantemente a desenvolver a parte espiritual do homem, provém da atividade livre, que é um atributo exclusivo da humanidade”. Todavia, o uso da liberdade pressupõe a escolha do bem e também a do mal. Mas ninguém é arrastado a este último fatalmente, pois pode, quando queira, mudar seus próprios hábitos, alterando sua personalidade, superando imperfeições e conquistando virtudes:

E se o hábito pode contribuir para a corrupção do homem, esta mesma corrupção é o resultado de sua liberdade, e ele é por ela responsável a Deus; porque Deus o dotou de faculdades, e ao mesmo tempo do poder de dirigi-las para o melhor fim. O instinto tem por origem a nossa organização, o hábito tem por origem a nossa vontade. (FRANÇA, 1973, p. 576)

Eduardo França, em seu estudo sobre a liberdade e os hábitos, por meio da psicologia experimental, conclui pelas *consequências morais* dessa ciência filosófica, da mesma forma que iria ocorrer somente três anos depois com Kardec, em suas pesquisas psicológicas dos fenômenos

espíritas:

Empreguemos, pois, nossa vontade para, com a formação de hábitos poderosos, resistirmos à ação muitas vezes funesta de certos instintos, e assim criarmos, para assim dizer, uma segunda natureza, que se oponha à natureza primitiva e nos conduza a nosso destino, que é um destino moral. (*Ibidem*)

Os hábitos, portanto, controlados pela vontade dirigida ao bem, tornam-se os instrumentos da evolução moral:

O hábito das boas ações se adquire, as afeições ternas se fortificam com a sua repetição. Sobre a própria vontade o hábito também se mostra, acostumamo-nos a governar nossos pensamentos, nossas inclinações, acostumamo-nos a conservar o império de nossa vontade sobre uma série inteira de pensamentos e ações. (*Idem*, p. 267)

Nesse mesmo sentido, em sua obra *A Gênese*, Allan Kardec vai definir as relações entre os instintos, paixões e a inteligência. Ou seja, caso o homem “agisse constantemente só por instinto poderia ser muito bom, mas manteria a inteligência adormecida”. Pelos hábitos adquiridos, pode o homem, no desenvolvimento das faculdades, dominar as paixões, que:

São úteis como estímulo, até a eclosão do senso moral, que, de um ser passivo, faz um ser racional. A partir desse momento, elas se tornam não somente inúteis, mas prejudiciais ao adiantamento do Espírito, pois retardam seu domínio sobre a matéria. As paixões se enfraquecem com o desenvolvimento da razão. (KARDEC, [1868] 2018, p. 107)

Segundo Kardec, os problemas do mundo moderno quanto ao trabalho, consumo e economia, estão relacionados com a deficiência do projeto educacional, pois uma torrente de jovens é criada “sem princípios, sem freios, e entregues aos próprios instintos”. Ou seja, se há uma educação intelectual, ela não é suficiente se não for secundada pela educação moral, que Kardec define assim:

Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. (KARDEC, [1860] 1995, p. 331).

Sem a moral autônoma, a educação intelectual, pelo controle do

comportamento pelo condicionamento passivo produz apenas seres autômatos, dominados pelos desejos e paixões, submissos, incapazes de dominar a si mesmos. O Espiritualismo Racional, as ciências filosóficas e o Espiritismo almejavam essa educação pela liberdade. Para tanto, ensinavam aos jovens que a vida humana está representada pela vontade, faculdade livre da alma que lhe permite escolher seus atos, elaborando hábitos adquiridos ou ativos, determinando assim a sua personalidade moral pelo seu próprio esforço, interesse e dedicação. Pois uma comunidade, conclui Kardec, somente pode ser considerada civilizada quando nela houver menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; “onde *os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais*, onde a inteligência puder se desenvolver com mais liberdade, onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas” (Idem, p. 371).

Partindo ambos da mesma base de conhecimento, Eduardo França, no Brasil, e Allan Kardec, na França, chegaram aos mesmos conceitos morais ao estudar a psicologia espiritualista, estudos que remetem naturalmente à religião natural, pela consideração da harmonia universal criada por Deus, por leis naturais. Essas leis regem tanto o mundo físico, em nós representado pelo corpo, como as leis do mundo moral, sede de nossa alma. É exatamente desse entendimento de nós mesmos como criaturas livres, destinadas à evolução intelecto-moral por seu esforço, que nasce o amor a Deus, considera Eduardo França:

Um povo grosseiro e bárbaro atribuindo os males que sofre aos deuses que admite, não experimenta amor, mas temor. Aquele que crê em Deus, como princípio que governa o mundo, o criou e o ordenou, terá um sentimento de admiração, para tão grande obra, e um sentimento de respeito e veneração, para com a Inteligência Suprema. É somente quando o sentimento moral está desenvolvido, é quando olhamos Deus como nosso Pai, nosso Benfeitor, que nos dotou de inteligência e vontade, que a Ele atribuímos os bens que experimentamos como seres inteligentes e morais – bens que excedem ao que nos julgamos como direito porque as outras criaturas não os possuem –, é então que nasce em nós um verdadeiro sentimento de amor, e este amor é o reconhecimento. (FRANÇA, 1973, p. 534)

Eduardo França ficou entusiasmado com as possibilidades oferecidas pela descoberta de Maine de Biran a partir da observação introspectiva, que evoluiu da hipótese empirista anteriormente aceita. O Brasil lutava para ganhar uma identidade social e cultural própria, depois da separação de Portugal, e a fundação de uma ciência centrada na liberdade humana era tudo de que os brasileiros precisavam. A corrente amplamente aceita na França ganhava também espaço no Brasil. No Segundo Reinado, o sistema filosófico espiritualista racional liderado por Victor Cousin atendeu aos interesses da elite, orientando a solução dos problemas políticos, do sistema de ensino. A psicologia de Maine de Biran deu o suporte científico adequado.

Mas Eduardo França não recebeu uma formação acadêmica espiritualista desde seu início, pois começou seus estudos na escola sensualista:

Imbuído nas ideias da escola chamada sensualista, entusiasta de Destutt de Tracy, a ponto tal que só procurava conhecer e estudar as obras dos sábios a que ele dava preferência, tornei-me um discípulo do materialismo, e estava convencido de que nada havia além da matéria, e que o espírito era uma simples função de um órgão. Li e reli por muitas vezes as obras do filósofo célebre, que me serviu de mestre, só sentia prazer em ler obras cuja doutrina se assemelhava à sua e as outras me desgostavam e pouca atenção me mereciam. (FRANÇA, 1973, p. 50)

Em Paris, dedicou-se à formação como médico, continuou a meditar sobre a filosofia. Defendeu sua tese de doutorado em Medicina ainda discípulo do materialismo. Todavia, enquanto materialista, “encontrava em mim um vazio, andava inquieto, aflito até, comecei então a refletir e minhas reflexões me fizeram duvidar de muitas coisas que tinha como verdades demonstradas”. Foi progredindo em suas ideias, compreendendo que não somos somente matéria. Anos depois, retomando os estudos filosóficos, passou a ler os que antes lhe causavam desgosto, “e o profundo Maine de Biran contribuiu especialmente para esclarecer minha inteligência” (*Ibidem*).

Representante da escola espiritualista francesa no século seguinte, Henry

Bergson (1859-1951) comentou suas impressões sobre Biran:

No começo do século, a França teve um grande metafísico, o maior que produziu depois de Descartes e Malebranche: Maine de Biran. Pouco notada no momento em que aparece, a doutrina de Maine de Biran exerceu uma influência crescente: pode-se perguntar se o caminho que o filósofo abriu não é aquele pelo qual a metafísica devesse marchar definitivamente. (BERGSON, 1915, p. 15-6)

Segundo o parisiense Bergson, um dos mais renomados filósofos do século 20, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1927, Maine de Biran demonstrou a realidade em si do espírito humano pelo conhecimento de nós mesmos, de tal modo que sua ideia de metafísica “se elevaria cada vez mais alto no sentido do espírito em geral, à medida que a consciência mais fundo penetrasse na vida interior. Ponto de vista genial, do qual tirou as consequências sem construir sistema” (*Ibidem*). Ou seja, sem elaborar uma escola filosófica baseada em suas opiniões pessoais, mas contribuindo para a instituição de uma ciência do homem, que ficou conhecida como *positivismo espiritualista*.

Todavia, nem Maine de Biran, nem Victor Cousin, nem Eduardo França, Allan Kardec ou mesmo Bergson, podiam prever que o materialismo, depois do sucesso do Espiritualismo Racional no avanço da compreensão do ser humano, tomaria de assalto a academia desde o século 20, conferindo a si próprio o poder de reinar dogmaticamente na universidade. Além do mais, apagando da história da psicologia, por uma conspiração do silêncio, o espiritualismo anteriormente vigente.

## **A TEORIA E A PRÁTICA EDUCATIVA DO ESPIRITUALISMO RACIONAL**

A atividade cultural de Victor Cousin pode ser compreendida por três diferentes épocas:

1. Professor de história da filosofia na Escola Normal Superior, depois o exílio na Alemanha e o posterior retorno à sua pátria em 1828.
2. O período de implantação de uma tradição filosófica nacional espiritualista (herdada de Maine de Biran e Royer-Collard) e um novo sistema educacional para as ciências morais, desde 1830 a 1848, durante a Monarquia de Julho, quando exerceu cargos acadêmicos e políticos que lhe permitiram introduzir as reformas no ensino.
3. Uma terceira fase, que compreende os anos finais de sua vida filosófica, desde a revolução de 1848, quando foi afastado da universidade e da atividade política, passando a dedicar-se às letras até 1867, ano de sua morte.

Entre 1830 e 1832, Victor Cousin tornou-se professor titular na Sorbonne, membro do Conselho Real de Instrução Pública, integrante do Conselho de Estado e também um participante da Câmara dos Pares, pertencente ao Parlamento francês. Depois ainda assumiria o cargo de diretor da Escola Normal Superior, organizando a formação dos profissionais docentes a partir do Espiritualismo Racional, ampliando essa proposta para os jovens dos liceus. Em 1840, ainda assumiu o cargo de ministro da Instrução Pública e presidente do Júri de Agregação da Filosofia, cujo concurso deve ser prestado para ingressar na docência do ensino superior francês (VERMEREN, 2009, p. 12):

Quando o senhor Cousin entrou no Conselho Real, os conselheiros eram oito, cada um deles representava uma ordem do ensino de que era o chefe absoluto. [...]. Cousin dizia que os professores de filosofia formavam o seu regimento. [...] O verdadeiro, o único diretor era o senhor Cousin, pela mão dele passavam: as finanças, o regulamento, a disciplina. Ele nomeava professores, fazia e revisava os programas de literatura e filosofia, certificava os mais mínimos detalhes. (SIMON, 1887, p. 80-2)

Segundo as novas perspectivas, era preciso superar a prática educativa empregada pelos jesuítas e continuada pelos materialistas pós-revolucionários, que mantinha os jovens passivos e submissos diante de um professor opressivo e de um conteúdo frio, monótono, distante da realidade. Para isso, uma nova estrutura pedagógica, um novo conteúdo, aliando disciplinas práticas e teóricas, tendo como lema a proposta de liberdade e suas consequências éticas, sociais e políticas. A condução desse grande projeto revolucionário para a educação teve como fio condutor o Espiritualismo. Victor Cousin fez uso de um planejamento estrutural minucioso para implantar uma educação que ia da universidade, com líderes capacitados, uma universidade amplamente unificada em torno de seu plano, passando pela formação homogênea de professores secundários nas escolas normais subordinadas à universidade. Por fim, um projeto educacional das escolas e liceus coerente com o mesmo conteúdo espiritualista da universidade e adaptado ao seu nível de compreensão.

Foi um projeto claramente relacionado com os interesses éticos e sociais progressistas da política liberal francesa. A grande diferença entre a proposta espiritualista do século 19 e as escolas ativas que surgiriam nos séculos seguintes, após o silêncio provocado pela hegemonia materialista, está na base conceitual psicológica, na integração entre metafísica, psicologia e a prática da liberdade, então pensadas em conjunto. Pois, atualmente, enquanto as escolas ativas lidam como a liberdade do ser humano como pressuposto (sem, porém, uma base conceitual clara que sustente suas ideias), as neurociências, por exemplo, negam a existência do livre-arbítrio, imaginando o ser humano como subproduto do funcionamento da fisiologia cerebral, um ser passivo, conduzido pelos instintos de sua espécie. Falta uma coerência ampla entre doutrina e prática para os atuais projetos voltados para uma educação ativa, diferente da tentativa ocorrida na França no século 19, como estamos vendo. Portanto, o grande mérito do Espiritualismo Racional estava numa coerência entre sua teoria e sua prática educativa, num espiritualismo que se organizou a partir da psicologia experimental que o sustentava cientificamente para estruturar as ciências filosóficas<sup>32</sup>, nos limites do que foi possível produzir naquele tempo.

O espiritualista racional, a partir da psicologia, verificou que o desenvolvimento do ser humano deve ocorrer despertando suas próprias capacidades por seu esforço e dedicação, aprendendo a fazer uso de sua liberdade de forma consciente e ativa. Primeiramente, sabendo-se uma alma encarnada no corpo, seria fundamental estudar a ambos, a alma pela psicologia e o corpo pela anatomia e fisiologia básicas. Essa era a primeira parte do currículo das ciências filosóficas, conhecer a si mesmo. Toda a estrutura leva o aluno a pensar de forma integrada, fazendo relações entre disciplinas e conteúdos.

A disciplina da psicologia era a base primordial de todo o planejamento

curricular das ciências filosóficas, e seu ápice era a *moral do dever*, pois por meio dela é que a educação se torna a prática da liberdade. Sendo uma conquista da sociedade, pelo desenvolvimento moral se alcançaria a regeneração da humanidade, criando um mundo novo<sup>33</sup>.

Depois vinham as disciplinas específicas, relacionadas às faculdades humanas, consideradas ciências racionais, observando a realidade e fazendo deduções de seus princípios na elaboração de suas teorias puras, tendo como complemento suas aplicações práticas.

Entre as faculdades humanas há a *razão*, que permite a inteligência e a ampliação do conhecimento, conhecendo as próprias regras do pensar, organizar as ideias, lidar com os fenômenos, produzir teorias e saber compreendê-las. Ou seja, sua capacitação científica. Aprendia-se a perguntar e elaborar raciocínios lógicos, formular argumentos para o debate, antes de explorar os conteúdos.

Por outro lado, a capacidade de escolha da *vontade* ou livre-arbítrio, que desenvolve o senso moral e as virtudes. Desse modo, o jovem aprende que, além de respeitar a justiça, é próprio do ser humano agir pelo ato do dever ou caridade, ou seja, proporcionar aos outros aquilo que desejaria para si mesmo. Os espiritualistas almejavam promover uma moral social que reorganizasse a sociedade sem que somente regras fossem respeitadas, mas também as diferenças diminuíssem, promovendo a inclusão e a oportunidade para todos. Do mesmo modo aprendiam que a felicidade precisa ser para todos, pois agir somente em função de si mesmo é egoísmo, a chaga da sociedade. Segundo Paul Janet, a experiência da moral não deriva de uma ideia do dever, pois:

Entendemos que é uma ideia inerente e essencial à consciência humana, mas que pode estar encoberta, e o está evidentemente para os que não a reconhecem. Para fazer com que ela brote da consciência, é necessário que nos coloquemos perante deveres concretos, inegáveis para todo homem desinteressado. (JANET, 1886, p. 2)

Vemos aqui que a proposta moral do espiritualismo tinha como obstáculo

o *interesse pessoal*, diretamente relacionado com a teoria empirista ou materialista, que via nos desejos o móvel da ação humana. A ideia de um *dever*, como ato livre e desinteressado fica inexplicável nesse sistema<sup>34</sup>. Por isso a necessidade de se implantar um novo paradigma científico com tão amplas proporções.

A *imaginação*, por fim, visava aprimorar o senso estético tendo como objeto compreender as condições que permitem definir o belo. Todavia, na escola espiritualista, essa definição partia do pensamento de Sócrates e Platão, para os quais o belo era mesmo o bem, de tal forma que a arte se confunde com a moral. Para Paul Janet, porém, essa proximidade não permitia confundir esses conceitos, em sua aplicação, de tal forma o belo é o inverso do bem: “consiste o papel da moral, efetivamente, em mudar o sensível em inteligível; o papel da estética e da arte consiste em dar ao inteligível uma forma sensível” (JANET, 1886, p. 201). Ou seja, buscar no reino da natureza os princípios da harmonia, identificando assim as leis que regem a sociedade humana, essa a função da moral. A função do belo seria dar à expressão humana o caráter estético presente na harmonia da natureza. Em tudo se caminha para a perfeição.

Toda prática científica, porém, adota pressupostos conceituais para sua elaboração experimental, e o Espiritualismo Racional empreendia uma parte importante de seus estudos para definir e desenvolver os princípios e causas primeiras de sua teoria. O estudo da alma, da essência da matéria e da compreensão do absoluto, Deus, era fundamental.

## **O ESTUDO CIENTÍFICO DA METAFÍSICA**

A metafísica, como teoria geral da realidade, é começo e também o destino do pensamento científico. Não se parte da realidade, mas de uma visão da realidade. E as conclusões às quais se chega pela pesquisa dos fatos ampliam essa visão inicial, buscando uma coesão com os pressupostos

adotados previamente. Ou seja, podemos considerar a ciência como integrada na busca metafísica pela compreensão do significado profundo do mundo, a natureza de seus problemas é a mesma.

Os pressupostos adotados para descrever a realidade atualmente aceitos pela comunidade científica são de que a única substância existente é a matéria. Mas pressupostos absolutos como esse não são verificáveis, portanto não podem ser classificados como verdadeiros ou falsos. Eles formam as condições necessárias para permitir a observação dos fatos, a atividade experimental.

Sejam implícitos ou explícitos, os pressupostos metafísicos são implicações inerentes ao fazer da ciência; sem eles, a produção do conhecimento seria impossível. Quando o materialista cético, como o positivismo comtiano, nega essa relação entre a metafísica e a ciência, não a está abandonando, porque as questões filosóficas permanecem no pano de fundo, ela apenas fica clandestina. O materialista adota as ideias metafísicas de forma pueril, ao mesmo tempo pouco pensada e elaborada, pois, como afirma Karl Popper, “o mundo é governado por ideias; ideias boas e más. Logo, é governado por aqueles que produzem essas ideias – ou seja, pelos filósofos, ainda que raramente por filósofos profissionais” (POPPER, 1996, p. 225). Todo cientista é um filósofo, mesmo que nesse campo seja simplista. Em verdade, ao negar essa relação fundamental entre ciência e metafísica, o positivista perde a legitimidade de interpretar o mundo, como propõe o historiador das ciências Alfred Tauber:

Quando se concebe a ciência como uma forma mais ampla de investigação filosófica com profundos comprometimentos metafísicos, então o programa positivista colapsa quando os factos são movidos para lá do laboratório de modo a ajudar a construir visões do mundo que vão muito além da epistemologia característica da ciência. Na verdade, os factos são sempre interpretados e expandidos no seio de contextos mais vastos, e “interpretação” desliza com facilidade para “significado”. (TAUBER, 2009, p. 36)

Na prática, quando o cientista cético aceita seus pressupostos metafísicos

como única visão possível para a ciência, está estabelecendo um dogma, enquanto princípio de autoridade. Estabelece assim que outras visões de mundo ficam excluídas de sua prática, como se fossem heresias, condenadas à exclusão por princípio, não por argumentação racional.

Isso leva a graves consequências, pois a visão de mundo adotada para produzir ciência é a mesma que rege sua aplicação na sociedade. Para o materialista, a moral é apenas a satisfação dos desejos, pois considera o ser humano egoísta por natureza. Esse pressuposto está implícito nas ciências que têm o ser humano como objeto. E ele é utilizado sem ser debatido, sem passar mais pela discussão de sua validade ou se é o mais adequado para a sociedade que desejamos estabelecer.

Quando uma sociedade espiritualista como a nossa aceita que o dogma materialista seja imposto como base da produção de seu conhecimento, está abrindo mão de definir qual moral será adotada na elaboração das estruturas sociais, principalmente as da educação. E é isso que estamos vivenciando desde o século passado.

Para os espiritualistas racionais, no século 19, as questões filosóficas e científicas estavam entrelaçadas, como ocorre na própria realidade. E a metafísica estava implícita, recebendo um campo de estudos que ia de alto a baixo, trazendo professores e jovens ao debate de suas questões.

Mas a própria natureza da metafísica estava presente nesse debate, como se descreve nos manuais, obras e artigos da época. Perguntava-se como a metafísica pode ter um método, como o absoluto poderia ser estudado experimentalmente? Como poderá se passar, pelo raciocínio, do infinito ao finito e de Deus ao mundo? É um fato que a experiência apenas se conhece por fatos e fenômenos, ou seja, o particular e o acidental, e a metafísica tem por objeto exatamente o que ultrapassa o particular e o acidental, pois tem como meta o universal e o necessário. Não podendo, assim, concluir Paul Janet, ser o resultado da experiência, mas sim do método reflexivo:

Parece haver aí uma antinomia (contradição), porque se a metafísica não é possível nem pela razão, nem pela experiência, releva que seja impossível. A solução dessa antinomia está no método reflexivo, isto é, o do espírito se recolhendo em si, e assim encontrando em si mesmo, não mais somente fenômenos, porém ser, e não somente um ser *ideal* e simplesmente concebido, mas ainda um ser *sentido* e *percebido*. Esse método que é o de Descartes, de Leibniz, de Maine de Biran e também o de Hegel, é o método essencial da metafísica. (JANET, 1885, p. 499)

Para compreender o estudo científico da metafísica, é preciso levar em consideração que o paradigma espiritualista adotado na época considerava o método introspectivo como apropriado para estudar os fatos do espírito humano. Ou seja, segundo o Espiritualismo Racional, o método reflexivo alcança *o ser do espírito humano*. E, sendo o espírito humano uma substância integrante da realidade, no exame de si mesmo, pela “reflexão descobre em si mesmo a base de toda a metafísica, o ser, o absoluto, o infinito”. Por esse mesmo método, descobre as diversas propriedades, qualidades, manifestações do ser: substância, causa, fim, unidade, identidade, ação. Finalmente, “por analogia consigo mesmo que ele determina e caracteriza o absoluto, como pensamento, vontade e amor” (*Ibidem*).

Não é possível pensar o Espiritismo senão nesse contexto. Podemos considerar, por esse ponto de vista, que a ciência atual não é superior à do século 19, senão em suas especialidades, no que tange aos objetos empíricos aos quais se dedicou, como no avanço da visão do Universo e de suas profundezas, o mundo do micro e do macro, as possibilidades inimagináveis da genética, as forças do átomo, os recursos das ondas eletromagnéticas, e muito mais. Todavia, esse evidente e extraordinário progresso não pode ser generalizado em absoluto. Dedicando-se a tudo o que lhe chega pelos sentidos do exterior, o pensamento científico humano sabe quase nada sobre si mesmo. Abandonando o interesse coletivo, dedicado e profundo das consequências morais dos fenômenos da alma, esses temas em específico ficaram congelados no nível alcançado nesse

passado que estamos nos dedicando a estudar. Para que o Espiritismo seja considerado como foi concebido, é preciso imergir nesse paradigma unificador da metafísica com a ciência – próprio do pensamento que considera válidas as ciências de observação dedicadas aos fatos do espírito humano. Pois, como afirmou Kardec, “aquele que não admite um Espírito em si, não pode admiti-lo fora de si, por consequência, não admitindo a causa, não pode admitir seu efeito”:

Se um corpo sábio nomeasse um relator para examinar a questão do Espiritismo, e *que esse relator não fosse francamente Espiritualista*, valeria tanto quanto se um concílio escolhesse Voltaire para tratar de uma questão de dogma. Espanta-se, diga-se de passagem, que os corpos sábios não hajam dado o seu parecer; mas esquece-se de que a sua missão é o estudo das leis da matéria e não as dos atributos da alma, e ainda menos de decidir se a alma existe. Sobre tais assuntos eles podem ter opiniões individuais, como podem tê-las sobre a religião; mas, como corporação, nunca terão que se pronunciar. (KARDEC, [RE] 1860, p. 192)

Inserido nesse cenário cultural francamente espiritualista de sua época, o Espiritismo, além de adotar a metodologia de observação da psicologia espiritualista, vai ampliar grandemente o seu alcance, pois, além de ser possível ao indivíduo observar em si mesmo os fatos, a sensibilidade mediúnica vai representar um instrumento imprescindível de ampliação da realidade, assim como o é o microscópio para o biólogo, fazendo surgir a ele um mundo novo. Por meio dessa inovação, o Espiritismo vai tirar a metafísica das ciências filosóficas do método reflexivo para o experimental, como explica Allan Kardec:

Até o presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, foi puramente especulativo e teórico; no Espiritismo é inteiramente experimental. Com a ajuda da ,faculdade mediúnica, atualmente mais desenvolvida e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada, o homem possui um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido para o mundo espiritual o que o telescópio representou para o mundo sideral e o microscópio para o mundo do infinitamente pequeno. A mediunidade permitiu examinar e estudar – por assim dizer, por observação – as relações daquele mundo com o corporal; diferenciar no homem vivo o ser inteligente e o material, e de vê-los agindo separadamente. Uma vez estabelecidas as relações com os habitantes do mundo espiritual, tornou-se possível seguir a alma na sua trajetória ascendente, em suas migrações, em suas transformações; pôde-se, enfim, estudar o elemento

espiritual. (KARDEC, [1868] 2018, p. 119-20)

O Espiritismo marca legitimamente o início da *metafísica* como *ciência experimental*, sendo uma ampliação sucessiva da tradição científica iniciada pela psicologia espiritualista do século 19. E uma futura ciência francamente espiritualista voltará certamente a reconhecer essa precedência, retomando-a como tradição.

## **A metafísica enquanto ciência filosófica**

O estudo psicológico das faculdades humanas pressupõe a busca por um ideal máximo em suas conquistas. A finalidade do entendimento ou da razão é *a verdade*. O objetivo da vontade é *o bem*. E a meta da imaginação é *o belo*. Portanto, a verdade, o bem e a beleza são os objetos da lógica, moral e estética. Ou seja, o ser humano, no exercício evolutivo de suas faculdades, busca aproximar-se dos valores supremos divinos, representados pelo verdadeiro, pelo bem e pela beleza. A expressão deles na natureza estabelece a harmonia universal, na relação entre a unidade e a diversidade. Desse modo, há uma interação entre os seres que fundamentam a realidade, que são Deus, espírito e matéria. Desse modo, ao estudar as faculdades humanas em seus princípios fundamentais, há a passagem das ciências psicológicas para a *metafísica*, que é o estudo dos primeiros princípios ou das causas que não têm causa.

O estudo da metafísica estava dividido em dois grupos:

1. A *metafísica geral* ou ontologia<sup>35</sup>, que trata dos princípios de modo abstrato e abrangente.
2. A *metafísica especial*, que trata dos seres, dividindo-se em três partes:

a) *Psicologia racional*, ciência da alma.

- b) *Cosmologia racional* ou filosofia da natureza.
- c) *Teodiceia* ou estudo racional de Deus.

## **Ciências filosóficas: metafísica geral**

A *metafísica geral* é o estudo clássico que trata da natureza e da existência dos seres, de uma realidade comum a todos eles. É a ontologia. O estudo da realidade das coisas pressupõe considerar se as coisas realmente existem fora da mente, também se há uma verdade e leis naturais, e se elas são acessíveis ao nosso entendimento. O Espiritualismo Racional, e também o Espiritismo, consideram a existência de três espécies de seres ou substâncias, a alma, as coisas ou corpos e Deus. Outros sistemas podem variar essa compreensão da realidade, como o materialismo (existem apenas os corpos), o panteísmo (toda a realidade está imersa em Deus) e o idealismo absoluto, que considera que a única realidade é a do Espírito.

Outra questão importante relativa à ontologia é a capacidade e a extensão possível de se compreender a realidade racionalmente. Ela é muito importante para definir o campo de estudo espírita estabelecido por Allan Kardec para a Doutrina Espírita.

O religioso dogmático, apesar de considerar a existência dos seres, nega à razão a capacidade de reconhecer a verdade, que, portanto, só é acessível pela revelação divina e pela interpretação da Igreja. O cético materialista, negando a existência da alma como ser, desconsidera, assim, a possibilidade de estudar algo além do imediato observável.

No século 19, o Espiritualismo Racional e, em seguida, o Espiritismo adotaram um caminho intermediário entre esses dois extremos, quanto ao seu objeto de estudo, o ser humano e a alma. Há uma verdade, o conhecimento dela está em Deus, inteligência suprema, mas, apesar de sua imperfeição e seus erros, o homem pode compreender as leis naturais do mundo físico e moral de forma metodológica, científica, observando os

fatos, propondo hipóteses e teorias, encontrando os erros e aperfeiçoando seu entendimento. Ou seja, uma ciência incompleta, imperfeita, mas progressiva a partir de sua tradição.

Quanto à metafísica, no estudo das causas primeiras, as religiões tomam uma teoria estática, parada no tempo, inquestionável. Como cada uma das denominações religiosas adota seus próprios dogmas, são exclusivistas, pois sua verdade, sendo única, nega o que afirmam as demais. As ciências exatas e naturais, por tratarem dos objetos materiais, se abstêm de tratar do assunto.

Já a Teoria Espírita é evolutiva em sua elaboração, e sua natureza é progressista. Desse modo, o Espiritismo segundo Kardec, coerente com as exigências de seu tempo, qualifica-se como conhecimento válido justamente por seu método, e, unindo-se à ciência do homem, colabora e assimila as ideias progressistas (economia social) destinadas à elaboração de um mundo novo, as quais pertenciam ao pensamento liberal daquela época:

Um último caráter da revelação espírita, e que ressalta das próprias condições nas quais foi feita, é que, se apoiando sobre fatos, ela é e não pode ser senão essencialmente progressiva, *como todas as ciências de observação*. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, [...]. O Espiritismo não coloca, pois, como princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, chegadas ao estado de verdades práticas, e saídas do domínio da utopia, sem isto ele se suicidaria; cessando de ser o que ele é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais transbordado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está no erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita. (KARDEC, [RE] 1867, p. 190)

Na universidade, a comunidade dos pesquisadores espiritualistas produzia o conhecimento de forma metódica, racional, de forma coletiva e solidária em suas investigações, adotando uma mesma tradição, a partir da qual as ideias progrediam de uma forma segura. Inseridos nesse contexto, os

pesquisadores espíritas, instruídos por Kardec, procuravam agir aos moldes de uma comunidade científica, produzindo conhecimento de forma coletiva; o oposto das revelações messiânicas das religiões, que, por exigência de sua própria natureza, são produzidas por um só indivíduo, inspirado por uma fonte única. Entre os homens e entre os Espíritos, foi a partir da diversidade, do método, da progressiva amplitude das ideias e da cooperação que a Teoria Espírita se estabeleceu. Individualmente, homens e Espíritos oferecem somente opiniões, apenas coletivamente produzem o edifício dos conceitos fundamentais:

Não confiando a um único Espírito o cuidado da promulgação da Doutrina, quis, além disto, que o menor quanto o maior, entre os Espíritos como entre os homens, trouxessem sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas saídas de uma fonte única. De um lado, cada Espírito, do mesmo modo que cada homem, não tendo senão uma soma limitada de conhecimentos, individualmente estão inabilitados para tratarem *ex professo* as inumeráveis questões em que o Espiritismo toca; eis igualmente por que a Doutrina, para cumprir os objetivos do Criador, não poderia ser a obra de um único Espírito, nem de um único médium; ela não poderia sair senão da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros. (*Ibidem*)

## CIÊNCIAS FILOSÓFICAS: METAFÍSICA ESPECIAL

Enquanto a metafísica geral trata do ser considerado em absoluto, a especial, que trata dos seres, divide-se em três partes:

- a) *Psicologia racional*, trata da natureza da alma sob dois aspectos, a *distinção* entre alma e corpo (fenômenos psicológicos e fisiológicos) e a *união* entre alma e corpo, cujas investigações humanas levaram a pouco progresso.
- b) *Cosmologia racional*, ou filosofia da natureza; tratando do universo, da essência da matéria, atomismo, pleno, as forças, o fenômeno da vida.
- c) *Teodiceia*, ou estudo racional de Deus. Demonstração e provas de sua existência, os seus atributos e sua providência, a natureza do mal,

negação do materialismo e do panteísmo.

Entre as causas primárias, objeto da metafísica, está Deus, mas ele não vai ser estudado cientificamente em sua essência, pois isso é impossível em função de sua imaterialidade e infinitude, mas pode ser racionalmente compreendido como causa primária de todas as coisas. Pois Ele é a causa dos outros seres, alma e matéria; mas, sendo eterno e infinito em seus atributos, nada existe que o tenha criado, por isso é uma causa primeira ou primária. O estudo de Deus é realizado pela ciência *teodiceia*:

O homem é a base da filosofia, Deus, seu termo, sua última palavra. Como esses dois termos deixariam de estar unidos em uma só e mesma ciência? Não é em si próprio e em sua alma que o homem reconhece Deus? Porque ele é o único ser que pensa em Deus, distingue-se o homem do animal. [...] conhecimento de Deus e de si próprio, ou ciência do homem como introdução à ciência de Deus. (JANET, 1885, p. 19)

Entre as ciências metafísicas, será quanto à *psicologia* e à *cosmologia racionais* que o Espiritismo vai estabelecer um salto de compreensão. Os estudos humanos sobre as questões psicológicas e morais puderam ser amplamente elaborados pela introspecção e pelo trabalho de pesquisa teórica da comunidade científica. Mas, quando se trata de resolver as dificuldades erguidas sobre a ação recíproca entre alma e corpo, só foi possível aos homens especular e propor hipóteses impossíveis de se considerar experimentalmente.

A principal dificuldade estava em explicar como uma substância espiritual, ou seja, sendo simples e sem extensão (pois senão equivaleria à matéria), pode atuar sobre uma substância corpórea, que é composta e extensa, e vice-versa?

O ser em si ou alma, para a metafísica especial, era algo abstrato e não podia ser estudado senão especulativamente. O que podia ser estudado objetivamente eram os efeitos da alma em sua relação com o corpo, como definiu e desenvolveu Maine de Biran em seus estudos psicológicos. Portanto, na metafísica, só foi possível estabelecer hipóteses inverificáveis

para explicar a união entre a alma e o corpo, citadas por Paul Janet:

*Espíritos animais* – Proposta por Descartes, considera vapores do sangue, partículas sutis que permitiriam explicar a ação da vontade sobre os movimentos orgânicos. Trata-se de uma hipótese psicológica.

*Mediador plástico* – Proposta do filósofo inglês Cudworth, substância intermediária, semiespiritual, semicorporal, que estabeleceria uma relação entre as duas substâncias.

Também havia três doutrinas que tratavam do tema: animismo, vitalismo e organicismo, para explicar o fenômeno da vida. Supondo a vida como resultado da organização do fenômeno fisiológico, temos o *organicismo*. Admitindo a vida como resultado de uma força especial distinta do corpo e da alma, é o *vitalismo*. Por fim, o *animismo*, que considera que o princípio espiritual e o princípio vital são uma só coisa (JANET, 1886, p. 276).

Esses temas são centrais para a pesquisa de Allan Kardec. Porém, com o Espiritismo, essa abordagem vai se alterar completamente, deixando de ser abstrata e se tornando experimental. Pois a comunicação organizada com os Espíritos vai nos dar acesso a uma forma inédita de conhecimento. Os Espíritos superiores estudam experimentalmente o mundo espiritual, por meio de seu perispírito, que é um corpo material que lhe confere sentidos e percepções próprios de sua condição:

A quem não conhece a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que os Espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que eles têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não é menos da matéria. (KARDEC, [RE] 1868, p. 114)

Assim, por definição, a Doutrina Espírita distingue entre alma (abstrata e sem extensão) e Espírito (alma com seu perispírito, ser concreto):

A alma é o princípio inteligente que anima os seres da criação e lhes dá o pensamento, a vontade e a liberdade de agir. Ela é imaterial, individual e imortal; mas sua essência íntima é desconhecida: não podemos concebê-la absolutamente isolada da matéria senão como uma abstração. Unida ao envoltório fluídico etéreo ou perispírito, ela constitui o ser espiritual

concreto, definido e circunspecto chamado Espírito. (KARDEC, [RE] 1866, p. 21)

O perispírito dá ao Espírito a possibilidade de observar o mundo espiritual do ponto de vista particular e acidental, portanto, por meio de fatos e fenômenos. Por exemplo, o Espírito superior, por sua intenção, altera a densidade de seu corpo espiritual. E percebe que os Espíritos imperfeitos mantêm o perispírito denso, em virtude de seu apego ao seus instintos e paixões. Portanto, pôde, a partir dessas observações, elaborar uma teoria da densidade do perispírito e sua relação com a evolução intelecto-moral.

Coube a Kardec e demais experimentadores espíritas entrevistar a diversidade de Espíritos, em milhares de diálogos, comprovando por meio desses depoimentos a aplicação da teoria ensinada pelos Espíritos. Foi por esse mesmo processo que foram definidos todos os conceitos fundamentais da Doutrina Espírita:

A natureza íntima da alma, quer dizer, do princípio inteligente, fonte do pensamento, escapa completamente às nossas investigações; mas sabe-se agora que a alma está revestida de um envoltório, ou corpo fluídico, que dela faz, depois da morte do corpo material, como antes, um ser distinto, circunscrito e individual. A alma é o princípio inteligente considerado isoladamente; é a força atuante e pensante que não podemos conceber isolada da matéria senão como uma abstração. Revestida de seu envoltório fluídico, ou perispírito, a alma constitui o ser chamado Espírito, como quando ela está revestida do envoltório corpóreo, constitui o homem; ora, se bem que no estado de Espírito ela goze de propriedades e de faculdades especiais, não deixa de pertencer à Humanidade. (KARDEC, [RE] 1866, p. 48)

Foi assim que se tornou possível estudar o elemento espiritual: por meio da união de esforços da humanidade, trabalhando em conjunto, em seus estados desencarnado e encarnado. Ou seja, para o Espiritismo, a alma em si continua sendo uma abstração indefinida, inacessível ao estudo. Porém, as relações entre o Espírito em si e seu perispírito, por meio do qual percebe o mundo e expressa sua vontade, pensamento e sentimento, podem ser estudadas a partir de seus fenômenos, pelos Espíritos capacitados para tal.

## **A APLICAÇÃO DAS CIÊNCIAS**

## PSICOLÓGICAS

Para desenvolver as faculdades humanas em universidades e colégios, foram criadas disciplinas teóricas e aplicadas. A faculdade da razão era o objeto de estudo da ciência da lógica, e a lógica aplicada ensinava a metodologia científica para se produzir o conhecimento. Vamos examiná-las a seguir. Em seguida, veremos as ciências dedicadas à faculdade da vontade: moral teórica e moral prática. Depois, a ciência estética, destinada à faculdade da imaginação.

### CIÊNCIAS FILOSÓFICAS: LÓGICA

Pestalozzi, que se inspirou em Rousseau, dizia ser preciso “psicologizar a educação”. Fica evidente a proximidade de suas ideias com a dos espiritualistas racionais. Como vimos, Maine de Biran encontrou no mestre de Yverdon a solução para uma educação destinada a formar educandos ativos e questionadores, mediante o desenvolvimento das capacidades racionais e morais derivadas das faculdades da alma. O alvo estava no desenvolvimento das capacidades, e não somente no conteúdo. Um ser ativo, senhor de si mesmo, só pode se desenvolver no terreno da liberdade. Allan Kardec e o Espiritismo se desenvolveram nesse campo.

A doutrina escolar da Igreja e do materialismo está em completa oposição a essas ideias liberais com suas regras e dogmas, memorização e a prática de despejar informação na mente de seres passivos, domesticados assim pelo automatismo. Poderosos, horrorizados pela antevisão de um povo livre e engajado, tendem a apoiar crenças estacionárias e refratárias ao progresso.

Uma razão que sabe produzir conhecimento pelos instrumentos do raciocínio lógico era, assim o objetivo da *lógica*, como ciência psicológica espiritualista.

O pensamento científico ou lógico, também chamado *positivo* no século 19, é a busca da certeza na relação entre o pensamento e o seu objeto.

Opõe-se à dúvida, à ignorância e ao erro. A dúvida é o estado de indecisão diante das opiniões. O erro, como dizia Sócrates, é uma ignorância dupla: quem erra ignora a verdade, mas, além disso, ignora que ignora. Todavia, a ciência precisa tratar, além do que se busca compreender atualmente, do que já se compreendeu antes, de forma evolutiva. O que antes parecia certo e verdadeiro, hoje pode se evidenciar racionalmente falso. Há na ciência o espaço da dúvida.

Outros dois estados de espírito com relação à verdade são: a *opinião* e a *fé*. A *opinião* consiste em julgar sobre razões prováveis, mas ainda não inteiramente convincentes. A *fé* consiste em acreditar a partir do testemunho de outro. Quando se considera que o testemunho é de origem divina, como Deus não pode se enganar, nem ser enganado, considera-se que a fé divina não está sujeita ao erro. O problema é que não é possível confirmar a procedência do testemunho divino, de tal forma que confiar apenas no critério de autoridade pode levar a ser manipulado, controlado por quem tem o poder de determinar o conteúdo da fé. Essa é a condição da fé cega, contrária ao raciocínio lógico.

A opinião é uma proposição da qual se tem consciência de ser insuficiente. Já pela fé, o indivíduo abre mão da verificação e aceita plenamente como verdade o que a autoridade determina.

Para diferenciar a simples fé da ciência, é necessária a verificação racional do conceito por outras pessoas e a verificação dele em relação ao objeto de forma experimental. Considerando que há um grau de dúvida, a probabilidade é um recurso para deduzir a partir de testemunhos, indícios, razões, fatos a favor de uma proposição, e os contrários.

Um cientista, mesmo tendo experiência e conhecimento de seu objeto de pesquisa, não tem autoridade para se pronunciar sobre outras áreas do conhecimento, nas quais se baseia apenas em sua opinião, que, como vimos, não é uma proposição verificada. Kardec apontava exatamente isso para

afirmar que o Espiritismo é uma ciência com método e teoria próprios para estudar os fenômenos espíritas, e mesmo os sábios de outras ciências possuem limitações para se pronunciar sobre ele sem um estudo sério, metódico, extenso e profundo:

Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos, em se tratando de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjecturas. Cada um arquiteta o seu sistemazinho, disposto a sustentá-lo com fervor, para fazê-lo prevalecer. Não vemos todos os dias as mais opostas opiniões serem alternativamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos, para logo depois aparecerem proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado. Com relação às coisas notórias, a opinião dos sábios é, com toda razão, fidedigna, porquanto eles sabem mais e melhor do que o vulgo. Mas, no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, essa opinião quase nunca é mais do que hipotética, por isso eles não se acham, menos que os outros, sujeitos a preconceitos. (KARDEC, [1860] 1995, p. 28)

Para ter uma opinião fundamentada sobre a Doutrina Espírita é preciso conhecer seu objeto de estudo, os fatos sobre os quais estabelece suas hipóteses, seu método, a teoria historicamente estabelecida, as causas e as leis que sua teoria revela.

## **O método das ciências**

O objeto das ciências físicas ou naturais é explicar os fenômenos da natureza, descobrindo suas causas e leis. A *causa* é um fenômeno maior, dos quais os menores derivam. Por exemplo, Newton descobriu a causa do movimento dos astros como caso particular do fenômeno da gravitação. A *lei* é uma relação constante e, quando possível, matemática, entre os elementos de um fato ou entre dois fatos. A lei da queda dos corpos indica as relações constantes entre espaço, tempo e velocidade.

Para descobrir as causas e leis, o método é o exame dos fatos pela observação, o método experimental e a indução.

*Observação* – É a atenção aplicada aos fenômenos externos ou internos,

para determinar suas circunstâncias e seus elementos, descobrindo o que é ou não interessante, o que merece ser analisado. Os meios são os sentidos e os instrumentos para ampliá-los. Para tanto, o *observador* deve ter destreza, paciência, atenção, penetração do olhar, exatidão, imparcialidade, não agindo por ideias preconcebidas. A observação tem seu valor nas ciências, mas também nas ciências morais e na vida prática. Estudando o que ocorre ao redor, no proceder das pessoas, nos acontecimentos, com a prática é possível prever os acontecimentos, conferindo a sagacidade e o senso moral.

*Regras da observação* – Procede-se por decomposição ou divisão dos fenômenos, enumeração a mais completa possível das circunstâncias, a coordenação dos fatos, de forma particularizada, completa e metódica.

*A experimentação* – A experimentação é ainda a observação quando o observador produz os fenômenos, ou se coloca nas condições previstas para observá-lo quando ocorre naturalmente. Para fazer uma experiência é preciso antes estabelecer uma hipótese a ser verificada. Há também as experiências criadas para uma observação provocada, a fim de permitir nascer uma ideia. Existem, portanto, as ciências de observação e as de experimentação.

*Dedução e indução* – São dois os modos de raciocinar de forma discursiva buscando a compreensão da concordância dos fatos em seu exame, a partir do desconhecido para o conhecido: “Um fato está provado toda vez que o reputamos verdadeiro em razão de outro fato do qual se diz provir, é o raciocinar” (JANET, 1885, p. 182). O processo lógico, porém, não é um acumular de juízos, mas sim pensar em muitos deles ao mesmo tempo e, a partir disso, conceber, julgar, raciocinar. O galgar das observações vai permitindo a sagacidade conferida pela reflexão e análise, para deduzir dos fatos as proposições gerais. Raciocinar do geral para o particular chama-se *dedutivo*, e o que sobe do particular para o geral se chama *indutivo*.

*A hipótese* – É por meio das hipóteses que se constitui uma teoria. No entanto, no século 18, a hipótese era considerada perniciosa para a ciência, devendo ser banida. Uma indução é a generalização dos fatos, e a hipótese ultrapassa seus limites, por meio da interpretação. No século seguinte, porém, “compreendeu-se que a hipótese não podia ser banida do espírito humano” (JANET, 1885, p. 480), pois se podem fazer experiências para verificar uma ideia preconcebida. Lida-se, assim, com um grau de dúvida necessário. Para tanto, a hipótese deve preencher algumas condições:

1. Deve ser fundada sobre fatos.
2. Não deve ser refutada por fato algum.
3. Deve ser fecunda, suscitando novas questões e provocando experiências.
4. Simplicidade.

Uma das formas da hipótese é a *analogia*. Esse raciocínio consiste em perceber, entre duas coisas que se assemelham e diferem ao mesmo tempo, semelhanças suficientes para concluir de uma para outra. Por exemplo, considerando as semelhanças entre os planetas e verificando que a Terra é habitada, há a hipótese de que outros planetas, tendo condições semelhantes, possam ser habitados.

A partir das analogias, é possível criar as classificações.

A *classificação* é o método pela qual dispomos em *grupos* distintos e subordinados os seres da natureza, facilitando o seu estudo para melhor compreender a sua natureza. Além de promover o estudo, a classificação encontra a *ordem da natureza*. Segundo Paul Janet, a natureza “tem um plano”, de tal forma que “nossos sistemas nada mais são do que a tradução, na língua do homem, dos pensamentos do Criador”.

Allan Kardec, por exemplo, seguindo a metodologia científica de seu

tempo, procedeu a uma classificação dos Espíritos para melhor compreendermos a sua natureza intelectual e moral, baseada, portanto, no grau de adiantamento deles. Não se trata, porém, de uma definição absoluta, determinante, pois se baseia em analogias, além de existirem os casos limítrofes, aqueles que estão em meio a duas categorias, em parte pertencendo a uma ou outra:

Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a botânica houvesse em consequência experimentado modificação alguma. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as *analogias*, segundo as quais formaram os *grupos* ou classes. Foi assim que também nós procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram. (KARDEC, [1860] 1995, p. 88)

No desenvolvimento da Teoria Espírita, Allan Kardec lidava, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento metódico da Ciência Espírita e os ensinamentos dos Espíritos superiores, que ofereciam as explicações sobre os fenômenos observados. Esses ensinamentos dos Espíritos encarregados de sua elaboração definem o *pensamento* que constitui a Doutrina, enquanto a *forma* de apresentá-la é o trabalho dos homens. As explicações são dos Espíritos, o sistema que as estrutura para o entendimento, após a investigação metódica, é dos homens – essa a estrutura do Espiritismo. Vejamos a explicação de Kardec, ainda no tema das *classificações*:

Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência. Assim, é natural que, inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os Espíritos não ligam importância alguma ao que é puramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo. Deixam-nos a nós a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, os sistemas. (KARDEC, [1860] 1995, p. 87)

Os Espíritos ofereceram seus ensinamentos fazendo uso da diversidade de centros, por centenas de médiuns diferentes, em diversos pontos,

simultaneamente. Mas se cada um deles se isolasse dos outros, sem abranger o conjunto, eles cairiam num impasse, sem produzir uma Doutrina unificada e coerente:

Como cada um apreciava os fatos sob o ponto de vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou segundo a opinião particular dos Espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quanto a quantidade de centros, e nenhum chegaria a ser completo por falta de elementos de comparação e de exame. Em resumo, cada um ficaria estático em sua revelação parcial, convencido de possuir toda a verdade, por não saber que em outros lugares se conseguia mais e melhor. (KARDEC, [1868] 2018, p. 66)

Em lugar algum o ensino foi dado de forma completa, os Espíritos dividiram os temas, de acordo com o conhecimento de cada centro ou grupo de pesquisa, sendo que a coordenação de todos os ensinamentos parciais constituiria a Doutrina Espírita. Isso ocorreu a partir de Allan Kardec, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos:

Era necessário agrupar os fatos dispersos para verificar sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos nos diferentes pontos e sobre todos os assuntos, a fim de compará-los, analisá-los, estudar suas analogias e diferenças. Às comunicações, sendo dadas por Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era necessário avaliar os graus de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas, individuais e isoladas daquelas que receberam a sanção do ensinamento universal dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; separar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e da lógica; e fazer uso também dos erros, das informações trazidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para tomar conhecimento do estado do mundo invisível e formar um todo homogêneo. Seria preciso, numa palavra, um centro de elaboração independente das ideias preconcebidas, dos prejuízos de seita, disposto a aceitar as evidências da verdade, mesmo contrárias a suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das circunstâncias e sem um desígnio premeditado. (*Ibidem*)

Ou seja, Allan Kardec não produziu a teoria por si mesmo, uma vez que ela teve como origem os ensinamentos dos Espíritos superiores. Foi um trabalho coletivo de Espíritos encarnados e desencarnados. Os diversos centros de pesquisa garantiam a diversidade de médiuns necessários para evitar uma origem única das ideias, o que manteria tudo somente no campo da opinião.

*A universalidade do ensino dos Espíritos superiores* é o que permite verificar a procedência e veracidade do ensino, além do *exame racional* e metódico das hipóteses. Por isso, a tarefa fundamental de Kardec, repetimos, na análise das comunicações, foi, em suas palavras, “avaliar os graus de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas, individuais e isoladas daquelas que receberam a sanção do ensinamento universal dos Espíritos”. E para isso ele se valeu da metodologia científica apropriada a esse seu objeto de estudo, disponível em seu tempo, que foi o das ciências filosóficas:

Esse é o objetivo das nossas publicações [*Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos*], que podem ser consideradas como o resultado dessa depuração. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios depois de haverem recebido a consagração de todos os exames, pois somente eles podem outorgar força de lei e permitir afirmações. Por essa razão não preconizamos levemente nenhuma teoria, e é por isso que a doutrina, em sendo consequência do ensino geral, não representa o resultado de um sistema preconcebido. É isso que lhe dá força e assegura seu futuro. (KARDEC, [1868] 2018, p. 69n)

## **O método nas ciências morais e filosóficas**

A filosofia tem seu próprio objeto, que não se confunde com o das ciências naturais, tem seu lugar, seus métodos próprios. Supera, também, o campo da ciência comum, justiça, arte e religião. Pelo conhecimento de elemento espiritual por meio das ciências filosóficas, afirma Victor Cousin, não há mais limites para a humanidade. Confunde-se seu desenvolvimento com a infinita perfectibilidade do ser humano:

Sem dúvida; as ideias são obscuras aos sentidos; à imaginação; à alma. Toda luz aparente está aqui no interior do pensamento. Só que neste caso a evidência interior é débil; não chega a ter consciência de si mesma enquanto que a evidência filosófica, que nasce da reflexão, é e se sabe como a última evidência, como a única autoridade. A filosofia, pois, é a luz de todas as luzes; a autoridade das autoridades. (Cousin *apud* PAIM, 1999, p. 15)

Por meio da aplicação das ciências naturais na indústria, o homem renovou a natureza, assimilando-a e “nela depositando a inteligência e a

liberdade de que está dotado, e fazendo-a brilhar cada vez mais”. Ou seja, a evolução intelectual permitiu um amplo domínio no campo do útil. Mas será pelo mundo das ideias, da compreensão de si mesmo, do potencial de sua liberdade, que a humanidade poderá chegar na culminância de seu destino. Continua Victor Cousin:

A filosofia é o culto das ideias e só das ideias. É a última vitória do pensamento sobre toda forma e elemento estranho; é o mais alto grau da liberdade e da inteligência. A indústria significava já uma liberação da natureza; o Estado, uma liberação maior; a arte, um novo progresso; a religião um progresso muito mais sublime; a filosofia é a última liberação, o último progresso do pensamento. (Cousin *apud* PAIM, 1999, p. 14)

Esse é o sentido maior das ciências morais, pelas quais o método experimental, primeiramente destinado a conhecer as leis da matéria, foi apropriado ao seu próprio objeto: as leis que regem os fatos do espírito humano. O Espiritismo, enquanto ciência filosófica, se beneficiou dessa revolução de ideias, como explicou Allan Kardec:

Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria, e não pôde aplicar o método experimental, errou de teoria em teoria, no que diz respeito ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. O que ocorreu na ordem moral, ocorreu também na ordem física; para fixar as ideias, faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis que regem o princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria, foi o trabalho dos dois últimos séculos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 119)

A psicologia espiritualista adotava o *método da observação*, o qual, como o definiu Paul Janet no *Tratado elementar de filosofia* na parte que trata da lógica, é a atenção aplicada aos fatos ou fenômenos internos da alma, é o mesmo sujeito que observa e é observado. Deve ser feita por um observador qualificado e crítico, para determinar suas circunstâncias e descobrir seus elementos, distinguindo as regularidades, decompondo-os, enumerando, coordenando os fatos. A observação, portanto, deve ser particularizada, completa, metódica. A teoria resulta, porém, das críticas mútuas entre os filósofos, retificando-se uns aos outros e propondo suas observações aos outros indivíduos.

Enquanto a psicologia é uma ciência da observação, a lógica, a moral e a estética são ciências *racionais*, é principalmente a dedução que se aplica a essas disciplinas, enquanto ciências puras ou teóricas.

## **A pluralidade dos testemunhos nas ciências históricas**

Vamos tratar de um método científico especial, apropriado ao estudo dos fatos históricos. Essa metodologia interessa grandemente ao Espiritismo, e, após sua descrição, demonstraremos seu emprego na elaboração da Doutrina Espírita por Allan Kardec.

As ciências históricas, no século 19, baseavam-se num tipo de conhecimento chamado *testemunho* dos indivíduos. Mas como atestar a veracidade do testemunho pessoal?

Nem sempre há sinceridade num discurso, pode haver o erro e a mentira, vícios que o corrompem. O indivíduo pode até se iludir em sua observação dos fatos, sem se dar conta disso, por sua ignorância das leis envolvidas. Mas não quer dizer que só são válidos os testemunhos dos sábios, “deve haver o cuidado de interrogar cada um acerca dos fatos sobre que pode depor” (JANET, 1885, p. 507), quem viu ou vivenciou determinado fato particular ou vivência específica é o verdadeiro conhecedor naquelas circunstâncias, explica Paul Janet.

Há de se considerar também a possibilidade da mentira. Para julgar a sinceridade, além do hábito de mentir, ela pode ocorrer numa circunstância na qual o interesse pessoal esteja envolvido. A confiança se relaciona com o total desinteresse de uma testemunha honrada. Mesmo assim, “sejam quais forem as garantias de capacidade e de sinceridade que possa oferecer uma testemunha, *se é única*, militam razões suficientes para a dúvida” (JANET, 1885, p. 508). Lei humana alguma permite decidir ou condenar por meio de uma única testemunha, pois “nunca se está demasiado seguro de penetrar no

espírito de um homem para convencer-se sem reserva que ele tenha visto bem uma coisa, ou que não tenha algum interesse em afirmar havê-la visto” (*Ibidem*).

Assim sendo, o testemunho tem um peso maior quando muitas testemunhas participam de um mesmo fato. Mesmo aí, deve-se considerar a possibilidade de ignorância ou falsidade coletivas num determinado grupo. Pode haver também divergências entre grupos de testemunhas. Visto que “relevar comparar as disposições e indagar de que lado se encontra não só a vantagem do número, mas a do peso: os testemunhos mais esclarecidos e mais desinteressados valem sempre mais que o mais numeroso” (*Ibidem*).

Aumenta a probabilidade de o testemunho ser verdadeiro à medida que apresenta uma maior *diversidade de origem*, de classes, de paixões, de interesses, de conhecimentos entre as testemunhas; desse modo se verá “uma maior conformidade de suas declarações”, esclarece Janet. Por fim, quanto ao testemunho como fonte da ciência histórica, o filósofo comenta ser um erro grave considerar o testemunho como fonte única para oferecer certeza no exame de um fenômeno ou fato, pois “o testemunho é um fato composto que implica a ação da maior parte das nossas faculdades intelectuais”. Para compreender o fato é preciso considerar a autoridade da consciência, dos sentidos, do juízo, do raciocínio, para compreendê-lo e atestá-lo. “A verdadeira filosofia abre espaço para o testemunho na inteligência humana, mas não a submete a ele completamente”, conclui.

Allan Kardec abordou cientificamente o estudo do elemento espiritual. Até então, sobre esse tema havia somente especulações sistemáticas ou definições dogmáticas. Em suas pesquisas sobre as comunicações dos Espíritos, dedicou-se a dialogar e estudar milhares delas. Todavia, sendo os Espíritos os homens desencarnados, seus testemunhos têm valor equivalente às declarações dos homens, ou seja, são apenas opiniões. Para deduzir os princípios em meio a esse amplo universo de ideias, Kardec aplicou

exatamente a abordagem metodológica das ciências históricas quanto à diversidade de testemunhos. Vejamos.

## **A abordagem científica dos testemunhos dos Espíritos**

Não foi Kardec quem produziu o conteúdo da Doutrina Espírita, e a questão de origem é evidentemente clara. Sobre *O Livro dos Espíritos*, base filosófica do Espiritismo, ele afirma que, “se este livro tem algum mérito, seria presunção minha dele me glorificar, porque a Doutrina que ele encerra não é minha criação; toda a honra do bem que ele faz redonda aos Espíritos sábios que o ditaram e que consentiram se servirem de mim”.

Nunca estive ao alcance de Allan Kardec, ou de qualquer outro homem encarnado, a possibilidade de examinar os fenômenos do mundo espiritual, como o perispírito, a matéria mental, a diversidade habitada dos mundos. Somente pelos sentidos espirituais é possível perceber os fatos e fenômenos da espiritualidade. Mesmo assim, como ocorre neste mundo, os sábios veem, no exame da natureza, regularidades, detalhes e leis que o leigo ignora. Também no mundo espiritual, são os Espíritos superiores que produzem, estudando seu meio, a *ciência dos Espíritos*. É a partir das instruções dadas pelos Espíritos de categoria elevada, baseada nas leis naturais de seu mundo, que se constitui a Doutrina. Afirma Kardec:

Não nos compete regular o que se passa no mundo dos Espíritos; que não nos cabe dizer: As coisas devem ou não devem ser de tal ou de tal modo, porque isso seria querer reger a obra de Deus. Os Espíritos consentem em nos iniciar *em parte* quanto ao seu mundo, porque esse mundo será o nosso. (KARDEC, [RE] 1861, p. 75)

Portanto, o meio principal de observação para a Ciência Espírita são os testemunhos dos Espíritos, por meio dos médiuns. Mas Kardec não se restringia a ouvir apenas os Espíritos superiores, dedicando-se a examinar e dialogar com a maior diversidade possível deles, milhares, para identificar

os fatos que mereciam estudo. “É preciso aprender a conversar com os Espíritos como se aprende a conversar com os homens; em todas as coisas é preciso a experiência” (KARDEC, [RE] 1859, p. 4).

Depois de identificados os fenômenos e consideradas as hipóteses relevantes para explicá-los, os pesquisadores recebiam oportunamente o ensino dos Espíritos, a elucidação das generalizações e das leis derivadas. Cabe, assim, aos homens, a elaboração da forma da Doutrina Espírita, mas o conteúdo se origina dos Espíritos. Mas esse ensino não é individual, nem de uma só origem:

Não obstante a parte que cabe à atividade humana na elaboração dessa doutrina, a iniciativa pertence aos Espíritos, mas ela não é formada pela opinião pessoal de nenhum deles. A Doutrina é, e só poderia ser, o resultado do ensinamento coletivo e concordante dos Espíritos. Somente com essa condição ela pode se dizer a Doutrina dos Espíritos. De outro modo, seria apenas a doutrina de um Espírito, e só teria o valor de uma opinião pessoal. (KARDEC, [1868] 2018, p. 38)

Repetindo a afirmação citada de Paul Janet quanto à abordagem científica dos testemunhos, “sejam quais forem as garantias de capacidade e de sinceridade que possa oferecer uma testemunha, *se é única*, militam razões suficientes para a dúvida”. Somente a generalidade é uma garantia, obtida pela prática de se originarem de centenas de centros as comunicações ou os testemunhos dos Espíritos, critério definido por Paul Janet, pois a “conformidade das declarações” ocorre na proporção direta da maior diversidade de origem, de classes, de paixões, de interesses, de conhecimentos entre as testemunhas. Aplicando essa metodologia ao objeto da Ciência Espírita, Kardec define:

Generalidade e concordância no ensino – esse é o caráter essencial da Doutrina Espírita, a condição mesma de sua existência, de onde resulta que todo princípio que não tenha recebido a consagração do controle de generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma doutrina, mas como uma simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir. (*Ibidem*)

A garantia quanto ao ensino dos Espíritos está na concordância das

revelações dadas espontaneamente, ou seja, pela iniciativa coletiva dos Espíritos superiores, que controlam sua sucessão e progresso. Essas manifestações ocorrem em diversos grupos, de vários lugares, com diferentes interesses, abordagens e especialidades do conhecimento; por numerosos médiuns, estranhos uns aos outros. Kardec se comunicava com mais de mil centros que concorriam para sua pesquisa.

Assim, cada conjunto de comunicações e testemunhos serviu para elaborar os diversos conceitos fundamentais da Doutrina, e o conjunto harmônico dessas hipóteses verificadas é que faz a força da teoria:

Na universalidade do ensino, cada parte não tendo valor e *autoridade* senão pela conexão com o conjunto, todas devendo se harmonizar, e chegar cada uma a seu tempo e em seu lugar. Não confiando a um único Espírito o cuidado da promulgação da doutrina, quis, além disto, *que o menor quanto o maior, entre os Espíritos como entre os homens, trouxessem sua pedra ao edifício*, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas saídas de uma fonte única. (KARDEC, [RE] 1867, p. 190)

Por fim, é preciso levar em conta o alerta conclusivo de Paul Janet quanto à apreciação do testemunho como fonte para a ciência, segundo o qual ele é um fato composto. Ou seja, seu entendimento e sua comprovação passam também pela “autoridade da consciência, dos sentidos, do juízo, do raciocínio”. É exatamente o que conclui Kardec quanto ao Espiritismo ao afirmar que “Essa coletividade concordante de opinião dos Espíritos, submetida, além disso, *ao critério da lógica*, constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade” (KARDEC, [1868] 2018, p. 38).

Até a aplicação do método científico ao testemunho dos Espíritos por Allan Kardec, as comunicações pelos médiuns eram consideradas revelações divinas, submetidas ao campo da fé cega e não do pensamento racional ou positivo. O Espiritismo, abrindo uma nova era, para superar os dogmas das antigas doutrinas reveladas, precisou fazer uma revolução nessa relação entre os dois mundos, tornando fundamental a *diversidade de origem*, pois o Espiritismo “não poderia ser a obra de um único Espírito,

nem de um único médium; ela não poderia sair senão da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros”. (Idem, p. 70)

Quando bem compreendido, caem por terra os desvios do movimento espírita. Desmoronam as tentativas de desvirtuar ou se apropriar do Espiritismo para se valer dele em defesa de interesses pessoais ou ideias próprias.

A metodologia é a mais fundamental garantia da autoridade de sua teoria. Houve várias tentativas de desvirtuamento, entre elas: a do diretor da *Revue Spiritualiste* (*Revista Espiritualista*), Zéphyr-Joseph Piérart (1818-1879), que por anos combateu Kardec negando a reencarnação, propondo substituí-lo na definição do Espiritismo; Roustaing, que, em devaneio, acreditou ser o escolhido para substituir Kardec e revelar uma nova religião, fazendo uso de um só livro, de uma só médium e negando a universalidade do ensino; o barão Luis Guldenstubbé (1820-1873), pesquisador da escrita direta (grafia por meio de efeitos físicos diretamente sobre o papel, sem intervenção humana), que negava a validade da psicografia e psicofonia, considerando-se o verdadeiro revelador da espiritualidade, sendo o seu o único meio legítimo para a revelação dos Espíritos. Contra esses e outros sistemas baseados em sua origem em um só intermediário e fonte, Kardec escreveu:

Se, portanto, aprover a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas ideias e com exclusão da verdade, pode-se ter a certeza de que tal sistema conservar-se-á circunscrito e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, exemplos que já se conhecem. Foi essa unanimidade que pôs por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. (KARDEC, [1864] 1996, p. 31)

Os fenômenos espíritas, em outras épocas, foram considerados milagres, fatos sobrenaturais. Mesmo quando experimentados nos tempos modernos, permaneceram no campo religioso, como aconteceu nos Estados Unidos; ou

mera curiosidade, quando ocorreram os fenômenos das mesas girantes. Para Allan Kardec, esse primeiro período foi preparatório para o seguinte, o filosófico:

Os fenômenos que [a mediunidade de efeitos físicos] produz nos transportam ao primeiro período do Espiritismo, ao das mesas girantes, dito de outro modo, de *curiosidade*; quer dizer, àquela dos efeitos preliminares que tinham por objetivo chamar a atenção sobre a nova ordem de coisas e abrir o caminho do período filosófico. (KARDEC, [RE] 1863, p. 189)

Os fenômenos espíritas, a partir da proposta estabelecida por Kardec, seguiram o caminho da abordagem metodológica das ciências de observação, respeitando a rigorosa disciplina do pensamento racional: *observação e dedução dos fatos*, estabelecimento da *teoria* a partir da *concordância dos fenômenos* e, por fim, pesquisa das *causas* para constatar a *regularidade das leis naturais* constituintes de uma ciência. Vejamos a explicação técnica e minuciosa de Kardec do estabelecimento da Doutrina Espírita, fazendo uso de todos esses termos técnicos em sua explicação:

Essa marcha era *racional*, porque toda filosofia [enquanto ciência filosófica] deve ser a *dedução* de fatos conscienciosamente estudados e observados, e à que não repousasse senão sobre ideias puramente especulativas, faltaria a base. A teoria deveria, pois, decorrer dos *fatos*, e as consequências filosóficas deveriam decorrer da *teoria*. [...] A *observação* e a *concordância* dos fatos conduziram à procura das *causas*; a procura das causas conduziu a reconhecer que as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem em virtude de uma *lei*; uma vez conhecida essa lei, deu a explicação de uma multidão de fenômenos espontâneos até então incompreendidos, e reputados sobrenaturais, antes que se lhes conhecesse a causa; estabelecida a causa, esses mesmos fenômenos reentraram na ordem dos *fatos naturais*, e o maravilhoso desapareceu. (*Ibidem*)

Da lógica, pensamento racional, e não da simples crença, se constitui o terreno do pensamento espírita. Passam pelo exercício da razão seu desenvolvimento, seu estudo e sua divulgação. Os espíritas devem crer somente depois de compreender.

Declara Kardec quanto às explicações teóricas espíritas: “queríamos nos dar conta e não crer nelas cegamente; de outra, queríamos fazer do Espiritismo uma *ciência de raciocínio* e não de credulidade”. Dessa forma,

“a teoria fundada sobre a experiência foi o freio que impediu a credulidade supersticiosa, tanto quanto a malevolência, de fazê-lo desviar de seu caminho”. E então conclui, atualíssimo: “Por que aqueles que nos censuram por termos tomado a iniciativa não a tomaram eles mesmos?” (KARDEC, [RE] 1867, p. 27).

Quem não tenha aceitado o Espiritismo proposto por Allan Kardec, tivesse criado sua doutrina particular, seguindo seu próprio caminho.

## CIÊNCIAS FILOSÓFICAS: ESTÉTICA

Entre as ciências filosóficas, a *estética* vai tratar do belo como ideia presente na natureza, ligada estreitamente à moral, e à arte como sua reprodução na atividade humana.

A proximidade da ideia do belo e do bem é fundamental, na psicologia espiritualista, para qualificar essa noção no âmbito da *vida humana*, não se confundindo com o prazer, que pertence à *vida animal*, portanto, instintivo. Paul Janet, em seu *Tratado*, cita Sócrates, Platão e os estoicos, que defendiam a proximidade entre o belo e o bem. Os estoicos raciocinam: o bem é desejável, o que é desejável é amável, o que é amável é digno de louvor, o que é digno de louvor é o belo.

O pensamento liberal quanto à arte diverge do realismo, pois deseja expressar por ela o sentimento, a harmonia, pois que busca a excelência na imitação do real, preocupa-se com a mecânica da técnica e abandona a inspiração. Poeticamente, Rousseau expressa esse pensamento ao dizer que “o belo é o que não é” (JANET, 1886, p. 210).

A execução de regras e o desenvolvimento das habilidades fazem uso do condicionamento do movimento, dos hábitos repetitivos, para se consolidar e se aperfeiçoar. Isso vale para uma pincelada, o desgastar da pedra na escultura, o controle do gesto no teatro e na dança, a organização da escrita, e assim por diante. Isso ocorre no âmbito da fisiologia, do sistema nervoso.

Mas o conjunto da obra em sua essência, quando o artista vai além da técnica e busca imprimir suas sensações do momento, reflete na obra sentimentos, anseios, inspirações. Nesse caso, o artista evoca um estado semelhante ao êxtase do sonâmbulo ou a graça do sagrado. Muitas vezes, ele se conecta, por meio dessa ampliação do alcance de sua alma, com valores e transformações coletivas, expressando em síntese os desejos ou preocupações de um grupo, país ou da humanidade.

Sendo a beleza associada à moral, depende da evolução do Espírito a capacidade de associar ao senso estético sua percepção das harmonias universais. Quando o indivíduo é apegado à matéria, só consegue observar a beleza estética da forma, procurando os traços comuns. Para ele, o belo é o igual, o predominante, o que se repete; o diferente, o diverso é a feiura para ele, por isso os rejeita. O Espírito Pamphile, questionado sobre se é certo dizer que a fonte primária da bondade e da razão é também a da estética, responde:

Se, nas vossas sociedades infelizes, no vosso globo ainda mal equilibrado, a espécie humana está tão longe dessa beleza física, é porque a beleza moral ainda está em começo de desenvolvimento. A conexão entre essas duas belezas é fato certo, lógico e do qual já neste mundo a alma tem a intuição. Com efeito, sabeis todos quão penoso é o aspecto de uma encantadora fisionomia, cujo encanto, porém, o caráter desmente. Se ouvis falar de uma pessoa de mérito comprovado, logo lhe atribuíis os mais simpáticos traços e ficais dolorosamente impressionados, quando verificas que a realidade desmente as vossas previsões. Que concluir daí, senão que, como todas as coisas que o futuro guarda de reserva, a alma tem a presciência da beleza, à medida que a Humanidade progride e se aproxima do seu tipo divino. (KARDEC, [1890] 1996, p. 169)

Quando o ser já vivencia os valores da diversidade como reflexo da unidade, por compreender as leis morais mais perfeitamente, consegue enxergar a harmonia como valor presente em todos, independentemente da forma física, valorizando as diferenças.

Certa vez, conversando sobre o belo com um Espírito amigo, numa reunião mediúnica, ele disse que não via beleza nas árvores todas podadas

para ficarem iguais, metricamente perfiladas, vistas nos jardins de nosso mundo. Futuramente, quando a humanidade perceber na diversidade um valor primordial, vai aprender a ver na natural diversidade das árvores a expressão harmônica do que torna cada individualidade única e especial. O mesmo ocorre quanto ao padrão de beleza convencional adotado para o ser humano. Elege-se um único padrão, por exemplo, a mulher esguia e longilínea. Por contraste, aquela que se considera fora dessa referência perde a autoestima, acha-se feia, excluída socialmente. E os preconceitos sociais reforçam essa condição. Uma sociedade que se desenvolve moralmente respeita a particularidade de cada um, reconhece como um valor a diversidade, e só então será possível ver o belo em cada um e em todos. Rossini, em Espírito, explicou assim a percepção pela alma das harmonias espirituais:

É tão complexa a harmonia do Espaço, tem tantos graus que eu conheço e muitos outros mais que se me conservam ocultos no éter infinito, que aquele que se acha colocado a uma certa altura de percepções é como que tomado de espanto ao contemplar essas diversas harmonias. Nos graus inferiores, essas harmonias são elementares e grosseiras; levam ao êxtase, nos graus superiores. Tal harmonia, que choca um Espírito de percepções sutis, encanta um outro de percepções grosseiras, e, quando é dado ao Espírito inferior deleitar-se com os encantos das harmonias superiores, o êxtase o arrebatava e a prece lhe penetra o íntimo. O encantamento o transporta às elevadas esferas do mundo moral; ele entra a viver uma vida superior à sua e assim desejava continuar a viver para sempre. Mas, desde que a harmonia deixe de penetrá-lo, ele desperta, ou, se o preferirem, adormece. (KARDEC, [1890] 1996, p. 180)

## **CIÊNCIAS FILOSÓFICAS: MORAL TEÓRICA**

Para o Espiritualismo Racional, a moral era, entre as ciências filosóficas, a que tratava da lei e dos fins das ações humanas, tendo como objetivo o bem, assim como a ciência lógica tem por objetivo o verdadeiro. Divide-se em duas: na *moral prática*, estudam-se os deveres, que são as aplicações; na *moral teórica*, analisa-se o ato do dever, que é o fenômeno moral.

Num primeiro momento, a ciência da moral dedica-se a demonstrar

falhas, falsos pressupostos e consequências funestas da *moral do interesse*, que se estabelece a partir da teoria materialista. Mas também, como vamos ver em seguida, é a mesma moral teórica adotada pelas religiões formais. Era preciso estudar seus princípios para, depois, oferecer uma alternativa melhor.

A teoria materialista definia a sensação, prazerosa ou dolorosa, conduzindo os atos do indivíduo por um único princípio, o interesse. Instintivamente, o ser foge da dor e procura o prazer, isso é tudo. Segundo esse sistema, o interesse se transforma, fica sofisticado, tornando-se prazer físico, intelectual, emocional. Ou seja, ele é estritamente pessoal, cada um procura o que melhor lhe apraz. Há, portanto, uma confusão entre prazer e felicidade, supondo-se que a maior concentração daquele, mantido por um tempo, definiria o estado afortunado. Dessa forma, buscar os prazeres, lutar e trabalhar para satisfazê-los torna-se o único motivo teórico da moral numa sociedade regida pelo materialismo. De acordo com esse princípio, fazer o bem aos outros é um meio seguro para que o façam por nós, sendo um meio de ganhar simpatia, garantindo benefícios e trocas mútuas. Ocasionalmente, quem age por interesse pode aparentar abnegação em seu comportamento, mas age por cálculo, pois considera o sacrifício de um interesse atual por outro futuro. Um funcionário, por exemplo, pode demonstrar todas as características de solicitude, companheirismo, submissão, para avançar na hierarquia. Todavia, quando alcança um cargo superior de comando, revela-se autoritário, orgulhoso, ríspido. Isso se explica porque ele estava simulando a abnegação por uma motivação oculta, interessado na aquisição de poder. Quando toda a importância moral se concentra no ato visando a recompensa, e não na consciência e na intenção desinteressada, as pessoas se importam com as aparências e não com os valores íntimos.

Como, porém, a doutrina do interesse resolve a questão do mal, do abuso, do desrespeito aos outros, na vida social? Quem pratica o mal é punido pela

lei. Mas há uma insegurança congênita nessa teoria, pois ficam por resolver as seguintes questões:

1. A lei não pune todos os culpados, não há preocupação com o egoísmo, a ingratidão, a indiferença e a maldade.
2. A satisfação moral e o remorso não fazem sentido na moral do interesse, pois aquele que tomou todas as preocupações para fazer o mal com a segurança de não ser pego, nada teme, até mesmo fica satisfeito com seu êxito.
3. A estima e o desprezo supõem a distinção entre o bem e o mal, pois se o bem é definido como o útil e o prazeroso, estimam-se os hábeis e poderosos, e os inábeis e simples são desprezados e excluídos.
4. Penas e recompensas futuras não têm sentido, e a vida sem prazer ou utilidade torna-se desprezada, desnecessária.
5. Sendo o prazer o objetivo da vida, valorizam-se os que possuem condições e habilidades para proporcioná-lo, como beleza física, esperteza, habilidade, entre outros. O inverso é desvalorizado.

Não é possível estabelecer uma lei geral a partir do princípio do interesse, pois o que é bom para um não é para o outro. Ou seja, uma lei pode contemplar o interesse de um grupo social mais poderoso ou influente, penalizando o de outro. Para o criador de gado, é bom desbastar grandes extensões de terra, pois assim ele pode aumentar sua produção. Mas, para o ambientalista, esse é um mal. Todavia, quando se estabelece a moral materialista do interesse, o grupo mais representativo receberá a proteção da lei. Nesse caso, a lei civil não é capaz de fundar a moral.

Essa moral estudada pelos espiritualistas racionais foi conceituada pelos ideólogos materialistas franceses e defendida por eles como proposta

viável, assim pensavam, para organizar o futuro da sociedade. Por sua vez, alguns filósofos e teólogos definiam a lei moral como sendo “a obra da vontade arbitrária de Deus, que teria podido, se o quisesse, decidir que o que atualmente é justo fosse injusto, ou reciprocamente”, explica Paul Janet, em seu *Tratado*, no curso de moral teórica. Essa posição, que é a adotada amplamente pelas igrejas:

equivale a destruir os fundamentos de toda lei moral e até os fundamentos da crença na Divindade. Porquanto, se cremos em Deus, é porque sentimos a necessidade de crer em uma justiça e bondade perfeitas. Dizer, porém, que Deus cria o bem e o justo por uma vontade absolutamente livre é dizer que não há nada de naturalmente justo, e que o próprio Deus não é outra coisa mais que um ser soberanamente poderoso, que faz tudo quanto quer, sem seguir regra alguma de justiça e bondade. (JANET, 1885, p. 87)

Seguindo esse dogma de que Deus age arbitrariamente, sacerdotes, afirmando que representam a vontade divina em seu templo, prometem que, por seu intermédio, Deus irá privilegiar seus crentes, resolvendo seus problemas de saúde, atendendo aos desejos, criando uma condição financeira melhor em resposta ao sacrifício. Da mesma forma, as condições de sofrimento, com os infortúnios e as dificuldades da vida, são interpretadas como castigo divino pela falta de dedicação às determinações da Igreja e assédio demoníaco. E o que diz o espiritualista racional sobre isso? Afirma que:

A sanção de uma lei compõe-se de todas as recompensas e punições que têm por efeito firmar a execução de uma lei. Daí uma confusão de ideias muito frequente entre os homens, da qual nem mesmo os filósofos escaparam. É a confusão do bem ou do mal com o que é apenas sua consequência, a saber, a recompensa e o castigo. Há gente disposta a acreditar que uma ação é boa porque é recompensada, que é má porque será punida. [...] a doutrina que confunde a lei moral com a recompensa e a punição não é mais do que uma aplicação particular da doutrina já refutada do interesse pessoal. (*Ibidem*)

Ou seja, as religiões e o materialismo possuem os mesmos alicerces teóricos morais, pois ambos se estabelecem pelos princípios do que hoje se conhece como moral heterônoma. Como vimos, a lei civil não é o mesmo

que a lei moral. Portanto, o que ela define como comportamento aceitável não é necessariamente o bem, mas apenas reflete os desejos e interesses definidos pelo legislador. Assim, desde milênios passados, quando o sacerdote define as regras que ele diz serem determinadas por Deus, em verdade impõe seus próprios interesses. Isso fica evidente quando cada Igreja adota regras diferentes e até mesmo conflitantes. Sendo Deus um só, como poderiam existir regras díspares? Portanto, confundir o bem com o que é recompensado e o mal com o que é punido é um sofisma, um erro de lógica. Quem transfere a outro a definição do que é bom para si está abrindo mão da liberdade, tornando-se marionete da vontade alheia, em troca de uma satisfação transitória e momentânea. Troca o benefício real e definitivo (valor moral da alma) por um prazer efêmero e ilusório (recompensas terrenas).

Esse engano ocorre inclusive na educação, pois “se apresenta às crianças como fim a atingir a recompensa da ação em vez da própria ação, e inspirando-lhes o temor do castigo, em vez do horror ao mal” (*Ibidem*). Atualmente, nas escolas não há uma instrução formal voltada para a moral do interesse, como ocorreu na França pela doutrina dos ideólogos ao adotar o *Catecismo do cidadão francês* no sistema educacional, mas os costumes exercem esse mesmo papel. Crianças e jovens são impelidos à competição, para favorecer os mais hábeis. A simplicidade é encarada como falta de ambição e desprezada como fraqueza. Enganar o professor fazendo consultas não permitidas, ou “colar”, apesar de proibido, caso se tenha habilidade para não ser pego, não recebe punição. Ou seja, isso prepara os jovens para agir da mesma forma quando em sociedade. Fica suposto que o bem estaria em ganhar prêmios e evitar castigos, não importando o que se tenha que fazer para alcançar esse resultado. A causa fundamental está em privilegiar o conteúdo decorado, e não o entendimento. Nesse segundo caso, a consulta é adequada e permitida. A “cola” é a única saída para quem

não consegue decorar. A memória depende da estrutura fisiológica, enquanto a compreensão é um esforço da alma pela faculdade da razão. Esse exemplo demonstra como a teoria moral tem fundamental importância para o modelo educacional, que é a base da estrutura social.

A moral heterônoma nas religiões pressupõe a aceitação sem questionamento ou fé cega como pressuposto imperativo. Na sociedade, essa orientação está representada pela lei social, exigindo que todos a respeitem, concordando ou não com o valor de suas determinações. Para a justiça humana, não importa o que se pensa, somente se o ato proibido foi ou não cometido. Quem julga e condena é sempre outro: Deus, na vida eterna, e a justiça e polícia, na coletividade. Tanto as religiões quanto a doutrina materialista adotam uma moral heterônoma, impondo leis estabelecidas externamente, inquestionáveis, regidas por meio dos castigos e recompensas. Exigem a submissão e a obediência ao superior.

Desse modo, em resumo, na *moral heterônoma*, o que importa é a consequência da ação, e não a intenção que a motivou. As leis são interpretadas ao pé da letra, o indivíduo fica preso às regras por não compreender um princípio moral que lhe dê sentido. O correto é obedecer às regras impostas por quem é reconhecido como autoridade legítima, determinando um respeito unilateral, não se exige reciprocidade, há a obrigação de respeitar sem o direito de ser respeitado. Quem se submete tem em vista somente o benefício, abrindo mão de sua liberdade, da sanção de sua consciência na escolha dos atos. Dessa forma, até mesmo os atos de benevolência serão vividos como um sacrifício ou a espera de um ganho, sendo, de qualquer forma, um ato interessado.

O outro paradigma teórico moral, sustentado em bases completamente diversas, é a *moral autônoma*. Nela, as leis morais são internas e estão presentes na consciência. Ela se estabelece pelos princípios da liberdade e da igualdade. A virtude está na compreensão dos princípios morais e sua

aplicação na vida. Não se privilegia nem despreza ninguém. Não há submissão, mas respeito mútuo, reciprocidade, cooperação e solidariedade. Enquanto na heteronomia a regra é boa porque a ela se deve obedecer, na autonomia há o dever como adesão voluntária e livre ao princípio moral pela compreensão de que é bom e universal.

A relação com os erros difere completamente nas duas teorias morais. Na heteronomia, o indivíduo decora as regras de comportamento estabelecidas pela autoridade à qual deve obediência, sabendo que todo ato proibido torna-se um erro quando praticado. Quando almeja o reconhecimento e a premiação, concentra todo o seu esforço em disciplinar-se para não errar. Luta para provar que não errou e, no limite, disfarça ou até mente para esconder sua falta.

Já na autonomia, a pessoa age de acordo com suas metas, procurando superar suas imperfeições e adquirir valores, medindo seu progresso pelas leis presentes em sua consciência, por meio das sensações de sua alma, pois sente-se satisfeito e feliz pelos bons hábitos, e sofrimento moral pelos imperfeitos. Mas sua responsabilidade moral é progressiva, à medida que desenvolve a inteligência. Não é responsável pelo que não compreende. Assim, diante dos desafios da vida, experimenta as possibilidades, avalia as consequências, escolhendo a melhor maneira de agir para si mesmo. Ou seja, não teme o erro, mas aprende com ele. A imperfeição não se caracteriza por um só ato, mas pela insistência, abuso transformado em hábito, caracterizado por teimar em agir por interesse, de uma forma reconhecida como inadequada por quem a pratica.

## **Autonomia, a moral do novo mundo**

A autonomia será a alternativa proposta pelo Espiritualismo Racional e ampliada pelo Espiritismo, qualificando o ato moral como uma escolha livre, racional, consciente e desinteressada. Para ser uma escolha livre, não

pode depender de nada externo, mas apenas da vontade. Como, além do ato, importa a intenção, ela precisa ser esclarecida pela razão. A referência do que são o bem e o mal é a própria consciência do indivíduo. Por fim, não depende do resultado, pois o dever se faz somente pelo valor do próprio dever, e não subordinado a recompensa ou castigo, por isso é um ato desinteressado. Essa definição do ato moral como sendo o dever ultrapassa os limites da justiça, pois a virtude não se limita a deixar de fazer o mal, mas se caracteriza por fazer o bem de forma incondicional. Essa é a definição da *caridade desinteressada*.

Quem age de forma benevolente esperando mérito, agradecimento, reciprocidade ou recompensa futura não está agindo de forma desinteressada, e esse ato não é moral nem caracteriza a caridade. O que se deve pensar, pergunta Kardec, de quem, recebendo ingratidão em paga de benefícios que fez, deixa de praticar o bem para não se deparar com ingratos? E os bons Espíritos responderam:

Nesses, há mais egoísmo do que caridade, visto que, fazer o bem apenas para receber demonstrações de reconhecimento, é não o fazer com desinteresse, e o bem, feito desinteressadamente, é o único agradável a Deus. Há também orgulho, porquanto os que assim procedem se comprazem na humildade com que o beneficiado lhes vem depor aos pés o testemunho do seu reconhecimento. Aquele que procura, na Terra, recompensa ao bem que pratica não a receberá no céu. Deus, entretanto, terá em apreço aquele que não a busca no mundo. (KARDEC, [1864] 1996, p. 231)

Quando Allan Kardec trata da moral, questiona os Espíritos sobre quem faz o bem não esperando nada de recompensa na Terra, mas esperando que seus atos sejam levados em conta na vida espiritual, tendo lá uma situação melhor. Essa preocupação seria reprovável? A resposta é clara e objetiva: “O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse”. Isso porque “aquele que faz o bem, sem ideia preconcebida, só pelo prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso”. A mais meritória virtude “é a que assenta na mais

desinteressada caridade” (KARDEC, [1860] 1995, p. 411).

Ou seja, a felicidade não é uma recompensa pelos atos, mas uma sensação natural, alcançada de forma progressiva e definitiva, própria do processo evolutivo. Quanto maior o progresso, maior a felicidade. E, no sentido oposto, quanto maior a imperfeição, maior o sofrimento moral. É importante destacar que o estado de simplicidade não é de imperfeição, pois, quando ainda não há livre-arbítrio e razão, também não há responsabilidade moral. A imperfeição está relacionada com o apego, o abuso dos desejos, o uso das faculdades da alma (razão e vontade) para conquistar valores terrenos (prazeres).

O que o materialismo qualifica como fundamento de sua moral, o interesse, é a própria definição espírita da imperfeição! Não só não é a fonte de felicidade, como, pelo contrário, é inerente ao sofrimento moral. Quando Kardec perguntou qual o sinal mais característico da imperfeição, os Espíritos superiores responderam: “O interesse pessoal” (KARDEC, [1860] 1995, p. 412), oferecendo a seguinte definição:

O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro. (*Ibidem*)

A teoria moral espírita destrói as bases do materialismo e da exploração religiosa, pois demonstra que o interesse em recompensas, seja para ganhar simpatia, melhor condição na outra vida ou para merecer benefícios divinos, caracteriza egoísmo e orgulho.

As religiões ancestrais coincidem com o materialismo pela moral do interesse ou heterônoma. Também as consequências morais do Espiritualismo Racional e do Espiritismo coincidem, definindo a moral autônoma. Os primeiros representam o mundo velho, em transição para os seguintes, representantes do mundo novo. Essa revolução paradigmática da moral caracterizará a regeneração da humanidade.

Desde a Revolução Francesa, pensadores e governantes se uniram para estabelecer um novo modelo social, almejando superar a tirania, a superstição, os privilégios e a exploração do povo, próprios do velho mundo. Ansiavam por uma sociedade liberal que pudesse estabelecer os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade.

Os materialistas, logo após a revolução, baseando-se somente na fisiologia, pois o estudo dos costumes foi subordinado a essa disciplina, forçosamente propuseram a moral do interesse. A Igreja reagiu, lutando com todas as forças para manter as condições tradicionais, que eram favoráveis ao seu poder e domínio sobre as massas, evocando o terror por um futuro incerto para manter tudo como estava. Diante de uma árdua tarefa, em meio a um fogo cruzado, Victor Cousin e seus pares estabeleceram o alicerce de uma sociedade espiritualista e também racional, propondo levantar novo edifício em meio aos escombros da revolução. Evidentemente, encontrariam a resistência determinada das forças que disputavam a primazia para controlar o futuro, não só da nação francesa, mas de uma vitrine que a humanidade observava atenta e interessada.

Para iniciar essa ampla e ousada transformação, é impreterível repensar os costumes, saberes, concepções da moral e do conhecimento. O estabelecimento de um novo paradigma social passa pela conscientização e pelo contributo coletivo, pela divulgação dos novos valores e educação popular.

Os jovens das novas gerações, esperançosos de participar ativamente na construção de novos costumes sociais e de conhecimento, enchiam os salões, lotavam os cursos, expressavam-se pelas letras e artes. Cousin atuou na vida acadêmica, na filosofia – traduzindo obras clássicas do Espiritualismo –, na história e também na política. Defendeu e estabeleceu ampla reforma do sistema educacional francês, com importante influência nos outros países. Esse movimento, a reação espiritualista, teve o

desenvolvimento de suas ideias morais e sociais no Espiritismo e nas iniciativas culturais que nelas se inspiraram. Todas elas encontraram a oposição organizada do ceticismo dogmático e do fanatismo religioso, além dos que viam nesse movimento um obstáculo para seus interesses pessoais imediatos.

Em 1853, Victor Cousin reuniu em doutrina os trabalhos de forma a torná-la mais acessível, por estarem expostos de forma regular os princípios fundamentais das ciências filosóficas, *Du Vrai, du beau et du bien (Do verdadeiro, do belo e do bom)*. A partir desses três fundamentos, Cousin colocou a psicologia à frente da moral, da estética, do direito natural e público e, por fim, da teodiceia. Mas afirma:

Nossa verdadeira bandeira é o espiritualismo, essa filosofia sólida e generosa, que teve início com Sócrates e Platão, que o Evangelho espalhou pelo mundo, que Descartes colocou sob as exigentes formas do pensamento moderno. Que surgiu como uma força nacional no início do século 18, reabilitado na educação pública por Royer-Collard, enquanto Chateaubriand, Madame de Staël levaram-na às literaturas e às artes. O título espiritualismo está aqui bem empregado, pois seu caráter está em subordinar os sentidos fisiológicos ao espírito, buscando elevar e engrandecer o ser humano. (COUSIN, 1853, p. iii)

O Espiritualismo Racional, completa Cousin, “ensina a espiritualidade da alma humana, a liberdade e a responsabilidade pelos atos, o dever moral, a virtude desinteressada, a dignidade da justiça, a beleza da caridade”. Mas todos esses ensinamentos não estariam completos caso não oferecesse uma renovada imagem de Deus, como “causa e modelo da humanidade, criada para um destino feliz, mas jamais abandonada durante a misteriosa evolução ao seu destino” (COUSIN, 1853, p. iv).

O Espiritualismo é, assim, “o aliado natural de todas as boas causas”, desejando que sua voz seja ouvida pelos jovens das novas gerações:

Sustentando o sentimento religioso, apoiando a arte verdadeira, a poesia digna de seu nome, a grande literatura, é a sustentação da lei, mas repelindo toda demagogia e tirania, ensinando todos os homens a amarem-se e respeitarem-se mutuamente, levando pouco a pouco todas as sociedades humanas à verdadeira república, esse sonho das almas generosas. (COUSIN, 1853,

p. v).

Cousin afirma ter dedicado sua vida, com todas as forças, a assumir, defender e propagar essa nobre filosofia aos jovens, “semente e esperança do futuro”, aos quais recomenda enfaticamente:

Se você verdadeiramente ama a liberdade e o nosso país, fuja do que foi um engano. Fique distante dessa triste filosofia que prega o materialismo e o ateísmo como se fosse destinada a regenerar o mundo: ela mata, mas não regenera. Não dê ouvidos a essas mentes superficiais que se apresentam como profundos pensadores. (COUSIN, 1853, p. vi)

Essa obra de Victor Cousin, como a de todos os espiritualistas racionais pela Livraria Acadêmica<sup>36</sup>, foi editada por Pierre-Paul Didier, que nesse ano, 1853, participava das sessões espíritas na casa do senhor Roustan, que, por meio da senhorita Japhet e a participação de outros acadêmicos e pensadores liberais, as reuniu em cinquenta cadernos, os quais foram entregues a Allan Kardec para formar a base inicial da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, apenas quatro anos depois.

Didier iria se tornar membro participante da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e Allan Kardec, quando do retorno do editor para o mundo espiritual, escreveu na *Revista Espírita*, que “o sr. Didier não era o negociante de livros, a calcular seu lucro centavo por centavo, mas o editor inteligente, justo apreciador, consciencioso e prudente, tal qual era preciso para fundar uma casa séria como a sua”. A livraria de Didier era regularmente frequentada por Cousin:

O sr. Cousin era um dos visitantes mais assíduos ali. Uma vez por semana, ao menos, deixando a Sorbonne pela Academia, ele entrava na livraria Didier; procurava, ele mesmo, nas prateleiras, a obra cuja leitura havia-se prometido. No verão, colocava-se perto da porta de entrada aberta de par em par ou passeava falando; no inverno, mantinha-se perto do aquecedor. (MAIDRON, 1894).

## CIÊNCIAS FILOSÓFICAS: MORAL PRÁTICA

Os deveres se classificam em quatro classes: deveres para com os animais,

para consigo mesmo, para com os outros indivíduos e para com Deus.

*Deveres para com os animais* – Sendo considerados criaturas de Deus, o dever avaliado na época era o de “não destruir nem sequer fazê-los padecer, sem necessidade” (JANET, 1886, p. 3). Quem é brutal com os animais o é igualmente com os seus semelhantes. Depois do sucesso de uma campanha popular, maltratar os animais, inclusive os domésticos, cita Paul Janet, passou a ser crime pela Lei Grammont, de 2 de julho de 1850, aprovada pelo Parlamento francês, cujo texto afirmava: “o espetáculo do sofrimento encoraja a crueldade, a criança acostumada a passatempos sanguinários ou que é testemunha de atos cruéis se tornará um adulto perigoso”.

Anos depois, quanto aos animais e o Espiritismo, na *Revista Espírita*, o espírito Charlet argumentará: “Nos mundos avançados, os animais são de tal modo superiores que para eles a mais rigorosa ordem se faz com a palavra, e, entre vós, muito frequentemente, com o bastão. [...] Há também progresso de vossa parte por compreender instintivamente esse aperfeiçoamento dos animais, uma vez que proibis de bater neles” (KARDEC, [RE] 1860, p. 146).

Atualmente, o movimento pela proteção aos animais ganhou força, o que nos parece um sinal de novos tempos. Cresce o movimento vegano, objetivando uma vida isenta de sofrimento animal. Os jovens estão tomando a iniciativa, e, segundo uma matéria da revista *Forbes* (ROWLAND, 2018), baseada num relatório da *GlobalData* (agência de análise de dados que trabalha com 4 mil entre as maiores empresas do mundo), 70% da humanidade está diminuindo, abandonando ou já não consumia carne. Por outro lado, 50 bilhões de animais são abatidos por ano no mundo. A pecuária gasta um terço da água potável consumida e 75% das terras aráveis do planeta. No entanto, é responsável por apenas 12% das calorias utilizadas globalmente. No Brasil, por exemplo, apenas 17% da população tem acesso ao privilégio de beber água potável, o restante está exposto a

doença e morte em razão de água imprópria para o consumo humano.

Considerando a produção mundial de alimentos vegetais, não se justifica mais que qualquer pessoa tenha fome. Por exemplo, apenas 6% da soja produzida é consumida diretamente pelas pessoas, sendo que 75% da produção se destina à ração animal! Para enfrentar os problemas sociais, morais e ambientais, a questão da alimentação é um fator de grande importância. O caminho de uma alimentação vegetal pela humanidade não só é necessário, mas inevitável.

*Deveres para consigo mesmo, os outros e para com Deus* – O estudo dos deveres na ciência filosófica da *moral prática* segue uma divisão de temas que são equivalentes à Parte Terceira de *O Livro dos Espíritos*, que trata das leis morais. Os deveres *para consigo* são os da lei do trabalho, da conservação de si mesmo, da liberdade. *Para com os outros*, os deveres de família, casamento, pais, filhos sociais. *Para com Deus*, há uma importância em considerar, recuperando o que já havia mencionado o filósofo grego Platão, que a virtude é a imitação de Deus, portanto:

O homem deve a si mesmo assemelhar-se o mais possível a Deus, e tem, reciprocamente, para com Deus, como tipo soberano de perfeição, o dever de aproximar-se indefinidamente pelo aperfeiçoamento de seu ser. Como, porém, buscaria aproximar-se da soberana perfeição de Deus, se não tivesse para com ela os sentimentos de amor ou de respeito constitutivo do sentimento religioso em geral? (JANET, 1886, p. 49)

Há uma correspondência entre a classificação dos deveres, a divisão de temas e a abordagem conceitual da moral prática do Espiritualismo Racional e da Doutrina Espírita. Os Espíritos explicam e respondem às questões em aberto quanto aos estudos dos homens. Qualificar o Espiritismo entre as ciências filosóficas é um gesto natural, até imprescindível, para a compreensão dos ensinamentos dos Espíritos superiores.

## **O CREPÚSCULO DAS CIÊNCIAS FILOSÓFICAS**

O Espiritualismo Racional fazia valer os ideais morais e sociais do iluminismo, entendendo que a educação era o único meio possível de instaurar a solidariedade tão desejada pelo gênero humano, a liberdade. Não uma liberdade desenfreada, selvagem e sem princípios; pois isso é fruto do egoísmo. A verdadeira liberdade é conduzida pela razão e iluminada pela consciência. E essa conquista se dará pelas reformas humanitárias ou liberais, propondo a abolição do poder autoritário, que os direitos do ser humano passem a ser leis e uma educação pela liberdade para todos.

Essas ideias liberais estavam na contramão da estratégia da Igreja, que lutava com todas as suas forças, unida aos monarquistas, para restaurar o Antigo Regime. Desde a queda de Napoleão até a revolução de 1830, foi quanto durou o período da restauração francesa, quando os conservadores instauraram a monarquia constitucional e a Igreja recuperou o seu poder. O catolicismo volta a ser a religião oficial, o orçamento dos cultos aumenta, os bispos são chamados novamente para partilhar a nobreza, os jesuítas retomam seus planos de catequizar as massas populares.

Na abertura de seu curso, Cousin fez um discurso entusiasmado para uma plateia de oitocentos jovens inscritos. Fez ver a importância de a liberdade ser instituída nas leis, e a caridade implantada pela educação moral, para que a sociedade conquiste por seu esforço a solidariedade. Esses jovens estavam diante de conceitos fundamentais para dar a eles um caminho sólido na construção de uma nova era, onde a ordem seria motivada pelo livre-arbítrio. Mas eles foram privados de continuar a ouvi-lo, pois seu curso foi subitamente fechado pelo governo autoritário.

Hostil ao esclarecimento da sociedade, o governo não poderia suportar as ciências filosóficas tratando da liberdade enquanto sua intenção era ditatorial, sob a sombra de uma revolução sem precedentes que ainda fazia ouvir seu eco. Afasta da universidade Guizot, retira Royer-Collard do Conselho de Estado e derruba Victor Cousin de sua cátedra. Os professores

treinados por ele foram demitidos ou suspensos. Tempos depois, a Escola Normal foi fechada por um Estado obscuro e opressor que duraria até 1828. Cousin se dedicou aos trabalhos filosóficos, traduzindo as obras de Platão, entre outras, e, como vimos anteriormente, foi preso por suas ideias liberais na Alemanha.

O projeto retrógrado e autoritário da restauração política do poder monárquico e do ultramontanismo conservador clerical era sustentado, teoricamente, em especial pelas ideias e obras do conde Joseph-Marie de Maistre<sup>37</sup> (1753-1821). Para esse escritor e filósofo de estilo agressivo, a revolução não é o prenúncio de uma era de progresso social, mas um castigo divino pelos pecados dos franceses, para purgar pelo sofrimento as culpas desde o pecado original:

A Revolução Francesa, acontecimento único na história, é radicalmente má, de caráter satânico, é o mais alto grau de corrupção conhecido, é a pura impureza. Os crimes mais infames multiplicam-se em todo lado: o demônio revolucionário ergue orgulhosamente a cabeça; a Constituição é apenas uma teia de aranha, e o poder permite-se horribéis atentados. O casamento não passa de uma prostituição legal; não existe mais autoridade paternal, medo do crime, asilo para o indigente. O povo desmoraliza-se da maneira mais assustadora; e a abolição do culto, junto à ausência total de educação pública, prepara para a França uma geração sobre a qual só a ideia faz tremer. (MAISTRE, 2010, p. 243-4)

Somente a monarquia e a convergência para a conciliação do poder papal poderiam fazer cessar os males da revolução:

Para fazer a Revolução Francesa, foi necessário derrubar a religião, ultrajar a moral, violar todas as propriedades e cometer todos os crimes: para esta obra diabólica, foi necessário empregar um tal número de homens viciosos que jamais tantos vícios agiram juntos para operar um qualquer mal. Pelo contrário, para estabelecer a ordem, o Rei convocará todas as virtudes: ele o quererá, sem dúvida; mas, pela natureza mesma das coisas, será forçado a isto. O seu interesse mais premente será aliar a justiça à misericórdia; os homens estimáveis virão por si mesmos colocar-se nos postos em que poderão ser úteis; e a religião, emprestando o seu ceptro à política, dar-lhe-á as forças que só ela pode conseguir junto da sua augusta irmã. (MAISTRE, 2010, p. 238-9)

A família De Maistre tinha o título de nobreza, mas era de prósperos

comerciantes de tecidos em Chambéry, ducado de Saboia. Ele foi magistrado e senador por essa localidade. Casado, teve quinze filhos, dos quais sobreviveram dez. Criado num meio patriarcal onde os jesuítas eram amados e cuidaram de sua formação, frequentava desde criança a Congregação Nossa Senhora da Assunção, conhecida como Congregação dos Nobres e Senhores, onde fazia os retiros espirituais orientados por Santo Inácio, para sacrificar-se pela culpa, punição e medo de Deus.

Para De Maistre, só seria possível governar a humanidade controlando seus excessos pela autoridade suprema e infalível do papa, para manter as ordens moral e social comprometidas pelo pecado original e pela queda. Em sua visão, seus grandes inimigos, que deram origem aos erros do abominável mundo moderno e do caos revolucionário, estavam no protestantismo e nas ideias maléficas de filósofos iluministas como Rousseau derivadas, pois, para ele, protestantismo e iluminismo estavam interligados. Considerava falsas as pretensas ideias científicas desses filósofos, fazendo do homem “um inimigo de qualquer tipo de subordinação, um rebelde que se volta contra todas as leis e instituições, um campeão inato de todas as inovações” (MAISTRE *apud* MOTTA, 2001, p. 7). Onde seus adversários viam o progresso, ele enxergava somente corrupção e desgraças. Onde se via uma nova era proporcionada pela solidariedade e pela perfectibilidade do ser, ele previa mais sofrimento e punição da fúria divina, pois em sua visão de mundo o homem é em seu íntimo mau e pecador.

A guerra era maligna, mas necessária, justificando-a como previdente vontade divina em seus desígnios ocultos, meio radical para purgar o homem de suas manchas devidas ao pecado original e à queda no mundo, salvação que só se obtém pelo sangue. De Maistre pregou uma filosofia política fundamentada na desvalorização dos conceitos liberais e na recusa de qualquer inovação ou mudança progressista, para a manutenção da

ordem e da unidade.

Allan Kardec vai tratar a questão das revoluções e da unidade de maneira completamente oposta à de De Maistre. O Universo é regido por uma unidade, mas, em sua diversidade, todos os seres são progressivos, completando a harmonia da obra divina:

Do fato de que o movimento progressivo da Humanidade é inevitável, porque está na Natureza, não se segue que Deus a isto seja indiferente, e que, depois de ter estabelecido as leis, tenha entrado na inação, deixando as coisas irem inteiramente sozinhas. [...] Deus vela, pois, incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, segundo as atribuições que tocam ao seu grau de adiantamento. O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem sua parte de ação sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém por toda parte a unidade. (KARDEC, [RE] 1866, p. 191)

Ou seja, as revoluções sociais do mundo moderno são uma consequência natural de uma grande mudança da humanidade, que, depois da evolução racional, vivencia a necessária transformação moral, superando em definitivo o velho mundo, exatamente o contrário do que pensavam De Maistre e os demais retrógrados:

Neste tempo, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que lhe são os mais opostos nela trabalham com o seu desconhecimento; a geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, achar-se-á animada de ideias e de sentimentos diferentes da geração presente que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto, e viverá na história. (*Ibidem*)

Os falsos intérpretes dos novos tempos imaginam que o ser humano vive no mundo sob o castigo divino e que a mudança se dará pelo desejo divino, acabando com o mundo pelas catástrofes e cataclismos que assolam o planeta. Ou seja, estaríamos inertes, passivos, diante da ira divina. O Espiritismo demonstra que a verdadeira mudança está no campo das ideias, na mudança da disposição moral para a autonomia. Um movimento geral

que aos poucos contagiara as massas, interessadas numa vida mais digna e solidária:

Mas uma mudança tão radical, quanto a que se elabora, não pode se realizar sem comoção; a luta inevitável entre as ideias, e quem diz luta, diz alternativa de sucesso e de revés; no entanto, como as ideias novas são as do progresso, e que o progresso está nas leis da Natureza, elas não podem deixar de se impor sobre as ideias retrógradas. Forçosamente, desse conflito, surgirão as perturbações temporárias, até que o terreno seja desobstruído dos obstáculos que se opõem ao estabelecimento de um novo edifício social. Da luta das ideias é que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não cataclismos, ou catástrofes puramente materiais. (KARDEC, [RE] 1866, p. 192)

Dessa forma, o Espiritualismo Racional, que após 1830 se organizou na universidade para estabelecer uma nova ordem baseada nos conceitos liberais e seus projetos progressistas e humanitários, é um sinal dos novos tempos, pois, para Kardec, “um sinal não menos característico do período em que entramos é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas”. E, nesse novo projeto social, o Espiritismo tem fundamental papel, pois congrega a todos, incluindo os simples nessa revolução:

Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, [...]. Para ele, não há nem sobrenatural nem maravilhoso; tudo se cumpre no mundo em virtude de leis imutáveis. Longe de substituir um exclusivismo por um outro, se coloca como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas, e o corta em sua raiz proclamando a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, pelos seus esforços, à expiação e à reparação, à perfeição, única que conduz à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o mostrando-lhe o objetivo que pode alcançar. (KARDEC, [RE] 1866, p. 196)

No Brasil, durante o Segundo Império, tendo como um dos mais importantes líderes o filósofo e diplomata Gonçalves de Magalhães, o Espiritualismo Racional formou a primeira escola filosófica estabelecida em nosso país, além de ter sido instalada na estrutura curricular de ensino, a partir do modelo implantado no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. A formação dos professores seguia a orientação das ciências filosóficas

inspiradas no modelo francês, e, em seu auge, o manual de Paul Janet foi adotado para o estudo dos jovens. Todavia, o peso do tradicionalismo era motivo para questionamento de familiares e embates nas aulas de filosofia, em virtude da hegemonia católica, apesar do caráter laico da instituição.



Dom Romualdo Antônio de Seixas

Seguindo a orientação do papa, que fez encíclicas condenando as ideias liberais e progressistas, o clero brasileiro passou a combater essa iniciativa. O principal articulador do tradicionalismo inspirado por De Maistre foi o bispo dom Romualdo Antônio de Seixas. Para combater a teoria de Cousin, Jouffroy e demais espiritualistas, ele fundou o semanário *Noticiador Católico*, jornal que circulou de 1848 a 1860. Na Bahia, contra a iniciativa oficial, implantou nas escolas dirigidas pela Igreja o *Manual de filosofia* do frei Itaparica, escrito justamente para combater as ciências filosóficas propostas na França. Dirigindo-se ao jovem, Romualdo advertiu para que esteja “de sobreaviso, e não se deixe iludir das quiméricas especulações de um sistema que vai naufragar-se e perder-se nos últimos limites de um idealismo exagerado, em uma filosofia de pura abstração, que diviniza o nada e reduz o cristianismo e a vida a uma vã fantasmagoria. (PAIM, 1985, p. 9)

## **O positivismo comtiano contra o Espiritualismo Racional**

Um leitor atento das teorias de Joseph de Maistre foi Auguste Comte (1798-1857), que se interessou pela obra *O papa*, contra a doutrina liberal. Os dois concordavam que a Revolução Francesa foi um mal necessário e que as ideias liberais eram falsas e ilusórias. Mas, para Comte, a volta ao passado era impossível, e o controle sobre as massas para mantê-las submissas deveria ser por uma elite de industriais e cientistas, responsáveis pela promoção, por sua superioridade, do que ele chamava de *progresso nos limites da ordem*. Para ele, a igualdade e o desenvolvimento racional de todos eram uma utopia e precisavam ser abolidos.

Com uma mãe insegura e apegada, não foi fácil sair de Montpellier, onde nasceu, para Paris, aos 16 anos, para estudar na Escola Politécnica. Dois anos depois, a escola foi fechada pelos restauradores monarquistas, mas Comte continuou em Paris. Estudou os ideólogos Destutt de Tracy, Cabanis e Volney, leu os teóricos da economia política e filósofos. Foi secretário de Saint Simon, mas acabou por divergir das ideias dele e elaborar uma doutrina própria.

Para Comte, a metafísica ocidental estava fadada ao fracasso. Sua obra *Curso de filosofia positiva* ataca a ideia de alguns filósofos de seu tempo, exatamente a escola de Biran, Royer-Collard, Cousin e Jouffroy, que estavam tentando aplicar os métodos científicos para desenvolver a psicologia como método de observar os fatos do espírito humano. Comte considerava essa proposta um charlatanismo pernicioso, pois, examinando a si mesmo, o indivíduo só poderia encontrar o egoísmo:

Os metafísicos, entregues ao estudo de nossa inteligência, não podem esperar frear a decadência de sua pretensa ciência, a não ser mudando de opinião. Devem apresentar suas doutrinas como também se fundando na observação dos fatos. Para este fim, imaginaram, nos últimos tempos, distinguir, graças a uma sutileza singular, duas espécies de observações de igual importância, uma exterior, outra interior, a última unicamente destinada ao estudo dos fenômenos intelectuais. Não é aqui o lugar de entrar na discussão especial desse sofisma, fundamental. Devo limitar-me a indicar a consideração principal que prova claramente que essa pretensa contemplação direta do espírito por si mesmo é pura ilusão. (COMTE, 1978, p.

12)

Realmente, em sua obra, Comte não vai argumentar nem justificar, mas simplesmente negar a psicologia experimental espiritualista que estava se consolidando na universidade de seu tempo:

O indivíduo pensante não poderia dividir-se em dois, um raciocinando enquanto o outro o visse raciocinar. O órgão observado e o órgão observador sendo, neste caso, idênticos, como poderia ter lugar a observação? Este pretense método psicológico é, pois, radicalmente nulo em seu princípio. Do mesmo modo, consideremos a que processos profundamente contraditórios conduz de imediato. (COMTE, 1978, p. 58)

Normalmente, considera-se que o positivismo é a aplicação isenta da ciência, sem envolvimento metafísico ou político. Essa é uma imagem distorcida da proposta de Comte, por não se conhecer sua doutrina como um todo, negligenciando-se as consequências religiosas e sociais de sua proposta. Uma simples leitura de suas ideias, inclusive os textos como *Catecismo positivista*, acaba com essa visão simplista.

Entre Comte e Victor Cousin não só havia um antagonismo ideológico, como também acadêmico. Enquanto Comte era aluno da Escola Politécnica, Cousin, seis anos mais velho, já era professor da Sorbonne e da Escola Normal. Quinze anos depois, quando Cousin era ídolo da juventude universitária e ocupava o cargo de conselheiro da Instrução Pública, tornando-se a mais alta autoridade na educação da Monarquia de Julho, Auguste Comte dava aulas a alguns alunos em casa e escrevia seus livros. As aulas, porém, duraram pouco, pois ficou doente. Acometido de uma perturbação, foi internado num hospital psiquiátrico, tentou suicidar-se pulando no rio Sena. Frustrado nessa tentativa, voltou a publicar suas obras em 1828.

Comte era um ferrenho opositor do sistema espiritualista e das ideias liberais, todavia, primeiramente, pediu que fosse criada uma cadeira de História da Ciência e que fosse nomeado para ocupá-la. Depois, lutou amargamente contra o sistema político e educacional vigente. Segundo ele,

o dogma da igualdade e da soberania popular seria a semente da absoluta desordem, e o dogma da liberdade de consciência seria um retardo para a reorganização social. Haveria, diz ele, uma desigualdade biológica responsável por manter as massas eternamente submissas, devendo ser governada pelos mais sábios e capazes exemplares da espécie humana. Pensava que tratar o ser humano a partir da biologia era o único caminho, pois negava a possibilidade de uma psicologia, exatamente a proposta dos espiritualistas racionais e as ciências morais que elaboraram:

Alguns homens, entretanto, desconhecendo a este respeito a direção atual e irrevogável do espírito humano, tentaram, nestes últimos dez anos, sob o nome de psicologia, transplantar para o nosso meio a metafísica alemã, e constituir, sob o nome de psicologia, uma pretensa ciência completamente independente da fisiologia, superior a ela, e à qual caberia com exclusividade o estudo dos fenômenos especialmente chamados morais. (COMTE, 1972, p. 220)

Mas os espiritualistas não elaboraram a psicologia de forma independente da fisiologia, essa afirmação é falsa. Ocorreu exatamente o inverso! Considerando o ser humano como alma encarnada, ou seja, uma causa atuando sobre o corpo, é nesse objeto complexo que desenvolve a sua ciência, distinguindo os fenômenos psicológicos, ativos, dos fisiológicos, passivos. Portanto, a simples negação dessa ciência não se justifica:

Mas é impossível ao homem observar-se em seus próprios atos intelectuais, porque, sendo o órgão observado e o órgão observador, nesse caso, idênticos – por quem seria feita a observação? [...] Sob nenhum aspecto há lugar para a psicologia, ou o estudo direto da alma, independentemente de qualquer consideração exterior. (COMTE, 1972, p. 222)

Veja que Comte, ao desconsiderar a psicologia, demonstra desconhecer os argumentos de Maine de Biran, pois por ele não se faz jamais um *estudo direto da alma*, por ser substância abstrata, imaterial, mas estudamos efeitos que ela causa no organismo, que são os fatos psicológicos.

Para contrapor a psicologia espiritualista que qualificava o ser humano como ativo e portador das faculdades da razão e da vontade pelas quais se

desenvolveria por seu esforço, Comte vai recorrer à frenologia de Franz Joseph Gall (1758-1828) para substituir a psicologia por uma fisiologia cerebral, pelo estudo do cérebro e da caixa craniana, como sustentação científica de sua sociologia e religião, refutando as ideias progressistas e liberais.

Segundo Gall, não haveria uma alma, mas tanto a capacidade intelectual quanto o sentimento moral seriam de natureza fisiológica, representados por órgãos específicos do cérebro, escreveu Comte em seu *Curso de filosofia positiva*. Ele explica que na parte frontal do crânio estariam as faculdades intelectuais superiores. No entanto, “a maioria dos seres humanos estaria limitada eternamente ao desenvolvimento da afetividade e dos sentimentos morais”, “num estado pouco definido entre a animalidade e a humanidade, no qual se encontraria a quase totalidade dos seres humanos” (BENOIT, 2002, p. 79-80). Esses poderiam ser dominados por uma persuasão afetiva, religiosa, para se manterem submissos, trabalhando pacificamente, constituindo a necessária ordem social. Por isso a religião positivista adorava a mulher, considerada o símbolo máximo da resignação e da aceitação dessa ordem desigual da natureza, imagina Comte, que adotava a moral heterônoma derivada do pensamento católico, do qual abandonou os ritos, mas não a essência. Não aceitava o Espiritualismo Racional porque, para ele, não cabia raciocinar sobre a moral, mas apenas obedecer submisso. Desse modo, além de negar a psicologia, desconsidera também a possibilidade de uma ciência moral teórica e prática:

O dogmatismo é o estado normal da inteligência humana, aquele para o qual tende, por sua natureza, continuamente e em todos os gêneros, mesmo quando mais parece afastar-se dele. [...] nem o homem, nem a espécie humana são destinados a consumir a vida em atividade raciocinante, dissertando continuamente a conduta que devem ter. É à ação que se destina essencialmente a totalidade do gênero humano. E, todavia, qualquer ação supõe princípios prévios de direção, que os indivíduos ou as massas não têm nem capacidade, nem tempo de estabelecer, ou apenas verificar. (COMTE, 1972, p. 204)

Por outro lado, uma elite privilegiada pela fisiologia; se as massas não podem raciocinar, devem ser comandadas por uma elite dominante que lhe dê as ordens, as proibições, as regras que devem ser absolutamente obedecidas. Um grupo bastante reduzido teria a parte frontal do cérebro desenvolvida, sendo assim, pela natureza das coisas, os escolhidos para conduzir a humanidade, constituindo a comunidade científica e os industriais:

Tal é, sob o simples aspecto intelectual, a consideração fundamental que motiva, de maneira decisiva, a existência de uma classe que, eminentemente atuante na ordem especulativa, de modo permanente e exclusivo se ocupa em fornecer, a todas as outras, regras gerais de conduta que não podem dispensar, nem são capazes de formular [...] Quaisquer que possam ser os progressos da civilização, é um estado contínuo de sacrifício. (COMTE, 1972, p. 205).

Essas ideias absolutamente equivocadas, preconceituosas e retrógradas, segundo Comte, formariam as bases do novo mundo e justificariam a ordem social da vida moderna! No entanto, ao propor as bases da sociedade capitalista, ele apenas renovou as estruturas dogmáticas, as desigualdades, os privilégios e o desrespeito à diversidade do mundo velho, trocando a elite dos nobres e sacerdotes por outra de industriais e cientistas. Sua vida moderna é somente a manutenção, em novos termos, da estrutura heterônoma ancestral. É mais do mesmo.

Mas essa realidade do pensamento comtiano raramente é demonstrada; geralmente se referem a ele como um dos criadores da sociologia, defensor do conhecimento científico. O erro de não recorrer às fontes primárias, aos escritos originais para qualificar as ideias e autores, cria os equívocos históricos que abundam na cultura atual. O positivismo de Comte não representa uma ciência isenta, mas somente um devaneio dogmático materialista, invertendo a ordem das coisas, com o mesmo objetivo do fanatismo cego, que é manter o mundo velho, disfarçado de modernidade. Para coroar a insensatez desse conjunto de ideias, Comte ainda vai justificar sua religião positivista. Pelo progresso, a humanidade deveria substituir

Deus na condução dos desígnios de seu destino. Assim Comte explica sua teoria:

O surto decisivo da biologia, completada por Gall, forneceu em breve uma base científica para a renovação total do espírito filosófico. O conjunto do movimento positivo tem, então, como resultado o advento da sociologia, [...] sob a universal preponderância do ponto de vista humano, uma síntese subjetiva pode assim construir, enfim, uma filosofia verdadeiramente inabalável, que levou a fundar a religião final, logo que o surto moral completou a renovação mental. Desde então admirou-se a Idade Média, sem deixar de apreciar melhor a Antiguidade. A cultura do sentimento foi radicalmente conciliada com a da inteligência e da atividade. [...] Em uma palavra, a Humanidade substituiu-se definitivamente a Deus, sem esquecer jamais seus serviços provisórios. (COMTE, 1978, p. 632)

Quando Allan Kardec faz uso recorrente de expressões como positivismo; ciência positiva; verdades positivas; dados, fatos e ideias positivas; espírito positivista do século; estava fazendo uso do termo *positivo* como sinônimo de *conhecimento científico* ou experimental, e não da doutrina positivista de Comte, como muitos autores caíram em erro ao afirmar. Naquela época, por exemplo, pelo fato de a proposta de Maine de Biran aplicar o método da observação para estudar o ser humano como alma encarnada, sua ciência ficou conhecida como *positivismo espiritualista*.

Nos anos finais da época na qual o Espiritismo se desenvolveu, o materialismo estava renascendo na Alemanha, por professores universitários como Karl Vogt, Jacob Moleschott, Virchow e Ludwig Büchner. Allan Kardec, na *Revista Espírita* de 1868, publicou um artigo do jornal *Le Figaro*, descrevendo os debates no Senado quanto às lições dadas na Escola de Medicina. Um dos interlocutores, convicto do materialismo, toma a palavra para defender sua doutrina, afirmando: “É preciso acabar com uma brincadeira que começa a se tornar irritante, além do que ela tem um ar de recuo. A Escola de Medicina, disse o doutor Flavius, mais forte em parto do que em filosofia, não é nem ateia nem materialista; ela é positivista”. E, então, argumenta contra essa ideia, por considerá-la depreciativa, pois, para ele, o positivismo comtiano estava ultrapassado

diante das novas iniciativas da comunidade científica que chegavam da Alemanha: “Mas, em verdade, o que é o positivismo senão um ramo dessa grande escola materialista que vai de Aristóteles e de Epicuro até Bacon, até Diderot, até Virchow, Moleschott e Büchner, sem contar os contemporâneos e compatriotas que não nomeio”. Por fim, esclarece o contexto histórico do positivismo de Comte:

A filosofia de A. Comte teve a sua utilidade e a sua glória num tempo em que o cousinismo [Espiritualismo Racional por Victor Cousin] reinava dominante. Hoje que a bandeira do materialismo foi levantada na Alemanha por nomes ilustres, na França por pessoas jovens no número das quais tenho o orgulho e a pretensão de me contar, é bom que o positivismo reentre no papel modesto que lhe convém. Sobretudo, é bom que não afete por maior tempo, a respeito do materialismo, seu mestre e seu ancestral, um desdém ou reticências que são pelo menos inoportunas.

Allan Kardec, espantado com a ousadia crítica desse pensador materialista, faz um comentário à notícia:

O materialismo, como se vê, tem também seu fanatismo; há alguns anos somente não teria ousado se ostentar tão audaciosamente; hoje ele sustenta abertamente o desafio ao Espiritualismo, e o positivismo não é mais bastante radical a seus olhos; ele tem suas manifestações públicas e publicamente ensinou à juventude; além do mais tem o que censura nos outros, a intolerância que vai até à intimidação. Que se imagine o estado social de um povo imbuído de semelhantes doutrinas! (KARDEC, [RE] 1868, p. 200-1)

Contudo, segundo ele, há uma utilidade para esse radicalismo materialista, que, hoje sabemos, tornou-se dogma generalizado em nosso tempo, pois “eles assustam a sociedade, e o bem sai sempre do mal; é preciso o excesso do mal para fazer sentir a necessidade do melhor, sem isto o homem não sairia de sua inércia” (KARDEC, [RE] 1868, p. 201)

## **Em 1848, Victor Cousin publica a obra Justiça e caridade**

A Primavera dos Povos, revoluções de 1848 em diversos países da Europa, em virtude do cenário de crise econômica, regimes autoritários, profunda

discrepância de condições entre ricos e pobres. Almejava-se uma verdadeira reforma política e social, com o objetivo de conquistar condições melhores de vida para todos. Após a proclamação da Segunda República francesa, o novo governo decretou o sufrágio universal, o fim da pena de morte, abolição da escravatura, redução da jornada de trabalho, liberdade de imprensa e reunião, criação de oficinas nacionais. O espírito de reformar o mundo evocava nos teóricos franceses, como Saint-Simon, Fourier, Lamennais, o pensamento de Jesus de união de todos como meio de libertação do povo, um projeto de uma nova humanidade. Pois, sem o trabalho do povo, não há “nenhuma prosperidade, nenhum desenvolvimento, nenhuma vida”, afirma Lamennais em seu folheto *O livro do povo*:

Conheceis agora as verdadeiras leis da humanidade, as leis de que depende o seu progresso, e por consequência a melhoria presente ou futura do povo: porque, mais de uma vez, o povo que seus senhores, no seu orgulho, têm em tão pouca conta, que olham com tanto desdém, que não é, a seus olhos, senão um instrumento de sua cobiça insaciável, um campo que se explora, um animal que se sela e se brida para cavalgar, o povo é o gênero humano. (LAMENNAIS, 1965, p. 63)

E, mais à frente, continua:

Os males sem conta que derivam dos vícios dos governos diminuirão à medida que, ao princípio de domínio, sobre o qual eles repousam, a razão pública, superando a obstinada resistência dos preconceitos e interesses, substitua o da associação livre, consequência imediata da soberania do povo, a única real, a única com base sólida, inabalável, no direito. (*Ibidem*, p. 99)

Mas o homem não vive só do pão, explica Lammenais, pois tem a vida do corpo e a vida do Espírito, e então pergunta: “o que seria dele sem o conhecimento da lei religiosa e moral, que o une a Deus, e aos seus semelhantes, que o separa do bruto pelo sublime privilégio da virtude?” (*Ibidem*, p. 69). A vida do Espírito se constitui do conhecimento das leis, tanto do universo material quanto das leis da alma. Todos têm o direito a eles, para poder viver, conservar-se e se desenvolver por seu mérito e

esforço.



George Sand

George Sand (Amandine Aurore Lucile Dupin, 1804-1876) participou ativamente das atividades políticas depois da revolução de 1848. Em alguns momentos, pensou que Deus agia por esses grandes acontecimentos para traçar novos caminhos para o mundo. Depois demonstrou repensar. Deus não agiria pontualmente, mas por meio da evolução da humanidade. Magali Oliveira Fernandes, no prefácio de *História da minha vida*, de Sand, propõe:

George Sand, que participou ativamente da Revolução de 1848, viveu numa época de grande efervescência social e política na França. Depois do golpe de Estado, sua percepção sobre as transformações sociais efetivas se alterou bastante: do entusiasmo anterior a 1848, passou a conceber a resolução dos problemas da sociedade não mais por meio de revoluções. Estas traziam respostas sempre sanguinárias. E a sua desolação quanto a isso estava baseada em fatos reais e bem próximos a ela: as prisões e as mortes de muitos amigos. A caridade lhe aparecia como um caminho possível em sua escrita. Ela acreditava no poder da arte como fonte transformadora do ser pelo coração. (SAND, 2017, p. 11).

George Sand reconhece a grandeza de seu século, “embora esteja doente, e os homens de hoje, se não realizaram as grandes coisas do fim do século passado, concebem-nas, sonham com elas e podem com elas preparar coisas maiores ainda”. Ou seja, há esperança, e, depois de 1848, as grandes mudanças se revelam necessárias:

Eles já sentem profundamente que devem fazê-lo. E nós também temos nossos momentos de abatimento e de desespero, em que nos parece que o mundo marcha desvairadamente em direção ao culto dos deuses da decadência romana. Mas, se tatearmos nosso coração, veremos

que ele se encontra enamorado de inocência e de caridade como nos primeiros dias da nossa infância. Pois bem, façamos todo esse retrospecto de nós mesmos e digamos uns aos outros que nossa tarefa não é a de surpreender os segredos do céu no calendário das eras, mas a de impedi-los de morrerem infecundos em nossas almas. (SAND, 2017, p. 641-2)

Na segunda metade do século 19, a caridade, ato livre e desinteressado em favor do outro, surgia, pelo esclarecimento do Espiritualismo Racional, livre do dogmatismo, como esperança do mundo novo. Se o Espiritismo não vai propor com ineditismo essa ideia, vai consagrá-la, por seu lema maior: *Fora da caridade não há salvação*.

Depois dos sangrentos atos do massacre dos revoltosos em 1848, quando mais de 3 mil pessoas foram fuziladas e 15 mil foram deportadas para as colônias, foi aprovada uma nova Constituição, estabelecendo eleições. Antes disso, o governo provisório dirigiu um pedido à Academia de Ciências Morais e Políticas para que cooperasse na defesa dos princípios sociais, por meio de diversas publicações populares, convencido de que não bastaria estabelecer a ordem material apenas pela força, mas a ordem moral deveria ser restabelecida pelo conhecimento científico, ideias verdadeiras, para esclarecer os homens. Caberia à Academia colocar a ciência a serviço da sociedade e da civilização.

Uma comissão foi nomeada em 17 de julho, constituída por Victor Cousin, De Beaumont, Blanqui, entre outros (COUSIN, 1848, p. 7). Os trabalhos tratariam das desigualdades das riquezas, o círculo familiar, as condições dos trabalhadores, em folhetos fornecidos gratuitamente aos editores para serem entregues ao público pelo menor preço possível.

Para Victor Cousin, a quase totalidade dos sistemas de moral, legislação e economia política insistiu em reconhecer um só princípio quanto à organização social, que é a justiça. Todavia, afirma o filósofo, existem dois, intimamente conectados, a justiça e a caridade, e nenhuma sociedade terá um desenvolvimento harmonioso sem completar esses dois sentimentos naturais. Esse folheto, *Justiça e caridade*, primeiro da série em defesa da

ordem social publicada pela Academia de Ciências Morais e Políticas, foi no mesmo ano traduzido para diversas línguas, sendo amplamente divulgado.

A caridade, como fundamento imprescindível para uma nova era, tem sua conceituação esclarecida pela ciência moral, que define, entre os deveres sociais, os da *justiça*, representados por “não faças a outrem aquilo que não querias que te fizessem”, e os da *caridade*, por “fazer aos outros aquilo que querias que te fizessem”. Victor Cousin faz uma profunda e firme distinção entre essas duas virtudes:

Chama-se justiça o respeito aos direitos de outrem. Toda violação de um direito é uma injustiça. [...] A justiça, isto é, o respeito da pessoa em tudo quanto a constitui, eis o primeiro dever do homem para com o seu semelhante. Será esse o único dever? O fato de termos respeitado a pessoa dos outros, sem constranger-lhes a liberdade, sem lhes sufocar a inteligência, sem maltratar-lhes o corpo, sem atentar contra sua família ou seus bens, poderemos dizer que tenhamos cumprido toda a moral para com eles? Está um infeliz sofrendo diante de nós. Ficaré satisfeita nossa consciência pela convicção de não termos contribuído para com os padecimentos dele? Não, algo nos diz que ainda é bom dar-lhe o pão, socorros, consolação... E, entretanto, esse homem que sofre, que vai morrer talvez, não tem o mínimo direito à mínima parte de vossa fortuna, embora imensa; e, se ele usasse de violência para vos arrancar um óbolo, cometeria uma falta. Aqui encontraremos uma nova ordem de deveres que não correspondem a direitos. O homem pode recorrer à força para fazer respeitar seus direitos, não pode impor a outrem um sacrifício, seja qual for. A justiça respeita ou restitui, a caridade dá. (COUSIN, 1848, p. 20)

E então Cousin conclui: “não se pode dizer que não haja obrigação em ser caritativo, mas cumpre que essa obrigação seja tão necessária, tão inflexível como a justiça”. Qual o móvel, então, da prática da caridade se ela não é lei, não se impõe como obrigação legal?

A solução está no alicerce mesmo da moral espiritualista racional, que é a *liberdade*. Estabelecer uma educação que torne ao próprio indivíduo, aconselhado por sua consciência, uma obrigação natural de promover uma igualdade de condições por meio da solidariedade, é a meta da reação espiritualista à sociedade fria e indiferente ao sofrimento alheio

consequente do materialismo. Conclui Cousin: “Para a justiça, a fórmula é clara: respeitar o direito de outrem. A caridade, porém, não reconhece regras, nem limites. Ultrapassa toda obrigação. Está sua beleza exatamente em sua liberdade”:

O verdadeiro mundo do homem é o da liberdade, e sua verdadeira história não é outra senão o constante progresso da liberdade, melhor e melhor compreendido e apreciado de geração em geração, e sempre se expandindo no pensamento do homem, até que, por época e época, vem aquela em que todos os direitos são conhecidos e respeitados, e onde, por assim dizer, a própria essência da liberdade se manifesta. (COUSIN, 1848, p. 52)

Presentemente, a orientação materialista de nosso cenário cultural confunde os conceitos de moral e de justiça, mantendo a relação entre os indivíduos nos limites dos direitos e das obrigações, deixando qualquer sacrifício em favor de alguém que sofre no campo da iniciativa pessoal. Ou seja, aquele que está abaixo da linha de pobreza, e são muitos, vive à custa do acaso e da boa vontade de alguns, isso se encontrar esses recursos, senão fica sujeito às mais cruéis formas de abandono e até mesmo à morte por fome ou frio.

Realmente, a caridade deve ser um ato livre, todavia é absolutamente indispensável educar a criança e o jovem quanto à necessidade de unir caridade e justiça se quisermos promover a evolução moral da humanidade. A caridade deve se tornar um ato social comum, para que a solidariedade vire um hábito natural da humanidade. O Espiritualismo Racional e o Espiritismo concorriam unidos para promover essa conquista durante o século 19, enfrentando gigantescas resistências.

Kardec perguntou aos Espíritos sobre aqueles que fazem uso dos bens da Terra para proporcionar a si mesmos o supérfluo enquanto a outros falta o necessário. É exatamente esse o mal maior do mundo. Em resposta, os Espíritos superiores ensinaram que os vícios levam à criação de necessidades irreais:

Olvidam a lei de Deus e terão que responder pelas privações que houverem causado aos

outros. Nada tem de absoluto o limite entre o necessário e o supérfluo. A Civilização criou necessidades que o selvagem desconhece e os Espíritos que ditaram os preceitos acima não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo, cabendo à razão reger as coisas. A Civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o *sentimento de caridade*, que leva os homens a se prestarem *mútuo apoio*. Os que vivem à custa das privações dos outros exploram, em seu proveito, os benefícios da Civilização. Desta têm apenas o verniz, como muitos há que da religião só têm a máscara. (KARDEC, [1860] 1995, p. 342)

O ato de caridade não se caracteriza pelo assistencialismo, como a simples esmola ou dar um prato de comida ao esfomeado, pois o simples fato de existir na sociedade alguém que precisa de uma esmola demonstra que a sociedade não está promovendo uma justiça equivalente à lei natural ou divina. Caridade é apoio mútuo. Pois, “condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente”. Então a esmola, segundo os Espíritos, é condenável? Não, eles afirmam, “o que é condenável não é a esmola, mas a maneira por que habitualmente é dada”. Aquele que bem compreende a caridade vai ao encontro do necessitado, não espera que lhe estenda a mão. Ou seja: “Uma sociedade que se baseia na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação. *Deve assegurar a existência* dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar à mercê do acaso e da boa vontade de alguns” (KARDEC, [1860] 1995, p. 408).

Qual o ponto alto da virtude, segundo o Espiritismo? “É a que se assenta na mais desinteressada caridade”, afirmam os Espíritos superiores.

Por outro lado, qual o sinal inequívoco da imperfeição moral? “O interesse pessoal, [...] o apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino” (KARDEC, [1860] 1995, p. 408).

A *caridade desinteressada* é justamente a proposta moral do dever, ato moral livre, consciente e voluntário. Independente de obrigação, livre de

castigos e recompensas, é a *moral autônoma*. Por meio dela, o objetivo do comportamento moral deixa de ser o interesse na salvação como promessa para a vida futura e passa a ser um instrumento para a regeneração da humanidade. Deixa de ser um meio para obtenção dos desejos pessoais e se torna instrumento da verdadeira justiça social.

Quem faz o bem para viver numa condição melhor após a morte não age por caridade desinteressada, mas faz o bem por cálculo, como um negócio. Age de uma forma bem diferente aquele que, tendo em vista corrigir seus defeitos e desenvolver suas virtudes para melhorar-se, faz, em consequência disso, o bem. Os Espíritos superiores explicam essa questão assim:

Procede como egoísta todo aquele que calcula o que lhe possa cada uma de suas boas ações render na vida futura, tanto quanto na vida terrena. Nenhum egoísmo, porém, há em querer o homem melhorar-se, para se aproximar de Deus, pois que é o fim para o qual devem todos tender. (KARDEC, [1860] 1995, p. 414)

Desse modo, é importante frisar que a meta do Espiritismo, como desenvolvimento do Espiritualismo Racional, é social. Pela caridade desinteressada, denuncia como egoísmo a moral proposta pelas religiões formais, que incitam os indivíduos a desesperadamente salvarem-se a si próprios, como se a vida fosse uma corrida na qual os perdedores merecem a condenação eterna aos sofrimentos, ou “fora da Igreja não há salvação”. O Espiritismo ressignifica o conceito desse termo, *salvação*, tirando-o do âmbito da *importância da personalidade* para a da *solidariedade plena*, por meio da caridade desinteressada, como solução para a transformação da humanidade. Por isso, no Espiritismo, afirma-se que “fora da caridade não há salvação”. Significa salvação para todos nós pelo *apoio mútuo*, como seres coletivos, e não para cada um, lutando por si mesmo.

## **A maior chaga da humanidade**

Mas como alcançar essa meta, resolvendo a questão social que aflige o

mundo, se cada um pensa só em si mesmo, num cotidiano egoísta?

A resposta dos Espíritos surpreende, pois revela que os homens são naturalmente inclinados para o ato solidário, e o egoísmo social está enraizado no hábito, nos costumes, nas instituições atualmente moldadas pelo materialismo:

O choque, que o homem experimenta, do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Notando que os outros pensam em si próprios e não nele, ei-lo levado a ocupar-se consigo, mais do que com os outros. Sirva de base às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensam. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contato. Em face do atual extravasamento de egoísmo, uma grande virtude é verdadeiramente necessária, para que alguém renuncie à sua personalidade em proveito dos outros, que, de ordinário, absolutamente lhe não agradecem. Principalmente para os que possuem essa virtude, é que o reino dos céus se acha aberto. (KARDEC, [1860] 1995, p. 420-1)

Olhando à nossa volta, vamos encontrar uma vida baseada na relação entre desejos, poder de compra e consumo. A questão do egoísmo está na medida do supérfluo e do privilégio de alguns tendo como contrapartida a exclusão social de grande parte da humanidade. Os que não são miseráveis vivem em função de apenas produzir e sobreviver. Comem, dormem e no resto do tempo são máquinas vivas, repetindo exaustivamente movimentos mecânicos, imersos nas fábricas.

O egoísmo é a maior chaga social, afirma Kardec, e é preciso combatê-lo do mesmo modo que se trata uma praga epidêmica que tenha tomado o mundo todo. E como proceder para eliminá-lo? Será preciso vasculhar instituições, costumes, meios de comunicação, em todos os povos e famílias, as causas perceptíveis ou ocultas que incitam e mantêm o sentimento do egoísmo. Mas, continua o professor, o mal será realmente atacado apenas se procurado em sua raiz, que é na *educação*. Exatamente a educação moral estabelecida no século 19 (pelo Espiritualismo Racional e ampliada pelo Espiritismo) e que deve ser recuperada – a moral do dever,

da caridade desinteressada, que leva em conta a perfeição divina e nossa meta em imitá-la. Moral fundamentada na psicologia espiritualista. No último século, toda preocupação girou em torno da inteligência e da habilidade motora para servir à indústria. Cabe agora completar a educação com a preocupação moral; como dever dos professores, dos pais, dos governos, das estruturas sociais, da mídia:

A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se apuram plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. Faça-se com a moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos. (KARDEC, [1860] 1995, p. 421-2)

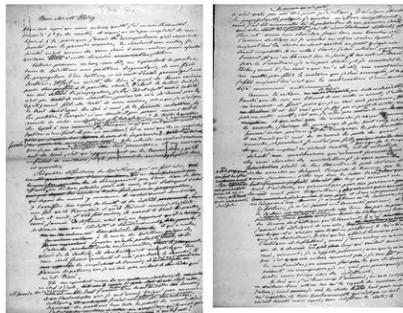
## **Allan Kardec foi um exemplo de caridade desinteressada**

Allan Kardec dedicou-se à Doutrina de forma intensa, quase absoluta, chegando mesmo ao desgaste de seu organismo pelo trabalho incessante. Quando percebeu o alcance dela, surpreendeu-se com a rápida propagação. Notou que estava participando de algo maior do que imaginava. Mesmo assim, não perdeu a simplicidade, e viu nos simples a parte mais fecunda de sua divulgação. Henri Sausse, que o conheceu pessoalmente, questionado sobre a austeridade de Kardec, explicou:

Erraria quem acreditasse que, em virtude de seus trabalhos, Allan Kardec devia ser um personagem sempre frio e austero. Não era assim. Esse grave filósofo, depois de discutir difíceis pontos da psicologia e da fisiologia transcendental, voltava a ser uma bela criança sorridente, esforçando-se por distrair os convidados que ele frequentemente recebia na Villa de Ségur. Gostava de rir de forma bela e franca, larga e comunicativa, possuía um talento todo particular em fazer os outros partilharem de seu bom humor. (REFORMADOR, 15 jan. 1897, p. 2)

Em suas obras, porém, sinalizou as perseguições e deslealdades que

enfrentou, também suas dificuldades, mas tornou pública apenas uma pequena parte. A realidade apresentada em sua correspondência, preservada por Canuto Abreu, revela uma verdadeira saga, luta intensa e diária, para tornar a Doutrina Espírita uma realidade, como realmente o fez. Ao mesmo tempo, jamais deixou de atender àqueles que o buscavam desejando as consolações propostas pelo Espiritismo, considerando essa uma tarefa sagrada. Por outro lado, evitou completamente qualquer participação em homenagens, banquetes, recepções e outras atividades sociais que considerava perda de tempo diante de tanta tarefa acumulada. Essa é a verdadeira história, ainda não contada, de Allan Kardec. Pioneiro que uniu teoria e prática da caridade desinteressada, em nome do Espiritismo.



Carta de Allan Kardec ao senhor Thiry (inédita)

<https://espírito.org.br/autonomia/carta-kardec-a-thiry/>

Numa carta inédita de 3 de maio de 1861, endereçada ao senhor Thiry, sócio ativo e participante da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – do qual temos notícia na *Revista Espírita* de 1859, quando sugeriu que o presidente da sessão lembrasse os nomes dos Espíritos sofredores que reclamam preces, para não os perder de vista, ideia que foi prontamente aceita –, ficamos sabendo o esforço de Kardec no exercício de sua pesquisa, pois, depois da sessão normal das sextas-feiras na Sociedade, quando esteve ao lado de Thiry, depois de conversarem, o amigo se foi, mas o professor

continuou o trabalho até tarde, para retomá-lo no dia seguinte, sábado: “Ontem de noite, depois que o senhor foi embora, ainda trabalhei até uma hora e meia da madrugada, o que não me impediu de levantar-me às cinco horas e meia, pois eu tinha cartas a expedir pelo primeiro correio. E ao escrever aos outros, veio-me a ideia de lhe escrever também para ajuntar algumas reflexões à nossa última conversa”.

Thiry lhe falara sobre alguns indivíduos reprovarem Kardec afirmando ter ele tomado no Espiritismo uma posição dogmática, como se fosse pregador de um sistema próprio, por si mesmo promulgado. Ao que o professor respondeu:

É preciso estar bem carente de boas razões para dizer tais coisas. Não imponho minhas ideias a ninguém. Por que aqueles que criticam o que injustamente chamam de meu sistema não fazem outro melhor? Primeiro, a doutrina de que me fiz o propagador, tenho dito e repetido à saciedade, não é invenção de meu cérebro, será que não tenho o direito de ter ideias minhas, de as formular e publicar?

Kardec reflete que esses pretensos defensores do Espiritismo, no entanto, não abandonam seus interesses para empreender tão difícil trabalho, apenas o agridem, sem nada apresentar. Ele continua, então, afirmando:

Singulares defensores do Espiritismo que não fazem nada, que não se arredariam um só instante de seus afazeres pessoais ou de seus divertimentos por sua causa. E que atiram contra aquele que, desde anos, a ela exclusivamente consagra seu tempo, a ela sacrifica seu repouso, sua saúde e seus interesses! Ainda uma vez, trabalhem e estudem, como tenho feito dia e noite, e se fizerem melhor, terão o direito de falar, nunca, porém, de difamar aquele que, admitindo-se que se engane, se dedica com sinceridade e desinteresse, e vem prestando à causa do Espiritismo serviços que só uma parcialidade invejosa pode desconhecer. Se isso os impede de dormirem, terão que se armar de paciência, pois ainda não cheguei ao fim da tarefa que me foi traçada.

Em alguns momentos de sua trajetória, o casal Rivail teve o trabalho da esposa, Amelie Boudet, como provedora, para que o marido pudesse dedicar-se exclusivamente à Doutrina, como ele mesmo relata. O pioneiro, em suas palavras, demonstra as qualidades fundamentais para qualquer um que deseje se tornar divulgador do Espiritismo, seja médium, palestrante,

organizador de casa espírita. Todos eles devem estudar profunda e incessantemente, para tratá-lo com propriedade. Em absolutamente nada custear suas necessidades, direta ou indiretamente, em função do Espiritismo, qualquer necessidade própria deve ser custeada por seu trabalho particular. Abstrair-se de personalismo, pois qualquer mérito vem de quem a produziu, os bons Espíritos. Entre os espíritas, somos todos apenas estudantes, sem exceção.

Kardec, munido de modéstia e reclusão naturais de sua personalidade afeita a poucas necessidades, jamais procurou notoriedade, como confessa particularmente ao amigo Thiry, em sua missiva íntima:

Não procurei a popularidade, visto que me quis apagar completamente, mas devo reconhecer que desde a publicação de meus primeiros escritos isso não foi possível, fui imediatamente difundido, e veio gente procurar-me até em meu eremitério da Villa de Ségur onde queria retirar-me e viver ignorado. Hoje, as coisas chegaram ao ponto de me ser impossível me pôr de lado, fui arrastado pela torrente que se aumenta de dia a dia, meu rumo está pois traçado pela Providência, não posso me desviar dele e eu morrerei na minha tarefa. Mas, se eu der crédito ao que me foi dito, mesmo minha morte não porá fim à missão que devo cumprir, e o que faço hoje não é senão a continuação duma obra já iniciada anteriormente.

Kardec não separou a Teoria Espírita da sua prática, na análise de sua própria tarefa. Pois não esteve nela por acaso. Participara dessa construção em vidas passadas, e a continuaria após a morte, pois o Espírito é imortal, e cada um é afeito ao que se dedica, no decorrer do tempo. Não se improvisa tão grande missão.

Além de receber críticas de se pôr à frente demais, outros o acusavam de arrogância, porque não ia visitar ninguém. E então ele explica, em sua carta:

É bem verdade que faço poucas ou quase nenhuma visita, mas por outro motivo. É que não me sobra tempo para isso. Por outro lado, recebo muita gente. Pessoas da mais alta classe me têm honrado com sua presença e seus testemunhos de benevolência, só dependeria de mim abrir-me as portas da alta sociedade e, no entanto, não o tenho feito, porque o tempo que teria gasto em cerimônias inúteis teria subtraído aos infelizes que vêm diariamente à minha casa em busca de consolações. Confesso-lhe que o prazer de lhes restituir a paz de espírito e os arrancar do

destempero sobreleva de muito o gozo frívolo de ser recebido nos salões dourados.

Que melhor definição prática do ato moral do dever poderia ser feita? Agir sem esperar recompensa, abandonar as questões de personalidade para agir livremente sanando a dor do próximo. Oferecendo o consolo, a explicação que faz a dor diminuir, tratando do sofrimento da alma que é o primordial, antes mesmo do pão material. É a justa continuidade da proposta de Jesus quanto ao alimento da alma. Por outro lado, a felicidade da alma em servir está numa classe superior de sentimentos, própria da vida espiritual, em contraste com os prazeres do mundo, vinculados à vida animal. Mas Kardec ainda completa seu raciocínio afirmando:

Ora, a propaganda que fazem os aflitos consolados é a mais persuasiva, porque vai ao coração, muito mais do que a curiosidade satisfeita. Os que me vêm ver, ao demais, não vêm pela minha pessoa, mas pelo Espiritismo, e me repugnaria impor-me a eles. Como não ambiciono nem horarias nem fortuna, nada tenho a pedir para mim, e a Doutrina Espírita caminha bastante bem por sua própria força e por sua infiltração nas massas, sem ter precisão do socorro da intriga que a tisnaria. Nunca fui intrigante em minha vida, e não é professando o Espiritismo que me tornarei tal. Sei que se obtém muito pela intriga e pela adulação, mas eu prefiro não ter nada, a ficar devendo algo a esse preço. Aqueles que quiserem vir a mim, venham, não chamo ninguém. Aqueles que não vierem, é porque isso não lhes convém. Não quero, pois, constrangê-los. Ora, como as pessoas de boa vontade não faltam, não vejo por que iria perder meu tempo com indiferentes.

Kardec faz de seu exemplo pessoal o próprio roteiro da divulgação espírita. Não se faz proselitismo por ela. Vem ao Espiritismo aquele que o busca em interesse de sua própria instrução. Sua propaganda é natural, pela força de sua racionalidade e pelos benefícios de sua moral transformadora, moral da liberdade, do dever, da autonomia. A maior força do divulgador do Espiritismo está em seu absoluto desinteresse, garantia de total desprendimento, livre de assédios, pois absolutamente nada espera em troca, mas apenas ser útil, por algo que não lhe pertence. Por fim, não se cria nem se responde a controvérsias, intrigas, armadilhas do mau debate. A todas essas provocações, a melhor resposta é o silêncio, guardando o precioso tempo para os de boa vontade. Pois, quanto maior a obra, maiores

serão os ataques sofridos, como explica Kardec em continuidade:

Sei que tenho muitos inimigos, ninguém se põe jamais em evidência sem atrair sobre si os olhares dos invejosos e dos cobiçosos. Mas vejo as coisas de bastante alto para não me inquietar com os murmúrios que não deixam um só instante de turbar o meu repouso. Minha indiferença os irrita, gostariam que os considerasse à parte, mas tenho outras coisas mais úteis a fazer. Eu os lastimo por se atormentarem por tão pouca coisa.

Jamais tendo tratado de si mesmo em suas obras, nas suas cartas reservadas sua personalidade surge grandiosa e por inteiro, livre das amarras das convenções metodológicas de sua escrita formal, e ciente da intimidade que pode usufruir na conversa com amigos íntimos. Kardec definiu o verdadeiro espírita como cristão, pois foi exatamente isso que ele foi. Isso ressurgiu não por sua própria revelação, visto que sua modéstia sincera não o permitiria, mas ressalta naturalmente de seus diálogos fluentes, em milhares de cartas encontradas recentemente, e que virão integralmente a público, completando as obras da Doutrina Espírita. Sua biografia deverá ser completamente reescrita, por documentos de próprio punho.

E, então, Allan Kardec conclui suas considerações a Thiry:

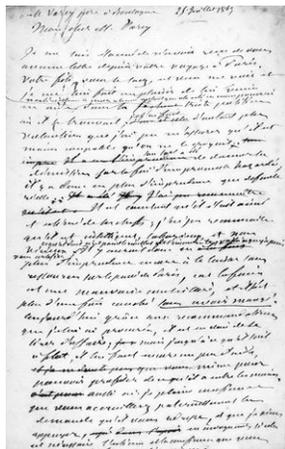
Eis aí, caro senhor, minha profissão de fé, cabe-lhe considerar se a julga digna de um homem que vê no Espiritismo uma coisa sagrada. Sua propagação rápida, que ultrapassa minhas esperanças e para a qual creio ter contribuído um pouco, paga-me ao cêntuplo miseráveis cavilações da malevolência que, por falta de melhores, se apegam a questiúnculas de palavras e nomes, como se uma crença que toca os mais graves interesses da humanidade não estivesse acima de semelhantes puerilidades. Seu bem afetuoso e atento amigo, Allan Kardec.

O professor fala ao amigo, colega pesquisador da Sociedade Parisiense, mas suas palavras ecoam em nossos dias, atuais e necessárias. O movimento espírita, desatento ao propósito primeiro do Espiritismo, perde-se na discussão de minúsculas questões e palavras, deixando passar ao largo os princípios revolucionários e transformadores da Doutrina, considerada sagrada por seu pioneiro. A mensagem fundamental da autonomia intelecto-

moral ficou esquecida, recoberta por arremedos dogmáticos das ideias de castigo, culpa irremissível, Espíritos imperfeitos vistos como demônios, a vida após a morte materializada à semelhança dos paraísos e infernos. Restabelecer a Doutrina em sua originalidade é tarefa urgente, empreendida com total desinteresse, a serviço daqueles que de boa vontade a procuram.

## O verdadeiro e sincero auxílio

Outro episódio fortuito aclara a forma de Allan Kardec lidar com a prática espírita, que foi a constante tarefa de sua vida desde que a iniciou. Em 1863, Kardec recebeu o filho do senhor Varey, da cidade de Boulogne, que fica no departamento de Vendeia, 400 km distante de Paris. Seu filho, de mesmo nome, ao enfrentar dificuldades, procurou Kardec em sua casa. Ele escreve ao pai do rapaz, em 25 de julho daquele ano, informando:



Carta do senhor Varey

<https://espirito.org.br/autonomia/carta-kardec-a-varey/>

Estou admirado de não haver recebido nenhuma carta sua desde sua viagem a Paris. Seu filho, como sabe, me veio ver e foi um prazer poder ir em auxílio dele material e moralmente tanto quanto estava em meu poder na triste situação em que ele se encontrava.

Mas Kardec não se deteve apenas em prestar todo o auxílio necessário e, mesmo com tempo disponível diminuto, foi investigar os antecedentes e circunstâncias da vida do rapaz, para tratá-lo com particularidade,

segurança e conhecimento de causa. Continua:

E o fiz não só de boa vontade como porque me assegurei que ele é menos culpado do que se acreditava. O erro dele foi demitir-se, confiante em promessa problemática, houve mais imprudência que falta real. É sem dúvida que ele era estimado dos chefes. Pude verificar que ele é inteligente, laborioso e sem vícios. O que houve não é absolutamente o resultado de mau comportamento, eis o que pude constatar. Seria, pois, imprudência maior deixá-lo sem recurso na rua em Paris, porque a fome é má conselheira e por mais de uma vez ele dormiu *sem ter comido nada*.

Kardec frisou a condição de necessidade do rapaz que acolheu para alertar o pai em seu apelo. Como podemos deduzir da narrativa, ocorreu um julgamento precipitado, ao qual o pai deu ouvidos, abandonando o filho à própria sorte. O que fez Kardec? Procedeu como de seu hábito, investigou, buscou depoimentos, viu os fatos por outros ângulos, dialogou com testemunhas, construiu assim um retrato fiel da personalidade e dos verdadeiros fatos. De culpado merecedor de castigo, o jovem estava, na verdade, perdido, precisando de ajuda de alguém mais experiente. Em sua simplicidade, e podemos abstrair, mesmo honrado, enfrentou a fome e o desamparo em seus limites. Mas não parou por aí o auxílio consciente de Kardec, e ele continua narrando ao pai:

Hoje, graças às recomendações que eu lhe proporcionei, ele está em vias de soerguer-se, mas, até que possa vir à tona, ele precisa ainda de um pouco de auxílio, mesmo para poder aproveitar o que tem em mãos.

Kardec o orientou a reencontrar um caminho adequado, provendo às primeiras necessidades materiais. E, por fim, apelou ao coração do pai, que estava agindo com dureza excessiva:

Assim, estou confiante. Também tenho plena confiança que o senhor acolherá paternalmente o pedido que ele lhe envia, e que venho apoiar, invocando, se preciso, a estima e a confiança que o senhor tem a bondade de testemunhar-me.

Seguro da integridade dos propósitos do jovem rapaz, que, enfim, estava amadurecendo com os desafios com os quais se deparou, Kardec interveio junto ao pai, provendo antes a necessidade imediata e intermediando a

reconciliação. Essa, enfim, é a verdadeira caridade, que podemos aprender lendo obras como *O Evangelho segundo o Espiritismo*, mas aqui se aprende com o exemplo da vida real. Há, sem dúvida, naquela obra consoladora, muitos dos ensinamentos dos Espíritos, mas certamente aquele livro de esperanças foi escrito debaixo de lágrimas, nas lembranças dos casos reais vivenciados por seu autor.

O professor Rivail não foi, revelam suas cartas, um homem de gabinete; enganaram-se os biógrafos carentes de fontes primárias para narrar sua vida íntima. Sua vida foi um semear tanto de palavras quanto de atos de benevolência, dando não só credibilidade, mas um difícilíssimo exemplo a ser seguido por quem quer que deseje divulgar sua obra. O exercício do auxílio espírita aos necessitados, sejam deste mundo, entre os desvalidos nas ruas, quanto aos Espíritos imperfeitos que procuram os trabalhos mediúnicos, requer tal complexidade. É preciso conquistar a intimidade, investigar os antecedentes e particularidades, dedicar-se como se deve fazer a um filho estimado, investigando as verdadeiras causas do infortúnio. Depois é preciso ser indulgente e acolhedor. Perdoando infinitamente e abrindo os braços de forma convidativa e afável; apontando o caminho da recuperação, sempre aberto e renovado, a cada passo, por Deus. Permitir que o indivíduo reconstrua o seu caminho é o exercício pleno da autonomia moral, do dever transformador, da caridade desinteressada.

## **Uma virada autoritária, ou a união do clero e do ditador**

Paira uma grande dúvida: por que a moral do dever, ensinada em universidades, escolas normais e nos colégios, foi abandonada completamente, se era o mais forte instrumento para regenerar a Humanidade?

Em poucas palavras, a Igreja via na proposta da doutrina liberal – de uma liberdade ampla, descentralizadora, da responsabilidade moral independente de intermediário, de uma relação com Deus confiante, baseada na justiça para todos – o esvaziamento de seu poder, de sua pregação exclusivista. Nessa condição, o lema “fora da Igreja não há salvação” cai por terra e, com ele, os privilégios e a fortuna do clero.

Os governos autoritários, por sua vez, precisam de um povo submisso, calado. Controlar a imprensa, o agrupamento, dividir para governar.

Por fim, a comunidade científica desejava livrar-se da incômoda metodologia da introspecção, e da alma como objeto de pesquisa científica. Desejava recuperar o estudo do ser humano para o campo da fisiologia, como era nos tempos do materialismo no começo do século 19.

Fanatismo, ditadura e materialismo, essas três poderosas forças lutaram contra o Espiritualismo Racional e o ensino das ciências filosóficas. E como vamos ver, em parte e por enquanto, acreditam ter vencido sua batalha.

Segundo Victor Cousin, a moral teórica e prática ensinada nos liceus e escolas franceses não derivava de uma “filosofia pura”, mas da “filosofia relacionada com a sociedade”, com o objetivo de formar “mentes fortes e honestas”, ensinando as verdades necessárias ao homem e à sociedade em toda parte: a espiritualidade da alma, a liberdade do homem, a lei do dever, a distinção entre vício e virtude, mérito e demérito e a “Providência divina com suas promessas imortais”. Essas verdades não eram propriedade de nenhum sistema particular. De fato, para cumprir sua missão de servir à religião e à sociedade, “não deve repousar sobre os dogmas particulares de qualquer culto reconhecido; pois, caso contrário, não serve a todos, serve apenas a um; aplica-se a um determinado segmento de juventude e não é feito para toda a sociedade”. A verdadeira religião unida à verdadeira filosofia encontra guarida no pensamento liberal do século. Assim sendo, a universidade estava sendo atacada, afirmou Cousin, porque era “acima de

tudo uma grande instituição moral e política” (COUSIN, 1844, p. 67, 81, 83).

E a força dos ataques da porção conservadora e retrógrada da sociedade, tanto religiosa quanto materialista, seria um sinal de que a filosofia espiritualista estava no caminho certo! Afinal, por seus representantes, a Igreja condenou e perseguiu as ideias liberais, o progresso social e até mesmo o pensamento científico. Seu ideal utópico estava na restauração do velho mundo, com todo o seu poder, preconceitos e privilégios. Desse modo, para Cousin e muitos outros, uma filosofia moral com o objetivo de unificar a França e equilibrar sua sociedade deveria necessariamente manter-se independente do dogma católico.

Guizot, Cousin e Jouffroy haviam organizado uma estrutura forte e homogênea de educação pelas ciências filosóficas, desde a formação superior nas universidades, nas escolas normais primárias, dedicadas à formação dos professores, e no ensino secundário, onde os jovens aprendiam a moral da liberdade.

A Igreja não ficou sem reação. Desejava reaver o controle sobre a educação das crianças e jovens e considerava a filosofia espiritualista uma ameaça. Inicia-se uma campanha determinada que durou dez anos e em cuja fachada se inscreveu “liberdade de educação”, mas nos bastidores estavam o clero católico e seu plano de dominação, numa verdadeira guerra pelo poder.

Um aparente acaso, muitas vezes, acende o estopim de uma revolta reprimida. Em 23 de fevereiro de 1848, ocorria uma manifestação popular pedindo que uma festa recebesse a iluminação pública das ruas. Entre os manifestantes, uma tocha foi jogada contra um guarda. Teve início um fuzilamento, deixando dezenas de mortos no Boulevard des Capucines.

Na revolução que se seguiu, viram-se barricadas nas ruas, operários, jovens, mulheres, todos juntos lutando contra o retrocesso. Uma terrível

violência tomou as ruas de Paris. O povo ficou chocado com o sangue derramado, enquanto os proprietários permaneceram aterrorizados com o espectro revolucionário. Por seus interesses comuns, os conservadores buscaram o convívio com os católicos, também dos liberais, para afastar o perigo do socialismo. Os professores públicos, treinados nas escolas normais, propondo as ideias de liberdade de consciência, moral do dever, livre pensamento, conquistas sociais, logo foram acusados como responsáveis pela agitação revolucionária popular, e também de serem anticlericais.

O presidente eleito após a revolução, Luís Napoleão Bonaparte, nomeou Alfred de Falloux, um conservador realista, como ministro da Instrução Pública para alterar a ordem das coisas. Suas intenções eram claras quanto à restauração do catolicismo no âmbito escolar. Basta observar em suas *Memórias* (COUDRAY, 2016) o lema que adotou: “Deus na educação. O papa à frente da Igreja. A Igreja à frente da civilização”.



Alfred de Falloux

Em 1849, Falloux instituiu uma comissão para preparar uma reforma legislativa da educação primária e secundária. Pela universidade, estavam Cousin e mais alguns, mas a maioria era católica, como o arcebispo de Paris, abade Dupanloup e o futuro bispo de Orléans. O objetivo era recolocar a Igreja no domínio da educação. O deputado católico Charles de Montalembert descreveu o controle dos espiritualistas a partir da universidade como um “comunismo intelectual”, sistema pior que o do “Antigo Regime”, e afirmou que seria preciso promover a “liberdade da

educação”.



Victor Hugo

Em 1850, Victor Hugo, amigo de Cousin, e que anos depois pesquisaria os fenômenos espíritas, durante os debates, pronunciou um marcante discurso (HUGO, 1933), do qual destacamos os seguintes trechos:

“Para mim, o ideal dessa questão é a educação gratuita e obrigatória, direito da criança. Regulamentada pelo Estado, partindo da escola da cidade, subindo até o Collège de France, subindo ainda mais até o Instituto. Os portões da ciência abertos a todas as inteligências. Nem uma comunidade sem escola, nem uma cidade sem faculdade. A escala do conhecimento humano colocada na sombra das massas mais profundas e terminando na luz. O coração das pessoas se comunicou com o cérebro da França!

[Grande aplauso toma o salão, seguido de gritos prolongados de bravo.]

É assim que compreendo a educação pública nacional, dando a todos os melhores mestres, um modelo de ciência liberal, enfim, quero a liberdade de educação. Mas também quero o Estado secular, exclusivamente secular. Ele só é e só pode ser laico. Não proponho no conselho superior nem bispos, nem representantes de bispos. Tenho a intenção de manter, mais profundamente do que nunca, a separação antiga e salutar entre a Igreja e o Estado, para o bem dos dois.

[Aplausos!]

Disse o que gostaria, agora vou dizer o que não quero. Não quero essa lei trazida por vocês. Por quê? Porque ela é uma arma. Arma na mão do partido clerical. Rejeito o projeto! Não que eu queira proscriver a educação religiosa. Há um infortúnio no nosso tempo, dando ao homem como único objeto a vida material, e o peso insuportável do nada. A educação moral é necessária. Desejo com ardor inexprimível melhorar nesta vida a condição material dos que sofrem. Nosso dever é lutar e destruir a miséria. A lei do mundo material é o equilíbrio, e a do mundo moral é a equidade.

E então Victor Hugo dirige sua palavra a François-Victor Rivet, bispo de Langres, líder do partido católico, exclamando:

Eu desconfio de você. Educar é construir, mas eu desconfio do que você constrói. Não quero

lhe confiar o ensino da juventude, o futuro da França, pois confiá-los a você seria entregá-los. Você forja uma corrente enquanto exclama, aqui está a liberdade! É a ideia da escravidão sob a máscara da liberdade. Vocês são os parasitas, a doença da Igreja.

Uma agitação toma o ambiente. Mas Victor Hugo continua resolutos. Descrevendo longamente os desvios, desastres, abusos, a luta contra o progresso e liberdade, a verdadeira história do clero. Em meio ao tumulto causado na sala de debates, com todos agitados, ouvindo aplausos e reprovações, Victor Hugo conclui: “Repito com profunda tristeza, pois eu odeio catástrofes e destruições. Eu lhe aviso, você que não quer progresso. Você terá revoluções! Para os tolos o suficiente para dizer: a humanidade não caminhará para a frente, Deus responde por meio da terra que treme!”.

Longos aplausos dos liberais, uma multidão cerca-o ao descer da tribuna, parabenizando-o, tomados de profunda emoção.

Entretanto, a Assembleia Legislativa preferiu dar ouvidos ao católico Montalembert, que disse: “Seremos engolidos se não pararmos imediatamente com o atual comércio de racionalismo e demagogia, e isso só será possível com a ajuda do clero”. Para ele, essa lei é fundamental, e, “contra o exército de professores desmoralizadores e anárquicos, devemos opor a legião de sacerdotes” (MICHEL, 1879, p. 55). Por 399 votos contra 237, a Lei Falloux foi adotada em 15 de março de 1850. A universidade deixou de orientar as escolas. O primeiro artigo instituiu um conselho superior dominado pelos bispos. Os párocos não precisavam mais de diploma para lecionar, apenas de suas cartas de obediência. As associações religiosas ganharam o direito de criar escolas, fiscalizadas pelos próprios sacerdotes.

O pior, no entanto, ainda estava por vir. Por um golpe de Estado do sobrinho de Napoleão, o império foi proclamado em 2 de dezembro de 1851, dissolvendo a Assembleia Constituinte. Luís Napoleão promoveu massacres e deportações sob as bênçãos do clero. Os bispos clamaram de seus púlpitos: o homem preparado por Deus chegou! No dia seguinte,

Hippolyte Fortoul foi nomeado ministro da Marinha e também da Instrução Pública e Religião. Imediatamente, ele aboliu o mandato dos professores de filosofia. Considerados inimigos, dispensou da universidade Victor Cousin, Jules Simon e Jules Michelet. Tomou o controle da Escola Normal, afastando os professores liberais e republicanos e os alunos que foram contrários ao golpe.



Charles-Louis Napoléon Bonaparte (1808-1873)

Ainda, em nome da ditadura, Fortoul extinguiu o ensino das ciências filosóficas. Substituiu os tratados de filosofia espiritualista por instruções de lógica simples, afirmando: “esses manuais excitam a curiosidade questionadora dos alunos e depois os frustram”. Passou a controlar o conteúdo das aulas na universidade. Tendo se tornado ministro em uma época em que o governo precisava da ajuda da Igreja e Napoleão III queria um acordo com a Santa Sé, Fortoul precisava poupar as influências clericais e ultramontanas. Assim, quando havia um conflito entre um professor e um padre, o ministro sempre dava razão ao segundo. Removeu professores judeus e protestantes das escolas secundárias. Acima de tudo, estava o regime ditatorial.

Em janeiro de 1852, depois de ficar a favor da resistência ao golpe que iniciou o Segundo Império sob Napoleão III, Victor Hugo viveu dezoito anos no exílio. Em seus escritos, chamava o imperador de “o pequeno”.

Décadas depois, o psicólogo francês Théodule-Armand Ribot (1839-1916), quanto à extinção do ensino da psicologia e demais ciências filosóficas, escreveria: “Toda a liberdade de ensino foi impedida, sob

suspeita de tendências revolucionárias. Este sono durou doze anos” (RIBOT, 1877). Quando o ensino da filosofia foi restituído, em 1863, por um novo ministro do ditador, Duruy, o cenário cultural era outro, o estudo do ser humano retornara à fisiologia, sob o comando de acadêmicos materialistas:

Os Espíritos dos homens e as circunstâncias tinham mudado completamente [...]. O positivismo, que até aqui crescera em silêncio, estava organizado, reuniu membros e tornou-se a filosofia dos homens de ciências assim como o ecletismo havia se tornado a dos homens de letras. (*Ibidem*)



Théodule-Armand Ribot

Ribot, que lecionou na Sorbonne e ocupou uma cadeira de psicologia no Collège de France, defendia a criação de uma nova psicologia na França, baseada nos empiristas, como Taine, Stuart Mill, Spencer, sobre o qual afirmou: “Eu declaro que é uma das obras mais originais e mais interessantes que conheço, é a psicologia estudada à maneira positiva, ou seja, abstraindo da questão da substância e se apoiando na fisiologia” (NICOLAS, 2005, p. 12).

Ribot foi o defensor de uma nova psicologia na Universidade Sorbonne, combatendo o Espiritualismo Racional, que, para ele, seria “uma doutrina sem originalidade, estando absolutamente distante das descobertas científicas”. Sua oposição a Maine de Biran, Cousin e Jouffroy é completa, considerando que a psicologia francesa teve a má sorte de cair nas mãos de metafísicos por tanto tempo, sendo uma concepção bastarda que deverá apodrecer em suas contradições:

A psicologia que se trata aqui será puramente experimental: ela só terá por objeto os fenômenos, suas leis e suas causas imediatas; ela não se ocupará nem da alma nem de sua essência, pois esta questão está acima da experiência e fora da possibilidade de verificação, pertence à metafísica. (RIBOT, 1870, p. 29)

A nova psicologia implantada por Ribot será sem alma, pois, segundo ele, o psicólogo deve renunciar à metafísica.

Está bem claro que Ribot retomou o projeto materialista e reducionista dos ideólogos, como Condillac e Destutt de Tracy. Em sua época, Paul Janet ainda lutava para manter a escola espiritualista, entre outros pensadores conscientes da importância da alma para a compreensão integral do ser humano. Mas suas observações ficaram esquecidas ou silenciadas, como Claude Bernard (1813-1878), importante médico e fisiologista daquele tempo, considerado o criador da medicina experimental, afirmou:

A fisiologia, destinada a explicar os fenômenos da vida, constitui uma ciência intermediária, que tem suas raízes nas ciências físicas da natureza, e eleva seus ramos até as *ciências filosóficas* do espírito. Parece, portanto, naturalmente destinada a formar o traço de ligação entre as duas ordens da ciência, tendo seu sólido ponto de apoio nas primeiras, e dando às últimas o suporte que lhes é indispensável. É por isso que o progresso rápido e brilhante da fisiologia contemporânea estimula um interesse geral. [...] Por esse motivo, acredito que podemos concluir que não há realmente nenhuma linha de separação a ser estabelecida entre fisiologia e psicologia. (BERNARD, 1869, p. 7 e 23)

Como constatamos, a psicologia experimental espiritualista e as ciências filosóficas nela fundamentadas foram abolidas. Isso ocorreu, porém, não por uma revolução científica legítima, no confronto dos paradigmas espiritualista e materialista. Na ciência, deve ser pela força das ideias, capacidade de resolver anomalias, explicando mais amplamente os fatos. Todavia, a retirada das ciências filosóficas do sistema educacional francês foi por um ato ditatorial, controverso, eivado de interesses políticos e financeiros e de poder que não pertencem à questão científica.

## **O livre pensamento**

Uma maioria imensa, os espiritualistas encontravam oposição de uma pequena parte da sociedade devotada ao ceticismo, fiel à concepção do nada como futuro do ser após a morte. Todavia, uma diminuta comunidade científica detinha o controle da produção do conhecimento sobre as leis naturais nas ciências exatas, reduzindo-o aos limites dos sentidos. Isso porque, enquanto os professores e pesquisadores da área de humanas adotavam o paradigma espiritualista para as suas pesquisas, parte daqueles dedicados às ciências naturais adotava o materialismo como princípio fundamental de suas teorias. E, então, Kardec pergunta: “com que direito vos atribuí o monopólio da razão? Quereis, dizeis, emancipar nossas ideias em nos impondo as vossas?”. E retoricamente responde:

Mas não nos ensinai nada; sabemos o que sabeis; cremos sem restrição em tudo o que credes: na matéria e no valor das provas tangíveis, e mais do que vós: em alguma coisa fora da matéria; numa força inteligente superior à Humanidade; em causas inapreciáveis pelos sentidos, mas perceptíveis pelo pensamento; na perpetuidade da vida espiritual que limitais à duração da vida do corpo. Nossas ideias são, pois, infinitamente mais amplas do que as vossas; ao passo que circunscreveis vosso ponto de vista, o nosso abarca os horizontes sem limites. Como aquele que concentra seu pensamento sobre uma ordem determinada de fatos, que coloca assim um ponto de parada aos seus movimentos intelectuais, às suas investigações, talvez pretender emancipar aquele que se move sem entraves, e cujo pensamento sonda as profundezas do infinito? Restringir o campo de exploração do pensamento é restringir a sua liberdade, e é o que fazeis. (KARDEC, [RE] 1867, p. 26)

Com o advento do despotismo de Napoleão III, a situação política da França mergulhou no autoritarismo, censura, vigilância policial, condições características de um regime ditatorial.

A exclusão da educação moral pela ditadura implantada na França, que até então se encontrava em pleno desenvolvimento pelo Espiritualismo Racional, foi causa de grande dispersão no ambiente educacional. Muitos livre-pensadores exilados continuaram a trabalhar por suas ideias em outros países. Nas cadeiras de filosofia e letras, alguns professores continuaram a atender o pensamento espiritualista racional em suas pesquisas. Os pensadores dos ideais libertários que permaneceram em seu país

compreenderam que enfrentar o poder não faria vingar os melhores frutos. Assim, nos anos 1850 e 1860, exatamente o período de florescimento do Espiritismo, os espiritualistas encontraram na imprensa, nas letras e nas artes em geral os meios para se expressar, difundir entre as massas o pensamento espiritualista, com vistas a regenerar a humanidade. Havia um anseio pela fé racional, um cenário perfeito para as ideias espíritas. Allan Kardec definiu essas circunstâncias como extremamente favoráveis e as soube identificar nas mais diversas manifestações culturais, fosse nas letras, nos palcos, em salas de música ou folhetins lidos nos cafés, distribuídos nas esquinas. Tudo tinha valor para infundir nas massas novas ideias:

Foi, pois, nesse momento, que veio resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritualismo o caráter positivo único que convém à nossa época. Milhares de órgãos traçaram-lhe, e lhe traçam ainda, o caminho, semeando por todos os lados as ideias que professa; não se creia que isso esteja ocorrendo somente por obras sérias, lidas por um pequeno número de eruditos! Notai quanto, sob uma forma leve, a do romance ou do folhetim, os pensamentos espíritas são abundantes neste momento: por aí eles penetram por toda a parte, mesmo entre aqueles que menos pensam neles; são tantos germes latentes que eclodirão quando a grande luz lhes tiver vindo, porque estarão familiarizados com as ideias novas. (KARDEC, [RE] 1863, p. 196)

Um dos caminhos de sucesso foi a publicação de obras filosóficas que se tornaram populares, como as de Jules Simon, que, dando continuidade a Victor Cousin, ocupou sua cadeira na Sorbonne, mas, dias depois do golpe que constituiria o Segundo Império, discursou em sua aula: “Senhores, aqui estou dando uma palestra sobre moralidade. Não darei hoje uma lição, mas um exemplo. A França será cobrada dos eventos atuais. Devemos aprovar ou acusar?”, e então concluiu: “Caso haja um só voto de reprovação, venho dizer publicamente que será meu”. No dia seguinte foi demitido e impedido de discursar novamente na Escola Normal. Mas continuou sua oposição ao Império publicando *Le Devoir (O dever)*, em 1854, causando forte impacto. Seguido de *La Religion naturelle (A religião natural)*, 1856), *La Liberté de conscience (A liberdade de consciência)*, 1857), *La Liberté (A liberdade)*,

1859). Suas conferências eram concorridas, foi o primeiro liberal a se interessar pela questão dos trabalhadores, denunciando o abuso em obras populares de divulgação das ideias progressistas. Em 1848, ajudou a fundar a Sociedade Democrática dos Livres-Pensadores (Société Démocratique des Libres Penseurs), suprimida com o golpe de Estado de 1851.

O mesmo caminho foi seguido por Paul Janet, que escreveu uma extensa bibliografia, traduzida para várias línguas, inclusive português, como *La Famille: leçons de philosophie morale* (*A família: lições de filosofia moral*, 1855), *Éléments de morale* (*Elementos de moral*, 1866), *Traité élémentaire de philosophie, à l'usage des classes* (*Tratado elementar de filosofia*, 1884). Também Jouffroy e Marin Ferraz (professor da Faculdade de Letras de Lyon), que formavam uma segunda geração de espiritualistas, promoveram ideias que abriam caminho para a chegada do Espiritismo.

Há uma importante questão a ponderar quanto ao alcance do plano educacional de Victor Cousin e seus pares. Apenas uma minoria tinha acesso aos liceus e escolas, menos ainda os que alcançavam a universidade. Os estudos filosóficos destinavam-se à classe média. Havia interesse e esforço para levar os benefícios do Espiritualismo Racional às massas, mas de forma limitada. Foram publicados pequenos tratados para ensinar ao povo, como um resumo da *Profissão de fé do vigário de Saboia*, por Rousseau, precedido de uma introdução sobre filosofia popular. Ensinavam-se os princípios básicos do Espiritualismo, uma filosofia natural alcançável por todos: que o homem tem uma alma distinta do corpo e não é parte comum do mundo, pois é livre; que o homem, pelo pensamento, abarca a imensidão e a eternidade e, pelo coração, pode amar os outros, a pátria e a humanidade; que pode distinguir o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, e também o bem e o mal, e sua virtude o remete ao poder divino. O mundo infinito foi criado por Deus, causa primeira, mas Deus não se reduz ao mundo, pois tem a perfeição da justiça, do amor e da inteligência. Cousin

almejava levar ao povo uma filosofia que o protegesse dos venenos do materialismo e do ateísmo, permitindo identificar a demagogia, oferecendo verdades saudáveis e luzes pacíficas.

Apesar dos tempos sombrios da ditadura que se instalou na França, a opressão fez brotar os sonhos mais lúcidos. Mentres brilhantes foram em busca do ideal, almejando a superação de todas as injustiças e mazelas de um mundo em ruínas. A saída estava na plena confiança no ser humano, no potencial de suas faculdades psicológicas. Caminhavam resolutos em direção da luz, por meio de frestas abertas na obscuridade da ignorância, mantida pela opressão de alguns. Oportunidade conquistada pelas letras, artes, educação popular e acesso à cultura. Sem desigualdades ou preconceitos, valorizando as diferenças. Muitos desses mensageiros da liberdade vão se aproximar de Allan Kardec, secundando a causa espírita, como George Sand, Eugène Sue, Lamennais, Lacordaire, Chopin, Balzac, Victor Hugo, entre tantos outros, encarnados ou em espírito. O que há de mais sublime na arte é a diversidade e a liberdade de expressão. Agindo assim, o artista abre sua alma à inspiração, refletindo em sua obra a verdade que toca o coração de quem a aprecia, infundindo-lhe os princípios da liberdade, como explica George Sand:

O homem sempre procurou com sofrimento a verdade absoluta, que ele sente, mas nunca chegou a encontrar em si mesmo na condição de indivíduo. A verdade é o objetivo de uma busca pela qual todas as forças coletivas de nossa espécie não são o suficiente; e, entretanto, erro estranho e fatal, desde o momento em que um homem de alguma capacidade empreende essa investigação, ele deseja interditá-la aos outros e dar como única verdadeira aquela descoberta que ele acredita ter alcançado. A própria busca pela lei da liberdade serve de alimento ao despotismo e à intolerância do orgulho humano. Triste loucura! Se as sociedades não puderam ainda livrar-se disso, que ao menos as artes se libertem de tal despropósito e encontrem a vida na independência absoluta da inspiração. (SAND, 2017, p. 446)

O professor Rivail, em sua carreira como homem de cultura, valorizava o teatro, a música e todas as manifestações das letras em prol do progresso moral. Soube se cercar de apoios, fossem filósofos, cientistas, moralistas,

industriais ou artistas.

Lida e citada diversas vezes por Allan Kardec, George Sand adotou o pseudônimo em sacrifício para ser ouvida, em meio ao nevoeiro preconceituoso machista, que reconhecia na mulher capacidade e talento em defender ideias pelas letras. Amandine Aurore Dupin nasceu baronesa, foi criada por freiras, mas alimentou sua imaginação extraordinária com as obras de Rousseau, enxergando um mundo novo. Inicialmente dedicada aos caminhos políticos do liberalismo em sua luta pela emancipação da mulher e pela solidariedade humana, “Será que ainda era católica no momento em que, depois de ter reservado, como que por instinto, Jean-Jacques para o prato principal? [...]. O Espírito da Igreja não estava mais presente em mim; talvez jamais tenha estado”. No lugar de uma religião dogmática e formal, numa trajetória própria de seu tempo, Sand despertou sua religiosidade natural, no caminho da liberdade:

O espírito liberal tornava-se para mim sinônimo de sentimento religioso. Nunca esquecerei, jamais posso esquecer, que o elã cristão me compeliu resolutamente, pela primeira vez, ao campo do progresso, do qual não sairia mais. [...] a liberdade nacional, sem a qual não há como esperar nem fraternidade nem igualdade, sem dúvida eu a compreendia muito bem, e contestá-la, para mim, seria o equivalente à teoria da pilhagem, à proclamação ímpia e cruel da lei do mais forte. (SAND, 2017, p. 311)

Para Sand, a ideia de progresso se ampliava para além dos limites humanos, surgindo como lei da natureza. Ela compreendia a evolução da alma desde o mineral, passando pelo vegetal e animal, despontando no ser humano, cogitando as diversas vidas como solução filosófica. Atenta e profunda, fugia da unanimidade, que impossibilitava a diversidade, adequada e necessária. Encontrou apoio nas artes, fossem romances, folhetins, pintura, música, teatro. Apoiou artistas, como Chopin e Delacroix, com os quais não separava criatividade, paixão e liberdade. Mas, sobretudo, tolerância: “Convém dizer aqui que nossa filosofia deveria proporcionar, a nós outros que nos aplicamos em ser progressistas, o progresso de uma

certa tolerância. Na arte, na política e, em geral, em tudo aquilo que não é ciência exata”, e amplia suas ideias organizando os conceitos espiritualistas racionais de *o verdadeiro, o bom e o belo*:

Existe apenas uma verdade na arte, o belo; uma só verdade na moral, o bem; não mais que uma verdade na política, o justo. Mas, quando almejamos colocar cada um no quadro de onde pretendemos excluir tudo aquilo que, segundo nosso ponto de vista, não é justo, foge ao bem e ao belo, estreitamos ou deformamos a tal ponto a imagem do ideal que nos encontramos fatal e infelizmente quase sozinhos em nossa opinião. O quadro da verdade é mais vasto, sempre mais vasto que qualquer um de nós pode imaginar. (SAND, 2017, p. 472)

A arte deve desenvolver as qualidades de sentimento das coisas superiores para elevar e ampliar a sensibilidade dos leitores, pensava George Sand, pois somos seres entre o infinito e o finito, e este último não se demonstra, afirma, “procura-se por ele, e o belo é sentido mais na alma na qual ele não se estabelece por regras”, escreveu em sua bela autobiografia, da qual recomendamos com entusiasmo a leitura. Ela viu a fragilidade da saúde e a inocência que debilitavam o gênio do polonês Chopin, preocupado com a liberdade de seu povo, mas com profunda capacidade de expressar essa luta em melodias, o que ampliaria o alcance de seu sentimento para o mundo. Viveu pouco e morreu triste, inconformado. Sua obra, pouco extensa, está entre as mais belas já ouvidas. Allan Kardec conversou com o espírito do músico após a sua morte, ouvindo dele a seguinte confissão, afirmando ser um pouco mais feliz do que era em vida:

Kardec – A felicidade que não tem agora espera tê-la um dia?

Chopin – Seguramente, isso virá, mas serão necessárias novas provas.

K. – Mozart disse que você está sombrio e triste; por que isso?

C. – Mozart disse a verdade. Eu me entristeço, porque empreendi uma prova que não conduzi bem, e não tenho mais a coragem para recomeçá-la.

K. – Como aprecia as suas obras musicais?

C. – Eu as estimo muito, mas entre nós faz-se melhor; sobretudo, executa-se melhor; têm-se mais meios.

K. – Quais são, pois, os seus executantes?

C. – Temos, sob nossas ordens, legiões de executantes que seguem nossas composições com mil vezes mais de arte do que nenhum dos vossos; são músicos completos; o instrumento do qual se servem é sua garganta, por assim dizer, e são ajudados por instrumentos, espécies de órgãos de uma precisão e de uma melodia que pareceis não dever compreender. (KARDEC, [RE] 1859, p. 83)



Honoré de Balzac

O contraste entre uma educação dogmática e as ideias liberais espiritualistas abriu novos caminhos filosóficos para Sand, que via as vidas sucessivas como condição para o desenvolvimento moral, aproximando-se das ideias espíritas. Foi o que Allan Kardec percebeu ao encontrar a reencarnação em suas obras, “uma das mais célebres romancistas”, como também em Balzac, Victor Hugo, que, por sinal, formavam um só círculo de amizade em Paris. Desenvolve Sand, com o coração livre do horror da dúvida, com grande lucidez, conquistando por sua razão os mesmos ensinamentos que dariam os Espíritos superiores para Kardec. Uma longa citação que não ousamos abreviar:

Se não devemos aspirar à beatitude dos Espíritos puros da região das quimeras, se devemos sempre entrever além dessa vida um trabalho, um dever, provações e um organismo limitado em suas faculdades face a face com o infinito, pelo menos nos é permitido, por meio da razão, e nos é orientado, pelo coração, contar com uma sequência de existências progressivas proporcionais às nossas boas intenções. Os santos de todas as religiões que nos clamam, desde a mais longínqua antiguidade, a nos desprender da matéria para nos elevarmos na hierarquia celeste dos Espíritos não nos enganaram quanto à base da crença admissível à maneira da razão moderna. Hoje pensamos que, se somos imortais, isso só é possível sob a condição de ganharmos continuamente novos órgãos para completar nosso ser que provavelmente não tem o direito de tornar-se um espírito puro; mas podemos considerar esta terra como um lugar de

passagem e contar com um despertar mais doce no berço que nos aguarda alhures. De mundos em mundos, podemos, livrando-nos da animalidade que aqui na terra combate nosso espiritualismo, nos tornar aptos a vestir um corpo mais puro, mais apropriado às necessidades da alma, menos atacado e menos estorvado pelas enfermidades da vida humana à qual estamos submetidos aqui. E, com certeza, a primeira de nossas aspirações legítimas, visto que é nobre, é de encontrar nessa vida futura a capacidade de recordar até certo ponto nossas existências precedentes. Não seria tão agradável rememorarmos todos os detalhes, todos os desgostos, todas as dores. A lembrança desta nossa existência atual quase sempre é um pesadelo; mas os pontos luminosos e culminantes de salutarens provas em que triunfamos seriam uma recompensa, e a coroação celestial dessa nova vida seria o abraço em nossos amigos que deveremos reconhecer e que, por sua vez, sem dúvida nos reconhecerão. Oh, que momentos de suprema alegria e de inefáveis emoções quando a mãe voltará a encontrar seu filho e os amigos poderão rever os dignos objetos do seu amor! Amemo-nos nesse mundo em que vivemos agora, nós que ainda estamos aqui, amemo-nos com santidade suficiente para que nos seja permitido nos reencontrarmos em todas as praias da eternidade, com o êxtase de uma família reunida depois de longas peregrinações. (SAND, 2017, p. 636-7)

Costumeiramente, Allan Kardec trocava cartas com uma senhora perseverante na defesa e na divulgação do Espiritismo na imprensa, por meio de artigos publicados por ela em jornais, além de recolher recortes de publicações de cultura geral quando encontrava neles temas espíritas, enviando-os a Kardec. Numa carta inédita de 26 de dezembro de 1865, Allan Kardec agradece-lhe pelos artigos de defesa e por um resumo de uma obra de George Sand: “Recebi suas duas cartas, uma contendo o trecho do romance *Mademoiselle La Quintinie*, de George Sand. [...] Eu já conhecia essa passagem que você cita de *La Quintinie*, é puro Espiritismo, como fazem muitos escritores mesmo não sendo espíritas, porque George Sand não é, que eu saiba”.

Kardec já havia citado esse trecho de *La Quintinie* em 1863, ano de lançamento da obra, que antes fora publicada em seis partes na *Revue des DeuxMondes* (*Revista dos Dois Mundos*). Logo no prefácio, Sand repreende a Igreja pelo dogma que força o povo a “acreditar no diabo e no castigo eterno do inferno”, considerando essas figuras absurdas formas de dominação pelo medo. Suas ideias sobre a vida após a morte eram outras,

absolutamente equivalentes à Teoria Moral Espírita. O livro foi colocado no índice de livros proibidos da Igreja. Em 1872, a autora adaptou esse romance ao teatro, tendo sua estreia programada para o Teatro Odeon em Paris. Apesar de acolhida com entusiasmo, a peça foi proibida por ser anticlericalista, e nunca foi representada. O trecho publicado por Kardec, no qual o padre Honoré Lemontier é repreendido pelo jovem Emile, é o seguinte:

Qualquer que seja, no entanto, a vossa sorte entre nós, vereis clarear um dia além do túmulo, e como não creio mais nos castigos sem fim, quanto nas provas sem frutos, vos anuncio que nos reencontraremos em alguma parte onde nos entenderemos melhor em lugar de nos combatermos; mas, não mais do que vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. Creio que expiareis o endurecimento voluntário de vosso coração por grandes dilaceramentos de coração em alguma outra existência. Não teríeis, no entanto, senão que reentrar no caminho direto da felicidade progressiva, porque estou certo de que se pode tudo resgatar desde esta vida. A alma humana está dotada de magníficos poderes de arrependimento e de reabilitação. Isto não é contrário aos vossos dogmas, e vossa palavra de contrição disse muito. (KARDEC, [RE] 1863, p. 196)

Dando continuidade aos esforços dos espiritualistas racionais primeiramente no projeto educacional da França, foi natural a aproximação ao conceito da reencarnação, agora divulgado nas artes, na imprensa e na cultura em geral, ampliando a reação espiritualista para atingir as grandes massas populares. O Espiritismo não só participa desse movimento social, como também o impulsiona, explica Kardec:

O princípio da pluralidade das existências se encontra agora numa multidão de escritores, e daí em todas as bocas; de sorte que se pode dizer que está na ordem do dia, e tende a tomar lugar entre as crenças vulgares, embora, em muitos, preceda o conhecimento do Espiritismo; é uma consequência natural da reação espiritualista que se opera neste momento, e à qual o Espiritismo vem dar um poderoso impulso. (*Ibidem*)

Além dos mencionados, também podemos citar, entre os que lutavam pela difusão do Espiritualismo, Jean Reynaud, Pierre Leroux, o poeta Henri Heine, Alfred de Musset, Lacordaire, Théophile Gautier, Gustave Flaubert e Liszt. Só de aludir aos amigos e conhecidos de George Sand, podemos

imaginar a explosão de criatividade e esperança de que se revestiu o entorno de Kardec. É significativo que quase todos esses nomes viessem a estar presentes nas páginas da *Revista Espírita*, sejam citados ou participando, deste ou do outro mundo.



Hughes Félicité Robert de Lamennais

É surpreendente saber que uma mulher de tão ricas ideias como George Sand tenha ficado acanhada ao ser convidada a passar alguns dias com Lamennais (1782-1854) no retiro em La Chenaie. Esse revolucionário sacerdote, após a sua morte, poucos anos depois, voltaria como espírito da codificação espírita, desempenhando fundamental papel. Sand relata suas reminiscências desse valoroso encontro:

Que faria por lá, eu, tão insegura, tão calada, tão sem graça! Ousar pedir-lhe uma hora do seu tempo precioso, isso já era muita coisa, e em Paris concedera-me algumas delas; mas tomar-lhe dias inteiros do seu tempo, isso não me atrevi a aceitar. Estava errada a esse respeito, não o conhecia em toda a sua bondade, em toda a sua bonomia, como vim a conhecê-lo mais tarde. Temia a tensão contínua de um espírito elevado que eu não teria condições de acompanhar, e o mais modesto dos seus discípulos teria sido mais competente do que eu para sustentar um sério diálogo com ele. Não sabia que ele adorava repousar na intimidade dos árduos trabalhos da inteligência. Ninguém conversava com tanto desembaraço e tanta animação sobre todo e qualquer assunto corriqueiro do dia a dia de todos. Aliás, o trato e a conversa desse excelente homem imprimiam grande leveza no espírito dos seus interlocutores. Era possível diverti-lo e entretê-lo com um nada. Qualquer besteira, qualquer criancice eram suficientes para fazê-lo cair na risada. [...] na vida do ser humano, o riso de um homem de bem é como o canto de sua consciência. As pessoas alegres de verdade são boas o tempo todo, e ele era justamente a prova disso. (SAND, 2017, p. 549)

Lamennais tentou exercer sua função de sacerdote e defender a fé dogmática, mas, mergulhando nas entranhas da Igreja, identificou no clero

os desvios doutrinários, interesses materiais, afastando-a do ideal de liberdade de Jesus. Foi privado do sacerdócio. Em seguida, sem medo de mudar suas ideias, comandado pelo coração, fez das letras a defesa dos simples, escreveu *Paroles d'uncroyant (Palavras de um crente)*, obra após a qual ele foi para a prisão, com o objetivo de determinar as condições gerais da solução do problema do futuro do povo:

A sociedade deve-lhe a liberdade legal, a instrução necessária ao desenvolvimento da inteligência, o alimento do espírito, o capital que lhe assegurará real e não ficticiamente a propriedade do seu trabalho. Eis o que ela lhe deve, o que ela pode dar-lhe, mas não lhe pode dar senão isso. O resto depende do povo mesmo, só dele. Meios de instrução não são instrução, é preciso que ele a adquira por um labor contínuo, incessante. [...] O bem que se quer, o bem que por certo se realizará a despeito das resistências egoístas, não se realizará, pois, senão com a ajuda do tempo, por um movimento gradual que é o do progresso em todas as coisas, o movimento mesmo da via, sua expansão no Universo. (LAMENNAIS, 1965, p. 153)

Depois de enumerar as tarefas da sociedade para executar o progresso, Lamennais se dirige diretamente aos proletários, aos homens do povo, e alerta-os para guardarem-se “dos sistemas enganadores que vos desviarão das vias naturais, providenciais, divinas: longe de aliviar seus males, eles os agravariam”. Mas os que violarem por seu egoísmo as leis divinas, alerta, encontrarão na própria violação sua inevitável punição. E conclui dizendo: “se a igualdade implica a liberdade, é inseparável dela, a liberdade não implica menos a dedicação mútua, a fraternidade, não é menos inseparável dela” (*Ibidem*).

Após seu feliz regresso<sup>38</sup> ao mundo dos Espíritos, Lamennais dá os braços aos elaboradores da codificação, auxiliando Kardec em suas pesquisas, esclarecendo no que sabe. Em 1862, alertando por uma mensagem mediúnica sobre o fanatismo materialista que atacaria o Espiritismo pelas armas modernas do ridículo, trocando a ameaça pelo riso sarcástico, repaginando suas palavras em vida, afirmou:

A juventude compreenderá facilmente as três palavras mágicas: Liberdade, Igualdade,

Fraternidade. Quanto aos sectários, estes não são mais a temer, porque são sempre os mesmos, apesar de tudo; aqueles podem fazer o mal algumas vezes, mas são coxos, contrafeitos, velhos e rabugentos; ora, vós que passais na fonte de Juventude, e cuja alma reverdece e rejuvenesce, não os temais, pois, porque seu fanatismo os perderá a si mesmos. (KARDEC, [RE] 1862, p. 83)

Lamennais deixou amigos contagiados por suas ideias libertárias, que continuaram a divulgação em Paris. O jornalista e editor Louis Jourdan (1810-1881), de uma escrita grandemente apreciada, deu continuidade a suas lutas pela liberdade e autonomia, em oposição a qualquer tipo de opressão; como editor do jornal *Le Siècle (O Século)*, destinado a defender as ideias liberais e anticlericais, tornou-se republicano e opositor ao regime de Napoleão III, que permitiu sua continuidade por sua visibilidade em toda a Europa. Sua tiragem foi crescente desde sua fundação em 1836, atingindo 35 mil exemplares, tornando-se o mais influente diário francês da época.

Jourdan via na educação o meio para construir uma nova sociedade, dizia que “abrir uma escola hoje é fechar uma prisão em vinte anos”. Era comum levantar-se de madrugada para escrever um artigo, quando acordava inspirado. Em 1862, escreveu um de suas mais influentes obras, *Les Femmes devant le scaffaud (As mulheres diante da guilhotina)*, narrando as virtudes daquelas que tombaram diante do Terror. Em sua teoria, as mulheres são superiores aos homens em bondade e sabedoria. E sua emancipação depende, principalmente, de livrá-las da opressão, principalmente da Igreja, que tem o interesse de mantê-las numa espécie de infância para, ao submetê-las, dominar toda a sociedade.

Louis Jourdan encontrou pela primeira vez George Sand em 1843, quando ela morava num apartamento na praça de Orléans, na rua Saint-Lazare. Morava com os filhos, auxiliava Chopin com paciência e dedicação, conta Jourdan: “Corrigimos, eu e ela, as provas do primeiro livro de poemas do poeta-pedreiro Charles Poney, que ela patrocinou. Nesse lar modesto, os nomes mais ilustres da literatura eram anunciados. Ela foi sempre afetuosa,

simples, boa e dedicada, dizia: ofereço caridade para com os outros, e peço para mim dignidade!”. Sobre a ligação de George Sand com Alfred de Musset (1810-1857), testemunhou que se amavam e sofriam juntos, “diversamente privilegiados, ele caprichoso e extravagante, ela calma, forte, gênios antípodas” (JOURDAN, 1861, p. 317). E, quando descobriu o amor, o poeta confessou seus sentimentos: “viver, sim, sentir fortemente, profundamente que existimos, que somos homens criados por Deus. Aí está o primeiro, o maior benefício do amor. Oh, Deus, de que se lamentam os homens?” (MUSSET, 1959).

Doente, incompreendido, abandonado, Musset morreu em 1857. Dois anos depois ditava sua primeira poesia mediúnica, publicada por Allan Kardec:

“As tristezas da vida,  
Elas são, portanto, grandes o suficiente,  
para que seu coração olvida,  
um dia nas fileiras da frente,  
Pelo preço de seus pesares,  
teu Espírito depurado  
terá as felicidades  
do império elevado?” (KARDEC, [RE] 1859, p. 3).<sup>39</sup>

Alfred de Musset compareceu a diversas sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em certa ocasião, em 1860, Allan Kardec aproveitou sua presença para lhe fazer algumas perguntas:

Kardec – Qual será a influência da poesia no Espiritismo?

Musset – A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as feridas; a poesia foi dada ao homem como um maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou sobre a Terra para regenerar um pouco o seu povo, e não deixá-los embrutecer inteiramente; porque, o que há de mais belo! O que fala mais à alma do que a poesia!

K. – A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia, foram alternativamente influenciadas pelas ideias pagãs e cristãs; quereis nos dizer se, depois da arte pagã e da arte cristã, haverá um dia a

arte espírita?

M. – Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se verme de seda, depois borboleta. O que há de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! A arte pagã é o verme; a arte cristã é a crisálida; a arte espírita será a borboleta.

Por fim, uma jovem, estranha à sociedade, perguntou ao poeta: Qual é a influência da mulher no décimo nono século?

M. – Ah! É o progresso; e é um jovem que propõe esta questão, é belo, sou muito amador, para não me dignar responder-lhe, e estou seguro de que todos aqui o desejam também. A influência da mulher no décimo nono século! Credes que ela haja esperado essa época para vos ter todos no esquecimento, pobres e fracos homens que sois? Se tentastes depreciá-la, foi porque tivestes medo; se tentastes abafar a sua inteligência, foi porque temestes a sua influência; não há senão seu coração no qual não pudestes colocar obstáculos, e como o coração é o presente que Deus lhe fez em particular, ele permaneceu senhor e soberano. Mas eis também que a mulher se fez borboleta: ela quer sair de sua crisálida; ela quer reconquistar os seus direitos, todos divinos; como aquela, se lança na atmosfera e dir-se-ia que respira o ar do seu justo valor. Não credes que com isso quero fazer eruditas, letradas, mulheres de poemas; não, mas eu quero, se quer aqui, no mundo em que habito, que aquela que deve elevar a Humanidade seja digna de seu papel; se quer que aquela que deve formar os homens, comece a conhecer a si mesma, e, para infiltrar-lhe, desde a juventude, o amor do belo, do grande, do justo, é necessário que ela possua esse amor em um grau superior; é necessário que ela o compreenda; se o agente educador por excelência é reduzido ao estado de nulidade, a sociedade cambaleia; é o que deveis compreender no décimo nono século. (KARDEC, [RE] 1860, p. 266)

Desde *O Livro dos Espíritos*, a emancipação das mulheres está definida entre os fundamentos da Doutrina Espírita. Em 1868, Kardec a definiu com absoluta clareza:

Dissemos e repetimos, muitas vezes, a emancipação da mulher será a consequência da difusão do Espiritismo, porque ele funda os seus direitos, não sobre uma ideia filosófica generosa, mas sobre a própria identidade da natureza do Espírito. Provando que não há Espíritos homens e Espíritos mulheres, que todos têm a mesma essência, a mesma origem e o mesmo destino, ele consagra a igualdade dos direitos. A grande lei da reencarnação vem, além disso, sancionar este princípio. Desde que os mesmos Espíritos podem se encarnar, tanto homens quanto mulheres, disto resulta que o homem que se serviu da mulher poderá ser servido a seu turno; que, assim, trabalhando pela emancipação das mulheres, os homens trabalham para a emancipação geral, e, conseqüentemente, em seu proveito. As mulheres têm, pois, um interesse direto na propagação do Espiritismo, porque ele fornece, em apoio à sua causa, os mais poderosos argumentos que se tenham ainda invocado. (KARDEC, [RE] 1868, p. 85)

Algumas gerações foram educadas pelo Espiritualismo Racional, estudaram a psicologia conhecendo-se como alma encarnada, apreciaram uma educação que promove o controle da própria liberdade como fundamento da moral, despertaram a razão aprendendo a aprender e uniram a caridade como complemento da justiça para regenerar a humanidade. O Espiritismo surgiu durante uma ditadura que temia a liberdade por ser o antídoto de suas injustiças. Mas o talento, a esperança e a criatividade souberam manter a esperanças e deixar os fochos de luz de um futuro melhor iluminar a França e o mundo, pela qualidade dos versos, pelas linhas melódicas, por cenas e relatos, espargindo às massas sementes de esperança.

## **Allan Kardec e a imprensa progressista francesa**

Entre os livres-pensadores, nos tempos de Allan Kardec, havia duas classes distintas: os incrédulos e os que tinham fé raciocinada. Em 1867, ele vai abordar o surgimento de um jornal, *La Libre Conscience* (*A Livre Consciência*), para o qual ser livre-pensador era “subordinar a crença à razão e se libertar do jugo da fé cega”, recebendo a crítica do jornal *La Libre Pensée* (*O Livre Pensamento*), para o qual a liberdade significa “não somente crer naquilo que se quer, mas não crer em nada: é se libertar de todo freio, mesmo do medo de Deus e do futuro”. No número 2, de 28 de outubro de 1866, esse segundo publicou:

As questões de origem e de fim preocuparam até aqui a Humanidade, a ponto, frequentemente, de perturbar sua razão. Estes problemas que se qualificaram de terríveis, e que cremos de importância secundária, não são do domínio imediato da ciência. [...] ela nos basta, e não tentaremos completá-la por argúcias metafísicas. O nosso objetivo é, aliás, de não nos ocuparmos senão dos assuntos abordáveis pela observação [...]. Um novo jornal, *A Livre Consciência*, nossa primogênita de alguns dias, [...] não estaremos sempre em “completa afinidade de ideias”. Nós, depois da leitura de seu primeiro número, disto estamos certos; não compreendemos mais a livre consciência do que o livre pensamento com um limite dogmático assinalado antecipadamente. (KARDEC, [RE] 1867, p. 23)

Kardec, examinando o programa do jornal *O Livre Pensamento*, viu, entre as ciências assinaladas, a filosofia. E, então, lembra que essa palavra “implica, por sua própria essência, pesquisas e estudos que não são exclusivamente materiais”. Dessa forma, o livre pensamento é “livre exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; ele simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física”. Quanto às restrições dos materialistas, o professor conclui: “Seguramente não contestamos aos incrédulos o direito de não crer em nada senão na matéria, mas convir-se-á que há singulares contradições em sua pretensão de se atribuir o monopólio da liberdade de pensar” (KARDEC, [RE] 1867, p. 26).

O jornal *O Livre Pensamento*, ao qual Kardec se referiu, era dirigido por Émile F. Désiré Eudes (1843-1888), um médico materialista, revolucionário francês. Rejeitou a ditadura de Napoleão III, acreditava na luta armada e foi um dos líderes da Comuna de Paris em 1870. Condenado à morte, escapou para a Suíça e depois para Londres.

Por sua vez, o jornal *A Livre Consciência* deu prosseguimento, em 1866, ao órgão mensal *Aliança Religiosa Universal*, dirigido por Henri Carle, um continuador do Espiritualismo Racional de Victor Cousin que em seu jornal divulgava as ideias de Kant, Rousseau, Lamennais, Leroux, com temas filosóficos, científicos, literários, propondo uma religião e uma moral naturais. Na mesma época, o jornal *A Solidariedade*, também dirigido por espiritualistas racionais, publicava matérias que se aproximavam do Espiritismo, chegando a reconhecer que ambos estavam propondo as mesmas consequências morais, reconhecendo, como Kardec, “que a distância que o separa ainda de nós é pouca coisa: não é senão o fato material das relações diretas entre o mundo visível e o mundo invisível” (KARDEC, [RE] 1868, p. 154), não as admitindo, mas também não negando.

Fica claro quanto a época de Kardec difere da polarização que vai ocorrer no século 20, quando o materialismo se tornará dogmático, defendido por dois lados opostos: os conservadores aliados à Igreja e os materialistas comunistas. Na época de Kardec havia um terceiro caminho, o Espiritualismo Racional, também presente na imprensa, defendendo as propostas progressistas, ao qual o Espiritismo uniu esforços.

O mais lido e conceituado jornalista na época do Espiritismo era, sem dúvida, Louis Jourdan. Suas ideias eram transformadoras, ele enxergava mais longe, acreditava no ser humano e em sua perfectibilidade. Desse modo, traçava planos para uma vida melhor, fundamentada na solidariedade. Incentivava a mobilização popular para alcançar seus objetivos comuns e lutava sempre pelas mulheres, contra a exploração dos trabalhadores, pela liberdade de crença, por uma instrução para todos e pela educação moral pelo Espiritualismo Racional. Por outro lado, combatia todos os desmandos, abusos e dominações, inclusive da Igreja e seu clero.

Suas bandeiras sociais coincidiam absolutamente com o pensamento de Allan Kardec, que, logo em 1858, lhe escreveu uma carta inédita, junto com os seus primeiros livros e os últimos números de sua revista. Já havia por diversas vezes caminhado até a rua Richelieu, na sede do jornal *Le Siècle*, para encontrá-lo, sem sucesso. Desejava convidá-lo para uma reunião realizada em sua casa, na rua dos Mártires, 8, às 20 horas, para assistir a um médium de estranhas faculdades. Fica à disposição, também, para maiores desenvolvimentos num encontro pessoal, quando, afirma Kardec: “ficarei encantado de conversar com o senhor”, pois o Espiritismo “é toda uma ciência moral, filosófica e social, é a demonstração patente de todos os abusos que o senhor combate todos os dias com tanto talento”.

Se o senhor está ainda na dúvida a respeito de certos fenômenos, seus artigos, que leio todos os dias com renovado prazer, me provam que estamos mais perto de nos entendermos, talvez, do que o supomos, diante das consequências sociais que dele decorrem, [...] um homem tão lógico como o senhor não pode rejeitar sem exame o novo apoio que se apresenta.

Allan Kardec não só lia com prazer, mas também guardava cuidadosamente os recortes de jornais, sendo o *Le Siècle*, editado por Jourdan, o mais citado em todos os anos da *Revista Espírita*. A partir das notícias, artigos e citações, Kardec desenvolvia os temas, evocava os Espíritos envolvidos, depois associava a eles os ensinamentos dos Espíritos. Em 1861, ele publica o artigo “Sr. Louis Jourdan e *O Livro dos Espíritos*”. O jornalista escrevera alguns textos sobre o Espiritismo. Revela ainda não conhecer mais profundamente os fenômenos e deixa claro que rejeita somente a fé cega, que aceita as comunicações sem raciocinar: “Não tenho nenhuma repugnância em admitir essas influências, essas inspirações, essas revelações, se quereis. O que rejeito absolutamente é que, sob o pretexto de revelação, venham me dizer: Deus falou, portanto ide vos submeter” (KARDEC, [RE] 1861, p. 73). Para Kardec, Jourdan “é de um certo peso, porque se sabe que ele não fala levemente e por falar, ou enche colunas com palavras, sua opinião é sempre conscienciosa”. Finaliza a sua resposta

declarando: “Todo homem que quer verdadeiramente o progresso não pode, pois, permanecer indiferente a uma das causas que mais devem para isso contribuir, e que prepara *uma das maiores revoluções morais* que a Humanidade tenha sofrido ainda” (KARDEC, [RE] 1861, p. 75-6).

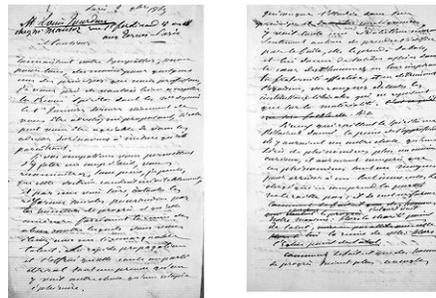
No ano seguinte, Kardec encontra na obra *Les Prières de Ludovic (As preces de Ludovic)*, de Louis Jourdan, publicada em 1849, um raciocínio propondo as vidas sucessivas. Diante de uma mulher que dirige blasfêmias a Deus diante de seu filho morto, ouve uma voz que lhe diz:

Ó mulher! Por que está xingando? Mãe, por que negar a bondade daquele que continuamente dá vida a todos e a cada um? Por que negar a sua justiça? Seu filho está morto! Mas quem te disse, pobre mãe! Que, nos desígnios eternos do rei da misericórdia, esta morte não é retidão e bondade? Chora, mãe! Mas respeite a vontade de Deus; Senhor! Você fala de inocentes atingidos e justos que sucumbem! Mas quem é justo e inocente, senão Deus? Você acredita que a morte é um castigo; Eu digo que ela é uma recompensa! Mãe! Seu filho tinha vivido antes de nascer; Ele ainda vive hoje. Você sabe que existência ele tinha atravessado no seio de Deus antes do amor universal teria animado ele em seu ventre materno? Quem vos diz que as tristezas que esgotaram o seu pobre corpo durante estes dias de angústia não são, para vós e para ele, a consequência de uma vida anterior, ou a preparação para uma nova vida, um encontro mais duradouro das vossas duas existências? Cessar tão blasfemo, Ó mulher! E seque seus gritos! (JOURDAN, 1849, p. 76)

Os pensamentos espíritas e as ideias libertárias de Jourdan se aproximam evidentemente, pouco faltando à convicção. Nessa mesma obra, o jornalista assegura: “Para mim, eu confesso, creio, mas creio firmemente, creio com paixão, como se acreditava nas épocas primitivas, que cada um e cada um de nós prepara hoje sua transformação futura, do mesmo modo que nossa existência atual é o produto de existências anteriores” (JOURDAN, 1849, *apud* KARDEC, [RE] 1862, p. 253).

Numa nova carta inédita a Louis Jourdan, em 2 de novembro de 1863, oferecendo uma assinatura gratuita da *Revista Espírita*, afirmando que nela o editor iria encontrar exatamente os mesmos temas sociais e psicológicos, as lutas contra o clericalismo, a defesa das ideias progressistas defendidas em seu jornal. Diz Kardec que, lendo a coleção dessas revistas, ele:

Reconhecerá sem dificuldade, que a Doutrina Espírita conduz inevitavelmente, e por via segura, *a todas as reformas sociais perseguidas pelos homens progressistas* e que ela acarretará forçosamente a ruína dos abusos contra os quais o senhor se insurge com notável talento. A rápida propagação do Espiritismo e o pavor que ele causa ao partido clerical são prova de que nele se vê outra coisa que efêmera utopia. Quem quer que estude o princípio e as conseqüências da Doutrina Espírita, nela verá completa revolução moral [...] inspirando aos homens a fraternidade efetiva e destruindo-lhes o egoísmo, *verme roedor de todas as instituições liberais* que repousam apenas na materialidade”.



Carta de Allan Kardec a Louis Jourdan

<https://espirito.org.br/autonomia/carta-kardec-a-jourdan/>

Todos os ingredientes do Espiritualismo Racional e ação social defendidos por Jourdan e seus pares estão presentes nessa síntese excelente de Allan Kardec.

Pouco tempo depois, Allan Kardec vai receber uma carta de Louis Jourdan em resposta aos seus apelos. Dias depois, outra carta inédita de Kardec dará continuidade à correspondência entre os dois: “Venho um pouco tardiamente, mas sem que houvesse negligência voluntária de minha parte, agradecer-lhe sua gentil e bondosa carta. Eu já conhecia suas simpatias pelos nossos princípios espíritas”. Jourdan expressa algumas dúvidas quanto às comunicações espíritas, e Kardec continua: “o senhor diz que me ficaria grato se lhe desse uma explicação sobre tal assunto. Como isso seria muito extenso para uma carta e, ao demais, serviria apenas para um leitor, preferi dá-la no número da *Revista Espírita* que o senhor vai receber”. Então completa: “Quanto ao pedido que o senhor me faz de expor

na *Revista Espírita* algumas de suas opiniões pessoais sobre a Doutrina, acedo com boa vontade, porque sei de antemão que suas críticas não serão o fruto de uma hostilidade sistemática, preconcebida e maldosa”.

O artigo ao qual Kardec se referiu, endereçado a Louis Jourdan, foi publicado como abertura da *Revista Espírita* de dezembro de 1863, com o título “Utilidade do ensino dos Espíritos”. E assim começa:

Um publicista distinto, pelo caráter do qual professamos a mais profunda estima e cujas simpatias foram adquiridas pela filosofia espírita, mas a quem a utilidade do ensino dos Espíritos não foi ainda demonstrada, nos escreveu o que segue: “Creio que a Humanidade está de posse há muito tempo dos princípios que expusestes, princípio de que gosto e que defendo sem o recurso das comunicações espíritas, o que não quer dizer, notai-o bem, que negue os recursos das luzes divinas”.

E, desenvolvendo o tema, considerou a importância do ensino dos Espíritos como auxiliar para alcançar as transformações sociais necessárias ao mundo novo:

Pregais a fraternidade em termos eloquentes, está muito bem, e vos admiro; mas o que é a fraternidade com o egoísmo? [...] As ideias de casta, os preconceitos aristocráticos, produtos do orgulho e do egoísmo, não foram de todos os tempos um obstáculo à emancipação das massas? Basta dizer em teoria aos privilégios do nascimento e da fortuna: Todos os homens são iguais! [...]. Ah! Meu caro senhor, se soubésseis quanto eu quantos homens, que tivessem sido entraves para a *realização das ideias humanitárias*, mudaram de maneira de ver e delas se tornam hoje os campeões, graças ao Espiritismo, não diríeis que o ensino dos Espíritos é inútil.

O sucesso que Allan Kardec obteve, depois de muitos anos, em aproximar Louis Jourdan, jornalista ousado e dedicado às causas libertárias, da causa espírita, nos dá uma dimensão adequada dos verdadeiros objetivos da divulgação espírita. O Espiritismo bem compreendido, desse modo, é o maior apoio às reformas sociais progressistas. O objetivo é proporcionar a todos os seres humanos as condições necessárias para conquistar a fé raciocinada, livrando-se da fé cega e da submissão que faz deles seres passivos, uns autômatos.

## O dogma materialista na psicologia moderna

Allan Kardec perguntou aos Espíritos de que maneira o Espiritismo poderia contribuir para o progresso, e eles responderam que seria destruindo o materialismo, uma das chagas da sociedade. Mas não deveríamos temer que ele sucumba diante da negligência e do apego às coisas materiais? E eles responderam então:

Conhece bem pouco os homens quem imagine que uma causa qualquer os possa transformar como que por encanto. As ideias só pouco a pouco se modificam, conforme os indivíduos, e preciso é que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, pois, somente com o tempo, gradual e progressivamente, se pode operar. Para cada geração uma parte do véu se dissipa. (KARDEC, [1860] 1995, p. 373).

O humanista e filósofo platônico francês Bernardo de Chartres (1130-1160) afirmou que “a verdade é filha do tempo e a ciência é obra da humanidade e não do indivíduo”. Não se controla a ciência pela autoridade, essa pretensão se desfaz, inevitavelmente, pelo suceder das gerações.

O Espiritualismo Racional representou a descoberta da capacidade humana para o indivíduo se tornar senhor de si mesmo pelo uso livre e racional da vontade – faculdade que representa o meio natural para a conquista de sua evolução intelectual e moral. É o despertar do mundo novo. Mas o materialismo, reduzindo o ser humano a um animal, vê como única realidade a satisfação dos desejos e o mecanismo do comportamento condicionado, por meio do qual as pessoas permanecem passivas diante da vontade de outros. Isso nada mais é do que uma nostalgia do velho mundo. Desespero em manter as massas sob o controle do privilégio e poder de alguns.

E esse embate ficou explícito na luta das novas escolas psicológicas materialistas do século 20 contra o anterior alvorecer da consciência do século 19.

A escola psicológica do behaviorismo enfatiza que o comportamento é

uma resposta aos estímulos externos, como se fosse um determinismo. Surgida em 1920, por John Watson (1878-1958), essa teoria foi alterada e aplicada por Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Em 1913, Watson propôs o seguinte manifesto:



John Watson

A psicologia, como um behaviorista a vê, é um ramo puramente objetivo das ciências naturais. Seu objetivo teórico é a *previsão e o controle do comportamento*. A introspecção não constitui parte essencial de seus métodos [...]. O behaviorista, em seus esforços para conseguir um esquema unitário das resposta animal, não reconhece linha divisória entre homens e animais. [...] Parece ter chegado a hora em que a psicologia deve descartar toda referência à *consciência*; na qual ela não precisa mais tapear a si mesma em achar que ela deve tornar estados mentais o objeto de observação. (WATSON, 2008)

Veja bem: Watson considera que a psicologia, quando estuda os estados mentais, está tapeando a si mesma! A psicologia deveria ser escrita abolindo termos como ser ativo, mente, introspecção, vontade. O manifesto de Watson foi um ataque direto à consciência como sendo objeto de estudo da psicologia, substituindo-a pelo controle e pela previsão do comportamento. Historicamente, portanto, representa o abandono da psicologia experimental espiritualista por um retorno às concepções materialistas anteriormente propostas pelos ideólogos. Watson faz, inclusive, uso dos mesmos argumentos, definições e metas daqueles:

Psicologia é ramo experimental da ciência natural a qual necessita da introspecção tão pouco quanto as ciências da química e da física. É admitido que o comportamento dos animais pode ser investigado sem o apelo à consciência. Até hoje, o ponto de vista foi que tais dados têm valor apenas na medida em que eles podem ser interpretados por analogia em termos de consciência. A posição tomada aqui é que o comportamento do ser humano e o

comportamento dos animais devem ser considerados no mesmo plano; sendo igualmente essenciais para um entendimento geral do comportamento. Ela pode dispensar a consciência em um sentido psicológico. (*Ibidem*)

O homem é um animal e pode ser absolutamente condicionado como um deles. A criança é uma folha em branco, afirma Watson, e qualquer pessoa, independentemente de sua natureza, pode ser treinada mecanicamente para ser qualquer coisa. Num de seus experimentos famosos, o psicólogo desejava provar que as fobias eram causadas pelos hábitos condicionados, a partir de estímulos internos, e não da consciência. Escolheu um bebê de poucos meses, dando a ele o pseudônimo Albert. Toda vez que ele via um pequeno rato branco, sua assistente Rosalie o assustava de súbito por um estrondo, martelando uma barra metálica. Albert passou a chorar sempre que via o rato, com o qual anteriormente desejava brincar. Depois, o medo foi transferido para outras coisas peludas, como coelhos e casacos de pele. Por fim, como foi registrado num filme, o pequeno Albert cai no choro ao ver Watson com uma máscara barbuda de Papai Noel. Isso ocorreu na década de 1920, e surpreende saber que nenhuma repercussão negativa surgiu em relação aos métodos cruéis de seus experimentos; sua carreira acadêmica na Universidade Johns Hopkins acabou não por causa dos métodos utilizados, mas pelo fato de ser casado e ter como amante sua assistente Rosalie.

Nada disso é novo. Também o ideólogo definia o ser humano como animal condicionado pelos hábitos criados pelos estímulos exteriores, um ser passivo, equivalente a um animal. Ou seja, o behaviorismo não supera a psicologia espiritualista por uma teoria que explicaria melhor os fatos do espírito humano, não é um paradigma mais abrangente, mas somente a recusa, a abandona; representa um desvio da ciência do homem amplamente desenvolvida por mais de um século. O materialismo tomou de assalto o meio acadêmico, não por uma revolução científica vencedora no campo das ideias, mas por uma imposição dogmática semelhante ao domínio

ideológico da Igreja sobre as universidades durante o Antigo Regime.

Atualmente, portanto, a psicologia experimental espiritualista, iniciada por Maine de Biran e amplamente investigada, estudada e ensinada em universidades, escolas normais e liceus da França e do mundo durante muito tempo no século 19, é completamente ignorada nos livros e manuais que tratam da história da psicologia.

John Watson, depois de desenvolver seu trabalho acadêmico, passou a trabalhar para a publicidade, desenvolvendo técnicas de propaganda com base na psicologia, chegando a vice-presidente da agência J. Walter Thompson. Para ele, ao produzir medo, raiva, amor, uma necessidade psicológica induziria a compra dos produtos, não importando qual seja o seu conteúdo. Um de seus sucessos foi tornar respeitável o uso do cigarro pelas mulheres. Trabalhando para uma marca americana, Watson sugeriu o tema “pegue um cigarro em vez de um doce”, promovendo a ideia de que os cigarros não engordam. Um dos recursos principais foi a inclusão de atrizes glamorosas fumando nos filmes do cinema para induzir o hábito de fumar pela repetição dos estímulos. Para vender talcos, elaborou uma campanha assustando as jovens mães afirmando: caso não usem talco em seus bebês, eles estão correndo o risco de graves infecções. Nesse caso, o medo foi o estímulo para criar o hábito de usar repetidamente o produto.

As ideias e os métodos do behaviorismo atingiram o auge nos anos 1950, quando foram amplamente aceitos nos Estados Unidos e dele irradiados para os outros países. Em 1957, Watson foi homenageado pela Associação Americana de Psicologia como um dos mais importantes autores da história da psicologia moderna.

Watson, com sua experiência no uso da psicologia para a publicidade, demonstrou que o uso do condicionamento não se limitava a manipular a emoção e criar hábitos somente para vender mais produtos – podia se tornar um poder de controle social mundial, independentemente de credo, língua

ou país.

Atualmente, os estímulos psicológicos para induzir e controlar o comportamento estão presentes nas mais diversas mídias: vendendo produtos, criando necessidades e desejos supérfluos, induzindo hábitos pelos estímulos (medo, raiva, prazer, instintos sociais, todos os apetites) que mantêm as pessoas presas por horas pelos programas televisivos, jogos eletrônicos, mídias sociais, expostas constantemente às propagandas, criando um círculo vicioso de passividade, consumismo e alienação.

Quanto ao aprendizado das crianças e jovens, a maior preocupação de B. F. Skinner foi por ele definida como a capacidade de estimular ou reprimir comportamentos pela repetição mecânica de um conteúdo fechado, concepção radicada no empirismo. Reforçando positivamente o comportamento desejado, o indivíduo recebe passivamente o conhecimento e adquire esse comportamento, numa relação vertical entre professor opressor e ativo e aluno oprimido e passivo. Dessa forma, recomendava aos pais não fazerem muitas demonstrações de afeto aos filhos, guardando esse estímulo positivo como recompensa para controlar o comportamento da criança.

O que deve ser aprendido é controlado pela determinação desse conteúdo e aferido por constantes testes. Skinner elaborou uma máquina de ensinar. Um aparelho colocado na carteira escolar do aluno, que na parte superior pode ver os problemas propostos, impressos em papel. Ao responder, o botão podia ser girado, e uma nova questão surgia se a resposta fosse correta. Se incorreta, o aluno deveria persistir até encontrar a solução. Ou seja, a relação social entre educadores e educandos, e destes entre si, não tinha a menor importância.

Essas ideias estão presentes na escola contemporânea, em sua maioria centrada no exercício dos hábitos passivos; formando indivíduos submissos, acomodados, sem pensamento crítico. Não há preocupação alguma com a

forma de aprender, apenas com o conteúdo pronto a ser transferido. Ausência plena da educação moral. Por outro lado, a competição entre os alunos, privilegiando os mais capazes de decorar, promove uma relação social egoísta, pela indução do comportamento por meio de hábitos mecânicos. Relação centrada no individualismo, longe da proposta moral ideal que seria promover a solidariedade e a benevolência recíproca. É a consagração da heteronomia.

Já o Espiritualismo Racional propunha aos jovens um sistema educacional baseado na psicologia das faculdades, de tal forma que a meta era criar condições para a produção do conhecimento pelos próprios educandos, no qual a liberdade individual era a base, e a promoção da oportunidade para todos, a meta. Para tanto, os jovens deveriam se capacitar ativamente, compreendendo, inicialmente, os mecanismos da produção do conhecimento, os instrumentos do raciocínio lógico, a capacidade humana de conquistar seu próprio entendimento. Esperava-se que o educando pudesse exercer criticamente a capacidade de aprender, investigando, pesquisando, construindo o conhecimento. Educar pela liberdade do esforço voluntário. Além disso, promoviam uma educação moral baseada no exercício consciente da vontade.

Essa foi a educação almejada por Allan Kardec para o estabelecimento de um homem novo, para uma nova sociedade. Educação pelo livre pensamento, que está presente na “ideia racional, que não é nem imposta, nem encadeada cegamente à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do julgamento pessoal, é um pensamento livre, quer seja religioso, político ou filosófico” (KARDEC, [RE] 1867, p. 26). Tanto o Espiritualismo Racional quanto o Espiritismo lutavam contra a educação heterônoma que faz do indivíduo *um ser passivo*, adotando a autonomia intelectual e moral para a emancipação do espírito, como definiu Kardec:

O livre pensamento, na sua acepção mais ampla, significa: livre exame, liberdade de

consciência, fé raciocinada; ele simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; ele não quer mais escravos do pensamento do que escravos do corpo, porque o que caracteriza o livre-pensador é que ele pensa por si mesmo e não pelos outros, em outras palavras, que sua opinião lhe pertence particularmente. Pode, pois, haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz *um ser ativo*, inteligente, em lugar de uma máquina de crer. (*Ibidem*)

Todavia, o pensamento reducionista materialista não reinou inteiramente hegemônico na comunidade acadêmica. Mais à frente, veremos a importante pesquisa do psicólogo suíço Jean Piaget, que revolucionou no século 20 as concepções do desenvolvimento cognitivo e do juízo moral do ser humano. Inicialmente o seu interesse estava em compreender como as crianças reagiam aos ambientes, como se pensava na época, mas aos poucos divergiu ao constatar os potenciais da conquista do conhecimento pelas descobertas, quando a criança pensa por si mesma para encontrar respostas. A sua nova teoria sobre o desenvolvimento cognitivo foi amplamente debatida e tem influência na psicologia e na pedagogia até hoje.

## **O Espiritismo no atual cenário cultural**

Um materialismo dogmático, nos moldes da dominação conceitual imposta pela Igreja por séculos, foi a origem do atual cenário cultural do planeta. Por estarem à margem do pensamento predominante, os espíritas precisam ter plena consciência das circunstâncias históricas, para que o Espiritismo em seu contexto original seja visto com a real importância que teve – associado à psicologia espiritualista, às ciências filosóficas e sua moral autônoma, como Allan Kardec destacou.

Caso não se compreenda o Espiritismo como ciência válida, adequada, apropriada à cultura de seu tempo, Kardec pode parecer um sonhador utópico, escritor extemporâneo, místico. Essa ignorância abre caminho para o surgimento de espíritas desavisados, ingenuamente confundindo-o com toda a salada de misticismos e alegorias absurdas, nascidas da imaginação

dos novidadeiros passageiros, que surgem de todos os lados, de tempo em tempo. E são exatamente os espíritas ingênuos que permitem o assédio de exploradores da boa-fé, gananciosos e deturpadores, falsos divulgadores do Espiritismo. Estes se aproveitam do terreno limpo para semear o joio, sufocando o verdadeiro trigo. Em seu rastro, surgem médiuns pregando a salvação em troca do ouro, enriquecendo à custa da credence, como os vendedores do templo na época de Jesus. O caráter indelével do Espiritismo é a simplicidade, com o exemplo dado por Kardec. A mediunidade é dom sagrado, plenamente desinteressado. No exercício da atividade espírita, até o médium muito pobre deve subordinar sua faculdade ao trabalho do qual vive, incondicionalmente.

Allan Kardec, analisando o movimento espírita, denuncia aqueles que o conhecem apenas superficialmente: “é um fato constatado que o Espiritismo é mais entravado por aqueles que o compreendem mal do que por aqueles que não o compreendem de todo, e mesmo por seus inimigos declarados”. Quando o entendimento equivocado está acompanhado de orgulho, o prejuízo se amplia, pois “há a anotar-se que aqueles que o compreendem mal, geralmente, têm a pretensão de compreendê-lo melhor do que os outros” (KARDEC, [RE] 1864, p. 210).

É preciso ter a coragem de dizer: eu não sei. Não importa quantas décadas de frequência ao movimento espírita. Diante dos fatos novos, deve-se dedicar ao estudo paciente, metódico, profundo, para tornar-se adepto esclarecido, conhecedor dos princípios verdadeiros. A experiência se adquire pelo estudo sério. É o único meio eficaz para neutralizar as ideias equivocadas, os devaneios esdrúxulos, que depreciam o Espiritismo diante da opinião pública e confundem os neófitos.

Não nos cansamos jamais de repetir: para estudar o Espiritismo é crucial conscientizar-se da negação dogmática da psicologia experimental espiritualista por um absoluto silêncio. Jocosamente, detratores dizem-na

aberração do século 19, por fazer ciência considerando o ser humano uma alma encarnada. O materialista ri dessa ideia, como zombavam os sacerdotes de quem via a Terra dar voltas ao Sol. Para compreender a Doutrina elaborada por Allan Kardec, é vital uma recuperação ampla e detalhada.

O caráter filosófico e científico da Doutrina Espírita, mesmo para os Espíritos que a elaboraram, é importante para qualificá-la legitimamente como alavanca adequada para a regeneração da humanidade, munida de sua teoria moral transformadora. Não há referência com maior importância para o mundo atual. Vejamos a análise do espírito Jobard:

O Espiritismo é uma ciência positiva; os fatos sobre os quais repousa não estão ainda completados; mas tende paciência ainda, vós que sabeis esperar, e essa ciência, que não tem nada inventado, uma vez que ela é uma força da Natureza, provará aos menos clarividentes que o seu objetivo todo moral é a regeneração da Humanidade, e que, fora de todas as ciências especulativas, seu ensino é o contrário do materialismo, que procede por hipótese. Proceder com análise, estabelecer fatos para remontar às causas, proclamar o elemento espiritual, depois de constatação, tal é a sua maneira limpa e sem evasivas; é a linha reta, a que deve ser o guia de todo espírita convicto. Rejeito, pois, o joio do bom grão, todos os interesses mesquinhos, os meio devotamentos, os compromissos malsãos que são a praga de nossa fé. Do dia em que vos dizeis espíritas, tenho o direito de vos perguntar o que sois, o que quereis ser. Pois bem! Se tendes a fé, se sois caridosos antes de tudo; todos os encarnados aos vossos olhos sofrem uma prova; assistis como espectadores a muitos desfalecimentos, e nesse rude combate da vida, onde vossos irmãos procuram a luz, vosso dever, a vós privilegiados que vistes e sabeis, é de dar generosamente o que Deus vos distribuiu generosamente também. (KARDEC, [RE] 1864, p. 242)

A Doutrina Espírita demonstra que a evolução moral é um passo natural do desenvolvimento da humanidade, marcha decisiva para se tornar um planeta feliz.

## **ESPIRITISMO E MORAL**

Um dos objetivos mais sérios da Doutrina Espírita está no que toca o coração. As consequências relacionadas à alma, os recursos que ela

disponibiliza para aliviar os padecimentos e enfermidades, a esperança oferecida aos espíritos imperfeitos creditando à sua vontade e a seu esforço os meios de superação de seu sofrimento moral; a alegria e o consolo de reencontrar parentes e amigos desencarnados, conversando, ouvindo conselhos, nas reuniões espíritas.

O restabelecimento dos conceitos fundamentais espíritas exige profundo estudo e um trabalho em grupo. Mas a divulgação das ideias espíritas é acessível a todos, da criança ao adulto, do iletrado ao culto, bastando elaborar um ajustamento em sua forma de expressão e fazer uso da didática em sua apresentação, pois, como afirma Kardec, “não é preciso ser sábio para ter coração e julgamento”. Não importa o quão simples ou iletrado, a Doutrina bem esclarecida faz vibrar a alma e aquece o coração, pois a consciência reconhece o conteúdo verdadeiro, não importa a forma pela qual ele se apresente.

O Espiritismo propõe a fé raciocinada. Acreditar por ter compreendido o que se crê. Mas o verdadeiro espírita tem fé, reflete sobre a crença e a realiza. Um agir de forma crítica e meditada. O fazer se completa como *pensar o fazer*, ou atividade reflexiva, sendo instrumento de mudança e aperfeiçoamento. Em outras palavras, segundo Kardec, “Sem dúvida, é alguma coisa crer, porque já é um pé colocado no bom caminho; mas a crença sem a prática é uma letra morta”. O Espiritismo, dessa forma, participa das transformações sociais da humanidade não só pela letra, mas pela ação dos espíritas:

Entre numerosos exemplos dos efeitos moralizadores da Doutrina, encontramos bom número desses espíritas de coração que se poderiam dizer completos se fosse dado ao homem ser completo no que quer que seja, e que se podem considerar como os tipos da geração futura transformada. Há-os de todos os sexos, de todas as idades e de todas as condições, desde a juventude até o limite extremo da idade, que realizam desde esta vida as promessas que nos são feitas para o futuro. Eles são fáceis de reconhecer: há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade que comanda a confiança; desde o início sente-se que não há nenhum pensamento dissimulado sob palavras douradas ou hipócritas elogios. Ao redor deles,

e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento. Nesses interiores benditos respira-se uma atmosfera serena que reconcilia com a Humanidade, e compreende-se o reino de Deus sobre a Terra; felizes aqueles que sabem disto gozar por antecipação! (KARDEC, [RE] 1867, p. 135)

Em suas viagens espíritas por toda a França, importava menos a Kardec calcular a quantidade de adeptos, mas ficava muito satisfeito em contar os adeptos que honram a Doutrina por assumir a função de sustentá-la. É o exemplo dos verdadeiros espíritas que agrega a ela o respeito e a estima de todos.

## **A moral e a busca pela felicidade**

Qual a finalidade da moral? O que se busca ao investir nesse comportamento?

As religiões formais pregam que o comportamento moral tem como finalidade aceitar o reinado de Deus, para dele merecer, após a morte, a salvação.

A felicidade, segundo a Igreja, está na vida futura, nos gozos e na contemplação da vida eterna. Mas a salvação será para alguns, pois todos carregam a culpa do pecado original, e, se não houver arrependimento até a morte, não haverá perdão. Fora da Igreja não há salvação. Desse modo, o bem não é um fim em si mesmo, mas um meio para alcançar o objeto do desejo, que é o prazer. Tendo como referencial do comportamento uma norma externa, à qual há que se submeter pela perspectiva de castigo ou recompensa, essa moral é heterônoma.

Costuma-se definir como *moral da salvação* essa doutrina da Igreja formulada durante a Idade Média, paternal e assistencialista, moral da pobreza e do sacrifício.

Nessa visão heterônoma das igrejas, o crente que busca obedecer às regras morais imagina uma divindade a quem teme e à qual deve ser submisso. Um ser vigilante e vingativo que pode causar a desgraça a quem não

reconhecer seu poder. O indivíduo pensa: “Deus está vindo, não quero ser condenado”. O sentimento principal é o do medo, qualquer erro desperta o sentimento de culpa, o terror de ser condenado após a morte. É importante compreender que a eficácia do medo está na constante ameaça, que mantém o indivíduo passivo, e não no cumprimento do castigo. A salvação é a meta a qualquer preço. E o clero, cada vez mais ambicioso, ampliou sua fortuna pela venda das indulgências, que é a remissão da pena pelos sacramentos.

Todavia, a pobreza como virtude não se via nos escalões superiores da Igreja, mergulhados na ambição. Com os abusos do clero, lucrando mediante a sua intermediação entre a Terra e o Céu, surgiu a Reforma. Para os protestantes, a salvação não vem pela graça, pois é uma concessão independente do que se faça durante a vida no mundo. Raciocinando sobre isso, chegou-se à conclusão de que Deus determinou previamente os escolhidos, os salvos. Nem o comportamento, nem o pertencimento à Igreja, nem seus sacramentos são, assim, condições para a salvação.

Os protestantes deixaram de condenar o lucro e a expansão comercial, pois a prosperidade era sinal de que a pessoa teria sido uma das escolhidas por Deus para ser salva. Com a Reforma, a salvação vai se separar do comportamento na Terra. A escolha pela conduta ética não vai levar à bem-aventurança eterna, pois os eleitos de Deus já estavam predestinados pela sua vontade. O homem estava por si mesmo na busca de seu destino.

Seguindo a ideia da predestinação dos escolhidos, o comportamento bom pode ser apenas o indicativo de uma possível salvação, pois a má conduta sugere um candidato à condenação eterna. Ficam em aberto as questões quanto à finalidade, ao objetivo do comportamento moral. Desse modo, no contexto da Reforma, permanecendo a necessidade de um comportamento moral, ele está dissociado da religião formal, ligado apenas à religião natural.

Surge assim, a partir da Reforma, um debate crucial: como se fundamenta

a moral social, então, sendo ela independente da questão religiosa?

A Igreja manteve o monopólio da questão moral no Ocidente nos domínios da teologia. Agora, com mais intensidade na Inglaterra, na Escócia e nos demais países protestantes, ocorreu um grande debate em torno da moral social, independentemente das religiões formais.

Surge o iluminismo, revolucionando as ideias, questionando a realidade estabelecida e pensando o novo. Um dos primeiros a pensar uma separação entre moral e religião foi Pierre Bayle (1647-1707). Para ele, a fé religiosa não determina a conduta do homem, pois nenhum constrangimento pode formar na alma julgamentos da vontade. É preciso examinar imparcialmente algo antes de adotá-lo, constatando a sua justiça. Portanto, não é a teologia, mas a luz da razão que deve sustentar os princípios éticos: “Todo dogma particular, seja que se o exponha como contido na escritura, seja que se proponha de outro modo, é falso, quando é refutado pelas noções claras e distintas da luz natural, principalmente a respeito da moral” (BAYLE, 1992, p. 97).

Os iluministas vão desenvolver as ideias de moral e religião naturais.

Mas o que é a felicidade? Para o utilitarista, a felicidade se confunde com o prazer, e o mal com a dor. O mecanismo do prazer e da dor está relacionado com os instintos e com o desenvolvimento anímico dos animais por condicionamento, ou seja, de forma passiva, não consciente, independente de uma intenção racional. Relaciona-se com a vida animal. Pensando que a ação é boa porque é recompensada ou é má porque é punida, confunde-se a *sanção moral* com a *motivação moral*.

Para os empiristas, então, a felicidade estaria na satisfação dos desejos e no usufruir dos prazeres. Ou seja, não há preocupação com a vida futura, mas sim com o momento vivido. Não haveria, nessa concepção materialista, uma moral única, pois cada povo, em sua época, escolhe suas próprias regras. Como não se teme a condenação da vida futura, que não existe para

ela, teoricamente qualquer ato é lícito, mesmo proibido, caso haja a garantia de não ser descoberto. Todavia, essa hipótese é uma ilusão, e até mesmo o materialista e ateu tem consciência, preza uma personalidade justa e boa. É uma anomalia teórica que sua descrença não explica.

Essa moral, que alguns denominam *moral do egoísmo*, também é heterônoma, pois o indivíduo obedece a uma lei externa, com a qual não necessariamente concorda, mas à qual se submete para viver em sociedade, sujeito ao castigo imposto pela lei adotada.

Pensar no nada após a morte deixa aquele que sofre impedido de usufruir os bens deste mundo em virtude da pobreza, do trabalho exaustivo, das doenças. A vida perde o sentido quando a meta para a felicidade, que todos desejam, está no usufruir de um prazer inatingível, a vertiginosa ideia do nada após a morte acaba com qualquer consolação quanto à vida. Allan Kardec descreveu assim os efeitos do materialismo:

Pela crença em *o nada*, o homem concentra todos os seus pensamentos, forçosamente, na vida presente. Logicamente não se explicaria a preocupação de um futuro que se não espera. Esta preocupação exclusiva do presente conduz o homem a pensar em si, de preferência a tudo: é, pois, o mais poderoso estímulo ao egoísmo, e o incrédulo é conseqüente quando chega à seguinte conclusão: Gozemos enquanto aqui estamos; gozemos o mais possível, pois que conosco tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos quanto tempo existiremos. Ainda conseqüente é esta outra conclusão, aliás mais grave para a sociedade: Gozemos apesar de tudo, gozemos de qualquer modo, cada qual por si: *a felicidade neste mundo é do mais astuto*. E se alguns seres são contidos pelo respeito humano, que freio haverá para os que nada temem? Acreditam estes últimos que as leis humanas não atingem senão os ineptos e assim empregam todo o seu engenho no melhor meio de a elas se esquivarem. Se há doutrina insensata e antissocial, é, seguramente, o niilismo que rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade, em que se fundam as relações sociais. (KARDEC, [1865] 1995, p. 12).

## **O surgimento de um novo paradigma quanto à moral**

Como já vimos, os espiritualistas vão separar vida animal e vida humana.

Prazer e dor servem aos instintos e paixões, para conservação do indivíduo e da espécie. Já o comportamento moral segue uma capacidade da alma humana, o exercício de suas faculdades. A moral deriva da escolha livre dos atos, esclarecida pela razão e iluminada pelas leis divinas presentes na consciência. Caminhava-se, assim, para o despertar da *autonomia moral*, como também do livre pensamento, estandartes do iluminismo.

O desenvolvimento da ciência ocorre por meio da quebra de paradigmas. O conhecimento humano é incompleto e falseável. As teorias são substituídas quando se encontra uma que responda satisfatoriamente as anomalias sob as quais a anterior sucumbiu, ampliando os horizontes de seu campo de conhecimento. Por milênios, olhar para o céu e se imaginar no centro do Universo, observando as camadas do céu girando à sua volta, parecia óbvio e indiscutível. Uma certeza compartilhada por todos. Até as teorias de Giordano Bruno e Galileu Galilei sugerirem, no século 15, uma realidade completamente diferente. Parecia ser possível deter pelo poder aquelas ideias subversivas da ordem. Nada ocorreu de repente, o suceder das gerações foi quebrando as resistências, os mais novos nascendo já imersos nas ideias novas.

Vai surgir na França, exatamente quando o materialismo tinha se espalhado pregando a busca ilimitada dos desejos, *a reação espiritualista*, com o desejo de explicar racionalmente as questões da vida futura, antes mantida no domínio do dogma.

A humanidade estava pronta para um novo salto do conhecimento científico, estando madura para as questões psicológicas. Galileu apontou a luneta para o céu, desvendando, pela observação, as leis presentes nas estrelas. Rousseau, Kant e Maine de Biran, usando o método, inverteram o ponto de vista, observando a si mesmos, refletindo sobre os mistérios da alma encarnada no corpo. Para Kant, “o céu estrelado acima e a lei moral dentro de mim enchem minha mente de admiração e assombro sempre

novos e crescentes, quanto mais e mais constantemente refletimos sobre eles”.

Altera-se a visão do futuro quando o ser humano ousa conduzir-se por seu próprio entendimento. Regidas pela *moral heterônoma*, as massas agem como zumbis, robôs teleguiados pelas ordens de alguns, vivendo um cotidiano repetitivo, servil, massacrante, isento de sentimentos e raciocínios. Repetir, aceitar, calar-se resignado. Uma elite, reconhecida como autoridade legítima, impõe as normas a serem obedecidas de forma unilateral. Não há reciprocidade, respeita-se sem necessariamente ser respeitado. A lei, inquestionável, não é para ser compreendida, não se busca um princípio moral que lhe dê sentido, e o indivíduo deve seguir regras ao pé da letra, condicionado pela repetição. As leis justificam castigos se desobedecidas, e recompensas quando cumpridas com submissão. O que importa é o ato praticado, e não a intenção que o motivou.

Para os espiritualistas racionais do século 19, porém, uma moral autônoma, científica e independente das amarras das religiões formais, fundamentada no desenvolvimento das faculdades da alma, de forma autônoma e livre, será o meio para uma regeneração da humanidade.

Na *moral autônoma*, as leis morais são internas e estão presentes na consciência. Ela se estabelece pelos princípios da liberdade e da igualdade. A virtude está na compreensão dos princípios morais e sua aplicação na vida por meio da vontade esclarecida, agindo por convicção, independentemente de recompensas e castigos. Não se privilegia nem se despreza ninguém, e se considera importante a participação de cada um. Não há submissão, e sim respeito mútuo, reciprocidade, cooperação e solidariedade. Enquanto na heteronomia a regra é boa porque a ela se deve obedecer, na autonomia há o dever como adesão consciente, voluntária e livre ao princípio moral, pela compreensão de que ele é bom e universal.

Entre esses dois paradigmas, ocorreu um processo gradual da elaboração

dos conceitos, um amadurecimento coletivo das ideias, permitindo surgir as novas teorias.

Avançando quanto à *motivação do ato moral*, o conde de Shaftesbury, Anthony Ashley Cooper (1671-1713), observou que existem na natureza inclinações para uma ordem universal. Desse modo, o homem teria um sentido ou *senso moral* que lhe permitiria o conhecimento do bem e do mal, uma reflexão sobre as próprias ações, da mesma forma que o senso estético permite reconhecer a beleza das formas e proporções. A virtude estaria no bem desinteressado, visando alcançar o equilíbrio social, cuja consequência, quando generalizada, seria a felicidade para todos. A moral está relacionada com a natureza do ser humano, regido por leis naturais, de forma alguma dependente do pensamento teológico.

Pensadores como Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant foram os principais teóricos da *moral autônoma*. Para Kant, a força do dever pela soberania da vontade individual na aplicação da lei moral supera todas as antigas doutrinas heterônomas do velho mundo:

Um dos aspectos que atestam a radicalidade da reflexão kantiana sobre a autonomia moral reside em que essa noção reflete, entre outras preocupações, a de recusar todo e qualquer fundamento externo à própria razão para a necessidade prática que se impõe a nós na moral. [...] Em mais de uma ocasião, Kant deixa claro que considera estar inovando ao situar a raiz moral na autonomia do sujeito e que julga que toda a história do pensamento moral antes dele não constitui senão uma sequência de variantes da heteronomia. (FIGUEIREDO, 2016, p. 23)

Desse modo, a lei natural que rege a moral não é externa, está presente na consciência de cada ser, como definiu Rousseau em *Emílio*: “Consciência! Juiz infalível do Bem e do Mal, que tornas o homem semelhante a Deus, és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações”. Em Rousseau, “A fé torna-se segura e firme pelo entendimento”. Segundo ele, a sua religião está representada em alguns poucos artigos de fé raciocinada: “Neles vejo, com pouca diferença, o teísmo ou a religião natural, que os cristãos fingem confundir com o ateísmo ou a irreligião, que é a doutrina

diretamente oposta” (FIGUEIREDO, 2016, p. 175).

## **A moral está na relação entre felicidade e perfeição**

Para Kant, o ato moral, que é o dever, é absolutamente incondicional. Não depende de recompensas ou castigos. Não faça de ninguém um meio para alcançar um fim. É a mais absoluta autonomia. Mas ainda fica a dúvida quanto à motivação do comportamento moral, pois a autonomia absolutamente pura nada espera. Como definir a relação entre comportamento moral e felicidade? A dúvida persiste.

Foi uma grande conquista conceitual quando, em sua teoria moral espiritualista racional, Paul Janet propôs, em sua obra *La Morale*, que *a moral está na relação entre felicidade e perfeição*. Tudo o que existe entre as causas primárias se resume a Deus, espírito e matéria. Deus é a perfeição absoluta, o conceito de matéria é o de uma substância inerte, vazia. Já a criatura tem como atributo e definição sua perfectibilidade, sendo o “único conteúdo efetivo contido na ideia de *ser*”, afirma Janet. Assim, “os seres são diferenciados um do outro apenas pelo seu grau de perfeição”. Quanto mais evolui, mais o ser se acerca da natureza divina:

Quanto mais você se aproxima do absoluto, a noção do ser fica mais enriquecida e completa. O Ser Absoluto não é o vazio, mas a plenitude. Portanto, Ele é a própria perfeição, e o aprimoramento moral nada mais é do que uma participação gradual da natureza humana na perfeição universal e soberana. (JANET, 1874, p. 168)

A meta de aperfeiçoar-se como ponto culminante da alma é o brilho da vida, em que o indivíduo encontra uma sólida esperança e se sente livre da impiedosa dúvida do nada pairando sobre ele. Janet resgata o mais profundo entendimento das ideias morais de Platão e Sócrates, e cita em sua obra:

Nos últimos limites do mundo inteligível, diz Sócrates, é a ideia do bem a última a ser compreendida, mas não é possível entendê-la sem concluir que é a causa primeira de tudo o que é belo e bom no Universo; essa causa produz no mundo visível a luz, e a estrela

diretamente da qual ela vem; é ela que no mundo invisível gera verdade e inteligência; que devemos finalmente ter nossos olhos fixos sobre essa ideia, se quisermos nos comportar sabiamente na vida particular e na vida pública. (*Ibidem*)

Por isso a alma ama a Deus, causa primária e perfeição dos atributos. A motivação do comportamento moral é um reconhecimento de sua filiação divina, da Providência e da justiça, do amor e da sabedoria infinitos, da certeza da vida após a morte. Da plenitude da harmonia universal, Janet desenvolve a ideia: “De fato, sendo Deus a fonte de toda a excelência e toda bem-aventurança, para aumentar em si mesmo ou em outros a soma de bens excelentes, é aproximar-se de Deus, imitá-lo. O que é impossível sem amá-lo”.

Desse modo, a motivação do comportamento moral confunde-se com a própria existência humana, e a definição do bem fica sendo “a identidade entre felicidade e perfeição: o princípio que contém todos os outros, o princípio da personalidade humana, da fraternidade, da ordem universal, da imitação de Deus”. Explica Paul Janet:

Aumentar em si mesmo e nos outros a felicidade é se aceder com a vontade divina, que não pode ser outra coisa senão o amor do bem. É trabalhar no interesse geral, porque a verdadeira perfeição e a verdadeira felicidade de cada um estão na perfeição e na felicidade de todos. É, finalmente, para desenvolver a pessoa moral, porque o que é mais excelente em nós mesmos e nos outros é a personalidade. [...] Porque a felicidade, como estamos vendo, consiste precisamente em nossa superioridade pessoal, que é inseparável da nossa união com a humanidade e com Deus. (JANET, 1874, p. 169)

Portanto, a moral social é a busca da perfectibilidade como a própria razão de existir do indivíduo, e esse princípio resolve as questões do problema moral. Também a humanidade tem em seu fundamento a evolução moral a partir das conquistas da razão, pela regeneração da humanidade, saindo do paradigma da heteronomia intelecto-moral do velho mundo para a autonomia da nova era. É até aí que o pensamento racional pode fazer chegar.

Mesmo assim, fica sem explicação a perfeição do próprio indivíduo,

quando se considera uma só vida. Morrer ainda criança, por exemplo, seria uma injustiça. A resposta adequada foi encontrada no conceito de *reencarnação*, e muitos pensadores chegaram a ela na época. Entre eles, o criador do Espiritualismo Racional como primeira escola filosófica brasileira, Gonçalves de Magalhães. Em sua obra *Fatos do espírito humano*, depois de demonstrar que o egoísmo é “uma depravação, uma enfermidade, proveniente da ausência do sentimento do dever, ocasionada pelas necessidades fictícias do homem, ou das necessidades viciosas do corpo” (MAGALHÃES, 1858, p. 373), conclui que os deveres morais estão fundamentados na lei natural. Demonstrando o quanto há para aprender no processo de perfectibilidade do homem, Magalhães vai sugerir a reencarnação como solução:

Por que não poderíamos nós ter existido no seio de Deus, ou mesmo neste mundo, como o supunha Pitágoras, antes de nos revestir do corpo atual? Por que não poderíamos ter perdido a memória dos nossos atos passados, a fim de livre e meritoriamente cumprirmos alguma missão? Lembramo-nos porventura do que fizemos nos primeiros anos desta vida transitória? Nós vemos uma criança nos braços maternos, ou ensaiar jubilosa os seus primeiros passos sobre a terra, e temos por esse modo a certeza que pelo mesmo estado passamos. Mas quem se recorda dos seus primeiros passos para caminhar e falar, dos seus primeiros discursos, das coisas que viu, das dores que padeceu na sua tenra infância? (MAGALHÃES, 1858, p. 375)

## **Perfeição e felicidade segundo o Espiritismo**

O ponto de partida da relação entre moral e felicidade, segundo o Espiritismo, é o mesmo que o do Espiritualismo Racional. Numa mensagem publicada por Kardec, afirma um espírito, conforme a psicologia da época, que “não estais sobre a Terra para nela viver à moda dos animais, para nela vegetar à maneira das gramíneas ou das árvores”. Pois “as gramíneas e as árvores têm a vida orgânica e não têm a vida inteligente, do mesmo modo que os animais não têm a vida moral”. A consciência de si mesmo, como explicou Maine de Biran, é o que caracteriza a vida humana. Explica o espírito que “tudo vive, tudo respira na Natureza, *só o homem sente e se*

*sente*. Vossa natureza não é dupla, não sois mais espírito do que corpo?”. Desenvolve, enfim, uma profunda reflexão:

Homem, sede homem; sabeis donde vindes e para onde ides. Sois o filho amado daquele que tudo fez e que vos deu um fim, um destino que deveis cumprir sem conhecê-lo absolutamente. [...] Ora, a principal lei é esta: O homem não é um ser isolado, é um ser coletivo. O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento do seu ser, quer dizer, a felicidade em si mesmo ou naquilo que o cerca isoladamente: ele não pode encontrá-lo senão no HOMEM ou na Humanidade. Não fazeis, pois, nada para ser pessoalmente felizes, enquanto a infelicidade de um membro da Humanidade, de uma parte de vós mesmos, possa vos afligir. O Espiritismo bem compreendido é para a vida da alma o que o trabalho material é para a vida do corpo. Ocupai-vos dele neste objetivo, e tende por certo que, quando o tereis feito, para vos melhorar moralmente, a metade do que fizestes para melhorar a vossa existência material, tereis feito dar um grande passo à Humanidade. (KARDEC, [RE] 1867, p. 61)

Mas, enquanto o ser humano está encarnado, a psicologia espiritualista divide sua atuação entre vida animal e vida humana. Para o Espiritismo, porém, há, em paralelo, uma *vida espiritual*. A perfectibilidade do ser está representada, portanto, pela evolução do princípio inteligente. A felicidade é inerente à perfeição relativa do espírito livre. E esse é o destino comum de todas as criaturas, sem exceção alguma. É progressivamente feliz aquele que progride intelectual e moralmente por seu esforço e mérito, escolhendo suas provas, desenvolvendo sua inteligência, livre-arbítrio, senso moral e imaginação.

Na condição animal, o automatismo fisiológico e a harmonia instintiva em sua relação com a natureza são as aquisições do princípio inteligente. A liberdade e o desenvolvimento das faculdades são as conquistas do ser humano. A atividade na harmonia universal e a felicidade relativa são os valores maiores do Espírito. Nas passagens de uma fase a outra, há intersecções. Em suas primeiras vidas humanas, o ser ainda é controlado pelos instintos. O ser humano, aos poucos, desfruta da felicidade futura. O progresso é sempre gradual e paulatino.

O animal não é livre, não tem plena consciência de si mesmo, por isso não tem responsabilidade moral. Também não é feliz, nem infeliz, pois não

compreende esses sentimentos. Quando inicia a fase humana, o espírito é simples e ignorante, ainda não tem livre-arbítrio, inteligência nem senso moral. Primeiramente, depois de centenas de vidas, desenvolve a consciência de si mesmo. Só então se inicia sua responsabilidade pelos atos, ou a vida moral. Vai então desenvolver o livre-arbítrio, inteligência e senso moral. Essa atividade progressiva, naturalmente, estará acompanhada por um inerente sentimento de felicidade. Por outro lado, em alguns casos, fazendo uso de sua liberdade e seu conhecimento para abusar das necessidades materiais, a consciência do espírito o alertará e o sentimento natural dessa condição de imperfeição voluntária será o sofrimento moral. Essa sensação será constante, esteja o espírito na Terra ou no mundo espiritual. Pelo arrependimento ou pela conscientização de que a causa está em si mesmo, também, pelo descondicionamento do hábito equivocado (ou imperfeição) e pela reparação, o sofrimento moral se extinguirá e o espírito retornará em definitivo seu caminho para a felicidade eterna. A partir do seguinte princípio da vida espiritual, “o seu estado, feliz ou desgraçado, é inerente ao seu grau de pureza ou impureza” (KARDEC, [RE] 1867, p. 90), os Espíritos assim definiram as consequências morais em seus ensinamentos:

a) *Sufrimento moral* – Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for, assim como tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Por isso, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo (KARDEC, [RE] 1867, p. 64).

b) *Felicidade dos Espíritos* – Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontrem, seja à superfície da Terra, seja no meio dos encarnados, ou no espaço. A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de

dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precise estar, cada qual, em lugar distinto (KARDEC, [1865] 1995, p. 30).

c) *A felicidade é progressiva* – Sendo o progresso fruto do trabalho do próprio indivíduo, em virtude de sua liberdade ele vai ser mais rápido ou devagar, e a isso estará atrelada sua felicidade. A cada um segundo as suas obras, portanto “todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior apreço à felicidade conquistada. A suprema felicidade só é compartilhada pelos Espíritos perfeitos, ou, por outra, pelos puros Espíritos, que não a conseguem senão depois de haverem progredido em inteligência e moralidade” (KARDEC, [1865] 1995, p. 31).

O Espiritismo vai qualificar a perfectibilidade do princípio espiritual em três fases, *anímica* (animal), *evolução intelecto-moral* (humana) e *cocriadora* (espiritual). Primeiramente o ser desenvolve-se de forma heterônoma, inconsciente, determinada. Desde o átomo até o animal superior, o princípio espiritual segue o aprimoramento da forma, da habilidade, da fisiologia de seu organismo. O mecanismo desse aprimoramento é o condicionamento por instintos, paixões, dor e prazer. Essa evolução do ser ocorre em dois mundos. O mundo físico, transitório, efêmero, regido pela lei da matéria.

A criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços. Deus criou-os perfectíveis e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progredem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingido o apogeu, tornam-se puros Espíritos ou anjos segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser

inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso. Do exposto resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso Mundo espiritual, onde o processo evolutivo do corpo espiritual ou perispírito é individualizado, constante, gradual, progressivo, permanente. (KARDEC, [1865] 1995, p. 132)

O que um grande amigo, depois de enfrentar a morte e compreender a vida no mundo espiritual, teria a confidenciar, para auxiliar ao parceiro que ficou neste mundo?

Em 1860, por meio de um médium neutro, estranho aos dois, a conversa entre os amigos demonstra que os laços sinceros não se rompem pela morte. Inicia assim o Espírito, senhor Jules:

– Caro amigo, venho ao seu chamado. Quanto me é doce poder lhe dizer quanto a prova que sofri sobre a Terra serviu para o meu adiantamento! Sinto-me muito feliz, entusiasmado pelas obras de Deus, que me permitiu aguardar uma reencarnação num mundo superior, onde seguirei a gradação bem-sucedida que me elevará à suprema felicidade. Espero que você possa, caro amigo, me ouvindo, ver em minhas palavras um pressentimento do que pode ocorrer também com você! Eu virei, no seu último dia, tomá-lo pela mão para lhe mostrar o caminho que já percorri, desde algum tempo, com tanta alegria. Você me terá como guia, como no mundo fui amigo fiel. (KARDEC, [RE], 1861, p. 120-2)

Então o amigo encarnado perguntou: – Devo concluir de suas palavras que você é agora mais feliz do que quando estava vivo entre nós?

Jules – Sem dúvida, meu amigo, muito feliz, não me cansaria de repetir. Que diferença! Não existe mais tédio, nem tristeza, não mais sofrimentos físicos e morais. Depois de minha partida, frequentemente estive ao seu lado, Quantas vezes eu lhe acompanhei em sua luta! Eu estava lhe vendo quando você não me imaginava por perto, pensando que eu estava perdido para sempre. Meu querido amigo, a vida é preciosa para o Espírito. Tem mais valor quando pode fazê-lo agir na Terra para o seu adiantamento

espiritual. Fique bem convencido de que tudo está de acordo nas leis divinas para nos tornar mais felizes, bastando, de sua parte, ter um coração disposto para amar, curvar a cabeça para ser humilde e assim elevar-se mais alto do que se poderia esperar.

Disse o amigo: – O que mais poderia me dizer para meu aprendizado?

Jules respondeu: – A matéria não é nada, trate ela duramente. Não tenha medo de nada, o Espírito é tudo, só ele é eterno, vive sempre. Algumas vezes, pode escapar do caminho detendo-se nas bordas escarpadas, mas quando volta os olhos para Deus, retoma coragem e supera rapidamente as dificuldades que encontra, se eleva, e admira a bondade do Criador que lhe distribui na medida as forças das quais tem necessidade. Então avança; o céu se apresenta aos seus olhos, ao seu coração; ele caminha, e logo torna-se digno do destino celeste que entrevê. Caro amigo, não tenha medo de mais nada; sinto em mim a coragem dobrada, as forças decuplicadas, desde que deixei a sua Terra; não duvido mais da felicidade predita que, comparada àquilo que desfruto, será tão superior quanto a mais brilhante das pedras preciosas o é ao mais simples anel. Veja como é grande a vontade divina, e quanto é difícil aos humanos compreendê-la e medir os seus resultados! A sua linguagem não serve para explicar o que ainda é incompreensível para vocês.

Podemos imaginar o incentivo que esse amigo que ficou na Terra recebeu ao perceber a continuidade dessa amizade verdadeira, que venceu a morte, e o quanto dedicar-se à conquista dos valores morais e intelectuais vale a pena.

Sendo a felicidade um destino comum, é uma questão de tempo e dedicação conquistá-la. O comportamento moral é o instrumento para desenvolver as faculdades. Com a evolução, o espírito torna seu perispírito menos denso, mais capaz ao agir no mundo espiritual. Ganha liberdade e tem prazer em ser útil. Age para promover e manter a harmonia universal,

junto a Deus. Liberta-se das necessidades e vicissitudes da vida animal, e por isso é plenamente feliz.

Quando o indivíduo encarnado reconhece sua natureza espiritual e vive em função de saber-se presente em dois mundos, sendo o mundo moral o principal, age pela caridade desinteressada. Ao ser útil ao próximo busca a felicidade de todos, que também é a sua. A consciência limpa, livre de imperfeições, o deixa feliz por saber-se percorrendo um caminho certo. Sabe que as dificuldades são oportunidades de aprendizado. Diante de um grande desafio, lembra que certamente foi sua escolha anterior, sabendo que tem condições de vencê-lo. Por isso age com paciência e resignação, permanecendo ativo e lúcido. Pratica a solidariedade sem esperar nada em troca, nem se apega aos resultados, pois o que depende de si é a intenção, a escolha e a determinação. Por isso sua caridade é desinteressada.

Uma analogia permite compreender a diferença entre a motivação daquele que age de forma heterônoma e o autônomo. Um indivíduo recebe a promessa de uma recompensa se trocar de lugar uma grande pilha de pedras. Inicia motivado pelo desejo do prêmio, mas se desgasta com o passar dos dias, as pedras parecem pesar mais, não há nada que alivie a tarefa. Só a esperança de ser gratificado no final. Qual o motivo de tanto trabalho? Nada sabe, só obedece e trabalha rotineiramente. O desânimo é uma constante ameaça. E se não for verdade que haverá recompensa no final? Tudo terá sido inútil. Outro indivíduo se propõe a aprender a tocar piano. Para isso, descobre os sons, conhece as teclas, busca uma melhor postura, aprende a forma adequada do dedilhar. A cada música que aprende, já pode imaginar-se ainda melhor, e se motiva. As dificuldades não são obstáculos, mas desafios. Conta com o tempo. Aos poucos, sua prática torna-se uma habilidade adquirida. Por seu esforço e mérito tornou-se, depois de muitos anos, um pianista. Mas sua alegria está em proporcionar a inspiração da boa música aos que buscam ouvi-lo. Mas sua trajetória não

tem fim, há sempre mais músicas para aprender, o aperfeiçoamento da técnica, novos públicos aos quais se apresentar. Assim é também a vida. Aquele que a percebe como uma escola onde aprende o que deseja por seu esforço e interesse, é feliz a cada descoberta, superação ou conquista. Sabe esperar o tempo de cada passo. Transforma obstáculos em oportunidades. A felicidade não é uma recompensa distante, mas a sensação gratificante de aperfeiçoar-se, cada vez mais plena e ampla.

## **O juízo moral na criança, autonomia e heteronomia em Piaget**



Jean Piaget

Um dos mais influentes pensadores do século 20, Jean Fritz Piaget (1896-1980), psicólogo suíço, revolucionou o entendimento sobre como o ser humano produz conhecimento e de que forma exerce o juízo da moral. Para Piaget, a simples transmissão de conhecimento para a criança é um recurso limitado, pois não é possível o aprendizado infantil de um conteúdo que ela não esteja em condições de compreender, pois o conhecimento se dá por meio das descobertas que a criança faz. O aprendizado é uma construção do próprio indivíduo. O educador precisa provocar o interesse, a investigação, a busca por soluções, a análise das alternativas, a avaliação das escolhas diante da realidade, ou seja, a produção do conhecimento pela própria experiência é o processo natural e produtivo da aprendizagem. Pela autonomia intelectual, o indivíduo é o projeto de si mesmo.

Piaget escreveu mais de cinquenta livros, e um dos mais impactantes é *O juízo moral na criança*, de 1932. Em suas investigações experimentais, o psicólogo encontrou três condições morais progressivas no desenvolvimento do ser humano: anomia, autonomia e heteronomia. Inicialmente, a obra apresenta uma pesquisa sobre como as crianças se relacionam com as regras de um jogo de bolinhas de gude, em diferentes idades. O resultado observado evidenciou que existem quatro estágios:

- As crianças até os 3 ou 5 anos de idade brincam sozinhas com as bolinhas, fechadas em seu próprio mundo, num estágio que ainda não é social, sem evidenciar os outros e as relações com eles no jogo. Elas fazem gestos repetitivos, alheias a uma relação integrada, preocupando-se com gestos e movimentos.
- Entre os 3 e os 6 anos, aproximadamente, as regras começam a fazer sentido, e as crianças imitam o jeito de jogar dos mais velhos. Todavia, quando desejam, mudam as regras conforme os seus interesses. Piaget denominou essa fase de egocêntrica, não há um combinado de regras, saem jogando ao seu jeito.
- Entre os 7 e os 10 anos, as regras do jogo surgem. Um controle do comportamento por meio de regras mutuamente respeitadas se faz presente, de outra forma o jogo não seria possível. Elas começam a agir por cooperação, sendo que, depois dos 11 anos, há um período inicial investido para definir as regras em todos os seus detalhes, buscando uma elaboração que seja justa e completa.

Ou seja, numa relação natural entre as crianças, longe do mundo estabelecido dos adultos, a criança encontra na cooperação o meio ideal para estabelecer uma relação justa e aceitável entre os participantes.

Mas havia o interesse de Piaget numa particularidade, a consciência da

criança quanto às regras do jogo. E a pesquisa demonstrou a existência de três estágios dessa compreensão. A primeira é a pré-moral ou *anomia*, progressivamente a criança passa à *heteronomia* e, finalmente, pensa por si mesma na *autonomia*:

- Até aproximadamente os 3 anos de idade não há consciência das regras do jogo. Agindo independentemente da relação com o outro, não há observação da regra. É a anomia, ou ausência da consciência das regras.
- Entre os 3 e os 9 anos, a regra passa a ser vista como algo sagrado e obrigatório, algo imutável, de origem externa a elas, que não pode ser transgredido. Quando perguntadas, dizem que sempre foi assim. Essa fase é a da heteronomia, ou obediência passiva e cega a regras externas inquestionáveis.
- Por fim, as crianças passam a ter consciência de que as regras são formadas e se tornam úteis por serem elaboradas e aceitas pelo grupo que as elabora e combina. Conquistam a compreensão de que é necessário obedecê-las não por serem sagradas e imutáveis, mas por se tornarem um meio de relação harmônica entre os participantes. Dessa maneira, conforme as condições e os interesses dos participantes, podem ser modificadas e adaptadas em comum acordo. São, portanto, o resultado da ação racional e da interação social. O respeito surge do fato de que as regras, sendo elaboradas por todos, atendem a todos, em seu próprio benefício. É a autonomia moral, na qual a cooperação motiva a adesão voluntária ao respeito pelas regras, representando a igualdade, a reciprocidade e o respeito mútuo.

Examinando o pensamento das crianças nessas relações com as regras,

Piaget encontrou naquelas que agem de forma heterônoma o julgamento dos atos alheios pela aparência, e não pela intenção. Quando uma criança burla a regra e é descoberta deve ser severamente punida, pois as regras são sagradas, mesmo que não sejam justas. Já na moral autônoma, segundo Piaget, todos tendo as mesmas oportunidades e condições na interação social, não há uma preocupação com punição ou premiação, pois a reciprocidade se estabelece por uma relação solidária.

Essa sucessão de estágios evolutivos, todavia, não está presente em todos os indivíduos. Há adultos que permanecem no estado de heteronomia, submetendo-se às regras sociais em troca de aceitação, temerosos dos castigos. Não tendo consciência da justiça das regras enquanto um combinado mutuamente respeitado, cogitam de desrespeitá-las quando avaliam a possibilidade de não serem descobertos. Na sucessão das gerações, criam e lidam com as crianças segundo esse mesmo padrão, exigindo o respeito unilateral, avaliando o comportamento pelo ato e não pela intenção, e agindo, enfim, pela coação e não pela solidariedade.

Quanto à relação das crianças com os adultos na vida cotidiana, Piaget considera que essas duas formas de relação moral (autonomia e heteronomia) estão presentes, conforme o ambiente e a forma de relação determinada pelos adultos:

Reconhecemos, com efeito, a existência de duas morais na criança, a da coação e da cooperação. A moral da coação é a moral do dever puro e da heteronomia: a criança aceita do adulto um certo número de ordens às quais deve submeter-se, quaisquer que sejam as circunstâncias. O bem é o que está de acordo, o mal o que não está de acordo com essas ordens: a intenção só desempenha pequeno papel nesta concepção, e a responsabilidade é objetiva. Mas, à margem desta moral, depois em oposição a ela, desenvolve-se, pouco a pouco, uma moral da cooperação, que tem por princípio a solidariedade, que acentua a autonomia da consciência, a intencionalidade e, por consequência, a responsabilidade subjetiva. (PIAGET, 1994, p. 250)

Um desenvolvimento natural do indivíduo estaria, portanto, segundo Piaget, no estabelecimento da cooperação como base da relação natural

saudável, produtiva, que permita a responsabilidade consciente, voluntária, tendendo a igualdade e respeito mútuo nas relações sociais. A coação é um estado de desequilíbrio, de respeito unilateral, condicionante, que não reconhece a condição racional e a escolha dos atos pelo próprio indivíduo como meio de evolução intelecto-moral. Essa mesma relação moral, de acordo com o psicólogo, também poderia ser evidenciada nas sociedades:

Portanto, por que não ocorreria o mesmo no que se refere à sociedade, naturalmente esquematizando as coisas ao extremo? [...] o ser humano nada mais é do que uma série (ou melhor, que um cruzamento de séries) de gerações, cada uma pressionando a seguinte [...] não podemos deixar de ver na história das sociedades uma espécie de emancipação gradual dos indivíduos [...]. Quanto mais complexa é a sociedade, mais autônoma é a personalidade e mais importantes são as relações de cooperação entre os indivíduos iguais. (PIAGET, 1994, p. 251)

Ou seja, na evolução das sociedades, a cooperação sucede naturalmente à coação, a moral autônoma sucede à heterônoma, o pensamento racional toma o lugar da obediência passiva, a relação de respeito mútuo substitui a unilateralidade. Trata-se, do ponto de vista moral, da consagração do julgamento pessoal, consciência do bem e aceitação das normas de reciprocidade.

Aqui podemos estabelecer uma importante aproximação entre as descobertas de Piaget em suas pesquisas sobre a consciência moral das crianças, sua aplicação na evolução das sociedades e os estudos de Allan Kardec sobre as gerações futuras e a superação do mundo velho, caracterizado pela heteronomia moral, pelo mundo novo, representado pela autonomia.

Conforme a psicologia espírita, a evolução intelecto-moral do Espírito se dá pela superação do estado associado em seu início, ainda simples e ignorante, à obediência passiva às determinações instintivas. Depois, conquistando o livre-arbítrio e o pensamento racional, passa a escolher seu modo de agir e elaborar hábitos adquiridos, tornando-se um projeto de si

mesmo.

Todavia, do ponto de vista social, as religiões tradicionais e o pensamento materialista, vendo no ser humano um indivíduo submisso e controlável por castigo e recompensa, atrasa sua evolução ao subjugar-lo. Por esse motivo, o Espiritismo surge como instrumento de compreensão das reformas humanitárias e libertadoras como meio de evolução da humanidade.

A heteronomia, nesse contexto, pode ser compreendida como o estado de infância espiritual da humanidade, e a autonomia como sendo o estágio de conquista da harmonia social, ou o início de sua maturidade moral.

Em sua pesquisa experimental, Piaget generalizou as observações que fez das crianças suíças nos bairros de Genebra, segunda cidade mais populosa do país, e Neuchâtel, sua pequena cidade de rica cultura da Suíça francesa. O sistema escolar de Genebra é considerado o melhor do mundo, os estudos são obrigatórios dos 4 aos 18 anos. Ou seja, considerando a evolução do Espírito conforme a Doutrina Espírita, sua amostra é de Espíritos que já desenvolveram parte do potencial das suas faculdades, como razão e livre-arbítrio, já não são simples e ignorantes. Por isso, não poderia constatar experimentalmente a evolução da alma como variável do desenvolvimento psicológico.

Ou seja, caso Piaget aplicasse a sua observação do juízo moral em crianças cuja alma estivesse em suas primeiras vivências humanas, ainda sem um desenvolvimento pleno do livre-arbítrio, constataria uma continuidade da condição heterônoma da infância à vida adulta. A autonomia ainda não foi conquistada, e o ser age submisso aos instintos e, em sociedade, às regras impostas.

Segundo o Espiritismo, tanto a capacidade racional quanto a moral são conquistas progressivas individuais do Espírito, e não um fenômeno fisiológico. Imaginando apenas hipoteticamente a figura de dois Espíritos, num experimento imaginário, um simples e ignorante e outro desenvolvido,

nascendo cada um no corpo de irmãos gêmeos idênticos, enquanto o segundo demonstraria seus recursos de inteligência e escolha independente, o primeiro demonstraria naturais dificuldades de compreensão e submissão. A fisiologia de ambos é a mesma, os recursos do sistema nervoso também, mas, sendo o corpo um instrumento da alma, a capacidade desta é determinante para a formação da personalidade. Ou seja, além da condição genética da fisiologia do corpo e das interações sociais e ambientais, no decorrer do desenvolvimento do ser influem também o estágio evolutivo da alma e suas escolhas para tal encarnação. Esse conjunto de fatores é o ponto de partida da psicologia enriquecida pela Teoria Espírita, quanto à compreensão da personalidade e potenciais do indivíduo, com vistas a educação, equilíbrio emocional e saúde. A educação deve ser adequada ao indivíduo. Há aquele que já sabe conduzir-se na aquisição do conhecimento e o que precisa de apoio em sua busca. Uns já adquiriram o senso moral, outros precisam despertar de seus apegos. As crianças não são todas iguais, cada uma delas é absolutamente única, em virtude de sua herança de outras vidas associada às condições ambientais e fisiológicas de sua personalidade atual.

Desse modo, independentemente do padrão evolutivo do juízo moral encontrado por Piaget, essa condição está sujeita às aquisições do Espírito. Há uma desigualdade na humanidade como um todo. Enquanto parte da população já desenvolveu a capacidade de escolher e a inteligência, muitos conquistarão mais rapidamente a autonomia intelecto-moral caso tenham acesso a uma educação voltada para a liberdade, sendo motivados a aprender pela própria descoberta. Isso do ponto de vista da aquisição do conhecimento. Assim, é fundamental vivenciar os ambientes tanto escolar quanto familiar determinados pelo incentivo a agir nas relações sociais por cooperação e não por coação, permitindo que a criança reconheça, na adoção de regras mútuas, livres de castigo e recompensa, a base de uma

sociedade justa e solidária. Por isso a participação do Espiritismo no surgimento do mundo novo se dá por meio da educação, primordialmente, e também pelo apoio às conquistas sociais progressistas, no sentido da liberdade, igualdade e fraternidade.

## **MESMER, MAGNETISMO ANIMAL E ESPIRITISMO**

Quando presidia uma sessão geral em 17 de setembro de 1862, Allan Kardec recebeu a comunicação de um espírito protetor por meio do médium Emile V., tratando da Lei do Progresso que rege a humanidade. O espírito explicou que a evolução é uma lei universal, mas não pode ser percebida quando se olha somente um ponto qualquer no espaço e no tempo, pois trata-se de um processo amplo e lento. Quanto ao progresso da humanidade, muitas vezes uma grande transformação é iniciada por um desbravador, fato que se repete regularmente:

Em certas épocas, pode-se dizer, em momentos previstos, designados, surge um homem que abre um caminho novo, que corta a prumo os rochedos áridos dos quais está sempre semeado o mundo conhecido da inteligência. Frequentemente, esse homem é o último entre os humildes, entre os pequenos, e, no entanto, ele penetra nas altas esferas do desconhecido. Arma-se de coragem, porque para isso lhe é necessário lutar corpo a corpo com os preconceitos, com os usos recebidos; para isto lhe é preciso vencer os obstáculos que a má-fé semeia sob seus passos, porque, enquanto restam preconceitos a derrubar, restam abusos e interesses nos abusos; para isso lhe é preciso, porque deve lutar ao mesmo tempo com as necessidades materiais de sua personalidade, e sua vitória, nesse caso, é a melhor prova de sua missão e de sua predestinação. (KARDEC, [RE] 1863, p. 19)

Há um longo caminho para que um novo paradigma se estabeleça na ciência, filosofia ou cultura geral. O espírito protetor conclui a mensagem como se segue:

Chegado a esse ponto em que a luz se escapa bastante forte do círculo do qual é o centro, todos os olhares caem sobre ele; assimila-se todo princípio inteligente e bom; ele reforma, regenera, o princípio contrário, apesar dos preconceitos, apesar da má-fé, apesar das necessidades, ele chega ao seu objetivo, faz a Humanidade transpor um degrau, faz conhecer o

que não era conhecido. (*Ibidem*)

O surgimento do Espiritismo com a publicação de *O Livro dos Espíritos* em 1857, tratando cientificamente desses fenômenos especiais, apareceu num momento absolutamente apropriado, precedido por movimentos precursores que lhe abriram caminho. O Espiritismo não surgiu de ato isolado, nem Kardec estava propondo uma ideia fora de seu tempo.

No século anterior, tinham surgido precursores, como o médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815), que criou a ciência do magnetismo animal, fazendo uso de passes, imposição de mãos, para, por meio de uma sintonia, incitar o processo natural da cura próprio do paciente, procedimento semelhante ao da homeopatia. Hahnemann mesmo, criador da ciência homeopática, ao conhecer a teoria de Mesmer, adotou-a desde a edição sexta de sua obra fundamental, *Organon da arte de curar*, aplicando os passes em seus próprios pacientes e recomendando-os aos seus pupilos:

Creio ainda ser necessário referir-me aqui, ao magnetismo animal como se chama, ou melhor, ao mesmerismo (como deveria se chamar, em deferência a Mesmer, seu fundador), que difere tanto em sua natureza de todos os outros agentes terapêuticos. Esta força curativa, com frequência tão toalmente negada e desdenhada durante um século, age de diversas maneiras. É um presente maravilhoso, incomensurável de Deus, para a humanidade, pelo qual a vontade forte de uma pessoa bem-intencionada sobre uma doente, por contato, e mesmo sem este, e até a uma certa distância, pode fazer agir uma força vital do mesmerizador sadio dotado deste poder sobre outra pessoa, dinamicamente. (HAHNEMANN, 2013, p. 175)

Pois Mesmer, tratando seus pacientes, descobriu um estado particular de consciência, que foi chamado inicialmente *sono mesmérico* ou *crítico*, depois *sonambulismo provocado*. Nessa condição, o indivíduo, denominado *sujet*, ganha uma profunda ampliação de seus sentidos. Um grão de pão em sua língua era uma explosão de sabores, percebendo a farinha, o sal, o fermento, separadamente, narrou o médico. Podia ver a distância, prever fatos futuros, examinar por dentro as entranhas de doentes colocados em relação com ele, descrever a doença e sugerir o tratamento, além de prever a cura. Mesmer denominou essa capacidade de *sexto sentido*, ou *lucidez*

*sonambúlica*. Em suas pesquisas e experimentos, o estudo da alma, que se mantinha até então no campo religioso ou filosófico, recebeu do criador do magnetismo animal sua apreciação pela metodologia científica, fugindo tanto do sobrenatural quanto do espírito de sistema.

Ao observar a alma agindo por meio de sua vontade sobre o corpo, sendo essa a fonte da força necessária para se restabelecer a saúde (*vis medicatrix naturae*)<sup>40</sup>, Mesmer encontrou no próprio indivíduo o princípio da cura. Surge um novo paradigma. Para a medicina tradicional, tanto a doença quanto a cura vinham de causas externas. Imaginava-se tirar o mal que entrou no organismo e o tornou doente (da mesma forma que nos séculos anteriores se expulsava o demônio com a pretensão de curar). A sangria, que era a retirada do sangue por uma incisão no braço ou a aplicação de sanguessugas, seguia esse princípio, tirar o mal junto com parte do sangue. Com a proposta médica do magnetismo animal, tinha início uma revolução promovida pelo paradigma da autonomia para superar a hipótese heterônoma na medicina. A homeopatia também se definia pelo paradigma da autonomia, propondo que o remédio homeopático induz os sintomas adequados na luta do organismo para voltar ao equilíbrio natural ou estado de saúde.

Para Mesmer, os fenômenos naturais do sonambulismo por ele esclarecidos racionalmente, por pertencerem à natureza, existiram em todos os tempos, explicando-os como causas das superstições e mitologias do passado. Diz ele:

O que é certo é que esses fenômenos, tão antigos quanto as enfermidades dos homens, sempre espantaram e muitas vezes alucinaram o espírito humano. [...] Segundo sejam felizes ou funestas, segundo as aparências, seus princípios foram caracterizados como bons ou maus. E segundo eles determinem a esperança ou a crença, a superstição e a credulidade ignorantes os tornam por sua vez sagrados ou criminosos. Estes fenômenos só serviram para provocar frequentes revoluções, dispondo as fontes e meios para a charlatanice política e religiosa de várias pessoas. [...] Embora essas diferentes opiniões pareçam tão absurdas quanto extravagantes, não passam de quimeras. São muitas vezes o resultado de observações de

certos fenômenos da natureza que por falta de luz ou boa-fé foram sucessivamente desfigurados, ocultos ou misteriosamente escondidos. (*Apud* FIGUEIREDO, 2017, p. 510)

Desde as primeiras civilizações, os sacerdotes que dominavam os fenômenos sonambúlicos e mediúnicos faziam o povo curvar-se diante das forças invisíveis, dizendo dominá-las; e muitos governantes até afirmavam serem eles mesmos deuses, como os faraós no Egito.

Mesmer fez uso da ciência para tirar os fatos psicológicos da falsidade sobrenatural, abrindo caminho para uma psicologia experimental espiritualista, para o Espiritismo e também para um humanismo que almejava o surgimento de uma nova sociedade, baseada na liberdade, em oposição à subjugação desse mundo velho que via, desesperado, escorrer água pelos furos em seu dique.

## **Os precursores da Doutrina dos Espíritos**

A Ciência Espírita teve seus precursores. No final do século 18, em meio à Revolução Francesa e nas décadas posteriores, as diversas iniciativas científicas que anteciparam a Ciência Espírita, como magnetismo animal, homeopatia, até mesmo a frenologia espiritualista, davam à alma uma existência independente mas complementar em relação ao corpo, afirmando o ser humano como uma dualidade. Tomava forma uma tradição de adoção da alma como objeto de estudo científico, no campo da psicologia. Essa busca culminou conceitualmente com a constituição fisiológica da alma pelo Espiritismo, com a definição de um corpo espiritual, o perispírito, que dá a ela uma existência concreta fora do corpo físico<sup>41</sup>, mesmo enquanto uma ligada ao outro durante a encarnação, como relatou Kardec:

*O magnetismo animal* foi o primeiro passo para o conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritas; o *sonambulismo* foi a primeira manifestação de isolamento da alma. A *frenologia* provou que o organismo cerebral é um chaveiro a serviço do princípio inteligente para a expressão das diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, serviu para provar a independência do Espírito e da matéria. A *homeopatia*, provando a força da matéria espiritualizada, se liga ao papel importante que o

perispírito desempenha em certas afecções; ela ataca o mal em sua própria fonte que está fora do organismo, do qual a alteração não é senão consecutiva. [...] [ciências que] vieram trazer seu contingente na questão que nos ocupa, lançando sua parte de luz sobre o que se poderia chamar a *fisiologia dos Espíritos*. (Kardec, [RE] 1863, p. 158)

Nessas ciências espiritualistas, a alma é analisada como causa, tendo uma relativa independência do corpo. Ou seja, o estudo do ser humano como uma alma atuando em seu corpo como quem manipula um instrumento permite qualificá-la como uma individualidade ativa, atuando por sua vontade, e não um ser passivo diante dos sentidos como se pensava até então. A Igreja, repetimos, afirmava dogmaticamente que o indivíduo se subordinava passivamente a um corpo marcado pelo pecado original que teria obliterado sua liberdade pelo mal, devendo então ser domesticado para torná-lo dócil e submisso. Já a psicologia espiritualista científica iniciada por Mesmer definia a capacidade de o ser atuar sobre seu cérebro por meio de suas faculdades, como razão, vontade e imaginação, conquistando progressivamente sua educação pela liberdade de forma consciente, pelo mérito de seu próprio esforço.

Mesmer inicialmente lutou contra as sobras do fanatismo convalescente, mas, ao buscar a cidadania de ciência para a sua teoria, enfrentou a descrença materialista.

A razão não mais aceitando a fé cega, buscava guarida no ceticismo. No final do século 19, os materialistas do período revolucionário francês adotaram como pressuposto a individualidade como subproduto do funcionamento do cérebro. Ou seja, a alma não seria causa, mas efeito. Em virtude disso, pensadores como Mesmer, ao proporem o inverso, encontraram uma resistência absoluta da academia:

Temos ainda presentes as perseguições que o fanatismo muito crédulo exerceu, nos séculos da ignorância, sobre as pessoas que tiveram a infelicidade de ser os personagens desses prodígios ou que foram seus ministros. É de se acreditar que sejam hoje vítimas do fanatismo da incredulidade, não serão punidos como idólatras ou sacrílegos, mas serão tratados talvez como impostores e perturbadores da ordem pública. (FIGUEIREDO, 2017, p. 511)

O pensamento das ciências precursoras do Espiritismo representava um terceiro caminho diante dos fanatismos da credice e da incredulidade. O ser humano, segundo Mesmer, quando educado para a liberdade, manifesta-se como individualidade ativa, autônoma, capaz de curar a si mesma. Intensificando as forças extraordinárias do sexto sentido, o ser se agiganta pelas possibilidades futuras, tanto para a cura quanto para o desenvolvimento social. Assim vislumbrava o futuro esse pensador, em suas obras<sup>42</sup>.

Essa autonomia da criatura representa o despertar do livre-arbítrio contra os furiosos esforços tradicionalistas para manter o indivíduo aprisionado na subalternidade servil, para defender os caprichos dos privilegiados.

Como Dom Quixote diante dos moinhos, os precursores espiritualistas denunciavam as estruturas conservadoras, propondo uma nova ordem, onde o ser agiria consciente, almejando igualdade e fraternidade. Diferindo da Igreja, cuja crença era a de que este mundo estava condenado por Deus; e dos materialistas, que viam o homem como lobo do homem em uma sociedade à beira do abismo, os espiritualistas racionais tinham a certeza da regeneração da humanidade.

Não é à toa que o magnetismo animal, em sua vertente social e reformadora, foi uma significativa influência sobre os primeiros e importantes líderes da Revolução Francesa, que eram discípulos de Mesmer, como Lafayette, Jacques-Pierre Brissot<sup>43</sup>, Adrien Duport, Jean-Louis Carra, Nicolas Bergasse, os Roland e Duval d'Eprémèsnil. Em sua última obra, Mesmer definiu os fundamentos da educação como sendo a conquista das *virtudes sociais*, numa proposta de reforma que ofereceu aos líderes da Revolução Francesa:

Os educadores, bem como os legisladores, não tendo outro objetivo a não ser prescrever e conservar íntegra a igualdade entre os membros da sociedade, terão feito tudo pela liberdade. É necessário fazer com que os educandos sintam e percebam que a excessiva desigualdade das riquezas, das forças e do poder é a causa das deficiências de praticamente todas as instituições

sociais e que, para eliminá-la, deve-se lançar mão de todos os meios que podem amenizar tal excesso, levando os seres humanos próximos à igualdade possível de conseguir. [...] São as virtudes sociais que possibilitam alcançar esse importante objetivo. Acontece que o humanismo e a benevolência equilibram a desigualdade das riquezas e das qualidades; a generosidade, a desigualdade da força; o profissionalismo com moderação, a desigualdade dos meios de subsistência e de conforto; a autenticidade, a honestidade e a retidão na conduta do ser humano alimentam o equilíbrio da reciprocidade da lealdade, da fé e da confiança; finalmente, a gratidão diminui a distância entre o benfeitor e a incapacidade de retribuir a caridade. (MESMER, 1814)

Uma leitura atenta dessa citação do criador da teoria do magnetismo animal, palavras escritas por volta de 1789, surpreende pelo quanto antecipa termos e conceitos da revolução moral que seria proposta pelo Espiritismo no século seguinte, com a caridade sendo o fundamento da transformação social por meio da educação. Além disso, exemplifica com clareza a existência de uma corrente humanista e liberal crescente no pensamento francês dos séculos 18 e 19, sustentada pelo desejo de uma ciência do espírito. Segundo Mesmer, a ciência do magnetismo animal enfrentou “as sobras do *fanatismo crédulo* dos séculos da ignorância” e a enfurecida guerra do “*fanatismo da incredulidade*”.

Além do Espiritualismo Racional, da psicologia espiritualista, também a ciência do magnetismo animal foi precursora e sustentou com suas ideias a Doutrina Espírita. Do primeiro ao último ano de sua pesquisa espírita, Allan Kardec sempre destacou a grande importância para o Espiritismo da ciência criada pelo médico Franz Anton Mesmer. Quando surgiram os fenômenos espíritas em Paris, como as mesas girantes, algumas pessoas pensaram que essa descoberta iria superar e deixar no esquecimento o magnetismo. Mas, em verdade, as duas ciências tratam de objetos diferentes baseadas na existência da alma, com grande parentesco, mas, “longe de se combaterem, podem e devem se prestar um mútuo apoio, elas se completam e se explicam uma pela outra”, assevera Kardec no artigo “O magnetismo e o Espiritismo” na *Revista Espírita* de março de 1858.

Por outro lado, muitos magnetizadores acreditaram ser possível explicar os movimentos das mesas pela ação do magnetismo animal, entre eles o professor Rivail, que afirmou “nós mesmos a partilhamos a princípio”, mas depois observou e pôde verificar a ação dos Espíritos como causa dessa classe de fenômenos. Pôde concluir, então, que “o magnetismo animal preparou os caminhos do Espiritismo, e os rápidos progressos dessa última doutrina são, incontestavelmente, devidos à vulgarização das ideias da primeira”. Afinal, Mesmer, além de propor uma teoria e prática da cura por passes e água fluidificada, entre outros recursos de seu método; descobriu também, por meio do sonambulismo provocado, a existência de um sexto sentido no ser humano, podendo explicar o que antes estava nos domínios do sobrenatural ou dos milagres. Por fim, para dar uma explicação científica dos fenômenos naturais que descobriu, Mesmer elaborou uma teoria do fluido cósmico universal, que seria adotada pelos Espíritos superiores na elaboração da Doutrina Espírita. Continua Kardec:

Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase, às manifestações espíritas, não há senão um passo. Sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se devêssemos ficar fora da ciência magnética, nosso quadro estaria incompleto, e se poderia nos comparar a um professor de Física que se abstinisse de falar da luz. (KARDEC, [RE] 1858, p. 64)



Barão Du Potet

Na época de Kardec, o magnetismo animal estava bem difundido. Em Paris, duas sociedades abrigavam os magnetizadores, a antiga Sociedade do Magnetismo, refundada pelo barão Du Potet, criador de uma escola do magnetismo animal do século 19, autor de diversos livros e também diretor do *Jornal do Magnetismo*; e a Sociedade Filantrópico-Magnética de Paris e

seu jornal *União Magnética*, dirigida pelo doutor F. Millet. Havia consultórios onde os magnetizadores tratavam seus pacientes, e seus sonâmbulos faziam diagnósticos, prevendo, inclusive, o curso e o término das doenças. Uma extensa biblioteca estava disponível, ampliada a cada ano por novas obras. Dessa forma, apesar da necessidade de o espírita conhecer com profundidade essa ciência, a existência de entidades especiais para tratar do tema, propriamente autorizadas, “tornar-se-ia supérfluo cair sobre um assunto tratado com a superioridade do talento e da experiência”. Assim, Kardec decidiu falar apenas acessoriamente do magnetismo animal em suas obras, “mas suficientemente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na realidade, não fazem senão uma”.

O professor Rivail foi magnetizador: “não seremos nós quem conteste o poder do sonambulismo, cujos prodígios observamos, estudando-lhe todas as fases durante mais de 35 anos”. Mas também os próprios Espíritos superiores que ensinaram o Espiritismo relevaram sua importância: “Os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, seja como meio curativo, seja como causa primeira de uma multidão de coisas; eles defendem sua causa e vêm prestar-lhe apoio contra seus inimigos” (KARDEC, [RE] 1858, p. 1).

Em todo o movimento espírita, o uso do passe como meio terapêutico é amplamente utilizado. Porém, há um quase completo desconhecimento da ciência do magnetismo animal e da teoria de Mesmer, que explica e sustenta o uso desse recurso. As obras fartamente disponíveis, como citado por Kardec, permaneceram até recentemente sem tradução para o português. Dessa forma, a prática do passe, mantida tradicionalmente, transmitida de geração em geração, permaneceu como gesto, todavia sem o conhecimento original de sua função e uso adequado. Como Kardec apenas citou ocasionalmente o magnetismo animal, e essa é a única fonte da época na leitura dos espíritas, essa ciência irmã do Espiritismo está esquecida. No

entanto, durante o século passado, para explicar o passe e ensiná-lo nas casas espíritas, as mais diversas fontes foram utilizadas, a maioria de autores místicos, uma verdadeira salada conceitual, completamente distante de sua legítima origem em Mesmer e na Doutrina Espírita.

Em 1869, seu último ano, Kardec retoma o assunto, com uma afirmação bastante grave:

O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e se explicam uma pela outra, e das quais aquela das duas que não quer se *imobilizar* não pode chegar a seu complemento sem se apoiar sobre a sua congênere; isoladas uma da outra, elas se detêm num impasse; elas são reciprocamente como a física e a química, a anatomia e a fisiologia. (KARDEC, [RE] 1869, p. 7)

É necessário conhecer ambas, para um entrosamento completo. E Kardec avisa, então, que a separação de uma ciência faria a outra se *imobilizar*. Esse anúncio é preocupante, pois atualmente o Espiritismo está dissociado do magnetismo animal, vivenciando a perspectiva paralisante anunciada por ele.

## **Os magnetizadores fluidistas estavam em oposição ao Espiritismo**

Quem estiver recebendo um passe numa casa espírita e perguntar sobre seu significado, ouvirá, quase invariavelmente, a explicação de que um fluido vital, desprendido do magnetizador, projeta-se para fora, sendo dirigido para o corpo do paciente, que o absorvendo obteria o efeito curativo dessa substância. Todavia, essa teoria não é de Mesmer, sendo mesmo oposta aos seus princípios. Também diverge do ensino dos Espíritos segundo Kardec. Por fim, foi, naquele tempo, a teoria defendida pelos magnetizadores considerados fluidistas, adversários dos magnetizadores espiritualistas, entre os quais estavam os espíritas, como explicou Kardec:

De todos os tempos, os magnetistas estiveram divididos em dois campos: os espiritualistas e

os fluidistas; estes últimos, muito menos numerosos, fazendo ao menos abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, tudo relacionam com a ação do fluido material; conseqüentemente, estão em oposição de princípio com os espíritas. (*Ibidem*)

Ou seja, segundo Kardec, os magnetizadores fluidistas, que imaginam os efeitos do magnetismo como uma ação de um fluido fisiológico material, sem relação alguma com a alma, estão em oposição de princípio com os espíritas, e é preciso compreender bem a ciência proposta por Mesmer para compreender o porquê.

No século 19, era possível compreender bem as explicações de Kardec, mas, diante da atual confusão dos princípios das duas escolas de magnetismo, podemos realmente constatar um impasse no entendimento desse importante conceito do Espiritismo.

Um dos mais eminentes pesquisadores dos fenômenos psíquicos, o psicólogo polonês Julian Leopold Ochorowicz (1850-1917), professor de ciências em diversas universidades, desde 1882 na França, e diretor do Instituto Geral de Psicologia de Paris, desenvolveu métodos científicos para o exame e a comprovação dos fenômenos. Em sua conceituada obra *A sugestão mental*<sup>44</sup> (1887), ou transmissão do pensamento, ele explica:

Acredita-se geralmente que foi Mesmer o promotor da teoria do fluido nervoso, vital ou magnético, que se desprende do nosso corpo, projeta-se para fora, transporta-se em caso de necessidade através do espaço etc. etc. *Isso é um erro propagado por aqueles que não leram Mesmer*, ou que não puderam compreendê-lo. (OCHOROWICZ, 1909, p. 4)

Em suas experimentações, Mesmer deduziu dos fatos o princípio de que a vontade e o pensamento provocam vibrações de um agente gerador, gerando efeitos a distância por meio de ondas do meio, que se espalham pelo espaço. Em sua teoria geral, todos os fenômenos naturais, como luz, som, eletricidade, calor, todos seriam propagados por meio de uma vibração, nos diversos graus de fluidez do fluido universal. Em outras palavras, a *ação da vontade* e sua propagação por um meio material são o ponto central de toda a sua teoria:

*A propagação ocorre por meio de uma vibração*, como a luz, o som ou a eletricidade, na perene continuidade da matéria sutil [...]; da mesma forma que o *pensamento* e a *vontade* são constituídos de um movimento modificado de uma das seqüências do fluido na substância dos nervos ou do cérebro, assim também tanto o pensamento quanto a vontade podem transmitir esse fogo invisível e se tornar condutores de suas direções. (MESMER, 1814)

Grande nome da Física, Isaac Newton (1643-1727), uma das pessoas mais influentes da história, quando publicou sua obra sobre óptica, elaborou algumas dezenas de questões às quais não pôde se dedicar, deixando para que outros as desenvolvessem. Na questão 24, ele tratou do movimento animal, propondo exatamente uma capacidade da alma que provocava vibrações de um meio etéreo e agia no sistema nervoso para comandar o corpo físico: “O movimento animal não é provocado *pelas vibrações desse meio* [um meio etéreo], excitadas no cérebro pelo poder da vontade e propagadas dali por meio dos capilamentos sólidos, transparentes e uniformes dos nervos para os músculos, para contraí-los e dilatá-los?” (NEWTON, [1704] 2002, p. 260).

Essa mesma ideia dinâmica, cogitada por Newton, experimentada e estabelecida como teoria por Mesmer, vai se consagrar como conceito básico da Doutrina Espírita:

O fluido perispiritual é o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo do pensamento do Espírito para transmitir movimento às diferentes partes do organismo, as quais atuam sob o impulso da sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes externos. Tem por fios condutores os nervos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 228)

A cura pelo magnetismo animal não se daria pela ação de uma substância, mas pela sintonia, concordância entre duas *vontades*, a do magnetizador e a do paciente, motivando a força natural do organismo para restabelecer a saúde. Esse era o seu princípio essencial.

A teoria da vontade, portanto, é o laço de união fundamental entre as duas ciências, magnetismo animal e Espiritismo. Segundo Kardec:

Sabe-se que papel capital desempenha *a vontade* em todos os fenômenos do magnetismo.

Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. Tanto quanto do Espírito errante, a *vontade* é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contato e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (KARDEC, [1861] 1996, p. 172-3)

A ideia de Mesmer quanto à transmissão do pensamento e da vontade por meio de vibrações do fluido universal seria o principal fundamento de união entre a ciência do magnetismo animal e do Espiritismo, para serem consideradas ciências irmãs por Kardec. Por isso essa teoria era aceita por todos os espíritas do século 19.

Em verdade, nesse assunto da *vontade* como fundamento do magnetismo animal, e conseqüentemente do Espiritismo, estamos lidando com a mesma controvérsia presente no debate da ciência psicológica criada por Maine de Biran, que a defendia, enquanto os opositores materialistas a recusavam previamente, como vimos anteriormente nesta obra. O ato voluntário, por meio da vontade da alma, é o fundamento mesmo da psicologia experimental espiritualista e do Espiritualismo Racional. A continuidade da aplicação desse conceito vai motivar todas as conseqüências morais da autonomia. A ciência de Mesmer antecipa esse debate. Abandoná-lo é retornar à teoria materialista de que o ser humano se reduz a um fenômeno fisiológico. Esse é o cerne desta questão.

Mas os discípulos de Mesmer, não tendo a mesma amplitude da formação científica que seu mestre, tinham grande dificuldade para lidar com as questões complexas tanto da psicologia experimental quanto da física, disciplinas fundamentais para aquela ciência. Discípulo direto, Armand Marc-Jacques de Chastenet, o marquês de Puységur (1751-1825), escreveu

sobre as qualidades de seu mestre em 1813:

Cumpria que se encontrasse um observador que, somente mais atento que outro aos perpétuos eflúvios do fluido, ou princípio vital dos corpos organizados, reparasse enfim na influência dos seus sobre o princípio ou fluido vital de seus semelhantes; cumpria que aquele homem fosse douto na física, na química e na fisiologia, para que pudesse dirigir as suas observações sobre causas pertencentes àquelas ciências; e ademais cumpria ainda que fosse médico, para logo aplicá-lo ao tratamento e ao alívio dos males da humanidade. Esse homem, em quem se achou reunido tanto mérito e tantas qualidades, é o senhor doutor Mesmer, ancião hoje retirado e quase ignorado em uma pequena aldeia da Suíça, porém cuja imagem e nome transmitir-se-ão com glória à posteridade reconhecida. (MONTEGGIA, 1861, p. 81)

Puységur já havia declarado em sua primeira obra de 1784: “Advogando a causa do magnetismo animal, estou simplesmente advogando aquela do seu célebre inventor, o senhor Mesmer [...] É a ele apenas que devo minhas fracas luzes e meus felizes ensaios. Possam meus esforços acelerar o triunfo que lhe é devido!” (PUYSÉGUR, 1784).

No entanto, o marquês de Puységur não ousou elaborar uma teoria sobre as causas, fazendo uso das explicações de seu mestre: “Não pretendo dar a teoria do magnetismo animal, nem entrar em algumas discussões sobre sua analogia com todo o sistema do mundo: apenas o senhor Mesmer pode empreender tão grande tarefa”. Mas deixou evidente em sua obra a base espiritualista de sua prática:

Deus é superior à matéria, portanto imaterial; então minha alma é igualmente imaterial. Deus, a primeira causa, cuja essência imaterial não se limita aos limites das formas, do espaço e do tempo, tendo criado tudo e formado tudo, [...] Minha alma, causa secundária, cuja essência imaterial está contida nos limites das formas, espaço e tempo, não pode criar nada, formar qualquer coisa e só pode manter e restaurar. Paro neste último vislumbre de uma teoria metafísica que, além de estar em acordo com a ação e os efeitos físicos do magnetismo animal, vai além, sendo verdadeiramente sua prova. Deixo para as mentes mais esclarecidas do que eu deduzir sobre a certeza da existência de Deus e da alma, as regras de nossos deveres morais, políticos e religiosos; meu objetivo é apenas provar a realidade do magnetismo animal. (PUYSÉGUR, 1809, p. 167)

Quem criou a teoria do fluido vital, como *substância material*, para explicar a ação do magnetismo animal foram discípulos indiretos de

Mesmer, fazendo uso de sonâmbulos que descreviam o que viam, sem poder dar uma teoria adequada para o fenômeno. Em seu limite, considerada exclusivamente, essa teoria abandonava as questões psicológicas, os conceitos de ação da vontade, alma, transmissão do pensamento. Adotavam como explicação somente a ação mecânica e curativa de uma substância acumulada pelo magnetizador e transmitida ao paciente, que a absorvia, considerando essa a única causa da cura. Eram conhecidos como *magnetizadores fluidistas*. Afastando as questões espiritualistas, abriram caminho para um reducionismo materialista do magnetismo animal. Os adeptos desse radicalismo eram minoria, mas passaram a fazer oposição aos *magnetizadores espiritualistas*, partidários da teoria original da ação da vontade, segundo a qual quem se cura é o próprio paciente, pela força de restabelecimento natural do seu organismo, ou *vis medicatrix naturae*.

Um importante e benevolente magnetizador e divulgador, François Deleuze (1753-1819), botânico e bibliotecário do Museu Nacional de História Natural de Paris, escreveu um livro bastante difundido, *História crítica do magnetismo animal*. Trata-se de uma obra de referência, trazendo os fatos históricos, descrições das obras de Mesmer, trocas de cartas, os ataques sofridos, os relatórios das comissões de exame, relatam os livros sobre sonambulismo, como os de Puységur, um extenso material. Também propõe as explicações pessoais sobre as causas, a cura, o método. Baseia-se em Mesmer e afirma que, para magnetizar, são necessárias “uma vontade ativa dirigida para o bem, a crença em seu poder, confiança em fazer uso dele” (DELEUZE, 1813, p. 58). Trata do *rapport* ou o estabelecimento inicial do contato, provocando a atividade, caso o paciente esteja passivo. Também considera que “os efeitos produzidos são unicamente devidos à natureza, cuja ação é reforçada pela ação do magnetizador”.

No entanto, apesar de Deleuze considerar sem dúvida a existência de um

fluido como meio de transmissão da vontade, não tem certeza de que se trata de uma “modificação do fluido universal ou como um fluido especial” (DELEUZE, 1813, p. 90). Não abordou o assunto no sentido dos debates entre o movimento ondulatório e o mecânico. Ficou em dúvida sobre como explicar a diferença de potencial da força, entre outros conceitos da física, que não era uma área de seu conhecimento. Assim, apesar de Mesmer ter definido como basilar a teoria do fluido universal, Deleuze deixou em aberto a questão. Sendo um destacado formador de opinião, foi importante influência quanto a essa dúvida da segunda geração dos magnetizadores sobre esse princípio.



Capa de L'Art de Magnétiser

Segundo Kardec, os magnetizadores fluidistas, opositores do Espiritismo por negarem a teoria da vontade, formavam uma pequena minoria, cerca de 3% deles, e estavam em sua maioria no estrangeiro. A principal liderança desse grupo era Charles Leonard Lafontaine (1803-1892). Depois de passar por Londres e visitar o papa no Vaticano, que o encorajou, foi para Genebra, na Suíça, onde criou e dirigiu o jornal *Le Magnétiseur*. Sua obra *A arte de magnetizar*<sup>45</sup> era muito conhecida. Lafontaine foi um ferrenho opositor da união entre magnetismo animal e Espiritismo, defendendo a teoria do *fluidismo*, desejando qualificar o magnetismo como fenômeno somente fisiológico, nada tendo a ver com a psicologia, estudo da alma. No prefácio desse livro, Lafontaine afirma:

Não sendo doutor ou médico, jamais dei ou prescrevi um remédio ou medicamento. Encontro-me algumas vezes em dificuldades, mas sempre querendo permanecer em meu direito, valia-

me apenas de mim mesmo e logo convencido de novo que essa força vital, o fluido, que estava dentro de mim devia ser suficiente para tudo, recuperava a coragem e magnetizava com mais vigor, mais intensidade, mais perseverança e, após horas de trabalho contínuo, obtinha o prazer de verificar um resultado certo. Foi assim que minhas convicções se enraizaram, que afirmava e afirmo ainda hoje ser o fluido vital causa de efeitos curadores e de fenômenos genéricos do magnetismo.

Em sua obra *A arte de magnetizar*, Lafontaine explicou a teoria de Mesmer, aceita pela primeira geração de magnetizadores, afirmando que ele “reconhecia a causa dos efeitos magnéticos no fluido universal”. Também a primeira geração dos magnetizadores, discípulos diretos de seu criador, aceitava uma só ideia: “Eles atribuíam à vontade uma ação positiva sobre a pessoa magnetizada; é mesmo a essa vontade (que eles traduziam com palavras como *a intenção ou o pensamento*) que atribuíam a maior força e o primeiro lugar como causa dos fenômenos magnéticos” (LAFONTAINE, 2016, p. 41). E, então, Lafontaine determina a sua posição: “*Somos totalmente contrários aos chefes da escola mesmeriana*”, e explica assim a sua própria hipótese: “As numerosas experiências que realizamos para chegar à verdade convenceram-nos de que apenas existe, quanto aos efeitos magnéticos, *uma só e única causa, o fluido vital*”. Admitindo somente uma causa material, ele via as questões psicológicas espiritualistas como obstáculo para aceitação do magnetismo animal pela comunidade científica das ciências naturais, que incluía a medicina oficial.

Em seu jornal *Le Magnétiseur*, Lafontaine tinha um correspondente, o magnetizador fluidista Jules Lovy, que lhe enviava notícias do movimento dos magnetizadores de Paris, em sua coluna periódica “Correspondência parisiense”. Também recebia regularmente cartas do espírita Jobard, amigo de Kardec e membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Enquanto Jobard explicava e propunha as relações íntimas entre as duas ciências, os relatórios irônicos de Lovy defendiam o oposto, não poupando fortes críticas aos espíritas.

No primeiro jornal de 1861, Jobard escreveu um longo artigo descrevendo a mediunidade a partir do perispírito, explicando como os Espíritos se comunicam por meio dos médiuns. Ao final, Lafontaine publicou seu comentário sobre a mediunidade, negando a natureza do fenômeno como diferindo do sonambulismo:

Este estado, que não é outro senão o sonambulismo, em que o médium é encontrado, e não o põe em comunicação com o mundo dos Espíritos. Nesse estado produzido pelo magnetismo, a alma, liberta de seu invólucro terrestre, é deixada por si mesma e desfruta de suas próprias faculdades nessa condição de exaltação. Isso é tudo; já dissemos isso, e só podemos repeti-lo aqui: sem negar a possibilidade de comunicação com os Espíritos, não acreditamos nela. (*LE MAGNÉTISEUR*, n. 1, 15 abr. 1861, p. 17)

Naquele mesmo ano, o médium estadunidense James Squire fez diversas apresentações em Paris enquanto a visitava, promovendo efeitos físicos em ambientes escuros. Amarrado e com as mãos seguras, fazia uma mesa à sua frente subir sobre ele e cair atrás de si, sobre almofadas. Allan Kardec escreveu um artigo afirmando que, se fosse um fenômeno espírita, em nada tinha de manifestação inteligente; poderia ser explicado pela categoria dos fenômenos físicos, mas não seria possível provar a intervenção dos Espíritos. Todavia, concluiu, deveria buscar-se a explicação “sem recorrer às causas miraculosas ou sobrenaturais” (KARDEC, [RE] 1861, p. 29).

Em sua coluna “Correspondência parisiense” do jornal de Lafontaine, Lovy descreve uma sessão da Sociedade de Magnetismo de Paris<sup>46</sup>, na qual também estava presente Jobard, que tratou do exame feito por alguns membros da apresentação de Squire:

Você notará que no curso dessas discussões em nenhum momento se tocou na questão do Espiritismo. Ao comentar os grandes feitos do médium Squire, nenhum dos membros da Sociedade de Magnetismo cogitou de atribuí-los à intervenção dos Espíritos. E garanto-lhe que isso causou uma grande tristeza ao sr. Jobard, de Bruxelas. O espiritualista conservador dos museus belgas não compreende que uma sociedade que se ocupa do magnetismo animal deve deixar de lado o elemento espírita. Ele nos comparou a pessoas que, querendo estudar matemática, se limitassem a estudar aritmética, sem tratar da álgebra. Este belo sofisma, porém, a ninguém seduziu. Sabemos que o sr. Jobard é um gracioso poeta perdido na ciência;

seu cérebro está sempre viajando nas asas da fantasia; o barco de sua imaginação vai à cem nós por hora; mas o seu caminho passa longe da lógica. Ora, a associação do sr. Jobard é capenga. [...] em verdade, o Espiritismo é para o magnetismo animal o que a alquimia é para a química, o que a magia negra é para a física, o que é a astrologia para a astronomia. (*LE MAGNÉTISEUR*, n. 1, 15 abr. 1861, p. 84)

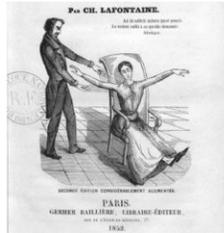


Ilustração da obra "A arte de magnetizar"

Em sua coluna de setembro de 1861, o senhor Lovy narra uma conferência do professor de física do Museu Florence, que atribuiu a causa do magnetismo a ondas, e não a uma substância. Essa conferência retomou as discussões entre fluidistas e espiritualistas. Lovy definiu que “a teoria do fluido vital é a única que satisfaz a razão” e que “luminares da ciência consideram a existência de um agente nervoso, semelhante ao fluido calórico, luminoso, elétrico, modificado para o organismo humano” (*LE MAGNÉTISEUR*, n. 6, 15 set. 1861, p. 126). Por fim, argumentou que, “se o fluido não existisse, Deus o teria inventado”.

Em janeiro de 1862, num longo artigo, o também fluidista Ludwig d’Arbaud, propondo a separação entre mesmerismo e Espiritismo, desqualifica por vagos argumentos a hipótese do perispírito (afirma falsamente que segundo o Espiritismo, por exemplo, o perispírito poderia se separar completamente do corpo físico) para explicar a ação da vontade do magnetizador sobre o sonâmbulo, argumentando que o livre-arbítrio do ser humano é limitado, pois o corpo físico é regido quase completamente pelo fluido vital ou influenciado por causas externas.

Por fim, depois de diversas controvérsias entre os fluidistas e os espíritas (como Roustan, Tiédeman, Jobard), Lafontaine inicia o primeiro número de

abril de 1862 argumentando que os Espíritos ensinam muitas sentenças bíblicas, morais ou religiosas, mas “nunca apresentaram nada que possa revelar positivamente sua presença perto de nós e a possibilidade de sua comunicação conosco neste mundo”. Finaliza seu editorial declarando: “nosso jornal fica fechado a qualquer questão espiritualista ou espírita, e agora vamos dedicar todas as nossas páginas ao magnetismo vital”, pois, segundo ele, “estaremos bem servidos do maravilhoso e misterioso, sem que seja necessário nos aventurarmos no mundo dos Espíritos”. O correspondente Lovy, após a declaração do diretor, tomou coragem para assumir:

Sem dúvida, magnetistas puros declinam de qualquer aliança ou parentesco com Espíritos batedores e mesas falantes. Infelizmente, porém, os filhos de Mesmer foram divididos em dois campos: fluidistas e espiritualistas, e esta divisão já tinha, desde o princípio, causado um grande mal ao mesmerismo; porque, uma vez tendo mergulhado nas profundezas da metafísica, a escola espiritualista mergulhou no sétimo céu, alcançando as estrelas. A partir de então, as corporações científicas incluíram numa mesma condenação o grande templo magnético e a capelinha desses pretensos iluminados. (*LE MAGNÉTISEUR*, n. 2, 15 maio 1862, p. 25-6)

Kardec publicou algumas mensagens de Mesmer em sua revista, numa delas ele trata exatamente das relações entre o tratamento pelo magnetismo animal, mediunidade de cura e a prece: “Há vários gêneros de magnetismo, entre os quais estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que pode, segundo a ocorrência, pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus”.

Em seguida, Mesmer confirma a *teoria da ação da vontade* em detrimento da hipótese equivocada dos fluidistas, que consideram uma ação mecânica e fisiológica de um fluido derramado sobre o paciente, cansando-se de tanto fazer movimentos:

*A vontade* foi, frequentemente, mal compreendida; em geral, aquele que magnetiza não pensa senão em desdobrar sua força fluídica, senão em derramar seu próprio fluido sobre o paciente

submetido a seus cuidados, sem se ocupar se há ou não uma Providência que nisso se interessa tanto e mais do que ele; agindo só, não pode obter senão o que sua única força pode produzir; ao passo que nossos médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus, e para reconhecer que, por eles mesmos, não podem nada; fazem, por isso mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se muito fracos por si mesmos, Deus, em sua solicitude, lhes envia poderosos recursos que não pode obter o primeiro, uma vez que se julga suficiente para a obra empreendida. Deus recompensa sempre a humildade sincera elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse recurso que envia, são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, que este transmite ao enfermo. Também é por isso que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão poderoso e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador comum se esgota, frequentemente, em vão, em fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela única imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos; mas esse concurso não é concedido senão à fé sincera e à pureza de intenção. (KARDEC, [RE] 1864, p. 6)

É realmente uma grande ironia da história o fato de que, inocentemente, por falta de informações mais precisas, o movimento espírita atual tenha recorrido à teoria e prática dos magnetizadores fluidistas (adotando a ideia de uma substância emitida pelo passista e absorvida pelo paciente como causa da cura), exatamente a minoria que combateu e ridicularizou os espíritas e a Doutrina Espírita no século 19. A pesquisa e o exame de livros como os de Deleuze, Lafontaine, barão Du Potet, entre outros da segunda geração após Mesmer, têm um valor adequado para preencher a história do magnetismo animal. Mas é apropriado estudá-los com profundidade para abranger o contexto ideológico da relação entre os personagens, a diversidade e contradições em suas teorias; além de considerar o fato da degeneração da proposta original na segunda geração, pela difícil compreensão na época dos princípios interdisciplinares da ciência que Mesmer criou.

## **Por uma física do mundo espiritual**

Para recuperar a proposta espírita da cura e as relações fundamentais com sua ciência irmã, o magnetismo animal, o caminho adequado está em

conhecer a teoria original de seu criador, Franz Anton Mesmer, que é a do *fluido cósmico universal* como meio de comunicação do pensamento e da vontade; e compará-la com a teoria oposta a essa, adotada pela comunidade científica da época e pelos magnetizadores fluidistas, que era a dos *fluidos especiais imponderáveis*, que permitiu conceber o *fluido vital*.

Sempre repugnou à razão a ideia de algo se propagar sem um meio material que lhe sirva de condutor. Os cientistas, desde o final do século 18, consideraram a hipótese de que toda matéria seria feita de átomos, considerados bolas minúsculas, duras e indivisíveis (como bolas de bilhar) e todo espaço onde não houvesse átomo seria o vácuo absoluto. Essa teoria é a do mais absoluto mecanicismo, pois, para haver qualquer movimento, é preciso que ele esteja representado por um átomo; força e matéria seriam absolutamente inseparáveis.

Dessa forma, limitados por esse pressuposto adotado previamente, Lavoisier e Laplace, por exemplo, precisaram criar uma classe de matéria, ou de átomos, para explicar fenômenos que causam movimento sem que haja aparentemente alguma coisa entre os objetos, por exemplo, um ímã atraindo ferro. Nesse caso, podemos ver o movimento, mas nada há entre eles. Para os acadêmicos daquela época, em função da existência do vácuo, esse fato só poderia ser explicado pela existência de uma substância material invisível, feita de átomos duros e indivisíveis, para a qual deram o nome de *fluido magnético*. Fluido por ser imaginada como uma substância rarefeita, elástica, como se fosse uma névoa ou um gás. Para todas as outras forças também foram criadas substâncias, como o fluido calórico, elétrico, luminoso.

Nesse paradigma mecanicista absoluto, porém, caso não houvesse qualquer manifestação física constatável de uma hipotética substância, ela poderia ser negada como explicação aceitável. Por exemplo, ao se considerar a possibilidade da transmissão do pensamento entre um

indivíduo e outro, caso um meio não seja constatado, o fenômeno será automaticamente descartado. Por isso a teoria do vácuo absoluto sempre interessou aos pensadores materialistas, pois assim poderiam afastar qualquer ideia dos fenômenos psíquicos e espirituais sem precisar apreciá-los, por considerá-los inobserváveis (por não ser possível constatar um átomo que lhe sirva de meio ou existência); portanto, não seriam objeto da ciência.

Havia, por outro lado, teorias rivais que negavam a existência de um vácuo absoluto, considerando a matéria como um todo, um pleno, existindo um éter ou fluido universal, substâncias preenchendo todo o Universo para explicar as ações a distância. A vantagem dessas ideias estava na possibilidade de se considerar o movimento ondulatório, semelhante ao que ocorre na água; ou no ar, explicando o som. Havendo uma matéria rarefeita plena, ela explicaria as ações a distância por ondas de um meio elástico invisível à nossa observação. Uma outra classe de fenômenos independente de uma emissão de átomos percorrendo a distância. O cientista Isaac Newton fez uso da matéria rarefeita para explicar diversos fenômenos, repudiando a ideia de ação a distância pelo vácuo, considerando-a um absurdo:

Que a gravidade possa ser inata, inerente e essencial à matéria, de modo que um corpo possa atuar sobre outro a distância no vácuo sem a mediação de qualquer coisa pela qual sua ação e força possa ser transportada de um para outro, é para mim um absurdo tão grande que eu acredito que nenhuma pessoa que tenha uma faculdade competente de pensamento em assuntos filosóficos possa jamais cair nele. A gravidade deve ser causada por um agente que atua constantemente de acordo com certas leis<sup>47</sup>.

Mas é preciso lembrar que toda teoria se trata de um pressuposto inverificável. Não se pode negar ou atestar a existência de algo não observável, e isso vale tanto para o éter quanto para os fluidos imponderáveis. Portanto a escolha dos pressupostos fundamentais de qualquer teoria é, em última instância, ideológica<sup>48</sup>.

Para os espiritualistas, a hipótese do pleno, e da existência de uma série de meios cada vez mais rarefeitos, poderia explicar os fenômenos da alma agindo a distância, ou mesmo a existência de um meio invisível que sustente sua existência após a morte.

Essa questão é crucial para se considerar a validade da Teoria Espírita do ponto de vista da física. Pois todos os conceitos espíritas, como perispírito, transmissão do pensamento, ação da vontade, dependem da existência do pleno, ou seja, a hipótese de que todo o espaço estaria completamente preenchido, mais ou menos rarefeito.

Allan Kardec vai considerar essa questão em *O Livro dos Espíritos*, quando perguntou aos Espíritos superiores: o vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal? E eles responderam: “Não, não há o vácuo. O que te parece vazio está ocupado por matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos” (KARDEC, [1860] 1995, p. 63). Essa pequena questão levantada por Kardec vai colocar a Teoria Espírita em completa oposição ao paradigma então aceito pela comunidade científica das ciências naturais de seu tempo, que adotava o vácuo e o mecanicismo absoluto como pressupostos válidos! Em sua obra *A Gênese*, Kardec volta ao tema do Espaço, numa mensagem de Galileu:

Várias definições do espaço foram dadas. Eis a principal: o espaço é a extensão que separa dois corpos. Dela certos sofistas deduziram que onde não houvesse corpos, não haveria espaço. [...]. Há ainda a definição de espaço: o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde age a matéria, etc. Deixemos essas definições nos tratados onde jazem porque elas nada definem. (KARDEC, [1868] 2018, p. 131)

Entre os sofistas estavam os materialistas que faziam uso de uma teoria hipotética para negar qualquer ideia espiritualista pelo critério da autoridade dos princípios contemporaneamente aceitos. Podem existir inúmeras teorias diferentes para explicar os fatos, e na ciência essa diversidade é não só salutar, como condição de sua própria existência. Do contrário, o pensamento se torna dogma, portanto autoritário, imóvel, contrário ao

progresso.

A teoria do fluido universal proposta por Mesmer, como veremos em seguida, considera exatamente a condição do pleno. E os Espíritos superiores vão adotá-la para explicar tanto o nosso mundo quanto o espiritual:

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde entre os espaços interplanetários; esse fluido cósmico que preenche o Universo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, ricas em aglomeração de estrelas, mais ou menos condensado, onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localizações do espaço sideral, não é outra coisa senão a substância primitiva na qual residem as forças universais, de onde a natureza tem tirado todas as coisas. (KARDEC, [1868] 2018, p. 142)

Como a obra de Kardec é um diálogo entre a cultura humana de seu tempo e os ensinamentos dos Espíritos superiores, vamos encontrar no decorrer dela citações tanto de um quanto de outro. Como duas teorias opostas da ciência fazem uso de um mesmo termo, *fluido*, sem consultar outras fontes da época, fica difícil compreender mais profundamente, fora de sua conjuntura originária, as citações nos livros de Allan Kardec.

Para estudar a matéria do mundo espiritual, os *fluidos espirituais*, Kardec publicou uma introdução. Nela, vai considerar as diferentes teorias da matéria consideradas em seu tempo. Primeiramente, a dos fluidos imponderáveis, que é substancialista, considerando as forças como constituídas de átomos sem peso:

A maioria dos corpos simples é chamada de *ponderável*, porque pode-se medir o seu peso, e esse peso está em razão da soma das moléculas contidas num volume dado. Outros são ditos *imponderáveis*, porque não têm nenhum peso para nós, e que em qualquer quantidade que sejam acumulados num outro corpo, não lhe aumentam o peso. Estes são: o calor, a luz, a eletricidade, o fluido magnético ou do ímã; este último não é senão uma variedade da eletricidade. Embora imponderáveis, por isto esses fluidos não têm menos uma força muito grande. O *calórico* divide os corpos mais duros, os reduz a vapor, e dá aos líquidos evaporados uma força de expansão irresistível. (KARDEC, [RE] 1866, p. 47)

Outros, porém, adotavam a teoria do pleno, considerando um único elemento originário para toda a matéria, e Kardec a descreve em seguida:

A ciência vai mais longe hoje; suas investigações a conduzem pouco a pouco à grande lei da unidade. Agora é quase geralmente admitido que os corpos reputados simples não são senão modificações, transformações de um elemento único, princípio universal designado sob o nome de éter, fluido cósmico ou universal; de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais que constituem os corpos simples; esses corpos simples, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade dos corpos compostos. *Segundo esta opinião*, o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo não seriam igualmente senão modificações do fluido primitivo universal. Assim, esse fluido que, segundo toda probabilidade, é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis. (*Ibidem*)

Portanto, será primordial para a Doutrina Espírita a teoria do fluido cósmico universal, acrescentando aos conceitos mecânicos outros derivados da ondulatória, necessários para explicar o mundo espiritual e seus fenômenos, por ideias como: ondas percorrendo o espaço, atmosferas fluídicas, sintonia vibratória, indução, diversidade de estados vibratórios, entre outros. Dessa forma, os estudos espíritas encontram um laço de afinidade com a física, contornando as contradições entre esses dois paradigmas. Isso porque, como conclui Kardec em seu estudo,

O fluido cósmico, enquanto princípio elementar universal, oferece dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que se pode considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que dele não é, de alguma sorte, senão consecutivo. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas aí, ainda, não há transição brusca, porque podem-se considerar nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. Cada um desses dois estados, necessariamente, dá lugar a fenômenos especiais; ao segundo pertencem aqueles do mundo visível, e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, chamados fenômenos materiais, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de fenômenos espirituais, porque se ligam à existência dos Espíritos, estão nas atribuições do Espiritismo; mas têm entre si tão numerosos pontos de contato, que servem para se esclarecer mutuamente, e que, como dissemos, o estudo de uns não poderia estar completo sem o estudo dos outros. (KARDEC, [RE] 1866, p. 51)

A Doutrina Espírita precisa se apoiar nas ciências humanas para ser compreendida e ter validade. No campo das ciências filosóficas, isso ocorreu de forma amplamente compatível, sendo o Espiritismo um

desenvolvimento daquelas, no âmbito da psicologia experimental. Já quanto às ciências naturais, havia divergências entre a teoria tradicional oficialmente aceita e a adequada para que os Espíritos superiores pudessem fundamentar sua teoria. Essa questão precisa ser levada em conta para que os espíritas decifrem as diferentes ideias presentes nas obras de Kardec.

Por outro lado, se devemos considerar que o Espiritismo sem a ciência do magnetismo animal fica incompleto, também o contrário é verdadeiro<sup>49</sup>. Os fenômenos da cura pelos passes e pela imposição de mãos, o sonambulismo, a visão a distância, todos esses fenômenos surpreendentes conhecidos a partir de Mesmer só podem ser explicados pela existência da alma e das leis que regem suas relações com a matéria. Isso ocorreu com o advento do “Espiritismo, que, nos revelando a existência do perispírito, nos fez conhecer, podendo exprimir-se assim, a *fisiologia dos Espíritos*”. Esse foi o grande passo evolutivo da psicologia experimental, pois não se pode conceber a alma sem seu envoltório perispiritual, pois “o princípio inteligente escapa completamente à nossa análise; não o conhecemos senão por suas manifestações, que se produzem com a ajuda do perispírito; é pelo perispírito que a alma age, percebe e transmite”. Então Allan Kardec, a partir desses fatos, previu: “Um dia virá, sem dúvida, em que se reconhecerá que existe uma *física espiritual*, como se começa a reconhecer a existência da *medicina espiritual*” (KARDEC, [RE] 1864, p. 49).

Vamos agora recuperar do século 19 esses conceitos, fazendo uso de manuais e obras científicas daquele tempo. Depois, iremos estudar como Allan Kardec pesquisou a *física espiritual*, escrevendo artigos, dialogando com os Espíritos, até chegar a uma derradeira conclusão em sua obra *A Gênese* sobre o mecanismo da cura, transmissão do pensamento, ação da vontade e outros fenômenos espíritas.

## **Os fluidos imponderáveis**

O primeiro a propor a teoria do fluido vital foi o cirurgião francês Claude Nicolas Le Cat (1700-1768), membro da Academia Real de Ciências. Para ele, a sensação de dor no calcanhar de quem teve a perna amputada é causada pela permanência do fluido animal próprio do calcanhar que se acumula na parte preservada da perna. Também concebia um fluido interligando os indivíduos de uma mesma espécie transmitindo as emoções, mudanças de caracteres, conforme a sintonia entre eles: “É fácil conceber que um fluido tão sutil quanto o fluido animal, [...] este fluido afetado pelo caráter particular de uma paixão, carrega a impressão para o fluido animal de outros indivíduos? No entanto, isso é o que todas as observações confirmam” (LE CAT, 1767, p. 154).

São hipóteses criadas pela imaginação dos pesquisadores para explicar fenômenos observados repetidamente, considerando que a comunicação a distância deveria ocorrer por algum meio, e assim ela recebe o nome de fluido animal, vital, elétrico animal, magnético animal, entre outros.

Desde a segunda metade do século 18, chegando até o período de elaboração do Espiritismo, as forças observáveis da natureza foram, predominantemente, concebidas como substâncias especiais, compostas de átomos imaginados como esferas duras, indivisíveis, cada uma delas tendo as propriedades próprias das diferentes forças. Assim, o fenômeno do calor era explicado por uma substância, chamada fluido calórico ou simplesmente calórico, que impregnaria os corpos e cuja presença os esquentaria. A luz seria explicada por um fluido luminoso. A eletricidade por dois fluidos, o fluido elétrico vítreo e o resinoso (ou fluidos elétricos positivo e negativo). O magnetismo pelo fluido magnético.

Cientistas como Laplace e Lavoisier adotaram essa hipótese dos *fluidos imponderáveis especiais*<sup>50</sup> em suas teorias para explicar os fenômenos da natureza, a partir de uma orientação materialista. Para Lavoisier, quando a quantidade de calórico presente num corpo sólido aumenta, ele força a

separação de suas moléculas do corpo (os átomos de calórico repelem-se entre si, mas se ligam à matéria comum), tornando-o líquido. Aumentando ainda mais a quantidade, o corpo se torna gasoso: “O calórico passa da nossa mão para os corpos que tocamos, e experimentamos a sensação do frio. O efeito contrário ocorre quando tocamos um corpo quente. O fluido calórico passa do corpo para a nossa mão, e temos a sensação do calor” (LAVOISIER, 2007, p. 37).

Lavoisier considerava que “é difícil conceber esses fenômenos sem admitir que eles são o efeito de uma substância real e material, de um fluido muito sutil que se insinua entre as moléculas de todos os corpos e que os separa” (LAVOISIER, 2007, p. 30). Era preciso definir uma causa para os efeitos encontrados na natureza, e, no caso do calor, ela seria um fluido elástico, pensavam.

Havia outros problemas para resolver. Quando o fluido calórico se acumulava em um corpo, o peso deste não aumentava. Então foi preciso considerar que ele era um fluido sem peso, constituindo uma matéria imponderável. Não sendo possível observá-la, era invisível. Num dicionário de 1854, encontramos o seguinte significado: “Calórico: princípio do calor, fluido sutilíssimo sumamente expansível, imponderável, espalhado por todo o espaço, e cuja presença nos é manifesta pela sensação do calor que ele faz experimentar aos nossos órgãos. O calórico penetra todos os corpos, aumentando-lhes o volume, apartando as suas moléculas para se colocar entre elas” (FARIA, 1854).

Todavia, essa hipótese da matéria imponderável, a partir das descobertas da física moderna, é considerada completamente falsa.

Albert Einstein, numa obra de divulgação científica, *A evolução da física*, em parceria com Leopold Infeld, comenta sobre o calórico:

Não há teorias eternas em ciência. Sempre acontece que alguns dos fatos previstos pela teoria são desaprovados pela experiência. Toda teoria tem o seu período de desenvolvimento gradativo e triunfo, após o qual poderá sofrer rápido declínio. A ascensão e a queda da teoria

da substância do calor, já discutidas aqui, é um dos muitos exemplos possíveis. (EINSTEIN; INFELD, 1980, p. 67)

“Os velhos nomes, calor latente do derretimento, mostram que esses conceitos são retirados da ideia de calor como uma substância.” E então Einstein questiona: “Mas o calor não é, certamente, uma substância no mesmo sentido que a massa. A massa pode ser detectada por meio de balanças, mas, e o calor?”. E então responde:

A ideia do calor “fluindo” de um corpo para outro sugere a semelhança da água escoando de um nível mais alto para outro mais baixo. [...] A “substância calor” foi usualmente chamada calórico e é nossa primeira conhecida de uma família inteira de substâncias destituídas de peso. [...] Vimos que a teoria da substância explica muitos fenômenos do calor. Contudo [...] essa conquista é falsa, o calor não pode ser considerado uma substância, nem mesmo sem peso. (EINSTEIN; INFELD, 1980, p. 42-3)

## **A teoria do fluido cósmico universal**

Franz Anton Mesmer não fez nada de improviso ou acaso. O magnetismo animal surgiu somente depois de décadas de profundas pesquisas e experimentações. Ávido de conhecimento, ele se interessava por todas as áreas do saber, e nunca parou de estudar. Em 1759, aos 25 anos, Mesmer foi para Viena, Áustria. Primeiramente dedicou-se ao estudo das leis por apenas um ano, para só então ingressar em sua quarta faculdade, a de Medicina.

Esse precursor do Espiritismo sofreu maciça campanha de difamação e combate de suas ideias, com amplos reflexos na literatura sobre ele presente no século 20, tratando-o como charlatão e sua teoria como pseudociência. Essa visão colocaria em contradição a atitude de Allan Kardec ao afirmar tratarem-se, magnetismo animal e Espiritismo, ciências irmãs. Para resgatar os verdadeiros fatos, por meio de fontes primárias, incluindo a tradução de suas obras completas, elaboramos a obra *Mesmer: a ciência negada do magnetismo animal*, tendo continuidade essa investigação em *Revolução espírita: a teoria esquecida de Allan Kardec*. Constatamos, então, serem absolutamente infundadas as acusações difamatórias, baseadas em falsas

referências. Mesmer foi um pesquisador sério, dedicado, fundamentando suas ideias na exaustiva repetição de experiências e observações dos fatos, fazendo uso adequado da metodologia científica disponível em sua época, em muito revelando-se inovador, antecipando conceitos, práticas e métodos que seriam consagrados nos séculos seguintes. Na obra *Mesmer*, dissemos:

Como vamos demonstrar, as descrições burlescas escritas sobre Mesmer são falsas, retiradas de folhetos difamatórios anônimos espalhados pelas ruas de Paris em sua época, e quem se escondia sob pseudônimos eram seus declarados e ferrenhos opositores da academia. Mesmer foi um homem de seu tempo, médico reconhecido por sua carreira, respeitado por sua cultura ampla e diversa sobre ciências, filosofia, história. Ele foi um espiritualista e defendia seus argumentos em oposição aos que desejavam impor na universidade o materialismo reducionista, como Lavoisier e diversos médicos seus oponentes da academia. Era o ambiente do Antigo Regime, e o poder nas universidades de Medicina obedecia a uma hierarquia ligada à nobreza. O médico do rei estava no topo dessa estrutura. E cabia a ele regimentar, controlar e definir os rumos da medicina oficial. (FIGUEIREDO, 2017, p. 16)

Como não caberia aqui a transcrição de todos os argumentos, sugerimos ao leitor a consulta dessas duas obras para constatar por si mesmo os fatos. Tomemos aqui, portanto, uma continuidade do que lá foi exposto.

Mesmer considerava equivocada a hipótese de que as forças fossem denominadas substâncias, como pensavam Lavoisier e Laplace. Para ele, “nem a luz, nem o fogo, nem a eletricidade, nem o magnetismo e nem o som são substâncias, mas sim efeitos do movimento nas diversas séries do fluido universal” (FIGUEIREDO, 2017, p. 496).

Na ciência do magnetismo animal, a natureza física do Universo está relacionada com estados de vibração nas diversas fases de um pleno, que representava toda a matéria sem que existam vazios. Para ele, os nossos sentidos apreendiam as vibrações dos meios. Os ouvidos percebiam as vibrações do ar, a visão as vibrações do éter, e assim por diante. Haveria, porém, estados de vibração da matéria em condições ainda mais sutis. Em sua *Memória sobre suas descobertas*, obra publicada em 1799, em Paris, Mesmer define:

É preciso admitir a existência de um fluido universal, que é o conjunto de todas as séries da matéria dividida pelo movimento interno (isto é, o movimento de suas partículas entre si). Neste estado, ele preenche os interstícios de todos os fluidos, do mesmo modo que de todos os sólidos contidos no espaço. Por causa dele, o Universo está fundido e reduzido a uma única massa. A fluidez constitui sua essência. Não tendo nenhuma propriedade, ele não é elástico e não tem peso, mas é o meio apropriado para determinar as propriedades de todas as ordens da matéria que se encontra mais composta e que não é ele próprio. (FIGUEIREDO, 2017, p. 495)

Há aqui uma diferença fundamental entre a teoria das substâncias ou fluidos imponderáveis e a do fluido universal. Ambas consideram algo físico. Na hipótese do calórico, as propriedades são consideradas próprias dessa qualidade de átomo. Os efeitos do calor estariam relacionados com sua presença, onde houver calórico haverá calor. Seriam possíveis atos mecânicos, como acumular, guardar, transferir. Na hipótese do fluido universal, o calor não seria uma coisa em si, mas um movimento, e a substância é apenas um meio que ele percorre. As propriedades não estão relacionadas, então, com a substância em si, mas derivam da causa que gerou o movimento inicialmente.

Vejam essa diferença das teorias em relação à ação do magnetismo animal. Tanto Mesmer quanto os fluidistas vão considerar a existência de um fluido, a diferença está na interpretação de sua natureza. Aliás, ele pode ser observado pelos sonâmbulos, constatando a sua existência. Para Mesmer, as propriedades do fluido estão relacionadas com a ação do magnetizador, que gera um movimento, uma onda, que terá uma frequência equivalente ao tipo de pensamento e uma potência relacionada com a força da vontade empregada. Esse movimento induz a vontade do paciente, e a causa da cura está no esforço de seu organismo em promover seu próprio reequilíbrio. São duas ações envolvidas. Uma é a indução vibratória que tem como causa o magnetizador, e a outra é a ampliação do potencial da cura natural do organismo, por um soerguimento da vontade do paciente. O fluido transmite o movimento ondulatório, promovendo a sintonia entre as duas vontades. Essa teoria é dualista do ponto de vista metafísico, pois a

causa está na alma, enquanto o fluido material é um meio condutor do movimento. Os fatos envolvidos são fisiológicos e também psicológicos.

Já na hipótese de um fluido vital, as propriedades curativas estariam relacionadas com a própria natureza dos átomos dessa imaginária substância especial, sendo ela própria a causa da cura. Uma quantidade de fluido acumulada no magnetizador seria transferida por emissão para o paciente carente dessa substância. A ação estaria relacionada, portanto, somente à quantidade de fluido transferida. Fenômenos mecânicos estariam relacionados com o ato. Essa hipótese, no entanto, é falsa. Mas o magnetizador fluidista que imaginava essa teoria quando fazia o passe derivava dela uma série de práticas formais, sem respaldo na realidade do fenômeno. Por exemplo, vai considerar que há um limite de quantidade a ser transmitida, correndo-se o risco de o magnetizador ficar com pouco fluido e adoecer ou se esgotar. Preocupa-se em colocar as mãos do paciente para cima, para o fluido entrar mais facilmente. Pode achar até que, por um mau direcionamento, o jato de fluido passaria ao lado do paciente. Tudo isso era somente fruto da imaginação. Cada magnetizador fluidista criava um sistema. Mas nenhuma dessas práticas correspondia à realidade, sendo, em verdade, apenas rituais.

Sendo a teoria do fluido universal proposta por Mesmer uma união entre os fenômenos dos mundos físico e moral por um mesmo agente gerador, corresponde aos fenômenos observados pelos Espíritos superiores na espiritualidade. Por esse motivo, será utilizada como base conceitual para a Doutrina Espírita. O fluido universal será apresentado no Espiritismo como o elemento material basilar, desde sua condição de maior densidade, que é a da matéria observável, até as condições rarefeitas dos mundos espirituais:

O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada nos pode dar uma ideia; o ponto oposto é sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, existem inumeráveis transformações que se aproximam, mais ou menos, de um ou de outro. Os fluidos, mais próximos da matéria, que por consequência são os menos puros,

compõem o que se pode chamar de atmosfera espiritual terrestre. É desse meio, onde se encontram, igualmente, diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra tiram os elementos necessários para sustentar sua existência. (KARDEC, [1868] 2018, p. 285)

O destino desse debate de teorias da física seria surpreendente. A teoria dos fluidos imponderáveis da física do século 19 cairia por terra quando Einstein e seus contemporâneos instituíram os fundamentos da física moderna. E então as ideias de Mesmer sobre os estados de vibração do fluido universal podem ser consideradas uma antecipação conceitual intuitiva da revolução dessa ciência!

O doutor em Física pela USP, professor titular do departamento de Física da UFPA, membro das Academias de Ciências de Roraima e Pará, dr. José Maria Filardo Bassalo, em coautoria com o doutor em Química pela Universidade Estadual de Campinas, e colega das academias, dr. Robson Fernandes de Farias, no tocante à física nas proposições de Mesmer, concluiu que:

Embora devamos lembrar que essas proposições foram efetuadas em um outro contexto científico/histórico, devendo-se, por conseguinte, ter o cuidado de não lhes atribuir um significado diferente do que imaginou Mesmer, é inegável que ele (muito embora, possa-se dizer, de forma “apenas” intuitiva), em busca do entendimento da ação do “magnetismo animal”, vislumbrou muitos aspectos relativos ao comportamento físico da matéria que estavam (ou estão) em perfeita harmonia com as proposições da Física. (FARIAS; BASSALO, 2010, p. 29-30)

Antoine Lavoisier fez parte, junto a Benjamin Franklin, Leroy, Bory e Guillotin, da primeira comissão formada por determinação do rei para examinar o magnetismo animal, em 12 de março de 1784. Mesmer, sabendo que a ação na cura só poderia ser constatada por seus efeitos, e não pela observação sensível do agente, em virtude de sua sutileza enquanto estado de vibração do fluido universal acima da luz, propôs que se formassem dois grupos de pacientes, um tratado pelo seu método e outro pela medicina comum, anotando-se as ocorrências, progresso dos sintomas e resultado

final quanto à cura. Caso fosse constatado um sucesso percentual favorável ao magnetismo, tal resultado motivaria as faculdades de Medicina e Academia de Ciências a estudar o fenômeno. Com a recusa de sua proposta, Mesmer não participou das experiências das comissões reais, todavia, contra a sua vontade, pois chegou a desautorizá-lo expressamente por carta a Franklin, um discípulo, Deslon, se aventurou a fazer as demonstrações, mesmo sendo limitado tanto conceitualmente quanto à prática dessa ciência. Afirma Mesmer na carta:

Peço-lhe para ler com a maior atenção a *Memória* que junto a esta carta; o senhor entenderá uma parte dos delitos que imputo ao senhor Deslon, e não tardará a conhecer quanto podem se tornar embaraçosas para o governo e para o senhor, as falácias que, no desejo único de me prejudicar, ele utilizou na arte de relacionar o governo e o senhor, de uma parte, e ele e os colaboradores de outra. (FIGUEIREDO, 2017, p. 279)

E, no final da carta a Franklin, Mesmer conclui:

Minha descoberta interessa a todas as nações, e é para todas as nações que desejo fazer a minha história e minha apologia. Pode-se então aqui, como se fez até o presente, abafar minha voz: não se fará nada mais do que postergar minha reclamação e torná-la mais potente e mais respeitável. Eu estou como o senhor, entre os homens que não se podem oprimir sem risco; no número desses homens que, porque fizeram grandes coisas, dispõem da respeitabilidade, como os homens poderosos dispõem da autoridade. Embora se ouse tentar, meu senhor, como o senhor, eu tenho o mundo por juiz: e se puderem fazer esquecer o bem que fiz, e impedir o bem que eu gostaria de fazer, terei a posteridade para me reparar. (*Ibidem*)

Franklin, idoso e doente, não participou da comissão ativamente. Lavoisier liderou diversos experimentos com Deslon, e, como previsto por Mesmer, eles falharam em grande parte. Primeiramente, Lavoisier desejava observar efeitos sensíveis tendo como causa o agente, que considerou como sendo um fluido magnético, exatamente a explicação que Mesmer negava! Aqui está o ponto fundamental da questão. Lavoisier era um dos maiores defensores da teoria dos fluidos imponderáveis, e Franklin havia elaborado uma teoria para explicar a eletricidade por meio de um único fluido elétrico chamado negativo, pois até então cogitava-se a existência de dois, positivo

e negativo ou vítreo e resinoso. Esse paradigma adotado pela comunidade científica da época afastava a hipótese de se explicarem as forças da natureza por meio de propagação de ondas pelo espaço. Lavoisier nem chegou a cogitar a teoria do fluido universal proposta por Mesmer, e fundamental em sua ciência, pois negava de antemão essa hipótese. Ou seja, considerando hipoteticamente, caso Lavoisier fosse chamado a apreciar uma teoria das ondas eletromagnéticas como sendo ondas propagadas no espaço, também recusaria sua existência previamente, por ver a realidade por meio de uma teoria oposta.

A comissão, enfim, tomou como base uma teoria contrária à de Mesmer, criador da ciência, chegando a conclusões confusas e contraditórias:

O fluido magnético não existe, e os meios empregados para colocá-lo em ação são perigosos. Os comissários reconheceram que o fluido magnético animal não pode ser percebido por nenhum dos sentidos físicos, que não teve nenhuma ação, nem neles, nem nos pacientes que a ele foram submetidos; tendo assegurado que as pressões e toques raramente causam mudanças favoráveis para a economia animal, mas regularmente causam exaltações perigosas na imaginação do paciente; tendo-se comprovado, finalmente, por experiências decisivas, que a imaginação sem magnetismo produz algumas convulsões, e o magnetismo animal, sem a imaginação, não produz nada; os comissários concluíram, por unanimidade, respondendo à pergunta sobre a existência e a utilidade de magnetismo animal, que nada prova sua existência; que este fluido, como não existe, não tem utilidade alguma; que os efeitos violentos que são observados nos tratamentos públicos quando os pacientes são tocados são devidos à imaginação, ocorrendo a partir de uma imitação dos movimentos observados à sua volta. E ao mesmo tempo sentem-se na obrigação de acrescentar que os toques, e a imaginação produzindo algumas crises, podem ser prejudiciais; que a contemplação destas crises pelos outros pacientes também é perigosa, por causa desta atitude de imitação cuja natureza parece ter nos feito uma lei; e que, então, todo tratamento público onde forem usados os métodos do magnetismo animal pode ocasionar efeitos fatais. (FIGUEIREDO, 2017, p. 280)

Primeiramente, afirmam que o fluido magnético não existe, mas isso Mesmer já afirmava desde sempre. Depois, que não pode ser percebido pelos sentidos, o que já deveria ter sido uma variável prévia de qualquer experimento, e não uma conclusão. Perguntados sobre a utilidade, os

comissários concluem que, por não existir, não tem utilidade alguma. Todavia, não acompanharam casos de doentes submetidos ao tratamento, verificando a eficácia em relação aos métodos usuais! Pois o fato de não ter sido percebido não permite concluir que não exista. Por fim, em não existindo nenhum efeito do tratamento, mas somente imaginação e toques, concluem que todo o tratamento pode ocasionar efeitos fatais. Essa grave afirmação diz o seguinte: bastam alguns toques com os dedos numa pessoa, e por sua imaginação ela poderá morrer.

Apesar da completa falta de definições prévias adequadas, do uso de métodos ineficazes e de conclusões ilógicas e estapafúrdias, toda a literatura desde o século seguinte considerou, em artigos e obras de referência, que o magnetismo animal foi recusado pela ciência, por meio de cientistas renomados.

## **O sonambulismo magnético como instrumento de observação**

Quando foi verificar experimentalmente a influência de um organismo saudável sobre outro doente, Mesmer se surpreendeu, durante as sessões de aplicação dos passes em seus pacientes, que alguns deles caíam num estado peculiar de sono, que depois receberia o nome de *sonambulismo provocado*. Em sua obra *Resumo histórico dos fatos relativos ao magnetismo animal*, publicada em 1781, ele explica:

O magnetismo animal deve ser considerado em minhas mãos como um sexto sentido artificial. Ele deve em primeiro lugar se transmitir pelo sentimento. O sentimento e apenas ele pode tornar a teoria inteligível. Por exemplo, um dos meus doentes, acostumado a provar os efeitos que produzo, tem, para me compreender, uma disposição a mais do que o restante dos homens. (FIGUEIREDO, 2017, p. 354)

Num estado alterado de consciência, determinados pacientes tinham seus sentidos ampliados, percebiam odores, sons e paladares de forma ampliada. Mais impressionante ainda, podiam ver a distância, ler livros e cartas

fechadas, pressentiam fatos futuros. Conseguiam observar o que era invisível aos outros, como uma substância emanando do magnetizador, também presente na água fluidificada ou outros objetos tocados, reconhecendo por sua natureza quem o teria feito.

Inicialmente, Mesmer manteve sigilo sobre os prodígios da lucidez sonambúlica, para se concentrar em sua proposta de transformação da medicina, declarando: “Em vez de aguçar a curiosidade, eu estava interessado em tornar úteis esses fenômenos da cura, e só quis convencer por meio de fatos” (FIGUEIREDO, 2017, p. 523). No entanto, em seu trabalho para elaborar uma teoria da física que pudesse explicar sua descoberta, os fenômenos do sonambulismo foram fundamentais, além de servir como instrumento de diagnóstico durante os tratamentos.

Mesmer explicava aos seus discípulos que, no estado de sonambulismo, o indivíduo tornava-se para o médico conhecedor do magnetismo animal, um instrumento de observação como um telescópio ou um microscópio. “Por esse meio, poderia perceber todas as indisposições, todas as doenças, suas causas e curas, até mesmo as mais obscuras” (MESMER, 1826, p. 4-5). Allan Kardec confirmaria a importância desse fenômeno para a psicologia:

Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação. Abre-nos, dessa maneira, o livro do nosso destino [...]. Deus cotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance da mão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental. (KARDEC, [1860] 1995, p. 242)

Um dos fenômenos mais impressionantes era o fato de o magnetizador pensar numa questão ou ordem e o sonâmbulo responder ou agir de acordo com esse comando mental. E esse fato podia ser repetido, inclusive com o pensamento de outros presentes. Para explicar essa ação a distância do pensamento, Mesmer considerou uma analogia com os outros fenômenos vibratórios da natureza:

Que o ar representa para o som em relação à harmonia, que o éter representa para as formas e

configurações de objetos peculiares em representações de imagens, o mesmo é válido para essa ordem de matéria sutil em relação ao pensamento, de modo que o aspecto físico do pensamento pode ser transmitido diretamente a uma substância intermediária e reproduzido num órgão capaz de seu registro. (MESMER, 1814)

Uma imagem que nos chega pela visão é a representação de um objeto. Seguindo o mesmo raciocínio, segundo Mesmer, “igualmente é possível que o pensamento, que consiste em uma modificação do fluido sutil do cérebro e dos nervos, seja propagado do mesmo modo que o som e a luz e que se comunique a um outro órgão, semelhante àquele que o produziu ou no qual se originou”. Assim, rematou que “o pensamento, independentemente dos recursos convencionais ordinários, pode se comunicar e se propagar por todas as formas, através da matéria sutil que o formou e através da constante continuidade da substância intermediária”.

Isto é, o pensamento, da mesma forma que uma pintura ou um texto, “pode se fixar no espaço nas diferentes organizações apropriadas a esse fim”. E desse modo, conjectura Mesmer, podem ser explicados a influência mútua, a opinião pública, os costumes e hábitos generalizados, os efeitos do poder da imaginação e dos sonhos, a força do caráter e da vontade que é utilizada nos discursos e cerimônias, bem como “os efeitos do poder da cobiça, do bem e do mal, da benevolência das bênçãos e maldições”.

Também se pode explicar da mesma maneira a comunicação da vontade do magnetizador ao sonâmbulo, estabelecendo uma sintonia, harmonia de propósitos, chamado *estado de relação*, condição necessária tanto para a cura quanto para provocar as fases do estado sonambúlico:

Movimentos modificados pelo pensamento no cérebro e na substância dos nervos são comunicados ao mesmo tempo à série de um fluido sutil com a qual esta substância dos nervos está em continuidade, podendo estender-se a distâncias indefinidas e comunicar-se imediatamente com o senso íntimo de outro indivíduo. Pode-se conceber como as vontades de duas pessoas podem se comunicar pelos seus sentidos internos. Por consequência, pode existir uma reciprocidade, um acordo, uma espécie de convenção entre duas vontades, o que se pode chamar estado de relação ou *rapport*. (MESMER, 1814)

Ou seja, tanto o pensamento quanto a vontade comunicam-se, criando conexões entre os indivíduos, relações coletivas conforme as intenções e as ideias de cada um. Mas como é possível estabelecer uma diferenciação entre eles? Explica Mesmer que, “ao observar a natureza e os efeitos do som e da luz, percebe-se que os movimentos da oscilação e da vibração se propagam em todas as direções, cruzam-se, misturam-se sem se confundir ou se aniquilar; essa lei é comum a todas as sequências do fluido universal” (MESMER, 1814).

Exatamente essa mesma ideia será utilizada na obra *A Gênese* por Kardec para explicar a transmissão do pensamento, seja dos encarnados ou dos Espíritos. Melhor dizendo, o mecanismo dos fluidos espirituais se explica pelo mesmo conceito de ondulatória empregado pelo magnetismo animal. Também o pleno, o fluido universal, como meio de propagação das ondas mentais, causadas, no entanto, pelas vibrações provocadas pelo perispírito, enquanto para Mesmer eram pela substância cerebral:

O pensamento atua sobre os fluidos como o som sobre o ar. Esses fluidos nos trazem os pensamentos, como o ar nos traz o som. Pode-se dizer, portanto, que há nesses fluidos ondas e raios de pensamento que se cruzam, sem se misturar, como no ar há ondas e raios sonoros. (KARDEC, [1868] 2018, p. 292)

Por essa construção de ideias, Mesmer conclui, prevendo a ampliação da teoria que vislumbrou, e que acabou tendo o Espiritismo como ciência irmã, complementando a compreensão do ser humano, na condição de homem e espírito:

Que enorme campo de investigações e conhecimentos se abre com a incessante pesquisa do sentido interior! Compreender-se-á, por fim, que o ser humano, através dessa capacidade, está em contato ou em ação recíproca com toda a natureza; que o exercício dessa capacidade jamais termina e que apenas os seus efeitos poderão ser interrompidos e passar despercebidos através de todos os estímulos provindos dos sentidos externos. Desse modo, como estes últimos são mais intensos, eles superam os outros, assim como a presença do sol nos priva, durante o dia, da visão das estrelas. E tudo o que existe de verdadeiro e inquestionável nos fenômenos do sonambulismo, das profecias, das sibilas, dos oráculos, da magia, da feitiçaria, da demonologia será esclarecido por essa teoria. (*Ibidem*)

Primeiramente, Mesmer fez uso científico do sonambulismo como meio de observação da alma, abrindo passagem para a psicologia experimental. Depois, Kardec amplia o caminho, fazendo uso da mediunidade para observar o Espírito.

## **A cura pelo magnetismo animal segundo Mesmer**

Mesmer recebeu a melhor educação disponível aos estudantes de medicina em toda a Europa. Mas ele integrava uma minoria. Naqueles tempos, a formação daqueles que se dedicariam à arte de curar não diferia, na grande maioria das universidades, dos métodos empregados durante mais de um milênio. Diante de um professor circunspecto, autoritário e distante dos seus pupilos por sua superioridade eclesiástica, os alunos acompanhavam a leitura monótona dos livros de Galeno e Aristóteles e os comentários da filosofia escolástica. Sua formação era teórica e mecanicista, tudo era determinado pela memorização dos livros impostos. Esse sistema vinha sendo arrastado por séculos, enclausurando o raciocínio e a criatividade de gerações de médicos e criando uma gama de preconceitos acadêmicos que deterioraram a prática médica.

Na medicina tradicional era respeitada a autoridade absoluta da palavra escrita, em detrimento da observação da natureza. A prática médica, além de ter uma orientação materialista, era prejudicial aos já debilitados e indefesos doentes. Sua terapia fazia uso irracional e indiscriminado de sangrias, purgantes, vomitórios, infusórios, específicos e irracionais poções. Muitas dessas práticas avançaram teimosamente até o século 19, continuando a desgraçar suas vítimas.

Entretanto, vivia-se uma época de transformações e novas ideias no Século das Luzes. Precursores, como os médicos Paracelso, van Helmont, William Harvey, André Vesálio, Descartes e seus seguidores haviam aberto uma passagem nas trevas, por onde a luz poderia finalmente surgir. E

certamente não foi por coincidência que Anton Mesmer fez os seis anos de seu curso de Medicina na Universidade de Viena, após a reestruturação esclarecida de Gerard van Swieten. Para compreender a relevância desse fato, precisamos seguir o caminho do mestre de Van Swieten, o médico considerado pelos historiadores da medicina como o maior professor e clínico da medicina iluminista: Boerhaave.

O holandês Hermann Boerhaave (1688-1738), um dos mais influentes humanistas do século 18, criou a clínica médica ao recuperar os princípios originais de Hipócrates. Com sua pedagogia renovadora, Boerhaave era conhecido como “professor da Europa” e também “Hipócrates holandês”. Boerhaave permitia aos seus alunos a elaboração de suas próprias conclusões pela observação direta e a prática médica junto ao leito dos doentes, retomando o método científico. Para ele, a enfermaria não era um lugar apenas para tratamento, mas também para a educação dos estudantes.

Em suas aulas, frequentadas por alunos de toda a Europa, ele dizia que o objetivo da medicina era curar os pacientes e que o médico devia permanecer ao lado deles, deixando os preconceitos acadêmicos de lado e avaliando a situação com calma e dedicação. Quando um paciente morria, Boerhaave levava seus alunos para acompanhar a autópsia. Todos os dias eles eram levados para seguir o exame clínico dos seus pacientes, com os quais conversava regularmente, no pequeno hospital de Leyden. Os futuros médicos aprendiam a decidir sobre o tratamento depois de conhecerem meticulosamente os históricos clínicos de seus pacientes.

O médico holandês – professor de medicina, botânica e química – trazia novos conceitos para a medicina, indo muito além das noções mecanicistas medievais. Para ele, influenciado pelas teses de Newton, os sistemas físicos do organismo compreendiam um todo equilibrado e integrado. Enquanto os médicos ainda seguiam esquemas supersticiosos e irracionais (como a teoria dos humores, conhecida como humorismo), Boerhaave estudava os fluxos

que percorrem tubos, vasos e órgãos sólidos que controlam os humores corporais, criando uma nova teoria: o solidismo. Retomando Hipócrates, Boerhaave dizia que no estado de saúde tudo encontra seu próprio equilíbrio, e a doença era um fator desequilibrante relacionado com a obstrução ou a estagnação da *vis medicatrix naturae*.

Boerhaave ainda sofreu influência das únicas terapias disponíveis em sua época, mas concentrava-se nos recursos mais amenos, oferecendo aos seus pacientes água pura, leite, repouso e massagens. Ele escreveu sobre o sistema circulatório, o sistema nervoso, as funções do cérebro e a possibilidade de os impulsos elétricos ou atrações magnéticas ativarem secreções glandulares. No entanto, Boerhaave dava como certa a presença da alma separada do corpo. Afastava-se do dogma materialista da milenar medicina galênica, apesar de não ter levado o estudo da alma ao detalhamento da prática médica. É surpreendente a profundidade de seus aforismos, por exemplo, sua afirmação quanto à origem psicossomática das doenças:

Sentimentos violentos ou de longa duração atacam e corrompem o cérebro, nervos, temperamento e músculos, de maneira tão extraordinária e concreta. E, conseqüentemente, em acordo com suas diversidades e duração, são capazes de produzir e criar praticamente todo tipo de doença (WIJINGAARDEN, 2002, p. 38).

A partir dessa escola revolucionária da medicina, com a mente aberta às novas perspectivas das ciências, Mesmer dedicou-se à experimentação, depois de constatar que, na natureza, a harmonia dos corpos orgânicos tende a recuperar, por um esforço natural, sua condição de equilíbrio natural. Quanto ao ser humano, ele notou que:

Têm-se visto em todos os tempos doenças se agravarem e se curarem com ou sem a ajuda da medicina, segundo diferentes sistemas e os métodos mais opostos. Estas considerações não me permitiram duvidar que exista na natureza um princípio agindo universalmente, independente de nós e que opera o que nós atribuímos vagamente à arte e à natureza. (FIGUEIREDO, 2017, p. 302)

Observando a evolução das doenças em seus pacientes durante doze anos, Mesmer reconheceu a ação da natureza, prevendo e anunciando as suas transformações, a partir das alterações da potência e da natureza dos sintomas. A compreensão que o médico adquire do ciclo desses sintomas permitirá acompanhar a evolução da doença, até o seu momento crítico, quando o corpo vence o desequilíbrio instaurado e inicia sua recuperação, até voltar ao equilíbrio natural. Duas classes de sintomas serão percebidas em toda doença, os causados por ela e os derivados do esforço do organismo para se curar:

Toda doença ou perturbação da harmonia produz efeitos mais ou menos sensíveis; tais efeitos são denominados ocorrências (sintomas). Quando tais efeitos são produzidos pelas causas da doença, são chamadas ocorrências sintomáticas; quando, porém, tais efeitos apenas constituem esforços da natureza contra as causas da doença, cuja finalidade é aniquilá-las, são chamadas ocorrências críticas. É para a cura de suma importância bem diferenciá-las, na prática, da força curativa, para com isso se prevenir e deter a primeira e incentivar a outra. (MESMER, 1814)

Desse modo, na aplicação dos passes e de outros métodos criados por Mesmer, quando o indivíduo está saudável, fica insensível à ação do magnetismo animal, não há como prejudicar um indivíduo por meio dos passes, no máximo, por si mesma, essa ação pode ser inócua. Já quando o corpo se encontra em desarmonia, torna-se sensível aos passes e intensifica os esforços da natureza contra as causas da doença. Mas como isso ocorre? Por meio dos passes, ocorre uma sintonia fluídica entre magnetizador e paciente, a vontade firme do magnetizador desperta a vontade do paciente, que assim fortalece o esforço natural de seu organismo em recuperar a saúde, como considera Mesmer:

Para que dois indivíduos possam atuar tão intensamente quanto possível um sobre o outro, é necessário, portanto, que se coloquem frente a frente. Nessa posição eles suscitam de modo harmonioso a tensão de suas capacidades, e podem ser considerados como se formassem um todo único. Num ser humano isolado, assim que uma parte sofre, toda a atividade vital se volta para esta parte para aniquilar a causa do sofrimento; também assim atua quando dois seres humanos atuam um sobre o outro, toda a atividade desta união sobre a parte doente com

um aumento proporcional da quantidade da força. (*Ibidem*)

Enfim, é o próprio indivíduo que se cura, por um esforço natural, apenas ampliado pela ação do magnetismo animal. O resultado depende das condições do paciente; caso tenha atingido o completo esgotamento do órgão, por exemplo, a cura não será possível. Por outro lado, uma doença crônica, instaurada lentamente, também será curada por um tratamento prolongado, como explica Mesmer:

Os dados que tenho obtido sobre a eficácia do magnetismo animal são muito satisfatórios. Em geral, ele deve levar a bom termo a cura de todas as doenças, contanto que os reforços da natureza não estejam inteiramente esgotados, e que a paciência esteja ao lado do remédio, porque está a cargo da natureza restabelecer lentamente o que foi minado lentamente. (FIGUEIREDO, 2017, p. 377)

Era necessário levar em conta, assim, as condições de vida do paciente, sua alimentação, questões emocionais, o sono, conhecer todos os sintomas envolvidos, as doenças antecedentes. Mesmer, ao atender um paciente, dialogava e registrava todos esses fatores e condições, acompanhando as alterações durante o tratamento. Seu método diferia amplamente da prática mecânica e impessoal da medicina tradicional, que tinha como objeto tratar o corpo, e não o ser humano.

São os sintomas os instrumentos de observação do magnetizador para acompanhar a evolução da doença e da cura. Os sintomas do esforço devem se ampliar, os sintomas causados pela doença, declinar. Todavia, o indivíduo deve ter uma evolução que vai de dentro para fora do organismo, e a cura seguirá a ordem inversa de sua instauração, observou Mesmer em sua prática. Por exemplo, um indivíduo com uma doença no fígado, quando esse estiver curado, ressurgirá uma doença da pele, ocorrida anteriormente, mas que foi internalizada. Depois de tratar a pele, ocorrerá a cura completa:

Através da observação criteriosa destes efeitos diversos, consegue-se diferenciar as ocorrências críticas das sintomáticas e reconhecer o curso da doença, bem como o progresso do paciente em busca da cura. Observa-se, ainda, que o desenvolvimento dos sintomas se

realiza em ordem inversa àquela em que se formou a doença. Poder-se-ia dizer que a doença se apresenta como uma espécie de novela, que se desenvolve exatamente na ordem inversa pela qual se instalou. (MESMER, 1814)

Desse modo, o registro da evolução dos sintomas formará um caminho a ser seguido pelo magnetizador, durante o tratamento: “A cura da doença se assemelha a uma viagem, cujo roteiro é definido e conhecido, e as eventuais ocorrências que se devem esperar com prudente segurança são inevitáveis e determinadas” (*Ibidem*).

Contemporâneo de Mesmer, o médico Hahnemann, criador da homeopatia, ao conhecer a ciência do magnetismo animal, logo percebeu a compatibilidade entre as duas medicinas. A tal ponto que incluiu os passes no tratamento homeopático em sua obra fundamental, *Organon da arte de curar*. Hahnemann compreendeu bem a teoria de Mesmer, destacando sua ação em função da vontade do magnetizador, no parágrafo 293:

*A vontade firme* de um homem bem-intencionado faz afluir no corpo do enfermo, funcionando de um modo homeopático, ao excitar sintomas semelhantes ao da enfermidade, por meio de passes, deslizando lentamente as palmas das mãos à frente do corpo do paciente do topo da cabeça até a ponta dos pés. (HAHNEMANN, 1849, p. 227)

A atuação terapêutica da teoria de medicina proposta por Mesmer, aplicada pelos passes, fundamenta-se, afinal, numa indução da vontade do magnetizador, que assim soergue a vontade do paciente, potencializando o esforço natural do organismo em recuperar-se. De outra maneira, sendo a cura um movimento de relação entre a alma e seu corpo, estamos lidando com a harmonia da vida animal pela capacidade moral do indivíduo de dominar a si mesmo, por meio da força de sua vontade. Assim sendo, em sua teoria de medicina, Mesmer pressupõe o conceito de autonomia, que será o fundamento ideológico tanto do Espiritualismo Racional quanto do Espiritismo, no século seguinte. Para a psicologia espiritualista, a vontade será o instrumento da moral. Na Doutrina Espírita, será a força do espírito, que, conquistando o livre-arbítrio e o senso moral, depura a si mesmo, num

contínuo processo evolutivo.

Já a teoria dos fluidistas, que surgiria na segunda geração dos magnetizadores, terá como base uma ação mecânica do magnetizador sobre o paciente, considerando uma substância imaginária como causa da cura. Quer dizer, um processo heterônomo, no qual o indivíduo fica passivo e subordinado diante da ação do magnetizador, que seria o protagonista.

Compreendendo esse princípio basilar da ciência de Mesmer (cujo eixo de ação está no auxílio à vontade do próprio indivíduo, e não numa ação mecânica cuja causa é externa), fica evidente o quanto a versão dos fluidistas, supondo que haveria uma emissão de fluido vital do magnetizador dirigida ao paciente como causa da cura, é uma ideia falsa e completamente oposta à original.

Além disso, haveria, segundo Mesmer, uma integração entre os indivíduos de uma sociedade, regida por leis naturais. O conceito de saúde individual, próprio da medicina, tinha também sua feição coletiva, nos aspectos da justiça e moral:

A ciência da natureza abrange no âmbito físico e moral tudo o que se refere à felicidade e ao aperfeiçoamento do gênero humano. O aspecto físico do ser humano somente se diferencia do aspecto moral porque sabemos menos a respeito da força motriz do segundo; como as leis são comuns a ambos, penso que existe uma força motriz tanto para as ações quanto para a saúde. O que saúde é para o indivíduo isolado, o amor à justiça e a moralidade é para o homem em sociedade. O que as propriedades da matéria são em relação à manifestação da gravidade, a força de atração e a elasticidade são manifestações do bem e do mal como motivo para a ação humana. (MESMER, 1814)

Para Mesmer, o ato moral está relacionado com a liberdade: “Os diferentes graus dessas relações constituem a moralidade das ações; essa moralidade relaciona-se à liberdade”. Essa ideia, que estabelece os fatos do espírito humano como objeto de estudo científico, abre caminho para o humanismo, o liberalismo social, os movimentos progressistas no sentido da regeneração da humanidade. Também nesse sentido, portanto, o magnetismo animal é ciência precursora do Espiritualismo Racional e do

## Espiritismo nas questões da psicologia experimental, moral e educação:

A harmonia é a suficiência de todos os meios para a preservação, e as sensações que a isso se relacionam constituem o que se deve chamar de felicidade. É importante, portanto, que os homens, unidos em sociedade, se entendam a respeito desse objetivo e desses meios, que tenham conceitos coletivos e exatos através dos quais eles concordem sobre as condições necessárias para alcançá-los: isso pode ser chamado de direitos humanos. Em resumo, o ser humano recebe da própria natureza os direitos e os meios para ser feliz. (*Idem*)

### Aparece, enfim, como proposta de Mesmer, uma ciência moral:

*O homem está em conexão com a harmonia universal: ele é um elo importante da corrente da natureza; graças a uma essência fundamental interna ele contribui para isso e mantém sua influência sobre ela e seus acontecimentos através de suas ações. As alterações que ele provoca são apropriadas com a ordem geral ou contra a mesma; isso caracteriza todas as suas ações como boas ou como más. Ao ponderar-se sobre esse encadeamento, surge uma ciência para julgar as ações, e a arte de orientá-las, que se chama moral. (Idem)*

Eram centrais a questão moral e suas consequências entre as ciências filosóficas, entre elas o Espiritismo. O objetivo era a regeneração da humanidade, e o meio para alcançá-la era o surgimento de um novo ser humano, pela evolução moral, complemento da evolução intelectual já conquistada pelas ciências. Há uma linha de continuidade evolutiva dessas ideias, que une pensadores e moralistas como Sócrates, Platão, Rousseau, Mesmer, Hahnemann, os espiritualistas racionais, Allan Kardec, todos empenhados no advento do Espiritismo.

## **A CURA PELO MAGNETISMO SEGUNDO O ESPIRITISMO**

Allan Kardec não criou a Doutrina Espírita a partir de suas próprias ideias, mas ela foi elaborada tendo como origem os ensinamentos dos Espíritos superiores. Mas cabia aos homens elaborar as questões, evidenciar os problemas, propor os temas. E os pesquisadores espíritas faziam uso da cultura disponível em seu tempo para intermediar o diálogo com a

espiritualidade.

Sabemos que Kardec dedicou-se por 35 anos ao estudo do magnetismo animal antes de iniciar sua pesquisa dos fenômenos espíritas. Inicialmente, porém, ele não tinha as respostas prontas e os conceitos estabelecidos quanto às relações entre as duas ciências. Isso ocorreu num progressivo processo de conhecimento, em que uma ideia leva a outra, das simples chega-se às complexas, sendo que os passos iniciais permitem os mais avançados.

Uma das questões fundamentais estava na ação fisiológica causada de um indivíduo a outro a distância, fenômeno básico da cura pelo magnetismo animal. Num artigo que Kardec não publicou em vida, mas foi reproduzido numa coletânea posterior (*Obras Póstumas*), ele vai propor uma discussão do tema:

É fato incontestável a ação fisiológica de indivíduo a indivíduo, com ou sem contato. [...]. Esse agente invisível é necessariamente um fluido. Quais a sua natureza e a sua essência? Quais as suas propriedades íntimas? Será um fluido especial, ou uma modificação da eletricidade, ou de algum outro fluido conhecido? Não será antes o a que hoje damos o nome de fluido cósmico, quando se acha esparso na atmosfera, e fluido perispirítico, quando individualizado? (KARDEC, [1890] 1996, p. 107)

O tema é exatamente o que tratamos antes, a natureza do fluido<sup>51</sup>, considerando duas hipóteses: um fluido imponderável especial (fluido vital) ou um estado de vibração do fluido cósmico universal. São, como vimos, duas teorias opostas.

Mas, quando escreveu o artigo, a Teoria Espírita ainda estava pouco desenvolvida, os desdobramentos dos princípios fundamentais ainda não eram suficientes para resolver essa questão:

Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias; [...]. O mesmo sucede em Espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem. Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras [...]. Ainda hoje, talvez, mal começamos a estar suficientemente esclarecidos para a elaboração de tão vastos problemas!

(KARDEC, [1890] 1996, p. 113-4)

Os sonâmbulos podem ver e descrevem o fluido, que é normalmente invisível:

Ele se apresenta sob a forma de feixes luminosos, muito semelhante à luz elétrica difundida no vácuo. A isso, em suma, se limita a sua analogia com este último fluido, porquanto não produz, pelo menos ostensivamente, nenhum dos fenômenos físicos que conhecemos. (KARDEC, [1890] 1996, p. 107)

Ou seja, assemelha-se à figura de uma descarga elétrica, mas não tem nenhum efeito físico perceptível, como ocorre com o calor e a luz. Ele não pode ser isolado ou desviado. Em seguida, Kardec define a natureza do fluido, considerando-o como meio de transmissão da vontade, como Mesmer havia conceituado:

Somente a vontade lhe pode ampliar ou restringir a ação. A vontade, com efeito, é o seu mais poderoso princípio. [...] Digamos, de passagem, que é neste princípio que se funda a força magnética. Parece, enfim, que ele é o veículo da vista psíquica, como o fluido luminoso o é da vista ordinária. (KARDEC, [1890] 1996, p. 108)

Kardec descreve, então, como cada pessoa individualiza o fluido cósmico, dando a ele propriedades irradiadas à sua volta por meio de ondas desse meio:

As diferentes atmosferas individuais se entrecruzam e misturam, sem jamais se confundirem, exatamente como as ondas sonoras que se conservam distintas, a despeito da imensidade de sons que simultaneamente abalam o ar. Pode-se, por conseguinte, dizer que cada indivíduo é centro de uma onda fluídica, cuja extensão se acha em relação com a força da vontade, do mesmo modo que cada ponto vibrante é centro de uma onda sonora, cuja extensão está na razão propulsora do fluido, como o choque é a causa de vibração do ar e propulsora das ondas sonoras. (KARDEC, [1890] 1996, p. 108-9)

Estamos no campo dos fenômenos da ondulatória, e não do mecanicismo absoluto dos fluidos especiais. Kardec descreve os fenômenos de sintonia vibratória deste modo: “Das qualidades peculiares a cada fluido resulta uma espécie de harmonia ou desacordo entre eles”, e desenvolve as suas consequências psicológicas, sociais e morais, como Mesmer havia esboçado

previamente.

Tratando, por fim, da proposição inicial, que é a questão da ação fisiológica de um indivíduo sobre outro, o magnetismo animal, surge uma dúvida sobre como explicar a causa do poder fluídico. Caso ele estivesse relacionado com uma quantidade de fluido, o que caracterizaria o fluido como uma substância, considera Kardec que, nessa “primeira hipótese, aquele que tem mais fluido dá-lo-ia ao que tem menos, recebendo-o deste em menor quantidade. Haveria nesse caso analogia perfeita com a permuta de *calórico* entre dois corpos que se colocam em equilíbrio de temperatura”. Ou seja, Kardec leva em consideração a teoria do *fluido calórico* aceita em seu tempo, mas que hoje sabemos ser falsa. Essa hipótese é a do fluido vital.

Todavia, considera Kardec, o fenômeno também poderia ser explicado pela teoria ondulatória do fluido universal, a mesma tratada por Mesmer:

Pode-se também, até certo ponto, explicar esse fenômeno, apoiado nas considerações precedentes. Dissemos, com efeito, que os fluidos individuais são simpáticos ou antipáticos, uns com relação aos outros. Ora, não poderia dar-se que a ação recíproca de dois indivíduos estivesse na razão da simpatia dos fluidos, isto é, da tendência destes a se confundirem por uma espécie de harmonia, como as ondas sonoras produzidas pelos corpos vibrantes? (KARDEC, [1890] 1996, p. 111)

Desse desenvolvimento, Kardec vai avaliar que “este sistema explica bem as condições prévias da ação; mas *não diz de que lado está a força*, e, admitindo-o, somos forçados a recorrer à nossa primeira suposição”. Qual o motivo dessa conclusão? É porque Kardec está pensando a física nos limites de seu tempo, quando as forças tinham unicamente o meio mecânico para sua explicação. Quando ele está pensando nas ondas, cogita fenômenos como sintonia, harmonia ou desarmonia, vibração, mas não como meio representativo de uma força. Ainda não estava claro o conceito de energia. Somente décadas depois é que os fenômenos eletromagnéticos serão compreendidos como ondas condutoras de energia. A dúvida de Kardec,

tratando de um tema ainda não esclarecido pelos Espíritos, era uma dúvida ainda não esclarecida pela ciência de seu tempo.

Encerrando o seu artigo, Allan Kardec vai lembrar que na ciência podem conviver mais de uma teoria para explicar os mesmos fenômenos, enquanto uma delas ainda não se mostrou mais adequada, como ocorria na época quanto à natureza da luz, havendo exatamente a concorrência de uma teoria substancialista e outra dinâmica – “Os da luz se explicam igualmente pela teoria da emissão e pela das ondulações” –, terminando seu artigo sem uma conclusão.

Quanto ao fenômeno da vida, a comunidade científica no século 19 considerava que havia algo que diferenciava a matéria orgânica da inorgânica, recebendo o nome de *princípio vital*. Essa expressão foi proposta pelo médico francês Paul Joseph Barthez (1734-1806), que chegou a reitor da mais antiga faculdade de Medicina da França em Montpellier. Foi médico pessoal de Luís XVI e de Napoleão, além de diretor do *Journal des Savants*, a mais antiga revista científica da Europa. Para ele, havia muita confusão e incerteza entre as hipóteses explicativas da natureza do princípio vital. Alguns achavam que era a alma em si que vivificava a matéria, os animistas. Outros consideravam o fluido vital, mas eram contestados por físicos afirmando que não havia efeitos observáveis que justificassem essa hipótese. Desse modo, para tratar da vida nas obras de medicina e fisiologia sem se chocar a cada instante com dúvidas envolvendo outras ciências, adotou o termo genérico independente das teorias implicadas:

Há que assumir – “dado o estado atual dos nossos conhecimentos” – dois princípios diferentes, cuja ação não é mecânica e a natureza é oculta para nós: a alma pensante e o princípio da vida. O autor [Barthez] enfatiza que nada pode ser afirmado a respeito da natureza íntima do princípio vital e que somente seria possível pesquisar as leis gerais que dirigem suas forças no ser humano, ou seja, as faculdades desse princípio que servem a cada função do corpo e suas modificações. (WAISSE; AMARAL; ALFONSO-GOLDFARB, 2011, p. 115)

Allan Kardec vai mencionar essas definições das duas expressões na introdução de *O Livro dos Espíritos*:

*Princípio vital* é o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, [...] ele é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um *fluido especial*, [...]. Esse seria então o *fluido vital*. (KARDEC, [1860] 1995, p. 15)

A expressão “fluido vital” será utilizada algumas dezenas de vezes no decorrer das obras de Kardec, como era corrente na época, por ser a ideia mais comum. Os Espíritos superiores estavam tratando do estabelecimento dos princípios gerais, ainda não seria possível tratar do detalhamento das ideias, antes de uma base conceitual firme estar estabelecida.

Somente em sua obra *A Gênese* a questão será cabalmente resolvida, esclarecendo todos os detalhes necessários para uma argumentação sólida. A esse livro, Kardec reservou a apresentação de aplicações científicas do Espiritismo, no tempo certo, com segurança e sem precipitações que poderiam causar atrasos: “Os materiais estavam prontos, ou ao menos elaborados desde há muito tempo, mas não havia chegado o momento de serem publicados. Era preciso, primeiramente, que as ideias constituintes de sua base amadurecessem” (KARDEC, [1868] 2018, p. 37).

Enquanto nas obras anteriores a questão estava aberta, e Kardec fazia uso do fluido universal para a matéria do mundo espiritual enquanto mantinha dúvida quanto à matéria do mundo físico, em *A Gênese* ele vai definir como conceito elementar do Espiritismo uma única origem para o elemento material dos dois mundos:

Existe fluido etéreo que preenche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou a matéria cósmica primitiva geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidem as mudanças da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, de acordo com as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra pelos nomes de peso, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. (KARDEC, [1868] 2018, p. 137-8)

Quanto às forças, fica afastada a hipótese dos fluidos especiais, adotando-se a proposta dinâmica, considerando que “*os movimentos vibratórios do agente são: som, calor, luz etc.*”.

Inexistindo, assim, fluidos especiais, como fluido calórico e fluido luminoso, Kardec não fez uso desses termos em todo o livro. Resta saber quanto ao fenômeno da vida. Por lógica, não existindo fluidos especiais para explicar as forças naturais, também fica prejudicada essa hipótese quanto ao fenômeno da vida, e não existiria o fluido vital. Foi exatamente essa a conclusão apresentada por Kardec em sua derradeira obra:

O princípio vital é algo distinto, tendo uma existência própria? Ou então, para ser integrado no sistema de unidade do elemento gerador, é apenas um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal, que se torna princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É nesse último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações reproduzidas anteriormente. (KARDEC, [1868] 2018, p. 212-3)

O Espírito tem em si um foco, a partir do qual irradia-se à sua volta como um campo. Essa irradiação pode ampliar-se na medida da força da vontade e das determinações do pensamento. Essa capacidade se amplia, e o ser conquista mais possibilidades de ação à medida que evolui espiritualmente. Não há, no mundo espiritual, independência entre matéria e espírito, pois as propriedades daquela são conferidas por este, onde quer que esteja. Desse modo, Kardec propõe: “O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, de alguma forma, impregnado dele” (KARDEC, [1868] 2018, p. 8).

Considerando que somos Espíritos momentaneamente ligados a corpos físicos que alteram nossa percepção, permitindo pela fisiologia que observemos e nos expressemos no mundo físico, essa condição, entretanto, não altera nossa condição primeira. Encarnados ou desencarnados, somos todos Espíritos, atuando por meio do fluido perispiritual.

Seja físico ou espiritual, a natureza está representada por um todo único.

Além das dimensões observáveis do Universo, há outras que interligam a todos nós.

Por meio do corpo físico, percebemos a realidade por meio de diferentes órgãos, impressionados por diversas faixas vibratórias da matéria. Nossos ouvidos são impressionados pelas vibrações do som, pela visão pela luz, pela sensibilidade cutânea, pelo calor, e assim por diante. Trata-se de um mecanismo engenhoso, baseado na fisiologia do corpo humano. Todavia, a sede da sensibilidade da alma, como ocorre para os Espíritos, está no perispírito, que é o verdadeiro órgão sensitivo do Espírito. É então por meio dele que o encarnado tem a percepção das coisas espirituais, além dos sentidos do corpo físico.

A luz que chega aos olhos dá uma perspectiva a partir da qual ele observa à sua volta. As células sensíveis da retina limitam-se a determinada faixa de comprimento de onda da luz, definindo o que nos é naturalmente visível. Essa luz, que se reflete nos objetos, define limites de alcance e percepção para a visão. Essas condições limitantes também definem os demais sentidos. O som que chega ao canal auditivo e impressiona o tímpano, sensibiliza células nervosas e são esses sinais que chegam ao cérebro que limitam nossa percepção do som. Já a sensibilidade do perispírito é diferente:

Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e restritas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, eles estão generalizados. O Espírito vê, entende e sente por todo o seu ser o que está na esfera da irradiação de seu fluido perispiritual. (KARDEC, [1868] 2018, p. 295)

Os espíritos, e nós estamos incluídos entre eles, a sensação e a percepção estão na medida da capacidade de irradiação do fluido perispiritual. Essa é uma realidade ampliada muito diferente do habitual. O Espírito capacitado para tanto pode perceber ambientes concomitantes, generalizar percepções locais e distantes, não há fronteiras no que pode alcançar sua capacidade de compreensão. Os Espíritos mais evoluídos conseguem ampliar seu campo

de percepção de forma inimaginável.

No último século, a física fez avanços extraordinários quanto ao estudo da constituição da matéria. A natureza da luz, do calor, da eletricidade e do magnetismo e da própria matéria foi completamente transformada quando se verificou que certos fenômenos podem ser explicados pela teoria de que ela consiste em corpúsculos. Mas inúmeros fenômenos existem que só podem ser explicados assumindo que a natureza da matéria é um movimento ondulatório. Quando Kardec, fundamentado nos ensinamentos dos Espíritos superiores, afirma que a realidade do mundo espiritual se explica tanto por propriedades corpusculares quanto por uma natureza ondulatória ou de campo, está antecipando uma teoria geral da matéria, incluindo este e outro mundo. Há muito ainda a descobrir, e o futuro reservará, certamente, novas camadas de compreensão do Universo de tal forma que o que sabemos hoje será considerado a mais simples das ingenuidades.

As capacidades extraordinárias que o Espírito pode alcançar são explicadas pelos fluidos perispirituais. Mas os fenômenos humanos que escapam do alcance do observável têm origem no mesmo elemento. Mesmer fazia uso de um interessante exemplo. Ele dizia que, se houvesse um lugar onde as pessoas forçosamente dormissem ao entardecer e acordassem somente em plena luminosidade do dia, as características da noite escapariam completamente de seu entendimento. Imaginemos que algumas pessoas com a capacidade de ficar acordadas no período noturno contassem às outras que os céus, quando escurecidos, permitem ver pontos distantes, revelando a existência possível de outras estrelas como o Sol, e outros mundos como o nosso. Seriam considerados, num primeiro momento, charlatões, malucos ou bruxos. Os fluidos perispirituais, segundo Kardec, explicam as curas dos magnetizadores, a lucidez dos sonâmbulos, as percepções extraordinárias dos médiuns, a sensibilidade espiritual de

todos:

As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia sobre isso [...]. É ainda com a ajuda desse fluido que o próprio homem age a distância, sobre certos indivíduos, pelo poder da sua vontade; que modifica, dentro de certos limites, as propriedades da matéria; dá propriedades determinadas a substâncias inativas; repara desordens orgânicas e opera curas pela imposição das mãos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 87)

Durante o sono, nosso Espírito pode se desprender do corpo, pela emancipação da alma, e pode então, de acordo com o grau conquistado de suas capacidades, se libertar.

## **O passe magnético, a vontade e as células orgânicas**

Apesar da sugestão de Kardec em propor uma fisiologia espiritual em *A Gênese*, não foi possível desenvolver um maior esclarecimento quanto à vitalidade do corpo humano. O ponto de partida desse tema está na constatação de que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, como vimos, e esse princípio é independente da vida espiritual, inerente ao Espírito. São dois princípios diferentes, o vital e o espiritual.

Na primeira metade do século 19, quase todos os fisiologistas franceses eram vitalistas. Esse paradigma tinha como pressuposto a *totalidade indivisível* do organismo vivo. A ideia predominante era de que o corpo seria composto por uma estrutura de órgãos mantidos em movimento pela força vital. Esse raciocínio assemelha-se a pensar no funcionamento de um motor. A energia é responsável pela manutenção do movimento das peças, mantendo o funcionamento do equipamento como um todo.

Essa ideia da totalidade indivisível foi utilizada por Kardec quando pensou no funcionamento do corpo humano, em toda a sua obra. Como nesta citação de *O Livro dos Espíritos*, de 1860: “O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe” (KARDEC, [1860] 1995, p.

76). E esse conceito ainda permanece igual em *A Gênese*, de 1868: “A atividade do princípio vital é mantida durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda” (KARDEC, [1868] 2018, p. 214). O princípio da *totalidade indivisível* da fisiologia vitalista, aceito no decorrer de toda a sua obra, foi assim apresentado por Kardec:

Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. (KARDEC, [1860] 1995, p. 77)

A formação dos tecidos mais considerada era a fibra, mas a célula já havia sido observada como elemento estrutural. No entanto, principalmente na Alemanha, estava se expandindo a hipótese de que esse item da formação orgânica fosse a unidade fundamental da vida nos seres orgânicos. A comunidade científica, representada por diversos pesquisadores, principalmente alemães, trabalhou diversas linhas de pensamento até o estabelecimento de uma *teoria celular*. Isso ocorreu exatamente no período de elaboração da Doutrina Espírita por Kardec, entre as décadas de 1840 e 1870. Só depois a teoria celular foi mais amplamente divulgada. O médico e anatomista português José Amado escreveu em 1868 a obra *História natural da célula*, apresentando a novidade científica:

A célula perfeita ou modificada, livre ou associada a outras: eis o verdadeiro indivíduo organizado. A todas as ciências, que têm por objeto os seres vivos, interessa o conhecimento da biologia da célula. [...] Quem ama verdadeiramente a ciência, e deseja os seus progressos, não pode deixar de aplaudir esta empresa internacional cujo nobre fim é o conhecimento da verdade. [...] A França, acostumada a ter a primazia em todas as coisas, reconheceu, com sentimento, que o progresso científico caminha com passo mais veloz e seguro na vizinha Alemanha. (AMADO, 1868, Prefácio, p. VIII)

Entre diversos pesquisadores, destacaram-se o médico Theodor Schwann

e Matthias Jacob Schleiden, que formularam a hipótese de que todos os corpos vivos organizados eram compostos de unidades celulares que poderiam, experimentalmente, ter uma vida independente do todo:

Se constatarmos que algumas dessas partes elementares [...] são capazes de se separar do organismo e que seguem um crescimento independente, podemos então concluir que cada parte elementar, cada célula, possui um poder próprio, uma vida independente, através da qual seria capacitada a desenvolver-se independentemente, desde que as relações com o exterior fossem semelhantes às que encontra no organismo. A célula-ovo dos animais nos fornece o exemplo de tais células independentes, crescendo à parte no organismo. (SCHWANN, 1847, p. 192)

## **Psicologia fisiológica segundo o Espiritismo ou fisiologia da alma**

Pertencendo a uma geração seguinte, um dos notáveis pioneiros e dedicado divulgador do Espiritismo, Gabriel Delanne (1857-1926) foi quem ampliou o alcance da fisiologia do espírito iniciada por Allan Kardec, na importante obra *A evolução anímica: ensaios de psicologia fisiológica segundo o Espiritismo*, de 1897. Acompanhando a evolução da ciência, expandiu a fisiologia espírita, considerando a teoria celular:

Denominamos *organismo vivo* tanto a célula componente dos tecidos vegetais e animais, como a esses mesmos vegetais e animais. De fato, a célula é bem um ser vivo: organiza-se, reproduz-se, alimenta-se e evolui, tal como o animal superior. Após os trabalhos de Schleiden, em 1838, de Schwann, em 1839, de Prévost e Dumas, em 1842, sabe-se que, a partir da célula livre e única até o homem, todos os corpos vivos não passam de associações de células, idênticas em natureza e composição, mas gozando de propriedades diferentes, conforme o lugar ocupado no organismo. Assim, os mais variados tecidos do corpo formam-se de agregados celulares. (DELANNE, 1995, p. 2)

A teoria celular terá grande valor para dar sentido e fazer uma ligação entre a mais simples célula e as espécies superiores sem que haja qualquer dissolução de sua continuidade, considerando uma evolução natural das espécies.

Antes disso, Allan Kardec, no processo progressivo da Doutrina Espírita,

havia registrado como conceito fundamental a evolução da alma animal para a condição de alma humana. Esse foi um primeiro passo de grande importância para a compreensão desse tema. Em 1865, ao tratar da evolução do princípio inteligente em seu processo evolutivo dos animais, considera que todos lutam para exercer suas faculdades, primeiramente para satisfazer as necessidades materiais, depois as intelectuais e morais. Há, portanto, uma continuidade da evolução da alma, desde a forma do átomo até a humana:

A verdadeira vida, tanto do animal quanto a do homem, não está mais no envoltório corpóreo que dela não é senão o vestuário; ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. [...] Esta explicação, como se vê, prende-se à grave questão do futuro dos animais; ela nos parece suficientemente elaborada, e cremos que se pode, desde hoje, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensinamento. (KARDEC, [RE] 1865, p. 65)

Em 1868, Allan Kardec vai publicar um artigo<sup>52</sup> de análise da obra *A religião e a política na sociedade moderna*, cujo autor é o filósofo espírita Frédéric Herrensneider, colaborador da *Revista Espírita*. Essa obra consta do *Catálogo racional para fundação de uma biblioteca espírita*.

Um dos fatos que militam a favor da teoria da migração ascendente das essências anímicas é a existência de uma ou mais séries orgânicas que, do mais ínfimo proto-organismo até o ser humano, formam um conjunto sistemático de tipos cada vez mais complexos e aperfeiçoados. As espécies quase inumeráveis de plantas e animais que conhecemos, por mais diversificadas que sejam em sua forma, são assim fundadas em um único sistema orgânico, que varia apenas do simples ao composto. Nada, portanto, impede considerar que um ser vivenciando um átomo mineral possa posteriormente florescer e formar uma essência anímica de infusórios, encarnar neste tipo, viver alguns momentos nessa aparência e morrer; em seguida, renascer no ambiente terrestre com uma organização um pouco mais desenvolvida, vivenciar lá novamente por algum tempo, passando novamente para outra, e assim prosseguir os seus desenvolvimentos alternativos sempre reaparecendo em novas formas, e em desenvolver-se moralmente, intelectualmente e organicamente, até as espécies superiores. (HERRENSCHNEIDER, 1867, p. 374)

Há, compreende-se atualmente, uma evolução das espécies, desde as primeiras células que surgiram nos oceanos bilhões de anos atrás, formando agregações simples, os primeiros seres pluricelulares. Depois os animais

simples, desenvolvendo-se até a diversidade atual da vida. Por outro lado, ocorre no mundo espiritual a evolução anímica do princípio inteligente, progredindo na forma perispiritual desde o átomo até o Espírito perfeito.

Segundo essa ideia, considera-se que todos os seres fazem uso da sucessão de vida e morte do corpo físico como meio para o aperfeiçoamento do princípio inteligente. Entretanto, enquanto a forma física tem começo e fim, pois morre, a alma é imortal. O ser mineral, o vegetal, o animal e o homem estão providos de seu corpo espiritual, que preexiste e sobrevive ao corpo. Desse modo, a evolução do corpo espiritual, ou perispírito, é ininterrupta, pois o princípio inteligente está continuamente associado a ele.

Enquanto se observa apenas o aspecto do desenvolvimento das espécies não se pode considerar que há um processo evolutivo, mas, levando em conta a progressão da alma, isso fica evidente. Os seres minerais, vegetais e animais constituem uma condição anímica prévia e primitiva, sucedida pela vida humana, que é o destino de todo ser.

Assim, cada célula individualizada, pertencente ou não a um corpo organizado, é um ser vivo. Por isso, constitui-se de um princípio inteligente imaterial, ligado ao seu perispírito, que por sua vez liga-se ao seu organismo celular material.

Amebas e bactérias são seres que se constituem de somente uma célula. Nem todos são pequenos. Há uma ameba, a *Gromia sphaerica*, que vive no oceano profundo e chega a ter três centímetros de diâmetro, sendo composta de uma só célula. Algas como *Acetabularia*, uma alga verde, podem chegar a dez centímetros, sendo uma das maiores células uninucleares encontradas.

Já os seres pluricelulares são colônias de células. Isso implica os conceitos da fisiologia da alma. Num animal, por exemplo, há um único princípio inteligente que rege seu corpo físico, porém ligado aos princípios

inteligentes de cada uma de suas células. Essas células, unidades vivas quando retiradas dos corpos dos seres pluricelulares, podem se manter vivas de forma independente, quando se proporcionam as condições ambientais necessárias. Os seres complexos são como se fossem colônias de seres simples administradas pelo ser mais complexo que as rege. Há a alma do cachorro, por exemplo, ligada a um corpo formado por bilhões de seres vivos celulares, cada um regido por seu princípio espiritual. A alma do cachorro, por meio de seu perispírito, liga-se ao perispírito de cada uma dos bilhões de células que formam seu corpo, recebendo as sensações e comandando-o por meio do sistema nervoso.

O corpo do ser humano é formado por trilhões de células. Como ocorre naturalmente com todos os animais, há uma ligação entre o perispírito da alma e o corpo espiritual de cada uma de suas células. Allan Kardec perguntou: Como e em que momento se opera a união da alma e do corpo? E os Espíritos responderam:

– Desde a concepção, o Espírito, ainda que errante, está, por um cordão fluídico, preso ao corpo com o qual se deve unir. Este laço se estreita cada vez mais, à medida que o corpo se vai desenvolvendo (KARDEC, [1859] 1995, p. 197).

No mundo espiritual, os Espíritos reconhecem um encarnado entre eles exatamente pela presença do cordão fluídico, pois, durante o sono, a alma pode aproveitar o repouso do corpo e ir aonde quiser: “Durante a vida, qualquer que seja a distância a que se transporte, o Espírito fica sempre preso ao corpo por um cordão fluídico, que serve para chamá-lo, quando a sua presença se torna necessária. Só a morte rompe esse laço” (KARDEC, [1859] 1995, p. 204).

Allan Kardec, ao descrever essa característica fisiológica espiritual, contou a experiência de um médium vidente inglês, com um grande alcance de percepção:

Quando o Espírito de uma pessoa viva se apresentava a ele, notava um rastro luminoso, partindo do peito, atravessar o espaço sem ser interrompido pelos obstáculos materiais, e indo chegar ao corpo, espécie de cordão umbilical, que une as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Ele jamais notou quando a vida corpórea não existe mais, e é por esse sinal que reconhece se o Espírito é de uma pessoa morta ou ainda viva. (KARDEC, [1859] 1995, p. 86)

Considerando a teoria celular, essa fisiologia da alma se amplia. Quando vai reencarnar, o espírito errante “prende-se ao corpo com o qual se deve unir”. Errante é a condição de liberdade de ir aonde desejar no mundo espiritual. Hoje sabemos que o corpo se forma a partir de uma única célula, o zigoto. Essa célula individualizada é um ser vivo em si. O perispírito liga-se ao corpo espiritual desse ser simples, o zigoto. Dividindo-se em dois, o que ocorre já nas primeiras 24 horas, liga-se também a esse segundo ser celular. Depois de sessenta horas, serão oito células. Vai se formar o blastocisto, que tem a aparência de uma amora com uma cavidade interna. Posteriormente forma-se o embrião. Em *A Gênese*, afirma Kardec:

Quando o Espírito tem de encarnar em um corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que é apenas uma expansão de seu perispírito, liga-o ao embrião, para o qual ele se acha atraído por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o embrião se desenvolve, o laço se estreita. (KARDEC, [1868] 2018, p. 228)

O cordão fluídico vai se formando pelas ligações entre cada célula e o perispírito, e, como explicam os Espíritos, “Este laço se estreita cada vez mais, à medida que o corpo se vai desenvolvendo”, até que:

Desde esse momento, o Espírito sente uma perturbação que cresce sempre; ao aproximar-se do nascimento, ocasião em que ela se torna completa, o Espírito perde a consciência de si e não recobra as ideias senão gradualmente, a partir do momento em que a criança começa a respirar; a união então é completa e definitiva. (KARDEC, [1868] 2018, p. 197)

Em sendo trilhões as células que formam o corpo, há um igual número dessas ligações emaranhadas num só feixe, formando o laço fluídico característico do Espírito encarnado.

A fisiologia do fenômeno da morte se dá pelo mesmo fato, como explica

## Kardec:

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do embrião, quando esse princípio deixa de agir, em consequência da desorganização do corpo, que conduz à morte, essa união, que era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força cessa de agir. Então, o perispírito se separa, *molécula por molécula*, tal como se unira, e o Espírito volta à liberdade. Portanto, não é a partida do Espírito a causa da morte do corpo, mas é a morte deste que causa a partida do Espírito. (KARDEC, [1868] 2018, p. 227-8)

O animal não possui controle da vontade nem inteligência racional, que são faculdades exclusivas do espírito humano. Durante a vida, a harmonia entre as células que constituem seu organismo e a alma é controlada pela fisiologia e pelos instintos, pois, agindo com toda a sua força nos animais e nos seres primitivos, o instinto “domina sozinho, porque, entre eles, ainda não há de contrapeso o senso moral” (KARDEC, [1868] 2018, p. 100). A harmonia fisiológica dos animais se estabelece de acordo com a evolução das espécies, fica registrada no conteúdo genético das células. De forma natural, sem consciência, ocorrem a formação e a manutenção do organismo, os processos de diferenciação celular, a organização espacial das células em seus locais corretos e a morfogênese, modelagem da forma.

Em paralelo à evolução das espécies, conhecida dos homens, o Espiritismo revela a evolução do princípio espiritual. Estagiando progressivamente desde a partícula até o animal superior, vida após vida, o ser aperfeiçoa inconscientemente seu corpo espiritual, ampliando a complexidade da forma, a diversidade dos instintos, a vivência das emoções básicas. Tudo pelo condicionamento que lhe cria os hábitos instintivos. Nessa fase primeira, prepara-se para o estágio culminante de sua primeira vida humana, então simples e ignorante. Só então, por seu próprio esforço e pelo exercício da vontade, depois de centenas de encarnações, despertará a consciência de si mesmo. Dela derivarão a inteligência racional, o livre-arbítrio, o senso moral e os hábitos adquiridos.

## A patologia da alma

Partindo da fisiologia da alma, podemos abordar sua patologia, que é o estudo das enfermidades, suas características, as alterações causadas no organismo, as reações de células e tecidos diante das doenças.

Na psicologia espiritualista, há no ser humano vida animal e vida humana. Como vimos, na vida animal, fisiológica, o organismo é regido por instintos e emoções. Mesmer identificou no processo de cura a existência de um poder natural para restabelecer a ordem geral ou equilíbrio orgânico (*vis medicatrix naturae*) em reação ao desequilíbrio da doença, citado por Hipócrates, e considerado por Hahnemann como lei fundamental da homeopatia.

Sabemos atualmente dos recursos eficientes de defesa e reparação dos organismos, como os mecanismos da imunidade natural e adquirida, as células de defesa, anticorpos, a resposta inflamatória, que protegem o organismo de vírus, bactérias e parasitas. No caso de lesões ou ferimentos, o organismo possui a capacidade de reparo tecidual, pela regeneração dos componentes lesados ou pela cicatrização. Os sintomas são sinais indicativos para o diagnóstico e a evolução da enfermidade, como também são importantes respostas imunológicas na defesa do organismo.

Além disso, há uma reconhecida influência das emoções na saúde. Nas últimas décadas, avança uma visão integrada do sistema imunológico com o sistema nervoso e endócrino. Existe um conjunto de alterações no corpo, executado de forma automática e inconsciente no sistema límbico, com vistas à sobrevivência do indivíduo e da espécie que são decorrentes, direta ou indiretamente, de emoções primárias – raiva, tristeza, medo, nojo, surpresa e as sensações de prazer e dor.

As emoções primárias, a ansiedade, o estresse, são recursos conquistados pela evolução fisiológica durante milhões de anos, a partir das reações de defesa e conquistas de suas necessidades, em resposta aos perigos e

oportunidades encontrados no ambiente. No medo, por exemplo, o sistema nervoso e o endócrino provocam condições e comportamentos maximizando a possibilidade de fuga do perigo ou ameaça, aumentando a força e a destreza e melhorando a capacidade de análise da rota de fuga, entre outros. As reações são adaptadas para cada tipo de situação. Por exemplo, um perigo iminente, mas distante, provoca uma reação automática de imobilidade tensa, evitando ser percebido, mas reunindo forças para uma fuga repentina. Toda essa estrutura altamente complexa ocorre inconscientemente, sem que o animal precise pensar para que ela ocorra.

O organismo dos animais controla por esses sistemas automáticos da emoção o comportamento necessário para a sua sobrevivência de forma inconsciente, respondendo aos estímulos das vivências ambientais e das necessidades cotidianas. As reações dos animais estão naturalmente relacionadas com os fatos e vivências circunstanciais. O princípio espiritual nessa fase vive exclusivamente a vida animal. Isso também ocorre com os Espíritos primitivos, ainda próximos dela. Ainda não surgiram a inteligência racional, o livre-arbítrio e o senso moral, que são as faculdades da alma, constituindo a vida humana.

Desse modo, entre os animais e seres primitivos, as causas das doenças são todas materiais, de origem genética, causadas por desgastes fisiológicos, lesões, deficiência imunológica em razão do estresse por eventos independentes, inevitáveis. Também a falta de alimentação, de ingestão adequada de água e de sono regular. Todas as enfermidades decorrentes dessas causas externas e circunstanciais são de origem irrefletida, nos limites da vida animal.

À medida que o Espírito conquista a inteligência racional e o livre-arbítrio (capacidade racional de escolha), surge também o senso moral, que é a noção do bem e do mal, a partir das leis presentes em sua consciência. Só então ele tem responsabilidade pelos atos, na proporção de seu

entendimento. Essa é a vida moral ou humana. Quando o homem pode escolher, porém, nem sempre age de acordo com sua consciência, podendo abusar dos instintos e das emoções da vida animal, por seu orgulho e seu egoísmo, desenvolvendo imperfeições e vícios.

Enquanto os animais respondem exclusivamente aos estímulos externos, o homem age também em função de sua imaginação, criando desejos e vivências imaginários. O indivíduo orgulhoso e egoísta, por exemplo, pode responder agressivamente toda vez que se considerar prejudicado ou frustrado, e isso acontece a cada momento. Quando não vivencia a contrariedade, lembra-se das que ocorreram no passado. De tal forma que seu comportamento provoca situações e reações desfavoráveis para si mesmo. O seu sistema nervoso, que não diferencia imaginação de realidade, provoca automaticamente as emoções de raiva (ataque), medo (fuga), tristeza (colapso, passividade). Reações intempestivas, abusivas, causam falsas avaliações de perigo ou necessidade, submetendo o indivíduo desnecessariamente, como consequência da agressividade, a lesões, distúrbios emocionais, traumas e enfermidades súbitas, prejudicando a si mesmo. Do ponto de vista social, são causas das desigualdades, violações e lutas. O abuso dessas emoções, com o passar do tempo, se torna crônico, provocando, além disso, doenças como hipertensão, depressão, ansiedade, síndrome do pânico e todas as patologias decorrentes desses desequilíbrios. Como afirmou Allan Kardec:

Os males mais numerosos são aqueles que o homem cria pelos próprios vícios; provenientes de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua ganância, de seus excessos em todas as coisas. Essa é a causa das guerras e calamidades que causam desavenças, injustiças, a opressão do fraco pelo forte e, finalmente, a maioria das doenças. (KARDEC, [1868] 2018, p. 98)

Um Espírito simples e ignorante, ainda vivenciando somente a vida animal, tem as mesmas causas das doenças dos animais: genéticas, do comportamento circunstancial, dos estímulos externos, das lesões,

contaminações. São causas inerentes ao grau evolutivo ainda inicial de nosso planeta, portanto, inevitáveis. Nesse caso, ele vivencia, enquanto encarnado, o sofrimento físico, mas não tem sofrimento moral (não tem moral, nem é imoral. É amoral, pois, se não é mau, ainda não é bom). Do ponto de vista individual, as dificuldades que enfrenta, nesse caso, são provas para que adquira as faculdades da alma humana por seu esforço. No âmbito da coletividade, enfrentando os desafios naturais, diante da necessidade o homem desenvolve a ciência, dando um importante passo em sua evolução:

Quanto mais conhecimento adquire e avança na civilização, menos essas calamidades são desastrosas. Com sábia organização social, poderá até mesmo neutralizar seus efeitos, quando não puderem ser totalmente evitadas. Dessa forma, para os mesmos flagelos que são úteis na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que nos atacam no presente, Deus deu ao homem, com as faculdades com as quais dotou seu Espírito, os meios para paralisar seus efeitos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 97)

Já os Espíritos imperfeitos, que trazem de antes do nascimento fortes vícios e imperfeições de vulto, vivenciam ao mesmo tempo o sofrimento físico e o sofrimento moral, sendo este último inerente à sua condição de imperfeição. Durante a encarnação, o seu desequilíbrio pode acarretar doenças físicas cuja causa principal é sua condição espiritual. Nesse caso, vivencia concomitantemente sofrimento físico e moral.

Por isso, para identificar as patologias segundo o Espiritismo, é preciso levar em conta que há diversos tipos de sofrimento. Um circunscrito à vida animal (físico), o outro decorrente da imperfeição (moral), próprio da vida espiritual. Define Kardec: “Há várias classes de mal. Em primeiro lugar há o mal físico e o mal moral. Também podemos classificar os males entre aqueles que o homem pode evitar e os que são independentes de sua vontade. Entre estes últimos, é preciso incluir os flagelos naturais” (KARDEC, [1868] 2018, p. 96).

Todavia, os Espíritos sofredores, sem conseguir compreender que o mal

moral é efeito de sua própria imperfeição, invertem o pensamento, acreditando numa causa externa. Na maioria das vezes, o indivíduo, quando é religioso, acredita que todos os seus infortúnios são castigos divinos. Se for materialista, revolta-se contra a natureza e o acaso. Mas a ideia de um castigo é uma ilusão, pois o sofrimento físico é uma consequência natural e inevitável caso o próprio indivíduo não se liberte de suas imperfeições, pelo exercício de sua vontade:

Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz o homem sentir a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, sente-se obrigado a procurar no bem o remédio que precisa, sempre em virtude de livre-arbítrio. Quando toma um caminho melhor, é por sua vontade e porque reconheceu as desvantagens da outra estrada. A necessidade o compele a melhorar moralmente para ser mais feliz, pois essa mesma necessidade o obrigou a melhorar as condições materiais de sua existência. (KARDEC, [1868] 2018, p. 98).

A patologia do Espírito é inseparável da lei moral, pois essa é a lei que rege o mundo espiritual. O Espiritismo reflete a ciência dos Espíritos, e nesta as disciplinas se confundem e entrelaçam: fisiologia, patologia, física, moral e educação espirituais.

## **O código penal da vida futura**

Allan Kardec, em seu esforço para encontrar a sublimidade da teoria moral fundamentada nas leis naturais que regem o Espírito humano, vai encontrar ensinamentos revolucionários quanto à explicação do sofrimento, a mais antiga e controversa questão da humanidade. Pois ela se relaciona diretamente com a providência divina. Num primeiro momento, a resposta da Antiguidade foi relacionar todos os males com a ira divina, como sua repreensão, como o castigo dos deuses. Nos primeiros tempos, até mesmo um raio, ou qualquer outra adversidade natural, era considerado um castigo divino. O ensino dos Espíritos vai demonstrar que essa ideia é apenas uma falsa relação de causa e efeito, pois Deus não age deliberadamente, e sim

por meio de leis gerais e eternas.

Não há uma condenação para cada falta, repetimos, essa ideia é ilusória. As leis que regem o mundo moral no que tange ao sofrimento moral e à felicidade estão relacionadas com as qualidades e as condições inerentes à individualidade. Essas condições, de imperfeição, tendo sido criadas pelo indivíduo, só podem ser superadas por ele mesmo, por seu esforço e escolha consciente. De tal modo que, enquanto o Espírito mantiver a imperfeição moral que ele criou, vai sentir o efeito natural dessa condição, que é o sofrimento moral. Esse é o princípio fundamental da lei espiritual, que Kardec denominou código penal da vida futura e se resume nos três princípios a seguir, propostos na obra *O Céu e o Inferno*:

- 1) O sofrimento é *inerente* à imperfeição.
- 2) Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, *traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis*: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que haja mister de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3) Podendo todo homem *libertar-se das imperfeições por efeito da vontade*, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade. A cada um segundo as suas obras, tanto no Céu como na Terra: tal é a lei da Justiça Divina (KARDEC, [1865] 1995, p. 100-1).

Essa teoria inverte o senso comum de que Deus observa o comportamento humano, agindo deliberadamente a cada instante. Em verdade, o Criador estabeleceu leis eternas, como ocorre com a gravidade no mundo físico. O indivíduo precisa saber, por exemplo, de qual altura é seguro saltar. Num caso de perigo, pode arriscar-se a pular de um lugar mais alto, enfrentando as consequências. Mas ninguém pula de um precipício quando quer se salvar, pois sabe que a morte é inevitável. Quem se machuca ao cair de um lugar alto teria razão em pensar que as lesões foram castigos divinos por sua falta? Ou tem consciência de que sofreu consequências naturais e inevitáveis de uma lei natural? Diante da gravidade, desenvolvemos habilidades como o senso de proporção para compreender as relações entre resistência, peso, aceleração, para adequar e controlar os efeitos de nossos atos.

Segundo o Espiritismo, o ser humano vive em dois mundos, cada um deles regido por leis próprias. O mundo físico vivencia a lei de causa e efeito, são as leis da matéria. O mundo espiritual é regido pelas leis morais derivadas do uso da liberdade, ou livre-arbítrio, são as leis psicológicas. Assim, a Doutrina Espírita demonstra que o mesmo mecanismo das leis naturais ocorre no mundo moral. A intenção consciente é regulada por um sistema cuja resposta inerente da imperfeição é o sofrimento moral, e, diante das conquistas evolutivas da alma, a resposta natural consiste na felicidade relativa.

A maioria dos Espíritos, no atual estágio evolutivo de nosso planeta, já não é simples e ignorante, pois conquistou por seu esforço algum

desenvolvimento no decorrer de centenas de reencarnações. Adquiriram certo grau de inteligência, livre-arbítrio e senso moral. São os Espíritos mais comuns. Também não possuem grandes imperfeições morais e vícios, causas de amplos desequilíbrios espirituais. Quando encarnados, conseqüentemente, vivenciam os infortúnios naturais e enfrentam provas para se desenvolver ainda mais, intelectual e moralmente. No entanto, diante das imperativas dificuldades que enfrentam, inclusive doenças naturais, por uma falta de firmeza de seu entendimento das questões espirituais, fraquejam diante do sofrimento físico, dando lugar ao medo, à tristeza e até mesmo à raiva. Não adquiriram maturidade para compreender que em verdade são Espíritos e que as dificuldades deste mundo são transitórias, desafios úteis e adequados para o próprio progresso. Desse modo, esse desequilíbrio momentâneo pode agravar as enfermidades ou dificultar a recuperação da saúde. O esforço para alcançar o entendimento e o equilíbrio emocional diante de suas provas é o instrumento de suas conquistas espirituais. Uma transição consciente entre a vida animal e a vida espiritual:

O destino do Espírito é a vida espiritual. Mas, nas primeiras fases de sua existência corporal, ele só possui necessidades materiais para satisfazer. Com essa finalidade, o exercício das paixões [emoções] é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Porém, saindo desse período, possui outras necessidades, a princípio semimorais e semimateriais, e depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria. Na medida em que se liberta de seu jugo, avança pela vida adequada e se aproxima de seu destino final. Se, ao contrário, deixar-se dominar pela matéria, se atrasa e se identifica com os irracionais. Nessa situação, o que antes era um bem, por ser uma necessidade da sua natureza, torna-se um mal, não só por não ser mais uma necessidade, mas porque se torna nocivo para a espiritualização do ser. Por isso, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento. (KARDEC, [1865] 1995, p. 100)

As emoções, o estresse, as reações instintivas, tudo isso tem utilidade para a vida animal. O mal está no abuso, causado pela livre escolha do ser humano. Depois, esclarecido pelas suas necessidades, adquire o senso moral, escolhendo livremente obem.

Já os Espíritos neste planeta que já desenvolveram o senso moral e a fé racional conquistaram uma condição de equilíbrio espiritual. Quando encarnados, sabem reconhecer as dificuldades como estímulos para alcançar algo acima de suas capacidades. Também enfrentam adversidades e doenças naturais, os sofrimentos físicos próprios da vida no mundo. Mas esse enfrentamento é corajoso, com a marca da superação. São os exemplos de determinação, desprendimento, desapego dos resultados. Eles estão em barracos das comunidades, mas também nos palácios, pois todos os lugares precisam de referências morais. Alguns têm o nome conhecido, mas a maioria age de forma anônima. Encontram-se entre aqueles que não sabem nem ler nem escrever, mas essa ignorância é aparente, pois todo desenvolvimento moral se apoia na inteligência, então são sábios da espiritualidade, em personalidades que estão entre os pequenos deste mundo. São os semeadores da esperança.

## **A cura segundo o Espiritismo**

Há sempre na natureza um fenômeno simples que esconde leis fundamentais de grandes proporções. Por séculos, a inocente brincadeira de um barquinho imantado movendo-se na bacia era o emprego do magnetismo mineral. Atualmente, as maravilhas tecnológicas devem-se, principalmente, ao entendimento das ondas eletromagnéticas.

A cura pelo magnetismo animal tem como fenômeno natural simples o gesto da mãe diante do filho doente. Ela se coloca ao seu lado, deposita a mão sobre a fronte, instintivamente, até por horas, exercendo a vontade firme de recuperar a saúde do filho. Por essa sintonia, sem o saber, provoca a aceleração do ciclo da doença, ajudando a promover sua cura. Sobre isso, explicou Kardec:

O instinto maternal, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão de suas consequências, não poderia ser entregue a eventuais caprichos volúveis da inteligência e do livre-arbítrio. Pelo organismo

das mães, o próprio Deus vela as criaturas que nascem<sup>53</sup>. (KARDEC, [1868] 2018, p. 105)

Afastando a hipótese de uma substância material deste mundo, como pensavam os fluidistas a respeito do fluido vital, a Doutrina Espírita demonstra, como vimos, a existência de duas condições fundamentais da matéria, tendo um único elemento gerador: “O corpo perispiritual e o somático têm, pois, sua fonte no mesmo elemento primitivo: um e outro são de matéria, ainda que sob dois estados distintos” (KARDEC, [1868] 2018, p. 287). A matéria do mundo espiritual, que se caracteriza pelo fluido perispiritual, é sensível ao pensamento e à vontade dos seres humanos, sendo diversificada em seus estados, desde a mais densa, própria da animalidade, à sublime sutileza, correspondente aos Espíritos perfeitos. Dentre esses dois extremos, existem infinitas qualidades de fluidos.

E a atuação nos fenômenos da cura, a partir de um ato da vontade, está nas características especiais do fluido perispiritual, como veículo do pensamento, vontade, sensações e percepções dos Espíritos. Desse modo, a intenção, a força de vontade e a qualidade dos fluidos são fatores basilares da cura pelo magnetismo, segundo o Espiritismo, pois “As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia sobre isso. Ele não é inteligente por si próprio, porque é matéria, mas serve de veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito”. É por esse meio que o próprio homem “age a distância, sobre certos indivíduos, pelo poder da sua vontade”. Explicando, assim a forma pela qual “repara desordens orgânicas e opera curas pela imposição das mãos”. (KARDEC, [1868] 2018, p. 87)<sup>54</sup>.

Como vimos, pela ampliação da fisiologia da alma proporcionada pela teoria celular, o perispírito do Espírito encarnado liga-se ao corpo espiritual de seus trilhões de células. Assim, inferimos que há um campo perispiritual próprio do corpo e circunscrito a ele, representado pela união dos seres celulares que compõem o organismo. Já a alma pode afastar-se durante o

sono, por exemplo, mantendo a ligação pelo cordão fluídico, como descrito por Allan Kardec. Todas as células são iguais, em todos os seres humanos deste planeta. Já o perispírito humano varia, conforme a evolução do Espírito.

A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. [...] Disso resulta o fato *fundamental* de que a constituição íntima do perispírito não é idêntica para todos os Espíritos encarnados e desencarnados que povoam a Terra e o espaço que a circunda. O mesmo não ocorre com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. (KARDEC, [1868] 2018, p. 287-8)

E, então, Kardec conclui que “todos os efeitos produzidos pelos corpos são os mesmos, as necessidades são semelhantes, ao passo que diferem em tudo que seja inerente ao perispírito”.

A atuação do magnetismo como meio de cura tem efeitos variáveis segundo a origem de sua atuação. A ação do *magnetismo humano* na doença se dá por uma sintonia no nível celular, atuando no organismo pela ação da vontade do magnetizador, soerguendo a vontade do paciente. A força e a qualidade estão subordinadas às condições fisiológicas, comuns a todos os seres humanos, por isso “é lenta e requer um tratamento prolongado”, sendo comum e possível de se desenvolver pelo exercício.

Antes do Espiritismo, esse era o limite de entendimento dos magnetizadores quanto ao processo de cura. Mas, ao mesmo tempo que há uma ação fisiológica, a Doutrina Espírita esclarece que ocorre também uma atuação perispiritual. Segundo Kardec, “seria, pois, um erro considerar o magnetizador como uma simples máquina na transmissão fluídica. Nisto como em todas as coisas, o produto está em razão do instrumento e do agente produtor” (KARDEC, [RE] 1865, p. 170). O magnetismo estritamente humano, como também os remédios homeopáticos, têm uma atuação primeira somente orgânica. Mas, diferentemente da matéria inerte, o magnetizador também atua por sua alma sobre o paciente.

Kardec deduz, seguindo esse raciocínio, que “as qualidades do fluido humano apresentam nuances infinitas segundo as qualidades físicas e morais do indivíduo”. Por consequência, “o fluido humano é sempre mais ou menos impregnado das impurezas físicas e morais do encarnado”. Por outro lado, a evolução moral pode dar ao ser humano capacidades extraordinárias, porquanto:

As qualidades morais do magnetizador, quer dizer, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar seu semelhante, unido à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, se aproximar das qualidades do fluido espiritual. (KARDEC, [RE] 1865, p. 170)

Mas quem poderia garantir a qualidade de seu fluido perispiritual? Quem a afirmasse estaria, em verdade, dando prova de seu orgulho, o que atestaria exatamente o inverso de sua afirmação! A verdadeira virtude se esconde, regida pela humildade. Por isso, no exercício da cura, é imprescindível recorrer à ajuda dos bons Espíritos:

Para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais saudáveis; uma vez que esses fluidos benfazejos são o próprio dos Espíritos superiores, é, pois, o concurso destes últimos que é necessário obter; é por isso que a prece e a invocação são necessárias. Mas, para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com humildade e ditada por um sentimento real de benevolência e de caridade; ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, e não há devotamento sem desinteresse. (KARDEC, [RE] 1864, p. 7)

Essa é a diferença fundamental entre os magnetizadores do século 19, que imaginavam atuar por uma força própria, e o Espiritismo, que explica a verdadeira força moral da cura pelo magnetismo, secundada pela atuação dos bons Espíritos, portanto:

Sem essas condições, o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, nisso está reduzido às suas próprias forças, frequentemente insuficientes, ao passo que com seu concurso podem ser centuplicados em poder e em eficácia. [...] Daí, para os médiuns em que se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, há necessidade de trabalhar para a sua melhoria moral. (KARDEC, [RE] 1864, p. 7)

Por isso, o tratamento pelo passe, segundo o Espiritismo, deve ser fruto do

devotamento, com um objetivo humanitário e completamente desinteressado, seguindo o preceito de Jesus: “Dai de graça o que recebestes gratuitamente”. Qualquer cobrança, mesmo indireta e voluntária, vai atrair tanto a exploração quanto o charlatanismo. De acordo com Allan Kardec, para prevenir esse mal há “um meio muito simples, é o de recordar-se de que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade” (KARDEC, [RE] 1864, p. 8).

Por fim, a ação sobre a vontade do paciente, soerguendo-a por indução, pode ser exercida, em geral, diretamente pelos bons Espíritos, “sem intermediário, sobre um indivíduo, seja para aliviá-lo, curá-lo se isto se pode, ou para produzir o sono sonambúlico” (KARDEC, [RE] 1865, p. 170). Esses efeitos podem ser rápidos ou mesmo instantâneos.

Chegamos, assim, a uma teoria geral do magnetismo, proposta por Kardec, segundo o qual a ação magnética pode se produzir de várias maneiras:

1. *Pelo fluido do magnetizador.* É o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação está subordinada à potência e, sobretudo, à qualidade do fluido.
2. *Pelo fluido dos Espíritos,* agindo sobre um encarnado, diretamente e sem intermediário, para curar ou acalmar um sofrimento, para provocar o sono sonambúlico espontâneo ou para exercer qualquer tipo de influência. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade é proporcional à do Espírito.
3. *Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador* que lhes serve de condutor. É o magnetismo *misto*, semiespiritual, ou humano-espiritual. O fluido espiritual combinado com o humano dá a este último as qualidades que lhe faltam. O concurso dos

Espíritos em semelhantes circunstâncias é, por vezes, espontâneo, mas o mais comum é que o apelo do magnetizador o provoque.

Com o advento do Espiritismo, e os seus esclarecimentos, qualquer passe requer sempre a prece e o auxílio dos bons Espíritos para multiplicar e qualificar seus efeitos. Quando compreende o papel fundamental da espiritualidade superior no tratamento, não faz sentido o magnetizador espírita tentar agir sozinho. Mas a atuação de um passista só é necessária quando houver um desequilíbrio físico ou doença, pois, de outra forma, ela seria inócua. O passe espiritual, por sua vez, requer somente a prece que evoca os bons Espíritos, e a concentração e o exercício da vontade benevolente de quem o recebe, não necessitando da atuação de um passista, ou magnetizador espírita.

## **O tratamento espírita**

Há um equívoco quando se imagina ser possível atuar por um passe ou medicamentos para alterar disposições ou enfermidades morais. Isso deriva do pensamento materialista de que o cérebro é a sede das faculdades intelectuais e morais. O Espiritismo demonstra que todas as faculdades, ideias, imperfeições e virtudes existem no Espírito e o sistema nervoso contém os instrumentos de sua manifestação. Caso determinada faculdade seja um valor do Espírito, mas seu corpo não esteja adaptado para a sua manifestação, ela permanece em estado latente. Por outro lado, caso haja uma tendência genética do organismo para determinada emoção ou comportamento, e o Espírito não a compartilhe, ela ficará sem efeito. Da mesma forma, um Espírito pode ser lúcido e atento, mesmo enquanto ligado a um corpo portador de deficiências físicas ou mentais. Como propõe Kardec:

Todas as faculdades e todas as aptidões estando na natureza, o cérebro contém os órgãos, ou

pelo menos o germe dos órgãos necessários à manifestação de todos os pensamentos. A atividade do pensamento do Espírito sobre um ponto determinado leva ao desenvolvimento da fibra, ou, querendo-se, do órgão correspondente; se uma faculdade não existe no Espírito, ou se, existindo, ela deve permanecer no estado latente, o órgão correspondente, estando inativo, não se desenvolve ou se atrofia. Se o órgão está atrofiado congenitamente, a faculdade não podendo se manifestar, o Espírito parece dela estar privado, se bem que a possua, em realidade, uma vez que lhe é inerente. Enfim, se o órgão, primitivamente em seu estado normal, se deteriora no curso da vida, a faculdade, de brilhante que era, se ofusca, depois se apaga, mas não se destrói; não é senão um véu que a obscurece. (KARDEC, [RE] 1867, p. 46)

O Espírito, por seus valores e imperfeições, tem total influência sobre o corpo ao qual está ligado e imprime nele tendências à saúde ou enfermidade, conforme seu estado de equilíbrio. Porém, quando a doença tem como causa uma condição genética, fisiológica ou ambiental, e o Espírito está equilibrado, a enfermidade afeta somente sua manifestação e não a sua condição espiritual, continua Allan Kardec:

As aptidões do Espírito são, pois, sempre uma causa, e o estado dos órgãos um feito. Pode ocorrer, no entanto, que o estado dos órgãos seja modificado por uma causa estranha ao Espírito, tal como doença, acidente, influência atmosférica ou climática; então são os órgãos que reagem sobre o Espírito, não em alterando suas faculdades, mas em perturbando-lhe a manifestação. (KARDEC, [RE] 1867, p. 47)

Portanto, os remédios que agem sobre as emoções, afastando os efeitos da melancolia, ansiedade, medo, ou induzem como efeito colateral determinados comportamentos e anseios, atuam em sua manifestação pelo organismo, e não na individualidade da alma; nenhuma substância age no Espírito:

Estando, pois, admitido que o princípio das faculdades está no Espírito, e não na matéria, suponhamos que se lhe reconhecesse, a uma substância, a propriedade de modificar as disposições morais, de neutralizar um mau pendor, isto não poderia ser senão pela sua ação sobre o órgão correspondente a esse pendor, a ação que teria por efeito deter o desenvolvimento desse, de atrofiá-lo ou de paralisá-lo se está desenvolvido; torna-se evidente que, neste caso, não se suprime o pendor, mas a sua manifestação, absolutamente como se se tirasse a um músico o seu instrumento. (*Ibidem*)

Segundo Kardec, não se pode atuar com medicamentos sobre vícios como

ciúme, orgulho, cólera, pois uma tal doutrina, “se fosse verdadeira, seria a negação de toda responsabilidade moral, a sanção do materialismo, porque então a causa de nossas imperfeições estaria só na matéria; a educação moral se reduziria a um tratamento médico”.

Atualmente, essa questão fica mais bem esclarecida quando sabemos que as emoções básicas estão no âmbito da fisiologia, regidas pelo sistema nervoso. Medo, tristeza, nojo, por exemplo, são instrumentos para execução das necessidades instintivas. Enquanto orgulho e egoísmo, vaidade, ciúme, cólera, são imperfeições da alma. Um Espírito colérico, num corpo com tendência impulsiva à raiva, vai formar uma personalidade agressiva e ansiosa. Um bom Espírito, fazendo uso de um corpo igual a esse, moldará uma personalidade calma, apesar da constituição genética e conformação orgânica diversa. Um outro exemplo, de um princípio espiritual na fase animal, esclarece melhor: um cachorro, não tendo uma alma humana, quando é agressivo, a causa está exclusivamente na combinação de sua genética, ambiente e condicionamento, pois ele não tem personalidade espiritual definida. Isso depende da escolha, e o livre-arbítrio será conquista posterior, somente na fase humana.

Assim, um remédio ou outro tratamento fisiológico pode alterar as disposições emocionais dos órgãos cerebrais, permitindo uma manifestação adequada do Espírito, mas não altera suas imperfeições ou virtudes, efeito exclusivo da educação moral:

Suponhamos um Espírito inteligente encarnado, não tendo ao seu serviço senão um cérebro atrofiado, e não podendo, conseqüentemente, manifestar as suas ideias, seria para nós um incapaz. [...] Mas se o Espírito, sendo incapaz por si mesmo, tivesse a seu serviço o cérebro do maior gênio, com isto não seria menos incapaz. Um medicamento qualquer não podendo agir sobre o Espírito, não poderia dar-lhe o que ele não tem, nem lhe tirar o que ele tem; mas agindo sobre o órgão de transmissão do pensamento, pode facilitar esta transmissão sem que, por isto, nada seja mudado ao estado do Espírito. (KARDEC, [RE] 1867, p. 48)

A atuação no perispírito, por sua vez, segue as leis do mundo espiritual,

que define o estado da matéria mental de acordo com os pensamentos e sentimentos do Espírito que a emite, sendo sua condição etérea ou densa, benfazeja ou maléfica, determinada pela sua condição de perfeição ou imperfeição. Só um bom Espírito pode induzir outro Espírito a equilibrar-se, assim mesmo quando a vontade deste está de acordo, pois não se ultrapassam os limites do livre-arbítrio. Conclui Allan Kardec:

Não se pode agir sobre o ser espiritual senão pelos meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se o efeito acima fosse constatado, seria talvez de dominar mais facilmente o Espírito, de torná-lo mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas se embalaria de ilusões esperando-se de um medicamento qualquer um resultado definitivo e durável. (*Ibidem*)

Num caso de depressão ou síndrome do pânico, por exemplo, existem duas causas a serem examinadas em todos os diferentes casos. Há uma condição de desequilíbrio orgânico manifestado pelos sintomas, mas a alma pode ou não estar compartilhando um sentimento equivalente, conforme sua condição evolutiva. O medo da alma pode ser uma causa, enquanto o estado do corpo é outra. Pela educação moral, o indivíduo investe em seu equilíbrio espiritual para dominar seu sentimento. Por outro lado, o descondicionamento da condição física atua sobre a causa orgânica. Portanto, um Espírito imperfeito num corpo doente tem duas ações a executar: recuperar-se espiritual e fisicamente. Já um Espírito equilibrado num corpo doente tem apenas seu corpo necessitando de cura. Isso explica por que um Espírito bom enfrenta as enfermidades, mesmo em condições de profundo sofrimento físico, com otimismo e dando exemplos de benevolência.

A atuação do magnetismo humano é necessária quando alguma enfermidade tenha se instaurado na fisiologia do corpo físico. Nesse caso, é útil a atuação de um magnetizador humano, pois os Espíritos não atuam diretamente no corpo material. Mas, como há uma ação simultânea sobre o perispírito, sempre a prece e a ajuda dos bons Espíritos são adequadas.

No caso de um desequilíbrio de ordem espiritual, é necessária a ação do magnetismo espiritual, sendo a prece e a evocação dos bons Espíritos os recursos adequados. Não havendo desordem orgânica, a atuação do magnetismo humano não terá nenhum efeito.

Mas está na educação moral o meio adequado para a conquista da verdadeira cura, pois coloca o indivíduo no caminho de seu aperfeiçoamento intelecto-moral, finalidade de todos os Espíritos, sendo essa conquista inerente ao progressivo sentimento de felicidade. Nos casos de obsessão, é exatamente esse o instrumento fundamental:

É preciso também, e sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, e essa autoridade só é dada pela superioridade moral; quanto maior ela for, maior será a autoridade. Isso ainda não é tudo. Para assegurar a libertação, é necessário fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente dirigidas em evocações particulares, feitas em vista de sua educação moral. Então, pode-se ter a dupla satisfação de liberar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. (KARDEC, [1868] 2018, p. 309)

Há uma outra modalidade especial de cura segundo o Espiritismo, que é a atuação dos Espíritos por meio de um médium de efeitos físicos. Nesse tipo de mediunidade, em condições apropriadas, há uma exalação do organismo do médium de uma substância de origem celular, portanto material e orgânica, que possui a propriedade de se estender a distância, alterar sua forma e exercer força mecânica. Recebeu o nome de ectoplasma<sup>55</sup>. Pode ser invisível ou se tornar visível, nesse caso, normalmente num ambiente escurecido ou até completamente sem luz. Por meio de uma sintonia com o médium, o Espírito pode moldar o ectoplasma fazendo as materializações, mover objetos, transportá-los a distância. Os médiuns com capacidade de produzir grande quantidade de ectoplasma são bastante raros.

Por meio do ectoplasma, os Espíritos, agindo técnica e mecanicamente, podem fazer intervenções físicas no organismo do doente. Por exemplo, desobstruindo uma artéria. Alguns médiuns, além dos efeitos físicos,

possuem a capacidade de permitir a manifestação dos Espíritos, entrando em transe completo. Foi o caso de Arigó, que recebia o espírito do doutor Fritz. Além de rara, essa capacidade de cura tem o objetivo de despertar a consciência das pessoas para a realidade do mundo espiritual e da intervenção dos Espíritos em nosso mundo. Mas não o de substituir a medicina e os médicos.

Os magnetizadores faziam diagnósticos por meio dos sonâmbulos, que podiam ver organismos por dentro, prever o tratamento e a cura. Também indicavam recursos, como a água fluidificada com a ajuda dos bons Espíritos. Com essa água podem-se fazer compressas, infusões, banhos, conforme a natureza da lesão. Em trabalhos mediúnicos também é possível fazer diagnósticos e prognósticos por meio de bons Espíritos evocados para esse fim. Há outros recursos complementares, quanto à percepção do ciclo de evolução da cura, compreensão das causas múltiplas das doenças, hábitos equivocados a serem superados. O magnetizador ou passista pode também desenvolver a capacidade anímica (ou mediúnica, por inspiração espiritual) para perceber a causa e a localização do foco da enfermidade no organismo do doente, pelo aprimoramento de seu sentido espiritual. Por isso é importante o investimento no estudo para uma ampliação dos recursos da alma, como também o próprio aprimoramento da capacidade de manter o equilíbrio, para poder servir aos enfermos pela indução ao despertar de suas próprias forças de restabelecimento.

No tratamento pelo magnetismo animal e pelo Espiritismo, não há padrão ou rotina que se possa estabelecer. Cada atendimento é um caso único, pela infinita diversidade de fatores envolvidos. Por isso o aprendizado é constante e contínuo, permitindo, além dos estudos, o constante aprimoramento pela prática.

Sendo o cenário da atuação da cura segundo o Espiritismo, o mundo espiritual, e o seu meio de ação os fluidos espirituais, tudo o que concerne

ao ambiente material reveste-se de simplicidade. A complexidade, do ponto de vista do passista, está em seu desenvolvimento necessário e progressivo, quanto ao conhecimento, equilíbrio moral, capacidade anímica e mediúncia (quando possível). Mas a eficácia do tratamento evidencia-se pela competência moral e técnica dos bons Espíritos envolvidos.

O alcance de percepção dos fenômenos envolvidos é grandemente limitado para os encarnados. São os Espíritos que avaliam a situação do enfermo, as causas profundas envolvidas, os obstáculos, as mudanças necessárias para se obter a cura. Por isso, o lema do passista ou magnetizador é: simplicidade, humildade e desprendimento.

O mesmo vale quanto aos gestos e procedimentos. Quando um grande médium, recebendo Espíritos superiores, psicografa mensagens sublimes, o gesto é o mesmo daquele que faz simples anotações. Senta-se diante de papel e caneta, e escreve. A complexidade está no mundo espiritual. Exatamente o mesmo ocorre com o tratamento de cura segundo o Espiritismo, quanto aos gestos; não passam de imposição de mãos e passes simples. Para o paciente, a recomendação também está nos estudos, para compreender que sua vontade, agindo sobre o organismo, é a verdadeira causa da cura. Além de buscar o equilíbrio das emoções, de sua condição espiritual, também deve estudar seus hábitos, procurando manter alimentação saudável, ingestão de líquidos e sono equilibrados e naturais. Quanto à postura durante os passes, nenhum gesto do paciente importa (posição de mãos e pernas, uso de acessórios, contato com metais etc.), apenas as condições adequadas para seu conforto, calma e reflexão.

## **O passe magnético na obra de Chico Xavier**

Na obra de Allan Kardec, a teoria do fluido universal como meio de comunicação da vontade e do pensamento, como estado de vibração do agente, inicialmente foi considerada por ele como hipótese. A teoria do

fluido vital também foi considerada, no período inicial de sua pesquisa, uma opinião controversa, já que, então, faltavam elementos para uma afirmação absoluta. Ambas foram dadas a título de ensaio, com o objetivo de provocar o exame, com a determinação de serem admitidas, abandonadas ou modificadas, se fosse preciso. Em 1868, quando da publicação de *A Gênese*, a teoria do fluido universal como origem de toda a matéria, e a ondulatória como base conceitual de todos os fenômenos dos dois mundos, foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos, além de confirmada como a mais racional.

A Doutrina Espírita definida na obra de Kardec, portanto, constitui a tradição do Espiritismo. Toda comunicação, seja dos Espíritos ou dos Homens, deve ser considerada, em princípio, uma opinião. Verifica-se sua coerência pela concordância com os princípios fundamentais estabelecidos em Kardec. Caso haja discordância, evidencia-se seu equívoco. E, quando se estiver diante de um princípio novo, será considerado como “simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir”, até que seja submetida pela coletiva concordância de opinião dos Espíritos superiores, além de obedecer ao critério da lógica.

Em 1958, os médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira publicaram a obra *Evolução em dois mundos*, pelo médico desencarnado que tomou como pseudônimo o nome André Luiz. A proposta da obra foi desenvolver o entendimento sobre o perispírito, proposto pelo Espiritismo, tomando como base de referência as teorias das ciências, então aceitas na época. Para isso, o Espírito buscou “material por vezes colhido em obras de respeitáveis estudiosos”. O trabalho não tinha a pretensão de esclarecer, completar ou avançar a ciência dos homens, mas servir para acender “o lume da esperança” para aqueles que guardam “o estigma do sofrimento, indagando pela solução dos velhos problemas do ser e da dor” (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 11).

Vamos examinar as aproximações conceituais entre as opiniões de André Luiz sobre a fisiologia da alma e a cura pelos passes, e as ciências irmãs, Espiritismo e magnetismo animal.

Inicialmente, André Luiz toma como princípio a teoria do fluido universal como plasma divino onde operam as inteligências divinas como agentes elaboradores das estruturas do cosmos, como cocriadores do Universo. “Os mundos ou campos de desenvolvimento da alma, com as suas diversas faixas de matéria em variada expressão vibratória” definem a estrutura fundamental de partículas e ondas eletromagnéticas, conjugando filosoficamente energia, matéria e os atos morais, como intuiu Mesmer e definiram os Espíritos a Kardec:

Toda matéria é energia tornada visível e toda energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação, cujas leis nos conservam e prestigiam o bem praticado, constringendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o Bem de Todos é o seu Eterno Princípio. (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 15)

Em André Luiz, os *fluidos espirituais ou perispirituais* de Kardec equivalem ao conceito de *matéria mental*. Alinha-se essa definição com a ideia da ação da vontade e do pensamento sobre o fluido universal (Mesmer) e o de sintonia entre os Espíritos, sejam encarnados ou desencarnados (Kardec). Em sua obra posterior, *Mecanismos da mediunidade*, afirmou:

A matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva. (XAVIER, 2017, p. 32)

É pela indução, tendo como meio a matéria mental, que a corrente mental se reproduz em outra corrente que com ela entre em sintonia. Assim André Luiz explica o “estado de relação” ou *rapport*, definido por Mesmer como condição da cura. Allan Kardec havia expandido o conceito, considerando o

ambiente comum entre encarnados e desencarnados sintonizando-se pelas ideias e intenções: “O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais, do mesmo modo que o dos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito pela mesma via e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos circundantes” (KARDEC, [1868] 2018, p. 292).

Quanto à ligação entre o corpo físico e o perispírito, vejamos em Kardec. A qualidade dos fluidos determinados pelo pensamento do encarnado, pela expansão e pela radiação de seu corpo espiritual, “desempenha um papel preponderante no organismo”, de acordo com a atmosfera espiritual inerente à evolução moral do indivíduo. Pois, seja boa ou má a atmosfera fluídica que o encarnado esteja vivendo, “conforme esses fluidos atuam sobre o perispírito, este reage sobre o organismo material com o qual está em *contato molecular*” (*Ibidem*).

Kardec menciona um *contato molecular* entre perispírito e corpo, mas André Luiz já considera a teoria celular nessa relação fisiológica da alma:

Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas, na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exoneração excretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça. (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 19)

Kardec continua seu raciocínio, demonstrando as implicações patológicas que podem ocorrer em virtude dessa relação entre perispírito e corpo físico. Dessa forma: “Se os eflúvios forem de boa natureza, o corpo resente-se de uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa; se as malignas forem permanentes e enérgicas, elas podem determinar desordens físicas. Certas doenças não têm outra causa” (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 292).

Quando André Luiz vai tratar da questão do passe magnético no campo espírita, fez uso do conceito de doença equivalente a esse definido por Kardec:

Toda queda moral nos seres responsáveis opera certa lesão no hemisfério psicossomático ou perispírito, a refletir-se em desarmonia no hemisfério somático ou veículo carnal, provocando determinada causa de sofrimento. A dor, portanto, dessa ou daquela forma, é sempre uma situação de alarma ou emergência, mais ou menos durável no império orgânico, requisitando o socorro externo da medicina do corpo ou da alma, na execução do alívio ou da cura. (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 132)

A dor representa aqui o *sofrimento físico*, instrumento natural e necessário da fisiologia. O que André Luiz chama de “queda moral” simboliza o *sofrimento moral*, que é inerente à condição de imperfeição do Espírito. Ou seja, a doença física pode ter uma causa accidental – um Espírito superior não tem como causa original um desequilíbrio espiritual, mas pode viver doenças quando encarnado. O mesmo ocorre com o Espírito simples e ignorante. Ou pode ter uma causa moral, caso o Espírito encarnado seja imperfeito e o seu desequilíbrio espiritual seja refletido no organismo físico.

André Luiz, dando continuidade, explica o mecanismo do passe espírita:

Pelo passe magnético, no entanto, notadamente naquele que se baseie no divino manancial da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem para que essa vontade novamente ajustada à confiança magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico, nessa ou naquela contingência, se recomponha para o equilíbrio indispensável. (*Ibidem*)

Há aqui, em André Luiz, uma coerência perfeita entre a teoria da cura por Mesmer na ciência do magnetismo animal, ampliada de forma complementar pela Doutrina Espírita, em Kardec. Todos os elementos conceituais estão envolvidos. Vamos destacá-los:

- A ação do passista é por meio da vontade.
- O passo inicial do passe é o *rapport*, ou estado de relação de Mesmer. A sintonia fluídica benfazeja, em Kardec. Sintonia entre Espíritos bons, passista e paciente.

Estabelecido o clima de confiança, qual acontece entre o doente e o médico preferido, cria-se a ligação sutil entre o necessitado e o socorrista e, por semelhante elo de forças, ainda imponderáveis no mundo, verte o auxílio da Esfera Superior, na medida dos

créditos de um e outro. (XAVIER, 2017, p. 104)

- Essa vontade busca pela prece a sintonia com bons Espíritos:

Esclareçamos, porém, que, em toda situação e em qualquer tempo, cabe ao médium passista buscar na prece o fio de ligação com os planos mais elevados da vida, porquanto, através da oração, contará com a presença sutil dos instrutores que atendem aos misteres da Providência Divina, a lhe utilizarem os recursos para a extensão incessante do Eterno Bem. (XAVIER, 2017, p. 105)

- Estudo, busca do próprio equilíbrio, abnegação e completo desprendimento, são os quesitos necessários para a prática do passe espírita.

Decerto, o estudo da constituição humana lhes é naturalmente aconselhável, [...] se recomenda a aquisição de conhecimentos do corpo em si. E, do mesmo modo que esse aprendiz de rudimentos da medicina precisa atentar para a assepsia do seu quadro de trabalho, o médium passista necessitará vigilância no seu campo de ação, porquanto de sua higiene espiritual resultará o reflexo benfazejo naqueles que se proponha socorrer. Eis porque se lhe pede a sustentação de hábitos nobres e atividades limpas, com a simplicidade e a humildade por alicerces no serviço de socorro aos doentes. (XAVIER, 2017, p. 104)

- O processo de cura tem como causa ativa a própria vontade do paciente, sendo um processo autônomo, e não uma causa externa.

O processo de socorro pelo passe é tanto mais eficiente quanto mais intensa se faça a adesão daquele que lhe recolhe os benefícios, de vez que a vontade do paciente, erguida ao limite máximo de aceitação, determina sobre si mesmo mais elevados potenciais de cura. (*Ibidem*)

- O paciente, por meio de seu perispírito, magnetiza os trilhões de células, que são seres vivos a seu serviço.

Nesse estado de ambientação, ao influxo dos passes recebidos, as oscilações mentais do enfermo se condensam, mecanicamente, na direção do trabalho restaurativo, passando a sugeri-lo às entidades celulares do veículo em que se expressam, e os milhões de corpúsculos do organismo fisiopsicossomático tendem a obedecer, instintivamente, às ordens recebidas, sintonizando-se com os propósitos do comando espiritual que os agrega. (XAVIER, 2017, p. 105)

- Há no organismo humano os sistemas adequados para recompor o

equilíbrio indispensável (por exemplo, recursos de defesa e reparação como os da imunidade natural e adquirida, as células de defesa etc.) antevistos por Mesmer como *vis medicatrix naturae*.

Com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do Estado Orgânico – particularmente as sanguíneas e as histiocitárias – determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda. (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 132)

- O paciente, tendo sua vontade soerguida no decorrer do tratamento, retoma e amplia a capacidade de gerir o equilíbrio espiritual e fisiológico, sendo um processo de reeducação para a saúde espiritual e física, pelo autogoverno ou domínio de sua própria vontade.

O socorro, quase sempre hesitante a princípio, corporifica-se à medida que o doente lhe confere atenção, porque, centralizando as próprias radiações sobre as províncias celulares de que se serve, lhes regula os movimentos e lhes corrige a atividade, mantendo-lhes as manifestações dentro de normas desejáveis, e, estabelecida a recomposição, volve a harmonia orgânica possível, assegurando à mente o necessário governo do veículo em que se amolda. (XAVIER, 2017, p. 104)

A atuação dos Espíritos superiores convocados pelo magnetizador espírita e pelo doente, por meio da prece, é a garantia da eficácia do tratamento pelo passe, como descreve André Luiz:

Assim é que orar em nosso favor é atrair a Força Divina para a restauração de nossas forças humanas, e orar a benefício dos outros ou ajudá-los, através da energia magnética, à disposição de todos os Espíritos que desejem realmente servir, será sempre assegurar-lhes as melhores possibilidades de *autorreajustamento*. (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 132)

Como para Mesmer e Kardec, a cura pelo magnetismo, unindo passe magnético, prece e auxílio espiritual, é sempre um benefício conquistado pelo próprio paciente, em virtude de sua *autonomia moral*, ou seu *autorreajustamento*, como definiu André Luiz. A capacidade de servir do passista se amplia pelo mesmo processo. De tal forma que, em diferentes

momentos, em razão das circunstâncias, aquele que ajuda pode ser o que precisará do auxílio, num intercâmbio natural do relacionamento solidário e cooperativo. Todos somos educandos, considerando-se o mundo como escola da vida.

Apesar do gesto simples, os passes fazem parte de um tratamento necessariamente periódico e regular, que pode ser longo. A meta é o reequilíbrio psicológico, espiritual, emocional e conseqüentemente fisiológico do doente, com vistas ao seu restabelecimento. Para enfrentar as mais duras provas da vida, misérias, provações e doenças, é preciso, propõe o Espiritismo, restabelecer a *coragem moral*.

Os auxílios da prece, dos passes, do esclarecimento quanto à Doutrina Espírita, visam à conquista gradual do poder de manter-se equilibrado diante das dificuldades. Ter calma e paciência quando a chegada da solução precisa de um tempo, mesmo longo. Além de aprimorar a capacidade de superar-se mais rapidamente, quando esmorece a esperança. Essa é a coragem moral, que representa o próprio sentido da reencarnação e dos laços entre os Espíritos, que se consolidam pela depuração.

Quando, porém, o Espírito, no decorrer de suas encarnações, desenvolveu o hábito do egoísmo e do orgulho, persistindo no equívoco, arrastado pelos apelos das sensações da vida animal, passa a enfrentar as conseqüências funestas do sofrimento moral. E essa situação pode se arrastar pelas reencarnações, enquanto não houver uma reflexão, a vontade de superar-se, a conscientização de que a causa de seu infortúnio está em si mesmo. Segue longo processo de reconstrução de valores, escolhendo provas, reavaliando cada passo, num projeto para tornar-se senhor de si mesmo. Por fim, o processo de superação da imperfeição pode culminar em grandes enfrentamentos, provas decisivas, mas sempre os limites de sua capacidade serão respeitados, pois só se encaram desafios que possam ser vencidos.

Enfrentar dificuldades é para todos, mas uma grande provação, na

vivência de sofrimentos profundos, somente é confrontada por quem está pronto para vencê-la, pois “Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas”. Em vistas ao seu próprio aperfeiçoamento, as provas da vida são escolhidas como desafios que, quando superados, tornam-se conquistas definitivas. Esclarece o Espírito Santo Agostinho, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

*As provas rudes, ouvi-me bem, são quase sempre indicio de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus. E um momento supremo, no qual, sobretudo, cumpre ao Espírito não falir murmurando, se não quiser perder o fruto de tais provas e ter de recomeçar. Em vez de vos queixardes, agradecei a Deus o ensejo que vos proporciona de vencerdes, a fim de vos deferir o prêmio da vitória. Então, saindo do turbilhão do mundo terrestre, quando entrardes no mundo dos Espíritos, sereis aí aclamados como o soldado que sai triunfante da refrega. (KARDEC, [1864] 1996, p. 242)*

Compreender as causas dos sofrimentos, o mecanismo da evolução espiritual, os benefícios da solidariedade e da cooperação, o poder da reparação, todos os conceitos da *Teoria Moral Espírita*. Ao ver a vida com a visão do Espírito imortal, as feridas que se abrem são consideradas simples arranhões. Enfim, compreender que, para vencer qualquer dificuldade da vida, o remédio está no fortalecimento de sua própria capacidade de superação, sendo a coragem moral não só o recurso eficaz, como também a própria meta a ser alcançada.

## **Uma revolução moral e social na arte de curar**

“Se o magnetismo, seja humano ou espiritual, é uma realidade, por que não é reconhecido oficialmente pela faculdade?”, questionou Allan Kardec, pois os recursos do sonambulismo e da cura eram amplamente presentes na cultura da época. Utilizados por médicos, os diagnósticos por meio da lucidez dos sonâmbulos supriam uma necessidade numa época em que os avanços tecnológicos da medicina não haviam ainda iniciado. Em suas cartas inéditas, há inúmeros casos em que Kardec faz uso de remédios

homeopáticos, fitoterápicos, diagnóstico por sonâmbulos, passes magnéticos e, principalmente, da moralização para cuidar da saúde de si mesmo, de amigos e familiares, como também no auxílio a todos que o procuravam em busca de consolação, dos quais vimos alguns exemplos:

E não é ir muito longe dizer que a metade dos médicos reconhece e admite hoje o magnetismo, e que as três quartas partes dos magnetizadores são médicos; ocorre o mesmo com o Espiritismo, que conta, em suas fileiras, com uma grande quantidade de médicos e homens de ciência. Que importa, pois, a oposição sistemática, ou mais ou menos interessada, de alguns! (KARDEC, [RE] 1859, p. 177-8)

Todavia, apesar dessas conquistas inegáveis, a medicina oficial da época, associada ao pensamento materialista, teimava em desconsiderar os fatos, negando-se a estudá-los. Para Allan Kardec, como o magnetismo animal é um fenômeno natural, cedo ou tarde, uma das gerações da comunidade científica, pressionada pelos fatos, vai se deparar com a necessidade de apreciar seriamente esse paradigma científico:

Deixai passar o tempo, que varre os amores-próprios machucados e as preocupações mesquinhas; a verdade pode ser agitada, mas não naufraga, e a posteridade registra o nome daqueles que a combateram ou sustentaram. Se o magnetismo fosse uma utopia, há muito tempo não estaria mais em evidência, ao passo que, como o seu irmão, o Espiritismo, ele lança raízes por todos os lados; lutai, pois, contra as ideias que invadem o mundo inteiro: o alto e a base da escala social! (KARDEC, [RE] 1859, p. 178)

Mesmer não imaginava o gigantismo que enfrentaria na França quando tentou despertar o interesse dos médicos e cientistas para os fenômenos que podia demonstrar. Em suas obras, ele descreve que a negação pouco tinha a ver com fatos científicos, mas quase exclusivamente com questões financeiras e políticas. Os médicos perguntavam: como garantir a exclusividade e a patente do magnetismo animal, para que possamos lucrar com a aplicação do seu tratamento? A resposta de Mesmer foi para eles absolutamente desagradável, pois a capacidade de curar que descobriu abria caminho para uma revolução, pois estava ao alcance de todos, fossem nobres ou camponeses. Sendo um recurso natural, não seria uma

exclusividade dos médicos a sua aplicação, mas cabiam a eles a avaliação do paciente e seus sintomas, o acompanhamento do processo de cura, a prescrição do tratamento. A cura pelo passe, bem compreendida, não ocorre pela veiculação de uma substância, o que a tornaria um remédio misterioso; mas um meio de soerguimento da vontade do doente, que se encontrava combalida. A vontade do paciente, novamente elevada, permite e motiva o processo natural da cura. Ou seja, segundo essa teoria, a cura está compreendida em processos naturais e reconhecidos pelos estudos da fisiologia humana. Nada de misterioso ou sobrenatural.

Como vimos, na faculdade da vontade, sendo o princípio tanto da cura quanto da moral, os dois efeitos se conjugam. Podemos afirmar que, examinando por esse ponto de vista, essa cura é efeito da moralização, uma conquista evolutiva do Espírito. Um dos recursos fundamentais, portanto, para o sucesso da arte de curar, passa pela compreensão da Teoria Moral Espírita, fundamentada na psicologia espiritualista. Essa é a mais profunda síntese que une três campos da ciência do futuro: magnetismo animal, ciências filosóficas e Espiritismo. A comunidade científica, caso se apropriasse desses valores, poderia produzir a partir deles um valioso conhecimento. Naturalmente, esse saber fluiria para as instituições educacionais e para a mídia, causando uma revolução moral e um bem-estar social sem precedentes. Todavia, o caminho histórico dessa conquista não parece que ocorrerá de cima para baixo em nossa sociedade, mas pelo caminho inverso, de baixo para cima. Serão a consagração do entendimento desses valores e a constatação popular dos resultados positivos que servirão de pressão social para provocar um futuro e derradeiro interesse e adesão pela comunidade científica.

Nesse sentido, havia entre os espíritas o entendimento de que o caminho para beneficiar a humanidade com essas possibilidades de cura estava propriamente na iniciativa popular. A aplicação do tratamento, mesmo

informal, é um inegável instrumento para promover o apoio mútuo e a solidariedade, colaborando com o progresso moral da humanidade, como bem definiu Léon Denis:

Livre de todo acessório teatral, de todo móvel interesseiro, praticado com o fim de caridade, o magnetismo vem a ser a medicina dos humildes e dos crentes, do pai de família, da mãe para os seus filhos, de quantos sabem verdadeiramente amar. Sua aplicação está ao alcance dos mais simples. Não exige senão a confiança em si, a fé no poder infinito que por toda parte faz irradiar a vida e a força. Como o Cristo e os apóstolos, como os santos, os profetas e os magos, todos nós podemos impor as mãos e curar, se temos amor aos nossos semelhantes e o desejo ardente de aliviá-los. (DENIS, [1911], 2008, p. 136)

Em 1867, Allan Kardec noticiou que num grupo espírita de Marmande, cidade próxima a Bordeaux, bastante atuante nos trabalhos de cura, empregando a moralização e os passes, os bons Espíritos, em quase todas as consultas, para os mais diversos casos de doença, pedem, no tratamento, o auxílio de parentes e amigos: pai, mãe, irmão ou irmã, vizinho, amigo são requeridos para fazer regularmente os passes.

Pessoas comuns, que ficam surpresas com sua capacidade de ajudar a acalmar as dores, recuperar a saúde:

Os grupos que se ocupam de curas talvez fariam bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados obtidos provariam de modo evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que a faculdade de curar ou de aliviar seu semelhante não é o privilégio exclusivo de algumas pessoas; que não é preciso, para isto, senão uma boa vontade e confiança em Deus; não falo de uma boa saúde que é uma condição indispensável. (KARDEC, [RE] 1867, p. 120)

Uma mãe, orientada a dar passes e impor as mãos sobre sua filha de 6 anos, tendo uma escamação da pele da cabeça e olhos, febre, enxaqueca, tosse, fraca sem comer e dormir, o médico já havia deixado de visitá-la. Durante uns dias, o grupo espírita a atendeu e ensinou-a a fazer os passes. Todos os sintomas desapareceram em dez dias.

Kardec qualificou o sucesso dos inúmeros casos à perseverança e dedicação, que garantem a presença dos bons Espíritos, atraídos pelo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade. A intercessão dos Espíritos na cura é

condição de sucesso e, como toda mediunidade, exige o mais absoluto desprendimento. Sobre a participação dos parentes, comentou:

A intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas é uma ideia nova, cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis. É a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam, para fazer penetrar a ideia nas massas. [...] Esta prática, pois, nunca seria considerada demasiado encorajada<sup>56</sup>. No entanto, não se deve perder de vista que os resultados estarão na razão da boa direção dada à coisa pelos chefes dos grupos curadores, e do impulso que souberem imprimir por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo. (KARDEC, [RE] 1867, p. 122)

Há, no Espiritismo, uma proximidade entre a questão da cura das enfermidades e a teoria moral. O principal recurso é a moralização, seja do enfermo ou do Espírito obsessor.

A pesquisa de Allan Kardec para compreender os ensinamentos dos Espíritos não foi o trabalho de um cientista fechado em seu laboratório, mergulhado entre suas experiências e seus pensamentos íntimos. O Espiritismo é a ciência da alma e do Espírito, e o campo de estudos está na humanidade. O professor Rivail abriu mão do descanso e do lazer para cumprir a sua missão. Não só pesquisar os ensinamentos dos Espíritos, dialogar com os espíritas e escrever suas obras. Dedicou-se também a auxiliar os sofredores que o procuravam ávidos de esperança nas consolações da Doutrina Espírita. Kardec publicou uma mensagem na qual um bom Espírito aconselhou: “não vos contenteis de pregar as consolações do Espiritismo; mostrai-lhes a grandeza e o poder por vossos atos; é a melhor refutação que poderíeis opor aos vossos adversários. As palavras voam e os atos fortalecem e levantam” (KARDEC, [RE] 1865, p. 12).

## **As vivências pessoais de Allan Kardec**

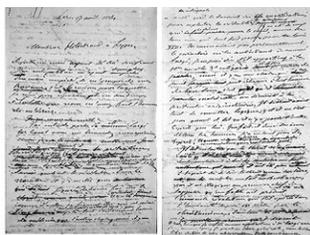
A sinceridade do escritor é a maior chancela de sua obra, e a medida da veracidade de seus argumentos. E o meio de reconhecê-la está no exemplo

de sua vida. Para Kardec compreender as consequências morais do Espiritismo em suas nuances mais sutis, ele auxiliou centenas de pessoas todos os meses, em volume crescente, espalhando as sementes da esperança. Será no exame do acervo de suas cartas inéditas que poderemos conhecer esse aspecto fundamental de sua biografia. Foi nelas que ele relatou aos mais próximos suas próprias dores e sofrimentos, sem nunca se queixar publicamente. Abriu mão do tempo reservado à sua vida pessoal para dar conselhos, esclarecer as dúvidas, evocar Espíritos a pedido de familiares, fazer diagnósticos. Além de pessoalmente ter retirado jovens das ruas, visitado familiares de presos, indo ao encontro do sofrimento antes mesmo que os indivíduos precisassem se humilhar pedindo socorro. Enfim, ele deu o exemplo da verdadeira caridade. A liderança de tão grande importância necessariamente deveria cair em mãos preparadas, e isso se comprova pelos fatos.

Não se pode julgar ninguém associando doença física com desequilíbrio moral. Esse equívoco tem raízes na confusão entre *sofrimento físico*, consequência fisiológica da condição do corpo material, e *sofrimento moral*, esse sim, inerente à imperfeição da alma.

Em virtude de sua exaustiva dedicação ao trabalho de elaboração da Doutrina Espírita, o professor Rivail recorrentemente ficava doente. Em 17 de agosto de 1861, numa carta inédita ao senhor Hildebrand, Kardec informa:

“Uma perturbação de saúde me impediu desde mais de um mês de me ocupar com meus trabalhos, eis pela qual não pude responder há mais tempo à carta que o senhor me deu a honra de escrever”.



Carta de Kardec ao senhor Hildebrand

<https://espírito.org.br/autonomia/carta-kardec-a-hidelbrand/>

Em setembro e outubro desse ano, durante as férias da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Kardec passou alguns dias em Lyon e Bordeaux, visitando amigos e sociedades espíritas. Lyon era cidade de indústrias, principalmente de tecidos, onde o trabalho era árduo e os salários, baixíssimos:

Um fato digno de nota e que constatamos, é a facilidade com que esses homens, a maioria iletrados, e endurecidos pelos mais rudes trabalhos, compreendem a importância da Doutrina, pode-se dizer que não veem nela senão o lado sério. Nas instruções que demos, nos diferentes grupos, foi em vão que procuramos excitar a curiosidade pelo relato das manifestações físicas, e, no entanto, ninguém viu uma mesa girar; ao passo que, tudo o que se referia às apreciações morais, captava no mais alto ponto o seu interesse. (KARDEC, [RE] 1861, p. 182)

Numa visita a um grupo de Saint-Just, um operário deu seu testemunho:

Nós vos pedimos, nosso caro mestre, para mergulhar os vossos olhares no fundo de nossos corações, a fim de que possais vos dar conta das simpatias que temos por vós. Somos pobres trabalhadores, sem artes; uma espessa cortina, desde a nossa infância, foi estendida sobre nós para sufocar a nossa inteligência; mas vós, caro mestre, pela vontade do Todo-Poderoso, despedaçastes a cortina. Essa cortina, que acreditaram impenetrável, não pôde resistir à vossa digna coragem. Oh! Sim, nosso irmão, pegastes a pesada picareta para descobrir a semente do Espiritismo, que fora encerrada num terreno de granito; vós a semeastes aos quatro cantos do globo, e até em nossos pobres bairros de ignorantes, que começam a saborear o pão da vida. (*Idem, ibidem*)

Saint-Just ficava nos arredores de Lyon, em meio às colinas de Fourvière, uma boa caminhada. Kardec e os operários espíritas vieram de longe, com um forte calor. Em meio aos estudos, um lanche foi preparado, pão, queijo, algumas frutas, um copo de vinho. Todos oferecidos com a antiga simplicidade e sincero coração:

Um copo de vinho brindado em nossa intenção! Ai de mim! Porque essas corajosas pessoas não o bebem todos os dias, mas essa ocasião era uma festa para eles, pois ia-se falar de Espiritismo. Oh! Foi de grande coração que brindamos com eles, e sua modesta merenda tinha, aos nossos olhos, cem vezes mais valor do que os mais esplêndidos repastos, tenham disso a certeza. (*Idem, ibidem*)

Nos demais dias livres, Kardec refugiou-se em sua casa suburbana, na Villa de Ségur. Jamais atrasou a *Revista Espírita*. Nem mesmo quando a enxaqueca periódica o obrigava a permanecer de cama, no escuro, por longas horas, aproveitadas, apesar do sofrimento, para orar, refletir e ser inspirado pelos Espíritos protetores.

Não só entre os operários o Espiritismo tem frutos para o bem-estar de quem o compreende, ele estava presente em todas as classes. O senhor Jobard, enquanto Kardec visitava os simples e iletrados operários de Lyon, na localidade de Metz, esteve com condes, barões, coronéis, oficiais da ciência, alunos da escola politécnica, sábios. Eles lhe ofereceram um grandioso banquete, durante o qual o Espírito de Lammenais os advertiu: “Pobre humanidade! Amontoais sempre os restos do meio no qual viveis, materializais tudo, prova de que a lama suja ainda o vosso ser. Não vos faço censura, mas uma simples observação”.

Quanto aos banquetes da alta sociedade, quando num jantar devoram a substância de cem famílias, quando, em vez de desfrutar, o abuso altera a saúde do corpo e do espírito, o futuro pede mudanças:

Quando o Espiritismo, difundido nas altas classes da sociedade, não tiver por efeito senão colocar um freio à glotonaria, e às orgias da mesa dos ricos, prestaria à sociedade um serviço imenso, que a medicina oficial não pôde prestar-lhe, uma vez que os próprios médicos partilham com muito gosto esses excessos que lhes fornecem mais doentes, mais estômagos a desobstruir, mais baços a desopilar, mais gotosos a consolar, porque não sabem curá-los. (KARDEC, [RE] 1861, p. 172)

Existem as doenças físicas causadas pelas circunstâncias exteriores, como a fome e as dificuldades da pobreza. Mas também as que são consequências do egoísmo, da gula, dos excessos e vícios. Estas poderiam ser evitadas, porém até se agravam, pois o egoísmo e demais imperfeições são inerentes ao sofrimento moral que acompanha o espírito em vida e após a morte, até que este os supere.

Kardec ainda faz um reparo às declarações de Jobard. Os operários de

Lyon são mesmo pobres, pelas circunstâncias, mas iletrados somente de uma forma relativa e não absoluta. Pois “na falta de ciência têm bastante discernimento e bom senso para apreciarem o que é justo, e distinguirem, no que se lhes ensina, o que é racional do que é absurdo. Eis o que podemos julgar por nós mesmos” (*Ibidem*).

Em 20 de janeiro de 1862, noutra carta inédita, Kardec responde a uma carta endereçada por uma senhora que ficara aguardando desde agosto do ano anterior.

Sua carta chegou durante minha ausência, ao regressar encontrei uma correspondência tão numerosa que, forçosamente, suas respostas tiveram de ficar em penitência. Mas esse não foi o motivo principal. Abatido pela fadiga de um trabalho incessante que não me deixa nenhum repouso e me toma, mesmo, parte de minhas noites, devendo sozinho atender a tudo, o corpo físico sofreu as consequências. O sem-número de enxaquecas sucessivas a que estou sujeito, sem ser perigosas, me força, periodicamente, a suspender todo trabalho intelectual, e, quando me é possível, nos intervalos, retomar minhas ocupações, tenho que cuidar das mais prementes. Venho há mais de dois meses sofrendo tanto que me parece que vou sucumbir sob o fardo.

E então continua sua explicação: “A senhora poderia dizer, apesar de tudo, que uma carta não é trabalho de muito tempo; sim, é verdade. Mas quando a gente tem centenas delas amontoadas esperando, não se sabe por qual começar”.

Mesmo assim, e apesar do grande volume, Kardec tinha sua correspondência em grande estima, também para o Espiritismo:

Não suponha, entretanto, que estou me queixando de receber muitas cartas. Haveria ingratidão de minha parte se o fizesse, porque, na maioria, me trazem testemunhos que pagam com lucro minhas fadigas. E, além disso, o que é mais importante, as cartas me permitem avaliar quanto o Espiritismo ganha em extensão, o que para mim é grande encorajamento e ao mesmo tempo útil ensinamento. No ponto em que estão as coisas, meus trabalhos não podem ir senão aumentando.

Em meio à carta, parece que sua costumeira discrição o alertou, então escreveu, tranquilizando-a: “Percebo que, tentando justificar-me, falei demais sobre mim mesmo. Desculpe-me. Agradeço-lhe bastante as comunicações espíritas que me enviou, bem como as anteriores, todas nada

deixam a desejar”.

Numa carta anterior, de 17 de julho de 1860, Kardec dá o testemunho do valor das correspondências pessoais que recebe, demonstrando o relevante alcance transformador da Doutrina dos Espíritos:

É para mim grande satisfação quando vejo o bem que a Doutrina Espírita produz e as consolações que ela realiza. E tal satisfação, devo dizer, me é largamente concedida face ao número de pessoas em que a Doutrina efetua verdadeira revolução moral, reconduzindo umas ao bom caminho e desviando outras de atos de desespero. Se a senhora soubesse de tudo quanto diariamente testemunho, de todos os fatos íntimos que minha correspondência me revela, de tantas confidências que muita gente me honra fazendo-me, a senhora compreenderia ainda melhor quanto devo ficar, não orgulhoso, mas feliz, como a senhora o disse bem, por ser o instrumento de bons Espíritos.

A senhora havia pedido a Kardec que, com franqueza, a repreendesse, se fosse preciso. E Kardec respondeu a esse apelo afirmando:

Em verdade, procuro o motivo e, confesso-lhe, não encontro nenhum. Vencer sem perigo é triunfar sem glória. A calma lhe voltou ao coração, a satisfação que experimenta quando consola um aflito, são testemunhos que lhe não podem deixar dúvidas sobre o bom caminho que encontrou. Continue, pois, a fazer felizes os desgraçados material e moralmente, e todos os que a senhora tiver assistido a abençoarão quando chegarem ao mundo dos Espíritos. Não se importe com os ingratos. Difunda a luz, difundindo o Espiritismo. Continue a meditar a Doutrina Espírita, aprofundando o estudo de todas as partes que a compõem, lendo muitas vezes os pontos capitais, a fim de bem se esclarecer a respeito. E cada vez descobrirá, relendo, algo de novo e haurirá outros temas dignos de reflexões. Mas faça-o com calma, friamente, sem entusiasmos, guardando-se bem da excitação que, em vez de esclarecer, cega.

**Reserva, por fim, um último conselho:**

Dizendo-lhe que medite bastante no Espiritismo, não intento que faça dele sua exclusiva ocupação. Ele não deve absorvê-la de tal modo que leve a negligenciar as coisas essenciais da vida terrestre. Deus não quer isso, nos colocou aqui na Terra para vivermos e cumprirmos certos deveres, quer apenas que as coisas sejam consideradas pelo que valem para esses fins. A inferioridade do Espírito está na razão direta da importância que ele ligue às coisas que constituem a superioridade do mundo material, gastando a maior parte do tempo em futilidades que lhe alimentam a vaidade, mas certamente não o superelevam.

Nos números mensais da *Revista Espírita* de 1861, não vamos encontrar nenhuma queixa, nem a menor observação de Allan Kardec sobre o seu sofrimento pessoal. Quem o imaginava como um intelectual escrevendo em seu gabinete, falando dos sofrimentos do mundo apenas em teoria, filosoficamente, tem, pelo acervo das cartas pessoais, uma nova biografia para assimilar. Kardec sofreu as consequências do desgaste do trabalho sem se desviar das gigantescas e solitárias tarefas. Atendeu com alegria a todos os que o procuravam em nome da consoladora Doutrina dos Espíritos. Fez de sua vida o exemplo da palavra escrita.

Considerando essa carta àquela senhora em quem não encontrou o que repreender, incentivando-a a continuar a servir no bem, o que diria Kardec àquele que lhe confessasse suas faltas e seu tormento, sentindo-se perseguido por obsessores? Haveria censura, condenação, ameaças, denunciando consequências funestas após a morte, como se costuma pregar dos púlpitos? Vejamos.

Quando retornou de suas viagens, uma das cartas entre as amontoadas que encontrou, era a do senhor Chuard, de Lyon, localidade que seria o destino de sua próxima viagem, no início de setembro, como já narramos.

Na carta, aquele senhor de hábitos religiosos fazia confissões que exigiriam longos desenvolvimentos, os quais Kardec pretendia fazer de viva voz quando o encontrasse em Lyon. Mas aproveitou para dar alguns conselhos por carta, adiantando-se. Como sabemos, foi muito difícil escolher qual carta responder entre as centenas acumuladas, portanto a do senhor Chuard lhe pareceu mais urgente e necessária. Diz Allan Kardec:

Se o senhor tem certas reprimendas a fazer-se, deve persuadir-se duma coisa, isto é, que não existe falta irremissível aos olhos de Deus. Ele perdoa sempre pelo arrependimento e pela reparação. Fazer o bem em compensação do mal que se fez é o melhor meio, o único meio, de obter a graça. Mas seria preciso ainda saber se o mal tem toda a gravidade que o senhor atribui a si mesmo. Os Espíritos não veem certas coisas pelo mesmo ponto de vista da sociedade, e é neste ponto que seria preciso dar explicações mais longas e, sobretudo, apropriadas às circunstâncias que

não conheço. Tudo que lhe posso dizer neste momento é que não exagere para si a nossa posição e que tenha confiança ilimitada na bondade de Deus que tudo tem em conta e não é jamais inexorável.

Nada mais consolador que a revolucionária teoria moral que Kardec ofereceu a Chuard. Esse senhor condena-se e sofre, aguardando a condenação divina. É o que ensinam tradicionalmente as religiões formais. Em poucas linhas, o professor afasta as penas eternas e inverte o meio para a salvação, qualificando o perdão de Deus pelos atos do arrependimento e reparação. Essa é a definição do *fora da caridade não há salvação*, que posteriormente terá destaque no *Evangelho segundo o Espiritismo*. Mas esse senhor ainda se queixa da possibilidade de estar sendo assediado por obsessores. E então Kardec continua:

Quanto aos Espíritos maus que o possam atormentar, seria preciso saber primeiro se o que o senhor experimenta é realmente ação deles, ou não é o resultado duma disposição física, como estou bem inclinado a crer. Fico por isso convencido de que o senhor precisa antes de tudo cuidado salutar. Se maus Espíritos estiverem nisso de alguma sorte, a melhor maneira de o senhor desembaraçar-se deles será provar-lhes, pela calma, que não fica absolutamente atormentado com isso, que eles não lhe podem cansar nem a paciência, nem a perseverança, e então se cansarão eles próprios e o deixarão tranquilo.

O Espírito obsessor só persegue quando encontram no indivíduo sintonia de propósitos ou uma vontade sem forças para resistir ao seu assédio. E o remédio para seu cerco está na educação moral. Por comparação, a dor é um alerta de que há um desequilíbrio físico que merece atenção para que se busque o reequilíbrio. Suprimir simplesmente a dor não resolve a causa, que pede tratamento adequado para reparar seus efeitos. Depois, a vigilância dos hábitos mantém a saúde, para que a doença não volte. Por sua vez, a obsessão é algo semelhante quanto ao desequilíbrio moral, alertando para essa causa, e a necessidade de adquirir as virtudes. Depois disso, haverá a calma necessária para não cair em novo processo obsessivo. Os vícios e imperfeições superados não voltam mais.

Por outro lado, orar pelos obsessores é a mais simples e eficaz maneira de se desembaraçar da obsessão. Continua Kardec a orientação ao senhor Chuard:

Seja bom e benevolente para com toda a gente, faça o bem tanto quanto seus meios o permitam; faça todos os esforços para se corrigir dos defeitos que possa reconhecer em si; numa palavra, trate de ir para a frente na via do progresso moral, isso é tudo o que Deus quer. Seja sobretudo indulgente para com as faltas alheias, e perdoe os seus inimigos e os que lhe fizeram mal. Sufoque toda animosidade, todo rancor; assim agindo merecerá também indulgência, pois Jesus nos pede dizer ao Pai: “Perdoai as nossas ofensas como nós mesmos perdoamos”, e isso equivale a dizer à proporção que formos perdoando. Pelo esquecimento das ofensas a gente fica acima dos inimigos. Reze pelos Espíritos infelizes ou malvados, mas faça isso com simplicidade e do fundo do coração; um pensamento bom vale mais que longas preces.

O Espiritismo propõe que se olhe para a vida com o olhar imortal do Espírito, como quem observa num aplicativo o mapa do caminho que deverá seguir, sabendo o que irá enfrentar e o tempo que levará até chegar ao seu destino. Uma vida é apenas um passo, e o objetivo de todos os seres está em seu progresso moral. Isso é tudo:

Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, a vida corpórea se torna simples passagem. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes a elas uma condição mais feliz. [...] Sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor. (KARDEC, [1864] 1996, p. 66).

Por fim, é importante destacar um detalhe. Kardec não vai dissuadir o senhor Chuard de sua crença religiosa, mas apenas qualificar a necessidade de se preocupar com o fundo, e não com a forma:

Não o censuro por mandar rezar missas para eles, mas fique persuadido de que não há para isso nenhum número fixo indispensável, e não faça para si um caso de consciência das coisas de pura formalidade. Deus só conta a intenção. Durma tranquilo, se forem boas as suas intenções, durma sossegado e não atormente sua alma com bagatelas. Possam, caro senhor, estas palavras restabelecer a sua calma, enquanto espera minha próxima visita, em Lyon, onde as completarei, de seu sincero, Allan Kardec.

Em absoluto, a única força que se pode exercer sobre o obsessor é a autoridade da superioridade moral. Os recursos da evocação são adequados para a moralização do obsessor, pois ele também é um espírito em vias de progresso, enfrentando seus próprios desafios, merecendo nossa solidariedade. As preces complementam essa ação. Enquanto isso, o indivíduo que sofre a obsessão trabalha por sua própria educação moral. Podendo ser auxiliado por passes espirituais, para soerguer a sua vontade, ou passes mistos, caso haja algum desequilíbrio orgânico associado.

O importante está em reconhecer na obsessão uma causa amplamente presente entre as patologias, completamente afastada do diagnóstico pelos médicos que não reconhecem a realidade do Espírito. Em casos como esse, o médico fica travado, sem recursos para auxiliar o doente que sofre, joga a toalha e o dispensa, definindo o caso como doença incurável ou síndrome sem tratamento, portador de causas desconhecidas. Até quando a teimosia dogmática vai fechar-se diante de um benefício útil somente para sustentar sua orgulhosa negação do princípio espiritual? Não sabemos a resposta.

Allan Kardec não vivia de incertezas, pois havia encontrado recursos para sanar sofrimentos, substituindo-os pela esperança que o Espiritismo semeia. A sua correspondência dedicada a auxiliar quem o procurasse em busca de consolação era bastante extensa e frequente. Ainda nesse período de suas férias, ele recebeu uma carta da senhora Elise Van Calcar (1822-1904), pedagoga, escritora, divulgadora de Fröbel quanto à educação das crianças. Muito cedo se interessou pelo Espiritualismo, ao qual dedicou-se por décadas e publicou revistas. Seu marido era magnetizador. Foi uma das mais importantes referências do tema na Holanda. Apesar de não acreditar na reencarnação, isso não a impediu de pedir ajuda a Kardec para receber uma comunicação espiritual de uma mulher, sua conhecida. Em 5 de fevereiro de 1862, Kardec enviou a seguinte resposta:

Obtive sobre a pessoa que lhe interessa uma comunicação espírita, mas de natureza de tal

gravidade que hesito em transmiti-la antes de ter uma confirmação de outras fontes, o que vou fazer e, logo que a obtenha, me apressarei a comunicá-la. Não querendo retardar mais esta resposta, limito-me hoje a dizer-lhe que, segundo a referida comunicação, a moça está viva! Não, porém, para a família, que imagina que ela não exista.

**Sugere, então, uma forma de ter mais informações sobre o caso:**

Haveria um meio mais certo de saber como agir: seria consultar uma boa sonâmbula. Temos em Paris uma que é de rara lucidez para pesquisas dessa espécie, e que já fez várias pessoas desaparecidas serem encontradas. Ela cobra 20 francos pela consulta. Se a senhora decidir empregar esse meio, precisará munir-se de um objeto da pessoa qualquer que possa pôr a sonâmbula em relação com a senhorita desaparecida.

Por fim, comentou: “A senhora tem razão de contar com minha descrição, porque, na minha posição, sou muitas vezes chamado a receber confidências íntimas dos que têm necessidade de consolação”.

Kardec guardou a mensagem recebida na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em seu arquivo, como anexo da carta de Van Calcar. Foi um diálogo, anotado de próprio punho pelo professor:

Comunicação relativa à senhora J...

Espíritos – Sim, quero dar alguns informes. Ela está viva. Que isso console os que se interessam pelo destino dela. Mas também a lastimem, pois expia rudemente a falta que cometeu, de não haver sabido aproveitar a energia que Deus lhe tinha dado para combater e para vencer as paixões, as quais, ao contrário, ela alimentava com prazer. Enlouquecida, não de amor, mas abrasada pelos desejos, não escutava senão aos chamados da carne, e, punida por ela, agora chora!... Deixem-na, pois, chorar e gemer, visto que esse é o caminho deixado por Deus a essa criatura para a expiação.

Kardec – Onde ela está?

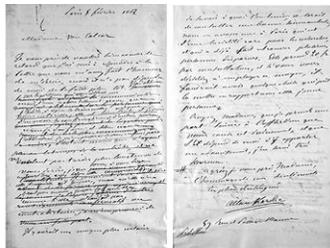
Espíritos – Numa água-furtada, abrigada entre um telhado e o forro, treme de frio ao lado de uma criança que a chama de mãe. Eis tudo o que posso e devo dizer aos que se interessam por essa moça. Que eles orem por ela, pois a prece é tão grata tanto para os que estão nesta vida quanto para os que a pedem no mundo dos Espíritos.

Kardec – Não voltará ela um dia para junto da família?

Espíritos – Já disse, e, no entanto, para você quero dizer ainda que ela reaparecerá um dia em sua terra natal como uma visão, mas bem pálida e muito desfigurada. Será para ela uma nova expiação, pois não será aí nem reconhecida, nem acolhida.

Kardec – Mas a família dela, se souber onde ela se encontra, irá consolá-la e arrancá-la da triste situação.

Espírito – Eu disse que se trata de um caminho de expiação no qual tinha ela de caminhar agora.



Carta da senhora Elise Van Calcar

<https://espirito.org.br/autonomia/carta-kardec-a-calcar/>

No exemplo dessa carta inédita, os Espíritos tratam os sofrimentos vivenciados pela moça como uma expiação. Essa expressão de uso muito presente nas religiões tem um significado especial e profundo nos ensinamentos da Doutrina Espírita. A partir da expiação, se desdobra toda a extensão e complexidade da Teoria Moral Espírita.

## A expiação, conforme o Espiritismo

No exemplo dessa moça, senhora J... , motivo da evocação dos Espíritos por Kardec, nos deparamos com o ponto mais complexo de entendimento da Teoria Moral Espírita, que é a *expiação*. Para muitos, é uma grande contradição imaginar o sofrimento como algo necessário ou útil. Há quem pense que uma infinita bondade de Deus estaria representada por afastar as criaturas de qualquer mal, e se perguntam se não seria melhor que Ele tivesse criado os Espíritos já perfeitos, sem precisar vivenciar o sofrimento. Boa parte dos ateus ou agnósticos atribui a essa contradição, entre a Providência divina e o sofrimento das criaturas, a causa maior de sua descrença.

A expiação não é uma palavra nova, seu conceito constitui o assunto principal tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. No sacrifício do cordeiro dos hebreus, o sangue espargido no lugar santo fazia a *expiação*,

removendo os pecados de muitos. Na interpretação dogmática da Igreja, a justiça exige que ao pecado, que é a transgressão da lei divina, sobrevenha o castigo, ou a separação de Deus, pela condenação eterna. Todavia, haveria uma esperança para quem não estivesse destinado ao céu, que seria a condição do purgatório, onde haveria a expiação dos pecadores arrependidos à espera do perdão divino. Todos esses rituais são apropriações de cultos ancestrais, que então significavam uma busca pela compreensão da Natureza, como explica Herculano Pires em *Revisão do cristianismo*:

Há uma diferença fundamental entre o culto das antigas religiões agrárias e pastoris e o culto cristão. Todo o ritual do culto daquelas religiões nasceu dos ritmos da Natureza, enquanto os rituais do culto cristão tiveram de ser derivados daqueles e não raro inventados. [...] Jesus seria o cordeiro ritual que o próprio enviara à Terra para ser sacrificado em seu louvor, a fim de que o sangue do sacrifício lavasse os pecados da humanidade. Há tanta incongruência nesse mito que fundamenta o culto cristão quanto nos demais que se desenvolvem posteriormente. (PIRES, 1996, p. 31)

E, então, Herculano conclui: “Jesus combateu a magia e os mitos, mas o cristianismo se organizou na sistemática mitológica e acabou transformando o próprio Mestre em mito” (*Ibidem*).

Também há a expiação em vida, que é, segundo o catecismo da Igreja Católica, a imposição da penitência ao pecador que pede a sua absolvição ou o perdão pelos erros cometidos:

A penitência imposta deve corresponder à gravidade e natureza dos pecados cometidos. Pode consistir na oração, num donativo, nas obras de misericórdia, no serviço do próximo, em privações voluntárias, sacrifícios e, sobretudo, na aceitação paciente da cruz que temos de levar. Tais penitências ajudam-nos a configurar-nos com Cristo, que, por Si só, expiou os nossos pecados uma vez por todas. Tais penitências fazem que nos tornemos co-herdeiros de Cristo Ressuscitado, uma vez que também sofremos com Ele. (Parágrafo 1460 do *Catecismo da Igreja Católica*)

Ou seja, segundo essa doutrina heterônoma, fazer o bem no mundo é uma forma de sacrifício em virtude do pecado, para reparar as consequências funestas do erro para com os outros. Todavia, esse gesto nada tem a ver com

a salvação ou o perdão, pois a salvação só ocorre pela adesão à Igreja, que considera ter Jesus expiado, com seu sofrimento, todos os pecados da humanidade.

Também as religiões orientais reencarnacionistas consideram a vida dos animais e dos Homens como castigos pela revolta contra o poder divino. Assim, todo sofrimento (não diferencia entre sofrimento físico e moral, como se faz no Espiritismo) é um castigo, efeito da lei do carma, cuja causa é o erro cometido anteriormente. Também são doutrinas heterônomas.

Assim, o termo *expição* não é próprio do Espiritismo, pois tem sua origem numa incongruente apropriação da tradição mitológica ancestral. Na Doutrina Espírita, porém, como vai ocorrer com alguns outros termos de origem religiosa (como salvação, castigo, inferno, possessão, caridade etc.), há uma *ressignificação*, dando outro sentido, baseado na psicologia e na Teoria Moral Espírita, para a palavra. Apenas depois de compreender essas novas definições propostas pelo Espiritismo para termos antigos é exequível fazer uma leitura da obra de Kardec com a profundidade que ele pretendia. Por isso ele dizia que somente após o estudo de todo o conjunto seria possível compreender cada parte.

Expição, na teoria heterônoma, significa o sacrifício na intenção de obter perdão pelo erro cometido. Um castigo considerado como necessário para se cumprir a justiça. Todo e qualquer ato que transgrida as regras impostas da lei é considerado um erro ou pecado, e merece punição.

Nossa sociedade civil também é regida pela teoria heterônoma, similar à das religiões. O indivíduo é julgado pelo ato e recebe a pena. O culpado submete-se à autoridade e recebe o perdão. Esse é um processo de condicionamento, pois quem não erra fica livre para viver sem preocupação. O agir no bem, de forma desprendida, apesar de ser bem-visto, é opcional e não obrigatório.

Tudo muda na interpretação da teoria moral autônoma. Nesse caso, um

erro só faz sentido se houver consciência e responsabilidade pelos atos. Ou seja, ele não depende do ato, mas da intenção e do entendimento. Quem mata um semelhante sabendo que é errado, mas deixando falar mais alto seus interesses, comete um ato de imperfeição. Mas o selvagem que mata um invasor para proteger seu território está agindo instintivamente. Não importa que seja outro índio ou um civilizado.

No caso da moral espírita, que é autônoma, o sofrimento moral é uma condição psicológica *inerente* à condição de imperfeição do Espírito. Esse sentimento ruim pode ser considerado um *castigo*, mas no sentido de uma sensação que é a resposta de uma lei natural, “uma consequência natural e inevitável” (KARDEC, [1865] 1995, p. 101). Por exemplo, o tédio é uma decorrência natural de quem vivencia a ociosidade, e será tanto maior quanto mais o tempo passa:

Tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for, da mesma forma por que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo. (KARDEC, [1865] 1995, p. 64)

Mas todo sofrimento moral tem um fim, pois, caso se agrave muito, acaba por se tornar insuportável. Pode levar mais ou menos tempo, mas o Espírito imperfeito se arrepende e reconhece a própria responsabilidade pelo sofrimento moral que passa. Vai investir então na superação dessa miserável condição, e precisa descondicionar os hábitos equivocados que ele mesmo criou. Pois, “podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade” (*Ibidem*), afirma Kardec em *O Céu e o Inferno*. Para isso, vai se utilizar das provas da vida, superando os hábitos perniciosos e desenvolvendo as virtudes correspondentes. O agressivo vai buscar a paciência; o vicioso, a moderação. E assim por diante.

A expiação, desse modo, está relacionada com esse processo de superação consciente do espírito imperfeito, que se arrepende, expia e repara.

Vejamos.

Todos os Espíritos, desde o início de sua humanidade, vivenciam provas para a sua evolução. Inicialmente adquire por elas a consciência de si mesmo e a partir daí o desenvolvimento de suas faculdades (livre-arbítrio, inteligência, criatividade). A encarnação no mundo tem essa finalidade, e é “inerente à inferioridade do Espírito, deixando de ser necessária desde que esses, transpondo-lhe os limites, ficam aptos para progredir no estado espiritual” (KARDEC, [1865] 1995, p. 32), ou nos mundos superiores, onde não há mais a materialidade densa como a da Terra. Aos poucos, adquirem as virtudes, e, “sendo a felicidade dos Espíritos *inerente* às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram”. A felicidade é um sentimento próprio da conquista evolutiva definitiva, se amplia cada vez mais e nunca se perde.

Todos passam por provas, é o meio de progredir. Mas, quando o espírito está na condição de imperfeição (orgulho, egoísmo, vícios), essas provas configuram uma expiação, pois o sofrimento físico é acompanhado do sofrimento moral, confundindo-se em seu pensamento. Quando morre, esse Espírito mantém-se envolvido nessa atmosfera consequente da imperfeição, e continua a vivenciar o sofrimento moral no mundo dos Espíritos. Caso, por orgulho, se recuse a reconhecer sua responsabilidade, conferindo equivocadamente a Deus a culpa pelo sofrimento, a expiação, “ao invés de lhes ser útil, inculcando-lhes a profunda significação de suas penas, exacerba-os na rebeldia, e dá voz às murmurações” (KARDEC, [1865] 1995, p. 363), que as Escrituras chamaram de “ranger de dentes”. Esse ciclo pode continuar indefinidamente, vida após vida, podendo se agravar até um nível insuportável, que lhe parece não ter fim:

Como o Espírito tem sempre o livre-arbítrio, o progresso por vezes se lhe torna lento, e tenaz a sua obstinação no mal. Nesse estado pode persistir anos e séculos, vindo por fim um momento em que a sua contumácia se modifica pelo sofrimento, e, a despeito da sua jactância, reconhece o poder superior que o domina. Então, desde que se manifestam os primeiros

vislumbres de arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança. Nem há Espírito incapaz de nunca progredir, votado a eterna inferioridade, o que seria a negação da lei de progresso, que providencialmente rege todas as criaturas. (KARDEC, [1865] 1995, p. 95)

Enquanto o Espírito não reconhecer que a expiação tem como causa uma condição criada por ele mesmo, cabendo empregar sua vontade para superá-la, ele vai continuar a sofrer. Nessa condição, as vicissitudes podem ser acompanhadas de falta de aceitação e revolta. Depois que ele a reconhece, pelo arrependimento, será ainda necessário livrar-se dos maus hábitos pela reparação, ou descondicionamento. Nesse caso, as provas serão escolhidas por ele para atingir essa meta. Ainda aí as provas constituem expiação, agora como meio de superação e transformação em virtudes:

A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui duplo castigo para eles, porém um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo a facilitar o progresso. Do Espírito depende aproveitá-lo. E não lhe será preferível voltar à Terra, com probabilidades de alcançar o céu, a ser condenado sem remissão, deixando-a definitivamente? A concessão dessa liberdade é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que o homem tudo deva aos seus esforços e seja o obreiro do seu futuro; que, infeliz por mais ou menos tempo, não se queixe senão de si mesmo, pois que a rota do progresso lhe está sempre franca. (KARDEC, [1865] 1995, p. 65)

Assim, em virtude “da revelação dos Espíritos e dos exemplos que nos oferecem, sabemos que o prazo da expiação está subordinado ao melhoramento do culpado” (*Ibidem*). O Espírito em via de progresso, ao mesmo tempo que supera suas imperfeições, paralelamente está desenvolvendo suas virtudes. Ou seja, nessa fase final, seus atos morais representam uma natural reparação dos erros cometidos anteriormente, pois o mal se repara com o bem, que é um ato livre, consciente e espontâneo. Trata-se de um processo consciente de reabilitação, e não de perdão por uma graça, como afirma falsamente o dogma, o que seria uma anulação. Também não se trata de castigo ou sacrifício, pois, tendo em vista a sua felicidade, o Espírito enfrenta de bom grado os desafios que escolheu.

Um menino de 10 anos vivia internado num hospital de Paris, pobre e sem

visitas, todo contorcido desde o nascimento, magro, com as pernas roçando o pescoço. O corpo coberto de feridas causava-lhe um sofrimento atroz<sup>57</sup>. Em meio a essas condições, demonstrava uma inteligência notável, além de dar exemplos de paciência, candura e resignação. Certa vez, pediu ao médico mais remédios, não para seu benefício, mas para não incomodar os outros enfermos! Depois da morte, a criança foi evocada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. E o Espírito pronunciou:

– Venho dizer que, sobre o leito da miséria, também estão os enviados do Senhor, cuja missão consiste na exemplificação de que não há dor insuperável, desde que tenhamos o auxílio do Onipotente e dos seus bons Espíritos.

Com o pedido de remédios, não almejava evitar seu sofrimento físico, que já sublimara, mas evitar o sofrimento moral dos outros enfermos, aos quais tinha a missão de acolher, contagiando-os pelo exemplo da resignação. Os bons Espíritos, que já não sofrem moralmente e conquistaram a felicidade, quando vão ao nosso encontro, respeitam nosso livre-arbítrio, mas desejam profundamente que alcancemos o quanto antes o mesmo destino. Sua inspiração e seu exemplo tocam o coração daqueles à sua volta de uma forma indescritível. Isso ocorreu com o médico, que passou a compreender o valor da solidariedade, e também dos outros pacientes, que foram contagiados por seu ânimo. É por isso que os bons Espíritos não agem de forma alguma por sacrifício, mas irradiam a partir de sua alma a atmosfera benfazeja de sua coragem moral.

Sobre a missão do Espiritismo, explicou:

– O Espiritismo será a pedra de toque; os padecentes terão o exemplo e a palavra, e então as imprecações se transformarão em gritos de alegria e lágrimas de contentamento.

Por fim, explicando que o seu sofrimento vivido naquele corpo disforme não era uma expiação das faltas anteriores, elucidou:

Não seriam uma expiação direta, mas asseguro-vos que todo sofrimento tem uma causa justa. Aquele a quem conhecestes tão mísero foi belo, grande, rico e adulado. Eu tivera bajuladores e cortesãos, fora fútil e orgulhoso. Anteriormente fui bem culpado; reneguei Deus, prejudiquei meu semelhante, mas expiei cruelmente, primeiro no mundo espiritual e depois na Terra. Os meus sofrimentos de alguns anos apenas, nesta última encarnação, suportei-os eu anteriormente por toda uma existência que afligiu pela extrema velhice. Por meu arrependimento reconquistei a graça do Senhor, o qual me confiou muitas missões, inclusive a última, que bem conheceis. E fui eu quem as solicitou, para terminar a minha depuração. (KARDEC, [1865] 1995, p. 380)

O espírito do menino, usufruindo dos prazeres terrenos em vidas anteriores, inicialmente fora fútil e prejudicava os outros, era culpado e, por consequência de suas imperfeições, tinha sofrimentos morais na Terra e no mundo espiritual. Arrependido, enfrentou as dificuldades como expiação até conquistar suas virtudes. A vida anterior, viveu em dor e deformidade até uma idade avançada. Essa vida lhe serviu de confirmação pessoal, íntima, de que havia vencido a si mesmo. Nessa vida, como o menino deformado, que para quem vê de fora seria uma condição terrível e insuportável, aos seus olhos amadurecidos era agora um prêmio confiado a ele por Deus, uma missão, solicitada humildemente por ele. Essa é a condição do Espírito mais maduro, que olha para a vida humana completamente desprendido, essa é a verdadeira liberdade e felicidade espiritual.

Normalmente, as situações de vida mais críticas e complexas enfrentadas sem revolta, como esse caso, são encarnações conclusivas de longos processos de superação da imperfeição e conquista das virtudes.

Nas religiões dogmáticas cristãs, todo indivíduo nasce com o pecado e merece os sofrimentos da vida como expiação. Nas religiões reencarnacionistas orientais, em sua tradição, todo ser que vem ao mundo errou, e o sofrimento é um castigo para que possa retornar à beatitude original. Contudo, a expiação, segundo o Espiritismo, deve ser compreendida como ocorrência no processo evolutivo do Espírito, e não uma condição geral e inevitável. O espírito simples que evolui naturalmente

enfrenta as provas, por vezes sofre moralmente diante delas, mas, insistindo em adquirir a coragem moral, vai traçando um caminho de aperfeiçoamento gradual e contínuo. Só quando abusa de instintos e emoções com vistas aos insaciáveis desejos é que se configura a condição de imperfeição. Nesse caso, como consequência de sua própria escolha, viverá o ciclo que compreende três condições necessárias:

- *Arrependimento* (pela conscientização das leis da alma).
- *Expição*.
- *Reparação* (pelo descondicionamento dos maus hábitos e substituição pelos bons).

Quando o espírito imperfeito insiste em não reconhecer sua responsabilidade e a necessidade de superação pelo próprio esforço, pode ficar nessa condição de sofrimento por séculos e até milênios. Nesse caso, acaba por desenvolver sua inteligência, mas estaciona quanto à necessidade de adquirir o senso moral e as virtudes, que seriam a fonte de sua progressiva felicidade. Como o livre-arbítrio é sempre respeitado, chega uma hora na qual o planeta em que esse Espírito vive atinge uma condição de regeneração, quando as conquistas da evolução moral começam a sanar as instituições e promover a solidariedade e o apoio mútuo entre todos os indivíduos, famílias e povos. A partir daí, por sua insistência no orgulho e egoísmo, sua presença fica incompatível. Ele vai reencarnar, então, num mundo mais primitivo, onde a humanidade desse planeta está por iniciar o estágio civilizatório. Nesse novo planeta, seu ciclo de expiação terá continuidade, aguardando a conscientização, para que se arrependa e repare.

Portanto, diferentemente do que muitos imaginam, somente parte dos Espíritos estão neste mundo em expiação, a maioria apenas evolui naturalmente enfrentando a superação das provas, vivem um processo de

educação moral. É o que os Espíritos superiores explicam em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

Nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças<sup>58</sup> a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, *em curso de educação*, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças nativas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais não podiam chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos. (KARDEC, [1864] 1996, p. 78)

Quem são, enfim, os Espíritos em expiação na Terra? Assim se definem:

Os *Espíritos em expiação*, se podemos nos exprimir dessa forma, são exóticos, na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o germen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado. (*Ibidem*)

A educação moral ressalta desses fatos como o instrumento fundamental para concretizar a evolução dos Espíritos. Atende à necessidade de todos, em busca da meta geral, que é alcançar a felicidade. O prazer é um bem, mas desviá-lo de sua natural finalidade fisiológica afunda o ser em fantasias estéreis, quando ele apenas tateia as leis do novo mundo. Nas dimensões espirituais, nas quais estamos mergulhados, prevalecem não as emoções, mas os sentimentos, e a plena relação com a harmonia universal reveste-se da felicidade. Todos chegarão a essa condição ditosa por seu esforço. Isso é inevitável.

Pela educação moral, é possível compreender a si mesmo, de onde viemos e para onde vamos. Ela altera completamente a maneira de se ver a vida terrena. Perdem sentido os desejos pelas coisas materiais, pois o prazer não

é a mesma coisa que felicidade. Prazer é fenômeno fisiológico, comum aos homens e aos animais, com a finalidade de incitar as ações necessárias para a sobrevivência do corpo e da espécie. Tem começo, meio e fim. Já a felicidade é um sentimento do espírito, natural de sua condição evolutiva, conquista progressiva e permanente. O mal não está no prazer, que é natural e útil, mas no abuso, pois o verdadeiro sentido do ensinamento de Jesus, “meu reino não é deste mundo”, significa que “Deus, conseguintemente, não condena os gozos terrenos; condena, sim, o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma” (KARDEC, [1864] 1996, p. 67-8).

Ao abusar dos gozos terrenos, o Homem inteligente confunde prazer com felicidade e mergulha numa ilusão. Pelo simples fato dessa dúvida, sua vida irá girar em torno de necessidades imaginárias. Como os prazeres do mundo são efêmeros, nunca satisfazem nem acabam. Tornam-se um círculo vicioso, que forçosamente passa pela frustração e pela derrota, pois não se encontra saciedade. No abuso, configuram-se os vícios, os mais diversos, e cada vez mais graves. Como consequência deles, aparecem as doenças e demais vicissitudes da vida, não as naturais, mas as causadas pelo indivíduo. Por outro lado, inconscientemente conhecedor de sua condição equivocada, pois já tem responsabilidade pelos atos, o Espírito vivencia o sofrimento moral, como explica Kardec:

Nenhum bem divisando mais precioso do que os da Terra, torna-se qual a criança que nada mais vê além de seus brinquedos. E não há o que não faça para conseguir os únicos bens que se lhe afiguram reais. A perda do menor deles lhe ocasiona causticante pesar; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos, que lhe transformam a existência numa perene angústia, infligindo-se ele, desse modo, a si próprio, verdadeira tortura de todos os instantes. (KARDEC, [1864] 1996, p. 66)

Numa sociedade regida por dirigentes e instituições determinadas por essas ideias sensualistas, prevalece a lei do mais forte e a competição; por outro lado, a benevolência e o apoio mútuo ficam sem sentido. O mais fraco

permanece desprotegido, castigado pela miséria. Junta-se a isso uma explicação equivocada da causa do orgulho e do egoísmo. E esse ponto é fundamental. As igrejas pregam o pecado original, atribuindo à queda de Adão e dos anjos a causa de todo o mal. O materialismo, por sua vez, credita ao homem um egoísmo natural e incontornável, agravado pela ignorância e pela miséria do povo. Para quem acredita nesses equívocos, ninguém tem responsabilidade por nada, seríamos vítimas da natureza, e o problema do egoísmo nunca teria solução. Ou seja, o pobre é culpado de sua própria pobreza.

Considerado um dos mentores do capitalismo moderno, tendo grande influência no século 19, o pastor e economista Thomas Robert Malthus (1766-1834) argumentou em suas obras que as lutas humanitárias pelo progresso social e pela igualdade seriam em vão, pois a pobreza humana faria parte das leis naturais. Tentar remover os pobres de sua condição provocaria uma reação contrária da natureza, por meio de doenças e catástrofes, e tudo voltaria a ser como antes. Malthus evocava a ciência para sustentar suas ideias absolutamente pessimistas, destinadas a afastar qualquer iniciativa progressista:

Evidenciou-se que, a partir das leis inevitáveis da nossa natureza, alguns seres humanos devem sofrer por causa da necessidade. Existem pessoas azaradas que na grande loteria da vida tiraram o bilhete em branco. [...] nenhuma contribuição possível, proveniente de sacrifícios dos ricos, particularmente em dinheiro, poderia impedir, por algum tempo, a volta da miséria entre os membros mais pobres da sociedade [...]. Na espécie humana, a miséria e o vício são naturais. O primeiro, a miséria, é uma consequência absolutamente necessária da lei. O vício é inevitável [...] poderia ser afirmado com segurança que os vícios e a fraqueza moral da humanidade, como um todo, são insuperáveis. (MALTHUS, 1996, p. 37)

Allan Kardec estava atento a essa questão do egoísmo, dando a ela sua verdadeira dimensão, com consequências imprescindíveis para a educação e a formação de um mundo novo:

Esta questão [da origem do egoísmo] está longe de ser pueril, estar-se-ia em erro em ver nisso um fato isolado, ou, querendo-se, uma anomalia, uma bizarrice da Natureza sem

consequência. Ela toca todas as questões *de educação e de moralização da Humanidade*, e, por isto mesmo, aos mais graves problemas de economia social. É procurando a causa primeira dos instintos e dos pendores inatos que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e de desenvolver os bons. Quando essa causa for conhecida, a educação possuirá a mais possante alavanca moralizadora que jamais teve. (KARDEC, [RE] 1866, p. 108)

A humanidade foi doutrinação por milênios por ideias derrotistas, seja pelas religiões ancestrais, seja pelo pensamento moderno materialista criado pela teoria do egoísmo como condição natural do ser humano. A proposta de Allan Kardec demonstra que esse grande erro sustenta o velho mundo. A autonomia moral e intelectual, tornando todos os seres ativos na busca de bem-estar e prosperidade de si mesmo e da sociedade, só pode ser alcançada por uma educação moral que afaste as ideias falsas por um novo entendimento. Essa é a principal missão do Espiritismo.

## **A proposta espírita de educação moral ou moralização**

Após o progresso intelectual, importante, mas insuficiente, somente o progresso moral poderá assegurar a felicidade futura. Para que isso aconteça, considera Kardec, deve ocorrer “uma troca radical no sentimento das massas, um progresso geral que só poderia ocorrer saindo-se do círculo de ideias mesquinhas e triviais que alimentam o egoísmo” (KARDEC, [1868] 2018, p. 403). Será a troca do paradigma da teoria heterônoma para a autônoma na disposição das massas por meio da educação.

Os espiritualistas racionais haviam aberto o caminho para esse plano percebido por Allan Kardec, quando diferenciaram a *instrução* como sendo o desenvolvimento da razão, permitindo aos jovens aprender a criar conhecimento, e a *educação*, aprendendo que a moral se baseia no ato do dever, livre e consciente. Quando o estudo das ciências filosóficas foi abolido da formação das crianças e jovens pela ditadura de Napoleão III,

Kardec sabia que retomar esse projeto seria fundamental para que o Espiritismo pudesse cumprir seu papel como alavanca da regeneração da humanidade:

Os novos horizontes que o Espiritismo abre fazem ver as coisas de maneira diferente; sendo seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá levar a luz sobre a séria questão da *educação moral*, fonte primeira da moralização das massas. Um dia compreender-se-á que esse ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, em uma palavra, que é uma verdadeira ciência. (KARDEC, [RE] 1864, p. 26)

Somente levando a capacidade de ler e raciocinar para todos os indivíduos o mundo poderá se livrar da fé cega. Sendo o Espiritismo uma fé raciocinada, para que seus benefícios se estendam a todos, faz parte de seus planos estender a instrução para todos, raciocinou Kardec:

Há no ar uma ideia racional aprovada por todas as pessoas progressistas, é que todo o mundo deveria saber ler. Nossa doutrina, tão bela que seja, encontra um obstáculo na ignorância. Também nosso dever, a todos nós espíritas, é de diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, [...]. Trabalhar para difundir a instrução nas massas é abrir o caminho ao Espiritismo ao mesmo tempo que é destruir o elemento do fanatismo; é diminuir igualmente os arrastamentos da ignorância; é criar homens que viverão e morrerão bem. (KARDEC, [RE] 1864, p. 237)

Há uma associação direta entre submissão, pobreza e ignorância. O cenário onde haja oportunidade para todos depende de uma educação para a liberdade plena, para toda a humanidade. Um indivíduo senhor de suas capacidades depende apenas de seu esforço para alcançar seus objetivos, não ficando dependente do assistencialismo alheio. É nesse terreno fértil que a semente espírita irá germinar e crescer.

Pelo esclarecimento por meio da Doutrina Espírita, notadamente por sua teoria moral, fundamentada na autonomia, compreende-se que a vida é somente uma passagem, a morte não lhe causa temor; para Kardec, “as vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir a eles um estado mais feliz”, tornando-se desafios úteis para uma conquista maior

e futura. Esse ponto de vista renovado tem importantes consequências para as questões sociais, no sentido da igualdade de oportunidades para todos, no reconhecimento do valor da diversidade e das minorias, na política de inclusão para todos. Uma educação diferenciada, adequada ao grau evolutivo intelectual e moral de cada criança e jovem, pois os que viveram mais vidas tiveram mais tempo para desenvolver suas faculdades. Todas as iniciativas humanitárias e progressistas ganham valor, pois:

Ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a Humanidade, tanto quanto as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura. (*Ibidem*)

Allan Kardec tinha uma visão lúcida dessas consequências morais do Espiritismo enquanto ciência filosófica, e sua vinculação imprescindível com as iniciativas humanitárias e progressistas do pensamento social liberal da França em sua época. Para ele, a crença na vida futura esclarecida pelo Espiritismo “exercerá sem dúvida, e por uma consequência toda natural, ação preponderante sobre o estado social e sobre a moralização da Humanidade” (KARDEC, [1890] 1996, p. 213). Superando desvios e ataques de seus inimigos, restabelecido em seus princípios originais, o Espiritismo será alavanca do progresso, pois:

Quem quer que desça ao âmago dos princípios do Espiritismo filosófico, que considere os horizontes que ele desvenda, as ideias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não duvidará da parte preponderante que há de ter na regeneração, pois que, precisamente e pela força das coisas, ele conduz ao objetivo a que a Humanidade aspira: ao reino da justiça, pela extinção dos abusos que lhe hão obstado ao progresso e *pela moralização das massas*. Se os que sonham com a restauração do passado não entendessem assim, não se aferrariam tanto contra esse sonho. (KARDEC, [1890] 1996, p. 220)

Todas as doutrinas do passado foram impostas à sociedade pela força do dogma ou da violência. Uma sociedade egoísta torna permanentes as

desigualdades pela determinação de suas elites e dirigentes, por meio de leis injustas, mantendo os indivíduos inertes por uma educação servil. Os retrógrados aferram-se ao mundo velho, pois sabem que as mudanças significarão sua derrota definitiva.

Mas como se poderá implantar a ideia espírita? Jamais será pelos mesmos métodos impositivos, pois, para o Espiritismo, os fins *não justificam os meios*. Não se pode formar uma nova elite que imponha a igualdade por leis coercitivas, isso seria uma absurda contradição. Sendo uma proposta de autonomia intelectual e moral, fundamentada no ato livre e consciente, somente uma educação pela e para a liberdade poderá fundar um mundo novo:

Qualquer que seja a influência que um dia o Espiritismo chegue a exercer sobre as sociedades, não se suponha que ele venha a substituir uma aristocracia por outra, nem a impor leis; primeiramente, porque, proclamando o direito absoluto à liberdade de consciência e do livre exame em matéria de fé, quer, como crença, ser livremente aceito, por convicção e não por meio de constrangimento. (*Ibidem*)

O Espiritismo não se faz por simples concordância, filiação, nem por organização diretiva alguma, afirma Kardec. O exemplo e o esclarecimento dos verdadeiros espíritas farão a conversão de muitos aflitos, descrentes e indecisos. É um *poderoso elemento de moralização*, pois sua mensagem se dirige ao coração, à inteligência e à compreensão adequada do interesse pessoal. Serão sementes que germinarão com o tempo. Todo aquele que põe em prática a Doutrina está contribuindo, onde quer que esteja na escala social, por seu esforço pessoal, minando as bases do egoísmo e do orgulho, para ampliar o seu alcance:

A nova geração caminhará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento ao qual tiver chegado. O Espiritismo caminhando para o mesmo objetivo, e realizando seus fins, encontrar-se-ão sob o mesmo terreno, não como concorrentes, mas como auxiliares se prestando um mútuo apoio. Os homens progressistas encontrarão nas ideias espíritas uma possante alavanca, e o Espiritismo encontrará nos homens novos Espíritos dispostos a acolhê-lo. (KARDEC, [RE] 1866, p. 196)

No passado, a busca pela própria salvação era a meta de quem via na religião a garantia de seu futuro. O Espiritismo veio em novos tempos. Não é uma doutrina individual, definiu Kardec, mas um ensino coletivo, “não suprime nada do Evangelho: completa-o e elucida-o”. Pela ciência, faz compreender o que estava ininteligível. E, “pelo seu poder moralizador, prepara o reino do bem sobre a Terra” (*Ibidem*). O que deve unir os espíritas não é uma afiliação, imprópria, mas a unidade de princípios entre os indivíduos, mesmo que não pertençam a sociedade alguma, reflete Kardec:

Os grupos ou Sociedades devem procurar um ponto de apoio mais sólido do que em uma instituição humana, necessariamente frágil; devem tirar a sua vitalidade nos princípios da Doutrina, que são os mesmos para todos, e que sobrevivem a todos, quer esses princípios estejam, ou não, representados por uma Sociedade constituída. (KARDEC, [RE] 1861, p. 44)

Allan Kardec foi muito previdente quanto ao tema da união dos espíritas, afastando da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas qualquer pretensão de dirigir ou representar o Espiritismo. Por isso, aconselhava aos espíritas que “não formem entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as sociedades diversas não haja nem solidariedade material, nem filiação oculta ou ostensiva”. A independência dos grupos é condição básica para a manutenção e o progresso da Doutrina, como ocorre com todas as ciências. E continua a aconselhar, afirmando que, em sua Sociedade:

A única palavra de ordem que ela dá, como sinal de reconhecimento entre os verdadeiros espíritas, é esta: Caridade para com todos, mesmo para com os nossos inimigos. Declinaria, pois, toda solidariedade moral daquelas que se afastassem desse princípio, que tivessem um móvel de interesse material, que, em lugar de manter a união e a boa harmonia, tendessem a semear a divisão entre os adeptos, porque se colocariam, por isto mesmo, fora da Doutrina. (KARDEC, [RE] 1864, p. 94)

Desprendimento material e unidade de princípios constituem as raízes da divulgação espírita. Não há quem possa falar em nome do Espiritismo, como não há um representante único da física ou da biologia no mundo, não faria o menor sentido. Além disso, uma comunidade científica das ciências

não produz conhecimento para si mesma, ele pertence a toda a humanidade. Da mesma forma, o Espiritismo não se fecha em si mesmo, mas deve participar da sociedade, contribuindo para a renovadora cultura da liberdade. A real função do meio espírita está em oferecer ao mundo sua teoria e apoiar todas as iniciativas humanitárias e progressistas em acordo com seus princípios.

Podemos conjecturar terem ocorrido com o Espiritismo fatos semelhantes aos que se seguiram ao estabelecimento das ideias por Moisés, Sidarta Gautama e Jesus. As gerações seguintes, afastadas do contato direto com eles, foram transformando seus ensinamentos em repetições literais, depois desvios, que evoluíram para dogmas. A rotina demudou as práticas em rituais. Os grupos distanciam-se da cultura geral e se fecham em exclusivismos salvacionistas. E assim a proposta original se deteriora.

Moisés encontrou um novo caminho para a humanidade, mas seus seguidores se imaginaram os escolhidos, estabeleceram um sacerdócio, hierarquia, desviando os propósitos para a dominação das massas. Ocorreu o mesmo com a doutrina da liberdade de Jesus, desviada pelo clero com vistas ao poder e ao ouro. Todavia, Jesus envolveu-se em simplicidade, oferecendo sua doutrina a crianças e mulheres, acolhendo os socialmente excluídos, recebendo alegremente as almas imperfeitas que se arrependiam. Não se deteve no exclusivismo da religião predominante, incluindo os samaritanos e demais rejeitados. Não falou num templo de pedra e fez da natureza seu ambiente de estudo e divulgação. Ao adentrar no mais monumental templo de Israel, profetizou que não restaria pedra sobre pedra. As coisas materiais são efêmeras, tudo se desfaz e acaba. Na espiritualidade, tudo evolui e a harmonia se estabelece como lei natural, a felicidade é o destino comum, por isso afirmava que seu reino não é deste mundo.

Atualmente, os conceitos fundamentais que formam a teoria moral do

Espiritismo estão predominantemente esquecidos ou desconectados entre si, pelo movimento espírita. As palestras e aulas nos centros, tanto para adultos quanto para jovens e crianças, costumam ser repetições dos sermões e catecismos, pregando a moral heterônoma. O primeiro passo para reverter essa situação está em recuperar e restabelecer as ideias progressistas e autônomas originalmente propostas por Allan Kardec, a partir do ensinamento dos Espíritos superiores. Essa divulgação do Espiritismo requer simplicidade, humildade e desprendimento com o objetivo de servir à sociedade. Diante dessa tarefa, somos todos estudantes. Não há hierarquia. E, para fazer chegar sua mensagem a todos, a divulgação é constituída por um trabalho de educação metódico, regular e amplo, levando a todas as classes, povos e famílias os benefícios irreversíveis da caridade desinteressada.

O Espiritualismo Racional, por meio das ciências filosóficas, abriu caminho, mas não poderia resolver questões metafísicas fundamentais. Sondando os enigmas da compreensão das causas primárias, a humanidade se depara com dúvidas que se tornam insolúveis, pois alcança por meio de seus sentidos apenas pequena parte da realidade. A psicologia identificou as faculdades humanas (razão, vontade, imaginação) e o desenvolvimento de seus potenciais (inteligência, senso moral, estética). Mas como explicar por que um nasce com grande capacidade intelectual desde a infância, enquanto outro só com grande dificuldade consegue aprender? Qual a razão da diversidade de talento desde o nascimento? Por que muitas vezes a inteligência está dissociada da moral? Qual a justiça da distribuição dos infortúnios que independem da vontade, como as moléstias congênitas, as grandes derrocadas financeiras ou sociais, que atingem alguns e a outros não? Por que, muitas vezes, indivíduos egoístas e orgulhosos nada sofrem, vivendo a facilidade da fortuna, enquanto pessoas idealistas e caridosas não encontram recursos em seus planos de beneficiar o próximo? Como, no

processo evolutivo, o ser humano desenvolveu suas faculdades diferenciando-se dos animais? Como se pode compreender a conquista da felicidade para a alma?

Todas essas questões são resolvidas pelo Espiritismo, pois ele representa, na hora adequada, a união de objetivos da humanidade em seus dois planos, encarnada e desencarnada. Os Espíritos superiores de nosso planeta, estudando metodicamente o mundo espiritual, encontraram a definição de suas leis naturais, reunidas em forma de Doutrina. Espíritos e homens formam uma só sociedade, e, pelo diálogo, as respostas de uns ajudam os outros a divisar o futuro, com esperança e determinação.

Essa teoria geral é a aplicação dos conceitos da psicologia espiritualista ao Espírito, afirmou Allan Kardec, pois ele nada mais é do que a alma desencarnada.

## **A TEORIA MORAL ESPÍRITA**

Em 1946, o filósofo espírita José Herculano Pires (1914-1979) escreveu uma pequena obra destinada a dar “sugestões para a organização de um movimento cristão de reforma social, sem caráter sectário ou partidário”. Definindo essa meta como sendo “a luta por um mundo realmente cristão – sem o instinto de competições em que se estriba a sociedade de hoje, contra a violência e o ódio, contra a demagogia política e a exploração econômica” (PIRES, 1946, p. 2), desenvolve assim a ideia:

A própria natureza da Doutrina dos Espíritos, a sua força renovadora e a sua dinâmica de redenção e reconstrução fazem com que ela seja aceita, em maioria absoluta de adeptos, por aqueles que já se colocaram à margem dos preconceitos e convenções hipócritas do mundo em que vivemos. [...] uma necessidade vital e inadiável a transformação da ordem social monstruosa que domina a Terra. E aí de nós, espíritas, se assim não acontecesse, porque então já teríamos submetido a nossa doutrina, e o próprio Evangelho do Cristo, às injunções transitórias de um mundo em falência, negando-lhes o papel fundamental que lhes cabe, na construção de um novo mundo, para redenção dos cativos e salvação dos famintos que enchem os quatro cantos da Terra. (PIRES, 1946, p. 16)

Mas qual o instrumento para tão grande transformação social que deve ocorrer pela mobilização da humanidade para estabelecer o reino neste mundo mesmo? A resposta de Herculano Pires remonta à aquisição da autonomia moral, conquista voluntária, intencional e livre que precisa ser empreendida por cada um<sup>59</sup>:

Aquele que se engana a si mesmo não consegue passar pela Porta do Reino. O que não joga na estrada os fardos do egoísmo não pode entrar com eles no Reino. O que pensa que o Reino está longe terá de andar muito para encontrá-lo, mas o que sabe que o Reino está aqui mesmo, ao nosso lado, já o traz dentro de si. Ai, porém, do que pensar que o Reino já está nele e deixar de buscá-lo! O Reino é uma Graça e uma Conquista. [...] Temos de merecê-la para recebê-la. E como receber a Graça sem a conquista das condições exigidas para a merecermos? Vivem na ilusão os que se esquecem daquelas palavras: Busca primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça... Porque pensam que o Reino é dado a troco de palavras, de crenças, de sacramentos, de símbolos e sinais exteriores. E se enganam a si mesmos. (PIRES, 2002, p. 3)

Citando Gandhi, Herculano transcreve seu enunciado: “o meio é o caminho do fim – porque todos pensavam que o meio pouco importava, desde que se atingisse o fim”. Não se chega à conquista da liberdade senão pelos caminhos da liberdade, é preciso que brilhe a luz das almas. Para isso, é preciso proporcionar às criaturas a capacidade de raciocinar por si mesmas. Herculano repete a meta de Allan Kardec, propondo educação, pedagogia e escolaridade para todos. Pois o Espiritismo reinterpreta a luta social proposta por Jesus, mas completamente livre dos rituais, simbologias vazias, “porque o Espiritismo responde historicamente a esse dilema trágico das formas dogmáticas do Cristianismo, revelando a essência renovadora do ensino do Cristo no plano social e afastando o Evangelho das implicações temporais da política”. Porquanto não se busca o reino em sinais exteriores ou no aguardo de uma deliberação divina, ele está dentro de nós, no reflexo divino em nossa consciência:

O Reino de Deus está acima da sociedade de classes, do mundo injusto de ricos e pobres, das competições políticas e econômicas. O Reino de Deus está dentro de nós, na aspiração Divina da Justiça e do Amor, que é o próprio Reflexo de Deus na Consciência Humana. E estando em

nós está acima de nós, como um arquétipo Divino das Almas, arrebatando-as para uma vida superior, elevando-as para Deus. O Cristianismo em Espírito e Verdade não se deixa prender nas tenazes de nenhum dilema da lógica humana. Ele é, em si mesmo, a resposta a todas as nossas inquietações e a todas as perplexidades dos séculos. (PIRES, 2002, p. 35)

Percorrendo a história, é possível desvendar como a clara mensagem da moral autônoma de Jesus se transformou em mistificação religiosa, tendo por trás os interesses econômicos e de poder. Pois, em verdade, os valores do reino são o reverso dos interesses do mundo.

As doutrinas das religiões ancestrais foram estabelecidas gradualmente, a partir de mitologias e tradições coletivas dos povos. Inicialmente, as ideias respeitavam os padrões da lógica, usando raciocínios dedutivos e tecendo argumentos convincentes para que fossem consideradas verdadeiras.

Diversos sábios da Antiguidade, tendo intuição das vidas pregressas, além de promover as comunicações dos Espíritos, ensinavam as próprias ideias espíritas quanto à vida espiritual e suas consequências morais, dentro dos limites da cultura de sua época. Para transmitir esse conhecimento de uma geração a outra, o ensino era grafado por meio de símbolos, pequenas histórias ou parábolas, poesias e as outras artes. Os iniciados dos templos aprendiam a decifrar a grafia e interpretar os enigmas, mantendo e perpetuando o conhecimento profundo. As pessoas do povo, no entanto, voltadas para o trabalho braçal, não tendo instrução, reagiam com medo e submissão, interpretando as imagens como seres superiores, merecedores de culto e veneração, como argumenta Allan Kardec:

Os Espíritos, que existiam então como hoje, aí se manifestavam igualmente, e esses seres misteriosos também deveriam, segundo as ideias do tempo e a um título bem melhor ainda, pertencer à classe dos deuses. Os povos ignorantes, olhavam-nos como seres superiores, rendendo-lhes um culto; os poetas os cantaram e semearam a sua história de profundas verdades filosóficas, escondidas sob o véu de engenhosas alegorias, das quais o conjunto forma a mitologia pagã. O vulgo que, geralmente, não vê senão a superfície das coisas, toma a figura à letra, sem procurar o fundo do pensamento, absolutamente como aquele que, em nossos dias, não visse nas fábulas de Lafontaine senão a conversação dos animais. (KARDEC, [RE] 1861, p. 3)

Ou seja, “Tal é, em substância, o princípio da mitologia; os deuses não eram, pois, senão os Espíritos ou as almas de simples mortais, como os de nossos dias”. Como os Espíritos são os mesmos seres humanos, alguns elevados, outros não, suas paixões, desejos, imperfeições e qualidades se apresentam na figura dos deuses.

As atitudes de medo, submissão e veneração dos simples, concentradas nas mãos dos sacerdotes pela estrutura do culto e dos rituais, tornam-se instrumento de poder:

Toda a mitologia pagã, na realidade, é apenas um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons e maus da humanidade. Para aqueles que procuram seu espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como são nossas fábulas modernas. O absurdo era tomarmos forma pelo fundo. Mas os padres pagãos só ensinavam a forma, seja porque alguns nada soubessem, seja porque tinham interesse em manter o povo nessas crenças, que favoreciam seu domínio e, por isso, era mais proveitoso que a filosofia. (KARDEC, [1868] 2018, p. 260)

O conhecimento filosófico ficou esquecido pela maioria dos sacerdotes, agora preocupados em fazer uso da religião em proveito próprio:

A veneração do povo pela forma era uma fonte inesgotável de riquezas, devido aos donativos acumulados no templo, as oferendas e os sacrifícios eram feitos por intenção aos deuses, mas, na realidade, era em proveito de seus representantes. Um povo menos crédulo seria menos dado às imagens, às estátuas, aos emblemas e aos oráculos. (*Ibidem*)

O orgulho e o egoísmo são chagas que o poder faz declinar da verdadeira finalidade da vida, e quem se apega à religião para seus propósitos pessoais, enquanto desencarnado toma a figura dos deuses, e encarnado disputa a hierarquia do clero. Jesus, com sua doutrina de igualdade, demonstrando o quão efêmeros são os templos de pedra e falso o poder terreno, veio romper essas amarras do velho mundo. E cabe ao Espiritismo completar essa missão, diluindo o nevoeiro do misticismo e do sobrenatural, como explica Kardec, fazendo uso da mitologia grega como referência:

As paixões que a religião pagã emprestava aos deuses não dão uma real ideia de sua elevação na hierarquia espírita, a começar pelo seu chefe Júpiter, o que não os impedia de saborear o incenso que se queimava em seus altares. O cristianismo despojou-os de seu prestígio, e o

Espiritismo, hoje, reduziu-os ao seu justo valor. Sua própria inferioridade pôde lhes sujeitar as diversas reencarnações sobre a Terra; poder-se-ia, pois, entre os nossos contemporâneos, encontrar alguns dos Espíritos que outrora receberam as honras divinas e que não seriam mais avançados por isso. (KARDEC, [RE] 1861, p. 83)

Depois que Jesus estabeleceu interpretações claras e ensinamentos esclarecedores das verdades sobre as leis espirituais, percebendo a grandiosa aceitação popular aos seus ensinamentos em todo o planeta, os sacerdotes pagãos trataram de adotar o cristianismo como sua doutrina oficial, transferindo seus dogmas para a interpretação dos Evangelhos, com a finalidade de manter o poder e a dominação sobre os povos, como explica Allan Kardec:

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação; o papel de profeta provoca as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, valendo-se do prestígio dessa denominação, exploraram a credulidade em proveito do próprio orgulho, da própria cupidez, ou da preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos enganados. A religião cristã não tem podido evitar esses parasitas. (KARDEC, [1868] 2018, p. 46)

Os símbolos arquetípicos da humanidade atravessaram os milênios, carregando as reminiscências dos ensinamentos originais em algumas tradições, mas dando origem, pouco a pouco, a doutrinas dogmáticas que refletiam os falsos ensinamentos, as ideias contrárias e contraditórias elaboradas pelos sacerdotes interesseiros, com vistas ao domínio do povo. Esses dogmas, falsas interpretações da mitologia, foram adaptados ao cristianismo, transferindo a ele as ferramentas de dominação pelo clero. A missa católica nada mais é do que o culto ao deus Mitra ou deus Sol, adaptada pelo imperador pagão Constantino (280-337), além de muitas outras apropriações rituais e simbólicas. Assim, ele pôde reconhecer o cristianismo como religião autorizada no Império Romano e ao mesmo tempo contentar os seguidores do mitraísmo.

Diferentemente dos significados filosóficos originais, que respeitavam a lógica e a correspondência com os fatos da vida, os dogmas da dominação

tornaram-se ilógicos, irracionais, contrários ao senso comum. Percebendo essa fragilidade, os dominadores, para manter o poder, impuseram a fé cega e a aceitação passiva de sua teologia. E, com o progresso da humanidade, passaram a combater como terrível ameaça toda iniciativa de liberdade de pensamento e de consciência. Foi o que Kardec representou nesta importante passagem de *A Gênese*<sup>60</sup>:

A religião era, nesse tempo, um freio poderoso para governar. Os povos se curvavam voluntariamente diante dos poderes invisíveis, em nome dos quais eram subjugados e cujos governantes diziam possuir seu domínio, quando não se faziam passar por equivalentes a esses poderes. Para dar mais força à religião, era necessário apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem os quais ela teria perdido a ascendência sobre esses seres quase primitivos, apenas iniciados para a racionalidade. Ela não poderia ser discutida, assim como as ordens de um soberano. Disso resultou o princípio da fé cega e da obediência passiva, que tinha, na origem, sua razão de ser e sua utilidade. A veneração aos livros sagrados, quase sempre considerados como tendo descido do céu, ou inspirados pela divindade, proibia qualquer exame. (KARDEC, [1868] 2018, p. 113)

Os principais fundamentos das religiões ancestrais ensinadas pelos catecismos e dogmas sustentados nas igrejas pela fé cega, do ponto de vista conceitual, propõem o conceito oposto ao verdadeiro, derivado das leis naturais quanto à vida espiritual. Cabe à Doutrina Espírita restabelecer com clareza a doutrina primordial, como argumenta Allan Kardec:

A própria doutrina que os Espíritos ensinam hoje não tem nada de novo; é encontrada em fragmentos na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e inteira no ensinamento de Cristo. Então o que faz o Espiritismo? Vem confirmar novos testemunhos, demonstrar, por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer em seu verdadeiro sentido as que foram mal interpretadas. (KARDEC, [1859] 1995, p. 9)

## **Desconstruindo os conceitos dogmáticos**

Comumente, causa confusão aos novos adeptos do Espiritismo o fato de encontrarem os mesmos termos e sentenças que ouviam nos cultos que frequentavam nas obras de Kardec. Isso ocorre porque a Doutrina Espírita tem por base as verdades fundamentais presentes em todas as religiões

(Deus, alma, imortalidade), mas também pela necessidade de restabelecer os significados adequados para os termos adulterados pelos falsos dogmas, como céu, inferno, penas e recompensas futuras, obsessão, possessão, caridade, expiação, entre outros. Mas como os frequentadores dos centros espíritas estão, em sua maioria, condicionados pelas seitas às quais pertenceram desde a infância, costumam repetir as interpretações dos sermões que ouviam, até mesmo adaptando rituais. Para quem está satisfeito com sua crença e sua prática, o Espiritismo nada tem a contribuir, mas atende àqueles que estão inseguros e desejam explicações lógicas e plausíveis para servir à sua conduta. Esta é a interpretação adequada da proposta espírita:

O Espiritismo, sendo independente de qualquer forma de culto, não prescrevendo nenhum deles, não se ocupando de dogmas particulares, não é uma religião especial, pois não tem nem seus padres nem seus templos. Aos que indagam se fazem bem em seguir esta ou aquela prática, ele responde: Se sua consciência pede para fazê-lo, faça-o; Deus sempre leva em conta a intenção. Em resumo, ele não se impõe a ninguém; não se destina àqueles que têm fé ou àqueles a quem essa fé basta, mas à numerosa categoria dos inseguros e dos incrédulos; ele não os tira da Igreja, visto que eles se separaram dela moralmente em tudo. (*Ibidem*)

Segundo Kardec, a missão do Espiritismo não está em destruir, “mas, ao contrário, restabelecer todas as coisas, quer dizer, restituir a cada coisa o seu verdadeiro sentido” (KARDEC, [RE] 1863, p. 247). O novo adepto do Espiritismo precisa estudar sua doutrina, compreender as novas interpretações, ressignificar os termos e conceitos antigos, pois, repetindo os dogmas, crenças e práticas, irá permanecer nas amarras da fé cega, sem conquistar os valores da liberdade de pensamento e de consciência que permitem compreender os ensinamentos dos Espíritos superiores. Só assim vai compreender que:

O Espiritismo combate, é verdade, certas crenças como a eternidade das penas, o fogo material do inferno, a personalidade do diabo, etc. ; mas não é certo que essas crenças, impostas como absolutas, sempre fizeram incrédulos e continuam a fazê-los? Se o Espiritismo, dando desses dogmas e de alguns outros uma interpretação racional, devolve à fé

aqueles que dela desertaram não está prestando serviço à religião? (KARDEC, [RE] 1863, p. 10)

A Doutrina Espírita estabelece uma teoria moral própria, oposta à dogmática, e para compreendê-la é necessário desconstruir os conceitos dogmáticos que regem o comportamento de quem inicia os estudos, mesmo que não tenha consciência disso. Desse modo, a Teoria Moral Espírita propõe uma mudança de mentalidade quanto aos conceitos de sustentação da moral heterônoma do mundo velho. As pessoas foram mantidas submissas pela evocação de uma série de dogmas, dos quais vamos tratar: *degradação da alma*, *queda pela culpa*, *pecado* (uma só vida) e *carma* (reencarnação), *castigo e recompensa* (pela dor e prazer), *vida terrena como castigo*.

## **O dogma da degradação das almas**

Em todas as falsas profecias das religiões ancestrais está presente o conceito basilar da degeneração ou *degradação das almas*. Nos tempos iniciais da civilização, os pensadores perguntavam-se: como pode um Deus perfeito ter criado um mundo onde há morte, destruição, onde o mal alastra suas funestas consequências? Um ser perfeito só poderia ser causa de uma criação também perfeita. Portanto, imaginava-se que as almas tivessem sido criadas perfeitas em sua justiça, sabedoria e virtude. Ou seja, o mundo espiritual seria de plena beatitude e contemplação da verdade e do bem. Todavia, as almas teriam recebido de Deus a liberdade ou livre-arbítrio, dando a elas a responsabilidade pelos atos. Como eram perfeitas, não poderiam se equivocar ou agir mal, todavia caíam em erro caso desobedecessem, deixando de reconhecer a soberania divina. Deus, para restabelecer a ordem, deveria exercer sua autoridade, exigindo a submissão e o pedido de perdão de sua criatura desviada. E, para reparar o erro, decretaria um castigo. A queda da alma no corpo físico representaria esse

castigo divino, acompanhado pelos sofrimentos físicos, intempéries do ambiente, catástrofes, vicissitudes da vida, morte e insegurança, para que os castigados valorizassem as bênçãos originais, voltando à condição de submissão e subalternidade primeiras.

Assim seria a condição da vida no mundo, condição transitória onde corrupção, mudança e sofrimento constituiriam a regra natural.

Segundo o hinduísmo, por exemplo, a primeira vida representaria a rebeldia ocorrida na vida espiritual, causada pela queda no mundo. A tentação dos prazeres do mundo, porém, pode causar o apego e o interesse na satisfação dos desejos. Essa condição impediria a superação do ciclo das reencarnações. Assim, os novos atos equivocados e o apego causariam uma nova vida, mais degradada ainda, por exemplo entre os animais, princípio popularmente definido como sendo o carma. Os novos atos, considerados negativos, de uma vida, serão a causa do sofrimento e da condição pior da vida seguinte, aumentando o apego e tornando mais remota a superação da roda de renascimentos. Além disso, uma punição estaria em reencarnar em animais, insetos e até demônios.

Num artigo enviado para a *Revista Espírita* em 1859, trata-se da doutrina da reencarnação entre os hindus e sua diferença para a Doutrina Espírita. E Kardec deu uma explicação detalhada: “Segundo os Hindus, as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas, e sua queda foi o resultado de uma rebelião; sua encarnação no corpo de animais é uma punição”:

Assim, a metempsicose dos hindus está fundada sobre o *princípio da degradação das almas*; a reencarnação, segundo os Espíritos, está estabelecida sobre o princípio do progresso sucessivo. Segundo os hindus, a alma começou pela perfeição para chegar à abjeção; a perfeição é o início e a abjeção o resultado. Segundo os Espíritos, a ignorância é o início, a perfeição é o objetivo e o resultado. Seria supérfluo procurar demonstrar qual das duas doutrinas é a mais racional e dá mais alta ideia da bondade e da justiça de Deus. É, pois, por uma completa ignorância de seus princípios que algumas pessoas as confundem. (KARDEC, [RE] 1859, p. 223)

Ou seja, “segundo a Doutrina Espírita, as almas foram, e são ainda,

criadas simples e ignorantes, e é por encarnações sucessivas que elas alcançam, graças aos seus esforços e à misericórdia divina, uma perfeição que pode dar-lhes, só ela, a felicidade eterna”. O princípio da reencarnação segundo o Espiritismo é inverso ao da degradação da alma, caracterizado pelas figuras da queda e do carma. O mal não representa uma degeneração, nem a vida um castigo, pois o processo de evolução deve ser livre, consciente e voluntário. Quando insiste na imperfeição, porém, as encarnações se multiplicam, e quem sofre pensa em penas eternas. Todavia, explica Kardec, segundo o Espiritismo:

A alma, devendo progredir, pode permanecer estacionária durante um tempo mais ou menos longo, mas não retrograda: o que adquiriu em ciência ou moralidade, não o perde. Se ela não avança, também não recua: por isso não podem retornar animando seres inferiores à Humanidade. (*Ibidem*)

A Igreja vai adaptar a ideia da *degradação das almas* para sua doutrina de uma só vida humana, seguida pelo julgamento e as penas e recompensas eternas. O mal no mundo teria um assédio do diabo, que seria, segundo a Igreja, um anjo justo, bom e sábio, pois “o Diabo e os outros demônios foram por Deus criados naturalmente bons; mas eles, por si, é que se fizeram maus” (*Catecismo da Igreja Católica*, § 391), pela desobediência. Ou seja, aqui se repete a ideia de que Deus cria perfeito, e o ser se degrada por sua culpa. Assim, segundo esse dogma, “não existe arrependimento para eles depois da queda, como não existe para os homens após a morte”. Também a figura de Adão vai representar o mesmo princípio para ele e toda a sua descendência: “Pelo seu pecado, Adão, como primeiro homem, perdeu a santidade e a justiça originais que tinha recebido de Deus, não somente para si, mas para todos os seres humanos” (*Catecismo da Igreja Católica*, § 416). Segundo essa doutrina, todas as almas humanas são originalmente perfeitas, recebendo de Deus toda a justiça e todas as virtudes. Mas o erro cometido por Adão e Eva, tendo vivenciado a queda e o castigo da vida no mundo, ligada a um corpo corruptível e mortal, privou toda a humanidade

dessa santidade primeira, causando a degradação das almas e as condições de ignorância, propensão ao mal, injustiça, orgulho, egoísmo e demais imperfeições derivadas do pecado original:

À sua descendência, Adão e Eva transmitiram a natureza humana ferida pelo seu primeiro pecado, portanto privada da santidade e da justiça originais. Esta privação é chamada *pecado original*. Como consequência do pecado original, a natureza humana ficou enfraquecida nas suas forças e sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao domínio da morte, e inclinada para o pecado – inclinação que se chama *concupiscência*. (*Catecismo da Igreja Católica*, § 417 e 418)

Os indivíduos não teriam responsabilidade pela ignorância, pela propensão ao mal, pelo apego aos bens ou pelo arrastamento aos desejos, tudo isso seria efeito do pecado original herdado do primeiro casal. Assim, para voltar à condição original de beatitude e perfeição, bastaria aceitar a salvação pela Igreja e aguardar sua destinação divina para usufruir dos prazeres celestes. Quem não desse provas de arrependimento, adesão à Igreja e pedido de perdão pelos pecados cometidos, mereceria as penas eternas no inferno.

A alegoria de Adão e Eva comendo o fruto da árvore no paraíso tem interpretação diversa pela Doutrina Espírita, conforme explica Kardec:

Adão é a personificação da humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, onde predominam os instintos materiais a que não sabe resistir. A árvore, como árvore da vida, é o emblema da vida espiritual, como árvore da Ciência é o da consciência que o homem adquire do bem e do mal pelo desenvolvimento de sua inteligência e do livre-arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre os dois. Ele assinala o momento onde a alma do homem, cessando de ser conduzida pelos seus instintos, toma posse de sua liberdade e incorre na responsabilidade de seus atos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 261)

O Espiritismo estabelece sua doutrina na lei natural que é oposta ao dogma da degradação das almas, ou seja, sua evolução gradual, desde simples e ignorante, ou seja, na primeira vida, o espírito humano não desenvolveu a inteligência, o livre-arbítrio e o senso moral decorrentes das faculdades da vontade e razão. Nessa condição de inocência racional, ainda

não há responsabilidade pelos atos, que somente surgirá quando ele desenvolver o livre-arbítrio ou a capacidade consciente das escolhas.

O Espiritismo resolve a dúvida quanto à criação da alma desde a Antiguidade. Deus sendo perfeito, cria a alma perfeita. A solução está na evolução gradativa. Primeiro, do átomo ao animal superior. Evolução inconsciente, que prepara o princípio espiritual, transmigrando por milhões de vidas, aperfeiçoando a forma, os instintos, as emoções, a fisiologia. Em paralelo à evolução das espécies, nos diferentes mundos, há também uma evolução da alma, até que atinja a condição de vivenciar sua primeira vida humana. Nessa oportunidade, simples e ignorante, tem sua primeira vida humana, mas não a primeira vida na matéria, pois vivenciou, inconsciente, todas as formas e seres possíveis, em toda a escala evolutiva dos mundos. Desse modo, a encarnação humana, como veremos a seguir, não se trata de um castigo, mas de um lento trabalho de libertação da matéria, pelo esforço próprio na conquista de sua consciência, livre-arbítrio, sabedoria e virtudes. Futuramente, por meio de suas capacidades adquiridas, será útil, participando de inúmeras tarefas e missões, nas harmonias do Universo.

## **Os dogmas da queda da alma e da encarnação só como castigo**

Então não há *queda*, mas desenvolvimento gradual da fase animal, quando dominam os instintos, para a fase humana, quando a inteligência vai gradualmente substituindo as ações instintivas pelos atos inteligentes.

Não há queda senão na passagem de um estado relativamente bom a um estado pior; ora, o Espírito criado simples e ignorante está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual, como a criança que acaba de nascer; se não fez o mal, não fez, não mais, o bem; não é nem feliz nem infeliz; age sem consciência e sem responsabilidade; uma vez que nada tem, nada pode perder, e não pode, não mais, retrogradar; sua responsabilidade não começa senão do momento em que se desenvolve nele o livre-arbítrio; seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e racional; por consequência, o mal que faz mais

tarde infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhe foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a consequência do mau caminho em que se empenhou. (KARDEC, [RE] 1863, p. 113)

Segundo a Igreja, portanto, a encarnação é fruto do pecado original e da queda de Adão, e a condição de vida humana é sempre um castigo, e sempre será, até que Deus destrua este mundo e construa outro, incorruptível, com outros corpos também puros e eternos. A vida humana seria uma condição degradante, o corpo seria a causa do pecado, e só o temor e a submissão imperam, enquanto se deseja o exclusivismo de abandonar este mundo para ser liberto do sofrimento e do mal na vida futura. Nada de bom poderia se esperar da vida presente senão que ela acabe. Essa é a profunda melancolia e desespero da religião dogmática, em sua face oculta.

O materialismo, por sua vez, por concentrar-se na vida presente, negando a vida futura, tudo credita ao agora, à satisfação de desejos e prazeres, à busca pela felicidade. Toda contrariedade, toda desilusão, toda falta de perspectiva também causa uma desilusão, a desesperança, o sentimento de inutilidade, uma dor indefinível da alma.

Para as religiões reencarnacionistas, também a vida na Terra é um castigo, motivado pelo erro de cada alma, que assim perde a pureza e a beatitude que tinha junto a Deus. Portanto, no hinduísmo, a recompensa é estar liberto do corpo, que seria o estado de beatitude. Seus adeptos querem fugir deste ciclo de vidas no mundo, aspiram abandonar a humanidade. Sendo o prazer uma causa de apego, desejá-lo amplia a permanência no corpo físico, tornando a libertação mais remota. A vida do mundo é uma tentação e um tormento constantes, qualquer apego é interpretado como degradante, atrapalhando a fuga do mundo.

Queda é um princípio ilusório, inerente à ideia de degradação da alma, uma só subsiste ligada à outra. Queda se dá somente de uma posição mais alta para uma mais baixa.

Todas essas teorias, religiões ancestrais e o materialismo, têm em comum adotar como fundamental a moral heterônoma. Para essa teoria, a humanidade estaria em constante tensão provocada pelo egoísmo e pela violência. Um frágil equilíbrio, tendendo à destruição. Para Freud, em *O mal-estar na civilização*, a questão é que, se a espécie humana não controlar seu instinto, segundo ele, de agressão e autodestruição (para o Espiritismo não se trata de instinto, mas de imperfeição adquirida pelo indivíduo), facilmente poderia se exterminar até o último homem. Maquiavel estava convencido de que o mal era necessário para governar e o altruísmo, uma fraqueza. O príncipe deveria se manter no bem, caso possa, e no mal, sempre que necessário. Nietzsche denunciava o altruísmo como sinal de impotência; para ele, caberia ao homem tirar vantagem em detrimento de qualquer coisa, segundo a lei do mais forte:

A descoberta da moral cristã é um acontecimento que não tem igual, uma verdadeira catástrofe. O pretexto sagrado de tornar *melhor* a humanidade surge como a astúcia para esgotar a própria vida, para a tornar anêmica. O conceito de *além* foi inventado para desvalorizar o único mundo que existe – para destituir a nossa realidade terrena de todo o fim, de toda a razão, de todo o propósito! O conceito de *alma*, de *espírito*, finalmente ainda de *alma imortal*, inventou-se para desprezar o corpo. Por fim – e é o mais terrível – no conceito de *homem bom*, toma-se o partido de tudo o que é fraco, doente, falhado, do que em si mesmo é passivo, de tudo o que deve perecer – a lei da seleção natural é contrariada, e faz-se um ideal a partir da oposição ao homem altivo e bem-sucedido, ao homem que diz sim, ao homem que garante e está certo do futuro – este torna-se agora o mau... E em tudo isto se acreditou como moral. (NIETZSCHE, 2008, p. 99-100)

Mas, segundo o Espiritismo, nada disso ocorre. Segundo sua teoria da autonomia intelecto-moral, a vida no mundo é uma oportunidade de evolução nos projetos pessoais de cada espírito na conquista de sua felicidade progressiva, por seus próprios méritos. Sendo assim, é uma necessidade natural de todos os seres, como explica Kardec, apontando o equívoco das doutrinas em contrário que caem quando confrontadas com as leis naturais da espiritualidade:

Segundo um sistema, que tem alguma coisa de especial à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas. [...] A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, para cumprir sua missão providencial, trabalha em seu próprio adiantamento pela atividade e a inteligência que lhe é preciso empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar; mas a encarnação se torna uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que deve, é constrangido a recomeçar sua tarefa e multiplicar suas existências corpóreas penosas pela sua própria falta. Um escolar não chega a colar seus graus senão depois de ter passado pela feira de todas as classes; são essas classes uma punição? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu adiantamento; mas se, por sua preguiça, é obrigado a repeti-las, aí está a punição; poder passar algumas delas é um mérito. Portanto, o que é verdade é que a encarnação sobre a Terra é uma punição para muitos daqueles que a habitam, porque teriam podido evitá-la, ao passo que, talvez, a dobraram, triplicaram, centuplicaram por sua falta, retardando assim sua entrada nos mundos melhores. O que é falso é admitir em princípio a encarnação como um castigo. (*Ibidem*)

Nos tempos modernos, as ideias de degradação da alma e da queda impostas como dogmas pelo fanatismo religioso entraram em conflito com as ideias de progresso material e moral proporcionados pelas ciências. Caso o mundo fosse somente um instrumento divino para castigar a humanidade e obter dela a submissão, sendo destruído quando chegasse o final dos tempos, qual a finalidade de todo esforço em melhorar as condições de vida e conforto, as possibilidades da educação em fazer progredir a todos e a transformação moral pela caridade, previstas pelos espiritualistas? Nada disso teria sentido, sendo um esforço em vão, uma perda de tempo. Por isso os dogmas foram compreendidos como contradições dos homens ambiciosos que fizeram da Igreja instrumento de sua própria ambição. A Doutrina Espírita reabilita as bases do sentimento religioso, e dá uma estrutura racional à metafísica, abrindo novas perspectivas para o futuro. O fim do mundo será a ruína dos perniciosos costumes e preconceitos do velho mundo já em escombros. E o mundo novo não virá da destruição, mas da regeneração da humanidade pela sua transformação moral.

**A causa da diversidade de condições desde o**

## **nascimento**

Nas teorias heterônomas, há uma grave questão quanto à condição intelectual e moral da humanidade. A Igreja, ao considerar uma só vida, credita ao mistério insondável as causas das desigualdades. As vertentes protestantes consideram o sucesso material aliado à disciplina dos hábitos um sinal possível da escolha divina quanto à salvação. E as condições degradadas, insucesso nos empreendimentos materiais e o mau comportamento seriam sinal de uma prévia condenação da alma. Já o materialista avalia a conformação fisiológica, genética, combinada com os estímulos ambientais e culturais, como causa dos diferentes potenciais de inteligência, habilidades e tendências.

Nas doutrinas reencarnacionistas ancestrais, em virtude do dogma da degradação ou degeneração das almas, quanto mais grave o erro da alma que lhe causou a queda, mais degradante a sua condição de vida. Desse modo, as pessoas mais simples, sem instrução, as condições físicas mais sofridas, os excluídos e desvalidos, seriam os maiores culpados, merecedores dos maiores castigos. No caso oposto, os mais favorecidos economicamente, as maiores inteligências, os poderosos, teriam errado menos, sendo agraciados com a vida como sofrimento menor.

Allan Kardec comenta sobre as dúvidas quanto à diversidade de aptidões desde o nascimento:

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, brinquedo da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas as suas criaturas? (KARDEC, [1860] 1995, p. 148)

Estando ligado ao corpo, portanto, todas essas doutrinas vão considerar que o ser humano deve ser treinado para o conhecimento e condicionado quanto ao comportamento considerado adequado. Ou seja, os recursos da fisiologia, dor e prazer, conduzidos pelos estímulos externos, permitem ao professor ou sacerdote condicionar a ideia ou o comportamento desejado em crianças e jovens. A repressão deve conter qualquer rebeldia ou recusa de se submeter ao processo. A competição é um recurso para provocar a disputa, na busca de ser o melhor entre todos. O castigo dos retardatários é um aviso para que ninguém queira, ao não fazer esforço, correr o risco de ocupar as últimas posições. Ou seja, todos vivem a condição de medo pela ameaça do castigo, o que tem um efeito mais eficaz do que o castigo em si.

Essa forma de condicionamento é o mesmo processo que permite o controle dos animais pelo homem. O mesmo mecanismo de estímulo e resposta. Os dogmas das igrejas, transferindo a Deus uma relação semelhante de condicionamento de suas criaturas (impondo castigos, oferecendo recompensa aos submissos, destacando e dando benefícios aos melhores, medo como ameaça aos insubordinados), creditam o método a uma inspiração divina, sancionando-o como universal.

Os espiritualistas racionais, baseando-se na psicologia espiritualista, como já vimos, consideraram que o ser humano se caracteriza pelo ato voluntário, portanto livre, e que os condicionamentos e instintos configuram o âmbito da vida animal. Assim, os fatos do espírito humano são os que derivam do uso de suas faculdades. Desse modo, há uma diferença de origem entre os hábitos, pois os que se originam da vontade do ser são adquiridos, portanto voluntários; os que nascem dos estímulos externos ou dos instintos são os condicionados ou involuntários. O indivíduo que se deixa reger somente pelos atos condicionados é simples autômato, vivendo sem liberdade, restrito à vida animal. Somente o exercício da liberdade consciente configura a vida humana. Todavia, a teoria do Espiritualismo Racional não

explica a causa da diversidade de potencial das faculdades, por que um nasce mais inteligente que outro? Qual o motivo de um fazer esforço para agir no bem e outro já nascer virtuoso? São questões sem resposta, sem mecanismos racionais de se obter uma solução científica, são dúvidas em aberto.

Completando a teoria moral autônoma do Espiritualismo Racional, o Espiritismo vai oferecer uma solução inédita, que preenche todas as lacunas teóricas, dando à humanidade recursos para empreender a evolução moral à qual se destina.

A evolução do ser humano, do ponto de vista de sua vida terrena, pelo desenvolvimento das faculdades, é um instante, um pequeno passo no real desenvolvimento do Espírito, pois somos seres com dupla existência, no mundo físico e no mundo espiritual. Quem evolui intelecto-moralmente é o Espírito, por meio de suas diversas encarnações. Alguns Espíritos iniciaram a vida humana há mais ou menos tempo que outros, portanto alcançaram diferentes graus evolutivos. Alguns escolheram investir seu tempo em determinadas habilidades, desenvolvendo vocações e tendências. Aqueles que, por interesses materiais, aplicaram seus potenciais para satisfazer prazeres e desejos deste mundo, desenvolveram imperfeições. A combinação desses inúmeros fatores representa a principal causa da diversidade humana quanto às condições de nascença.

## **A conquista da liberdade pelo próprio esforço**

Para as doutrinas religiosas ancestrais não há problema em definir a causa da culpa, pois sendo o ser perfeito em justiça, sabedoria e virtudes em sua criação, e ganhando de Deus a liberdade de escolha ou livre-arbítrio, em contrapartida tem também total responsabilidade pelos atos quando se torna o único culpado de qualquer erro que venha a cometer, ocasionando a sua queda.

Quando o Espiritismo demonstra que o ser se desenvolve desde simples e ignorante, surge uma dúvida: como podem os Espíritos, em sua origem humana, quando ainda não têm consciência de si mesmos, ter liberdade para escolher entre o bem e o mal? Pela lógica, em sua primeira vida, não poderia haver responsabilidade pelos atos, pois esse ato não seria consciente.

A solução, derivada do estudo dos Espíritos superiores sobre a evolução do princípio inteligente, é inovadora e surpreendente. O Espírito tem sua primeira encarnação humana simples e ignorante, tendo assim um mesmo ponto de partida na mais absoluta igualdade de condições. Mas, explica Kardec, “sabe-se também que o livre-arbítrio se desenvolve pouco a pouco, depois de numerosas evoluções na vida corpórea”. Sendo que “Não é, pois, nem depois da primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem uma consciência bastante limpa de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é talvez senão *depois da centésima, talvez da milésima*” (KARDEC, [RE] 1864, p. 18).

O passo inicial está em conquistar a consciência de si, depois de numerosas vidas. Aos poucos, então, o espírito vai superando os limites dos instintos – aos quais se submetia completamente até então, vivendo num estado inconsciente, de animalidade – por um gradual domínio da inteligência. Por meio dela, enfrentando os desafios da vida material, adquire habilidades e capacidades inovadoras. Aos poucos, “sempre gradualmente, a inteligência domina os instintos; é então somente que começa a responsabilidade séria” (*Ibidem*). Pois só então o espírito passa a agir livremente, tendo conhecimento de causa para fazer suas escolhas. Em *A Gênese*, Allan Kardec dá uma explicação concisa desse processo evolutivo:

Se estudarmos todas as paixões, e até mesmo todos os vícios, vemos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto, em toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que estão mais próximos da vida animal, ele domina sozinho, porque, entre

eles, ainda não há de contrapeso o senso moral. O ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto enfraquece, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque domina a matéria. Com a inteligência racional, nasce o livre-arbítrio que o homem usa à sua vontade: então somente, para ele, começa a responsabilidade de seus atos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 100)<sup>61</sup>

A inteligência é uma conquista gradual no esforço para dominar as condições da vida material. Mas, para desenvolver o senso moral, é preciso aprender a distinguir os valores sociais e morais, determinados pelas leis presentes na consciência, próprios da vida espiritual, e as determinações do instinto de conservação, que estão vinculadas às necessidades da vida animal. Essa transição é gradual, e a responsabilidade vai se ampliando gradualmente, na medida de seu entendimento. Nada acontece de brusco, e, em virtude dos instintos maternos, sociais e de apoio mútuo presentes desde as vidas animais, a tendência natural do Espírito é no sentido de desenvolver o senso moral. Mas se o Espírito fizer uso de sua inteligência para favorecer seus interesses materiais, abusando dos prazeres, criando necessidades ilusórias, vai criar maus hábitos ou imperfeições. Kardec desenvolve assim, esses conceitos:

O destino do Espírito é a vida espiritual. Mas, nas primeiras fases de sua existência corporal, ele só possui necessidades materiais para satisfazer. Com essa finalidade, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Porém, saindo desse período, possui outras necessidades, a princípio semimorais e semimateriais, e depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria. Na medida em que se liberta de seu jugo, avança pela vida adequada e se aproxima de seu destino final. Se, ao contrário, deixar-se dominar pela matéria, se atrasa e se identifica com os irracionais. Nessa situação, o que antes era um bem, por ser uma necessidade da sua natureza, torna-se um mal, não só por não ser mais uma necessidade, mas porque se torna nocivo para a espiritualização do ser. Por isso, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento. (*Ibidem*)

O mal é relativo e tem curta duração, considerando o amplo processo evolutivo do Espírito, sendo consequência da total liberdade concedida em sua vida espiritual. Os prazeres e as necessidades instintivas são naturais e

necessários, possuem utilidade para a preservação do indivíduo e da espécie, mas, ao desejar além do necessário, surgem os vícios e excessos, que são a natureza mesma das imperfeições. Portanto, conclui Kardec, “é o abuso que constitui o mal, e o homem abusa, conforme seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo próprio interesse, ele escolhe, livremente, entre o bem e o mal” (KARDEC, [1868] 2018, p. 101).

## **As diferenças entre o mal físico e o mal moral**

Para a Teoria Moral Espírita, o mal ou sofrimento físico tem uma natureza completamente diferente do mal ou sofrimento moral. Essa diferença é a base lógica da justiça divina. O processo evolutivo do princípio espiritual divide-se em três fases sucessivas:

*Evolução anímica* – desde sua mais simples vivência experienciando a condição de uma partícula da matéria, depois a fase mineral, vegetal e animal. Em todas as condições, desde os planetas mais primitivos até os planetas felizes. Durante essas incontáveis vivências, transmigrando de um corpo a outro, é pelo condicionamento dos instintos que a individualidade aprimora seu perispírito, desenvolvendo a gerência inconsciente de organismos cada vez mais complexos, adquirindo instintos, aprendendo a lidar com as emoções, vivenciando as mais diversas personalidades animais. Nessa fase, o princípio espiritual é prisioneiro do tempo, não tem consciência de si mesmo, apenas de sua individualidade; enquanto está ligado ao corpo, quando recebe estímulos do ambiente e reage a eles de forma automática.

*Evolução intelecto-moral* – inicia-se pela primeira vida humana, ainda simples e ignorante, em sua trajetória para conquistar as faculdades da alma e despertar sua consciência como espírito, compreendendo a diferença entre o mundo físico e o espiritual. Desenvolve por seu esforço, como vimos, a consciência de si mesmo, a inteligência, o livre-arbítrio, o senso moral.

Abusando das necessidades físicas naturais, cria vícios e hábitos equivocados que são as imperfeições.

*Evolução cocriadora* – quando adquire os valores da alma, e supera imperfeições, se as criou, ganha valores e habilidades próprios da vida espiritual, escolhe provas, ganha missões, exerce tarefas de auxiliar o desenvolvimento de Espíritos mais simples, famílias, povos. Participa da criação e do desenvolvimento das humanidades, da estruturação da vida nos planetas, e, a cada vez, sua atividade se torna mais ampla e complexa, participando da harmonia universal.

A fase anímica dura um tempo inimaginável, pois são necessários bilhões, trilhões de anos para adquirir o domínio das formas complexas da vida natural, se desenvolvendo sob o comando de Espíritos superiores. A evolução cocriadora é ainda mais ampla, invade as eternidades, pois o Espírito é imortal. Suas tarefas são criativas, desafiadoras, resultando numa felicidade crescente, à medida que se aproxima do Criador, percebendo as harmonias celestes e interagindo cada vez com uma rede maior de Espíritos afins, igualmente sábios e felizes. Na primeira fase, anímica, o princípio espiritual permanece inconsciente. Na última, cocriadora, liberta-se do mundo material e vive exclusivamente no mundo espiritual, com a exceção de determinadas missões nos planetas, quando acha necessário<sup>62</sup>. Comparada com as outras duas, a fase humana ou intelecto-moral é de transição e de curta duração. Nela, o Espírito ganha consciência e se liberta por seu esforço do apego à matéria, ganhando recursos para viver no mundo espiritual. Ou seja, é uma fase de transição. Somente nessa curta fase, por sua escolha, o espírito pode desenvolver imperfeições. Mas, à medida que o sofrimento moral inerente a elas se torna insuportável, por sua vontade trabalha para superá-la. Esse período ocorre em uma determinada e curta fase da vida da humanidade, enquanto o planeta está na fase de expiações e provas. Começa a se extinguir no planeta de regeneração e não mais existe

no planeta feliz:

Mas Deus, cheio de bondade, colocou o remédio ao lado do mal; quer dizer, do próprio mal faz nascer o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz o homem sentir a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, sente-se obrigado a procurar no bem o remédio que precisa, sempre em virtude de livre-arbítrio. Quando toma um caminho melhor, é por sua vontade e porque reconheceu as desvantagens da outra estrada. A necessidade o compele a melhorar moralmente para ser mais feliz, pois essa mesma necessidade o obrigou a melhorar as condições materiais de sua existência. (KARDEC, [1868] 2018, p. 98)

Os homens modernos existem desde aproximadamente 200 mil anos atrás. Há 10 mil anos praticamente não havia agricultura na Terra. Jesus viveu há 2 mil anos. O Espiritismo tem pouco mais de 160 anos. Comparados com a idade do planeta Terra, 4, 54 bilhões de anos, esses períodos de tempo não são absolutamente nada. O nosso Universo existe há 13, 7 bilhões de anos. O mal, na vida dos Espíritos, é um momento insignificante diante das eternidades da vida espiritual.

Em *A Gênese*, Kardec afirma que “há várias classes de mal. Em primeiro lugar há o mal físico e o mal moral” (KARDEC, [1868] 2018, p. 96)<sup>63</sup>.

O mal ou sofrimento físico é uma condição natural da vida material; é por meio da dor e do prazer que o princípio espiritual elabora, por condicionamento, os instintos e emoções. Na espécie, esses valores se ampliam e adaptam nos registros genéticos e interação com a dinâmica da natureza, em busca do equilíbrio na satisfação de suas necessidades físicas. E o princípio espiritual, por esse aprendizado inconsciente, desenvolve-se quanto à forma perispiritual. Para o ser humano, será o impulso que permitirá, lutando pela superação dos desafios, fazer surgir a inteligência, o livre-arbítrio e o senso moral.

Mas o Espírito tem dupla existência. Nas primeiras vidas, depois da morte convive com os encarnados, inconsciente ainda da vida espiritual. Aos poucos, vai se dando conta e percebendo essa segunda realidade, que inicialmente não compreendia. Quando reconhece, porém, que a vida

espiritual é a definitiva, onde não existem sofrimentos físicos nem a morte, bens materiais, títulos e poder não têm valor algum. Por outro lado, descobre que valores morais, saberes e virtudes despertam propriedades do perispírito como penetrabilidade, leveza, comunicar-se pelo pensamento, voitar ao longe com velocidade e alcance crescentes, perceber realidades distantes, ter cada vez maior desenvoltura em menos tempo; em relação aos Espíritos mais simples, permite a invisibilidade, a intangibilidade. Mas principalmente adquire o controle das emoções, podendo auxiliar aqueles que sofrem com elas na espiritualidade:

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, conseqüentemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender. (KARDEC, [1865] 1995, p. 30)

Quando o Espírito adquire essas sensibilidades espirituais, ao mesmo tempo se desapegando das coisas relativas ao mundo animal, torna-se cada vez mais útil, e progressivamente vivencia sensações de felicidade ainda indescritíveis para nós: “O mundo espiritual tem esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, submetidos à influência da matéria, não entreveem sequer, e que somente são acessíveis aos Espíritos purificados” (*Ibidem*).

Tratando do assunto com os Espíritos em nossa reunião mediúnica, recebemos a seguinte explicação sobre a condição harmônica da espiritualidade: “A felicidade do espírito pode ser proporcionada por um estado de equilíbrio, a aquisição do conhecimento, pelo interesse pelas coisas, por si mesmo e pelos outros, por descobrir o desconhecido, essa felicidade é abundância. Para o Espírito, esses valores são concretos, sólidos, enquanto os homens que se apegam às sensações transitórias e insaciáveis do mundo vivenciam ilusões, sem perceber os valores

definitivos representados pela abundância dentro de si”. Quando chegam ao mundo espiritual e observam essa inversão de valores, os Espíritos vão percebendo o verdadeiro sentido da aparente contradição de que enfrentar as dificuldades é uma fonte de alegria, retornam à vida seguinte com uma nova consciência. “Com o progresso moral”, continua a explicar o Espírito amigo, “essa consciência se amplia, e a vida material passa a ser compreendida pelas medidas certas. Por isso, a maioria das pessoas do mundo, por ainda não estarem de posse desses transformadores entendimentos, não entende o desprendimento dos missionários, a coragem moral daqueles que enfrentam as dificuldades sem se importar com a dor, sem medo algum, indiferentes com os ataques à sua personalidade. Não sabem que esses seres sublimados, imersos na harmonia, estão seguros da superioridade dos valores espirituais”.

Mesmo que o Espírito ainda não tenha alcançado essa condição evolutiva, pode observá-la naqueles que lhe são superiores. E almeja também avançar. Ganha assim novo ponto de vista sobre a realidade da vida:

Sabendo ser transitória a vida corporal e que as tribulações que lhe são inerentes constituem meios de alcançarmos melhor estado, os Espíritos mais se afligem pelos nossos males devidos a causas de ordem moral, do que pelos nossos sofrimentos físicos, todos passageiros. Pouco se incomodam com as desgraças que apenas atingem as nossas ideias mundanas, tal qual fazemos com as mágoas pueris das crianças. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, os Espíritos as consideram como a crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos de um amigo. Porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, os apreciam de um modo diverso do nosso. (KARDEC, [1860] 1995, p. 255)

Mas se a felicidade é inerente à condição evolutiva do Espírito, por outro lado, a sensação de sofrimento moral é inerente à sua condição de imperfeição: “A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal. O seu estado, feliz ou desgraçado, é inerente ao seu grau de pureza ou impureza” (KARDEC, [1865] 1995, p. 90).

O sofrimento moral acompanha o espírito enquanto ele não supera sua imperfeição, “da mesma forma por que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo” (KARDEC, [1865] 1995, p. 64).

## **A prova da dor e os três Espíritos**

Vamos considerar que três indivíduos, em momentos e locais diferentes, tenham vivenciado o mesmo infortúnio, um acidente em virtude do qual tenham amputado um membro. Considerando, quanto à evolução moral, que um ainda esteja em suas primeiras encarnações, simples e ignorante, outro um espírito imperfeito, orgulhoso e egoísta e, por fim, um espírito bom.

Enquanto encarnados, todos eles vivenciaram um sofrimento físico. Dores, desconforto, difícil recuperação, adaptação às novas condições, todos passaram por essa prova. O simples, porém, teve sofrimento físico, e também ficou triste e acabrunhado, mas somente em virtude das circunstâncias, como até mesmo os animais ficariam. Com o tempo, ainda não sendo bom nem mau, não fez juízo da situação, sofreu fisicamente, mas aceitou a condição, instintivamente. Depois de sua morte, não tinha mais o sofrimento físico nem o moral, vivendo uma tranquilidade inocente no mundo espiritual, num longo processo. O Espírito bom também sofreu todas as dificuldades, mas as encarou como desafios, superando-as com esforço, dedicando-se por motivar e dar esperança aos outros doentes à sua volta, para que tivessem ânimo na recuperação. Vivenciou aquelas circunstâncias como o corredor que, ao enfrentar uma corrida difícil, treina por um tempo com pesos de chumbo amarrados nas pernas para, quando tirá-los, correr ainda melhor. Lúcido, fez o regresso para a espiritualidade feliz pelo dever cumprido, envolvido nos sentimentos de agradecimento e

apreço daqueles que ajudou a se sentirem melhor.

O Espírito orgulhoso e egoísta, ao enfrentar o mesmo sofrimento físico que os outros dois, interpretou sua prova como sendo um castigo, indignado por não ser merecedor de uma condição tão inferior. Somou às naturais dores, o sofrimento moral ampliado pela revolta: uma confusão de emoções, uma raiva profunda corroendo-o, medo, insegurança, desespero, tornando-se melancólico e depressivo. Mas, para ele, a culpa por tudo o que sente é sempre de outro que não ele mesmo: a culpa é de Deus, de quem lhe causou o acidente, dirigindo sua revolta a todos eles. Mas todo esse sofrimento moral, em verdade, tem como causa as imperfeições que mantém, orgulho e egoísmo. Depois da morte, ocorre algo singular. Como o mal moral permanece, e ele o estava associando à amputação, quando chega ao mundo espiritual com todas aquelas emoções opressoras, transfere ao seu perispírito essa ilusão, dando-lhe a forma de quando em vida. Sente as mesmas dores físicas de quando em vida, por um processo semelhante à indução hipnótica, quando o hipnotizador sugere que o indivíduo tem uma dor e ele a sente perfeitamente, pois o inconsciente, lembrando de situação semelhante anteriormente vivenciada, provoca as sensações sugeridas. Isso porque o ambiente espiritual não provoca estímulos físicos no perispírito, lá não está frio, nem quente, nada queima, nenhuma sensação física é produzida para estimular a percepção do Espírito por meio do perispírito. Toda sensação física penosa é produzida pelo pensamento do Espírito, sendo uma ilusão.

O Espírito imperfeito, iludido por seu apego à matéria, vivencia sensações ilusórias no mundo espiritual, como explica Kardec:

Esses sofrimentos são o resultado de laços que ainda existem entre ele e a matéria; que quanto mais desligado da matéria, dito de outro modo, quanto mais desmaterializado, menos tem sensações penosas; ora, dele depende se livrar dessa influência, desde esta vida; tem o seu livre-arbítrio e, por consequência, a escolha entre fazer ou não fazer: que dome suas paixões animais, que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não seja dominado

pelo egoísmo, que purifique sua alma pelos bons sentimentos, que faça o bem, que dê às coisas deste mundo a importância que elas merecem, então, mesmo sob seu envoltório corporal, está já depurado, e já desligado da matéria, e quando deixa esse envoltório, dele não sofre mais a influência; os sofrimentos físicos que experimenta não lhe deixam nenhuma lembrança penosa; dele não lhe resta nenhuma impressão desagradável, porque não afetaram senão o corpo e não o Espírito; é feliz de estar livre dele, e a calma de sua consciência o livra de todo sofrimento moral. (KARDEC, [RE] 1858, p. 28)

Para compreender a condição dos Espíritos após a morte, além de receber os ensinamentos dos Espíritos superiores, Kardec fez uma extensa pesquisa experimental:

Interrogamos milhares, tendo pertencido a todas as classes da sociedade, a todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos de sua vida espírita, desde o instante em que deixaram seus corpos; nós os seguimos passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operaram neles, em suas ideias, em suas sensações, e sob esse aspecto os homens mais vulgares não foram os que nos forneceram os objetos de estudo menos preciosos. Ora, vimos sempre que os sofrimentos estão em relação com a conduta, da qual sofrem as consequências, e que essa nova existência é a fonte de uma felicidade inefável para aqueles que seguiram o bom caminho; donde se segue que aqueles que sofrem, é porque o quiseram, e não devem disso culpar senão a si mesmos, tão bem no outro mundo quanto neste. (KARDEC, [RE] 1858, p. 228)

## **A vida no mundo espiritual**

O Espírito imperfeito, iludido pela confusão de sensações e sofrimentos inerentes à condição que ele mesmo criou, por seu estado de densidade, imagina que está vivenciando dificuldades fisiológicas e ambientais quando, na realidade, seu desconforto e suas sensações desagradáveis são ocasionados por seu estado emocional degradado, envolvido em revolta, raiva, melancolia, decorrentes do orgulho e egoísmo que ele mesmo construiu. Continua agindo da mesma maneira que viveu na Terra. Por afinidade, pode conviver com outros Espíritos na mesma condição. Com eles, pela criação mental, compartilha um ambiente tenebroso, soturno, deprimente, correspondente aos sentimentos que emitem. São como cenários, pois, como vimos, a matéria da espiritualidade não oferece

estímulos físicos equivalentes aos do nosso mundo. Mas, induzidos pelo que veem, esses Espíritos sofredores, não reconhecendo em si mesmos a causa, expressam o que sentem por sensações físicas, sentem frio, fome, calor e frio excessivos, pavor, numa experiência que tomam por um castigo de Deus, por terem sido lançados no que a mitologia chama de infernos.

Os bons Espíritos, para ajudá-los a sair desse círculo vicioso causado por eles mesmos, adensam seus perispíritos e vão ao seu encontro. Compartilham com eles o mesmo ambiente, mas não sentem nenhum dos sofrimentos e sensações desagradáveis, por estes não serem reais. No estado em que se encontram os sofredores, não adiantaria fazer um discurso teórico sobre a inversão causal que vivenciam assim, visitam-nos em muitas oportunidades, ganhando confiança, levando alento, até mesmo criando um copo de água ou leve alimento de matéria mental, para apaziguá-los. Para perderem a sintonia com esse lugar criado por eles sem o saberem, precisam desmaterializar seu perispírito por sentimentos mais leves, como esperança, confiança, amor. O bom Espírito, em determinada oportunidade, vai sugerir que o imperfeito lembre de um ente querido, de uma situação feliz, em seu passado. Essa lembrança altera seu padrão de vibração. E, assim, poderá ser acompanhado a um ambiente espiritual que lhe traga melhores estímulos. Aquele que persistir na revolta, porém, poderá vivenciar esses sofrimentos morais no decorrer de diversas vidas, até que se arrependa:

Os sofrimentos de além-túmulo têm um fim; sabemos que é dado ao Espírito mais inferior elevar-se e purificar-se por novas provas; isso pode ser longo, muito longo, mas depende dele abreviar esse tempo penoso, porque Deus o escuta sempre se ele se submete à sua vontade. Quanto mais o Espírito está desmaterializado, mais suas percepções são vastas e lúcidas; quanto mais está sob o império da matéria, o que depende inteiramente de seu gênero de vida terrestre, mais elas são limitadas e como veladas; tanto a visão moral de um se estende ao infinito, tanto a do outro é restrita. Os Espíritos inferiores não têm, pois, senão uma noção vaga, confusa, incompleta e frequentemente nula do futuro; não veem o fim de seus sofrimentos, por isso creem sofrer sempre, e ainda para eles é um castigo. (*Ibidem*).

Em nova fase, arrependido de seus erros passados, reconhecendo que a

causa de seu sofrimento está em suas imperfeições, sendo o único responsável por sua condição desalentadora, vislumbra a possibilidade de reverter a situação por seu esforço, e galgar o caminho da felicidade. Com essa disposição, aprende que pode escolher as provas das vidas seguintes num projeto pessoal de superação das imperfeições e aquisição de virtudes. Percebe que não há castigo, mas um longo processo de aprendizagem e conquista de valores, e, fazendo bom uso de sua liberdade, pode abreviar esse caminho e chegar mais rápido às sensações de harmonia e bem-estar espiritual.

Depois do *arrependimento*, começa a enfrentar as provas que escolheu, inicialmente ainda revoltoso quando está com a consciência da personalidade, durante a encarnação, quando não lembra das escolhas que fez, mas, pouco a pouco, enxerga o progresso por sua dedicação. Ao superar as *provas*, que agora se chamam *expiações*, pois são desafios conscientes para superar suas imperfeições, chegando ao mundo espiritual fica mais otimista, já vislumbra um fim, divisa alegrias futuras. Então persiste e vence, tornando-se senhor de si mesmo. Consciente de suas responsabilidades, procura fazer o bem para e por quem prejudicou no passado, no esforço de *reparação*. E o faz feliz, nessa nova fase de recuperação e conquista.

Os espíritos, desde os simples e ignorantes, passando pelos que se desenvolvem naturalmente, ou aqueles que criam imperfeições e precisam expiá-las, como também os bons Espíritos, servem-se das provas da vida para a evolução intelectual e moral. O ser consciente precisa reconhecer se está agindo por condicionamento ou por livre-arbítrio, para tornar-se senhor de si mesmo. Conhecendo o mecanismo do condicionamento, ele pode avaliar as próprias motivações, desejos, reação aos estímulos, enfim, se age de forma interessada ou desinteressada. Com o objetivo de atuar e desenvolver suas habilidades, pois, nessa comparação, o ator é o espírito,

faz da vida um palco, da personalidade o seu papel, planeja as peças como cenas de desafio e situações que estimulem a resolvê-las. Esse é o mecanismo da *escolha das provas*.

Depois que superou suas imperfeições maiores, sente-se estimulado a vivenciar as provas da vida para conquistar saberes e virtudes, como paciência, resignação, coragem moral, desenvolvendo seu senso moral e seu domínio da vontade. Agora sente-se estimulado a ajudar àqueles que sofrem como ele sofreu. Quando vai ao encontro deles no mundo espiritual, lembra da ajuda que recebeu e, estendendo a mão ao que sofre, pode dizer, por sua experiência pessoal vencedora, do fundo de seu coração:

– Venha, amigo, me estenda a sua mão. Sei como seu coração está apertado e se sente sozinho e desolado, sei também que culpa a Deus e aos outros pelos sofrimentos atrozés que o corroem. Sei porque passei por isso e vivi na pele a sua dor. Mas dou o testemunho de minha superação, consegui, por meu esforço, suplantar e ser feliz. Me reconheço na sua experiência, e garanto que também vai superar. Estarei ao seu lado, mas tudo depende de você!

Sentindo a verdade em suas palavras, e uma confiança que vem de um lugar esquecido e escondido de sua alma, o sofredor, olhando em seus olhos, cansado de uma jornada causticante, confia e, em lágrimas, estende a mão:

– Me ajude! Confio em você, me ajude, não aguento mais sofrer. Aceito a luz que me mostra no fim desse poço escuro em que vivo. Me ajude! Obrigado.

– Não me agradeça, pois faço de coração. Agradeçamos a Deus, que renova a cada dia as oportunidades, sempre ao nosso lado. Obrigado, Senhor.

E assim, resgatando uma a uma as ovelhas desgarradas, a consoladora Doutrina dos Espíritos exerce o seu papel sublime de transformar este

planeta num mundo feliz, pelo trabalho diário e dedicado de milhares de Espíritos na atividade coletiva do bem.

## **A questão do carma, causa e efeito ou ação e reação**

A lei do carma ou *karma* tem origem na filosofia ancestral do Oriente, mas foi adotada modernamente, no Ocidente, por exemplo, pela teosofia, doutrina proposta por Helena Blavatsky, tendo grande influência entre os espíritas pós-Kardec, tanto na França quanto no Brasil, como um desvio da proposta original. Sua semelhança com o Espiritismo existe em função de ambas adotarem a reencarnação como fenômeno natural, mas as teorias morais de ambas são opostas. Isso porque a teosofia adota a moral heterônoma das religiões ancestrais, enquanto o Espiritismo, Doutrina moderna, considera a evolução da alma por seu esforço, numa teoria moral autônoma.

Em sua obra *A chave para a teosofia*, Blavatsky vai tratar da punição pelas faltas cometidas, afirmando:

Nossa filosofia possui uma doutrina de punição tão severa quanto a do mais severo calvinista, mas apenas muito mais filosófica e consistente com a justiça absoluta. Nenhuma ação, nem mesmo um pensamento pecaminoso passará impune; [...]. Acreditamos em uma lei de retribuição infalível, chamada karma, que se sustenta através de uma concatenação natural de causas e seus resultados inevitáveis. [...] [ocorre a reencarnação] e é nesse renascimento, pronto para ele – um renascimento selecionado e preparado por essa LEI misteriosa e inexorável, mas infalível em equidade e sabedoria de suas sentenças – que os pecados da vida anterior do Ego são punidos. O Ego é lançado nesta Terra, o plano e a região de seus pecados, onde terá de expiar todos os maus pensamentos e ações. (BLAVATSKY, 2011, p. 127)

Na teosofia, então, todas as vicissitudes da vida são determinadas, selecionadas, preparadas, por uma lei misteriosa e determinante, alheia à vontade do Espírito, que lhe impõe castigos, como efeito incontornável da causa inicial, que são atos e pensamentos das vidas anteriores. Essa moral é heterônoma, pois o ser seria condicionado por meio de castigos a não

repetir mais os atos e pensamentos, em virtude dos castigos recebidos, pois, segundo a teosofia, “o karma é uma lei infalível que ajusta o efeito à causa, nos planos físico, mental e espiritual” (*idem*, p. 176).

Segundo a teosofia, a reencarnação é “um renascimento selecionado e preparado por essa LEI misteriosa e inexorável”, propondo assim um determinismo quanto às vicissitudes da vida, ou seja, todo sofrimento físico é o efeito inevitável de erros cometidos nas vidas passadas, numa contabilidade fria de fatos, erros e castigos.

Na doutrina teosófica, que adota a lei do carma ou *causa e efeito*, não há diferença entre sofrimento físico e moral, pois todo sofrimento é a reação de uma lei infalível de retribuição causada por uma ação anterior. Nesse mecanismo assemelha-se ao pecado, que é um ato que recebe como efeito um castigo, representado pelo sofrimento. Ou seja, a alma voltará a ser “o Deus que era antes de que, em cumprimento da lei kármica – desceu pela primeira vez na matéria e encarnou-se no homem” (*idem*, p. 181). É o mesmo pensamento determinado pelos dogmas do velho mundo, degeneração da alma, queda, culpa, pecado, castigo etc. Não há moral nova, mas manutenção da teoria ancestral da submissão.

A causalidade tem sua lógica na relação entre um evento (causa) e um segundo evento (efeito), de tal modo que o segundo seja uma consequência do primeiro. Na física clássica, segundo a terceira das leis de Newton, toda ação corresponde a uma reação de igual intensidade e em sentido contrário. Essa é a lógica referente aos conceitos de pecado e carma: causa e efeito, ação e reação.

Para o Espiritismo, a teoria moral presente nas leis divinas segue uma lógica completamente diferente. Primeiramente, diferencia-se entre sofrimento físico e moral. O sofrimento físico é uma ocorrência, um fato, ocorrido no mundo material, em razão de uma vicissitude. Ele ocorre no corpo físico de qualquer ser vivo, seja animal ou ser humano. Já o

sofrimento moral é próprio do espírito humano, assim como a felicidade.

Depois de muitos anos de pesquisa, milhares de diálogos com Espíritos nas mais diversas fases evolutivas, e recebendo o ensinamento dos Espíritos superiores a partir de diversas fontes, consagrando a universalidade de seu ensino, Allan Kardec vai definir os conceitos de uma inovadora teoria moral, presente na realidade do Universo. Essa conclusão foi apresentada mais completamente em suas obras *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, obras conclusivas da Doutrina Espírita. A coerência dessa moral é determinada pelo conceito de inerência. Na lógica, o significado de *inerente* é: “Que só existe em relação a um sujeito, a uma maneira de ser que é intrínseca a este” (DICIONÁRIO HOUAISS). Segundo o Espiritismo, enquanto o *sofrimento físico* é natural e próprio da vida orgânica, em virtude de um evento, fato ou ocorrência, tanto o *sofrimento moral* quanto a *felicidade* são condições inerentes ao progresso realizado pelo Espírito. Vejamos estas definições em *O Céu e o Inferno*:

a) *Felicidade* – Sendo a felicidade dos Espíritos *inerente* às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram, tanto na Terra quanto no mundo espiritual. A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral (p. 30).

b) *Sofrimento moral* – Sendo o sofrimento *inerente* à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for, da mesma forma por que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo (p. 64).

c) Dependendo o sofrimento da imperfeição, como o gozo da perfeição, a alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se

encontre, sem necessidade de lugar circunscrito (p. 91).

O sofrimento moral (sensação do espírito) não está condicionado a um evento, como acontece com o sofrimento físico (um corte causa dor), mas é uma condição constante enquanto ele mantiver sua imperfeição. Portanto:

A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige por termo de sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao bem. Deste modo o Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar os sofrimentos pela pertinácia no mal, ou suavizá-los e anulá-los pela prática do bem. Uma condenação por tempo predeterminado teria o duplo inconveniente de continuar o martírio do Espírito renegado, ou de libertá-lo do sofrimento quando ainda permanecesse no mal. Ora, Deus, que é justo, só pune o mal enquanto existe, e deixa de o punir quando não existe mais; por outra, o mal moral, sendo por si mesmo causa de sofrimento, fará este durar enquanto subsistir aquele, ou diminuirá de intensidade à medida que ele decresça. (KARDEC, [1865] 1995, p. 92-3).

O Espírito é o “árbitro da própria sorte”. Desse modo, não está sujeito a uma lei inexorável, mas sua condição é determinada por sua vontade.

O sofrimento físico é uma condição natural do mundo em seu período primitivo. Nos mundos felizes, quando os indivíduos são solidários entre si, já não existe nas proporções do que ocorre nas condições atuais da Terra. As vicissitudes da vida são oportunidades para que os Espíritos, desde o simples e ignorante, enfrentando-as como desafios, desenvolvam sua inteligência e qualidades morais por seu esforço.

Os Espíritos superiores explicam que os Espíritos, quando começam a desenvolver-se intelecto-moralmente, no mundo espiritual percebem que são responsáveis pelo próprio planejamento de seu progresso. Quando adquirem essa consciência – e todos chegam a essa condição, com mais ou menos tempo –, passam a fazer a escolha de suas provas, pedindo para vivenciar determinadas vicissitudes como instrumentos para alcançar seus objetivos. Quando estão no mundo espiritual, estudam a si mesmos, reveem as vidas pregressas, elaboram projetos de vidas futuras, entusiasmados com as conquistas que podem adquirir por seu esforço e determinação. Depois,

quando o progresso está realizado, a felicidade proporcional é a consequência natural. Mas, mesmo aí, continuam a fazer uso das provas, enquanto reencarnam, mas agora as vicissitudes são oportunidades de servir, por seu exemplo, ao progresso das criaturas com as quais convivem e desejam que sejam felizes como eles são.

No mecanismo da evolução do Espírito, a responsabilidade pelos atos ocorre na proporção da competência de escolher pelo domínio da vontade, ou livre-arbítrio, proporcional à capacidade intelectual ou inteligência alcançada<sup>64</sup>. O ser livre, consciente de suas escolhas, tem responsabilidade moral por seus atos. Segundo esse princípio, o ato só tem consequências morais quando o espírito o faz de forma consciente e livre. Por exemplo, um espírito simples e ignorante pode matar um invasor de seu território agindo por instinto. Já aquele que mata para satisfazer o comando de seu orgulho é responsável pelo ato. O espírito que sofre sem compreender a causa considera seus infortúnios como castigo. E Allan Kardec precisa citar esse termo, comumente considerado, *castigo*, para ressignificá-lo pela nova teoria moral que apresenta. Assim, Kardec define, quanto à responsabilidade pelos atos e não quanto ao sofrimento moral: “Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo: a única lei geral é que toda falta terá punição, e terá recompensa todo ato meritório, segundo o seu valor” (KARDEC, [1865] 1995, p. 92).

Realmente, há responsabilidade por todos os atos equivocados praticados de forma consciente e intencional, e eles precisam ser reparados, mas a reparação só ocorre se for feita também de forma consciente, realizando o bem no lugar do mal anteriormente praticado. E essa condição de agir pelo bem é uma conquista do Espírito imperfeito somente depois de passar por arrependimento e expiação. O bem só tem sentido quando exercido de forma desinteressada, e nunca quando é um ato submisso pelo medo de ser castigado. Toda reparação se dá pela caridade desinteressada. Enquanto não

passar pelo processo de expiação para superar sua condição de imperfeição, o espírito permanecerá sofrendo moralmente e considerando as dificuldades da vida como castigo, imerso na ilusão consequente do caminho que escolheu. Por mais que o sofrimento pareça eterno para o Espírito imperfeito, sempre haverá nova oportunidade concedida por Deus para o seu despertar, ele sempre a renova, tanto tempo quanto o Espírito demorar para arrepender-se. Assim:

Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas encarnações quantas as necessárias para atingir seu objetivo, a perfeição. Para cada nova existência de permeio à matéria, entra o Espírito com o cabedal adquirido nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso. A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos, deixando de ser necessária desde que estes, transpondo-lhe os limites, ficam aptos para progredir no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores, que nada têm da materialidade terrestre. Da parte destes a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta e tendente ao cumprimento da missão que lhes compete junto dos mesmos. Desse modo aceitam abnegadamente as vicissitudes e sofrimentos da encarnação. (KARDEC, [1865] 1995, p. 32)

Durante a vida na Terra, quem tem um sofrimento moral, como revolta, raiva, em razão de uma perda material, doença ou lesão física de seu organismo, sente isso por ter uma imperfeição, como orgulho e egoísmo. Essa condição de imperfeição é um estado da alma criado por ele mesmo, um hábito infeliz. A dificuldade que enfrenta, portanto, não é verdadeiramente um castigo, mas uma oportunidade para despertar, compreender que só deixará de sofrer moralmente quando superar essas imperfeições. Quando enfrenta as dificuldades sem revolta e raiva, lutando para superá-las, percebendo que todos as enfrentam neste mundo, é porque já está em vias de progresso, de mudança de mentalidade. Mas todos chegarão à condição de entendimento a partir do qual enfrentam as vicissitudes da vida de cabeça erguida, sem murmurar, mostrando àqueles à sua volta que são fortes para manter a esperança e a felicidade da alma mesmo enquanto vivem a maior das adversidades, mergulhados nas

tempestades da vida. Esse foi o ensinamento simbólico de Jesus, quando permaneceu sereno no barco, enquanto os discípulos se desesperavam, temerosos com a tempestade que os sacudia violentamente. Todo mundo tem o potencial de conquistar essa tranquilidade do justo, a serenidade do entendimento, a paz do espírito, aos poucos e progressivamente, pois essa é a nossa meta.

Essa é a verdadeira justiça divina segundo o Espiritismo. A mais ampla condição de liberdade e responsabilidade individual. O Espírito é o árbitro de si mesmo. Quando consciente de seu destino, é ele próprio que planeja seus desafios e escolhe suas provas. Se o sofrimento moral é consequência natural, a felicidade é proporcional à conquista da caridade desinteressada, da sabedoria, permitindo participar da criação divina, contribuindo ativa e progressivamente para a harmonia universal. Quem é feliz no Universo não só usufrui de uma conquista meritória como a deseja para todos, fazendo uso integral de seu tempo e sua habilidade para auxiliar os Espíritos inferiores a ele a alcançarem sua condição ditosa.

## **A evolução moral do planeta: caridade desinteressada ou ubuntu**

Todos os planetas vivenciam fases semelhantes quanto ao processo evolutivo da humanidade que habita cada um deles. Semelhante ao que ocorre com um ser humano que é inicialmente um bebê, depois uma criança, um jovem e, por fim, adulto.

Na primeira fase, o *mundo primitivo*, depois do desenvolvimento das espécies hominídeas, os humanos agem por instinto, nômades, caçam e lutam pela sobrevivência. Vivem em sociedade, mas com limites naturais. A mulher carrega um só filho, não há, normalmente, alimentos para doentes e idosos, como ocorre nas espécies animais. Os homens caçam dentro dos limites dos instrumentos primitivos que o instinto fez surgir. Todos os seus

hábitos são condicionados instintivamente, e os grupamentos sobrevivem e as gerações se sucedem.

Quando os Espíritos começam a encarnar na espécie humana, no decorrer de centenas de vidas, começam a tomar consciência de si mesmos. No decorrer das gerações, surgem novos hábitos, agora adquiridos pelas faculdades que se ampliam, inteligência, livre-arbítrio e imaginação. Aos poucos, a inteligência vai superando os instintos. Isso permite o desenvolvimento da inteligência, enfrentando as dificuldades do cotidiano. Desenvolvem métodos para caçar animais maiores. Com uma oferta mais abundante de alimentos, tudo muda em sua estrutura social. Passando mais tempo em cada lugar, constroem abrigos mais seguros, dominam o fogo, cozem os alimentos preservando-os por mais tempo e dando-lhes melhores sabores, aquecem-se durante o inverno e as noites, adquirindo maior conforto. Há agora alimento para cuidar dos doentes e prover os mais velhos. Os doentes recuperados, que anteriormente estariam perdidos, retornam à atividade, favorecendo a força do grupo. Conscientes do fenômeno da morte como passagem a um outro estado, enterram seus mortos. Podem ter mais filhos e a população aumenta, preparando-se para as necessidades populacionais futuras. Os idosos podem ajudar as mulheres na criação.

O instinto materno e os sociais, aos poucos, apreciados de forma consciente, vão criando os primeiros lampejos de solidariedade, fraternidade e amor, despertando o senso moral. A força da coletividade motiva e dá segurança a cada um de seus membros. Esse sentimento ancestral de união da aldeia, quando o desenvolvimento de um representa o ganho, em verdade, de todo o grupo, é o conceito que, na língua zulu, chama-se *ubuntu* (pronuncia-se *ubúntu*). Quando alguém do grupo está diminuído, oprimido, fraco, os outros acorrem a ele, pois, enquanto ele está doente, todos estão juntos com ele. Quando ele melhora, a aldeia celebra.

*Ubuntu*, mantido desde milênios na África, é uma ética social, propondo o respeito mútuo, humanidade para com todos, “eu sou porque nós somos”. É preciso acordo e consenso para progredir juntos, e essa condição requer o respeito mútuo. Todos têm algo a ensinar, um é diferente do outro, pois escolheram caminhos diversos e pessoais, então a diversidade é um valor fundamental do grupo. Prêmio Nobel da Paz de 1984, o bispo sul-africano Desmond Tutu explica o que é *ubuntu*:

É a essência do ser humano. Ele fala do fato de que minha humanidade está presa e está indissolúvelmente ligada à sua. Eu sou humano, porque eu pertença. Ele fala sobre a totalidade, sobre a compaixão. Uma pessoa com *ubuntu* é acolhedora, hospitaleira, generosa, disposta a compartilhar. A qualidade do *ubuntu* dá às pessoas a resiliência, permitindo-lhes sobreviver e emergir humanas, apesar de todos os esforços para desumanizá-las. (BOODRYK *apud* LUZ, 2014)

A máxima zulu, por exemplo, *umuntu ngumuntu ngabantu*, significa que uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas. Os curandeiros das aldeias preservavam os valores conquistados, como uso de ervas e outros valores. Sendo médiuns, também mantinham o contato com os Espíritos ancestrais, fazendo diagnósticos, auxiliando o cotidiano da aldeia. Ou seja, a comunhão do *ubuntu* ultrapassa o mundo físico e integra homens e Espíritos. Continua Tutu:

Uma pessoa investida do princípio *ubuntu* está aberta e disponível para as outras, apoia as outras, não se sente ameaçada quando outras pessoas são capazes e boas, com base em uma autoconfiança que vem do conhecimento de que ele ou ela pertence a algo maior que é diminuído quando outras pessoas são humilhadas ou diminuídas, quando são torturadas ou oprimidas. (*idem*).

Nas grandes cidades atuais, onde as pessoas vivem juntas mas completamente isoladas, podemos considerar que tanta depressão, ansiedade, angústia, pânico, doenças amplamente presentes na vida moderna seriam causadas pelo desconhecimento e pela ausência dos valores íntimos e das relações sociais propostas pelo *ubuntu*. A evolução moral proposta pelo Espiritismo, descrita como caridade desinteressada, tendo

como efeito futuro a felicidade como valor comunitário, espelha-se exatamente no contexto filosófico e prático do *ubuntu*. Simbolicamente, chegou o tempo de aprender com a África!

O ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela lembra que, desde a infância, conforme hábitos ancestrais que se perdiam no passado, um viajante atravessando longo caminho não precisava pedir nada quando chegava a uma aldeia: davam-lhe água e comida, ofereciam entretenimento e abrigo, por um gesto humano natural; esse acolhimento, aspecto de uma comunhão universal, é um dos aspectos do *ubuntu*. Ele comentou numa entrevista:

Respeito. Cortesia. Compartilhamento. Comunidade. Generosidade. Confiança. Desprendimento. Uma palavra pode ter muitos significados. Tudo isso é o espírito de *ubuntu*. O *ubuntu* não significa que uma pessoa não se preocupe com o seu progresso pessoal. A questão é: o meu progresso pessoal está a serviço do progresso da minha comunidade? Isso é o mais importante na vida. E se você conseguir viver assim, terá atingido algo muito importante e admirável (*idem*).

Voltando à história evolutiva da Terra em seu período primitivo: quando os Espíritos conquistavam suas faculdades, agindo com o apoio das leis morais universais presentes em suas consciências, alguns escolhiam caminhos divergentes do lema comum do *ubuntu*. Com o passar das gerações, um ou outro jovem caçador, por ser mais forte e habilidoso, pode começar a considerar que, por ser melhor que os outros da aldeia, deveria ter privilégios e honrarias, a despeito do *ubuntu*. Passa a achar que sua função é mais importante que a dos outros. Certamente não se dá conta de que todos os valores que usufrui foram conquistas coletivas e milenares, e que ele apenas as compartilha. Esquece que o benefício da vida em grupo se deve à participação de todos igualmente. Persistindo nessas ideias, fará de sua ação o reflexo delas. Repetidos no decorrer das vidas, esses atos vão se tornar hábitos, que são as imperfeições. Do orgulho deriva o egoísmo, e dos dois todas as mazelas. E, inerente a eles, o sofrimento moral, como vimos.

Os avanços material e intelectual da humanidade ocorreriam naturalmente, mas em tempos demasiado longos; as leis naturais servem-se de um auxílio mútuo eficaz entre planetas afins para servir a ambos. Em outro planeta, onde os humanistas lutam para vencer os hábitos egoístas e orgulhosos do velho mundo para proporcionar uma solidariedade entre todos, aos poucos essa regeneração da humanidade vai se estabelecendo. O bem passa a predominar, e os Espíritos imperfeitos que insistem em não se transformar não encontram mais ambiente para lá permanecer. Assim, quando teve início o período de civilização, nosso planeta recebeu Espíritos inteligentes, mas imperfeitos desse outro orbe na fase de regeneração:

Os Espíritos que dela fazem parte foram exilados na Terra, já povoada, mas de homens primitivos, mergulhados na ignorância, e que eles tiveram a missão de fazer progredir, trazendo as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não será este, com efeito, o papel que essa raça desempenhou até nossos dias? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde saíram estava mais avançado que a Terra. Mas esse mundo, devendo entrar em uma nova fase de progresso, e esses Espíritos, ante sua obstinação, não querendo colocar-se à altura, ficaram deslocados, tornando-se um entrave à marcha providencial das coisas. Eis por que foram excluídos, ao passo que outros mereceram substituí-los. (KARDEC, [1868] 2018, p. 243)

Os Espíritos que tiveram suas primeiras vidas na Terra, ganharam consciência e desenvolveram suas faculdades iniciais, possuíam responsabilidade moral limitada pelo grau de conhecimento ainda pequeno e, com a chegada dos exilados, vão ter que lidar com os contrastes entre o bem e o mal, que servirão para seu aprendizado. Bons Espíritos vão reencarnar também nessa fase, e voltarão de tempo em tempo, para consolar e mostrar o caminho da liberdade, que tem como meta a verdadeira felicidade, ensinando o desinteresse como meio de alcançá-la.

Por outro lado, apesar de dedicar todo o seu esforço para melhorar a vida de um mundo primitivo, o exilado, acostumado com o conforto e os prazeres de uma civilização avançada tecnologicamente, vai lutar para elevar a Terra a uma condição semelhante. Mas, orgulhosos, percebendo

que são mais inteligentes que os nativos, vão criar as figuras mitológicas da queda do paraíso, lembrando de seu planeta de origem. Os egípcios elaboraram a lenda de Osíris, deus vindo de outro mundo, que ensina aos simples como cultivar, criar animais, irrigar, levantar casas, ruas, encarnando no mundo na figura do faraó. Mas como não é verdadeiramente um deus, mas um Espírito inteligente, mas orgulhoso, vai exigir o trono, a submissão dos súditos, os privilégios do palácio, esquecendo-se dos simples.

Por isso, os Espíritos primitivos de nosso planeta vão continuar a enfrentar as provas para desenvolver sua inteligência e seu senso moral. Mas caberá aos exilados, mergulhados em seu sofrimento moral trazido desde muitas vidas, arrepender-se e fazer uso das provas para sua expiação e reparação; por isso, essa segunda fase evolutiva do planeta chama-se *mundo de expiações e provas*. Como explica Kardec, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

Nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Os Espíritos em expiação, são exóticos na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. E que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado. (KARDEC, [1864] 1996, p. 78)

Nosso mundo está agora em transição. Enquanto antigos Espíritos exilados, orgulhosos e egoístas, teimam em manter seus privilégios, à custa da submissão dos povos, um contingente cada vez maior de pessoas adere ao sonho de uma nova humanidade, fundada nos princípios de liberdade,

igualdade e solidariedade.

O mundo está nas vésperas de sua terceira fase evolutiva, que é o mundo de regeneração, e o Espiritismo surge nesse momento extremamente favorável, pois os tempos estão chegados. Em seu lema, fora da caridade desinteressada, portanto livre, consciente e solidária, não haverá salvação. Depois de os exilados darem o impulso na evolução material, representada por conhecimento, tecnologia e comunicação, cabe a eles agora ficar dispostos a aprender com os povos primitivos da Terra, compreendendo o conceito de *ubuntu*, para uma evolução moral de todos, para todos e por todos.

É hora de reconhecer a importância da diversidade de línguas, histórias, valores e costumes, considerar a diversidade e a história do homem comum como sendo legítima e valorosa. O professor de filosofia Johann Broodryk, autor de *Ubuntu Management and Motivation*, conta que:

O individualismo ressalta aspectos aparentemente solitários da existência humana, em detrimento dos aspectos comuns. Para o coletivista, a sociedade nada mais é que um grupo ou uma coleção de indivíduos solitários. No Ocidente, o individualismo, muitas vezes, se traduz em uma competitividade impetuosa. Isso está em contraste com a preferência africana para a cooperação, o trabalho em grupo ou *Shosholozza*. (BOODRYK *apud* LUZ, 2014)

*Ubuntu*, que podemos relacionar ao conceito de caridade desinteressada, demonstra que, com a união de propósitos em torno de um só ideal, independentemente de alcançarmos todos a condição de Espíritos superiores, poderemos conquistar, por uma mudança de disposição moral da heteronomia para a autonomia, antes do que esperamos, a fase evolutiva derradeira de *mundo feliz*.

## **A moral espírita na família**

Vivemos num planeta cuja humanidade está em transformação, a conquista da evolução material proporcionou formação científica, tecnologia e conforto para uma parcela da população mundial. Por outro lado, uma

sociedade de consumo, competitiva e baseada na satisfação dos desejos próprios tornou o comportamento egoísta um padrão para as relações sociais, hábitos e instituições. Isso porque a teoria moral sensualista do materialismo está implícita em nossa sociedade. Por outro lado, em razão da frieza desse cenário, quando as dificuldades da vida chegam a uma condição insuportável, as igrejas enchem seus salões, com promessas de solução mágica, como se Deus escolhesse favorecer alguns por predileção, deixando aos desprevenidos todas as desgraças. São falsas promessas: de um lado, os prazeres que não trazem felicidade, de outro, uma religiosidade do toma lá dá cá, que está longe da Providência divina. Esse panorama é o símbolo do mundo velho, marcado pela moral heterônoma, que teima em sobreviver.

Todos os indivíduos progressistas, que compreendem a moral autônoma como lei natural, percebem a necessidade de uma sociedade solidária e inclusiva; além de moldarem a vida íntima a partir de novos princípios, também desejam, naturalmente, organizar a vida familiar segundo a moral da liberdade. E esse é o desafio de nosso tempo.

Uma das dificuldades maiores está no fato de que as crianças vão crescer, em sua maioria, em escolas que, por adotarem uma teoria materialista em sua estrutura, estimulam a competição, professores que lidam com recompensas e castigos, promovendo um comportamento baseado em interesses, acostumados a privilegiar os mais capazes e subestimar os que possuem menor capacidade, sem levar em conta que são Espíritos com trajetórias e vivências diversas. Quem deseja adotar em família a proposta espírita, precisa repensar hábitos e relações sociais para, em casa, adotar um caminho diferente do que o mundo velho oferece. Como explica Kardec, quando, num artigo, trata da educação da infância:

De todas as pragas morais da sociedade, o egoísmo parece a mais difícil de desenraizar; ela é tanto mais, com efeito, quanto é entretida pelos próprios hábitos da educação. Parece que se toma, desde o berço, a tarefa de excitar certas paixões que se tornam mais tarde uma segunda

natureza, e se espanta dos vícios da sociedade, quando as crianças os sugam com o leite. Eis disso um exemplo que, como cada um pode julgá-lo, pertence mais à regra do que à exceção. (KARDEC, [RE] 1864, p. 25)

Em seguida, Allan Kardec conta um episódio que observou numa família de seu conhecimento, onde uma menina de 5 anos, muito inteligente, mas um tanto mimada e caprichosa, teimosa e chorosa quando não conquista o que deseja. Os pais, desejosos de fazê-la superar esses defeitos mas fazendo uso de uma teoria moral equivocada, procedem da seguinte maneira:

Um dia, havia sido trazido um bolo à criança, e, como é geralmente o hábito, se lhe disse: – Você vai comer se for obediente. Primeira lição de guloseima. Quantas vezes não se chega a dizer, à mesa, a uma criança, que não comerá de tal gulodice se chorar. – Faça isto, faz aquilo, se lhe diz, e poderá comer creme. Ou alguma outra coisa que possa lhe apetercer; e a criança se constrange, não por razão, mas tendo em vista satisfazer um desejo sensual que a aguilhoa. É bem pior ainda quando se lhe diz, o que não é menos frequente, que se dará sua porção a um outro; aqui não é mais a gulodice só que está em jogo, é a inveja; a criança fará isso que se lhe manda não só para ter, mas para que um outro não tenha. Então dizem: – Dá esta fruta ou este brinquedo a alguém. Se ela recusa, não deixam de acrescentar, para nela estimular um bom sentimento: – Eu te darei um outro. Assim, a criança só se decide a ser generosa quando está certa de nada perder. (*Ibidem*)

O que Kardec quer demonstrar com esse exemplo? O equívoco de fazer uso de recompensa e castigo para tentar promover a moral. Com isso, só se consegue condicionar a criança a um comportamento do qual ela nem compreende o motivo nem o faz por considerar racional, mas corresponde por medo ou satisfação de seus interesses. A criança assim treinada é como o animal, o cãozinho que recebe uma guloseima quando faz o que quer seu dono ou é repreendido quando faz o inverso. Obrigar a ajudar os outros, por sua vez, torna o ato um sacrifício, portanto indesejável. Em outra oportunidade, Kardec testemunhou que, como castigo, a criança foi obrigada a dar seu doce a uma pobre vizinha. Os pais desejavam que ela aprendesse a ser desprendida. Explica Kardec:

A criança, com efeito, recebeu uma grande lição, mas uma lição do mais puro egoísmo, do qual não deixará de se aproveitar numa outra vez, porque ela sabe agora o que custa a

generosidade forçada; resta saber que frutos dará mais tarde essa semente, quando, mais idosa, a criança fará a aplicação dessa moral em coisas mais sérias do que um bolo. Sabem-se todos os pensamentos que só esse fato pôde fazer germinar nessa jovem cabeça? Como se quer, depois disso, que uma criança não seja egoísta quando, em lugar de despertar nela o prazer de dar, e de lhe representar a felicidade daquele que recebe, se lhe impõe um sacrifício como punição? Não é inspirar a aversão pelo ato de dar, e por aqueles que têm necessidade? (KARDEC, [RE] 1864, p. 25-6)

Nas pequenas coisas do dia a dia é que se escondem os estímulos ao orgulho e ao egoísmo, imperceptíveis se não examinados atentamente, como fez Kardec. O ato moral deve ser completamente desinteressado, essa é a sua condição fundamental. Esses fatos repetidos inoculam, “desde a mais tenra infância, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, em uma palavra, que são, com razão, consideradas como as pragas da Humanidade” (KARDEC, [RE] 1864, p. 26). Para os filhos escaparem desses estímulos precisam ter uma natureza espiritual muito sólida, pois a maioria acaba por criar hábitos condicionados que o acompanharão por toda a vida adulta. Mas, na quase totalidade, os pais agem assim tentando acertar, com as melhores intenções, pois não aprenderam a verdadeira teoria moral, completa Kardec:

Essa falta, sem dúvida, está nos pais, mas aqueles pecam frequentemente, é preciso dizê-lo, mais por ignorância do que por má vontade; em muitos, incontestavelmente, há uma negligência culpável, mas em outros a intenção é boa, é o remédio que não vale nada ou que é mal aplicado. Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, deveriam estar instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de cumpri-los; não basta ao médico saber que deve procurar curar, é preciso que saiba como deve fazê-lo. Ora, para os pais, onde estão os meios de se instruírem sobre essa parte tão importante de sua tarefa? Dá-se às mulheres muita instrução hoje; fazem-na suportar exames rigorosos, mas jamais foi exigido de uma mãe que ela saiba como deve fazer para formar o moral de seu filho? São-lhes ensinadas receitas do governo da casa; mas se a iniciou nos mil segredos de governar os jovens corações? Os pais são, pois, abandonados sem guia à sua iniciativa, é por isso que, frequentemente, tomam um falso caminho; também recolhem, nos erros de seus filhos tornados grandes, o fruto amargo de sua experiência ou de uma ternura mal combinada, e a sociedade toda disso recebe o contragolpe. (*Ibidem*)

Para acabar com o egoísmo e o orgulho é preciso atacá-los quando ainda

se mostram embrionários, para que conquistemos a caridade, a paz e a fraternidade no futuro. O quanto o Espiritismo pode contribuir nessa tarefa familiar? Responde Kardec:

Sem nenhuma dúvida, e não hesitamos em dizer que só ele é bastante poderoso para fazê-lo cessar: pelo novo ponto de vista sob o qual faz encarar a missão e a responsabilidade dos pais; fazendo conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando-lhes a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando-lhes a fé inabalável que sanciona os deveres; enfim, moralizando com isso os próprios pais. Já prova sua eficácia pela maneira mais racional pela qual as crianças são educadas nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que o Espiritismo abre fazem ver as coisas de maneira diferente; sendo seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá levar a luz sobre a séria questão da educação moral, fonte primeira da moralização das massas. (*Ibidem*)

Os espíritas precisam trabalhar com firmeza para estabelecer o ensino de uma educação moral baseada nos princípios espíritas bem compreendidos, na moral autônoma ou na caridade desinteressada. Todos precisam dessa ciência, sejam os pais, os professores, os jovens, as crianças. Isso ocorrerá certamente no futuro, pois:

Um dia compreender-se-á que esse ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, em uma palavra, que é uma verdadeira ciência; um dia, talvez, se imporá a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como se impõe ao advogado a de conhecer o Direito. (*Ibidem*)

Enquanto isso não ocorre, o estudo das relações familiares, com o objetivo de superar esses pequenos hábitos que estimulam o egoísmo e o orgulho, e praticar uma educação pela e para a liberdade, é o dever de todo espírita consciente em seu próprio círculo de convivência.

Numa família espírita, o diálogo deve ser a base das relações entre todos. Todavia, num verdadeiro diálogo, os pais não podem se colocar num papel ingênuo de autoridades máximas, detentores do saber e do absoluto controle emocional, pelo simples motivo de que isso não é verdade! Todos nós temos momentos de fraqueza, conhecimentos limitados e, principalmente, dúvidas. A mudança é uma característica natural da vida humana. Por outro

lado, os filhos não são seres simples e ignorantes, mas almas com vivências milenares, possuindo saberes, virtudes e também imperfeições, numa diversidade grandiosa. Dialogar não é ouvir o outro, aguardando apenas para continuar a falar o discurso previamente pensado. Ouvir é prestar atenção, buscar compreender a mensagem, colocar-se no lugar do interlocutor para entender suas ideias, motivações, esperanças. De tal modo que sua próxima fala seja afetada, modificada pelo que o outro disse, promovendo uma interação, um ganho maior que o valor das partes.

A vida é um processo de aprendizagem dos valores morais, e toda a família está relacionada com esse objetivo. Desde a criança, é necessário um esforço para descobrir que espírito está ali, quais são suas características, que dificuldades enfrenta, quais seus valores e suas dificuldades. Quando os pais identificam que a criança sabe mais que os colegas e tem liderança, às vezes competindo até mesmo com os professores, demonstrando que, além de ser inteligente, também é orgulhosa, não cabe defendê-la com unhas e dentes, considerando que o mundo a ataca por não a compreender, pois isso vai reforçar ainda mais sua imperfeição. Pois o orgulho é a verdadeira causa de seus sofrimentos. Desde criança, é possível dialogar e demonstrar que, quando temos mais de algo que os outros, temos o dever de fazer uso disso para um proveito coletivo, para ajudar quem tem menos, pois só assim criamos um ambiente progressivo e agradável. Se somos mais inteligentes, é que vivemos mais tempo, e os outros vão chegar também a essa condição mais à frente. Demonstrar que a inteligência é boa, mas o orgulho é fonte de sofrimento, é verdadeiramente ajudar aquela criança a se tornar um adulto consciente, para que não caia na revolta, que é improdutiva e degradante. Falar que, além de inteligência, devemos ter controle sobre a vontade para desenvolver o senso moral, é a mais produtiva educação.

Mas, para que haja reciprocidade, os pais também devem expor a si

mesmos, pois as máscaras que o mundo egoísta impõe que todos usem não devem prevalecer nas relações familiares. Para sobreviver numa sociedade competitiva, os indivíduos desenvolvem máscaras para esconder suas fraquezas, temores, dúvidas, ambiguidades. Essa máscara não corresponde à verdadeira personalidade, mas ao estereótipo em que se deseja que os outros acreditem. No lar, esse comportamento cria distanciamento e uma artificialidade que distancia a todos.

Uma mãe está enfrentando grave problema, sente-se atormentada por não ver uma solução e no cotidiano, ao se lembrar da situação, chora buscando não ser vista. A criança percebe e questiona:

- Mãe, você está triste, está chorando?
- Não, filho, é impressão sua – ela responde, enxugando as lágrimas.
- Mas eu vi, mãe.

– Não foi nada, não aconteceu nada, deixa para lá – responde a mãe, tentando encerrar a situação, que não deseja compartilhar. Todavia, por vezes, a insistência da criança pode levar até a um comportamento agressivo, mesmo que até inconsciente, para acabar com aquela situação indesejável. Pois a mãe avalia que esse problema é dela, não deve envolver a criança, ademais, não quer demonstrar uma fraqueza. Além de outros motivos pessoais e diversos.

Todavia, nunca se pensa no que se passa na cabeça da criança. O universo do adulto é mais amplo, engloba os ambientes profissionais, o país, os problemas mundiais, o restante da família distante e muitos outros assuntos. Mas a criança vive num mundo presencial pequeno, normalmente escola, família, amigos e pouco mais. Em sua cabeça, pois, ao reconhecer a tristeza da mãe, a recusa e o afastamento, mesmo quando não há agressividade, leva-a a concluir por sua própria culpa. “Minha mãe está triste e brava, o que eu devo ter feito para isso?” O mesmo ocorre quando o pai descarrega suas frustrações em seu comportamento em casa. Mas a solução para

melhorar essa relação não está em todos se tornarem perfeitos de repente. Todos felizes e satisfeitos apesar do problema, como anjos instantâneos. Isso é fantasia. Mas o diálogo sincero pode se tornar excelente ferramenta para uma relação produtiva, permitindo que todos cresçam ao enfrentar as dificuldades. Quando a mãe está triste e o filho vê, é possível explicar o que está acontecendo, mesmo de forma simplificada.

– Estou triste, sim, mas não é nada com você, é coisa minha.

– Por quê, mãe?

– Porque ainda não sei resolver o problema e fico apreensiva.

Certamente, a criança vai ter um impulso de acolhimento, abraçar e compartilhar o sentimento, mesmo que não saiba do que se trata, pois não vai se achar a culpada e se sentirá útil ao diminuir a tristeza de sua mãe.

Quando os pais demonstram seus sentimentos e suas inseguranças, estão pelo exemplo preparando seus filhos para a vida real que eles vão encontrar mais à frente.

Firmar a relação numa autoridade absoluta, para não mostrar fraqueza, é cultivar o imobilismo, condicionando o comportamento dos filhos por medo e submissão, criando um comportamento supostamente moral e adequado, mas que normalmente é superficial e não corresponde à verdadeira personalidade dos pais. Por exemplo, quando um dos pais repreende a criança e mostra o companheiro chorando e diz à criança: – Olha o que você fez, você deixou ele triste, olha que coisa horrível. – Em sua mente, nessa situação, os filhos estão construindo a ideia de que não podem deixar aqueles de quem querem o apreço ficarem tristes, pois senão estarão errando e sendo excluídos. Todavia, quando estiverem maiores e, porventura, lidarem com amizades inadequadas e forem convidados a fazer atos ou participar de atividades que considerem equivocadas, podem aderir pelo medo de deixar os outros tristes e perder o convívio social que almejam, exatamente como aprenderam na relação familiar.

Para um comportamento moral verdadeiro e autônomo, é preciso dar uma razão plausível para a criança e o jovem, por meio de um diálogo esclarecedor. Só germinará a semente da responsabilidade real pelos atos se ela for lançada no terreno fértil da liberdade. Quando os pais compartilham os problemas da família, os filhos podem sofrer junto, mas vivem solidários e, quando as dificuldades forem superadas, se sentirão partícipes dos bons momentos. Devemos falar dos sentimentos, denunciar o egoísmo e o orgulho como chagas da humanidade, explicar que somos seres em evolução e que errando é que aprendemos. Contar que somos livres e responsáveis por servir ao próximo a partir dos valores já conquistados, além de prevenir sobre o cenário do velho mundo que ensina o contrário, que devemos lutar para superá-lo e ter paciência enquanto esse momento não chega. Considerar que somos responsáveis pelos nossos atos e que, se sofremos moralmente, é em virtude de nossas próprias imperfeições, e que, lutando para superá-las, conquistamos a felicidade. Contar que as dificuldades e os sofrimentos da vida são oportunidades de superação e conquista, e que na verdadeira vida, a vida espiritual, vamos valorizar nossa evolução nesse sentido. A vida não é uma só, os que se foram estão próximos, Deus nos ampara e só permite a dificuldade que se consegue enfrentar, e teremos muitas outras vidas para conviver e crescer juntos. Esses são os valores espíritas que podem levar à família reflexões consoladoras.

A família não é uma relação de autoridade onde o adulto tem a responsabilidade de moldar os filhos. A família é uma jornada de almas em fases diferentes da vida fisiológica, mas todos são Espíritos vividos, com trajetórias próprias, e estão juntos por afinidades positivas e negativas, mas sempre apropriadas e necessárias, uma relação que deve representar, em seu ideal, um porto seguro, um ambiente acolhedor, mesmo que a sociedade ainda seja opressora e ofereça princípios contrários. Pois nossa tarefa

coletiva é exatamente refazer o mundo, ao mesmo tempo que refazemos a nós próprios. Hoje, em cada indivíduo que desperta; depois, contagiando sua família; em seguida, os grupos sociais; e, por fim, toda a humanidade. Podemos escolher os caminhos, mas o destino é certo e previsto: um mundo feliz.

---

22. O Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz cuidam, desde 1949, de portadores de deficiência intelectual, com ou sem deficiência física associada. Entidade de referência, realiza anualmente 195 mil atendimentos médicos e terapêuticos em todas as especialidades.

23. Comunicado da FEB: “*A Gênese, edição definitiva*, de 29 de janeiro de 2018”. Diante dos documentos que comprovam que a alteração ocorreu na quinta edição, no ano de 1872, fica provado que Allan Kardec não a publicou em vida. Portanto, prevalece a dúvida, e a definitiva é a primeira edição (considerando que as quatro primeiras são idênticas). Para considerar válida a quinta, caberia *provar que foi Kardec*. No entanto, não há prova alguma.

24. *Iluminismo* ou *esclarecimento* são traduções do termo alemão *Aufklärung*, uso da razão para a conquista do progresso. Veja sua definição em *O que é Esclarecimento?*, livro de Immanuel Kant. Segundo ele, é a saída do homem de sua menoridade, que é a incapacidade de se servir do próprio entendimento sem direção alheia.

25. *Essai sur les fondements de la psychologie, Oeuvres choisies*, v. VII, p. 187.

26. Diferindo da psicologia dos tempos recentes, cuja disciplina tem amplo interesse clínico, a psicologia experimental espiritualista do século 19 pretendia melhorar o ser humano para a conquista de uma nova era, objetivando sua evolução intelecto-moral.

27. O termo “positivo” faz, nessa época, referência ao que é científico, apreciado por meio da metodologia científica. Biran desenvolveu o espiritualismo pela ciência psicológica, que ficou conhecida como positivista espiritualista. Tempos depois, combatendo o Espiritualismo Racional proposto por Victor Cousin e demais estudiosos, Augusto Comte vai combatê-lo, adotando para sua doutrina o termo “positivismo”, retomando os conceitos da ideologia. Para ele, a introspecção de Biran não seria ciência, abolindo a psicologia de seu quadro das ciências. Por isso, quando Allan Kardec se refere aos termos “positivo” e “positivismo” em suas obras, está fazendo uso do significado próprio das palavras, sinônimo de científico, e não à doutrina de Comte, que, por sinal, é absolutamente oposta ao Espiritualismo Racional, e, por consequência, ao Espiritismo, que lhe seria posterior.

28. A Escola Normal Superior de Paris foi criada em 1794 pela Convenção Nacional, sendo que o decreto de 9 de brumário estipulava em seu artigo primeiro: “Será estabelecida em Paris uma *Escola Normal*, para a qual serão convocados, de todas as partes da República, cidadãos já instruídos nas ciências úteis, para aprender, com os professores mais hábeis de todos os gêneros, a arte de ensinar”.

29. Gonçalves de Magalhães, médico, diplomata, professor, político, poeta e ensaísta brasileiro. Depois de estudar na França com Jouffroy, discípulo de Victor Cousin, trouxe ao Brasil o Espiritualismo Racional; também foi o primeiro divulgador, na corte do Rio de Janeiro, do magnetismo animal proposto por Mesmer. Depois, a partir de seu amigo Porto-Alegre, que conhecia Allan Kardec, recebeu dele suas obras e pesquisou a mediunidade e tornou-se o primeiro filósofo espírita. Há mais detalhes sobre a primeira geração espírita brasileira na obra *Revolução espírita: a teoria esquecida de Allan Kardec*, por Paulo Henrique de Figueiredo.

30. O *Tratado elementar de philosophia* era estudado nas instituições de ensino secundário do Segundo Império do Brasil. Ele atendia ao programa de ensino do Imperial Colégio de Pedro II e era extensivo aos exames gerais preparatórios para o ensino superior. Seu primeiro volume trata de psicologia e lógica. O segundo volume, de moral, metafísica e teodiceia, além de uma história da filosofia por François Auguste Jaffre.

31. Estado alterado de consciência descoberto pelo médico Franz Anton Mesmer.

32. Foi exatamente esse caminho que Allan Kardec percorreu, fazendo do Espiritismo uma proposta de educação baseada na liberdade, fundamentado como ciência por estar integrado ao projeto das ciências filosóficas, tendo como base a psicologia experimental. Por isso, repetimos, a *Revista Espírita*, instrumento de elaboração da Doutrina Espírita, foi um *jornal de estudos psicológicos*.

33. Allan Kardec, consciente dessa necessidade de sua época, deu ao Espiritismo o necessário caráter de fé raciocinada, tornando as consequências morais das ciências filosóficas exatamente as mesmas da Doutrina Espírita.

34. O atual cenário cultural da humanidade se colocou distante dessa realidade, de tal modo que não faria sentido ensinar nas escolas a necessidade de superar o egoísmo por uma visão social abrangente, considerando o bem-estar de todos como pressuposto para o individual, numa completa inversão de raciocínio do utilitarismo. O materialismo torna o egoísmo arraigado nas estruturas sociais, e sua extirpação só se fará conscientemente, pela análise lúcida e racional dos princípios psicológicos, quando revisitados futuramente.

35. Ontologia (do grego *ontos*, “ser” e *logos* (plural, *logoi*), “estudo”) é a divisão da metafísica que se dedica à natureza, realidade e existência dos seres. Busca a definição da natureza comum de cada ser, ou do ser em geral. O termo surgiu no século 17, sendo que foi Christian Wolff (1679-1754) que primeiramente a dividiu em metafísica geral (ontologia) e as especiais (cosmologia racional, psicologia racional e teologia racional), divisão adotada pelo Espiritualismo Racional.

36. Publicavam pela Livraria Acadêmica criada por Didier em 1827, a partir dos registros estenográficos dos cursos, Guizot, Villemain, Jouffroy, Cousin, Amadée Thierry, Ampère. Depois publicou os livros didáticos das ciências filosóficas entre 1835 e 1840. As obras de Camile Flammarion também foram editadas por ele.

37. O retrógrado e antiliberal Joseph de Maistre, após sua morte, foi declarado por Jean Baptiste Roustaing como seu espírito mentor, e também considerado o profeta de sua pretensa “revelação da revelação”, representada por sua obra *Os quatro Evangelhos*. Os mesmos princípios conservadores propostos por De Maistre, como queda e castigo, fidelidade ao papa, estão presentes nessa obra defendida por Roustaing. Em verdade, repetimos, trata-se de um desvio dogmático, conservador e falso, amplamente oposto à Doutrina Espírita liberal elaborada por Allan Kardec.

38. Certa vez, numa reunião mediúcnica em março de 2019, um amigo espiritual, comentando sobre a morte de um querido participante de nosso grupo, doutor Álvaro, nos disse: “os homens veem essa passagem natural classificando-a por morte, desencarne, palavras frias, que fazem referência ao corpo, ao que se desfaz. Quem come uma laranja, não se lembra dos caroços ou do bagaço, mas de seu delicioso sumo. A morte, para nós, é um regresso, feliz regresso, quando nos reunimos para receber um amigo que chegou de viagem. Vocês não fazem o mesmo com a criança que nasce? Não recebem visitas de amigos e familiares dando boas-vindas? Pois ocorre exatamente a mesma coisa por aqui. Adeus! Vou cuidar de nosso velhinho”.

39. “Les chagrins de la vie/ Sont-ils donc assez grands/ Pour que ton cœur oublie/ Qu’un jour aux premiers rangs/ Pour prix de tes souffrances/ Ton Esprit épuré/ Aura les jouissances De l’empire éthéré?” (tradução do autor).

40. Expressão latina, significa o poder curativo do próprio corpo. Citada por Hipócrates, estudada por Mesmer e Hahnemann.

41. A teoria do perispírito rompe com a unidade substancial da alma e do corpo presente na doutrina da Igreja. Ela define um mundo espiritual que interage com o físico ao mesmo tempo, enquanto o dogma propõe que esse mundo precisa ser destruído por Deus para que um novo surja.

42. As obras completas de Mesmer em português podem ser lidas na íntegra no livro *Mesmer: a ciência negada do magnetismo animal*, de Paulo Henrique de Figueiredo.

43. Defensor e praticante do magnetismo animal, ciência que aprendeu com Mesmer, Jacques-Pierre Brissot de Warville (1754-1793) viu nessa proposta a base conceitual de uma nova humanidade. Brillhante jornalista, dedicado defensor da dignidade humana, defendeu a abolição da escravidão, ganhando o eterno ódio dos latifundiários franceses. Convencido do ideal republicano, recebeu do povo as chaves da Bastilha, como homenagem à sua luta contra a monarquia e a escravidão. De 14 de julho de 1789 até serem exterminados na guilhotina a mando de Robespierre, que odiava o chefe do grupo, os brissotistas lideraram a revolução. Antes de morrer, Brissot entregou a seu amigo Thomas Jefferson as chaves da Bastilha, como testemunho de gratidão do povo francês por sua contribuição para a causa da revolução.

44. O texto completo do Capítulo 5 da obra *A sugestão mental*, do doutor Ochorowicz, está na obra original em francês, ou na primeira edição em português publicada pela Editora Garnier, em 1903. Uma reedição de 1982, pela editora Ibrasa, teve seu texto resumido, e esse capítulo foi muito reduzido.

45. *L'art de magnétiser ou le magnétisme animal considéré sous le point de vue théorique, pratique & thérapeutique*, Germer Baillièrre, Paris, 1847.

46. O fundador da sociedade, barão Du Potet, era um profundo divulgador de Mesmer como criador da ciência do magnetismo animal. Em seus artigos e obras, aceitava como princípio da cura a ação da vontade e do pensamento. Mas também não afastava a hipótese da existência de um fluido vital. Acabou optando por divulgar a ação das duas causas ao mesmo tempo. Os magnetizadores definiam essa posição como dualista.

47. Carta de Newton a Bentley, de 25 de fevereiro de 1693, reproduzida em Turnbull, 1688-1694, volume 3, p. 253-4.

48. A escolha ideológica dos pressupostos pode causar conflitos de autoridade, quando não se respeita uma adequada diversidade de ideias. Dessa forma, na universidade francesa do século 19, a comunidade científica da *classe das ciências naturais* (representando a física, química, fisiologia) adotava um paradigma materialista, baseado num mecanicismo absoluto. Essa posição ideológica colocava a maior parte dessa comunidade científica em oposição sistemática aos professores da *classe das ciências morais* (ciências filosóficas, psicológicas, metafísicas). Essa tensão e esse embate explicam, como vimos no capítulo “O crepúsculo das ciências filosóficas”, a autoritária eliminação do Espiritualismo Racional da universidade. A retomada do respeito pela diversidade de pensamento será o único caminho válido para a base conceitual espiritualista recuperar seu direito de coexistir na ciência como alternativa válida para explicação dos fatos.

49. Por esse motivo, uma leitura isolada das obras dos magnetizadores clássicos anteriores a Kardec para justificar a prática moderna dos passes pode ocasionar um ritualismo confuso e místico, sem uma base racional que a justifique. Além do mais, como estamos demonstrando, deve-se considerar que há, entre as diversas escolas da segunda geração dos magnetizadores, complexas divergências conceituais. Abismos dividem suas ideias, como entre os espiritualistas e os fluidistas.

50. Os fluidos imponderáveis eram chamados *especiais* porque haveria um diferente para cada fenômeno da natureza, como o calórico para explicar o calor e o fluido luminoso para a luz.

51. Saiba mais sobre a diferença entre a teoria dos fluidos especiais e a teoria do fluido cósmico universal em FIGUEIREDO, Paulo H., *Revolução espírita: a teoria esquecida de Allan Kardec*, “Mesmer e a teoria do fluido universal”, p. 432-49.

52. O artigo bibliográfico publicado por Allan Kardec é de autoria do engenheiro civil, orador, dramaturgo e escritor Pierre Ange Casimir Emile Barrault (1799-1869), antigo saint-simoniano. Professor de Retórica do colégio de Sorèze, Tarn, dirigido por Lacordaire.

53. Vale destacar que essa sublime inspiração de Kardec foi um dos trechos mutilados pela adulteração da obra *A Gênese* feita em 1872 em sua quinta edição, sob a responsabilidade de Leymarie, fato hoje demonstrado plenamente, como veremos à frente nesta obra.

54. Trecho suprimido na quinta edição, por uma adulteração contrária à vontade do autor. Veja a nota anterior.

55. O *ectoplasma* não foi mencionado nem estudado por Allan Kardec, mas reconhecido por pesquisadores como William Crookes, Gustavo Geley, Julian Ochorowicz, Charles Richet, alguns posteriores à sua época, que estudaram experimentalmente os fenômenos espíritas físicos, como a materialização. O médico alemão Schrenck-Notzing chamava de *teleplasma*. Trata-se de uma substância plástica de origem orgânica celular, passível de ser exteriorizada pelo corpo do médium, mantendo-se sempre ligada a ele. Geralmente branca, cinza ou escura, semelhante a gaze. Pode agir mecanicamente com o ambiente e objetos. Normalmente no escuro, pode adquirir a visibilidade e a autoluminescência. Por meio dele, o Espírito sintonizado com o médium pode mover objetos, transportá-los a distância, moldar formas e até simular membros e o corpo físico. Nenhum espírito desencarnado pode atuar na matéria de nosso mundo, a não ser indiretamente, em sintonia com o médium, por meio do ectoplasma. A responsabilidade moral pelos atos e fatos decorrentes, portanto, é do médium, que nunca perde o exercício da vontade.

56. No original está “Cette pratique ne saurait donc être trop encouragée”; corrigimos a tradução da edição da IDE, onde há um engano que inverte o sentido da frase.

57. A condição desse menino nos remete, atualmente, aos casos como os dos internos tratados nas Casas André Luiz, em São Paulo. Não se pode julgar a condição moral de nenhum deles, pois há, entre essas provas, missões de bons Espíritos, ou desafios conclusivos de longas reparações.

58. Na época de Kardec ainda se classificava o ser humano em raças. Hoje sabemos que formamos uma só espécie, com diferenças culturais e étnicas provenientes das diferentes latitudes e costumes ancestrais dos povos.

59. Herculano Pires fez nova edição ampliada e revista do opúsculo *O Reino*, que em sua primeira edição era uma tese apresentada no I Congresso Espírita da Alta Paulista, de 30 de março a 4 de abril de 1946, evento que serviu de embrião para a fundação da USE (União das Sociedades Espíritas). Aprovada por unanimidade, intitulava-se *O Espiritismo e a construção de um novo mundo: estabelecimento do Reino de Deus na Terra*. Primeiramente lançada pela LAKE, atualmente é editada pela Paideia.

60. Como ocorreu com centenas de outros trechos fundamentais, também essa passagem foi retirada da obra, a partir da quinta edição adulterada de *A Gênese*. O teor e a importância dos trechos suprimidos revelam a intenção ideológica de quem falseou o livro, em favor dos valores religiosos dogmáticos do velho mundo.

61. Esta e a próxima citação de *A Gênese* foram parcialmente suprimidas na versão adulterada, em sua quinta edição.

62. Segundo Kardec, “A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos; ela não é mais necessária àqueles que lhe transpuseram o limite e que progridem no estado espiritual, ou nas existências corpóreas dos mundos superiores não têm mais nada da materialidade terrestre. Da parte destes é voluntária, em vista de exercer sobre os encarnados uma ação mais direta para o

cumprimento da missão da qual estão encarregados junto a eles. Aceitam as vicissitudes e os sofrimentos por devotamento” (KARDEC, [RE] 1865, p. 46).

63. Trecho suprimido na versão adulterada, a quinta edição de *A Gênese*.

64. Esse princípio referente à responsabilidade pelos atos está estabelecido pelo seguinte ensinamento em *A Gênese*: “O instinto enfraquece, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque domina a matéria. Com a inteligência racional, nasce o livre-arbítrio que o homem usa à sua vontade: então somente, para ele, começa a responsabilidade de seus atos” (KARDEC, [1868] 2018, p. 100).



# Livro terceiro

## O desvio



## **O ESQUECIMENTO DA TEORIA ESPÍRITA ORIGINAL**

Numa época de grande progresso científico, cuja aplicação promoveu grandes conquistas tecnológicas e sociais, surge o Espiritismo. Seu objetivo está num segundo passo da evolução da humanidade, além do progresso material. Tem como propósito fundamental a revolução moral. E, para isso, empregou os valores e os métodos das ciências, apropriados ao seu objeto de estudo.

Na França, já estava em curso esse processo racional com relação ao ser humano, considerado pela psicologia como “alma encarnada”. Ao estudar os fenômenos espíritas, Kardec vai complementar o estudo do ser humano projetando-o em uma segunda fase, que se dá após a morte, considerado como espírito ou “alma desencarnada”.

Quando o fenômeno fundamental da moral desloca-se da vida animal (dor e prazer) para a vida humana (vontade – dever), essa disciplina se vê diante de um divisor de águas quanto à sua teoria. Uma completa transformação epistemológica. Ou seja, como resultado da Doutrina dos Espíritos, no contexto das ciências filosóficas, a conclusão da investigação de Allan Kardec se deu no sentido de uma mudança de paradigma, porque o tradicional é a moral heterônoma das tradições do velho mundo, e o do Espiritismo é um paradigma emergente: a moral autônoma, base conceitual de um mundo novo.

O Espiritismo não é a causa dessa mudança, mas a Ciência Espírita surge exatamente quando a humanidade está vivenciando essa transição, podendo

contribuir para tanto explicar quanto impulsionar essa transformação. Contendo exatamente os significados, fenômenos e leis envolvidos nessa transição evolutiva, muito tem a contribuir para que os passos sejam dados com segurança e conhecimento de causa. Estão vigentes atualmente na sociedade mundial tanto elementos do paradigma tradicional, com seus preconceitos, ideias retrógradas e privilégios, quanto as novas ideias humanistas e transformadoras, que antecipam a nova fase evolutiva da humanidade.

A França dos tempos de Allan Kardec vivia uma condição extremamente favorável para que uma comunidade espírita consciente pudesse surgir. Em 1867, ele apresentou um quadro com as proporções de aceitação ou rejeição do Espiritismo na França. Entre os religiosos, 74% eram refratários, pois admitiam a fé cega, enquanto o restante dos religiosos que o aceitavam era porque não admitiam os dogmas que confrontam a razão, além de aceitarem a evolução das ciências. Entre os materialistas, 83% eram totalmente refratários; os 17% restantes eram incrédulos, por não aceitarem o irracionalismo das religiões e acolheram a proposta espírita. Por fim, os que tinham maior compatibilidade com a Doutrina Espírita eram os espiritualistas racionais, conhecedores da psicologia espiritualista e da moral do dever, 80% entre eles aceitavam o Espiritismo. Considerando essa proporção, “chegamos a um panorama do movimento espírita em 1867, quando, em números aproximados, 64% eram espiritualistas racionais, 20% vinham das religiões, mas não aceitavam a fé cega, e 16% eram incrédulos que desejavam uma fé racional” (FIGUEIREDO, 2016, p. 344).

O presidente da Federação Espírita da França, Charles Kempf, nos ofereceu informações recentes sobre o movimento espírita de seu país. Existem atualmente cerca de sessenta centros espíritas. Mas há uma particularidade interessante. Segundo uma pesquisa, dois terços dos franceses não possuem religião formal, e parte da Europa apresenta

números semelhantes, pois são espiritualistas, mas não adotam uma religião formal. Consideram uma religiosidade natural, e uma moral derivada de leis naturais. Ou seja, apesar de o Espiritualismo Racional do século 19 estar amplamente esquecido na França, a proporção de espiritualistas independentes de uma religião formal se preserva equivalente desde o século 19. A França é um estado laico. Apenas 23% dos jovens franceses entre 16 e 29 anos se declaram católicos.

Dessa forma, os franceses liberais, adeptos de uma religiosidade natural, quando se deparam com um grupo espírita criado por brasileiros, proferindo palestras permeadas por referências dogmáticas, ritualísticas, próprias de um cristianismo igrejeiro, tendem a se afastar. Por outro lado, os centros espíritas mais recentemente estabelecidos por franceses concebem a proposta de neutralidade quanto às crenças particulares, pois reúnem todos em torno de sua doutrina moral:

Não é, pois, assim como alguns o pretendem, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma às expensas de suas irmãs mais velhas: é uma doutrina puramente moral que não se ocupa, de nenhum modo, dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, uma vez que não se impõe a ninguém; e a prova disso é que tem adeptos em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, entre os judeus e os muçulmanos. (KARDEC, [RE] 1861, p. 189)

Kardec se referiu a essa reação espiritualista como condição extremamente favorável para o surgimento do Espiritismo. E apontou o fanatismo religioso e o extremismo materialista como cenários infecundos e antagônicos para o estabelecimento de suas ideias transformadoras. Foram exatamente essas condições adversas que os primeiros indivíduos conscientes da teoria original enfrentaram quando pretenderam criar um movimento espírita brasileiro. Uma Igreja combativa, lutando para manter seus privilégios e o poder que se esvaía desde o Segundo Império. E uma corrente científica materialista, embalada pelos pensamentos retrógrados de Comte e dos fisiologistas alemães, como Vogt, Moleschott, Virchow e

Büchner. A corrente espiritualista racional, bravamente defendida pela liderança de Gonçalves de Magalhães e Porto-Alegre, que se tornaram divulgadores do magnetismo animal e depois do Espiritismo, apesar de contagiar professores e estudantes de seu tempo, logo foi silenciada e esquecida. Em realidade, não foi possível estabelecer em nossas terras o cenário favorável que Kardec encontrou na França.

Mas se esse panorama criou muitas dificuldades no passado, e ainda no presente, não impede que haja um grande esforço coletivo no sentido de restabelecer pela educação os princípios originais do Espiritismo, criando um cenário futuro adequado para fazer germinar, em nosso terreno árido, as sementes já espalhadas pelos fiéis pioneiros.

## **Os difíceis desafios do movimento espírita brasileiro**

No Brasil, o movimento espírita apresenta um cenário diverso do europeu. A grande maioria de seus frequentadores provém da religião católica. Sendo muito pequena a parcela de indivíduos originalmente adeptos da religiosidade natural, essa opção não faz parte de nossa cultura, enquanto os europeus possuem na história viva de suas próprias famílias toda a vivência do abuso religioso, desde as Cruzadas, as guerras religiosas, perseguições e outras atrocidades, muito próximas de suas realidades.

Boa parte dos frequentadores e organizadores das casas espíritas no Brasil ainda vive mergulhada no paradigma tradicional da heteronomia. Quem perguntar, numa palestra espírita sobre qual a formação moral dos presentes no período da infância, receberá como resposta da quase totalidade dos presentes ter sido na Igreja. No catecismo, ensinam-se os dogmas e a versão heterônoma da moral. Mesmo na família, as ideias impregnadas da mentalidade popular dos dogmas, como recompensas e castigos divinos, sofrimento como sacrifício, pecado, chegam às crianças pelas mais diversas

conversas e recomendações dos adultos. Muitos divulgadores, palestrantes e expositores das casas espíritas também compreendem a moral pela versão derivada do catecismo, mesmo que repaginada pelos termos próprios das obras espíritas. Isso demonstra que, não importa há quantas décadas o adepto esteja participando do movimento espírita, enquanto não houver a mudança de paradigma transformando suas ideias heterônomas em moral autônoma, ele continuará a olhar o mundo à sua volta pelas lentes do tradicionalismo retrógrado. A estrutura didática do centro espírita não está, em sua grande maioria, preparada para essa transformação e acaba por sustentar e manter os velhos conceitos.

Até mesmo as apostilas, os livros didáticos e as obras mediúnicas concorrem para evitar uma mudança de mentalidade, pois quem as elabora, não tendo compreendido esses valores nas obras de Allan Kardec, impregna em seus textos suas próprias ideias, que refletem o dogmatismo tradicional. Isso é inevitável: quem não transformou suas ideias é porque ainda não as enxergou, seja encarnado ou desencarnado. Uma enorme quantidade de romances psicografados despejados todos os anos no meio espírita reproduz o pensamento dos Espíritos ainda pouco esclarecidos de sua nova realidade, materializando sua condição, narrando sensações físicas ilusórias, mas que atestam piamente serem reais, pois se espelham em sua vivência anterior. Esses Espíritos imperfeitos, ainda ignorantes de sua real condição espiritual, narram o sofrimento com fome, sede, frio, ambientes opressores. São relatos verídicos, mas eles não se dão conta de que essas sensações que sentem são originárias de sua mente, e compartilham ambientes densos, resultantes dos pensamentos e emoções derivados de suas imperfeições morais.

Por outro lado, as condições metodológicas para o desenvolvimento de uma Ciência Espírita nos moldes da proposta de Kardec são hoje inexistentes. Não há mais a rede de médiuns servindo simplesmente como

intermediários para a comunicação dos Espíritos, em grupos mediúnicos dedicados aos estudos, diálogo com os Espíritos superiores, comunicação com a diversidade de Espíritos comunicantes, as quais Allan Kardec vivenciou milhares de vezes, junto dos participantes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e os quase mil centros espalhados pelo mundo, todos pesquisando temas semelhantes, dispostos a proporcionar a universalidade do ensino dos Espíritos, quando eles achassem apropriado.

Observando nossa história, podemos afirmar mesmo que nunca houve uma estrutura semelhante no movimento espírita brasileiro. Em geral, as comunicações são desconectadas, endereçadas às necessidades particulares de cada centro, não havendo práticas e definições de temas para uma comunicação inter-relacionada. As obras mediúnicas são, geralmente, produzidas por médiuns independentes de um grupo de pesquisa, constituindo iniciativas pessoais e isoladas. Quando essas obras apresentam conceitos novos ou divergentes da Teoria Espírita estabelecida em Kardec, não confirmados pela universalidade do ensino dos espíritos superiores, constituem opiniões pessoais dos Espíritos que as elaboram. Nesse amplo cenário contemporâneo, sem um ambiente apropriado para a sua atuação, os Espíritos superiores não encontram recursos para colaborar na recuperação do pensamento originário. Não podem fazer por nós o que nos cabe. Todavia, nos setores da sociedade onde encontram um terreno fértil, inspiram com suas ideias transformadoras a mudança de paradigma no sentido da autonomia.

A ação dos Espíritos promotores da regeneração moral da humanidade ocorre em todo o planeta, reforçando os focos de luz daqueles que almejam difundir a verdade e espalhar os benefícios da caridade desinteressada. Onde quer que se esteja, seja no barracão ou no palácio; onde quer se encontre uma dor ou uma dúvida para ser consolada, e sejam chamados com sinceridade, os prepostos do amor incondicional ali estarão, felizes por

serem úteis.

## **Um jardim abandonado precisa de dedicação para florescer**

O esquecimento da teoria original de Allan Kardec não foi natural. Além do quadro degenerativo do contexto experimental originalmente vivenciado e estabelecido como basilar para o desenvolvimento da Doutrina Espírita, ocorreram desvios causados pela invasão de ideias e conceitos pertencentes a doutrinas divergentes e até incompatíveis. Algumas vezes por ignorância, outras por má-fé. Todo esse cenário, de invigilância e despreparo, colocou à deriva o desenvolvimento da Doutrina Espírita, por falta de critérios, estudo e bom senso. Em verdade, desde o regresso de Allan Kardec à espiritualidade, a progressão da Teoria Espírita simplesmente estancou.

O movimento espírita lembra um jardim abandonado pelos jardineiros. Aos poucos cresceu o mato, as ervas daninhas e insetos o invadiram, abafando as flores e plantas originais. Os livros ditos espíritas tratam de tudo menos dos princípios espíritas. Médiuns fascinados, incapazes de distinguir as ridículas proposições dos Espíritos levianos, publicam entusiasmados as mais esdrúxulas e falsas notícias. Uma estranha fascinação leva os leitores a aceitarem como verdades essas ingênuas e comprometedoras ideias. São sustentadas pelo anseio de fantásticas novidades desta e da outra vida. Um processo semelhante ao fascínio pelos milagres das religiões dogmáticas.

As mudanças conceituais dos novos adeptos geralmente são superficiais, não ocorrendo a transformação profunda de suas ideias morais. Chegando ao meio espírita, logo os frequentadores aprendem a abandonar os termos que costumavam utilizar, como céu, inferno, demônios, pecado, bênção, missa, e passam a usar novas palavras, respectivamente: mundo espiritual,

trevas, obsessores, imperfeição, passe, palestra evangélica. Mas, apesar do novo vocabulário, os significados anteriores continuam a reger seu pensamento. Antes, temiam o inferno após a morte, agora, o medo é das trevas e umbrais. Buscavam a Igreja para se livrar do assédio dos demônios, passam a buscar o centro espírita imaginando se livrar dos temidos obsessores. Tomam o passe como se tomassem a hóstia e participam das palestras semanais com o mesmo objetivo da frequência à missa. Uma rotina de cultos, sacramentos e rituais absolutamente incoerentes com a proposta original do Espiritismo.

No âmbito dos expositores e palestrantes, apesar de uma consciência mais adequada da Doutrina Espírita, pelos conhecimentos dos princípios básicos, como as vidas sucessivas e o perispírito, por exemplo, a compreensão profunda da proposta moral é quase desconhecida. Os termos ressignificados pela Teoria Moral Espírita normalmente são compreendidos pela forma heterônoma da versão dogmática. Por exemplo, a reencarnação, sendo um meio de progresso, comumente é narrada pelos moldes das religiões orientais, como castigo pelos erros do passado, numa relação equivalente ao carma do hinduísmo, desconhecendo a *teoria da escolha das provas*, própria do Espiritismo, e que possui um sentido inverso quanto a esse tema.

Como vimos, uma das principais dificuldades de compreensão da Teoria Moral Espírita está no desconhecimento da psicologia espiritualista experimental, iniciada na França por Maine de Biran e presente no plano educacional e filosófico daquele país desde a revolução liberal. Infelizmente, apesar de as ciências filosóficas, entre elas a psicologia, a teodiceia, a moral teórica e prática, terem se tornado parte do projeto educacional brasileiro durante o Segundo Império, desde a virada do século elas caíram num completo esquecimento. No primeiro censo demográfico do Brasil, em 1872, considerando uma população de quase 10 milhões, 99,

72% foi classificada como católica. No censo de 1970, os cristãos ainda representavam 97% (91,8% católicos). Em 2010, os católicos caíram para 64,6%, mas os cristãos são 86,8%. O Brasil ainda é a maior nação católica do mundo, estando muito longe do fenômeno da secularização europeia.

Mas se o cenário não é favorável, não significa que a tarefa seja impossível. Inúmeros grupos espalhados pelo Brasil estudam dedicadamente as ideias de liberdade originalmente estabelecidas por Kardec. Compreendem o Espiritismo como proposta de educação, o que ele verdadeiramente sempre foi. Muitos daqueles que estão encarnados agora vieram do mundo espiritual capacitados pelos ensinamentos da autonomia moral que lá receberam, preparando-se para aqui difundi-los e praticá-los. Esses acendem a luz do entendimento com os poucos esclarecimentos que recebem. Uma pequena vela pode fazer muita diferença quando mergulhada numa escuridão. E, quando uma acende outra, a multiplicação torna-se exponencial, e em pouco tempo uma completa transformação se estabelece. Essa tarefa não está surgindo agora, mas vem sendo preparada desde séculos, pois os percalços iniciais eram previstos. Foram como obstáculos numa longa marcha, que apenas retardam, mas que, com sua superação, acabam por valorizar a conquista final.

Fica muito mais fácil compreender a Doutrina Espírita para quem já é espiritualista e conhece a diferença entre moral autônoma e heterônoma, pois sabe distinguir o ato desinteressado daquele que espera recompensa ou teme o castigo. Para quem já vivenciou a mudança conceitual, a teoria dos Espíritos vai ampliar seu entendimento e clarear o que antes eram dúvidas. Quem não está preparado, pois ainda está mergulhado nas ideias milenares tradicionais e dogmáticas, precisa passar por uma inversão das ideias arraigadas em sua mente. Mas não é conveniente fazer essa mudança de forma brusca, não é assim que ocorre. É preciso agir passo a passo, de forma determinada, evocando o entendimento, permitindo a reflexão. É

preciso respeitar a diversidade. Cada indivíduo tem seu próprio caminho, velocidade e alcance.

## **A moral de Jesus sob a luz da psicologia espiritualista**

Durante a elaboração da Doutrina Espírita, as teorias psicológicas deram uma nova compreensão da moral de Jesus, a partir dos ensinamentos dos bons Espíritos. Kardec afirmou que “não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus”. Mas ele questiona: como explicar que exatamente os que se afirmam cristãos mantêm a desigualdade, privilégios e abandonam a caridade universal? Diante desse estado de coisas, a utilidade da moral espírita está exatamente na recuperação que faz dos ensinamentos originais e verdadeiros de Jesus, que foi quem instituiu os fundamentos da moral da liberdade ou da autonomia. E os Espíritos se valem da psicologia para esse esclarecimento, pois, quanto à moral de Jesus:

Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, *justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia.* (KARDEC, [1860] 1995, p. 489)

Há uma grande diferença entre o ensino original de Jesus e as explicações dogmáticas que se estabeleceram nos séculos que se seguiram. Desde o século 4, uma ortodoxia oficial se estabeleceu sob a proteção do imperador Constantino, que tinha como meta uma Igreja uniforme e padronizada. Para isso, presidiu o Concílio de Niceia, em 325, determinando a escolha de alguns textos referentes a Jesus, condenando os demais como heréticos, exigindo sua entrega para serem queimados. Quem recusasse estava sujeito à pena de morte. As traduções dos documentos aceitos foram viciadas por interpretações tendenciosas, errôneas, quando não adulteradas ou mutiladas. Em pouco tempo, o cristianismo tombou desfigurado, preso nas garras do

Império Romano.

Todos os Evangelhos foram escritos em grego, mas as traduções são de cópias de cópias, sendo que as mais antigas datam de dois séculos depois da morte de Jesus. Por exemplo, emprega-se o verbo *metanoéō* (Μετανοεῖτε), que tem em seu cerne o vocábulo *nous* (capacidade racional, mente ou pensamento) e o significado de “mudança de mentalidade”. Em Marcos, 1: 15, costuma-se traduzir: “Πεπλήρωται ὁ καιρὸς καὶ ἤγγικεν ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ μετανοεῖτε καὶ πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ”, por “Cumpriu-se o tempo e chegou o reino de Deus, *arrependei-vos* e crede no Evangelho”. Mas a tradução mais próxima do original pode ser: “Completo-se o tempo e ficou próximo o reino de Deus. *Mudai de mentalidade* e acreditai na boa-nova” (BÍBLIA, 2018)<sup>65</sup>.

Com o passar do tempo, e a criação dos dogmas pelos homens, visando impor a doutrina da Igreja, o *arrependimento* foi interpretado como condição de submissão para a salvação pelo sacrifício de Jesus. Mas a frase corretamente traduzida tem ampla coerência com a Teoria Moral Espírita. Pois é necessária uma *mudança de mentalidade*, em relação às ideias do mundo velho, que colocava o sacrifício no templo como meio de purificação. A boa-nova, um novo entendimento oferecido por Jesus, colocava na conquista da liberdade, interpretada como desinteresse, o ato moral consciente e voluntário, presente no Espiritismo como caridade desinteressada.

Jesus representou na moral autônoma sua revolução moral, ensinando a responsabilidade moral pelas escolhas, proporcional ao entendimento, superando assim a heteronomia presente na interpretação dos sacerdotes quanto às Escrituras. O Espiritismo explica, à luz de seus princípios e da psicologia espiritualista, essa boa-nova.

Os fariseus imaginavam o reino de Deus como realização exterior, local físico, criação divina destinada aos escolhidos, como recompensa de uma

moral heterônoma. Consideravam sua tarefa permanecerem purificados pelos rituais e disciplinas religiosas, aguardando uma Providência da qual consideravam-se merecedores. Jesus subverte essa ordem, propondo a mais completa reviravolta no entendimento. Quando perguntado, respondeu-lhes: “O reino de Deus não vem de maneira observável. [As pessoas] não afirmarão ‘ei-lo aqui’ ou ‘ei-lo ali’. Pois o reino de Deus está dentro de vós” (BÍBLIA, Lucas, 17: 20-1). Nem aqui, nem lá, ou seja, não se trata de dimensão espacial, um lugar. Mas de uma transformação do entendimento, libertação dos atavismos ancestrais promotores da desigualdade e da indiferença. Profundamente tocado por essa ideia de Jesus, Tolstói escreveu sua obra máxima, vetada pelo czar, causando sua excomunhão e o desaparecimento do livro. O próprio título esclarece seu propósito: *O reino de Deus está em vós: o cristianismo apresentado não como uma doutrina mística, mas como uma nova moral*. Em sua página final, ele afirma:

Por mais comum e antigo que possa parecer, por mais perturbados que estejamos pela hipocrisia e pela autossugestão dela resultante, nada pode destruir a certeza desta verdade simples e clara: nenhuma condição material pode garantir nossa vida, que os inevitáveis sofrimentos acompanham e à qual a morte infalivelmente põe fim, e que, portanto, não pode haver qualquer outro sentido exceto o cumprimento constante daquilo que nos pede o Poder que nos pôs na vida com um único guia certo, a razão consciente. (TOLSTÓI, 1994, p. 319)

No Sermão da Montanha, contrariando o velho mundo, Jesus desafia a máxima social da escolha divina dos reis, das elites, dos nobres, dos sacerdotes, todos acima das massas, consideradas o substrato mais baixo da sociedade, os sem-nome, os serviçais indistinguíveis. Ele reserva as bem-aventuranças a mendigos, gentios, perseguidos, simples, insultados, esfomeados e sedentos de justiça. Todos aqueles desprezados pelo mundo. Mas a recompensa não será deste mundo, marcado pelo egoísmo e orgulho, mas o mundo regenerado, onde a solidariedade vai sobressair. “Vós sois a luz do mundo”, afirma o mestre, e completa: “Que assim brilhe a vossa luz diante das pessoas, para que elas vejam as vossas belas ações e glorifiquem

o vosso Pai que está nos céus” (BÍBLIA, Mateus, 5: 16). Não se busca uma luz externa, nem se pede a Deus que ilumine o caminho, nem se propõe a fazer-se líder. Jesus afirma que cada um de nós representa a luz. Que deve brilhar, representando-a pela caridade desinteressada, pois é esta que impressiona as pessoas do mundo e glorifica a Deus. Em cada destaque da boa-nova encontramos a correspondência com a Doutrina Espírita bem compreendida, pela moral autônoma.

No Evangelho de Maria Madalena, texto grego do século 3, preservado na biblioteca de Nag Hammadi, cópia única, sobrevivente da perseguição do Império Romano, que queimou quase todos os exemplares não reconhecidos por ele, os discípulos perguntam e Maria responde às dúvidas com uma profundidade que destaca a sua importância para o grupo. Segundo esse Evangelho, Jesus disse:

– Todas as espécies, todas as formações, todas as criaturas estão unidas, elas dependem uma das outras.

Vamos encontrar pensamento semelhante na ideia do fluido universal, e na evolução do princípio inteligente do átomo ao espírito puro.

Então Pedro pergunta:

– O que é o pecado do mundo?

E Jesus responde:

– Não há pecado, sois vós que os criais, [...]. Por isso adoceis e morreis. Aquele que compreende minhas palavras, que as coloque em prática. A matéria produziu uma paixão sem igual, que se originou de algo contrário à natureza divina. A partir daí todo o corpo se desequilibra. Essa é a razão por que vos digo: tende coragem, e se estiverdes desanimados, procurai força das diferentes manifestações da natureza.

Essa moral é estranha para as interpretações dogmáticas das religiões heterônomas e para o materialismo. Mas fica cristalina com os ensinamentos do magnetismo animal e do Espiritismo, como vimos

anteriormente. Quem cria a imperfeição é o próprio Espírito, abusando de instintos e paixões, ou seja, “algo contrário à natureza divina”, que é natural quando bem utilizada, conforme o progresso de seu entendimento. Essa é a maior causa das doenças, apresentadas como “desequilíbrio do corpo”, exatamente como Mesmer e Kardec afirmam em suas obras. Quando estiverdes desanimados, procure as harmonias do mundo moral, os bons pensamentos, a prece, que são os remédios naturais da alma.

Os discípulos procuram Madalena e perguntam sobre o que ela ouviu de Jesus e nenhum deles sabe. Ela contou que teve uma visão de Jesus depois de sua morte, quando ele comentou:

– Bem-aventurada sejas, por não teres fraquejado ao me ver. Pois onde está a mente há um tesouro.

Então Maria perguntou:

– Mestre, aquele que tem uma visão vê com a alma ou com o espírito?

– Não vê nem com a alma nem com o espírito, mas com a mente ou pensamento, que está entre ambos, assim é que tem a visão.

Não é nem pelos sentidos da alma encarnada, nem pelo espírito enquanto essência imaterial que Maria viu a aparição de Jesus, mas pela percepção do perispírito, que é o corpo sensível do mundo espiritual, intermediário entre o corpo e o espírito. Depois de proferir mais ensinamentos profundos recebidos em suas conversas com Jesus, Maria se calou.

Mas André respondeu e disse aos irmãos:

– Dizei o que tendes para dizer sobre o que ela falou. Eu, de minha parte, não acredito que o mestre tenha dito isso. Pois esses ensinamentos carregam ideias estranhas.

Pedro respondeu e falou sobre as mesmas coisas. Ele os inquiriu sobre o Salvador:

– Será que ele realmente conversou em particular com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos mudar de opinião e ouvir a ela? Ele a

preferiu a nós?

Ou seja, os apóstolos ficaram confusos pelo fato de Jesus ter pronunciado ensinamentos tão importantes, dando um testemunho definitivo de sua sobrevivência após a morte, a questão central de sua boa-nova, a uma mulher. Tão desprezada e subestimada pela sociedade, não só daquele tempo, mas ainda hoje, apesar dos evidentes avanços em direção à igualdade de oportunidades. Então Maria Madalena se lamentou e disse a Pedro:

– Pedro, meu irmão, o que estás pensando? Achas que inventei tudo isso no meu coração ou que estou mentindo sobre o Salvador?

Levi respondeu a Pedro:

– Pedro, sempre foste exaltado. Agora te vejo competindo com uma mulher como adversário. Mas, se o Salvador a fez merecedora, quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece bem. Daí a ter amado mais do que a nós. É, antes, o caso de nos envergonharmos e assumirmos o homem perfeito e nos separaremos, como Ele nos mandou, e pregarmos o Evangelho, não criando nenhuma regra ou lei, além das que o Salvador nos legou.

A emancipação da mulher recebeu de Jesus o mais simbólico, sublime e crucial ensinamento no episódio de Maria Madalena. Antes de começar a anunciar e espalhar os seus ensinamentos pelo mundo, os discípulos receberiam dela seus últimos conceitos e o testemunho de sua aparição após a morte na cruz. Não é difícil imaginar por que os sacerdotes, orientados pelo imperador romano, colocaram evangelhos como esse na fogueira, perseguindo com a pena de morte quem os preservasse. Eles trazem a antítese do velho mundo, o esgotamento dos preconceitos, o abrir de portas do mundo novo. Também Allan Kardec teve nas mulheres seu ponto de apoio, a defesa de suas ideias, a sustentação nos debates, a divulgação dos verdadeiros ensinamentos. Sua mãe, Jeanne Louise, amparou sua criação, o

acompanhou e financiou sua carreira como educador. Depois veio Amélie Boudet, companheira que o ombreou na elaboração da Doutrina Espírita. Após seu regresso à espiritualidade, Kardec contou com a coragem, o entendimento e a dedicação de Berthe Froppo e Sophie Rosen-Dufaure. Tantas outras se seguiram. Atualmente, as mulheres estão à frente da Causa, basta examinar o contingente trabalhador das casas espíritas. Recentemente, uma menina paquistanesa, Malala Yousafzai, aos 11 anos de idade, iniciou sua luta pela educação, enfrentando a perseguição dos extremistas religiosos talibãs. Levou três tiros num atentado. O mundo a protegeu. Com 17 anos, tornou-se a mais jovem a receber um Prêmio Nobel da Paz, inspirando milhões de jovens na luta pela educação.

Sem a combinação dos conceitos da psicologia espiritualista e do Espiritismo não é possível conquistar esse entendimento. Por isso, Kardec afirma, considerando a evolução desde os entendimentos da Antiguidade até seu tempo, quando as ciências psicológicas estavam estabelecidas:

A revelação limitada foi suficiente a certo período da Humanidade, e Deus a proporciona gradativamente ao progresso e às forças do Espírito. [...] Antes de a Astronomia descobrir as leis que regem o Universo, poderiam compreender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? *Poderiam identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da ciência psicológica? Conceber depois da morte uma vida feliz ou desgraçada, a não ser em lugar circunscrito e sob uma forma material?* Não; compreendendo mais pelos sentidos que pelo pensamento, o Universo era muito vasto para a sua concepção; era preciso restringi-lo ao seu ponto de vista para alargá-lo mais tarde. (KARDEC, [1865] 1995, p. 38-9)

Aqueles que chegam das religiões ancestrais, acostumados com os cultos e submetidos à fé cega por anos, não vão alterar suas ideias somente assistindo a palestras, não importa quantas sejam. Além disso, sem estudar profundamente os princípios e os conceitos espíritas e mudar de mentalidade, mesmo os expositores e palestrantes vão repetir argumentos e discursos religiosos sem se dar conta. Numa época de necessidade de formação científica para qualquer atividade cultural ou profissional, estudar

a moral deve respeitar também, no âmbito do Espiritismo, a complexidade dos conceitos, por um estudo adequado, e não pela atitude passiva de somente ouvir preleções semanais, pois, conclui Kardec, “uma revelação parcial tinha sua utilidade, e, embora sábia até então, não satisfaria hoje. O absurdo provém dos que pretendem poder governar os homens de pensamento, sem se darem conta do progresso das ideias, quais se fossem crianças” (KARDEC, [1865] 1995, p. 39).

Passo a passo, os conceitos dogmáticos presentes na mentalidade dos novos adeptos precisam passar por uma revisão racional, adquirindo um novo entendimento que demonstre como verdadeiramente funcionais as leis naturais que regem o mundo moral. Para exemplificar, vamos nos valer de um entre tantos fundamentos da moral espírita – a ideia do mundo espiritual como sendo um local espacial para o qual se vai após a morte, sendo que os estímulos do lugar seriam responsáveis por sensações e necessidades físicas, concepção essa comum aos iniciantes no estudo do Espiritismo. Resume-se em considerar um local de sofrimentos, com dor, fome, sede, após a morte, derivado do conceito de inferno. Para compreender o ensinamento espírita da verdadeira condição do Espírito é preciso estabelecer uma sequência de princípios, conceitos e compreensões imprescindíveis para uma mudança de paradigma:

- O ser humano é uma alma encarnada.
- A definição dos conceitos psicológicos de sensação (fisiologia do corpo) e percepção (alma).
- A *percepção* como fenômeno do espírito humano.
- A definição do espírito como alma desencarnada e princípio inteligente da Criação.
- Compreensão do perispírito como meio para transmitir as percepções ao espírito. Enquanto encarnado, o corpo recebe

impressões do ambiente, o sistema nervoso comunica ao perispírito as sensações, e o espírito, então, percebe.

- O ambiente do mundo espiritual não oferece estímulos materiais.
- Consequentemente, fora do corpo, o espírito não tem sensações físicas causadas pelo ambiente.
- O espírito imperfeito, por ter sofrimento moral constante, cria uma ilusão de sofrimento físico no mundo espiritual semelhante a uma sugestão hipnótica.
- Esse sofrimento é psicológico, uma lembrança de vivências de quando encarnado.
- A verdadeira causa do sofrimento do espírito é moral, não sendo um castigo, mas uma consequência natural das suas escolhas, proporcional ao livre-arbítrio que tenha conquistado, segundo as leis naturais que regem o Universo.
- A compreensão desse mecanismo permite reconhecer a verdadeira causa de seus infortúnios, os quais somente ele poderá reverter, superando as imperfeições por meio dos desafios que deve escolher em suas vidas sucessivas.

Cada um desses entendimentos conceituais demanda um estudo dirigido, sendo muito mais fácil de se conquistar em grupo, quando a diversidade de pessoas participando do diálogo oferece diferentes pontos de vista. Todavia, as apostilas e os cursos atualmente empregados não contemplam esses planos de estudo próprios da proposta de Kardec, mas um entendimento superficial, retirado no mais das vezes da moral tradicional das religiões formais. O acesso às obras originais de Allan Kardec é o primeiro passo para o restabelecimento dos conceitos elementares.

O atual estado do movimento espírita brasileiro tem configurado um amplo desvio da proposta original de Allan Kardec. Desvio

progressivamente construído, geração após geração, desde quando ele retornou à espiritualidade. Apesar dos esforços em contrário de seus discípulos fiéis, esse processo teve início na França, foi transportado para o Brasil e se consolidou do final do século 19 ao século 20.

Todavia, um fator tem relevância para explicar o desvio do movimento espírita quanto à proposta original de Allan Kardec: um movimento organizado por Espíritos apegados aos conceitos do velho mundo, unidos a um grupo de falsos adeptos da Doutrina Espírita responsáveis por lhes abrir caminho, executou um plano destinado a colocar no esquecimento a teoria moral autônoma do Espiritismo, substituindo-a por conceitos derivados da moral heterônoma das religiões e doutrinas ancestrais.

## **A ADULTERAÇÃO DA OBRA DE ALLAN KARDEC**

Em 2015, durante a escrita da obra *Revolução espírita*, entre as abordagens de pesquisa, nos surgiu a denúncia de adulteração da obra *A Gênese*. Formamos um grupo de estudos com a meta de apontar os trechos suprimidos e acrescentados. Logo percebemos que havia uma conexão temática, um nexos entre os trechos retirados, não tinha sido um trabalho aleatório. Consideramos, porém, precipitado tocar no assunto. A questão era mais complexa, exigindo um exame dos documentos referentes a cada edição, suas datas e registros. Mas a pesquisa minuciosa do conteúdo continuou a sua marcha.

Em verdade, conta-nos Charles Kempf, presidente da Federação Espírita da França, ocorreu um interesse simultâneo, por pesquisadores independentes entre si, espalhados em países de todos os continentes, interessados pela mesma questão: a adulteração de *A Gênese*.

### **Em defesa do legado espírita**

Deparamo-nos, então, com a minuciosa investigação histórica e doutrinária do movimento espírita na França feita por Simoni Privato Goidanich, abordando a adulteração da obra *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Trata-se de um marco histórico sem precedentes, com documentos recolhidos nos Arquivos Nacionais da França e na Biblioteca Nacional da França, além de profundas consultas da *Revista Espírita*, o jornal *Le Spiritisme* e os esforços feitos pelos pioneiros para tornar pública a denúncia, uma ampla volta ao passado.

Além de todo esse grandioso empreendimento, mais uma grata notícia: trata-se de mais uma mulher enfileirando-se entre as dedicadas defensoras do legado de Allan Kardec. Questionada quanto ao tema das mulheres espíritas do século 19, Simoni comentou:

Seria importante divulgar mais o trabalho das mulheres espíritas do século 19, sem minimizar o dos homens. Recordamos, por exemplo, Marie-Alexandrine Didelot, a Madame Delanne, que foi o grande apoio de Alexandre, seu marido, e Gabriel, seu filho. Além de cuidar do serviço doméstico, dos negócios da família na loja de artigos de higiene na passagem Choiseul, era notável médium, realizava um trabalho fundamental na administração da União Espírita Francesa e na distribuição do jornal *Le Spiritisme*. Era Marie-Alexandrine que organizava o grupo de mulheres voluntárias responsáveis por dobrar, etiquetar e enviar o jornal para os assinantes. Esse trabalho voluntário organizado e liderado pela Madame Delanne possibilitou a ampla difusão de *Le Spiritisme* <sup>66</sup>.

E então concluiu, lembrando de sua própria experiência atual:

Há muito para ser pesquisado e divulgado sobre as mulheres espíritas do século 19. Muitas dessas mulheres passaram anônimas para a história. Mas sem o trabalho delas não teria sido preservado o legado de Allan Kardec. Como no passado, além de dedicar-nos ao trabalho espírita, nós, mulheres, temos que cuidar da família, das ocupações domésticas, dos deveres profissionais. Muitas vezes nos sentimos cansadas, temos pouco tempo disponível, mas perseveramos nas tarefas espíritas, porque trabalhamos pelo ideal.

Houve muito esforço nos bastidores da obra *O legado de Allan Kardec*. A segunda filha de Simoni nasceu com um grave defeito no coração. Com poucas horas de nascida, submeteu-se a uma cirurgia cardíaca. Podemos imaginar o coração apreensivo, mas confiante, dos pais. Com apenas 2

anos, foi diagnosticada como autista, em grau severo. As famílias que possuem casos como esse em seu lar sabem que alguém precisa dedicar-se integralmente. Simoni licenciou-se sem remuneração da carreira diplomática.

Passou por Buenos Aires, Boston, Washington, Quito e Montevidéu, pois seu marido, conceituado e premiado diplomata brasileiro, além das preocupações familiares, dedica-se a estudos, publicações e divulgação do Espiritismo. Sempre intercalando os cuidados à filha pelo casal, lançou livros como: *Oratória a la luz del Espiritismo*, *Mediumnidade y pases*, *Divulgación del Espiritismo: Enseñanzas del ejemplo de José María Colavida*, entre outros. A partir deles foi convidada a fazer conferências por toda a América Latina. Um princípio primordial quanto aos livros está no custeio próprio, assim como das viagens. Seguindo os princípios estabelecidos por Kardec, todo retorno é doado a instituições espíritas. Simoni comenta:

Nossa família faz esse esforço financeiro porque considera que o trabalho espírita deve ser realizado sem interesse pessoal – seja moral, seja econômico. Quanto ao livro *O legado de Allan Kardec*, o primeiro que publiquei em português, todos os gastos com a elaboração correram por conta de meu marido. Eu mesma fiz a diagramação do miolo e a tradução para o português. A capa, a revisão do português e a impressão ficaram a cargo dos editores. Não recebo nenhum centavo por esse livro, assim como nunca recebi por todos os demais livros que tenho publicado.

Na conclusão de uma série de palestras realizadas em Buenos Aires, em 2016, o presidente da Confederación Espiritista Argentina (CEA), Gustavo Martínez, tradutor sério e dedicado das obras de Allan Kardec para o idioma espanhol, consultou Simoni quanto ao conteúdo definitivo de *A Gênese*. Apesar de se dedicar ao período histórico do século 19, ainda não sabia dessa questão. Provocada com a dúvida, decidiu investigá-la com todo o respeito que a doutrina espírita e Allan Kardec merecem. Como comenta:

Meu único propósito foi encontrar a verdade. Assim, nessa investigação, não parti de nenhuma opinião pessoal, de nenhuma hipótese, de nenhuma posição preconcebida.

Concentrei-me nos fatos, nos documentos e nos ensinamentos doutrinários, sobretudo das obras de Allan Kardec.

Num trabalho prévio, para se inteirar do assunto e informar-se sobre abordagens do tema anteriormente realizadas, Simoni empreendeu uma minuciosa investigação bibliográfica, especialmente de obras espíritas raras, no original em francês, dos séculos 19 e 20, tanto na Confederación Espiritista Argentina como na Asociación Espiritista Constancia, de Buenos Aires, possuidoras de bibliotecas ricamente providas. Além disso, manteve contato frequente com a Biblioteca Nacional e os Arquivos Nacionais da França, chegando à conclusão de que seria necessário consultar pessoalmente, em Paris, uma considerável parte dos documentos e livros:

Sabia que minha viagem para Paris representaria um gasto elevado para minha família, que eu necessitaria ficar longe de minha filha, que meu marido teria que contar com a compreensão de sua chefia para tirar férias e poder cuidar dela enquanto eu estivesse fazendo a pesquisa em Paris. Também tinha consciência de que seria uma viagem muito cansativa, de dedicação total à pesquisa, sem tempo para passeios ou distrações. No entanto, como se tratava de uma viagem necessária para esclarecer a questão do conteúdo definitivo de *A Gênese*, minha família fez os esforços necessários a fim de que eu pudesse ir para a França.

Em uma data que não poderia ser mais significativa, abril de 2017, celebração dos 160 anos da publicação de *O Livro dos Espíritos*, Simoni foi a Paris para realizar pessoalmente a investigação. Foram dias de trabalho muito intenso. Saía bem cedo, tomava o metrô lotado, sem nada ver da cidade. Era a primeira a chegar aos portões dos Arquivos Nacionais, mesmo antes do início do expediente, sob a garoa fria da primavera parisiense, esperando do lado de fora. Passava o dia pesquisando. Virou milhares de páginas de originais, além dos microfimes. Saía no último minuto do expediente, sem almoço. Examinava o material do dia no hotel, trocava mensagens com a família, pois o marido tirara férias para ficar com a filha, e preparava a pesquisa do dia seguinte.

Todo esse esforço foi recompensado. Todos os documentos necessários para esclarecer a questão do conteúdo definitivo de *A Gênese* estavam em

suas mãos. Pôde consultar, emocionada, o exemplar original depositado legalmente por Allan Kardec na data de 4 de janeiro de 1868. Chegou a hora de levar todos os seus achados ao conhecimento público. A Confederación Espiritista Argentina publicou o livro *El legado de Allan Kardec* em outubro de 2017. Foi distribuído, no Congresso Espírita Sul-Americano de Bogotá, aos dirigentes de diversos países presentes. No dia 4 de março de 2018, o livro *O legado de Allan Kardec* foi lançado em São Paulo<sup>67</sup>. Foi uma experiência que aliou o tema à própria causa defendida, como concluiu Simoni:

Em todos os momentos desse trabalho, especialmente nos mais desafiadores, jamais nos têm faltado a presença amiga e a ajuda de bons Espíritos. Eles sempre nos recordam que devemos utilizar todas as experiências que temos vivido, tanto na elaboração como na divulgação da pesquisa, para nosso próprio progresso moral.

Entre os presentes no Congresso de Bogotá, estava Charles Kempf. Recebeu das mãos de Gustavo Martinez a tradução restaurada da primeira edição original de Kardec. Charles comenta a sua reação:

A primeira grande descoberta transmitida por Gustavo a partir de 2016 foi um exemplar da quarta edição de *A Gênese*, permitindo constatar que, contrariamente ao que sempre se afirmou, a quarta edição é idêntica às três primeiras, e não à quinta. Sobre essa base, as pesquisas notáveis na BNF e nos Arquivos Nacionais de Paris feitas por Simoni em seguida permitiram estabelecer com certeza a sequência dessas edições, especialmente que a quinta, revisada, corrigida e aumentada, só foi publicada em 1872, mais de três anos após a desencarnação de Allan Kardec. Pude conferir pessoalmente quando voltei à França todos os documentos citados na obra, constatando sua irrepreensível fidelidade.

De volta à França, uma reunião trouxe à mesa os participantes do Mouvement Spirite Francophone (Movimento Espírita Francófono, MSF), que reúne a Federação Espírita da França, a União Espírita Belga, o Conselho Espírita do Canadá, de Luxemburgo, do Congo, entre outras sociedades. Depois de se apresentarem cuidadosamente as evidências, esclarecimentos e constatações, a decisão final e unânime não levou nem cinco minutos: primeiramente a determinação legal, segundo a Convenção

de Berna, de se preservarem os direitos morais do autor, nada alterando sem sua expressa vontade, em vida. Além disso, segundo o Espírito Erasto em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XX, item 230: “Na dúvida, abstém-se”. Imediatamente procedeu-se à publicação da primeira edição de *A Gênese* na língua francesa. Os países de língua espanhola seguiram o exemplo pioneiro da Argentina e do movimento francófono. A tradução em inglês está quase pronta. No Brasil, causa grande espanto aos estrangeiros a falta de iniciativa das diversas editoras em definitivamente respeitar os fatos, acompanhando todo o mundo. Comenta Kempf:

Ficamos estarecidos pela continuidade da impressão da tradução em português da quinta edição, assumindo assim o risco inacreditável de cometer uma violação do direito moral do próprio codificador, Allan Kardec, de acordo com a Convenção de Berna. Considerando os diversos elementos novos que, mesmo que não constituíssem uma prova absoluta da adulteração, dão lugar a uma dúvida mais que legítima. Esse debate foi ampliado pelo fato de que um dos parágrafos suprimidos na quinta edição fala da natureza do corpo de Jesus, questão sensível no Movimento Espírita no Brasil por causa das teorias de J.-B. Roustaing e que felizmente havia sido encerrada na França no ano seguinte à denúncia de Henri Sausse, com o apoio de numerosos argumentos, especialmente os de Gabriel Delanne.

## **As terríveis circunstâncias no período pós-Kardec**

Em dezembro de 1884, ocorreu a denúncia de que a quinta edição de *A Gênese* era uma adulteração da obra original publicada em vida por Allan Kardec, feita com a publicação do artigo “Uma infâmia”, de Henri Sausse, no jornal dirigido por Gabriel Delanne, *Le Spiritisme*. Esse periódico representava a União Espírita Francesa, da qual eram sócios mais de quatrocentos espíritas, como Léon Denis, Berthe Froppo, Alexandre Delanne, o casal Rosen e tantos outros. Amélie Boudet, incansável defensora de seu marido, Rivail, tendo regressado à espiritualidade no dia 21 de janeiro de 1883, quase dois anos antes dessas descobertas, nunca soube de nada em vida quanto às adulterações, ficando aos fiéis pioneiros, seus defensores e aliados, a missão de lutar pela causa. Sem Amélie,

portanto, nenhum deles sendo sócio acionista ou membro da Sociedade Científica do Espiritismo, entidade então responsável pela publicação das obras de Allan Kardec, restava a eles aguardar explicações e providências de Leymarie.

Nessa época, no entanto, a *Revista Espírita* havia se tornado uma tribuna de defesa de Roustaing, servindo para deturpar, atacar e diminuir a importância de Allan Kardec. Uma situação absurda, inaceitável, provocando indignação do movimento espírita. Nessa circunstância insustentável, Berthe Froppo publicou sua reivindicação:

Apelo a todos os espíritas, meus irmãos. Esse homem [Leymarie] pode permanecer na direção do Espiritismo? Já que ele não é mais espírita? Ele, que não tem nenhuma crença, que tem *somente interesses*, que renegou a Doutrina que devia defender e proteger, envileceu-a em si mesmo ao preferir outra. Agora quer fazer que a doutrina entre na fase teológica, para estabelecê-la como religião, e fazer que nossa bela filosofia seja rebaixada mediante congressos, cerimônias e, mais tarde, por dogmas, e tudo isso por amor ao dinheiro, para comprazer às ideias do sr. Guérin, o milionário. Converteu-se em roustainguista, preconizou as ideias subversivas sobre a natureza de Jesus [...]. Suplico a todos os espíritas que têm ações da Sociedade Anônima fundada pela sra. Allan Kardec que se reúnam em assembleia geral; eles têm o direito como acionistas [...]. (GOIDANICH, 2018, p. 245).

Infelizmente, porém, o apelo corajoso de Froppo não surtiria efeito algum. Nem ela nem ninguém sabia, mas Leymarie havia permitido a venda da Sociedade Anônima exatamente para o herdeiro da fortuna de Roustaing, incumbido de divulgar a sua obra: o milionário Guérin!

É quase inacreditável, mas providencial, que Simoni Privato, em meio aos milhares de documentos manuscritos esparsos nos Arquivos Nacionais, tenha encontrado o documento MC/ET/XCV/686, um instrumento jurídico de 20 de fevereiro de 1883 que formalizava a troca de uma casa com jardim em Bordeaux, propriedade de Jean Guérin, por 216 das 300 ações da Sociedade Anônima. Este passou algumas das ações que possuía aos seus fiéis amigos, Vautier, Joly, Vincent e Marina Duclos. Também para a esposa de Leymarie. Em setembro de 1883, Guérin emprestou mais 30 mil francos

para a Sociedade, ficando com a hipoteca dos imóveis da Villa de Ségur, antiga propriedade de Allan Kardec que seria destinada a abrigar idosos espíritas. Enfim, as obras, a instituição, o periódico e até as propriedades de Allan Kardec e do Espiritismo estavam nas mãos do sucessor e discípulo de Roustaing:

Além disso, ao ser o proprietário de 216 das 300 ações, Guérin tinha o controle do processo decisório da Sociedade Anônima. De fato, segundo os estatutos, para que fosse realizada a assembleia geral, era necessário que os membros presentes representassem a metade do capital social. Em outras palavras, sem a participação de Guérin, a Sociedade Anônima não podia deliberar. Quando não podia viajar para Paris e tratar pessoalmente dos assuntos da Sociedade Anônima, Guérin indicava Leymarie como seu representante. (GOIDANICH, 2018, p. 244)

Esse controle proporcionado pelo poder do dinheiro explica por que as páginas da *Revista Espírita* passaram a servir ao ataque a Kardec e defesa de Roustaing a cada número, e mostra a importância da luta empreendida pelos pioneiros à frente da União Espírita e de *Le Spiritisme*. Apesar da fremente indignação do movimento espírita leal aos princípios, afirma Privato que “a Sociedade Anônima permaneceu dominada por Guérin, com a colaboração de Leymarie, e foi transformada em um instrumento de propaganda, na França e no exterior, da teoria exposta na obra de Roustaing” (GOIDANICH, 2018, p. 247).

Naquele mesmo ano fatídico já havia ocorrido, nos jardins, a queima de arquivos, pilhas de papéis e cartas, ao invés de serem preservados por seu valor histórico inestimável. Somente a seleção de documentos guardada no armário de noqueira foi salva.

Ainda permanecia na memória indignada dos espíritas, logo após a morte de Amélie Boudet, um folheto impresso aos milhares e distribuído ousadamente junto aos exemplares da *Revista Espírita* enviada aos assinantes, intitulado *Les quatre Évangiles de J.-B. Roustaing: réponse à ses critiques et à ses adversaires, édité par les élèves de J. B. Roustaing* (Os

*quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing: resposta a seus críticos e a seus adversários, editado pelos discípulos de J.-B. Roustaing*).

Numa reunião da União Espírita em junho de 1883, Gabriel Delanne resumiu o panfleto: “A essência da obra [o panfleto] parece ser uma opinião preconcebida para denegrir Allan Kardec” (GOIDANICH, 2018, p. 282).

No panfleto, prontamente rebatido por diversas entidades espíritas, estupefatas diante de tão insensato atrevimento, os discípulos de Roustaing afirmam:

Allan Kardec foi injusto para com Roustaing, os fatos vão prová-lo. O sr. Roustaing é um professor em matéria de Espiritismo. Kardec desviou-se, esquecendo que deveria ser fiel à advertência dos Espíritos superiores: pois devia ajudar a fazer reconhecer e aceitar as bases da fase teológica, uma vez aberta com a ajuda de um instrumento claramente escolhido – mas que seria outro e não ele. Allan Kardec achou-se convocado e o único convocado. Mas não deveria empreender o monopólio de um sistema preconcebido. É o que teria compreendido, se fosse humilde e desinteressado. (ROUSTAING, 1882)<sup>68</sup>

Allan Kardec interesseiro e orgulhoso? Podemos imaginar o quanto a publicação oprimiu o coração dos pioneiros, como Berthe Froppo, amiga do casal Rivail, que viu as lutas dos bastidores, o quanto eles, além da dedicação à Doutrina, abriam as portas de sua casa aos desvalidos, as dezoito horas diárias de dedicação ao Espiritismo com o custo de sua saúde, sem jamais se queixar publicamente. Não existem palavras que possam expressar convenientemente tão grande indignação.

Mas os insultos continuam nas páginas seguintes do panfleto:

Allan Kardec, por se achar infalível, se fez monopolizador como todo aquele que se atribui o privilégio de uma infabilidade intransigente. Proscreevou todos os homens de estudo e de boa vontade que não souberam se curvar ao jugo de um autoritário. Em 1861, Roustaing foi declaradamente escolhido para começar a obra teológica da qual ele inaugura sua fase admirável, publicando em 1866 os três volumes de *Os quatro Evangelhos*.

Os pioneiros lutaram como puderam para afastar tais disparates. Enquanto isso, senhor de si (hoje sabemos que em virtude de ter assumido a confortável posição de proprietário da *Revista Espírita*), Guérin, com apoio

de Leymarie, publicou na *Revista* um resumo das obras de Roustaing e ainda afirmou, sobre *A Gênese*:

Mas quando se trata de explicar, do ponto de vista espírita, a personalidade do Cristo, Espírito puro, atribuindo à sua missão terrestre uma encarnação carnal, como a do homem de nosso planeta, a lógica habitual de Allan Kardec falta-lhe; já não lhe serve com complacência; ele se torna confuso, nebuloso e contraditório. (GOIDANICH, 2018, p. 291)

Mas seria Berthe Froppo, absolutamente provida do direito de defender o casal Rivail e o Espiritismo, quem bem respondeu aos injustos ataques:

Recebi com a *Revista* de junho de 1883 um folheto intitulado: *Os quatro Evangelhos de Roustaing: resposta aos seus críticos*. Não quero voltar à profunda indignação que senti durante a leitura desse panfleto, tão traiçoeiramente escrito, quanto astuciosamente elaborado. Quem são os discípulos de Roustaing? Quem tem lido os artigos do sr. Leymarie nesses quinze anos não achará difícil reconhecer seu gênero, estilo e expressões habituais. Por quatro anos, ele tem feito palestras sobre os evangelhos de Roustaing tanto na Bélgica quanto na França. Tendo recebido de Guérin cem mil francos pela Sociedade, cinco mil francos para as conferências e um prêmio de três mil francos para o melhor trabalho sobre o tema! Isso, porém, não deveria ter sido motivo para desviar a Doutrina de seu caminho e insultar Allan Kardec. (FROPPO, 1884)

Sophie Rosen se expressou da seguinte forma:

Esse panfleto, *dirigido diretamente a todos nós*, vem, mais de catorze anos depois da morte de Allan Kardec, e sobre o ataúde recém-fechado de sua companheira, atacar a honorabilidade do mestre, a autenticidade de seu método, o valor de seus trabalhos; e, juntando a hipocrisia com a injúria, manifestar melosamente estima e admiração pelo homem de quem esse miserável escrito não cessa de mofar-se! (GOIDANICH, 2018, p. 305)

A União Espírita Francesa, pelas palavras de Michel Rosen, rebateu: “Toda a sua linha de conduta [de Leymarie] acusa uma grave cumplicidade com os partidários de Roustaing, e [...] a *Revista*, há algum tempo, mantém uma linguagem tal que se poderia crer que foi comprada por nossos adversários!”. Realmente, ele estava muito bem inspirado, por narrar a verdade, sem sabê-la! Rosen continua: “Por um lado, o sr. Leymarie, o administrador e o conservador das obras espíritas, declara-se, de maneira categórica, teósofo. [...] Por outro lado, ele patrocina e defende J.-B.

Roustaing, o caluniador de Kardec e o antagonista de suas obras” (GOIDANICH, 2018, p. 292).

Fropo percebeu a manobra empreendida por aqueles que tomaram as rédeas da estrutura original de Kardec. Desejavam transformar uma ciência filosófica destinada a promover a autonomia moral como instrumento de libertação das massas em mais uma religião formal instituída, mais uma igreja pregadora da submissão. Mais do mesmo. Uma completa guinada nos propósitos do que os Espíritos superiores propuseram. Leymarie e Guérin estavam repetindo a história, sem o saber. Representavam o papa e o rico imperador Constantino, que se apossaram do cristianismo nascente, instituíram os templos de pedra, aboliram a simplicidade e a libertação pela mudança de mentalidade propostos por Jesus e defendidas bravamente pelas primeiras comunidades cristãs, criando a Igreja poderosa e dominadora, pregadora do servilismo:

Já que os ditos discípulos de Roustaing não querem se curvar diante de um “autoritário”, tal como acusam Kardec, por nosso lado não queremos ver o Espiritismo entrar em tal fase teológica. Para quê? Para estabelecê-lo sob a forma de religião? Mas ele é mais forte com seu simples título de filosofia! Ele usa de lógica e verdade para esclarecer o outro mundo. Consola corações, dá esperança de se chegar pela evolução à felicidade, à imortalidade do espírito, e ao conhecimento de um Deus todo bom e justo. De que mais precisamos? (FROPPO, 1884)

A estrutura da Sociedade Anônima, que, teoricamente, deveria apresentar-se como órgão representativo do movimento espírita, segundo a *Constituição transitória do Espiritismo* proposta por Kardec, em verdade tornou-se um instrumento de poder ilegítimo, formado por uma reduzida quantidade de membros contrários à causa espírita, orgulhosa de não precisar prestar contas a ninguém, nem ingerência em seus interesses, encerrando autoritariamente a discussão sobre o que achavam seus direitos ao defender Roustaing nas páginas da *Revista Espírita*, publicando panfletos para atacar Kardec:

A Sociedade Científica do Espiritismo é a que *manda em si mesma*; unicamente os acionistas

e o conselho supervisor *têm o direito de controle*, que lhes é sempre oferecido; ela respeita todas as outras Sociedades e jamais se permite ingerência nos assuntos delas; que elas façam o mesmo. [...] *A Sociedade é proprietária absoluta para fazer de seus bens o que lhe aprouver*; antes de tudo, está dedicada à Causa que nos é querida, e somente trabalha por ela, mas não admitimos a ingerência alheia em nossos assuntos. (GOIDANICH, 2018, p. 311).

Ou seja, Guérin e Leymarie evocam o direito conferido pela justiça dos homens, o direito de propriedade outorgado pelo poder de compra, para, tendo tomado posse da Sociedade, tratar do legado espírita ao sabor de seus próprios interesses. No caso, contrários ao que Allan Kardec desejava e ensinava. Esses fatos não repetem a criação da Igreja, poder temporal patrocinado pelo Império Romano, tirando do amplo e simples movimento dos primeiros cristãos o direito de se pronunciar sobre a palavra de Jesus? Essa instituição, evocando direito de propriedade e controle, não se tornou um pequeno grupo farto de poder e riqueza, decidindo em seus concílios ideias contrárias à boa-nova, trocando a mudança de mentalidade para a autonomia moral, como propunha Jesus, para a manutenção dos dogmas da teoria heterônoma? Levaram trezentos anos para erigir um templo de pedra usurpador do cristianismo. Quanto ao Espiritismo, quinze anos foram suficientes para repetir essa infâmia.

Tempos depois, no Brasil, o plano inimigo também se estabeleceu no movimento espírita em detrimento da verdadeira Doutrina. Insensatamente, em 1920, a Federação Espírita Brasileira publicou um extrato do malfadado folheto difamatório como prefácio da edição brasileira de *Os quatro Evangelhos*. Não é de espantar a indignação causada em todo o lúcido movimento espírita da época diante dessas manobras em defesa de Roustaing e em detrimento de Kardec pelos diretores da FEB. Também ficou estarecido Canuto Abreu, levando-o a promover a gigantesca investigação, suas viagens, pesquisas, entrevistas com os pioneiros, descobertas e todo o acervo que permitirá restabelecer a verdade.

## **A tentativa frustrada de defender o indefensável**

Quando os pioneiros fizeram a denúncia de que a obra *A Gênese* fora adulterada, eles consideravam a hipótese de que a edição dita “revista, corrigida e aumentada” não fora produzida pelas mãos de Allan Kardec, seu autor.

O Código Penal francês, desde 1810, não deixava dúvidas quanto ao direito do autor em manter sua obra preservada, sem qualquer mudança, como indica o artigo 425: “Qualquer edição de textos, composição musical, desenho, pintura ou qualquer outra produção, impressos ou gravados, no todo ou em parte, independentemente das leis e regulamentos relativos à propriedade dos autores, é uma falsificação, e qualquer falsificação é uma ofensa”.

O artigo 427 determinava, como pena ao infrator e ao divulgador, uma multa, o confisco da edição falsificada, como também das placas e matrizes, além da compensação e da indenização por todos os danos.

Era indiscutível, questão pacífica, que qualquer edição de uma obra só poderia ser feita pelo autor, de próprio punho. Desse modo, a discussão sobre a legitimidade quanto à alteração de *A Gênese* ficou reduzida à data da publicação da edição modificada. Seria legítima somente se publicada por Kardec em vida. Caso contrário, seria ilegal, sujeitando os envolvidos às penalidades da lei, devendo a publicação da obra retornar à sua edição original.

Henri Sausse e os demais pioneiros não tinham acesso aos documentos da sociedade, e só lhes restava fazer uma pesquisa dos dados presentes nas edições da *Revista Espírita* para identificar quando se deu a alteração do livro. A primeira edição foi noticiada por Allan Kardec como sendo colocada à venda em 6 de janeiro de 1868 (janeiro, p. 31). Na *Revista* de fevereiro, p. 64, anuncia a segunda edição, “estando quase esgotada a primeira edição, procede-se neste momento à tiragem da segunda edição, na

qual não foi feita nenhuma mudança”. E em março (p. 95), Kardec informa: “A segunda edição de *A Gênese*, estando quase esgotada, tira-se, neste momento, a terceira, de maneira que não haja interrupção”. Até o ano de 1883, não houve qualquer menção sobre novas edições.

Em janeiro de 1883 (p. 2), porém, um artigo que fazia uma retrospectiva das atividades da sociedade durante o ano de 1882, assinado pelo próprio Leymarie, informava que, até essa data, “De *A Gênese*, foi tirada a sétima edição, em 1869 tínhamos três edições”. Somente seria aceitável considerar legítima a alteração da obra caso a quarta edição fosse a primeira “revista, corrigida e aumentada”, com a condição de ter sido requerida até 31 de março de 1869, conforme a lei vigente.

Foi exatamente esse o argumento defendido por Leymarie e seus pares. No mesmo mês da denúncia feita pelo artigo “Uma infâmia” em *Le Spiritisme*, uma resposta foi publicada em editorial, dizendo inicialmente que “há dois anos nos sucede que viajantes caluniadores semeiam em seu caminho toda a espécie de invenções [...]. Deixávamos que fizessem isso, por sabermos que o que é contrário à verdade cai por si mesmo diante do mais simples exame” (*REVUE SPIRITE*, n. 24, 15 dez. 1884, p. 1-4). Então afirma:

À imitação desses mensageiros do mal, o sr. Henri Sausse, de Lyon, entregou-se a pacientes investigações para provar que a Sociedade Científica do Espiritismo, constituída para salvar as obras de Allan Kardec, as havia, ao contrário, FALSIFICADO. [...] Pouco escrupuloso e de comum acordo com a autora de *Beaucoup de lumière* [Berthe Froppo], o sr. H. Sausse preferiu servir-se de meios inqualificáveis; fez um artigo que lhe *cai sobre a cabeça como a pedra de um urso*<sup>69</sup>. [...] UMA INFÂMIA, e é com esse título estranho que o periódico *Le Spiritisme*, órgão da UNIÃO espírita francesa???[...] inseriu esse artigo, ajudando, assim a continuar a série de insinuações enganosas. Caluniar é, no entanto, uma obra antiespírita. Tivemos que enviar, por ordem judicial, a seguinte retificação [...] (*Ibidem*)

Ou seja, Leymarie colocou Henri Sausse, Froppo e Gabriel Delanne, discípulos fiéis de Kardec, agindo como mensageiros do mal, antiespíritas, pouco escrupulosos, mancomunados, pregando a desunião e caluniando,

sendo merecedores de uma resposta judicial!

A resposta, judicialmente informada aos pioneiros, apropriadamente ajustada à informação dada na *Revista* em janeiro de 1883, de que só havia três edições em 1869 e de que só havia uma edição posterior em 1882, a sétima, foi de que o primeiro editor de Kardec designado para cuidar de sua obra havia quebrado em 1868, tendo que elaborar assim uma nova tiragem das quarta, quinta e sexta edições, entregues na rua Lille, 7, em 1869. Essa segunda tiragem teria sido “revista, corrigida e aumentada” pelo próprio autor, Allan Kardec. Depois de dar essa explicação, Leymarie afirmou: “Não acrescentamos sequer mais uma palavra. Isso seria debilitar a força dessa refutação pelo *fato*”.

Todavia, como suas respostas não foram convincentes, mantendo a polêmica, foi publicada na *Revista Espírita* de março de 1885 uma declaração de Desliens, antigo secretário da Sociedade Parisiense, amigo pessoal de Leymarie:

A primeira tiragem da *Gênese*, dividida em três edições, como de costume, foi editada pela livraria A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie., e apareceu em 1<sup>o</sup> de janeiro de 1868. Durante o transcurso do ano de 1868, os editores quebraram e, naturalmente, Allan Kardec perdeu o que restava da primeira tiragem. Então, de comum acordo com o sr. Bittard, nessa época funcionário da livraria Lacroix, o mestre lançou as primeiras bases da fundação de uma livraria [...]. Embora a primeira tiragem da *Gênese* não se tivesse esgotado, Allan Kardec dispôs que se fizesse uma nova tiragem em 1868, das quarta, quinta e sexta edições, o que os tipógrafos Rouge Dusnon e Fraigné podem confirmar: é essa tiragem que tem sido objeto das edições publicadas de 1869 a 1871 e seguintes. Allan Kardec introduziu modificações nessa nova edição, e são elas, evidentemente, as que são objeto da polêmica instaurada sobre esse tema. (*REVUE SPIRITE*, n. 24, 15 dez. 1885, p. 169-71)

Assim, Leymarie e amigos davam como fato inquestionável, por meio de suas declarações, que Kardec alterou sua obra em 1869, a partir da quarta edição, e que Leymarie somente fez nova tiragem em 1882, a sétima edição, na qual, explica Desliens, “o sr. Leymarie foi totalmente alheio [...], posso afirmar que, nesse período, nenhuma modificação foi introduzida na

redação da *Gênese*, e que a última edição, de 1883, é exatamente similar àquela da tiragem de 1868, feita pelo mestre”.

E Desliens concluiu afirmando que “ora, dado que as matrizes foram feitas em 1868, durante a vida de Allan Kardec, é indubitável que unicamente o mestre introduziu as modificações que existem nas edições feitas posteriormente”, e “que esta curta explicação possa ser suficiente para eliminar da família espírita uma causa de desunião”, propondo, por fim: “*Amai-vos uns aos outros. Fora da caridade não há salvação*”.

Naquela época, o acesso aos documentos judiciais e até mesmo a edições antigas não era uma tarefa fácil. Mas, recentemente, os recursos modernos permitem a recuperação de documentos, digitalização, microfilmagem, arquivamento eletrônico, apoio à pesquisa, recursos digitais disponibilizados na internet (200 milhões de arquivos), além de salas especiais para a pesquisa. Os Arquivos Nacionais da França têm 350 km lineares de arquivos documentando a história desde o século 7. Além disso, em diversas plataformas, milhões de livros já foram escaneados e disponibilizados para o acesso público.

Desse modo, atualmente, os fatos não precisam ser esclarecidos por declarações, mas por documentos originais. A quarta edição de *A Gênese* (há um exemplar na Biblioteca Pública de Lyon, outro está na Biblioteca S. J. Maison Saint-Augustin, Enghien, Bélgica) é absolutamente idêntica à primeira publicada por Allan Kardec, registra como editor o mesmo das primeiras, A. Lacroix. Esse fato contraria todas as justificativas de Leymarie e Desliens, impossibilitando creditar a Kardec em vida a responsabilidade pela alteração de sua obra!

Mas a pesquisa minuciosa e histórica feita por Simoni Privato nos Arquivos Nacionais não encontrou somente essa prova. Vejamos as peças probatórias que ela levantou.

Está lá, na p. 84 de seu livro *O legado de Allan Kardec*, uma imagem do

registro da declaração n. 979, de 4 de fevereiro de 1869, pelo qual a gráfica requereu ao Ministério do Interior da França a impressão de mais 2 mil exemplares de *La Genèse* (documento F/18(II)/126, p. 209). Significando que:

A quarta edição de *La Genèse, les miracles et les prédictions selon le Spiritisme* é a última que Allan Kardec publicou durante sua existência física. Portanto, a edição definitiva de *La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*, de Allan Kardec, é a quarta, datada de 1868, cujo conteúdo, igual ao das três anteriores, coincide totalmente com o do exemplar depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868, que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional da França. (GOIDANICH, 2018, p. 90)

Isso, sim, trata-se de uma refutação pelo fato!

Resta saber como e quando a edição original de Allan Kardec foi adulterada.

E Simoni Privato não se desviou da meta até encontrá-la, salvaguardando a memória dos pioneiros. O primeiro documento é o registro de declaração n. 10. 769, de 19 de dezembro de 1872, por meio da qual a gráfica Rouge Frères, Dunon e Fresné requer ao Ministério do Interior sua intenção de imprimir 2 mil exemplares de *La Genèse*. A mesma gráfica que imprimiu as outras quatro edições originais! Mas como o conteúdo do livro não era equivalente ao depositado por Kardec em 1868, conforme mandava a lei, um depósito legal de um exemplar foi feito, documento registrado com o n. 9. 181, de 23 de dezembro de 1872 (GOIDANICH, 2018, p. 164-5). Portanto, o texto da quinta edição, de 1872, publicada mais de três anos depois do falecimento do professor Rivail, não sendo fiel ao conteúdo depositado legalmente e publicado pelo autor, segundo a lei francesa da época tratava-se de uma falsificação, infringindo o direito moral do autor. Certamente, quem a publicou na época negaria com todas as suas forças, em virtude das implicações legais rigorosas e também pela vultosa indenização devida, diante de uma condenação, pelos milhares de livros falsificados vendidos. Segundo a lei vigente na época, não só o editor, como

também a gráfica e o distribuidor estavam implicados. Talvez isso demonstre por que todos se apressaram a corroborar uma falsa explicação, tentando fugir às suas responsabilidades.

No ano de 1872, Leymarie era acionista, secretário-gerente da *Revista Espírita* e membro administrador da Sociedade Anônima. Quando assumiu o cargo, depois da renúncia de Desliens, em seu discurso, afirmou: “A *Revista* também deve modificar-se progressivamente [...]. São novos elementos que constituem uma nova fase do Espiritismo”, e também: “fazemos parte de um grupo de administradores desinteressados” (GOIDANICH, 2018, p. 151-2). Realmente, a “nova fase” foi representada pela mais completa divergência em relação aos conceitos originais, publicando artigos de teosofia, ocultismo, entre outras doutrinas. E a prática ficou longe de ser desinteressada, recebendo verbas mensais, porcentagem sobre a venda, remuneração de palestras e, por fim, a venda da Sociedade para os adversários de Kardec.

Atualmente, a Convenção de Berna para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas protege a integridade da obra, sendo que o direito moral do autor é imprescritível e perpétuo. Ela foi assinada pelo Brasil desde 1975, e, em novembro de 2015, 168 países eram signatários.

## **A comunicação dos Espíritos em Obras Póstumas sobre A Gênese**

Quando a FEAL anunciou a criação do CDOR e o convênio com o Instituto Canuto Abreu para a divulgação dos manuscritos e documentos inéditos que ele trouxe de Paris em 1950, espíritas de diversos países do mundo ficaram atentos aos desdobramentos dos fatos, cientes da importância desse resgate para o movimento espírita.

O atual presidente da Federação Espírita da França, Charles Kempf, havia

visitado várias vezes a Livraria Leymarie, desde os anos 1990. Ou seja, quarenta anos depois de Canuto ter entrevisto as prateleiras pela porta baixada, por meio do vidro sujo, sem, contudo, examinar em detalhes para verificar os documentos e as obras que Paul Leymarie não conseguiu levar consigo quando da insolvência da sociedade. Nessas visitas, Kempf confirmou a condição heterogênea das obras expostas, desde Espiritismo até esoterismo e ocultismo.

Atualmente, porém, a notícia que se espalhou é a de que a livraria estava para ser fechada, apesar de o proprietário ter anunciado possuir um lote remanescente das cartas manuscritas de Allan Kardec e outros documentos da Sociedade Parisiense. Concretiza-se a informação registrada por Canuto Abreu! Charles nos relatou sua reação:

Fiz contato com o proprietário atual da livraria, assegurando-me quanto à fonte desses documentos, obtendo sua autorização para escaneá-los ou fotografá-los, e fui à sua casa para esse fim. Depois de quase trinta anos de pesquisas, eu nunca havia visto tantos documentos, cartas, fotos, diplomas. Em seguida, durante dois dias inteiros, com a ajuda de um membro da Federação Espírita Francesa, escaneei todos os documentos lá reunidos. Antes disso, espalhara-se a notícia de que os famosos documentos haviam sido reunidos por Canuto Abreu no início do século 20, quando de suas viagens à França, onde ele conhecera, entre outros, Paul Leymarie e Léon Denis. A existência desses documentos era conhecida havia muito tempo.

Diante de fatos extraordinários ocorrendo tão rapidamente quanto à restauração de *A Gênese*, as descobertas recentes sobre a história do Espiritismo e o ressurgimento concomitante dos lotes dos arquivos de Kardec, Kempf opina: “É, sem nenhuma dúvida, a vontade de Deus que permitiu que todos esses elementos sejam trazidos à luz na fase de transição que atravessa nosso planeta. Nós somos apenas simples instrumentos dessa vontade divina, segundo nosso livre-arbítrio e nossa boa vontade”.

Quando procuramos Lian Duarte, neto de Canuto Abreu, para examinar os documentos deixados por seu avô, nosso objetivo era somente verificar o quanto poderia haver relativo à obra *A Gênese*, enquanto preparávamos a

publicação da versão original de Kardec. Havia um impasse, declarado por alguns espíritas, em virtude de uma mensagem publicada em *Obras Póstumas*, de Allan Kardec. Em verdade, uma compilação de documentos, alguns inéditos, outros que apareceram inicialmente em diversos números da *Revista Espírita*, publicada por Pierre-Gaëtan Leymarie em janeiro de 1890.

A mensagem datada de 22 de fevereiro de 1868, uma comunicação particular, recebida pelo médium senhor D. , não declarando seu nome, como já era costume desde Kardec. Após o título da mensagem, *A Gênese*, o primeiro parágrafo não trata da comunicação, mas de um texto explicativo supostamente escrito por Kardec, é o que se deduz: “Em seguida a uma comunicação em que o dr. Demeure me deu conselhos muito sábios sobre modificações a serem feitas no livro *A Gênese*, para a sua reedição, da qual ele me concitava a cuidar sem demora, eu lhe disse...”.

Apenas ficamos sabendo que o Espírito deu conselhos sobre modificações em sua obra. Mas, perguntamos, quais seriam essas sugestões? Por que Leymarie não colocou essas importantes instruções para o conhecimento do leitor? Não é a parte crucial da questão? Afinal, o que teria aconselhado? Exatamente o que foi feito na quinta edição ou coisa diferente? Esse início deixa tudo ao encargo da imaginação, confundindo mais do que resolvendo a questão.

Mas, então, a mensagem continua, registrando o que disse Kardec ao Espírito:

A venda, até aqui tão rápida, sem dúvida esfriará; foi um efeito do primeiro momento. Creio bem que a quarta e a quinta edições custarão mais a esgotar-se. Todavia, como é preciso certo tempo para a revisão e a reimpressão, cumpre que eu não esteja desprevenido. Poderias dizer-me de quanto tempo, mais ou, menos, disponho para tratar disso.

Nesse parágrafo, depreendemos que Kardec estava se incumbindo de fazer a revisão e reimpressão, e somos levados a imaginar que esse questionamento ocorreu depois da terceira edição, já que ele faz referência

à quarta como sendo a próxima. Essa declaração de Kardec interessa muito à tese de Leymarie para afirmar, na época, que teria sido o próprio autor quem teria feito as modificações na edição indicada por ele como “fato” definitivo, ou seja, na *quarta edição*, única não anunciada na *Revista Espírita*<sup>70</sup>. Insinua-se aqui uma defesa de sua versão da história! Possivelmente tenha sido exatamente essa impressão que Leymarie desejava criar na mente do leitor de *Obras Póstumas*.

Em seguida, em sua resposta, Demeure é bem claro e objetivo: “É um trabalho sério essa revisão, e eu te aconselho que não tardes muito a começá-lo”.

Certamente, Leymarie deve ter avaliado como triunfante a publicação dessa mensagem, mas ela oferece mais dúvidas do que esclarecimentos.

Podemos imaginar o espanto que deve ter tomado Charles Kempf quando, examinando as dezenas de documentos exaustivamente escaneados encontrou as imagens de duas páginas preenchidas com a letra miúda, em linhas espremidas, intitulado: “Conselhos sobre *A Gênese*, 22 de fevereiro de 1865. Médiun senhor Desliens”, pois no original o nome consta por extenso (<https://espírito.org.br/autonomia/conselhos-sobre-a-genese/>).

São duas páginas, e o que primeiramente chama a atenção é o fato de que o primeiro parágrafo em *Obras Póstumas* não existe!

Em primeiro lugar, não há o nome do espírito comunicante em toda a mensagem, portanto não se pode concluir que teria sido o Espírito Demeure, o qual, aliás, costumava tratar de questões de saúde.

Enfim, não há uma mensagem anterior onde o Espírito tenha tratado dos conselhos: como diz o título grafado por Kardec, é exatamente nela que eles se encontram, logo em seu início. E os conselhos revelam um projeto *completamente oposto* ao executado na quinta edição adulterada de 1872.

Há uma questão inicial de Allan Kardec, bastante objetiva:

– Na reimpressão que vamos fazer, gostaria de acrescentar algumas

coisas, sem aumentar o volume. Você acha que existem partes que poderiam ser removidas sem inconveniência?

Ou seja, era de iniciativa de Allan Kardec fazer uma modificação em sua obra, mas qual? Ele desejava acrescentar mais algumas coisas! Não tirar. E desejava fazer isso sem aumentar o volume do livro. O motivo de sua pergunta a Demeure está em saber se seria possível fazer isso, segundo a visão do Espírito. E a resposta é bastante objetiva e determinante. Ele respondeu, por meio do médium, enquanto Kardec anotava na folha:

– Minha opinião é que não há absolutamente nada para tirar como doutrina; tudo é útil e satisfatório em todos os aspectos. Mas também acredito que você poderia, sem inconveniência, condensar ainda mais certas ideias que não precisam de desenvolvimento para serem compreendidas, já tendo sido esboçadas em outro lugar; em seu trabalho de reorganização, você conseguirá isso facilmente.

Tirar alguma coisa? Nada quanto à Doutrina. Demeure foi bastante claro, mas ainda detalhou mais sua proposta:

– Devemos deixar intactas todas as teorias que aparecem pela primeira vez aos olhos do público; não retire nada como ideias, repito, mas corte apenas, aqui e ali, desenvolvimentos que não acrescentam nada à clareza. Você será mais conciso, sem dúvida, mas igualmente compreensível, e é no terreno assim adquirido que você poderá ter que adicionar elementos novos e urgentes.

Definitivamente não é o que encontramos na versão adulterada da obra de 1872! Foram centenas de supressões. Palavras, frases, parágrafos e até partes inteiras foram retiradas, algumas alterando o sentido do restante do texto.

Basta dizer que a teoria sobre a conquista progressiva do livre-arbítrio, após o espírito elaborar a consciência de si mesmo durante centenas de vidas, foi retirada depois de cuidadosamente elaborada por Kardec durante

muitos anos, na *Revista Espírita*, e finalmente apresentada na obra *A Gênese*. Antes, o instinto dominava sozinho, mas a inteligência começa a se desenvolver, e aos poucos o instinto se enfraquece, então escreveu originalmente Kardec: “Com a inteligência racional, nasce o livre-arbítrio que o homem usa à sua vontade: então somente, para ele, começa a responsabilidade de seus atos” (KARDEC, [1868] 2018, p. 100). Esse importante trecho, fundamental para a Teoria Moral Espírita, foi deliberadamente retirado, contra a vontade de Kardec e as recomendações dos Espíritos, fato que agora comprovamos! Nas páginas desta obra detalhamos diversas dessas infames e criminosas falsificações.

Mas se não deveria tirar teoria nova alguma, nenhuma ideia, pois “tudo está útil e satisfatório”, mexer no quê? A recomendação é a de rever certas comparações para evitar que sejam interpretadas equivocadamente, melhorando assim o texto. Uma questão de detalhes. Demeure deu inicialmente explicações precisas:

– Permita-me alguns conselhos pessoais sobre o seu livro *A Gênese*. Eu acho que, como você faz, ele deve passar por um rearranjo que o fará ganhar valor em termos metódicos; mas também lhe aconselho a rever certas comparações dos primeiros capítulos, que, sem serem imprecisas, podem ser ambíguas, e que podem ser usadas contra você no arremate das palavras. Não quero indicá-los de uma maneira mais especial, mas, analisando cuidadosamente o segundo e terceiro capítulos, eles certamente o surpreenderão. Nós cuidamos da sua pesquisa. É apenas uma questão de detalhe, sem dúvida, mas os detalhes às vezes têm sua importância; é por isso que achei útil chamar sua atenção para esse lado.

Kardec, na continuidade de sua palestra com o Espírito Demeure, chega agora à questão do cronograma, do tempo que teria disponível para executar esse trabalho de revisão sugerido, e então pergunta:

– A venda tão rápida até agora vai se acalmar, sem dúvida; é o efeito do

primeiro momento. Então eu acho que *a terceira e a quarta edições* vão demorar mais tempo; no entanto, como leva um certo tempo para revisão e reimpressão, é importante não ser pego de surpresa. Você poderia me dizer aproximadamente quanto mais tempo adiante eu disponho, para agir de acordo?

E é exatamente neste parágrafo que Leymarie deixou escapar a autoincriminação a partir de suas ações. Já vimos que ele alterou a ordem dos parágrafos da mensagem. Também suprimiu parte dela, cujo conteúdo não lhe interessava que viesse a público, pois demonstra que o Espírito estava satisfeito com o livro *A Gênese* e recomendava “deixar intactas todas as teorias que aparecem pela primeira vez”. Mas nesse trecho chegou ao máximo, pois adulterou “terceira e quarta edições” para “quarta e quinta edições”, conforme o seu interesse particular de encobrir a falsa declaração de que Kardec havia modificado o livro em sua quarta edição.

Em resumo. Leymarie sabia que a quinta edição foi a que alterou a obra, pois isso aconteceu exatamente quando essa edição foi requerida, teve um exemplar depositado, foi impressa e distribuída na livraria sob a sua administração. Mas agora sabemos também que ele adulterou a mensagem em *Obras Póstumas*, para tentar encobrir o fato aos leitores espíritas, em 1890. As peças vão se encaixando, e cabe ao leitor tirar suas próprias conclusões. Ao meu ver, não sobra pedra sobre pedra nessa trama para calar a voz de Allan Kardec, no que havia de mais precioso na conclusão de sua obra.

Quem quer que seja que tenha adulterado a obra original de Allan Kardec, retirou um trecho no qual Kardec já o havia perdoado, demonstrando que nunca a força, a imposição, vai vencer: “Coerente consigo mesmo, ele não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que venham a ele livremente, voluntariamente; ele quer ser aceito pela razão e não pela força”.

A adulteração é uma atitude de quem não aceita o debate, quer cassar o direito do outro de se expressar, teme debater argumentos. Ao contrário de Kardec, quer ser aceito pela força e não pela razão. Esse trecho foi retirado do livro! Junto a ele, a parte final do raciocínio, na qual o professor sentencia: “mas ele não condena a ninguém, mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que a estrada do bem está aberta aos mais imperfeitos, e que cedo ou tarde eles entrarão nela”.

Kardec não condena quem tenha feito essa agressão, adulterando a sua obra. É necessário, sem dúvida, restabelecer a verdade dos fatos e restituir o livro à sua versão original, isso é uma obrigação, inclusive de caráter legal. Mas, aos inimigos infratores, há a certeza de que voltarão, arrependidos, fazendo uso de seu esforço para superar sua imperfeição e reparar os prejuízos causados. Cedo ou tarde. Mas inevitavelmente.

## **A quem interessa o conteúdo adulterado na obra A Gênese?**

Foram cerca de 425 adulterações em *A Gênese*, realizadas em dezembro de 1872. É possível deduzir algumas intenções, estudando cada uma delas, buscando correlações, identificando o que ocasiona ao entendimento do texto a supressão dos trechos.

Alguns acréscimos feitos eram trechos de textos da *Revista Espírita*, mas que Allan Kardec não havia selecionado para esse fim. Esses acréscimos são enxertados para cobrir outros tantos retirados deliberadamente.

Em algumas partes do livro, os parágrafos estão embaralhados, tirados da ordem. Nesses trechos perdemos a beleza e a progressividade ordenada característica do estilo de Kardec, eminente educador, didático e organizado, que desenvolvia seus pensamentos do mais simples ao mais complexo.

Houve também um minucioso interesse em alterar alguns trechos

cirurgicamente, alterando palavras, pequenas frases. Mas também ocorrem remoções amplas, parágrafos e grandes trechos. O Capítulo XVIII, “Os tempos são chegados”, texto conclusivo da obra, no qual Kardec apresenta os grandes avanços sociais ocasionados pela revolução espírita no futuro, foi tão desestruturado, mutilado e enxertado que na versão adulterada ele deixa de ser compreensível, as ideias se desconectam, perdem o sentido original.

Uma adulteração em particular, e isso foi observado já por Henri Sausse em 1884, no seu artigo “A infâmia” (jornal *Le Spiritisme*), causa elevada suspeita, pois trata-se da teoria do corpo fluídico de Jesus, dogma central da obra *Os quatro Evangelhos*, mediúnica, editada e apresentada por J.-B. Roustaing. No terceiro tomo da obra, encontramos:

Foi assim que o corpo de Jesus, que não era um corpo humano material como os vossos, mas fluídico, de natureza perispiritual, desapareceu do sepulcro, estando chumbada a pedra que o fechava, de modo que não mais se achava lá quando se deu a deslocação e o derribamento da pedra. (ROUSTAINING, 1996, p. 494)

Em 1866, Allan Kardec vai analisar a obra, lembrando que devemos considerar que o plano do Espiritismo era o de reservar as questões mais complexas e controversas para as últimas obras, conclusivas. Os Espíritos que elaboraram a obra divulgada por Roustaing, sem acompanhar a universalidade do ensino dos Espíritos, dos quais divergiam, trataram de todos os temas antecipadamente, anos antes, divergindo dos caminhos apontados por Kardec já na *Revista Espírita*:

O autor dessa nova obra acreditou em dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e

até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita. (KARDEC, [RE] 1866, p. 126)

Ou seja, Allan Kardec não se propõe a impor nada. Mas reflete e analisa todos os passos dados na elaboração da Doutrina. Respeitando o direito de Roustaing ao propor a obra dos Espíritos que a ditaram, reserva ao trabalho a ele confiado de verificar cada proposição nova pelos critérios da racionalidade, conexão com as bases erigidas do edifício doutrinário, e também verificar as novas ideias quanto à universalidade do ensino, critério fundamental da Doutrina Espírita. Então, Kardec conclui:

Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinados de todos os lados pelo Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar de acordo com a maioria; é assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Nós o dissemos cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos? (*Ibidem*)

Para o Espiritismo isso é absoluto, qualquer comunicação, não importa que seja uma linha ou uma coleção de livros, tendo surgido de uma única fonte, um só médium ou um só núcleo de pesquisa, é simplesmente uma opinião até que seja confirmada pela universalidade do ensino dos Espíritos superiores.

Quanto ao corpo fluídico de Jesus, sem prejudicar, Kardec vai ponderar que outras explicações são mais plausíveis, além de creditar a Jesus uma vida de aparência, com graves consequências morais. Mas ressalta que “Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apoia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus” (*Ibidem*). Allan Kardec, sem precisar mergulhar na extensa obra para analisá-la, notou uma particularidade: toda a estrutura explicativa

de *Os quatro Evangelhos* gira em torno dessa opinião, todos os fatos miraculosos da vida de Jesus são explicados a partir dessa ideia básica. Desse modo, basta aguardar que os Espíritos a confirmem, neguem ou fiquem indiferentes, nos anos seguintes. Essa postura, diante da apresentação da ideia, permitirá deduzir o posicionamento da universalidade do ensino dos Espíritos sobre essa opinião de fonte única.

Foi o que fez Allan Kardec. Aguardou o pronunciamento dos Espíritos condutores do Espiritismo, nos anos seguintes, até a publicação de *A Gênese*, quando voltou ao assunto.

No Capítulo XV, item 64 de *A Gênese*, o título é “Desaparecimento do corpo de Jesus”. Três hipóteses são apresentadas: um milagre, uma remoção clandestina e a possibilidade de um fenômeno espírita. O milagre é a hipótese da Igreja. A remoção seria uma explicação racional, simples, factual, já pensada pela tradição do cristianismo, que afastaria qualquer dedução sobrenatural. Na terceira hipótese, “outra opinião”, diz Kardec, “Jesus não teria se revestido de um corpo carnal, mas somente de um corpo fluídico”. Essa é a opinião, pedra angular de *Os quatro Evangelhos*:

Sem dúvida, tal fato não é radicalmente impossível de acordo com o que sabemos hoje sobre as propriedades dos fluidos. Porém, seria, ao menos, completamente excepcional e em oposição inequívoca com as características dos agêneres (cap. XIV, no 36). *A questão é então saber se uma tal hipótese é admissível, se ela é confirmada ou refutada pelos fatos.* (KARDEC, [1868] 2018, p. 349)

Kardec desenvolve então diversas considerações morais que não vamos aqui reproduzir, mas recomendamos um estudo atento de sua obra, pela força de seus argumentos e do esclarecimento da questão. Destacamos a consideração fortíssima de que:

Supor que ele fosse assim é tirar-lhe todo o mérito da vida de privação e de sofrimentos que ele escolheu, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse apenas aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus de afastar o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até seu último brado no momento de render o Espírito teria sido apenas um vão simulacro, para enganar

quanto a sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório de sua vida, uma farsa indigna de um simples honesto homem, e com mais forte razão de um ser tão superior. (KARDEC, [1868] 2018, p. 350)

Essa simulação de toda uma vida não só é ilógica, como também contrária aos fundamentos morais: “Ou seja, ele teria abusado da boa-fé de seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema. Consequências que são inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de elevá-lo” (*Ibidem*).

Então, uma conclusão racional inevitável surge como um arremate da análise minuciosa de Kardec: “*Jesus, pois, teve, como todo mundo, um corpo carnal e um corpo fluídico, demonstrados pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram sua vida*”. Jesus reencarnou como nós, repetindo as experiências anteriormente vivenciadas por ele, milhares e milhares de vezes, desde que foi simples e ignorante, conquistando a consciência de si mesmo, o livre-arbítrio, suas virtudes e sabedorias, nas mais diversas provas da vida humana. Essa é a conclusão do item.

Allan Kardec agiu com precisão lógica, seguindo a metodologia da Ciência Espírita, empregando o duplo controle do raciocínio lógico e do controle universal. Uma demonstração de respeito pela opinião alheia. Mas também de determinação quanto à elaboração dos conceitos fundamentais da Doutrina Espírita. Há um detalhe primordial, porém sutil, nesse trabalho de análise sobre o corpo fluídico. Como essa opinião é a pedra angular de *Os quatro Evangelhos*, e não sendo ela admissível, pois Jesus tinha corpo carnal segundo o Espiritismo, todos os desenvolvimentos, explicações e conclusões exaustivamente elaborados naquela obra permanecem como opinião pessoal dos Espíritos que a elaboraram, ficando afastadas do Espiritismo, que tem uma Doutrina coesa e definida por seus próprios princípios, estabelecidos em Kardec. Na Doutrina Espírita não há exceção extraordinária, todos os seres seguem uma progressiva e lógica formação,

do átomo ao espírito puro. Trata-se de leis naturais e eternas, relativas ao mundo moral, como também quanto ao mundo físico.

Mas restava dar um desfecho, uma conclusão quanto à controvérsia defendida por Roustaing. E Kardec pergunta:

Em que se transformou o corpo carnal? É um problema cuja solução não se pode deduzir, até nova ordem, salvo por hipóteses, pela falta de elementos suficientes para assegurar uma convicção. Essa solução, aliás, é de uma importância secundária e não acrescentaria nada aos méritos de Cristo nem aos fatos que atestam, de certa maneira muito categórica, sua superioridade e sua missão divina. (*Ibidem*)

Essa citação já é o início do trecho suprimido na quinta edição do livro. E ele é muito significativo, prestando atenção às palavras de Kardec. A partir daqui ele considera como fato a existência do corpo carnal, material, fisiológico, de Jesus, e pergunta, assim, qual foi o seu destino?

No segundo trecho suprimido, Kardec dá uma sentença final à dúvida sobre o tema:

Não pode, pois, haver, sobre o modo como esse desaparecimento aconteceu, mais que opiniões pessoais, que teriam valor apenas se fossem confirmadas por uma lógica rigorosa, assim como pelo ensinamento geral dos Espíritos. Ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle. (*Ibidem*)

Retomando, é um conceito fundamental do Espiritismo, aqui estabelecido, que Jesus viveu como todo ser humano, em sua natureza trina: Espírito, perispírito, corpo material. Quanto à dúvida sobre como o corpo físico, fisiológico, desapareceu do sepulcro, um detalhe de menor importância, cada uma das hipóteses permanece como simples opinião, pois os Espíritos não se manifestaram coletivamente para exercer a universalidade do ensino dos Espíritos.

Por fim, apesar de não ocorrer o pronunciamento dos Espíritos sobre o *desaparecimento do corpo*, e estando afastada a hipótese do corpo fluídico, restaria, pela análise lógica, a hipótese de uma remoção clandestina do corpo carnal. Mas, se fôssemos considerar a hipótese de que tenha ocorrido

um fenômeno espírita, teríamos que recorrer a um fenômeno relacionado aos efeitos físicos, pois um corpo fisiológico pode, sim, ser movido, mas para isso a explicação seria a dos fenômenos de transporte e invisibilidade, como ocorre com pedras, flores e tantos outros objetos, fenômeno demonstrado em sessões de efeitos físicos. Inclusive há casos de transporte e invisibilidade de pessoas vivas, como nos relatos das vidas de Andrew Jackson Davis (1826-1910), que, na tarde de 6 de março de 1844, viu-se transportado da cidade de Poughkeepsie, Nova York, onde vivia, até as distantes montanhas Catskill. Lá, viu as aparições de Galeno e Swedenborg. Depois precisou fazer a pé a viagem de volta para casa. Quanto ao desaparecimento do corpo físico de Jesus, então, Kardec conclui: “Entretanto, sendo descartada a suposição de um rapto clandestino, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade (*Livro dos Médiuns*, cap. IV e V)” (KARDEC, [1868] 2018, p. 351).

Afinal, todo esse trecho suprimido não pelas mãos de Kardec tem um só objetivo, retirar do texto a conclusão final de seu texto, justamente quando ele nega legitimidade à hipótese do corpo fluídico, mantendo essa ideia como opinião, mas contrária à Teoria Espírita.

Mas ainda ocorreu uma última falsificação nesse item da obra. Uma pequena frase foi acrescentada no final, jamais escrita por Kardec, criando uma terrível ironia. Acrescentaram: “Tinham a mesma crença os docetas (do grego *dokein*, aparecer), seita numerosa dos gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos”. A associação entre a teoria divulgada por Roustaing e o docetismo foi duramente criticada pelos seus discípulos, inclusive ocupando parte considerável do folheto difamatório, *Os quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing: resposta a seus críticos e a seus adversários*, editado pelos discípulos de J.-B. Roustaing, distribuído sob a responsabilidade de Leymarie e Guérin. Nesse livreto acusatório, afirmam:

Allan Kardec, nas suas conversações e nos seus escritos, manifestava a pretensão de acoimar

de docetismo (doutrina errônea, falsa e condenada) tudo o que tendesse a provar que o Cristo teve apenas um corpo fluídico durante a sua permanência na terra. *Os quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing eram diretamente objetivados por essa apreciação. [...] Vamos responder a essa pretensão, a essa insinuação que, se não é intencional, prova que o autor do sistema preconcebido não conhecia a doutrina dos docetas, pois que a considerava semelhante à nossa. (ROUSTAING, 1882, p. 130)

Esse trecho é atribuído ao próprio Roustaing, como está indicado no folheto. Então, veja bem, Kardec não escreveu sobre isso em *A Gênese*. Essa menção é uma falsificação do texto. Não há outra conclusão a tirar senão a de que aquele que adulterou o livro plantou uma controvérsia para depois ser explorada como fraqueza do texto contra seu autor, Kardec. Um cavalo de Troia, que, diferentemente da mitologia, não foi aceito pelo destinatário, mas plantado sorrateiramente, contra a sua vontade, ilegalmente, anos depois de seu regresso à espiritualidade.

## **A questão central do desvio**

Quanto à adulteração de *A Gênese*, até aqui observamos a intenção de prejudicar o entendimento, retirar da obra a integridade do conjunto, afastar o leitor da compreensão. Mas há outra, abstraída do conjunto, uma intenção mais profunda e articulada: retirar do livro conclusivo de Allan Kardec os fundamentos da teoria moral espírita, elaborada durante muitos anos e reservada para ser apresentada em seus fundamentos e máximas em suas duas últimas obras, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Diversas adulterações presentes na quinta edição ilegítima de *A Gênese* exercem a tarefa de afastar as principais objeções da Teoria Espírita quanto aos fundamentos da moral heterônoma, além da submissão e da fé cega.

Por outro lado, todos esses conceitos que fundamentam os dogmas e a moral heterônoma das religiões ancestrais estão na metafísica da obra *Os quatro Evangelhos*, difundida por Roustaing. São eles: *degeneração da alma, queda pela culpa, pecado* (uma só vida) e *carma* (reencarnação),

*castigo e recompensa (pela dor e prazer), vida terrena como castigo.*

Essa obra foi ditada por Espíritos ligados às estruturas equivocadas do velho mundo, aos conceitos dogmáticos destinados a fazer que os indivíduos se sintam culpados, tenham medo terrível de cometer qualquer erro com receio de serem castigados. Aqueles levados a acreditar na ira divina, nas dificuldades da vida como sendo castigos, caem no desalento, na desesperança, não enxergam valor nem saída para a vida. Para não errar, preferem nem tentar. Permanecem submissos, apáticos. Qual interesse teriam de ensinar a doutrina da liberdade de Jesus os indivíduos que, por seu poder e liderança, deveriam se dedicar a isso? Almejam atender aos caprichos de seu orgulho, aos interesses de seus desejos de poder e posses. Coisas passageiras que ficam no mundo após a morte. Estendem a revolta de seus próprios infortúnios, consequências de seu orgulho e egoísmo, para toda a humanidade. Encarnados ou desencarnados, esses retrógrados tentam tapar o sol com peneira, agarrando-se ao velho mundo, desesperados por manter seus privilégios e falso poder.

O Espiritismo verdadeiro, porém, tem uma finalidade sublime no movimento de regeneração da humanidade, como considera Kardec, “não o Espiritismo ridículo, inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, como o compreende qualquer um que se dê ao trabalho de buscar a amêndoa em sua casca”. Ele vem sanar aqueles que sofrem enganados por esses falsos dogmas, desviados de sua felicidade, que será fruto de seu esforço, não de uma espera inativa, pois:

Pelas provas que oferece das verdades fundamentais, ele preenche o vazio que a incredulidade criou nas ideias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme a justiça de Deus, e que a mais severa razão pode admitir, atenua as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero. (KARDEC, [1868] 2018, p. 405)

O roustainguismo não tem valor por si mesmo, pois apenas tem como objetivo manter os interessados no Espiritismo afastados de sua verdadeira doutrina libertadora. No Brasil, aqueles que se esforçaram por divulgá-lo

implantaram seus funestos conceitos dogmáticos, tendo sucesso em virtude de a quase totalidade dos espíritas em nosso país terem sido doutrinados pelo catecismo da Igreja na infância e juventude. Depois de algumas gerações, esses desvios deixaram suas marcas, mesmo que a origem tenha ficado esquecida. Por isso sua herança é funesta, pois, quando se perde a consciência da origem dos falsos ensinamentos, fica mais difícil libertar-se deles.

Há aqueles que, vendo os equívocos para eles patentes desses conceitos dogmáticos e tantos outros misticismos contraditórios e até burlescos, se perguntam: Como alguém pode se deixar levar por algo tão evidentemente falso? É preciso levar em conta que, no ambiente religioso, prevalece a fé cega, a aceitação irracional. O indivíduo que sofre sem esperança aceita qualquer explicação, mesmo que absurda, que lhe tire a dúvida caso abra mão do exame. Por isso o Espiritismo requer a fé raciocinada.

Para auxiliar nesse exercício de libertação dos falsos ensinamentos, para uma mudança de paradigma moral da heteronomia para a autonomia, vamos estudar os principais conceitos dogmáticos presentes tanto no catecismo das igrejas, quanto da obra *Os quatro Evangelhos*, apresentando a alternativa adequada e progressiva proposta por Allan Kardec em suas obras. O Espiritismo destina sua consoladora Doutrina a dar força àqueles que se sentem fracos, aos desvalidos por se colocarem em culpa, àqueles sem esperança por não verem saída entre as dificuldades que enfrentam. Para alcançar esse resultado, o Espiritismo, segundo Kardec:

Combate o fanatismo sob todas as formas, cortando-o pela raiz, anunciando a salvação para todos os homens de bem, assim como a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, por seus esforços, pela expiação e reparação, à perfeição única, que leva à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o porto a que pode chegar. (*Ibidem*)

Vejamos trechos da obra *Os quatro Evangelhos*, seguidos da análise de seus falsos ensinamentos dogmáticos e dos ensinamentos apropriados em Kardec. Mesmo quem não tenha lido, ou jamais tenha ouvido falar dessa

obra de Roustaing, pode já ter aprendido essas ideias retrógradas em palestras, aulas ou apostilas, fruto da infiltração desses dogmas no meio espírita, desde as gerações anteriores.

1) Quanto à *degeneração* e à *queda pela culpa*, encontramos em *Os quatro Evangelhos*:

Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos se preparam, de fato, em mundos *ad hoc*, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de sua inocência e de suas faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre-arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade. Chegado deste modo à condição de Espírito formado, de Espírito pronto para ser humanizado se vier a falar, o Espírito se encontra num estado de inocência completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade. (ROUSTAINING, 1996, tomo 1, p. 296)

*Em Roustaing* – O princípio inteligente passaria por todos os reinos da natureza até o animal, então o princípio espiritual seria transportado para mundos fluídicos, não materiais como o nosso, recebendo de pronto: consciência de si mesmo, razão, vontade, livre-arbítrio, responsabilidade sobre os atos, abandonando completamente os instintos animais.

*No Espiritismo* – Ou seja, esses conceitos estão em completa oposição aos princípios espíritas. Em Kardec, só para conquistar a consciência de si mesma, a alma humana levaria de cem a mil reencarnações! A inteligência racional se desenvolve enquanto o instinto declina. A razão permite escolher, só então surge a responsabilidade pelos atos, progressivamente, na medida do desenvolvimento da inteligência. Como está em *A Gênese*:

O instinto enfraquece, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque domina a matéria. Com a inteligência racional, nasce o livre-arbítrio que o homem usa à sua vontade: então somente, para ele, começa a responsabilidade de seus atos. (KARDEC, [1868] 2018, p. 100)

Quanto à *queda*, explica Allan Kardec na *Revista Espírita*, fazendo referência ao sistema presente na obra *Os quatro Evangelhos*:

Segundo um sistema, os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas. Esse sistema cai por esta consideração de que, se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens sobre a Terra nem sobre os outros mundos; ora, como a presença do homem é necessária para a melhoria material dos mundos; que ele concorre pela sua inteligência e sua atividade à obra geral, é um dos órgãos essenciais da criação. Deus não podia subordinar o cumprimento dessa parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que não contasse para isso sobre um número sempre suficiente de culpados para alimentar de obreiros os mundos criados e a criar. O bom senso repele tal pensamento. (KARDEC, [RE] 1863, p. 13)

A reencarnação é uma necessidade natural, condição para trabalhar pelo seu adiantamento. Não surpreende que o trecho acima tenha sido reproduzido na obra de Roustaing, e que, em seguida, os Espíritos que a ditaram, escreveram abaixo: “A última frase deve ser riscada” (ROUSTAINING, 1996, tomo 1, p. 318-9), e também “não, a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos”. Nenhuma explicação, nenhum argumento, só uma negação imperativa.

2) Quanto ao *pecado* (uma só vida) e ao *carma* (reencarnação), em *Os quatro Evangelhos*:

O Espírito culpado, que faliu nas suas provações terrenas, é submetido, primeiro, à expiação na erraticidade, mediante sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às faltas ou crimes cometidos, depois, à reencarnação, conforme ao grau de culpabilidade. (ROUSTAINING, 1996, tomo 1, p. 412)

*Em Roustaing* – Como na degeneração pelo pecado, aqui o espírito sofre por apenas um erro, tanto sendo torturado na espiritualidade quanto na reencarnação, de forma proporcional, ou seja, quanto maior o erro único, maior o sofrimento físico na Terra. Esse pensamento retrógrado e preconceituoso torna os mais ignorantes, aqueles que enfrentam os maiores desafios, os mais culpados e falidos, e espalha desalento.

Caso Deus desse a todos as faculdades prontas, toda a liberdade e conhecimento do bem e do mal, seria natural que, cobrando o uso deles, devesse castigar o uso equivocado e premiar o bom uso dos recursos concedidos. Ou seja, em virtude de um julgamento dos atos. Os indivíduos

agiriam sob o medo, submissos, oprimidos. Como na doutrina do pecado e do carma. Não há nada de renovação nessa teoria, é simplesmente o pensamento central do mundo velho. Esse é o princípio da heteronomia das religiões ancestrais, também completamente presente em *Os quatro Evangelhos*.

*No Espiritismo* – Neste, que corresponde às verdadeiras leis da natureza, Deus concede as condições e o potencial, e todos os valores serão conquistas pessoais pelo esforço. Dessa forma, a responsabilidade pelos atos é regida por uma inerência da condição de felicidade com a condição de virtude. Por outro lado, a condição de sofrimento moral com a condição de imperfeição. Não há uma ingerência divina, mas consequências naturais. Cabe a cada um cobrar de si mesmo o uso dos valores conquistados, uma condição de responsabilidade própria. É dessa maneira que as leis realmente funcionam, os Espíritos vão aprendendo a adquirir uma responsabilidade regida pelo pleno autogoverno. Na disciplina do mundo espiritual, não há ninguém vigiando ninguém, nem condenando, nem tutelando. Cada um age de forma independente, mas todos unidos pelos bons propósitos, pelo espírito de apoio mútuo, de forma solidária. Tudo de forma voluntária, consciente e desinteressada.

*Em Roustaing* – Como espírito formado, vivendo com seu perispírito em mundos fluídicos, sem reencarnar, ficaria recebendo ensinamentos dos Espíritos superiores a ele. Mas, se errar uma vez, escolhendo o mal, será considerado falido, e cairá no mundo, pois toda encarnação é um castigo, e toda reencarnação é novo castigo pelos erros cometidos nas vidas anteriores.

Primeiramente, essa condição seria a de uma educação passiva, submissa, mecanicista, como se os superiores fossem responsáveis por encher a mente dos Espíritos iniciantes de informações. Todos deveriam se comportar de forma padronizada, recebendo ensinamentos iguais, como num quartel.

Depois, não importa o quanto estivessem evoluindo, sem as necessidades materiais, sem os estímulos para aprender com os desafios da vida, a qualquer momento, um só erro representaria a queda, a perda dessa oportunidade, o mergulho no sofrimento material como castigo. Essa não é a interpretação literal dogmática da figura de Adão?

*No Espiritismo* – Como vimos, a educação do espírito se dá pelos estímulos da vida, a cada reencarnação, desenvolvendo a capacidade de aprender e a inteligência. Depois, sabendo escolher, desenvolve a moral pelo domínio da vontade. Por isso a mais ampla diversidade, pois cada um escolhe desafios diferentes, caminhos os mais diversos.

### 3) Quanto à *vida terrena como castigo*, em *Os quatro Evangelhos*:

A muitos Espíritos acontece falir porque quase todos fazem mau uso do livre-arbítrio. É para experimentarem as consequências da falta cometida que, uma vez preparados a ser humanizados, eles caem na encarnação humana, conforme ao grau de culpabilidade, ou em terras primitivas, ou em mundos já habitados por Espíritos que faliram anteriormente. A encarnação humana é apenas consequente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída. O Espírito reencarnado traz consigo a pena secreta em que incorreu na sua encarnação precedente. O Espírito culpado, que faliu nas suas provações terrenas, é submetido, primeiro, à expiação na erraticidade, mediante sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às faltas ou crimes cometidos, depois, à reencarnação, conforme ao grau de culpabilidade. (ROUSTAIN, 1996, tomo 1, p. 324-5)

*Em Roustaing* – Essa é a doutrina da culpa, impingida aos homens desde séculos! Todo sofrimento físico seria um castigo, culpa de erros passados. Os Espíritos mais desenvolvidos, portanto, sofreriam menos. Esta vida seria somente um calvário, um suplício, um preço a pagar para voltar aos mundos fluídicos, agora submisso e atento para jamais errar de novo, pelo pavor de viver no mundo terreno. Este planeta não teria destino feliz moldado pelo esforço da própria humanidade, pois não passaria de repositório de pobres condenados, um castigo, um verdadeiro inferno.

*No Espiritismo* – Lemos em *A Gênese*: “A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover o alimento do corpo, sua segurança e seu bem-estar,

impulsiona-o a empregar suas faculdades nessas investigações, a exercê-las e desenvolvê-las. Sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento” (KARDEC, [1868] 2018, p. 231). Assim, as reencarnações humanas tornam-se instrumento de seu próprio progresso. Primeiro da inteligência; depois, com a inteligência racional, desenvolve a escolha, conquista virtudes. A vida no mundo espiritual, para aquele que progride naturalmente, é também de progresso. Sublime harmonia! O espírito exerce, então, a escolha das provas:

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente no sentido de que aproveita, para seu adiantamento, os conhecimentos e a experiência adquiridos durante a vida corporal – falamos de Espírito chegado ao estado de alma humana, tendo a liberdade de ação e a consciência de seus atos. Ele examina o que fez durante sua estada terrestre, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, elabora seus planos e toma as resoluções pelas quais conta conduzir-se em uma nova existência, tratando de fazer o melhor. É assim que cada existência é um passo adiante no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação. (KARDEC, 2018, p. 231)

A vida, segundo o Espiritismo, é uma escola de aplicação. Mas se o espírito desenvolve imperfeições, será o seu sofrimento moral seu tormento. E sempre chegará a hora do arrependimento. Depois, o espírito fará uso da escolha das provas para superar suas imperfeições, são as expiações. Mesmo aí, aprende e progride por seu esforço. Tal é a lei. Portanto, conclui-se, em *A Gênese*:

A encarnação não é, em absoluto, normalmente uma punição para o Espírito, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir. À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, isto é, subtrai-se à influência da matéria, depura-se. Sua vida espiritualiza suas faculdades e as percepções se ampliam; sua felicidade está em razão do progresso completado. (KARDEC, 2018, p. 232)

### 1. Quanto à *natureza de Jesus* e demais Espíritos puros, em *Os quatro Evangelhos*:

Jesus é um Espírito que, puro na fase da inocência e da ignorância, na da infância e da instrução, sempre dócil aos que tinham o encargo de o guiar e desenvolver, seguiu

simples e gradualmente a diretriz que lhe era indicada para progredir; que, não tendo falido nunca, se conservou puro, atingiu a perfeição sideral e se tornou Espírito de pureza perfeita e imaculada. Jesus, já o dissemos, é a maior essência espiritual depois de Deus, mas não é a única. É um Espírito do número desses aos quais, usando das expressões humanas, se poderia dizer que compõem a guarda de honra do Rei dos céus. (ROUSTAING, 1996, tomo I, p. 324-5)

*Em Roustaing* – Segundo essa concepção, Jesus, sem nunca ter vivido como ser humano, conquistou toda a virtude e sabedoria possíveis, sendo puro e dócil, desde simples e ignorante, sempre obedecendo aos Espíritos superiores a ele, que o teriam guiado e desenvolvido, indicando as diretrizes. Assim, sem vivenciar qualquer dificuldade da vida terrena, sem enfrentar os desafios da vida em sociedade, sem superar os instintos pela inteligência, sem o esforço da conquista, Jesus teria sido formado “Espírito de pureza perfeita e imaculada”. Essa opinião retoma o tema de uma dupla natureza das criaturas: de um lado, os seres puros ou anjos, imaculados; de outro, os seres humanos, ou almas ligadas ao corpo físico.

*No Espiritismo* – Para a Doutrina Espírita, não há exceção, todos os Espíritos passam pelo mesmo processo evolutivo:

A alma, qual criança, é inexperiente nas primeiras fases da existência, e daí o ser falível. Não lhe dá Deus essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Assim, um passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma, que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua custa o que importa evitar. Deste modo, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e adianta na hierarquia espiritual até o estado de puro Espírito ou anjo. Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade. (KARDEC, [1865] 1995, p. 113)

A experiência não é confiada por Deus, e por nenhum intermediário entre ele e as criaturas, mas é uma conquista, um desenvolvimento pelo esforço próprio, errando e aprendendo, até chegar ao estado de Espírito puro.

Um presidente da Federação Espírita Belga, B. Martim, enviou uma

carta para a União Espírita Francesa quando os discípulos de Roustaing distribuíram o folheto difamatório em 1882, quando a obra *Os quatro Evangelhos* já estava esquecida, afirmando:

A razão, de fato, diz-nos que, se o Cristo é nosso modelo, devia ser da mesma natureza que nós. [...] A concepção de Roustaing tem uma semelhança tão grande com o ideal católico que podemos ser levados a crer que aqueles que a ditaram são Espíritos ainda impregnados da doutrina romana. (GOIDANICH, 2018, p. 288)

A Igreja Católica, no Concílio de Calcedônia, no ano de 451, determinou:

Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto dum alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, *consubstancial a nós pela sua humanidade, semelhante a nós em tudo, menos no pecado*: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Os dogmas das antigas religiões formaram a mentalidade dos povos do mundo velho. Confere a todos os seres humanos a ideia de uma vida de castigo, de sofrimentos causados por um falso deus que impõe sua autoridade pelo medo. Caberia ser obediente, submisso, ter uma fé cega, aderir a uma igreja, para a salvação aguardada por um mundo restaurado por Deus, depois de destruir este, terra da iniquidade e da dor.

A obra de Roustaing, portanto, não tem nada de novo, somente deturpa a Doutrina Espírita elaborada por Kardec para, fazendo uso de alguns elementos, adulterar sua teoria moral, retornando aos conceitos retrógrados das igrejas ancestrais, mantenedoras do velho mundo. Essa obra apenas representa uma manutenção dos velhos dogmas, desviando os interessados pelo Espiritismo da revolução moral que propõe, fundamentada na moral autônoma, base do mundo novo.

## **A falsidade de uma fase teológica, da Igreja universal e de seu chefe**

Segundo Allan Kardec, o Espiritismo vem acompanhar uma nova fase da humanidade, que seria como se ela saísse da juventude para chegar à idade adulta. A transformação moral é a base dessa transformação. As massas humanas precisam abrir mão de uma tutela que as mantém controladas, para passar a conduzir sua evolução tornando-se, cada indivíduo, senhor de si, pelo domínio de sua vontade, esclarecida pela razão e pela experiência, segundo as leis presentes em sua consciência. Sai da vida animal, da condição de ser passivo, para a vida espiritual, onde é ativo e responsável por sua evolução. Uma revolução que se dará em toda a humanidade:

Neste tempo aqui não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do progresso moral. Tende a se estabelecer uma nova ordem de coisas, e os homens que são os seus maiores opositores, sem saber, contribuem para isso. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, encontrar-se-á animada de ideias e sentimentos distintos dos que a geração presente, que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na história, como ocorre atualmente com os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas. (KARDEC, [1868] 2018, p. 398)

Por isso, o Espiritismo deve se estabelecer, conforme idealizou Kardec, como um ramo do conhecimento humano, como também o são, quanto a outros temas, a física e a biologia. Em seu tempo, qualificou-o entre as ciências morais, entre os estudos psicológicos das ciências filosóficas.

Apesar de o cenário cultural da França ter se alterado com a abolição das ciências filosóficas pela ditadura de Napoleão III, aliado aos esforços da Igreja, isso não deveria significar o abandono do caráter primeiro do Espiritismo, proposto por Kardec a partir do ensino dos

Espíritos superiores. Assim pensavam os pioneiros, bastando recordar o que afirmou Berthe Froppo, referindo-se à pretensão de Roustaing:

Não queremos ver o Espiritismo entrar em tal fase teológica. Para quê? Para estabelecê-lo sob a forma de religião? Mas ela é mais forte com seu simples título de filosofia! Ela usa de lógica e verdade para esclarecer o outro mundo. Consola corações, dá esperança de se chegar pela evolução à felicidade, à imortalidade do espírito, e ao conhecimento de um Deus todo bom e justo. De que mais precisamos? (FROPPO, 1884)

Pois Roustaing não acreditava nesse projeto de Kardec, desconsiderava a universalidade do ensino dos Espíritos como método válido, pois acreditava que deveria haver como nova fase para o Espiritismo a chamada por ele “fase teológica”, a partir da qual a estrutura do movimento espírita deveria ser a de uma nova religião: “A fase teológica, terminada pela fusão de todos os cultos, e pela constituição do universalismo em religião”. Mas não caberia a Kardec essa tarefa, imaginou, pois, se “estivesse livre de toda preocupação de personalidade e de supremacia, a solução, para ele, teria sido tão rápida quanto fácil”. Ou seja, Allan Kardec teria sido personalista, autoritário, ao não admitir que Roustaing seria o responsável pela fase final do Espiritismo.

Segundo Roustaing, Allan Kardec errou ao “se estabelecer como juiz infalível”; como consequência, ressalta, “pelo fato de não ter refletido, ele se afastou, durante sua vida, de todos os homens de algum valor científico e literário que não desejavam ser seus vassallos, que desejavam preservar sua independência e o critério de sua razão”. E, por fim, conclui afirmando: “Essa é certamente a causa do pouco crédito que a filosofia da filosofia tem encontrado entre os cientistas, a causa da imobilidade na qual a doutrina permaneceu” (ROUSTAING, 1882, p. 29).

Certamente trata-se de um devaneio, como também o vivenciou Auguste Comte, ao erigir a Religião da Humanidade, consagrando-se

primeiro sumo pontífice de sua unificação religiosa. São os mesmos princípios, as mesmas práticas: repetir as experiências das igrejas ancestrais, mantendo o povo submisso, por meio de cultos e práticas dos templos. Roustaing explica o seu plano num artigo escrito em 1866, reproduzido no folheto *Os quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing: resposta a críticos e adversários*:

Trata-se, por meio de um livro contendo os quatro Evangelhos e tudo o que eles encerram, explicados em espírito e em verdade, de colocar a base e a pedra angular do edifício religioso do futuro, com as vias e os meios indicadores e por meio de novas revelações ainda inesperadas pelos homens. Para a fusão de todos os cultos e dessa constituição do universalismo em religião, trata-se de traçar, com um tal livro surgido espontaneamente do além-túmulo e resolvendo as controvérsias religiosas, a rota na qual a humanidade inteira deve entrar e caminhar. (ROUSTAING, 1882, p. 28)

Qual era o objetivo para o qual deveria se curvar o movimento espírita, então, caso ficasse sob a orientação das ideias de Roustaing? Ele mesmo responde:

Sim, é a fase teológica que se abre para preparar, pela vinda de missionários futuros, instrumentos e órgãos do espírito de verdade, o advento desejado da fusão das seitas religiosas diversas: Catolicismo, Protestantismo, Budismo, Judaísmo, Bramanismo, Maometismo, religião dos selvagens e das tribos. (ROUSTAING, 1882, p. 156).

E então conclui: “Oferecemos as primícias da Igreja uma e indivisível do Cristo” (*Ibidem*).

Segundo Roustaing, portanto, todos os crentes, das mais diversas denominações religiosas, passariam a participar de um só culto, uma só Igreja universal. Mas como conciliar tão diversos rituais, dogmas, práticas? Dando continuidade à pesquisa das ideias presentes em *Os quatro Evangelhos* quanto às suas pretensões, encontramos a maneira pela qual os Espíritos que conceberam essa obra deram a solução:

O chefe da Igreja Católica, nessa época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja Católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício.

Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante, podereis dizer: “Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio”. (ROUSTAING, 1996, tomo 3, p. 65)

Recapitulando, está bastante cristalina a ideia toda de *Os quatro Evangelhos*:

- Ele próprio, Roustaing, deveria ser o escolhido para a fase teológica do Espiritismo.
- Kardec, por se achar “juiz infalível”, não teria sido “humilde e desinteressado”, empreendendo o “monopólio de um sistema preconcebido”, não teria reconhecido Roustaing como sucessor “espontaneamente escolhido” pela “espiritualidade”.
- A obra *Os quatro Evangelhos* representaria a revelação da revelação, representante legítima da moral espírita.
- A fase teológica prepararia a fusão de todas as seitas religiosas do mundo.
- Roustaing e sua obra ofereceriam “as primícias” de uma Igreja universal, para a qual o movimento espírita convergiria.
- Essa Igreja seria liderada, por fim, pelo chefe da Igreja Católica.

Rosen-Dufaure, educadora, divulgadora da psicologia espiritualista, promotora das ideias liberais, reconhecia o Espiritismo como ciência filosófica causadora de transformações sociais e, independentemente de qualquer crença formal, fez uma profecia do que estaria por vir caso as ambições de Roustaing fossem bem-sucedidas, sendo aproveitadas pelos sectários do mundo velho, baluartes da submissão das massas, recorrentes candidatos aos cleros de todos os tempos, servindo aos interesses dos inimigos do Espiritismo. Observando que “protestantes e católicos se separam de suas respectivas Igrejas e vão engrossar ainda a imensa falange

dos livres pensadores espírita”. Para deter o avanço do movimento espírita, considera Rosen, eles iriam criar um credo semiespírita. Uma armadilha! Afirma a educadora, em sua análise carregada de sutil ironia:

Que fazer?... É bem simples! Agarrar a primeira ocasião favorável para recrutar todos os adeptos os menos firmes em uma crença híbrida, ao mesmo tempo cristã e espírita; nem uma coisa nem outra, para não amedrontar as consciências tímidas, e que, em falta do melhor, vistas as dificuldades da circunstância, os clérigos serão capazes de tolerar, até mesmo admitir, até que, pouco a pouco, graças aos procedimentos a que estão acostumados, a onipotência episcopal tenha reconquistado suas prerrogativas à sombra da doutrina progressista que se trata de colocar sob a tradicional apatia. Assim, se operará a fusão, dizeis: o naufrágio do Espiritismo. (UNION SPIRITE FRANÇAISE, 1883, p. 31)

E, então, Rosen conclui que, para realizar esse truque incorporando os equívocos dos dogmas religiosos, “a obra de J.-B. Roustaing chega para essa finalidade pelas necessidades da causa”. Por fim, conjectura: “Senhor Roustaing se prestou conscientemente a essa escamoteação de princípios?... Ele teve plenamente conhecimento do caráter dessa obra? Isso é assunto dele” (*Idem, ibidem*).

Logo em 1859, um sacerdote, Chesnel, num artigo do jornal católico *L’Univers*, se esforçou para provar que o Espiritismo “deve ser e não pode ser uma religião nova”. A resposta de Kardec é absolutamente coerente:

O Espiritismo, como eu disse, está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa; não o consideramos senão como uma ciência filosófica, que nos explica uma multidão de coisas que não compreendemos, e, por isso mesmo, em lugar de abafar em nós as ideias religiosas, como certas filosofias, fá-las nascer naqueles em que elas não existem; mas se quereis, por toda a força, elevá-lo à categoria de uma religião, vós mesmos o empurrais para um caminho novo. (KARDEC, [RE] 1859, p. 129)

Está claro, o Espiritismo é uma ideia, não uma religião. Mas é necessário, nessa questão tão fundamental para a sua compreensão, ir aos seus detalhes.

O Espiritismo não poderia ser estabelecido como revelação adotada por uma associação de crentes, senão perderia a força da apreciação pública, geral, e deixaria de ser estudado e criticado pela sociedade como um todo, pelo conhecimento geral da humanidade, como deve ser com qualquer área

do conhecimento. Esse é o pensamento de Kardec quanto à Doutrina, pois “o único, o verdadeiro juiz, é o público, porque ali não há o interesse de associação, e que nas massas há um bom senso inato que não se engana”. Não é por adesão ou filiação, mas pelo exame racional, pois “a lógica sã diz que a adoção de uma ideia, ou de um princípio, pela opinião geral, é uma prova de que ela repousa sobre um fundo de verdade”. E, assim, ele conclui:

Os espíritas não dizem, pois: – *Eis uma doutrina saída da boca do próprio Deus, revelada a um único homem por meios prodigiosos, e que é preciso impor ao gênero humano*. Eles dizem, ao contrário: – Eis uma doutrina que não é nossa, e da qual não reivindicamos o mérito; nós a adotamos porque a achamos racional. Atribuí-lhe a origem que quiserdes: de Deus, dos Espíritos ou dos homens; examinai-a; se ela vos convém, adotai-a; caso contrário, ponde-a de lado. Não se pode ser menos absoluto. O Espiritismo não vem, pois, intrometer-se na religião; ele não se impõe; não vem forçar a consciência, não mais dos católicos do que dos protestantes, dos judeus; ele se apresenta e diz: “Adotai-me, se me achais bom”. (KARDEC, [RE] 1862, p. 29-30)

O que vai unir a todos num só pensamento será a caridade desinteressada, a autonomia moral, condição que revestirá de fraternidade as relações sociais e suas estruturas. Esse será o futuro do Espiritismo, inserido na sociedade que virá, como representação da promessa feita por Jesus!

Em 1864, o presidente da Sociedade Espírita de Marennes, discursando num novo grupo que se formava na ilha de Oléron, sofrendo forte oposição, representou, segundo Kardec, a forma adequada de defender o verdadeiro caráter do Espiritismo. Diz ele:

Uma circunstância contribuiu poderosamente para a sua extensão, é que não é exclusivo de alguma religião; sua divisa: Fora da caridade não há salvação pertence a todas; ao mesmo tempo, é a bandeira da tolerância, da união e da fraternidade, ao redor da qual todo o mundo pode se unir sem renunciar à sua crença particular. Começa-se a compreender que é uma garantia de segurança para a sociedade. (KARDEC, [RE] 1864, p. 15)

Nenhuma pretensão de erigir uma Igreja estava em seus pensamentos, nenhuma unificação de cultos, nenhum controle, poder, centralização ou filiação. Pois a palavra de ordem “fora da caridade não há salvação” fará “cair as barreiras morais; sobretudo, fará cessar o antagonismo religioso, porque então Judeus, Católicos, Protestantes, Muçulmanos, se estenderão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e de paz que é o mesmo para todos” (KARDEC, [RE] 1864, p. 16).

Cabe aos espíritas proclamar ao mundo, colaborando para a maior de suas revoluções: mudança de mentalidade, caridade desinteressada, autonomia.

# OS DESVIOS OCORRIDOS NO MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO

Por meio de novas fontes primárias, documentos, revistas, cartas, obras raras, desde o século 19, grande parte pertencente ao grandioso acervo de Canuto Abreu, a história do Espiritismo precisa ser refeita. Os fatos e registros de época corrigem, contradizem, denunciam como incompletas, viciadas por um viés ideológico ou até mesmo falsas, muitas das histórias relatadas em livros e revistas, principalmente desde o século 20. A maioria desses textos não apresenta nem cita fontes para que se possam refazer os caminhos das pesquisas por eles elaboradas.

Vamos alinhar alguns episódios, relatos e trechos de artigos, demonstrando que uma grande maioria de espíritas do final do século 19, na cidade do Rio de Janeiro, buscava aplicar no Brasil um movimento espírita em acordo com os preceitos de Allan Kardec e de seus fiéis pioneiros. Essa iniciativa foi bem estruturada, contando com centenas de grupos participantes, produziu revistas, palestras, cursos, congressos. Divulgou a Doutrina Espírita ao público, inclusive pela imprensa leiga. A visão moral deles era equivalente à moral das ciências filosóficas, a proposta de autonomia moral, tese central da Doutrina original.

Por outro lado, apenas um pequeno grupo, liderado por alguns poucos líderes, durante décadas, defendia a opinião de que o movimento espírita deveria se tornar uma religião, adotando, além de Kardec, a obra *Os quatro Evangelhos*, de Roustaing. Esse grupo pequeno era composto de indivíduos marcados pela moral do catecismo, um comportamento adaptado das práticas católicas, de tal modo que o plano teológico roustainguista caía em seus propósitos como uma luva. Esse pequeno grupo acabou por se tornar predominante na Federação Espírita Brasileira, que, na virada do século 19, era apenas uma reunião, às sextas-feiras, numa sala de um prédio da União

Espírita do Brasil, aquela concorrida organização liberal, composta de dezenas de associações.

## **A Sociedade Acadêmica e o Centro União**

O catolicismo era a religião oficial do Estado Brasileiro e a tentativa de um centro em aprovar seus estatutos pelo Império havia sido negada, por ter sido qualificado como sociedade secreta. Por fim, qualificar o Espiritismo como estudo científico foi a saída para tornar oficial o funcionamento de todos os grupos, por isso a união tão absoluta em torno da Sociedade Acadêmica. A intenção de todos os grupos da corte, portanto, não era radicalizar um entendimento científico do Espiritismo, mas contornar as exigências do Império, viabilizando tanto a propaganda quanto a reunião legalizada das agremiações.

Como já narramos no Livro Primeiro, a Sociedade Acadêmica foi fundada em 3 de outubro de 1879, reunindo mais de quatrocentos associados, pertencentes aos principais grupos então existentes: Grupo Confúcio, Sociedade de Estudos Spíritas Deus-Cristo-Caridade<sup>71</sup>, Congregação Anjo Ismael e Grupo Caridade. Dois anos depois, uniram-se outras quatro dezenas de sociedades.

Em 1881, a Sociedade Acadêmica, diante das perseguições feitas por delegados de polícia incitados por líderes religiosos, fundou o Centro União Espírita, para proteger todos os grupos espíritas brasileiros por meio de uma comissão formada principalmente por advogados espíritas. A União estruturou a comunicação entre os sócios, primeiramente comunicando as notícias, orientações, atas, ações, por meio da *Revista* da sociedade, depois, pela *Revista Spírita do Brasil*.

Considerando a necessidade de união de todos os espíritas, o Centro União era uma assembleia concreta, formada pelos representantes de todas as agremiações, filiadas ou não, que desejassem tomar parte ativa no estudo

e propaganda da filosofia espírita, síntese da moral e da ciência, a fim de realizar o objetivo delineado em seus estatutos. “Todas as agremiações espíritas, filiadas ou não, poderão fazer parte [...] sem que sejam obrigadas a contribuição pecuniária, e gozando de toda a sua autonomia” (*REVISTA SPÍRITA DO BRAZIL*, ano II, out. 1897, n. 10, p. 243). As agremiações associadas “podem adotar o número de ordem da classificação cronológica, que foi iniciada em 1881, com 48 agremiações, e hoje eleva-se a 446” (p. 242).

O Centro União pretendia fortificar os laços de solidariedade de todas as agremiações participantes, criou três prédios para as reuniões dos grupos, trabalhos mediúnicos e também palestras públicas, sustentava um instituto de educação para meninas na periferia da cidade, uma livraria, farmácia homeopática, comissão de caridade para distribuição de roupas e alimentos, albergue noturno, assistência a famílias pobres, museu histórico e filosófico.

Em 11 de agosto de 1882, sexta-feira, na sala da Sociedade Acadêmica, efetuou-se uma sessão magna em homenagem “ao filósofo espírita Visconde de Araguaia, autor da obra *A alma e o cérebro* e outras” (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 12 ago. 1882, n. 223, p 1). Trata-se de José Gonçalves de Magalhães (1811-1882, em Roma, Itália), natural do Rio de Janeiro, notável pensador, do qual demos notícia na obra *Revolução espírita* já citamos no Livro Segundo. Magalhães foi autor de *Factos do espírito humano*, por meio do qual trouxe ao Brasil o Espiritualismo Racional, tendo fundado a primeira escola filosófica brasileira. Implantou as ciências filosóficas no currículo escolar do Segundo Império. Também divulgou e demonstrou na corte o magnetismo animal como meio de cura. Tornou-se espírita por influência de Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), seu grande amigo, que conheceu Allan Kardec, recebeu dele suas obras e experimentou as comunicações com os Espíritos.

Em outubro de 1896, o Centro da União, representado pelos diretores José

Maria Pereira e o professor Torteroli, inaugura, no município de Rio Bonito, “as aulas da primeira Escola Espírita Pública que funcionará no lugar denominado Braçano, próximo do Rio dos Índios, onde estão matriculados 125 alunos” (*CIDADE DO RIO*, 3 jun. 1896, p. 2). A escola, sustentada pela União Espírita, tinha como diretor o professor Henrique Soares Lima, conselheiro do Centro.

Entre os princípios concernentes à definição do Espiritismo, o Centro União considerava estes os principais conceitos:

Os Espíritos anunciaram que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade.

Vem estabelecer as bases de uma filosofia racional, despida dos preconceitos do espírito de sistema. Os fatos das manifestações, servindo à ciência integral e progressiva, simultaneamente dão solução aos problemas que filosofia alguma tinha ainda podido resolver. A força do Espiritismo está na sua própria filosofia, no apelo que ele faz à razão e ao bom senso. Fala uma linguagem clara, sem ambiguidade, nada há nele de místico, nem de alegorias suscetíveis de falsas interpretações, ele só quer ser compreendido por todos, porque chegou o tempo de fazer conhecer a verdade aos homens, deseja-se a luz para todos.

Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual se encarem esses fenômenos estranhos, cada um compreenderá que é uma completa ordem de ideias novas que surge, cujas consequências só podem trazer uma profunda modificação no estado da humanidade, que compreenderá que ela só pode se dar no sentido do bem.

Indubitavelmente, o vulto mais proeminente da humanidade, Jesus de Nazaré, foi o fundador oral da mais pura filosofia – a filosofia cristã que é o código divino ou código da moral universal, sem distinção de culto. O ensino moral do Cristo é a doutrina ou síntese do bem, do belo e da verdade. É o terreno onde todos os cultos podem se encontrar. É a bandeira sob a qual todos se podem abrigar quaisquer que sejam as suas crenças, por não ter sido nunca a causa de disputas religiosas, sempre por toda parte suscitadas pelas questões de dogma.

Jesus veio ensinar o caminho que conduz à verdadeira vida no mundo espiritual. Em termos mais ou menos explícitos, Cristo falou de tudo. Para compreender o sentido oculto de certas palavras, era necessário que novas ideias e novos conhecimentos viessem dar-lhes a chave, e essas ideias só poderiam vir depois de certa madureza do espírito humano.

A ciência devia poderosamente contribuir ao nascer e ao desenvolvimento dessas ideias, era, pois, preciso conceder à ciência o tempo para progredir.

Sendo o Espiritismo a chave por meio da qual tudo se explica com facilidade, é, portanto, competente para desenvolver, completar e explicar em termos claros para todo o mundo o que o Cristo havia dito apenas sob forma alegórica.

Vindo o Espiritismo dar cumprimento nos tempos preditos ao que o Cristo anunciou e preparar o complemento das coisas futuras, é, pois, obra do Cristo, que Ele próprio preside,

assim como Ele igualmente anunciou a regeneração que se opera e prepara o reino de Deus sobre a Terra.

Concluindo, repetimos com Fénelon: “A revolução que se aproxima é mais moral do que material. A cada um, sua missão, a cada um seu trabalho. A nova cruzada está começada, espíritas – apóstolos da paz universal, e não de uma guerra, olhai e marchai para diante: a lei dos mundos é a lei do progresso”.

Também repetiremos com a Comissão Confraternizadora da Sociedade Acadêmica Deus – Cristo – Caridade: aqueles que não praticam a moral cristã não são espíritas, ainda que aceitem o Espiritismo. Toda criatura virtuosa é espírita, consciente ou não. O espírita propaga a moral pelo exemplo (REVISTA SPÍRITA DO BRAZIL, ano II, ago. 1897, n. 8, p. 177-81).

Angeli Torteroli, importante liderança espírita, era professor, advogado e jornalista, atuando no movimento espírita com todas as suas forças e posses. Ele foi o idealizador das estruturas de organização do movimento espírita, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, quando para lá se mudou, participando da fundação do Centro da União Espírita de São Paulo (*CORREIO PAULISTANO*, 30 mar. 1886, p. 3). Em 1886, Torteroli integrava a comissão de ordem da Sociedade Espírita Verdade e Luz, junto ao Bатуíra, na rua do Lavapés, 20 (*CORREIO PAULISTANO*, 26 fev. 1886, p. 4) e todas as demais atividades semelhantes às realizadas no Rio de Janeiro.

Depois de liderar a iniciativa da Sociedade Acadêmica e suas revistas, Angeli, que foi repórter do *Correio da Tarde* e da *Gazeta de Notícias*, criou um jornal de divulgação espírita para o público em geral, pois a *Revista da Sociedade* era voltada para os sócios: o periódico *Renovador*, em 1882, junto com o major Salustiano de Barros. Uma iniciativa pessoal dos dois espíritas, arcando com todos os custos, inclusive uma tipografia própria, constituída para divulgar o Espiritismo. No ano seguinte, porém, continuou a publicação, “em forma de jornal, destinado ao estudo da filosofia espírita, síntese da moral e da ciência, e principalmente à propaganda aberta, franca, ativa, e ostensiva da moral espírita, como reação à tentativa de perseguição que fizeram ao Espiritismo” (*REVISTA SPÍRITA DO BRAZIL*, ano 17, dez.

1897, v. 2, n. 12, p. 265): nascia o *Reformador*, “órgão evolucionista, fundado nesta Capital em 1883, pelo dr. Antônio Pinheiro Guedes, Augusto Elias da Silva e Angeli Torteroli”.

O Código Criminal do Império, para controlar impressores e publicações, exigia a declaração do endereço da oficina e a autoria dos impressos; o contrário seria considerado uso indevido, crime. Essa que viria a se tornar a mais conhecida revista espírita no Brasil e no mundo nas décadas seguintes, *Reformador*, recebeu os equipamentos necessários para sua confecção quando, em 20 de janeiro de 1883, uma petição foi apresentada à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em respeito à lei, comunicando a transferência da tipografia da Sociedade Acadêmica Deus-Cristo-Caridade, da rua da Alfândega, onde era a sua sede à época, para a rua da Carioca, residência e estúdio do fotógrafo e diretor da União, Augusto Elias. A petição também apresentava como gerente-editor responsável, o jornalista Torteroli<sup>72</sup>. No dia seguinte, 21 de janeiro de 1883, iniciou-se a publicação.

Depois de entrar no segundo ano, o *Reformador* passou a ser órgão da Federação Espírita (*REVISTA SPÍRITA DO BRAZIL*, ago. 1897, n. 8, p. 188). Aliás, Angeli Torteroli e Augusto Elias da Silva estavam entre os sócios fundadores da FEB, constituída na residência de Elias.

Como já informamos, Torteroli ofereceu um depoimento ao *Reformador*, sua profissão de fé, explicando a sua visão sobre a Doutrina Espírita em todo o seu alcance moral e social:

Compreendo que o espírita não é um livre-pensador, mas é o pensador livre perante as escolas filosóficas e seitas religiosas. *Admito que Deus não castiga e não perdoa*, porque ama a todos os Espíritos e espera que livre e conscientemente pela evolução moral e intelectual, por meio de diversas encarnações, de corpo a corpo e de mundo a mundo, cada espírito consagra a todos os seres em qualquer classe ou ordem que se ache na escala da perfeição. Estou convencido de que pela caridade e amor do próximo de ente a ente, de criatura a criatura se chegará ao nosso bom pai, o Deus criador da única lei absoluta, a santa e eterna – Lei do Amor. (*REFORMADOR*, ano XI, 1<sup>o</sup> mar. 1893, n. 247, p. 2-3)

Primeiramente, em sua declaração, Torteroli demonstra compreender o

Espiritismo como uma ideia independente de qualquer exclusivismo, pois não se associa a nenhuma denominação religiosa, atendendo a toda a humanidade por ser sua moral uma lei universal. Sua declaração “Deus não castiga e não perdoa” é apropriadamente a interpretação da autonomia, pois agir por dever é livre de castigo e recompensa, e Deus não se ofende nem perdoa, pois espera sempre, dando quantas oportunidades desejarmos. Por fim, ele define a lei progressiva do esforço voluntário no desenvolvimento das faculdades, conceito fundamental da reencarnação segundo o Espiritismo, que diferencia sua teoria de todas as doutrinas dogmáticas das religiões tradicionais, que se baseiam na degeneração da alma, na queda, no pecado, no castigo. Em mensagem psicografada por Torteroli em 2 de junho de 1891, do espírito de sua esposa Luiza Maia, afirma-se:

Senhor! Bom e eterno pai de amor – Nós, teus filhos criados por ti para gozarmos a felicidade eterna, que nos está reservada, como para todos os irmãos encarnados e desencarnados, te rendemos graças por todos os benefícios que nos têm sido concedidos. Tu nos criaste com o livre-arbítrio para termos o mérito de nosso progresso moral e intelectual. Tu não nos castigas e não nos perdoas, porque só te vinculas conosco pelo teu amor até que nós, aperfeiçoados, livremente, retribuamos com o nosso amor o teu amor, adquirindo maior lucidez espiritual para melhor compreender o amor de todos os nossos irmãos por amor de ti. (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 8 jun. 1899, p. 3)

Numa conferência sobre a missão do Centro da União Espírita, em setembro de 1897, Torteroli disse que ela está sintetizada no lema: Deus, Amor e Liberdade. Argumentando em seu discurso que “Deus é a causa absoluta do bem, do belo e da verdade; Amor expressão moral da lei de atração universal; Liberdade dom sublime que diviniza a criatura na evolução progressiva do Eu ciente e consciente para a conquista da felicidade eterna”. Em seguida, citando Kardec, passa a falar sobre as consequências morais da Doutrina Espírita, explicando:

A força do Espiritismo está na sua própria filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso. Fala uma linguagem clara, sem ambiguidade, nada nele há de místico, nem alegorias suscetíveis de falsa interpretação; ele só quer ser compreendido por todos, porque chegou o

tempo de fazer conhecer a verdade aos homens: quer a luz para todos. Os que se convenceram das manifestações e que aceitem o Espiritismo como ciência experimental, hão de compreender as consequências morais, hão de finalmente sentir-se impelidos pela razão a praticarem essa moral. O Espiritismo sob o ponto de vista científico e moral faz surgir uma completa ordem de ideias novas e produz profunda modificação no estado da humanidade, que compreenderá que ela só se pode dar no sentido do bem. (*O PAIZ*, 27 set. 1897, p. 2)

E, então, conclui: “aqueles que não praticam a moral cristã, não são espíritas, ainda que acatem o Espiritismo. O espírita propaga a moral pelo exemplo”.

Entre as tarefas da União estava o importante trabalho de promover as obras de Kardec<sup>73</sup>. A Sociedade Acadêmica e o Centro da União Espírita eram os representantes no Brasil da Société de Librairie Spirite de Paris, autorizada a publicar as obras de Allan Kardec. Mas a resolução dos integrantes da União, pensando na mais ampla e livre divulgação dos livros fundamentais do Espiritismo, concedia gratuitamente, às agremiações espíritas que solicitassem, autorização para imprimir a tradução de todos eles, no todo ou em parte. A condição era a de constar no contrato o preço de venda, que poderá ser diminuído, mas nunca aumentado. Além disso, exigia-se a integridade mais absoluta do texto original:

O compromisso formal e positivo de não intercalar outras páginas no texto, de não enxertar nenhum ponto e nem incluir teorias novas, no meio das obras, enfim, conservá-las fielmente como Allan Kardec organizou. Aos que não respeitarem os direitos de propriedade autoral, e publicarem sem o consentimento, que será gratuito, ou infringirem o contrato, ficarão incursos nas penas estabelecidas por lei que são: perda de todos os exemplares apreendidos e multa igual ao valor dos mesmos. Na mesma pena incorrerá aquele que expuser    venda, sendo a multa na razão do dobro. (*REVISTA SPÍRITA DO BRAZIL*, ago. 1897, n. 8, p. 190)

Entre as concessões de publicação feita a terceiros, em 17 de janeiro de 1897, a Sociedade Acadêmica conferiu autorização    Livraria Garnier, para editar uma edição em português da obra *O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo*, por Allan Kardec, o que ficou arquivado como documento de n. 667, no Arquivo Central do Espiritismo (*Ibidem*).

Nessa época, entre os diretores da União, estavam Antônio Pinheiro

Guedes, Augusto Elias da Silva (em cuja residência foi fundada a FEB), Angeli Torteroli, Carlos Joaquim de Lima e Cirne, Ernesto dos Santos Silva, Fortunato Pereira da Cunha, João Gurgel do Amaral Valente, João Nunes dos Santos, Joaquim Alfredo Fernandes, José Antônio Val de Vez, José Maria Parreira, José Villa Franca, Júlio Cesar Leal, Manoel Joaquim Moreira Maximino e também Bezerra de Menezes, diretor vitalício, afastado enquanto estivesse exercendo cargo político, conforme os estatutos (*REVISTA SPÍRITA DO BRAZIL*, ago. 1897, n. 8, p. 198).

Em 1882, a Sociedade Acadêmica Deus-Cristo-Caridade publicou a primeira edição de *A Gênese* em português. Mas ressalta-se no Prefácio da tradução: “conservar as obras com o cunho que ele lhes imprimiu”. E havia um importante motivo:

Conquanto alguns discípulos mostrassem desejo de que modificações fossem feitas em certos pontos deste volume, de acordo com as ideias manifestadas na obra *Os quatro Evangelhos*, e outras que os membros da Sociedade também conhecem, publicamos a presente tradução da *Gênese*, sem a mínima alteração, e mesmo sem anotações; não concordamos que fosse aumentada ou alterada, posto que já tivessem sido obtidas revelações ou se façam novas descobertas, mostrando que em alguns pontos a obra esteja incompleta ou que alguns dos assuntos nela tratados, não o foram sob o seu verdadeiro ponto de vista. (KARDEC, [1868] 1882)

A sociedade, diante dessa grave tentativa de adulteração, demonstrou sua indignação, pois “julga que não lhe assiste, como a ninguém, o direito de alterar o plano e menos ainda as bases fundamentais, as teorias, a doutrina das obras publicadas pelo nosso Mestre”, pois isso seria “uma profanação, por serem um legado precioso, pois que por elas conhecemos a verdade, se nos fez a luz”. Dessa forma, ressabiados com o que poderia ter acontecido com as traduções anteriores em português, tomaram a decisão de cotejar “a tradução dos quatro primeiros volumes com o original, a fim de que saiam escoimados de todo o erro”.

Aqueles que desejavam alterar a obra de Kardec, partidários de Roustaing, formavam um pequeno grupo de sócios da Sociedade Acadêmica, que iriam

se tornar dissidentes por discordarem da visão da maioria, por acreditarem nos propósitos esboçados em *Os quatro Evangelhos* de tornar o Espiritismo uma religião.

Em 1897, a *Revista Espírita do Brasil* vai publicar um artigo da Diretoria Central da Sociedade Acadêmica, não só negando que o Espiritismo possa ser uma seita religiosa, como também nem mesmo Jesus estaria longe de ter sugerido a fundação de uma seita cristã: “Uma mentira repetida passa quase sempre por verdade: tal é o dito popular. Assim é o erro de se considerar Jesus de Nazaré o fundador de uma seita religiosa”. E então declaram:

É uma blasfêmia e profanação atirar sobre os ombros do puríssimo Jesus a responsabilidade dos erros de todas as seitas pseudocristãs, inclusive as espíritas religiosas, que andam gritando por toda a parte que só elas possuem o poder de dar o céu aos seus crentes. (*REVISTA ESPÍRITA DO BRASIL*, set. 1877, n. 9, p. 212)

Em seguida, oferecem uma das justificativas para essa afirmação:

Apresentamos, entretanto, uma consideração ao alcance de todos e incontestável. O Cristo fundou uma moral elevada; e sobre essa moral não há divergência alguma nas diversas seitas religiosas oriundas do cristianismo. As discussões versam sobre os dogmas, os ritos, disciplinas etc... que fazem objeto dos cultos e religiões. [...] O Cristo não deu base alguma para se estabelecer uma seita religiosa, e as seitas pseudocristãs foram organizadas para estabelecer uma hierarquia sacerdotal, a bem dos interesses das suas próprias comunidades. (*Ibidem*)

A justificativa coincide com os argumentos oferecidos por Allan Kardec para qualificar o verdadeiro sentido do Espiritismo, como vimos anteriormente.

Em fevereiro de 1993, considerando um debate quanto a se o Espiritismo seria religião, filosofia ou ciência, o editorial do *Reformador* veio dar seu posicionamento, lembrando um artigo publicado no início de 1887, intitulado “O que não somos”. Apontamos um trecho significativo: “O Espiritismo, cumpre que o digamos com franqueza, não é uma religião. Ele tem as características do universalismo de uma doutrina filosófica, e é talvez por esta sua catolicidade que alguns com religião o têm confundido”.

Aqui o termo “catolicidade” tem o sentido de universalidade. Então continua: “Como doutrina filosófica podem e devem à luz de seus princípios ser por nós encaradas todas as questões sociais, religiosas ou políticas: não é ele mesmo, porém, a religião”.

O artigo menciona que é comum confundir doutrinas filosóficas com religião, citando como exemplo, “modernamente, na escola de Comte, a qual pretendeu-se chamar a religião universal”.

Nesse mesmo ano de 1887, uma apreciada e concorrida conferência espírita, científica e social foi proferida por Antônio da Silva Netto, um dos presidentes do Grupo Confúcio, primeiro a se estabelecer no Rio de Janeiro adotando os princípios recomendados por Kardec. Essa primeira Sociedade de Estudos Espíritos da capital do Brasil à época, fundada em 1873, segundo seu regulamento, tinha por fim o estudo dos fenômenos espíritos, “bem como o de suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas, Parágrafo único: É absolutamente proibido tratar-se na sociedade de questões políticas, religiosas e de economia social”<sup>74</sup>. Eles adotavam somente as obras de Allan Kardec, conforme a Sociedade de Paris.

Já quando a primeira metade de seu discurso havia transcorrido, Netto comenta a rapidez com a qual o Espiritismo se difundiu desde as primeiras obras de Allan Kardec. A explicação para esse fato estaria no caráter conferido pelo mestre, “próprio da ciência de observação e de filosofia, e não com o caráter de religião envolta no misticismo dogmático, circunstância, notai bem, que não se deu com o cristianismo nascente”. E, então, completa seu raciocínio afirmando:

Senhores, eu compreendo que a palavra religião possa ser aplicada ao Espiritismo, no sentido de comunicação das almas entre si e diretamente com a alma divina no seio da harmonia universal, porém, no sentido místico ou vulgar, por forma alguma. Contra o sentido místico e vulgar protestam as palavras do imortal coligador da Doutrina Espírita. Allan Kardec exprime-se nos seguintes termos: “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e

uma filosofia”. [...] Creio bem que os espíritas esclarecidos trabalharão para o Espiritismo não se transformar em seita religiosa, para não se fundar igreja, que viria embarçar a solidariedade humana, apelidada em frase mística nos Evangelhos – por cidade de Deus na Terra. (*REFORMADOR*, 1º fev. 1887, n. 8, p. 4)

Na década de 1890, o Centro da União estava amplamente constituído. Mandando delegados para os outros estados, ajudando na organização de outros Centros da União, sempre mantendo a autonomia de todas as sociedades, mas organizando a divulgação e comunicação entre elas. Muitas sociedades espíritas do Rio de Janeiro não tinham condições de manter sedes sociais próprias, desse modo, os prédios da União possuíam salas, reservadas às reuniões privativas, mediúnicas, estudos das obras de Allan Kardec, palestras públicas, atividades filantrópicas. As sociedades espíritas revezavam o uso das instalações, muitas vezes fazendo atividades conjuntas.

A sede central ficava na rua Silva Jardim, 9. Um grande salão abrigava palestras públicas, diversas salas privativas atendiam às reuniões e estudos. Havia também um abrigo noturno, auxílio às famílias pobres com roupas, mantimentos, serviços de saúde (TORTEROLI, 1898). A secretaria e atividades sociais ficavam em um sobrado na rua do Senhor dos Passos, 61. Nesse prédio também ocorriam distribuições gratuitas de remédios homeopáticos, mediante receitas mediúnicas feitas nos atendimentos aos milhares de enfermos e necessitados (*O PAIZ*, 4 set. 1894, p. 4, *apud* TORTEROLI, 1898, p. 5).

Havia um segundo prédio do Centro da União, na rua Visconde do Rio Branco, 67, um bonito palacete<sup>75</sup> de esquina na região central da cidade, ao lado do Campo de Santana, com dois andares, rodeado de janelas ornamentadas no primeiro andar e de varandas no segundo. No terceiro andar, uma cúpula sobre o acesso à grande varanda, por três portas, com vista para a cidade. No térreo, além do salão principal onde ocorriam sessões públicas, havia atividades de auxílio aos necessitados. Algumas

salas no segundo andar destinavam-se às agremiações espíritas, atuando todos os dias em suas atividades teóricas e práticas. Para quem desejasse conhecer melhor as obras de Kardec, a cada dia havia o estudo de um de seus livros, sob a responsabilidade de entidades espíritas. Nas segundas-feiras, a Associação Espírita Amor e Caridade e a Sociedade Espírita Fraternidade estavam encarregadas do estudo de *O Livro dos Espíritos*. Terça: outras duas sociedades, *Livro dos Médiuns*. Quarta: *O Evangelho*. Quinta: *Escola de Educação dos Médiuns*. Sexta: *O Céu e o Inferno*. Sábado: *A Gênese*. Domingo: *Obras Póstumas*.



Palacete da rua Visconde de Rio Branco, Centro da União

O sobrado da rua da Alfândega, 342 (atualmente, 330)<sup>76</sup>, era, desde 1896, sede do Centro da União Espírita (*JORNAL DO BRASIL*, 1º jan. 1896, p. 1), mas já era sede da Sociedade Acadêmica desde 1881. Quando lá se iniciaram conferências espíritas públicas (TORTEROLI, 1898, p. 155), essas palestras tornavam-se debates, pois havia uma tribuna livre, mesmo contrárias, que eram comparadas e esclarecidas pela Doutrina Espírita. As grandes portas davam para o térreo, um salão maior à frente, onde ocorriam as conferências e um segundo ao fundo, onde também funcionava a livraria, aberta das 10 às 22 horas, desde 1883 (TORTEROLI, 1898, p. 163), expedindo obras espíritas nacionais e francesas para todo o país. Todas as

noites, às 19 horas, havia sessões de divulgação do Espiritismo destinadas ao público em geral. No primeiro andar, cujo acesso era por uma porta lateral que dava para uma escada, havia três salas. A primeira, na frente da casa, recebia uma agremiação a cada dia para estudos teóricos e práticos.



Atual sobrado da rua da Alfândega

A Federação Espírita Brasileira, fundada em 2 de janeiro de 1884, funcionava inicialmente na residência de Augusto Elias da Silva, associado e diretor do Centro da União, na rua de São Francisco, depois rua da Carioca, 120. Passou por diversas sedes. Entre 1893 e 1894 teve as suas atividades suspensas, durante a Revolta da Armada. Em 1895, constituía um grupo que se reunia, em sua atividade principal, numa sessão privada às sextas-feiras à noite, numa sala do segundo andar do prédio da União da rua da Alfândega. Os participantes subiam a escada lateral para o primeiro andar, depois um segundo lance para o segundo, enquanto no térreo, no salão principal, ocorria a palestra pública. Aos domingos, depois do almoço, ocorria uma assistência aos necessitados, na mesma sala. A redação e prensa

do *Reformador*, órgão da Federação, ficava nos fundos do primeiro andar, onde havia também a biblioteca (compartilhada como acervo do Centro da União), que havia permanecido encaixotada por anos, antes de ter esse local apropriado para o acesso público (TORTEROLI, 1898, p. 155).

Diretores da Federação, como Augusto Elias da Silva e Júlio Cezar Leal (TORTEROLI, 1898, p. 148) pertenciam ao Centro da União Espírita desde a sua fundação. Como também Adolpho Bezerra de Menezes.

A partir de 2 de outubro de 1887, para cumprir o objetivo da divulgação do Espiritismo, ou “propaganda”, como se dizia na época, teve início a publicação de uma coluna semanal do Centro da União em jornais de grande circulação. Um deles foi *O Paiz*, que, numa coluna publicada aos domingos, trazia acima: “União Spírita do Brazil”, e o título: “Os fatos spíriticos”. O primeiro a escrever adotou o pseudônimo Sedóro: “Fomos nós – Sedóro – que a iniciamos, passando depois a tarefa a Max, que a continuou e a tem sustentado com brilho, vigor e tenacidade. Max, como Sedóro, são pseudônimos de membros da diretoria central da Sociedade Acadêmica”. Agiram como Allan Kardec, e também porque os nomes não têm valor para nós. Max era Bezerra de Menezes. A revista *Reformador* assim anunciou a iniciativa da União:

Já felizmente começou essa sociedade a dar execução ao plano, para que foi constituída. Assim é que dois artigos de propaganda, cuja excelência demonstra a habilidade da pena que os traçou, já viram no jornal *Paiz* a luz da publicidade. [...] fiquem certos os nossos confrades da União que encontrarão em nós tanto apoio quanto pudermos dispensar para o êxito de seus intentos, que são igualmente os nossos. E, se nos fora permitido fazer um pedido, suplicaríamos que, quaisquer que sejam as palavras de aplauso ou de censura que lhes cheguem aos ouvidos, prossigam impávidos na tarefa bendita de abrir os olhos da cega humanidade. (*REFORMADOR*, 15 out. 1887, p. 2)

## **Como ocorreu uma divisão entre os espíritas**

Havia um clima de harmonia e um compartilhar de recursos, participação conjunta em eventos, festas, palestras, divulgação, diversos sócios e até

diretores conviviam nas duas sociedades ao mesmo tempo. A União Espírita era uma grande associação de agremiações espíritas, enquanto a Federação era um pequeno grupo, dedicado à propaganda do Espiritismo, principalmente pelo jornal *Reformador* e palestras públicas, como as do auditório da Velha Guarda, que normalmente era acompanhada por um público superior a mil pessoas, tendo recebido para palestrar Ramos Nogueira, Angeli Torteroli e Bezerra de Menezes, que lá fez a sua estreia como palestrante espírita.

Todavia, ocorreu, após 1893, uma divergência, que começou sem alarde e depois tomou proporção, causando, no final do século, uma oposição entre espíritas. Como isso ocorreu? Quais os responsáveis? Quais os fatos envolvidos?

As respostas requerem uma longa apresentação cronológica dos fatos, cenário cultural das circunstâncias envolvidas, análise do pensamento dos personagens envolvidos, numa longa digressão que não será possível apresentar nesta obra, por ser demasiado extensa e complexa. Temos os fatos e registros históricos reunidos, e pedimos a compreensão do leitor para apresentá-los em próxima obra.

O fato é que o desvio ocorreu.

No Congresso Espiritualista de Londres, entre os trabalhos apresentados, o professor Alfred Alexander dedicou-se a apresentar um panorama do Espiritismo no Brasil. Ele afirma que, a partir de informações de boa mente fornecidas pela secretaria da Federação, “o número dos espíritas confessos se eleva no Brasil a dez ou onze mil”, sendo que os novos adeptos “saem principalmente das classes menos ilustradas, e são todos, sem exceção, discípulos de Rivail, manifestando suas opiniões em nove periódicos [...] mais ou menos essas publicações consideram o seu assunto sob o ponto de vista religioso e dogmático. O espírito crítico neles brilha por sua ausência”.

Segundo Alexander, além dos que frequentam as sessões, existe um

círculo mais amplo de uma zona de curiosos “que colheram suas ideias nas suas conversas com os crentes, nos artigos dos jornais e em alguns livros de literatura”.

Todavia, continua o estudo, o espírita brasileiro, apesar de seguir as ideias de Allan Kardec, “ainda que seja realmente ortodoxo, ele se mostra profundamente imbuído de seus característicos naturais e de suas tendências religiosas”. E relata:

Os nossos espíritas sul-americanos são mais emocionais do que críticos. Aceitando a nova doutrina, eles não rejeitam de todo suas antigas superstições. A grande maioria deles foi católica romana antes de ser espírita, e, por isso, acredita que os santos são os seus diretores espirituais e oferecem-nos com suas comunicações diretas. Em suas reuniões domina um acentuado tom religioso. (*REFORMADOR*, 15 abr. 1899, n. 387, p. 1)

A cisão no movimento espírita brasileiro, como já havia ocorrido na França pós-Kardec, ocorreu em torno da obra *Os quatro Evangelhos*, de Roustaing. Também no Brasil, porém, quanto a ela, havia poucos seguidores. Era lida somente em francês, além de ser longa e repetitiva. Apenas dois pequenos grupos se dedicavam a segui-la, conforme notícia do *Reformador*, de 1889:

Desde tempos, reuniu-se um grupo pequeno de espíritas, que se dedicaram exclusivamente ao estudo dos *Quatro Evangelhos*. Cheios de ardor por tal ordem de trabalhos, e convencidos de que tanto maior é a responsabilidade quanto maior é a luz que alcançam, resolveram proceder metodicamente a tais investigações. Para isto, seguiram a ordem já estabelecida no livro do sr. Roustaing. O espírito que presidiu tais trabalhos foi Ismael. [...]. Ao que consta, além deste pequeno grupo só a Sociedade Fraternidade é que se dedicou a semelhantes estudos. (*REFORMADOR*, 1<sup>o</sup> ago. 1889, p. 2)

Nos anos seguintes, enquanto o Centro da União pretendia promover um movimento espírita no qual os grupos fossem autônomos, fazendo uma divulgação do Espiritismo em acordo com os princípios e métodos de Allan Kardec, esses dois pequenos grupos acreditavam piamente na proposta da obra de Roustaing, orientados pelos Espíritos que se comunicavam em suas sessões privadas, mergulhadas em rituais e misticismos. Os Espíritos, para

fazer prevalecer sua autoridade, faziam uso de nomes como Anjo Ismael, Allan Kardec, São Mateus e demais evangelistas, santos católicos, Maria Santíssima e até mesmo Jesus. Todos dizendo que esses grupos deveriam centralizar a partir deles todo o movimento espírita, a partir de seus métodos e práticas.

Em verdade, os Espíritos que se comunicavam com eles seguiam as orientações propostas pelo próprio livro de Roustaing, que eram:

- Dar início a uma fase teológica do Espiritismo, da qual Roustaing seria o escolhido pela espiritualidade. Assim, o movimento espírita deveria se constituir numa religião.
- Kardec teria feito uso de opiniões pessoais para não aceitar as teses de Roustaing e, portanto, desviado o Espiritismo de seu propósito.
- A obra *Os quatro Evangelhos*, considerada a revelação da revelação, seria a representante legítima da moral, sendo heterônoma, equivalente ao catolicismo aceito pela quase totalidade dos brasileiros, e não à moral autônoma presente nas obras de Allan Kardec.
- Roustaing e seu livro ofereceriam “as primícias” de uma Igreja universal, para a qual o movimento espírita convergiria.

Os dois grupos roustainguistas surgiram após a formação da Sociedade Acadêmica Deus – Cristo – Caridade, sendo o Fraternidade instalada em 21 de março de 1880, e o pequeno grupo reunido em torno de Antonio Luiz Sayão, em seu escritório, teve início em 15 de julho de 1880, com cinco participantes. Como os médiuns do grupo também estavam presentes nos trabalhos dos grupos pertencentes à Sociedade Acadêmica, a divulgação sobre as reuniões extremamente místicas em torno da liderança de Sayão e Bittencourt Sampaio causou estranheza e críticas aos métodos adotados.

Em 1893, foi publicada a obra *Trabalhos espíritas de um pequeno grupo de crentes humildes, compilação e publicação do espírita Antonio Luiz Sayão*, atualmente bastante rara. Nela apresenta-se uma descrição das reuniões nas quais os Espíritos, dizendo tratar-se dos Espíritos do Anjo Ismael, Allan Kardec, Maria Santíssima, Jesus Cristo; anunciam que cabia ao grupo liderar o movimento espírita, implantando seu método universalmente, considerando o plano de Roustaing e sua obra como a orientação a ser seguida por todos, estabelecendo uma estrutura teológica afeita ao misticismo católico. Em 1896, surgiu um segundo volume, com o subtítulo: *Estudo dos Evangelhos de S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas*, oferecendo uma série de comunicações e descrição de sessões espíritas onde se consolidam as teses apresentadas em *Os quatro Evangelhos*.

Essa iniciativa não teve o resultado esperado. Não ocorreu uma adesão do movimento espírita, nem a essa iniciativa, nem à obra de Roustaing. Todavia, como vimos, os espíritas que se interessavam pelo Espiritismo, em sua quase totalidade, eram católicos. O desvio e a cisão causados por esse reduzido grupo que, depois de 1900, passou a fazer uso do *Reformador* para divulgar suas ideias, além de dominar a então pequena Federação Espírita Brasileira, fez com que a verdadeira mensagem libertadora do Espiritismo proposto por Allan Kardec ficasse praticamente desconhecida.

A força dessa iniciativa não estava em apresentar nada de novo, mas fazer os espíritas, em sua quase totalidade advindos da Igreja Católica, acostumados com os rituais, permanecerem na fé cega. Apesar de participarem do movimento espírita, continuariam a aceitar as ideias de queda, castigo, degeneração da alma, da moral heterônoma, afastando-se da real Doutrina Espírita, que, em verdade, oferece uma mudança de mentalidade para a moral autônoma.

## **Trabalhos de um pequeno grupo de crentes**

## humildes

Alguns membros dissidentes do grupo roustainguista Fraternidade passaram a participar de sessões mediúnicas semanais, durante nove meses, entre 15 de julho de 1880 e 15 de abril de 1881. A descrição das sessões tornou-se pública em 1893 no primeiro livro de Sayão, *Trabalhos espíritas de um pequeno grupo de crentes humildes*. Vamos dar um relato de alguns episódios para que o leitor possa compreender a atmosfera mística e ritualística que envolveu os participantes, completamente afastados de uma condição crítica necessária para abordar as comunicações dos Espíritos conforme o método de Kardec. Lembremos o que Erasto recomendou em *O Livro dos Médiuns*: “Em geral, desconfiai das comunicações que tragam caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevam cerimônias e atos extravagantes. Sempre haverá, nesses casos, motivo legítimo de suspeição” (KARDEC, [1861] 1996, p. 474).

Observemos atentamente os fatos para deduzir se haveria motivo para suspeição.

Não faltaram críticas e avisos quanto aos caminhos obscuros que essas sessões tomavam, sofrendo rejeição. Sayão descreve as principais censuras que eles receberam: realizam um trabalho “às portas fechadas, com um número limitado e escolhido”, com a “pretensão de receber revelações”, considerando as reuniões “como assistidas por Espíritos elevadíssimos, o que não passa de mistificação”, por fim, nada havendo “adiantado ou produzido com isso, e já em luta tenham interrompido o mesmo trabalho” (SAYÃO, 1893, p. VIII), alguns meses depois.

Para responder às acusações, Sayão publicou a transcrição assinada por um espírito que se disse Allan Kardec, da qual transcrevemos um extrato:

Ele está apto para receber novas luzes, novos ensinamentos, novas revelações mesmo para o preparo do caminho por onde tem de passar o *Espírito da Verdade*. Foi para formação de um centro diretor de todos os grupos dispersos, que ainda pouco eu pedi o concurso de vossa

vontade, os esforços de vossa fé e do vosso amor pela causa. Metodizemos o nosso trabalho, ninguém tem o direito de deserção, o nosso aparelhar é único. Sigamos de encontro àqueles que, inimigos da luz, por todos os meios, procuram obscurecê-la. É pelo escândalo, pela inveja e pelo ciúme que há de procurar os meios da destruição do vosso templo. A maior acusação que vos fazem é a de que constituís um grupo de Santos. Como é infantil tal acusação, que tem por fim denunciar-vos no conceito de humildes. Vamos recomeçar o estudo dos Evangelhos, este estudo Santo que trouxe o resultado a vós *A divina epopeia*<sup>77</sup>, mas outros trabalhos ainda temos de fazer. Allan Kardec. (SAYÃO, 1893, p. XI)

Repetindo as mesmas circunstâncias ocorridas na França com a obra de Roustaing, elaborada por um só médium, esta, atribuída a Kardec, como as demais mensagens que orientavam o grupo brasileiro, era psicografada por um só médium: Frederico Junior.

- *Comentário segundo a Doutrina Espírita, em Kardec* – Para quem conhecia *O Livro dos Médiuns*, a censura tinha clara motivação, nas palavras de Kardec:

A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade se encontra em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o concurso de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e em ser, ao demais, confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. Só a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina. Um sistema errôneo pode, sem dúvida, reunir alguns aderentes; mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, efêmera será a sua existência. (KARDEC, [1861] 1996, p. 474)

A Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade realizou uma reunião em 3 de outubro de 1879 com as agremiações da corte e teve, nesse dia, a presença de mais de quatrocentas pessoas. Entre elas, aquela da qual se emprestou o nome, Deus-Cristo-Caridade. Tempos depois, essa agremiação teve como dissidência um grupo ainda menor que se chamou Fraternidade, interessado exclusivamente em estudar Roustaing. Para tentar reuni-los novamente, Antônio Luiz Sayão, em 6 e 19 de junho de 1880, convocou uma reunião, quando compareceram 24 pessoas. Sayão havia se iniciado no Espiritismo apenas dois anos antes (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 10 nov. 1890,

p. 2).

Na segunda reunião, os médiuns videntes descreveram a presença de Allan Kardec, que teria discursado. Ewerton Quadros disse ter visto o espírito de dom Romualdo Antônio de Seixas (1787-1860), arcebispo da Bahia, o maior representante dos ultramontanos, promotor de uma Igreja universal com poder absoluto do papa e maior adversário tanto do pensamento liberal quanto do Espiritualismo Racional. Esse inimigo declarado das ideias progressistas declarou-se guia protetor do grupo. Os videntes também descreveram a presença do Anjo Ismael, além disso, “o médium vidente declarou ter visto a imagem de nosso senhor Jesus Cristo e ajoelhando-se com os irmãos fez uma prece fervorosa” (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 10 nov. 1890, p. 12).

Os reunidos divergiam em suas opiniões, os conselhos a seguir e sobre a autenticidade das comunicações recebidas.

O grupo de crentes humildes, como denominavam-se a si próprios, formou-se então, três semanas depois, 15 de julho de 1880, no escritório de Sayão, na rua de Camões, 5, sobrado, apenas seis presentes: Frederico da Silva Junior, Bittencourt Sampaio, sua esposa Izabel Maria Sampaio, Antônio Luiz Sayão, João Gonçalves Nascimento, Manoel dos Santos. Posteriormente, haveria a participação ocasional de Ewerton Quadros. Logo no primeiro dia deram comunicações os Espíritos de São Francisco de Paula, anjo Ismael, o bispo Romualdo (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 10 nov. 1890, p. 19-23). Nas reuniões seguintes, os Espíritos se apresentaram dizendo ser São Mateus e Allan Kardec.

Quinze dias depois, o médium Frederico disse ver na sala “Uma cruz de madeira preta, estendida em todo o comprimento da mesa de trabalho, uma coroa de espinhos, uma lança, um cálice, um sudário, uma cana, uma esponja e uma porção de pregos espalhados pela mesa: um livro grosso com páginas douradas”. Ele caiu em espasmo e chora.

Sayão comenta que os médiuns do grupo “perdiam muito entregando-se a trabalhos em outros grupos, nas circunstâncias em que esses se achavam”. O médium Nascimento observou que não lhe era possível desamparar o seu grupo. E, pelo médium Frederico, o Espírito que se disse ser Francisco de Paula falou: “A Sociedade Deus, Cristo e Caridade não é obra dos homens, mas sim dos Espíritos. Os homens, porém, levados pelo egoísmo que os perde, expulsaram companheiros que os podiam ajudar e, com eles, a presença do guia espiritual”. E mais à frente: “A Sociedade era essa linfa pura que nos matava a sede, e hoje ei-la perturbada, por Espíritos frívolos e maus que se comprazem em trazer a desunião, no centro mais bem formado” (SAYÃO, 1893, p. 40-1).

Então explicou os símbolos sobre a mesa, afirmando: “a bênção do Bom Pai seja derramada sobre vós e que possais sempre conservar no vosso centro a oferta que a Virgem Maria vos mostrou, trazendo-vos a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Os cravos seriam as feridas que sofriam dos seus inimigos e que lhes lançam anátemas. Mas “a cruz da redenção! É ela que vos defenderá, que vos salvará se não sentirdes o amargor do fel e a dor dos cravos”.

Em 5 de agosto, já participavam das reuniões Espíritos dizendo-se tratar de João Evangelista, o profeta Elias, São Lucas, São Marcos, frei José dos Mártires.

- *Comentário segundo a Doutrina Espírita, em Kardec* – Esses primeiros momentos da reunião já deveriam ter deixado o grupo em alerta quanto à real identidade dos Espíritos comunicantes. Um Espírito superior não acentuaria o isolamento do grupo, justificando uma divisão. Além disso, misticismo, simbologias, são motivos para suspeita, como explicou Erasto, em *O Livro dos Médiuns*:

Repeli impiedosamente todos esses Espíritos que reclamam o exclusivismo de seus conselhos, pregando a divisão e o insulamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e

mediócras, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de os fascinar e ter sob seu domínio. [...] Em geral, desconfiai das comunicações que tragam caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevam cerimônias e atos extravagantes. Sempre haverá, nesses casos, motivo legítimo de suspeição. (KARDEC, [1861] 1996, p. 474)

Dois meses depois do início dos trabalhos, no dia 12 de agosto de 1880, às 19 horas, estavam reunidos Bittencourt, Izabel, Frederico, Campos, Silva, Nascimento e Sayão, além de Luiz A. dos Santos, quando o médium Campos escreveu: “Oh! Quanto sois felizes! Não imaginais quem está aqui agora entre vós! Eu e os demais evangelistas estaremos prontos para vos esclarecer em vossos trabalhos – S. Mateus”.

Depois de um tempo, Izabel, sonambulizada, comunica-se com um espírito que se diz João Evangelista:

Vossa alma se ressentir desse fogo divino que acrisola os vossos desejos, para que os vossos trabalhos caminhem sem obstáculo. Tendes ganho muito com a vossa aprendizagem. Não quereis agora perder pouco a pouco o que tão bem tendes adquirido. Vede o exemplo da Sociedade Deus, Cristo e Caridade e não quereis soçobrar ou encalhar como ela no banco de areia. Fazei-vos bem compreender da necessidade que tendes de estar bem ao fato de tudo quanto o mártir do Gólgota nos ensinou na Cruz, morrendo. Aqui fecho a minha narrativa. A eleita do Senhor entretecerá as grinaldas que deverão coroar as vossas frentes, em prêmio de vossos esforços. Agora Senhor, fazei o que vosso servo pediu. Rasgai a cortina que vos encobre e apresentai-vos! (SAYÃO, 1893, p. 73)

“O rasgar da cortina”, anunciado pelo espírito, explicou Bittencourt, descobriria o véu, fazendo surgir... o *Espírito da Verdade*.

O médium vidente anuncia ver Nosso Senhor Jesus Cristo com uma luz imensa! O médium Nascimento viu-o também.

O médium Campos Escreveu: “Levantai-vos, Ele Já vem!”.

O médium Frederico festeja com entusiasmo, recita uma poesia, chorando de alegria. Nascimento, deslumbrado pela irradiação de tamanha luz, parece por muito tempo desprendido!

Izabel, a médium vidente, auditivo e de intuição, não declarou ser-lhe dada aquela comunicação por João Evangelista; mas falava como se

estivesse na presença do Cristo. O mesmo se deu com Frederico. O fato da aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo é tão extraordinário que deve ser objeto de meditado e profundo estudo, afirmou Sayão.

- *Comentário segundo a Doutrina Espírita, em Kardec* – Duas décadas antes, lidando com milhares de comunicações, Allan Kardec estava bem esclarecido quanto às manobras dos Espíritos dominadores, tomando nomes respeitáveis para controlar pequenos grupos isolados. Por isso, ensinava o professor:

Os falsos profetas não se encontram apenas entre os encarnados; há-os, igualmente, e em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través sistemas absurdos, que fazem sejam aceitos pelos seus médiuns. E, para melhor fascinarem os que eles hajam escolhido para serem enganados, a fim de darem maior peso às teorias, não escrupulizam em se utilizarem de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam: os de santos com razão venerados, os de Jesus, de Maria, mesmo o de Deus. (KARDEC, [1861] 1996, p. 475)

Na semana seguinte, surge a dúvida entre os participantes. E o participante Campos questiona Bittencourt:

E como se poderia dar a afinidade do perispírito do Cristo com o do médium, afinidade ou junção de que depende o fenômeno da comunicação espírita? Haverá médium neste planeta que tenha o seu perispírito tão puro e em condições de se pôr em afinidade com o perispírito do Cristo Senhor nosso? Cristo tinha necessidade de descer até nós? Não: por conseguinte, deve entender que essa comunicação se deu por intermediário de Espíritos missionários. (SAYÃO, 1893, p. 76)

Para tirar a dúvida, Bittencourt Sampaio fez uma sessão em sua casa, pedindo aos Espíritos uma explicação. Obteve a comunicação seguinte, de Elias, depois de formular assim o seu questionamento: “A presença de Jesus Cristo foi real em espírito àqueles que estiveram mediunizados pelos seus guias?”. E o espírito que se denominou Elias respondeu: “Sim, eles viram pelo espírito de seus guias o nosso Divino Mestre, mas tanto quanto podiam

ver essa luz coada pela pureza do perispírito de seus protetores. Nenhum de vós poderia receber essa luz, sem cegar-vos” (SAYÃO, 1893, p. 76-7).

Os Espíritos comunicantes, semana após semana, desfilavam uma plêiade de Espíritos com nomes sublimes e respeitadas. Aos poucos, porém, as comunicações se davam no sentido de confirmar as teses de Roustaing, em detrimento do que Kardec havia proposto em suas obras, como em *A Gênese*. Repetiam-se, no Brasil, os desvios ocorridos na França, menos de duas décadas antes.

Nesse sentido, no grupo de Sayão ocorreria uma reunião para confirmar, pelas comunicações espirituais, a virgindade permanente da Maria.

No dia 2 de setembro, a médium Izabel diz ver, além da presença de Santa Úrsula, Santa Catarina, São Francisco de Paula, Santo Antonio de Pádua, o que é confirmado por Frederico. Uma visão da espiritualidade supostamente tomou a médium, que descreveu a cena:

Com um coro de virgens, todas de branco, coroadas com grinaldas de rosas, que vozes! Vão de um extremo a outro da terra! Hosana! Hosana! Glória a Deus nas alturas, e paz aos homens na terra! Uma centelha sai de um cálice de fogo, e um dos Anjos que estão no alto da coluna grita para a multidão: eis a verdade. A esse grito, todos ajoelham-se e abaixam as cabeças. (SAYÃO, 1893, p. 90-1)

Pelo médium Campos, São Matheus anuncia: “Irmãos, Maria vem visitar-nos, por um dos vossos médiuns ela vos deixará palavra de amor” (SAYÃO, 1893, p. 92).

- *Comentário segundo a Doutrina Espírita, em Kardec* – Ou seja, para tratar da questão da virgindade, a própria mãe de Jesus teria vindo ao grupo para dar seu testemunho pessoal, o que deveria ser interpretado como grande alerta pelo uso de “nomes santos e venerados”, como ensinou Kardec. No entanto, parece-nos que, por tratarem-se, os participantes, de pessoas místicas, católicas, acostumadas às simbologias e ritos, além de terem se deixado

envolver, semana após semana, num crescente desfilar de personalidades bíblicas, esse momento já não lhes causava espanto, nem prevenção. Desde o início já haviam vivenciado o isolamento pela animosidade, a sugestão de exclusivismo, sinais característicos de uma armadilha grosseira em que muitos grupos até hoje caem.

A sessão continua.

Passam aos estudos dos Evangelhos, seguindo as comunicações dadas a Roustaing na sua obra *Revelação da revelação*.

Segundo Sayão, tratando da virgindade de Maria, disse Izabel, que recebia por intuição, “que José respeitava-a tanto que sempre a considerou a Virgem mãe do Senhor”.

O médium Silva, sonambulizado, disse: “Irmãos, aí vêm as bênçãos da Virgem. Recebei-as dela, porque não sou digno de as transmitir”, teria dito aquele que se identificou como São Vicente de Paula.

Frederico, sonambulizado, diz, representando as palavras do espírito que se afirma São Marcos, supostamente dando um testemunho da veracidade da afirmação do outro médium: “Eu, que fui um daqueles que tiveram a superabundante graça de formular a sua divina existência. A Rainha do Anjos, nossa Mãe Santíssima sempre foi virgem, pelos votos de castidade feitos com José, que desde o dia do nascimento do Redentor a considerou esposa de Deus, inviolável”.

Depois de alguns momentos, Izabel levanta-se e diz a todos os presentes:

Erguei-vos! Ela! Ei-la. Ela a Virgem que se apresenta. Como vem bela! Ela sorri para nós. Oh! Virgem das virgens! Oh, senhora, Virgem Mãe Santíssima! Poderosa senhora! Quem somos nós para merecermos tanto? Oh, Virgem Puríssima, derramai sobre nós vossos eflúvios tão puros. Oh, Imaculada senhora. Eu me curvo porque não sou digna de tanto.

Todos do grupo derramavam lágrimas copiosas.

Bittencourt, na véspera, declarara a Sayão ter tido a intuição do fato que ia se dar, tanto mais que era o estudo marcado discutir a virgindade de Maria,

tendo ficado assentado por unanimidade que Ela fora apenas mãe aparente, mas que se precisava de uma confirmação. Consideraram que teria sido uma confirmação que o médium Campos recebeu de São Matheus anunciando que Maria viria se manifestar. Teria sido também confirmada pelo Espírito de São Marcos ao médium Frederico, seu guiado, não só a virgindade permanente da Virgem Maria, como a sua vinda para lançar-lhes a sua bênção.

E, considerando que a virgindade de Maria estava confirmada por essa série de comunicações do grupo, deram-se por satisfeitos, e Bittencourt concluiu afirmando: “Tendo os nossos estudos por base as revelações dadas a J.-B. Roustaing, é essa obra que oferece argumentos convincentes para explicar esse como outros muitos fatos, cuja verdade esteve encoberta” (SAYÃO, 1893, p. 97-8).

- *Comentário segundo a Doutrina Espírita, em Kardec* – Como analisar essa sessão segundo os ensinamentos da Doutrina Espírita? Essa questão relaciona-se com a pedra angular do sistema ditado a Roustaing, a hipótese rejeitada pelo Espiritismo do corpo fluídico de Jesus, base da teoria heterônoma dogmática. Todavia, quais os argumentos dos Espíritos dirigentes do grupo? Nenhum. Apenas o uso da autoridade dos nomes santos e venerados, que jamais poderiam ser confirmados. A única forma de debater a questão teria sido questionar os Espíritos comunicantes quanto aos argumentos de seu ponto de vista, o que não ocorreu, pois todos se envolveram emocionalmente, deslumbrados com a convicção cega de estarem diante de tão reverenciada personalidade. Um espírito superior, verdadeiramente comunicando-se, colocaria em primeiro lugar a racionalidade de seus argumentos, jamais faria uso da autoridade de seu nome, pois tem clareza de que outro poderia tomar o seu lugar,

mistificando. Kardec explica essa questão no *Livro dos Médiuns*:

Espíritos da ordem a que esses dizem ter ascendido devem ser não somente bons, mas, além disso, eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! Submetei-lhes os sistemas ao cadinho da razão e do bom senso e vereis o que restará. Convinde, portanto, comigo em que, todas as vezes que um Espírito indique, como remédio aos males da Humanidade, ou como meios de chegar-se à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, providências pueris e ridículas; quando formule um sistema que as mais vulgares noções da ciência contradigam, não pode tal Espírito deixar de ser ignorante e mentiroso. (KARDEC, [1861] 1996, p. 476)

A intenção dos Espíritos comunicantes estava clara. Convencer o grupo, pela autoridade dos nomes adotados e pela fascinação causada por eventos teatrais descritos pelos médiuns, de que Roustaing estava certo e Kardec equivocado. Sayão, que conhecera o Espiritismo apenas dois anos antes, dirigido por Bittencourt, que o iniciou pelos *Quatro Evangelhos*, e depois de menos de três meses de experiências mediúnicas, eivadas de misticismo e fascinação, deu-se por convencido.

Foi quando os Espíritos arremataram seus objetivos, por uma comunicação cujo espírito se dizendo Allan Kardec, no dia de seu aniversário, 3 de outubro de 1880, afirmou que o grupo, depois de colocar Roustaing como esclarecedor da moral espírita, deveria encabeçar o movimento espírita, levando a todos essas ideias e métodos, além da liderança desse grupo de Espíritos na condução de todos: “Sois os filhos diletos daquela virgem sacrossanta que teve por batismo *Deus Cristo e Caridade*, e, no entanto, aonde venho eu vos saudar? Aqui no templo da Caridade, aqui neste santuário presidido por um espírito superioríssimo guia e protetor dos desvalidos”.

O médium, apontando para a Bíblia, livros do Mestre e Roustaing, continua:

Eis aqui os vossos alviões, eis aí os vossos arados, eis aí todos os instrumentos necessários para o vosso labor. Vigiai que não vos surpreenda o Redentor e vos pergunte: O que fizestes das gotas do meu sangue? Esforçai-vos, sim, irmãos e dizeis bem alto: nós queremos formar

uma família, a família dos apóstolos, e se alguém pode se opor à realização desta vontade, que não é nossa, mas sim a vontade daquele que nos deu o ser, que saia do nosso círculo. A *Sociedade Deus, Cristo e Caridade* é obra de Espíritos superiores e ela tem uma grande missão na Terra. Que importa que aqueles infelizes, esquecendo-se do bom senso, da razão, da vigilância séria, a coloquem na incapacidade de vos reunir no dia de hoje em um só corpo. Se lá não existe a *Sociedade Deus, Cristo e Caridade*, ela existe aqui, porque seus membros se acham presentes, porque seus membros ainda não a renegaram, porque seus membros a amam, a idolatram. Ai daqueles que vos têm desunido, porque eles no dia do julgamento receberão do Divino Mestre a sua recompensa. (SAYÃO, 1893, p. 128-35).

Onze dias depois, segundo os médiuns, os Espíritos presentes se disseram os quatro evangelistas, Elias, Úrsula e seu coral de virgens, Vicente de Paula e o arcebispo Romualdo. Sobre a imagem do Cristo crucificado, que Sayão colocara na mesa “para fortalecer-se na fé”, viu uma grande estrela resplandecente. Comunicaram-se Pedro, Ismael e, “deixando a todos com a alma extasiada”, novamente comunicou-se um espírito dizendo-se “o Divino Senhor Jesus Cristo”, confirmando que eles eram os escolhidos e, “se assim praticardes, tereis correspondido não à minha vontade, mas à vontade de MEU PAI, que está nos céus, vos vendo, vos contemplando” (SAYÃO, 1893, p. 155-7).

Ainda ocorreu mais uma ação dos Espíritos, que foi a de desautorizar a Sociedade Acadêmica que estava unindo as agremiações espíritas em torno das obras de Kardec, respeitando a autonomia de cada uma delas. Para esses Espíritos, era preciso estabelecer uma rivalidade, desautorizando aquele grupo e enaltecendo o de Sayão e Bittencourt, para dar-lhes como missão substituir àqueles, impondo assim Roustaing ao meio espírita.

Primeiramente, por meio de Frederico, dizendo-se um integrante desencarnado da Sociedade Deus, Cristo e Caridade, deu por perdido aquele grupo indicou a missão de Sayão: “Fazei edificar a primeira coluna que deve ser colocada na base da sociedade, agora destruída” (SAYÃO, 1893, p. 184).

No dia 18 de novembro, o vidente refere ver os irmãos Cirne, Pinheiro

Guedes e Torteroli, membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, longe do grupo, discutindo e São Lucas muito triste, pois aqueles o faziam sofrer (SAYÃO, 1893, p. 222-3).

- *Comentário segundo a Doutrina Espírita, em Kardec* – É fácil imaginar o quanto os participantes maquinaram em suas mentes o exclusivismo de uma missão divina sobre a Terra, ao mesmo tempo que viam um espírito se passando por superior desqualificar a iniciativa da Sociedade Acadêmica. Todavia, sendo prudentes, perceberiam nessa atitude dos Espíritos que o dominavam exatamente o sinal dos falsos profetas, como alertou Allan Kardec sobre a cegueira daqueles que não percebem suas ciladas, no *Livro dos Médiuns*:

São eles [os falsos profetas] que atiram o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a se isolarem uns dos outros e a se olharem com animosidade. Só isto bastaria para os desmascarar, porquanto, procedendo assim, eles próprios dão o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, pois, são os homens que se deixam apanhar em tão grosseira armadilha. (KARDEC, [1861] 1996, p. 476)

Mas, com o passar do tempo, outro sinal de que não havia harmonia, nem tinham bons propósitos os Espíritos que dominavam os grupos, foram as dissensões, dúvidas, mistificações, que assolaram o grupo nas semanas finais. Foram omitidas da obra por Sayão as reuniões de 26, 27 e 30 de dezembro de 1880 e 3 de janeiro de 1881, por terem sido rejeitadas como mistificações. Nelas faltava Bittencourt, e Sayão declarou que não poderia trabalhar sem ele. Convocado a se esclarecer, Bittencourt declarou que se retirara porque, sentindo maus fluidos, que lhe traziam dúvidas e vacilações sobre a autenticidade das comunicações, ao mesmo tempo que via a maior parte dos irmãos satisfeitos, se ausentaria até que a verdade fosse estabelecida (SAYÃO, 1893, p. 270).

Na sessão seguinte, o médium Frederico “dá um salto e um grito de um

animal bravio e feroz que quer nos assaltar e aniquilar! Aliviado o médium e quando fazíamos uma prece o médium Nascimento salta com ainda maior desespero, envolvendo-se em cadeiras que deita em terra, produzindo sons rouquentos, batendo com os pés e fazendo um alarido descomunal. Outro médium se ajoelha em prantos. Em seguida, pelos mesmos médiuns, comunicam-se Espíritos dando os nomes de João Evangelista e Anjo Ismael” (SAYÃO, 1893, p. 275). Mais à frente ocorreriam sessões tristes, ocasionadas “por pouca fé, pela indiferença, pela atuação de influências estranhas” (SAYÃO, 1893, p. 307). Depois de receberem novamente, por diversas vezes, Kardec, Jesus, Maria, os evangelistas, Elias, Anjo Gabriel, voltariam a se reunir apenas doze anos depois, tendo em mente a pretensa missão de liderar o movimento espírita, com seu método, seus médiuns, os Espíritos que os comandavam e Roustaing.

## **Nenhum sinal extraordinário aparecerá no céu nem na Terra**

Em 1893, doze anos depois, o grupo de Sayão volta a se reunir. Agora com alguns novos integrantes, como Pedro Richard (1853-1918) e Bezerra de Meneses (1831-1900). A estrutura do grupo é a mesma, as reuniões continuam envolvidas em misticismo, volta a aparecer Jesus, e se comunicam Espíritos regularmente, dizendo-se Ismael e Allan Kardec. Dois fatos se destacam: a confirmação das ideias de Roustaing e a confirmação de uma suposta missão do grupo para liderar o movimento espírita.

Um espírito, por meio do médium Frederico, anunciando-se com o nome de Anjo Ismael, declarou que Allan Kardec errou e formou apenas uma opinião pessoal ao apresentar a versão espírita sobre Jesus:

Se a opinião isolada do vosso bom mestre Allan Kardec pôde de alguma sorte influir no entendimento de alguns, de que o Redentor do mundo viera revestir-se de matéria grosseira dos corpos comuns, para dar o exemplo da maiores virtudes, encaminhando a humanidade

inteira para a terra da promessa, hoje, que todos os Espíritos bem iluminados afirmam que o nascimento de Jesus foi todo *aparente*, que o seu corpo apenas revestira-se de fluidos concentrados no seio da sempre Virgem Maria, não há mais razão de ser duas opiniões a tal respeito. Insistamos: a opinião do vosso mestre, a opinião do homem, falível quase sempre, como que de alguma sorte pode inocular no espírito de seus irmãos a ideia de que Jesus, se não participasse de um corpo carnal, igual ao de todos os homens, os seus sofrimentos seriam nulos. Quem sofre, é o espírito ou é a carne? Vede, portanto, que não pode prevalecer de modo algum a opinião isolada do vosso bom mestre Allan Kardec. Ismael. (SAYÃO, 1896, p. 385-6)

Pelo mesmo médium, Frederico, em outra sessão, um Espírito, fazendo uso do nome de Allan Kardec, teria voltado atrás em tudo o que escreveu, renegando as conclusões presentes na *Revista Espírita* e em *A Gênese*, claramente uma falsa afirmação, na qual teria adotado a tese de Roustaing, supostamente reconhecendo-se em erro! Vejamos:

Jesus ainda não tinha entrado em ação decisiva com os prejuízos e crimes do mundo. Logo que Ele baixou à Terra e tomou a sua *forma corpórea aparente* para as lutas da verdade, o Espírito também baixou e com ele toda a falange dos inimigos da luz, cercando por toda parte os passos do grande evangelizador que vinha oferecer o seu sangue em holocausto para a salvação dos homens. Meus amigos, são estas as inspirações que recebo dos vossos guias, os meus maiores, Allan Kardec. (SAYÃO, 1896, p. 412)

As duas mensagens que supostamente trariam uma nova revelação, revogando tudo o que foi escrito por Allan Kardec de 1857 a 1869, foram escritas por um só médium, num só grupo, com total exclusividade, sendo que nenhum outro havia compartilhado tal privilégio. Quais os argumentos? Qual a racionalidade e a lógica da questão apresentada? Nenhuma, apenas o critério de autoridade do nome adotado. Recorremos novamente ao *Livro dos Médiuns*, guia seguro, alerta quanto às verdades reveladas aos homens:

Crede que, quando uma verdade tenha de ser revelada aos homens, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios que disponham de médiuns sérios, e não a tais ou quais, com exclusão de todos os outros. [...] Consequentemente, todo médium, todo grupo que julguem ter o privilégio de comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, estejam adstritos a práticas que orçam pela superstição, indubitavelmente se acham sob o guante de uma das obsessões mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se pavoneia com um nome que todos, Espíritos encarnados, devemos honrar e respeitar e não consentir seja profanado a qualquer propósito. (KARDEC, [1861])

1996, p. 474)

Essa sessão, tornada pública no livro de Sayão de 1896, ocorreu no dia 6 de agosto de 1893, achando-se presentes Bittencourt Sampaio, Frederico da Silva, Bezerra de Menezes, Pedro Richard, Sayão filho e pai, entre outros. O grupo estava convencido da veracidade da obra de Roustaing e de que seria missão deles fazer desse sistema o único em todo o movimento espírita brasileiro, tornando-se o grupo diretor de todos. Algumas reuniões depois, novamente o médium Frederico dava uma comunicação do Espírito que fazia uso do nome de Allan Kardec, confirmando a missão confiada ao grupo, numa linguagem mística e empolada:

Minha obra não está completa, que lutador pelas verdades do Cristianismo ainda não depus as armas, que humilde trabalhador da vinha santa, ainda tenho as minhas mãos sobre o arado. Voltar, isto é, levantar-me do marco do caminho, voltar ao vosso ingrato mundo, continuar a tarefa, eis toda a minha aspiração. Que conto com o vosso auxílio quer nesta, quer na vida espiritual não duvideis jamais. Quando eu vejo, meus amigos, das célicas alturas descerem os Enviados de Deus, de N. S. J. Cristo e da Virgem para vos trazer palavras de alento e de conforto no trabalho que encetastes, eu tenho fé que encontrarei em cada um de vós uma força, uma vontade, um instrumento seguro para a evolução da Terra, onde deve frutificar um dia a árvore do bem, a árvore da verdade. A glória de Jesus, Allan Kardec. (SAYÃO, 1896, p. 430-1)

Allan Kardec tinha grande preocupação com o futuro do Espiritismo e, em algumas ocasiões, tratou da chegada de Espíritos e homens que ajudarão a implantar as mudanças morais que vão tomar todo o mundo. Certamente serão muitos. Todavia, afirma Kardec, “Nenhum sinal extraordinário aparecerá no céu nem na Terra, e não serão vistos descendo das nuvens acompanhados dos anjos”. Há uma forma de reconhecê-los: “Eles marcarão sua passagem por prodígios da inteligência e da virtude, que atestam a verdadeira superioridade, bem mais do que a produção de efeitos materiais que qualquer um pode realizar”.

Mas muitos esperam por sinais fantásticos, e, desse modo, pondera Kardec:

Este quadro um pouco prosaico fará, talvez, caírem algumas ilusões; mas será assim que as coisas se passarão, muito naturalmente, e os resultados não serão menos importantes, por isto, por não estar cercado das formas ideais e um tanto maravilhosas, das quais certas imaginações gostam de cercá-los. (KARDEC, [RE] 1869, p. 48)

Aqueles que viriam a dar continuidade à revolução moral não seriam anunciados, mas podem ser reconhecidos somente por seus atos. Desse modo, deve ser motivo de grave desconfiança quem anuncia predestinações de indivíduos, de grupos. Quantos por aí não se autoproclamam, alegando confirmação dos Espíritos, serem a reencarnação de Jesus, Moisés, Allan Kardec e tantos mais? Continua Kardec, prevenindo:

Jesus disse: “Se alguém vos disser: ‘*O Cristo está aqui ou está ali, não vades ali, porque ele ali não estará*’. É preciso, pois, desconfiar das falsas indicações que têm por objetivo enganar tendo em vista de fazê-lo procurar onde não está. Uma vez que não é permitido, aos Espíritos, revelar o que deve ficar em segredo, toda a comunicação circunstanciada sobre este ponto deve ser tida por suspeita, como uma prova para aquele que a recebe. (*Ibidem*)

Ocorreram e ainda vão ocorrer os falsos profetas, e jamais isso ocorrerá numa anunciação mística. Mas, afirma Kardec, “Para quem conhece a Doutrina, ela é, de um canto ao outro, um protesto contra o misticismo, uma vez que tende a conduzir todas as crenças para o terreno positivo das leis da Natureza. No entanto, entre aqueles que não a conhecem, há pessoas para as quais tudo o que sai da humanidade tangível é místico; para elas, adorar a Deus, orar, crer na Providência é ser místico. Não temos que nos preocupar com a sua opinião” (*Ibidem*). O fato é o que “Nenhum anjo virá anunciar sua vinda à sua mãe, porque ela não deve fazer diferença entre ele e os outros filhos”. Os homens de bem, agindo pela solidariedade, libertando a mente dos povos pelo exercício da liberdade, esses serão os messias do Espiritismo, mesmo que não o conheçam. Nenhum grupo, nem ninguém, então, poderá dizer-se predestinado. Pois, conclui Kardec:

Nada, pois, os assinalará à atenção pública senão a grandeza de suas obras, a sublimidade de suas virtudes, e a parte ativa e fecunda que tomarão na fundação da nova ordem de coisas. A antiguidade pagã deles fez deuses; a história os colocará no Panteão dos grandes homens, dos

homens de gênio, mas, sobretudo, entre os homens de bem, cuja posteridade honrará a memória. (*Ibidem*)

## **As convicções religiosas de Bezerra de Menezes**

Bezerra de Menezes, liderança atuante e respeitada, depois de participar das reuniões do grupo de Sayão, estava convencido da missão do grupo Fraternidade, e da obra de Roustaing, como destinadas a formar o padrão do movimento espírita brasileiro. Compartilhava essa ideia com Bittencourt Sampaio, Sayão, Pedro Richard e mais alguns. Confiaram fascinados nas mensagens de um só médium, Frederico, que recebia Espíritos dizendo-se Jesus, Maria, os evangelistas, Allan Kardec, confirmando essas ideias.

Todos eram oriundos de um catolicismo fervoroso. Em 1882, Bezerra de Menezes, apesar de pertencer ao partido liberal, era amplamente apoiado pela Igreja Católica, pois tinha convicção de que a moral em nosso país deveria ser estabelecida pelo catecismo ensinado pelos padres às crianças. Bezerra lutou por essa ideia, mesmo contra os liberais, que defendiam um Estado laico. O jornal eclesiástico da Igreja, *O Apóstolo*, argumentando que “quase todas as catedrais caem em ruínas, e no nosso país, onde a religião católica apostólica romana é oficial, é preciso que o Estado tenha na maior consideração à decência e ao culto”. E os padres recorrem, para sua defesa, a um discurso na Câmara feito por Bezerra de Menezes:

Quanto ao culto público, nota a exiguidade dessa verba e a necessidade de alargá-la para melhor manter-se a religião do Estado. Enquanto se regateia no culto público, é avultada a verba destinada à formação de doutores e bacharéis. O país já tem doutores e bacharéis demais, pois são tantos que causam embaraço na sociedade. Descura-se do culto público, esquecendo-se de que a religião é a primeira necessidade de uma sociedade. (*O APÓSTOLO*, 4 jun. 1882, p. 4)

O ultramontanismo, movimento radical do clero, liderado pelo bispo Romualdo de Seixas, lutava contra a liberdade de consciência e pelo poder da Igreja como única religião do Estado, o uso de verbas públicas para seus cultos e a submissão ao poder do papa.

Em oposição à radicalização da Igreja, os liberais defendiam o caminho oposto, o de que cada indivíduo teria o direito de escolher livremente sua crença. Na questão religiosa, o movimento liberal teve forte liderança de Joaquim Saldanha Marinho (1816-1895). Desde 1873, ele publicou uma série de artigos no *Jornal do Comércio*, sob o pseudônimo Ganganelli, para defender a liberdade de consciência como instrumento adequado para o progresso do Brasil:

E é por isso que reputamos de primeira necessidade do Brasil, e de indeclinável interesse público, que cesse o privilégio de uma religião de Estado, e, franca a liberdade de cultos, todos os cidadãos tenham ante a lei civil a mesma igualdade, respeitadas as crenças de cada um; visto como a política, e a sociedade, não devem e nem podem envolver-se no que só a consciência de cada indivíduo pode determinar. Querem religião forçada, religião imposta. Propomos o casamento civil, a separação entre o Estado e a Igreja e a plena liberdade de cultos. (MARINHO, 1873, p. 563)

Em uma notícia publicada pelo clero em *O Apóstolo* em 1877, a questão é tratada do ponto de vista da Igreja, que fazia uma visceral campanha contra seus adversários. O alvo foi o pronunciamento do deputado Manuel Pinto de Sousa Dantas (1831-1894), que atuava junto com Rui Barbosa no jornal liberal *Diário da Bahia*, defendendo uma ampla liberdade religiosa, evocando, inclusive, as ideias de Saldanha Marinho, que escrevia como Ganganelli:

Tornou-se a questão religiosa arma de guerra na mão de políticos. O nobre deputado Dantas quer a separação da Igreja do Estado, o casamento civil, o cemitério civil etc. Mostrou-se discípulo do famigerado Ganganelli, de quem se declarou admirador, tecendo-lhe pomposos elogios. Mas ele teria falado em nome do partido liberal? (*O APÓSTOLO*, 18 maio 1877, p. 2)

A Igreja evocava o fato de que não havia hegemonia no partido liberal quanto à questão religiosa, pois algumas de suas lideranças defendiam a posição do clero. Apesar de ser natural que o partido liberal defenda a liberdade de consciência, a Igreja vai afirmar que Dantas falou por conta própria, alegando que “o partido liberal reconhece como chefes conspícuos na corte” diversas lideranças, entre elas “os drs. Dias da Cruz, Bezerra de

Menezes etc., que são católicos e não aceitam as reformas de Ganganelli e seus consócios, claro está que o sr. Dantas não pode falar em nome do partido liberal” (*Ibidem*).

Bezerra de Menezes, na sessão de 1º de outubro de 1879 na Câmara dos Deputados, discutiu com Rui Barbosa, enquanto este declarava ser uma contradição defender os interesses da Igreja, que era ultramontana, e ser ao mesmo tempo liberal:

Bezerra de Menezes – Não sou exclusivista, não sou ultramontano.

Rui Barbosa – Então não é católico.

Bezerra – Perdão. Faço muita distinção entre católico e ultramontano. Sou católico porque nasci, criei-me e peço a Deus a graça de morrer no seio da Igreja Católica, e porque creio em tudo o que ela crê e manda crer; não sou, porém, ultramontano porque, em bem da própria Igreja e da glória da religião, se faço votos para que seu poder impere sobre todas as almas, não quero, não aceito o princípio de dominar ela sobre os Estados, sobre as sociedades civis. Pelo contrário, eu folgarei se vir realizado em nosso País o princípio único conciliador dos dois poderes, o princípio sustentado por Cavour – da Igreja livre no Estado livre. Já veem os nobres deputados que não sou ultramontano, e que há diferença entre catolicismo e ultramontanismo.

[Cavour, na unificação da Itália, negociou com o papa Pio IX a renúncia do poder temporal, ou autoridade civil, em troca do domínio espiritual como primado ético civil do catolicismo como base da vida nacional. O papa defendeu, porém, seu poder temporal com intransigência. Cavour foi excomungado.]

O sr. Pompeu – Este princípio está condenado pela cúria romana.

Rui – O nobre deputado mereceu a excomunhão por esse princípio que professa.

Bezerra – Pois bem; mas as minhas convicções são estas; e é por isso que nunca encontrei repugnância, nem dificuldade, em conciliar o dogma liberal com o dogma católico. Tiro de ambas as exagerações, e vivo perfeitamente no seio das duas doutrinas.

Rui – Mas, perdoe-me o nobre deputado, não pode conciliar aquilo que o papa separa. O nobre deputado está fora do grêmio, não é católico.

Bezerra – O Estado e a Igreja, já o tinha insinuado, são dois aliados, que visam ao mesmo fim, que têm os mesmos interesses reais e que seguem a mesma via, desde que em nosso País o cidadão é filho da Igreja e o filho da Igreja é cidadão. Querer um dominar o outro é romper esse equilíbrio essencial ao bem-estar do cidadão e à tranquilidade das consciências.

Rui – Então V. Exa. pertence à escola que quer casar o Estado com a Igreja?

Bezerra – Certamente.

Rui – Não é decerto liberal.

Bezerra – Perdoe-me. Sou e tenho mostrado sê-lo. Não casar o Estado com a Igreja é plantar a discórdia no seio da sociedade e a perturbação nas consciências. E, desde que somos um país católico e que o cidadão brasileiro se prende ao Estado e à Igreja, o bem público reclama o consórcio dos dois. O que eu não quero é o casamento com a dependência de um a outro. (MENEZES, 1986)

Havia três focos principais na guerra da Igreja contra o pensamento moderno: o protestantismo, as ideias liberais e o Espiritualismo Racional (ciências filosóficas), que o clero chamava depreciativamente de *filosofismo*<sup>78</sup>. Os bispos defendiam como solução o catecismo, para ensinar às crianças e aos jovens os dogmas católicos. Num artigo no jornal católico *O Apóstolo*, de 1876, encontramos: “O catecismo, aprovado pela Santa Igreja Católica, encerra as doutrinas do verdadeiro fiel, para a sua felicidade terrena e celeste. É o fanal que nos guia entre os perigosos parciais da heresia”. E, então, se faz uma acusação a Victor Cousin, expoente francês do Espiritualismo Racional:

O *filosofismo*, inimigo declarado do bom senso e da lógica, o filosofismo que tudo promete provar, mas que vergonhosamente foge da discussão, contentando-se em divagar para o campo do absurdo, quando não o faz pela blasfêmia. Ouçamo-lo: “Eu provarei – *diz o filosofismo pela boca de Victor Cousin* – eu provarei que o catecismo embrutece a infância; eu provarei depois que ele corrompe... convinha que a razão se estabelecesse, enfim, soberana em seu domínio”. (*O APÓSTOLO*, 5 nov. 1876, p. 1)

O clero católico brasileiro via nos movimentos revolucionários franceses a semente de “todas as teorias ímpias e desastrosas para a humanidade”. E então critica diretamente o Espiritualismo Racional, que se tornou a filosofia oficial da França e foi considerada por Kardec a reação espiritualista da qual o Espiritismo foi o desenvolvimento, como bem vimos:

O que foi a revolução de 1848 senão a consequência lógica das doutrinas sustentadas por Luís Filipe, protetor do *filosofismo acadêmico*, do *ecletismo do sr. Victor Cousin*, e da separação quase completa em que viveu com a santa Sé. [...] O desprezo, portanto, da palavra da Igreja que é a palavra de Deus. (*O APÓSTOLO*, 25 jun. 1871, n. 26, p. 202)

Bezerra de Menezes era um homem de basilares princípios, benevolente em sua mais profunda aceção e fiel às suas convicções. Todavia, tomando para si o pensamento do clero, não acreditava que o espiritualismo, baseado nas ciências filosóficas, seria adequado para o Brasil, pois tinha a opinião de que os dogmas da Igreja seriam a forma mais apropriada de lidar com o tema da liberdade. Ele apresentou essa ideia em seu jornal *Sentinella da Liberdade* – órgão liberal sob a redação do Dr. Bezerra de Menezes, mesmo enfrentando os protestos dos liberais que defendiam a liberdade de consciência, como vimos. Por essa posição, Bezerra recebeu amplo apoio do clero em suas candidaturas, que fizeram campanhas para elegê-lo como representante católico na política.

No editorial “Os bispos do Brasil”, em seu jornal, no ano de 1869, Bezerra explica: “a Igreja tem, pois, diante de si o *filosofismo*, que inflama pregando a liberdade, sob todas as suas formas; a liberdade civil; a liberdade política; e a liberdade religiosa”. E, então, afirma:

A Igreja deve bater esse inimigo comum de suas instituições e da humanidade; mas para isso é preciso que abandone o sistema de autoridade absoluta que a vai isolando; e abraçada com o lábaro da liberdade, que seu Instituidor pregou, se apresente aos séculos e aos povos mostrando a excelência da liberdade cristã sobre a liberdade filosófica. (*SENTINELLA DA LIBERDADE*, 12 dez. 1869, n. 33, p. 2)

Bezerra sentencia com palavras fortes: “É preciso que tome seu lugar à frente da civilização e da humanidade, repelindo para os antros infernais os falsos guias que têm desvairado o espírito humano”. Para ele, o Espiritualismo Racional desviava o povo de sua correta formação religiosa, que deveria obedecer às diretrizes do catecismo católico, pois, segundo sua convicção:

Os dogmas da religião do Calvário são a teoria a mais perfeita do liberalismo dos povos; como, pois, a Igreja que tem por missão pregar e difundir aqueles dogmas, repele a liberdade que eles encerram em princípio e, encastelando-se num ultramontanismo exagerado, quer convencer contradizendo-se, quer arrastar tornando-se odiosa? (*SENTINELLA DA LIBERDADE*, 7 nov. 1869, n. 28, p. 2)

E então Bezerra conclui, afirmando que a Igreja deveria abraçar a liberdade: “entretanto, não é só isso que precisamos. Além da reforma, precisamos da moralização e ilustração do clero que deve executá-la. Em nossa terra o clero está abastardado e aviltado, abandonado pelo governo” (*Ibidem*).

Seguindo o caminho oposto, Gonçalves de Magalhães se esforçava para implantar o Espiritualismo Racional como filosofia primeira e diretriz para a educação moral das escolas a partir do modelo do Colégio Pedro II, onde se fez uso do *Tratado de filosofia* de Paul Janet. Enquanto isso, a Igreja lutava contra essa iniciativa com todas as suas forças. Contra a orientação do currículo escolar do Império, para não divulgar o Espiritualismo Racional, o bispo Romualdo Seixas vai adotar, no Seminário Arquidiocesano, desde 1852, o *Compêndio de philosophia elementar* do frei Antônio da Virgem Maria Itaparica, como explica a doutora Dinorah D’Araújo, em sua tese sobre o *Tradicionalismo de dom Romualdo*:

Na dedicatória, o autor mostra que seu manual é ortodoxo, porquanto não se molda pelo ecletismo [de Victor Cousin] – combatendo o inimigo maior na conjuntura filosófica baiana. Era, pois, creditado arauto de arquiépiscopal falange contra escola que se constituíra a única estruturada entre nós e oficialmente aceita, a de Cousin. A doutrina tradicionalista dessa obra de Itaparica auxiliava a condenação de dom Romualdo à escola Espiritualista racional. (CASTRO, 1983, p. 231)

Bezerra de Menezes, em seu jornal, como dom Romualdo, via nessa iniciativa do Espiritualismo um perigo, pois acreditava piamente “que o filosofismo que vai lavrando pelo Brasil, é tão fatal ao país quanto à verdadeira Igreja” (*Ibidem*). Sendo assim, considerava “urgente combatê-lo, era necessário vencê-lo, em bem do país, e em desagravo de seus fundamentos, vencê-lo destruindo as causas geradoras”. Para Bezerra, “a ignorância do povo e o desleixo do nosso clero eram as principais causas dos triunfos que vai o monstro obtendo neste abençoado país”.

Como conquistar o êxito nessa luta? Bezerra de Menezes define:

Basta que em todas as igrejas se explique o Evangelho aos domingos, e que em todas elas, uma, duas ou três vezes por semana, se ensine o catecismo para as crianças. [...] Com essas duas armas somente, a má-fé será destruída; com a luz da instrução religiosa as trevas da ignorância serão espancadas; e a obra do inferno não prevalecerá em nossa Terra; e o povo cobrirá de bênçãos os regeneradores, e o clero brasileiro, honrado e venerado, como devem ser os verdadeiros missionários do Cristo, conquistará o maior triunfo, o triunfo que abre as portas da cidade de Deus. (*Ibidem*)

Depois que se tornou espírita, Bezerra encontrou afinidade com os dois grupos roustanguistas que havia no Rio de Janeiro, o *Fraternidade* e o *Grupo dos humildes*. Conhecendo a sua trajetória política associada à Igreja Católica, e suas convicções religiosas de oposição ao Espiritualismo Racional e adoção dos dogmas presentes no catecismo católico como solução para o Brasil, não é incoerente que ele tenha mantido essa lógica quanto à moral, enquanto participante do movimento espírita, aceitando a obra de Roustaing. Também foi induzido pelos Espíritos que comandavam o grupo e criaram o plano de dominação, assim como pelos antigos companheiros que o convidaram para as sessões, Bittencourt, Sayão e Frederico. Bem-intencionado, agiu de boa-fé, de acordo com sua opinião pessoal, mas adotando como verdadeiro um sistema absolutamente contrário à moral proposta originalmente por Allan Kardec.

Esse foi o cenário cultural de quando ocorreu o desvio no movimento espírita brasileiro.

Também consideramos significativo o fato de que, entre os Espíritos que se manifestaram para o Grupo dos Humildes<sup>79</sup>, estivesse aquele que fez uso do nome dom Romualdo de Seixas, maior defensor do tradicionalismo católico ultramontano e do catecismo contra o Espiritualismo Racional e a psicologia espiritualista, dos quais o Espiritismo, por Allan Kardec, seria o desenvolvimento.

**O plano: controlar a todos por um modelo único e**

## uniformizado

Já em 1893, quando participava das sessões de Sayão, Bezerra de Menezes, anunciando na coluna semanal “Spiritismo”, do Centro da União, iria aderir ao plano de “agremiar todos os grupos, uniformizando o seu modo de trabalhar e propagar toda a doutrina por todo o país, fundando nas capitais dos estados núcleos ligados ao centro, de modo que todos se rejam pelas mesmas leis”. Qual seria o modelo? Exatamente o pequeno grupamento roustainguista, que tinha como médium Frederico, “o centro espírita, ora fundado, com sede na velha sociedade – Fraternidade – auxiliará o desenvolvimento intelectual” (*O PAIZ*, 3 jan. 1893, p. 4).

Em 1897, quando já havia assumido a presidência da Federação Espírita Brasileira, faz uma apreciação do livro *Trabalhos de um pequeno grupo de humildes: estudo dos Evangelhos*<sup>80</sup>, afirmando que “altíssima é a missão dos que foram escolhidos para fazerem na Terra a obra de Deus”, considerando “dentre aqueles missionários, Bittencourt Sampaio, com a sua *A divina epopeia*, e Antonio Luiz Sayão, com os seus *Estudos dos Evangelhos*”, ou seja, as duas principais obras de divulgação da obra *Os quatro Evangelhos*. Continua Bezerra:

Nenhum saiu dos limites traçados a Roustaing; mas quer um, quer outro, substituíram a longa, obscura e difusa explanação daquele autor, por explicações lúcidas e concisas dos textos evangélicos. [...] Seus trabalhos podem ser ditos: perfeito resumo da interpretação dos Evangelhos em espírito e verdade, segundo Roustaing, corrigindo e aumentando em certos pontos, sempre sob a assistência dos Altos Espíritos. (*O PAIZ*, 8 abr. 1897, p. 4)

Na coluna “*Spiritismo, Estudos Philosophicos*”, de 6 de abril de 1897, no jornal *O PAIZ*, um leitor pergunta a Bezerra de Menezes: “Podemos tornar os dois livros publicados pelo doutor Sayão como normas a seguir no nosso grupo?”. Bezerra oferece a sua opinião:

Allan Kardec, espírito proposto por Jesus para reunir, num corpo de Doutrina, ensinamentos confiados pelo mesmo Jesus, ao Espírito da Verdade, constituído por uma legião de Altíssimos Espíritos, só apanhou o que estes deram – e estes só deram o que era compatível com a

compreensão atual do homem terreal. [...]. Mas os principais fundamentos da revelação espírita tendem constantemente a se alargar.

Considera, então, Bezerra, que “a Allan Kardec, sobrevivem outros missionários da verdade eterna, que, sem destruir a obra feita, porque esta é firmada na lei e a lei é imutável, darão mais luz para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade”. Quem representaria essa luz maior? Conclui Bezerra: “Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei. Que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da humanidade”.

Mas, segundo Bezerra, em seu artigo, como Roustaing não “possuía clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo grau para baixo”. Assim:

O livro de Sayão é um resumo de Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec [...]. Quem compreende a progressividade da revelação não pode recusar preito a Roustaing – e quem quiser colher os frutos preciosos de sua inspiração, muito lucrará estudando o livro (os livros) de Sayão. Diremos em conclusão: podeis tomar os dois livros publicados pelo dr. Sayão como normas a seguir em vosso grupo. Neles encontrareis o que há de mais adiantado em Espiritismo. E damos graças a Deus por nos ter permitido encontrar, por entre as névoas de nossa peregrinação terrestre, o raio de luz – o farol – o santelmo que nos encaminha ao porto da salvação.

## **Uma cisão no movimento espírita brasileiro**

Bezerra de Menezes retornou à presidência da Federação Espírita Brasileira em 1895. As atividades já ocorriam na sala do segundo andar da sede do Centro da União, na rua da Alfândega, 342. Enquanto isso, no térreo desse mesmo prédio, e em outras salas do primeiro andar, aconteciam as reuniões públicas e demais atividades do Centro da União.

Desde janeiro de 1896, Bezerra vai continuar a pedir a reunião de todos em torno dos métodos do Centro Fraternidade e de Roustaing, mas também inicia um combate ao Centro da União: “A orientação atual está muito

aquém do que deve ser. A Doutrina caminha por entre espinhos, espalhados na estrada por seus adeptos inconscientes. Tal estado de coisas não deve continuar”. Quanto à prece recebida por Torteroli do Espírito de sua esposa, Luiza Maia Torteroli, que dizia “Deus não castiga nem perdoa”, isso “porque ama a todos os Espíritos e espera que livre e conscientemente pela evolução moral e intelectual, e Deus espera sempre”, Bezerra fará diversa interpretação, considerando “monstruoso absurdo, evidentemente contrário à fé cristã e verdadeiramente ateu”, e sentenciando: “Parece incrível que houvesse um Espírito que se animasse a insinuar tão absurdo quanto blasfemo ensino, porém digamo-lo à pureza, mais incrível ainda deve parecer que um centro espírita o aceitasse” (*REFORMADOR*, 1º jan. 1896, p. 2).

Fica clara a divergência. O espírito que se comunicou por Torteroli, dizendo que “Deus não castiga”, via no Espiritismo a teoria moral do dever, baseada em leis naturais, independentemente de castigo e recompensa. Bezerra, de acordo com o grupo roustainguista a que pertencia, aceitava a tese de que todos os encarnados teriam caído, sendo a Terra destinada ao castigo pelo sofrimento. O editorial do *Reformador* de julho de 1897 trará, sob o título “O perdão”, os ensinamentos de Roustaing, como posição espírita do tema:

Deus perdoa a todo o que se arrepende de suas culpas: é princípio corrente na Igreja romana e em todas as seitas dissidentes. É também a crença inabalável dos espíritas. [...], Jesus, para salvar a humanidade do veneno destilado em Roma, fez baixar à Terra a Revelação da Revelação [de Roustaing]. [...] Deus pune o pecador. [...] O espírito perdoado, em vista de seu arrependimento, tem de purificar-se e é para isto que recebe, pelo perdão, a graça de reencarnar, nas mesmas condições em que delinuiu contra a lei. (*REFORMADOR*, 1º de julho de 1897, p. 1)

Esse pensamento proposto em Roustaing é o desvio da verdadeira Teoria Moral Espírita proposta em Kardec. Esse falso ensinamento, continuidade do dogma das igrejas, acabou por se espalhar no movimento espírita

brasileiro, sendo amplamente repetido até hoje em periódicos, tribunas e cursos.

Mês a mês, Bezerra conduzia o editorial convocando os espíritas a abraçar a orientação de Bittencourt e Sayão, pois acreditava que se deveria seguir a obra de Roustaing: “Espiritismo é religião (revelação da revelação) e todo aquele que o contestar por palavras e por obras, não é espírita, é falso profeta ou instrumento deles. Os tempos estão chegados e os falsos profetas já estão conosco” (*REFORMADOR*, 15 mar. 1896, p. 1). O grupo majoritário, adotando exclusivamente as obras de Allan Kardec, e sem vivenciar as características místicas das sessões roustainguistas, nem reconhecer essas ideias contrárias à Doutrina Espírita, não poderia jamais aceitar o apelo de união em torno desse método. No mesmo periódico *Reformador*, na sessão oficial do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, noticia-se que essa entidade representativa continuava em plena atividade, com dezenas de centros filiados, com palestras públicas e grupos de estudos de Kardec nas suas diversas sedes, recebendo, inclusive, novas agremiações. Faziam-se as publicações em diversos jornais para a divulgação ampla do Espiritismo, pelo pseudônimo Sedóro e também pelo próprio Bezerra de Menezes, que continuava a escrever como Max (*REFORMADOR*, 15 abr. 1896, p. 4).

Enquanto não havia adesões ao plano proposto pelo centro da Fraternidade, fundamentada em Roustaing, o Centro da União estava organizando as agremiações participantes em todo o Brasil em centros estaduais, iniciava a organização de um Congresso Espírita do Brasil e uma Exposição Espírita para 28 de agosto de 1887, proposta dos diretores Antonio Pinheiro Guedes, Augusto Elias da Silva, Torteroli, Carlos de Lima e Cirne, Júlio Cesar Leal, Moreira Maximino, entre outros (*REFORMADOR*, 1º ago. 1896, p. 4).

Em agosto de 1896, Bezerra afirma no *Reformador* que fez “O sacrifício

de permitir que meu nome, embora sem nenhum valor, figurasse como diretor do Centro da União Espírita, na esperança de alcançar que aquele Centro pautasse suas obras pelas normas da doutrina que devem ser as de todos os grupos que quisessem merecer o glorioso nome de espírita” (*REFORMADOR*, 15 ago. 1896, p. 1).

Mas, segundo seu depoimento, “bem cedo convenci-me de que nada conseguiria do meu intento, ouvindo dos lábios do chefe dos chefes do Centro da União Espírita, estas palavras, que me queimaram as asas da minha esperança: Jesus não é meu Senhor, e sim meu irmão e meu igual!” (*Ibidem*). Aqui fica bem definida a causa da divergência, pois cada um deles estava observando o Espiritismo por paradigmas morais diferentes. Enquanto Bezerra aceitava a versão mística de Roustaing, adaptada ao pensamento heterônimo equivalente ao católico, Torteroli e diretores da União Espírita viam o Espiritismo como uma doutrina liberal, baseada na moral do dever, da liberdade, da autonomia. Por isso viam Jesus como um *irmão*, pois é um espírito como nós, e também como um igual, pois alcançou sua condição de superioridade moral e intelectual como todos nós o faremos, vivenciando, vida após vida, a conquista de nossos valores. Mas Bezerra, Sayão, Pedro Richard, Frederico e demais roustainguistas viam Jesus como ser inalcançável, infalível, nunca tendo reencarnado, numa pureza inacessível. Viam a vida no mundo como mergulho no barro apodrecido, terra de castigo e sofrimento incontornáveis, fruto do pecado, da queda. As duas formas de ver a moral, de compreender o Espiritismo, tinham se tornado incompatíveis. O mesmo, como vimos, ocorreu na França, entre o grupo liderado por Leymarie e Guérin, defensores de Roustaing, e o dos pioneiros, que se restringiam a Allan Kardec: Amélie Boudet, Berthe Froppo, casal Rosen, família Delanne, Léon Denis, Henri Sausse, entre outros.

Bezerra de Menezes tinha convicção, bom coração e as melhores das

intenções. Quanto a isso não há dúvida. Mas estava iludido, pois fora seduzido pelas reuniões místicas que tocavam sua crença no catecismo, sua devoção aos nomes santos, seu pendor às figuras litúrgicas.

Bezerra define bem a questão, demonstrando que a sinceridade está presente entre todos, e a busca da verdade também, mas diverge quanto à interpretação: “Qual dos dois modos de compreender e propagar o Espiritismo é o verdadeiro, que o julguem os espíritas criteriosos”. Com correção, ele esclarece os fatos conforme sua visão: “Ambas as sociedades procedem de boa-fé, convencidas de que vão a caminho do bem e da verdade, que deve ser a aspiração de todo espírita; mas certamente por vias opostas não se pode chegar ao mesmo ponto” (*Ibidem*).

Então, diante do impasse, e da impossibilidade de conciliar os que adotavam a tese heterônoma da queda e do pecado, com aqueles que acreditavam na autonomia moral, Bezerra sentenciava:

E, pois, me parece evidente: ou espírita com o Centro da União Espírita, ou espírita com a Federação Espírita Brasileira; ou abraçar a propaganda aparatosa e semiprofana, ou a que tem sido acoimada de mística, porque se inspira nos ensinamentos do Evangelho. Eu respeito a opinião de todos, e peço a Deus: luz para os que estiverem mal encaminhados, como para mim, se for o que está em erro. Bezerra de Menezes. (*Ibidem*)

Em novembro de 1896, na coluna oficial do Centro da União, os diretores vão responder ao artigo de Bezerra de Menezes. Primeiramente, quanto à organização, comentaram que:

O Centro, composto dos representantes das agremiações que aceitam as obras de Allan Kardec, é representado pela diretoria central que quer propagar, ativa e ostensivamente, a filosofia espírita, principalmente sob o ponto de vista moral, sem nunca censurar as agremiações que conservam a sua autonomia, de acordo com os estatutos, pelo contrário, protegendo-as quando perseguidas. (*REFORMADOR*, 2 de nov. de 1896, p. 4)

Também não viram no caso má intenção, pois afirmam que “acreditamos que houve boa e pura intenção no presidente da Federação ao escrever o artigo”. Consideram, também, que não havia motivo para cisão, pois, no artigo inicial do *Reformador*, em 21 de janeiro de 1883, afirmava:

Tendo todos o mesmo ponto de partida, a base, a essência é a mesma... porém cada um encarou a coisa debaixo de um ponto de vista diferente e encetou a marcha em linha reta e no sentido da direção inicial... hão necessariamente de encontrar-se todos no fim da jornada... dirigindo-se forçosamente para o polo positivo da esfera da vida, aí se encontrarão necessariamente. (*Ibidem*)

Essa opinião tem grande importância, pois se a Doutrina Espírita é coordenada pelos Espíritos superiores, organizados pelo esforço do Espírito da Verdade, cabe a eles determinar seus conceitos fundamentais e seu progresso, sempre pela universalidade do ensino dos Espíritos. De outro lado, o movimento espírita é organização humana. E os homens erram, pois não são perfeitos. Não são condutores jamais da Doutrina, mas apenas estudantes, não há entre eles hierarquias, nem supremacia alguma. Também não é possível agregar outra, senão sua fonte única, as obras de Allan Kardec. Nelas estão os fundamentos. Outras, compatíveis com seus ensinamentos, podem ampliar os exemplos, desenvolver seus conceitos, mas não agregar o que não lhe pertence, muito menos corrigi-la ou substituir o que quer que seja concernente à sua teoria. Caso isso seja necessário, os próprios Espíritos superiores o farão, quando considerarem que o momento é adequado e haja condições entre os homens para essa tarefa.

Entre os homens, cabe estudar, debater, buscar a compreensão das ideias fundamentais. Haverá divergências, pois são próprias do diálogo, mas elas devem ser mantidas no campo da opinião, seja de Espíritos, seja de homens. Todavia, cabe a quem erra, depois de esclarecer-se, reconhecer a sua responsabilidade e mudar de caminho quando consciente dos fatos.

No caso do sistema roustainguista, como Kardec mesmo afirmou em *A Gênese*, sua tese não pertence à Doutrina Espírita, e permanece como simples opinião dos Espíritos que escreveram a obra *Os quatro Evangelhos*. Não se trata, portanto, de Espiritismo.

Jamais a Doutrina Espírita deve ser estabelecida por critério de autoridade. Não há ser humano com o direito de determinar seus caminhos.

Ela não deve ser imposta, pois, como afirmou Kardec, “Consequente consigo próprio, não se impõe. Diz o que é, o que quer, o que dá, e atende àquele que lhe vem livremente, voluntariamente. Quer ser aceito pela razão, e não pela força”. Mas também não condena ninguém, “nem mesmo seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos, e que cedo ou tarde por ele entrarão” (KARDEC, [1868] 2018, p. 406).

Desde a sua fundação, a Federação Espírita Brasileira, como consta de seus estatutos primeiros, que vieram a público no *Reformador* de 1º de março de 1893, não se destinava a filiar nem a servir de modelo para as demais sociedades. Pois ela era “uma agremiação” que tinha por finalidade:

- a) Dar o máximo desenvolvimento às conquistas do Espiritismo.
- b) Concorrer para a sua *mais lata*<sup>81</sup> disseminação pela sociedade.
- c) Fomentar a solidariedade e a fraternidade entre todos, procurando erguer o nível moral.

É fácil notar que, do ponto de vista administrativo, a Federação Espírita Brasileira se apresenta como mais um centro espírita fundado àquela época na capital da República, sem qualquer evidência de que pretendesse se estruturar como um sistema ou estrutura de poder, ou mesmo como órgão de cúpula do Espiritismo no país, até mesmo porque a própria FEB reconhece a existência de outras instituições como ela de representações nacionais (art. 2º, inc. IX). É importante registrar que não há qualquer referência a Roustaing nos estatutos de sua fundação.

Também não havia qualquer iniciativa de filiação, de supremacia, de orientação, de estabelecimento de modelos, de determinação de entendimentos. Refletindo sobre futuro do Espiritismo, Allan Kardec ponderou quanto à inconveniência de uma direção individual, somente apropriada para o trabalho de elaboração, que se havia encerrado:

Mas o que era uma vantagem para um tempo tornar-se-ia mais tarde um inconveniente. Hoje

que o trabalho de elaboração está terminado, no que concerne às questões fundamentais; que os princípios gerais da ciência estão estabelecidos, a direção, de individual que deveu ser no começo, deve se tornar coletiva; primeiro, porque chega um momento em que seu peso excede as forças de um homem, e, em segundo lugar, porque há mais garantia para a manutenção da unidade numa reunião de indivíduos, dos quais cada um não tem senão a sua voz na assembleia, e que nada podem sem o concurso uns dos outros, do que em um único que pode abusar de sua autoridade e querer fazer predominar suas ideias pessoais. (KARDEC, [RE] 1868, p. 249)

Dando a um só indivíduo a autoridade de decisão, não há como separar-se de suas opiniões, de suas ideias pessoais. Independe de sua boa vontade. Quando a autoridade do presidente de uma sociedade “é puramente administrativa”, argumenta Kardec, então, diluindo-se a autoridade ao ser coletivo, “Portanto, nada de abusos possíveis, nada de alimentos à ambição, nada de pretextos de intrigas nem de ciúmes, nada de supremacia ofensiva” (*Ibidem*).

Os falsos profetas e Espíritos mistificadores, conhecendo esses princípios, incitam e promovem o inverso do caminho coletivo, esclarecimento, diálogo, do respeito à autonomia. Primeiramente ganham a confiança, tomando nomes respeitáveis. Sem que os indivíduos percebam sua manobra, criticam os outros grupos, provocando o isolamento. Valorizam a exclusividade, o destaque e a importância do grupo, para que este se considere especial. Avisam seus membros que serão perseguidos, para que se coloquem na condição de vítimas ou mártires. Depois, incitam que espalhem as ideias que lhes impõem, tornando-os propagadores, não de suas ideias próprias, mas as dos falsos profetas, que os conduzem. Por fim ocorrem animosidades, cisões e desvios.

## **O plano dos inimigos invisíveis: a história se repete**

Até então na sala dos fundos do segundo andar da rua da Alfândega, 342, a redação e prensa do periódico *Reformador* abre fevereiro de 1897

transferindo-se para uma sala nos fundos na rua do Rosário, 68, endereço comercial de Pedro Richard, tesoureiro da Federação, que lá possuía um escritório de construções e empréstimo sob hipoteca (*JORNAL DO COMÉRCIO*, 9 set. 1895, p. 4). Também o secretário, José Antonio de Mattos Cid, e o presidente, Bezerra de Menezes, todos eram integrantes do Grupo dos Humildes, de Luiz Sayão.

A partir do mês seguinte, o periódico deixou de publicar a sessão oficial do Centro da União Espírita da Propaganda no Brasil. Todavia, as sessões da Federação continuaram a se realizar aos sábados de tarde, no prédio da União, na rua da Alfândega, 342, segundo andar. Ou seja, os frequentadores da sessão da Federação continuavam a passar pelas dependências onde ocorriam palestras, estudos e demais atividades do Centro da União Espírita e suas agremiações. Enquanto isso, os editoriais do *Reformador*, vez ou outra, retornavam ao tema da cisão.

Em outubro de 1897, o *Reformador* publicava o último capítulo do folhetim *O último sonho*, por Bezerra de Menezes. Antes de iniciar a série de um novo romance, anunciou-se a publicação, em trechos periódicos, da obra de Roustaing: “Com o nosso primeiro número de janeiro do ano próximo, começaremos a publicar a excelente obra *Os quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing, [...], assim procedendo, temos em vista a divulgação cada vez maior das verdades espíritas” (*REFORMADOR*, 2 nov. 1897, p. 2). Essa prática vai se estender aos próximos anos.

Nova eleição para o ano de 1898, e, mediante a escolha da assembleia, Bezerra de Menezes, Pedro Richard e Mattos Cid são reeleitos, junto aos demais diretores.

O *Reformador*, por vezes, por doença do tipógrafo ou por outros contratempos, perdia a regularidade na distribuição e em sua remessa, recebendo muitas reclamações dos assinantes (*REFORMADOR*, 1º mar. 1898, p. 1). Também estava bastante desprestigiado pelos leitores, como se

noticiou em 1900: “Cabe aqui assinalar o decrescimento das assinaturas que, aqui na capital, tendo atingido em 1899 a cifra, ao demais ridícula – diga-se com a merecida franqueza – de 181, baixaram neste ano de 1900 a 145, ou menos 36 do que no ano anterior” (*REFORMADOR*, 1º ago. 1900, p. 2). No ano seguinte, seriam 115. Enquanto eram milhares os espíritas da capital.

Afora alguns editoriais, e a publicação da obra de Roustaing no *Reformador*, as atividades da Federação permaneciam como sempre. E o estatuto estabelecido desde a fundação ainda estava vigente.

Bezerra de Menezes adoece e deixa de comparecer à sede da Federação durante a maior parte do segundo semestre de 1899. Na solenidade do aniversário de Kardec, precisou ser substituído: “Como o estado de saúde do nosso querido chefe dr. Bezerra de Menezes o tivesse então, como desde algum tempo, afastado do lugar que, com exclusivo direito, lhe cabe à testa da Federação, foi dirigida a solenidade pelo seu imediato substituto na cadeira da presidência” (*REFORMADOR*, 15 out. 1899, p. 3).

Nesse ano de 1899, as atividades e sessões da Federação foram transferidas para o sobrado onde atuava Pedro Richard e elaborava-se o *Reformador*, na rua do Rosário.

Apesar das divergências entre os grupos, mantinha-se na Federação o respeito às cláusulas estatutárias. Com a continuidade da enfermidade de Bezerra, a assembleia para eleição da nova diretoria e prestações de contas da tesouraria, que seria no dia 5 de janeiro de 1900, precisou ser adiada. Esse adiamento causou um mal-estar entre os diretores, que não desejavam infringir qualquer cláusula estatutária:

O adiamento da assembleia geral em que se deveria proceder à eleição dos diretores da Federação, veio criar uma situação falsa para os que exerceram tais cargos, no ano que findou, constituindo a contragosto uma espécie de ditadura, que nunca esteve nas suas intenções, contra o dispositivo dos estatutos que tratam da renovação de tal mandato. [...] A assembleia, por conseguinte, foi marcada para a próxima sexta-feira, 30.

Mas, no dia marcado, frustrou-se novamente a iniciativa de normalização

da administração, pois “súbita agravação do estado de saúde de Bezerra de Menezes, cuja existência vimos, em sobressalto, na iminência de doloroso desfecho, dois dias antes do indicado na convocação, determinou novo adiamento [...] parece ter chegado ao termo de sua gloriosa jornada”. Bezerra retornou ao mundo espiritual dias depois, na manhã do dia 11 de abril de 1900.

No dia 4 de maio, a nova eleição teve como resultado a eleição, como presidente, de Leopoldo Cirne, sendo Pedro Richard reeleito como tesoureiro. Quanto ao estudo do Espiritismo, a Federação continuava a respeitar os estatutos, recomendando no *Reformador*, em anúncio permanente, a leitura das obras de Allan Kardec, desde *O que é o Espiritismo*, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese* e *Obras Póstumas*. Eram as obras “propriamente ditas fundamentais”. Entre as subsidiárias ou complementares, indicavam-se Léon Denis, Max, Crookes, Flammarion, Gabriel Delanne.

No editorial de julho de 1900, volta-se a tratar do plano dos roustanguistas de arregimentar o movimento espírita em torno de suas ideias, considerando equivocadas as orientações dos outros grupos:

É no meio desse amálgama de vistas divergentes e contra as tendências hostis que dividem os grupos, que a Federação vem levantar a sua voz [...], a união dos espíritas se impõe como uma necessidade mais do que nunca imperiosa e palpitante [...] exige a arregimentação das forças dispersas, que se multiplicam todos os dias, mas sem o laço de coesão e disciplina indispensáveis à sua marcha. (*REFORMADOR*, 15 jul. 1900, p. 2)

Todavia, não ocorreu nenhuma mudança nas sessões, nem mesmo nos regulamentos, pois a primeira revisão, desde a fundação, só viria a ocorrer em 1901. E, nessa nova versão, continua sendo somente Allan Kardec o objeto de estudos. Conforme o exame feito pelo doutor Júlio Nogueira<sup>82</sup>, temos o seguinte:

A primeira revisão do estatuto só veio a ocorrer em 1901, sob a presidência de Leopoldo

Cirne, e nesta revisão foi abolido o desejo de estudar as correlações entre o Espiritismo e as ciências físicas, naturais e morais, passando a contemplar apenas o estudo das “obras fundamentais de Allan Kardec, ou outras subsidiárias e complementares” (art. 2º, §1º). Note-se ainda que não há qualquer referência expressa no estatuto reformado a Roustaing ou à necessidade de estudar sua obra. Por outro lado, é importante destacar que, nesse estatuto reformado de 1901, a FEB manifesta o desejo de se inserir no movimento espírita universal estabelecendo e traçando como objetivo atuar junto com as diversas associações espíritas existentes no Brasil e no exterior (art. 1º, §2º), prestando-lhes sempre que desejarem o apoio na defesa perante os poderes públicos (art. 3º), sem, todavia, apresentar qualquer pretensão de criar uma estrutura de poder em torno de si.

Desde 1903, porém, Pedro Richard começa a publicar artigos defendendo abertamente as ideias de Roustaing. No dia 21 de agosto de 1903, trazido por Pedro à Federação, é eleito para vice-presidente o advogado Aristides Spínola.

Formado na faculdade de Recife, de uma família de influentes políticos da Bahia, Aristides de Souza Spínola foi deputado estadual, depois, indicado por seu primo, exerceu o cargo de presidente do estado de Goiás. Na FEB, foi vice de 1905 a 1913. Eleito presidente em 1914, desde esse ano permaneceu na diretoria até sua morte, em 1925.

Agindo com grande influência na diretoria, aproveitando as comemorações do centenário de nascimento de Allan Kardec em outubro de 1904, Aristides e seu grupo realizaram um congresso nacional e lançaram um documento intitulado *Bases de organização espírita*.

Nos novos dispositivos inseridos no programa, que tiveram registrados protestos daqueles que desejavam manter o estudo da moral nas obras de Allan Kardec, a Federação expressava o desejo de ser o órgão de cúpula do movimento espírita brasileiro, esforçando-se para criar na capital de cada estado um centro que tomasse como modelo a Federação Brasileira, unindo todas as agremiações, de tal forma que se unificasse o programa, para a parte moral: “no estudo dos Evangelhos, adotando *O Evangelho segundo o Espiritismo* os que assim o entenderem, ou *Os quatro Evangelhos* ou

*Revelação da revelação*, dada a J.-B. Roustaing, os que preferirem” (*REFORMADOR*, 1 nov. 1904, p. 339). Era o desejo de realizar os planos traçados pelos Espíritos que se comunicavam no grupo Fraternidade, fazendo uso do nome de Allan Kardec, Anjo Ismael, Jesus, Maria, os evangelistas, entre outros, para dominar o movimento espírita com seus métodos, que incluíam Roustaing e os dogmas da obra que ele defendia.

Esse programa foi aprovado por um grupo de delegados presentes numa assembleia das festividades, sem, contudo, atender aos aspectos legais da entidade, nem ter representatividade das agremiações brasileiras. Os estatutos da FEB continuavam preservados em relação ao estudo exclusivamente das obras de Allan Kardec, pois somente uma assembleia geral em que os sócios votassem oficialmente teria legalidade, e isso não ocorreu. Assinaram a ata, em sua maioria, adeptos roustainguistas (*Ibidem*).

No entanto, ninguém, até então, havia se atrevido a mudar as disposições estatutárias desde a fundação da Federação na rua da Carioca. Isso até 1917, quando Aristides Spínola, no cargo de presidente, e quando as Federações Estaduais já estavam instituídas, impôs Roustaing em suas páginas, como explica o advogado Júlio Nogueira, no exame que fez dos estatutos da instituição:

Sob a justificativa de se adaptar ao recém-aprovado Código Civil foram implementados diversos direcionamentos novos. Nessa revisão foi colocado em prática o movimento de doutrinariamente ombrear Roustaing a Allan Kardec, bem como o de finalmente legitimar o projeto de estruturação de poder da FEB. Veja-se que quanto ao viés doutrinário houve uma guinada significativa sem precedentes nas revisões anteriores, pois houve a equiparação de importância de Allan Kardec a Roustaing, ao se contemplar a necessidade de estudo “das obras fundamentais de Allan Kardec, de J.-B. Roustaing e outras subsidiárias e complementares” (art. 2º, alínea “a”).

A alínea “a” trazia o objetivo de uma sessão de estudos: “Doutrinárias, nos dias e pelos modos indicados no Regimento interno, versando o estudo sobre as obras fundamentais de Allan Kardec, de J.-B. Roustaing e outras subsidiárias e complementares da revelação, tendo-se em vista a sua

progressividade”<sup>83</sup>. Era dever dos sócios frequentar as sessões de estudo da sociedade (art. 11, §2).

Também foram instituídas verbas para divulgar ambos, Kardec e Roustaing, explica Júlio em seu exame: “além do que a FEB constituiu um capital para publicar e divulgar as obras de Kardec e de Roustaing (art. 63)”. Uma verba foi estabelecida para a livraria para “a edição por conta própria e à compra de livros espíritas, tendo sempre a preferência as obras fundamentais de Allan Kardec e J.-B. Roustaing”.

Por fim, a pretensão de se denominar cúpula do movimento espírita, alterando o objeto primordial da instituição desde a sua fundação, pois o artigo primeiro, no estatuto original da Federação, propunha: “A Federação é uma agremiação que tem por fim fomentar a solidariedade e a fraternidade entre todos, procurando erguer o nível moral”. Sem nenhuma pretensão de poder, controle ou filiação.

Nessa alteração de 1917, o estatuto deixa de respeitar a autonomia das agremiações que era um conceito fundamental desde Kardec, introduzindo uma grande modificação, como explica o doutor Júlio, em seu exame dos estatutos da FEB:

Mas a joia da coroa estava justamente na inserção do Capítulo XVI, sem precedentes nas revisões anteriores, denominado “Da Organização Federativa” (art. 109 a 115). Nele iremos encontrar a criação de um verdadeiro sistema de poder exclusivista em que a FEB se autointitula a cúpula do Espiritismo no Brasil e estabelece os meios de se perpetuar nesta situação.

Logo no §2 do artigo primeiro, pretendia-se *constituir* a união das associações brasileiras *integrando-as* na organização espírita mundial. E o plano de poder foi o de estabelecer como unidades de programa as uniões estaduais, nas quais se filiariam as agremiações, “com um programa calcado nos moldes das *Bases da Organização Espírita*” de 1904, que instituíam os estudos de Roustaing.

O plano traçado pelos inimigos invisíveis, primeiramente impetrado na

França pelo domínio da Sociedade fundada por Allan Kardec e de sua *Revista Espírita* pelas mãos de Leymarie e Guérin, apesar da luta dos pioneiros para alertar o movimento espírita. Em seguida, a história se repetiu, ocorrendo também no Brasil, pelo desvio de finalidade tanto da Federação Espírita Brasileira quanto do periódico *Reformador*. Não haveria qualquer autonomia ou independência dos filiados, pois, no ato da filiação, segundo seu artigo 110, a Federação deve receber os estatutos dos centros ou grupos “para que a Diretoria os examine e verifique”. Se não estiverem de acordo, serão devolvidos “com a indicação das alterações que à Federação pareceu conveniente adotar para ser admitida a filiação solicitada”. Ou seja, o poder da cúpula se estende a todas as agremiações filiadas.

No cristianismo primitivo, havia estudos das palavras de Jesus, instituídos nos lares, reunindo amigos, lendo e conhecendo suas histórias e suas ideias. Nessas reuniões, comunicavam-se os Espíritos, dando ensinamentos, ajudando nas dificuldades, curando. Havia uma descentralização autônoma. Onde os cristãos estivessem, mesmo em pequeno número, Jesus ali estava. Essa simplicidade e autonomia em busca da solidariedade que emana dos ensinamentos do mestre eram seus maiores valores.

Os principais dogmas da Igreja cristã não estão presentes nos textos originais dos Evangelhos, mas são interpretações literais ou forçadas de frases criadas séculos depois pelos concílios e bulas papais. Cento e cinquenta anos depois do nascimento de Jesus já havia uma centralização de bispos, um núcleo de comando com seus concílios e leis.

Havia grande insegurança, uma situação precária quanto às questões sociais, econômicas e políticas, a isso se juntando uma crise ideológica no Império Romano. Quem daria essa segurança seria uma Igreja firme, rica e organizada hierarquicamente. Mas a filosofia grega e o culto romano tiveram influência na elaboração dos dogmas. Assim como conceitos

judaicos presentes no Velho Testamento. Havia no cristianismo um caráter universalista.

O imperador Constantino, antes adorador do deus Mitra, representado pelo Sol, passou a adotar o cristianismo e, assim, manteve tudo sob sua dependência, todos em torno de seu trono. Uma estrutura central de poder, determinando um só sistema. Por vezes agia como um papa, construiu catedrais, coordenou em concílios a elaboração da doutrina dogmática. Os privilégios do clero aos poucos se ampliavam. Primeiro, a supremacia de Roma perseguiu as heresias, depois a inevitável divisão, por fim as diversas seitas. Então já não havia na Igreja a naturalidade dos primitivos. O ouro e o mármore, ostentação e poder, centralização e domínio, nada disso se conciliava com a simplicidade, a autonomia e a solidariedade iniciais.

A característica fundamental do Espiritismo proposto por Allan Kardec está na universalidade do ensino dos Espíritos. Para que ela ocorra, o movimento espírita precisa estar estabelecido em milhares de pequenos grupos, agindo de forma independente, dialogando com os Espíritos e transmitindo aos demais os resultados. Semelhante aos grupos de pesquisa de uma ciência, como explicou Kardec, ao afirmar que cada grupo seria como um observatório. A Sociedade de Paris não desejava supremacia, era somente mais um observatório. Tornou-se um centro, ao mesmo tempo de convergência e difusão dos temas e comunicações. Mas isso foi durante o período de elaboração, quando Kardec definiu os conceitos fundamentais em suas obras. Depois disso, deveria se formar um ser coletivo, como vimos.

Há uma parcial semelhança com o cristianismo. Pois foi a partir de uma artificial centralização de poder numa cúpula, pretensão de supremacia, comando e estabelecimento de um modelo determinado e controlado por um só centro. Imitação de Igreja, imitação do poder papal, estabelecimento de dogmas, desvirtuamento dos ensinamentos originais, consideração de heresias,

lutas e cisões. Por fim, surgem seitas, ouro e mármore, ostentação e poder, centralização e domínio, permanecendo a simplicidade, a autonomia e a solidariedade originais apenas nos pequenos grupos. A história se repete.

É fundamental conhecer os fatos históricos fidedignos para se compreender o presente e, identificando os equívocos, deixar de repeti-los ou mantê-los, podendo, assim, construir um futuro diferente.

---

65. As citações da Bíblia são da tradução integral da Bíblia do grego para o português, por Frederico Lourenço. Existem muitas diferenças sutis, mas significativas da versão hebraica, pois trata-se da versão do texto utilizado pelas comunidades cristãs primitivas.

66. Esta e as próximas citações de Simoni Privato Goidanich procedem de uma entrevista concedida ao autor em 15 de fevereiro de 2019.

67. A obra *O legado de Allan Kardec* foi lançada em São Paulo pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e também pelo Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro.

68. Foi utilizada a tradução brasileira: *Os quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing – resposta a seus críticos e a seus adversários, editado pelos discípulos de J.-B. Roustaing*. Rio de Janeiro: impresso na Folha Carioca Editora, 2007.

69. Trata-se de uma expressão francesa, “comme le pavê de l’ours”, originária de uma fábula de La Fontaine, *L’Ours et l’amateur de jardin*, na qual um urso, com a intenção de ajudar, atirou uma pedra num homem para atingir um inseto em seu rosto, matando-o imediatamente. A moral da história é a de que uma ação, realizada com a melhor das intenções, se volta contra aquele que se pretendia ajudar.

70. Fazemos esse exercício lógico, raciocinando sobre o texto de *Obras Póstumas* apenas para fazer uma recuperação histórica dos acontecimentos, pois as peças comprobatórias demonstram que a quarta edição, requerida por Allan Kardec em 4 de fevereiro de 1869, era exatamente igual às três primeiras.

71. A Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade foi fundada no Rio de Janeiro em 23 de março de 1876, adotando um estatuto bastante semelhante ao do Grupo Confúcio, considerando estudar o Espiritismo “como ciência de observação” para investigar as manifestações dos Espíritos e, como “filosofia, tratará do estudo das manifestações aplicadas às ciências morais e psicológicas e consequências sociais que delas se deduzem”, sendo proibidas as questões sobre política, religião e economia social. Há um exemplar do estatuto na Fundação Biblioteca Nacional do Brasil.

72. Página 9 verso e 10 do Livro de Assentos de Oficinas de Impressão, Abertura e Mudança de Tipografias etc., da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (TORTEROLI, 1898, p. 163).

73. A Sociedade de Paris, responsável pelas obras de Kardec, havia concedido ao Grupo Confúcio os direitos de tradução e distribuição no Brasil. Na fusão com a Sociedade Acadêmica, eles passaram para essa entidade, desde 1879 (TORTEROLI, 1898, p. 8).

74. *Regulamento da Sociedade de Estudos Espíritos Grupo Confúcio*, exemplar encontrado na Fundação Biblioteca Nacional do Brasil.

75. Tendo abrigado posteriormente o Instituto de Eletrotécnica (1930-1960) que formou gerações de engenheiros eletricitistas e a Escola de Comunicação da UFRJ, atualmente, essa antiga sede do Centro da União, imóvel tombado, em estado precário, está em reforma para o futuro Centro de Arqueologia e Conservação Arquitetônica do Iphan/RJ.

76. O sobrado de três andares foi reformado, perdendo algumas características originais do século 19. Hoje é uma loja de roupas e variedades, no calçadão pertencente ao centro de comércio popular com mais de oitocentas lojas conhecido como Saara.

77. Bittencourt Sampaio publicou em 1882 o livro *A divina epopeia*, o evangelho de João em versos decassílabos, defendendo, por meio deles, as teses da obra *Os quatro Evangelhos*, de Roustaing. Inspirou-se na estrutura poética de *A divina comédia*, de Dante Alighieri.

78. Filosofismo (que significa falsa filosofia, sem fundamento) foi um termo empregado de forma depreciativa pelo clero para se referir, entre outros, ao Espiritualismo Racional proposto por Royer-Collard, Victor Cousin, Paul Janet, Jouffroy.

79. Mais tarde, sob a direção de roustainguistas, dom Romualdo iria se tornar patrono da Federação Espírita Brasileira.

80. Essa obra, *Trabalhos de um pequeno grupo de humildes: estudo dos Evangelhos*, seria republicada com o título *Elucidações evangélicas*. Porém, nas edições posteriores de *Elucidações*, a segunda parte do livro, que contém as mensagens das quais fazemos citações de trechos, foi retirada.

81. Uma disseminação lata é não exclusivista ou restrita, mas extensível a todos, independentemente do credo religioso que aceite, como foi proposto por Allan Kardec.

82. Júlio Nogueira é advogado, membro da Associação Brasileira de Propriedade Intelectual (ABPI) e da Ligue Internationale du Droit de la Concurrence (LIDC).

83. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*, reformados e aprovados em Assembleia Geral de novembro e 3 de dezembro de 1917. Rio de Janeiro: registro em 13 de dezembro de 1917.



Livro quarto  
A renovação social



## OS TEMPOS ESTÃO CHEGADOS

Allan Kardec, em sua obra *A Gênese*, reuniu as principais conclusões de sua imensa pesquisa realizada nos mais de dez anos de trabalho dedicado e desgastante. Seu texto de conclusão do livro foi: *Os tempos estão chegados*. Depois de um progresso gigantesco conquistado pela inteligência, em relação às ciências e às artes, e da tecnologia que trouxe soluções para o bem-estar material, resta um progresso ainda maior: “fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade para assegurar o bem-estar moral”.

Tendo recursos, qualquer um pode prover suas necessidades de abrigo, proteção, seus desejos de lazer, a satisfação de seus interesses. Mas não há valor que garanta segurança, felicidade, amizade, esperança, harmonia, todos os valores do bem-estar moral. Os sacerdotes das crenças religiosas ancestrais prometem essas recompensas, mas a verdade é que “Eles não poderiam, nem com suas crenças nem com suas instituições ultrapassadas – vestígios de outra época e boas para aquele momento – até mesmo suficientes para um estado transitório; mas que, tendo dado tudo o que podiam, seriam atualmente um obstáculo” (KARDEC, [1868] 2018, p. 397).

Os retrógrados, crentes de que seu poder e seu domínio são determinações divinas, temerosos de um futuro desconhecido para eles, se agarram aos conceitos dogmáticos e correm para tentar manter as pessoas alienadas, presas a práticas e hábitos ultrapassados, em meio às ruínas e aos destroços do mundo velho.

A humanidade entrou definitivamente num novo período, uma de suas principais fases. Agora não é só a inteligência que deve ser aprimorada, mas os sentimentos, precisando para isso destruir o egoísmo e o orgulho, presentes em imperfeições dos indivíduos, mas também nos hábitos e nas estruturas sociais. A maioria das pessoas não é egoísta, mas é obrigada a viver fechada em si mesma, sem ao menos olhar para quem caminha ao seu lado, pois precisa empregar cada minuto de sua vida trabalhando para sobreviver.

Será o progresso moral, uma nova ordem, novas maneiras de se relacionar uns com os outros, novos valores sociais, oportunidade para todos, valorização das diferenças. Tempo para trabalho, lazer, família e aprendizado será garantido para cada ser humano, sendo que as necessidades básicas serão garantidas, pois ninguém deverá passar fome ou viver desabrigado. A solidariedade tomará o lugar do egoísmo nos mínimos atos da vida. Pois “A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, encontrar-se-á animada de ideias e sentimentos distintos dos que a geração presente que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na história” (KARDEC, [1868] 2018, p. 398).

Nada disso, porém, será conquistado sem que haja luta. Mas serão lutas de ideias, como a que já vemos se espalhar pelo mundo. Somos testemunhas de passeatas e protestos pelo mundo. Uns comovem, como de jovens lutando pela liberdade e pelo futuro ambiental do mundo que a eles pertence. Outros, presos aos grilhões do passado, exigem privilégios, combatem ferozmente os diferentes pela cor da pele, pela condição financeira ou pelo país onde nasceram.

Kardec definiu com lucidez e clareza o sentimento da maioria, que intuitivamente sabe que algo melhor está para acontecer, mas não sabe definir para onde e como deve agir: “Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, entretanto, sem poder ainda o definir claramente: trata-se do trabalho íntimo que se opera pela regeneração. Têm-se desejos, aspirações

que são como o pressentimento de um estado melhor” (*Ibidem*). Mas há uma grande certeza: estamos diante de uma revolução moral.

Nem todos, porém, veem a harmonia futura. Estes, curiosamente, entram em desespero e, como que para preencher um vazio que os atormenta, pregam: “Não somos nada, morreremos, não há futuro, tudo se desmantelará, nada vale, é o fim do mundo”.

Mas não há como evitar a onda de esperança e otimismo que vai arrebatando a todos como um benéfico contágio, que extinguirá a ignorância, a superstição e os preconceitos. Bem compreendido, o Espiritismo, como foi apresentado por Kardec em suas obras, pavimenta o caminho, pronunciando palavras de ordem como liberdade, vidas sucessivas, caridade desinteressada, autonomia moral. Não estamos sozinhos, pois há solidariedade constante entre os dois mundos. A meta de progresso não é só dos encarnados, pois o mundo espiritual também está em revolução, e os bons Espíritos se desdobram para cobrir de esclarecimentos os que duvidam, de acolhimento aos que choram, de vigor aos que lutam por justiça, de amor a todos e de esperança aos que estacionam no caminho, pois o destino feliz caberá a todos, na medida de seus esforços, pois o progresso individual é ilimitado: “Essa é a fé que dá o Espiritismo, e de agora em diante será o eixo em torno do qual se moverá o gênero humano, sejam quais forem suas formas de adoração ou crenças particulares, as quais o Espiritismo respeita, mas não tem de se ocupar” (KARDEC, [1868] 2018, p. 402).

O Espiritismo se destina a oferecer suas ideias a todos os indivíduos, sem distinção de crenças. Por isso, quem não compreendeu essa particularidade, e toma o nome do Espiritismo para o que divulga ou promove, desviando-o para práticas místicas e dogmas particulares das religiões ancestrais, precisará se esclarecer, pois, “longe de substituir um exclusivismo por outro, o Espiritismo se apresenta como campeão absoluto da liberdade de

consciência” (KARDEC, [1868] 2018, p. 405).

Na ideia espírita, o fraco se sente encorajado, não porque será conduzido, mas porque cada um de nós é o projeto de si mesmo, alcançando o aperfeiçoamento pela escolha das provas. O imperfeito, egoísta, orgulhoso, também pode, pela conscientização e pelo descondicionamento de seus hábitos equivocados, alcançar a superação e a felicidade pelo seu esforço. Ao doente, será oferecido o apoio, aprendendo que a força da cura está na relação entre a mente erguida e a harmonia das células de seu organismo. Os bons Espíritos assistem e encorajam, mas somos nós mesmos que nos curamos.

Tudo isso, porém, será conquistado pela adesão voluntária de cada um. O progresso moral não se impõe, não se prescreve, a ele não se filia simplesmente, não há poder relacionado ao seu estabelecimento, só a relação solidária espontânea.

O que credita ao Espiritismo participar dessa renovação social? Kardec responde: “por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela generalidade das questões que abraça” (KARDEC, [1868] 2018, p. 407).

Mas não é preciso ter todas as virtudes conquistadas para participar dessa revolução. Há quem tenha essas ideias somente como semente, mas que seguirão de boa vontade a iniciativa da maioria, quando os hábitos novos surgirem.

Não há dúvida de que existem também os indivíduos refratários, e que nesta vida não aceitarão as mudanças. Os motivos podem ser até por boa-fé, por terem convicção de que são superiores, mas outros agem por interesse. Esses abrem mão da verdade para se preocupar com seu bem pessoal, mesmo que isso implique o prejuízo do bem geral. Esses são os promotores das tragédias que vemos de tempos em tempos na mídia, causadas pela corrupção, abuso, negligência. Para esses, as ideias de liberdade e inclusão

social, de oportunidade para todos, são vistas como repulsivas, e “todas as ideias progressivas são, de seu ponto de vista, ideias subversivas, e por isso dedicam a elas um ódio implacável e lhe fazem uma guerra obstinada” (*Ibidem*).

Os inimigos invisíveis, que nada mais são do que esses indivíduos retrógrados quando desencarnados, e vice-versa, somam seus esforços para atrasar o progresso moral. Quando se infiltram no meio espírita, vestem-se com a pele do cordeiro, mas agem como lobos pregando os dogmas, promovendo as cisões, impondo falsos ensinamentos, deturpando a verdadeira Doutrina Espírita. Mas é possível identificá-los, pois geralmente defendem as ideias heterônomas de submissão, queda, castigo, espera da salvação externa, entre outros dogmas. Eles, segundo Allan Kardec, “são inteligentes o suficiente para ver no Espiritismo um auxiliar das ideias progressistas e dos elementos da transformação que temem e, por não se sentirem à sua altura, eles se esforçam por destruí-lo” (*Ibidem*).

Cabe ao espírita que estuda com profundidade a Doutrina que abraçou e, portanto, a compreende, olhar para o mundo com os olhos dos Espíritos, enxergando no sofrimento, nos desvalidos, nos imperfeitos e estropiados deste mundo conturbado os seres iluminados do futuro, destino inevitável de todos os filhos de Deus! Esse destino é a felicidade, a plenitude da sabedoria, as conquistas da virtude e um absoluto senso moral que o faz semelhante ao Criador, ao mesmo tempo que se torna trabalhador incansável da harmonia universal. Tudo por meio do seu esforço voluntário, de sua dedicação e do mais sagrado bem que Deus nos concedeu: a liberdade.

Mas esse caminho da luta pela liberdade não é fácil, e encontra os ataques da blasfêmia e da zombaria. De um lado, os materialistas tachando de atraso e ignorância a crença no futuro melhor, pois para eles a individualidade independente do organismo não existe, e a morte é o aniquilamento

definitivo. Os crentes, apegados às rígidas normas de comportamento, imaginam pertencer ao círculo exclusivo dos eleitos para a salvação, como quem se refugia numa ilha cercada de fogo que queimará todos os outros pela implacável ira divina. Pregadores do medo e da submissão, veem na liberdade o inimigo a combater pelo seu fanatismo.

O Espiritismo propõe um terceiro caminho, afastando tanto a incredulidade quanto o fanatismo como recursos superados do velho mundo.

Quem compreende a teoria espírita e faz de sua vida o caminho da liberdade, agindo pelo dever, portanto livre de recompensas e castigos, determinado pela confiança racional na verdade presente em sua consciência, não se deixa abater pela indiferença do materialismo dominante em nosso tempo. Não abaixa a cabeça temeroso do escárnio e do deboche. Não abandona suas crenças para se adaptar às exigências dos incrédulos, ou à pressão dos místicos dogmáticos, que aguardam inutilmente o privilégio exclusivista da salvação mágica, por um deus que imaginam atender aos seus caprichos.

Existem os incrédulos da descrença, como também os incrédulos da falsa crença. Que esperar deles? Além de não os condenar, mas envolvê-los em preces de esperança, ficamos com Kardec, que, no último parágrafo de seu derradeiro livro, *A Gênese*, escreveu:

Os incrédulos vão rir dessas coisas e tratá-las como ilusões. Mas não importa o que digam, não escaparão da lei geral. Na hora certa, morrerão como os outros e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: nada. Mas viverão, apesar de si mesmos, e serão forçados, um dia, a abrir seus olhos. FIM. (KARDEC, [1868] 2018, p. 412)

Diante do riso incrédulo, é preciso continuar a promover o abrir dos olhos, a conscientização, o entendimento dos valores da autonomia, para o benefício de todos, até mesmo dos que temporariamente vivem na cegueira.

## **O prelúdio da vitória: a Terra será um mundo**

## **feliz**

O progresso é inevitável, pois está nos desígnios de Deus. Não há nada de místico nessa afirmação, quando bem interpretada. Pois está entre os desígnios de Deus que a sua criação seja regida por leis naturais imutáveis, tanto no mundo material quanto no moral. Existem estruturas lógicas regendo os fatos materiais e espirituais.

No início, tudo parece um caos, e nada existe a não ser uma perturbadora uniformidade densa e quente de energia, onde no espaço que se expande não há ainda elemento material algum no novo Universo que então nasce, dentre tantos outros. Na temperatura adequada, surgem as partículas elementares. Aos poucos, em virtude de um desequilíbrio estrutural, pela atração gravitacional concentram-se massas, surgem estrelas fabulosas, nuvens de gás, galáxias. Nesse Universo, as estrelas primeiras concentram-se em si mesmas e explodem. Dessa explosão nascem os elementos para formar outras tantas estrelas menores, cercadas de planetas, corrigidos em suas órbitas por luas e outros artificios. Com o esfriamento, configuram-se determinados parâmetros absolutamente adequados e necessários para o surgimento da vida. Numa escala ininterrupta de milhões de anos, a vida microscópica nos oceanos, numa luta constante para manter-se, multiplica-se, estrutura-se, ganha valor, registra sua evolução nos genes, ganha formas complexas. No início de tudo, o silêncio. Depois a sonoridade mecânica da movimentação rochosa, do mar revolto, dos trovões, dos vendavais, do crepitar das lavas vulcânicas. E então, numa nova era, os seres fazem reverberar pela primeira vez no mundo o grito de sua existência.

O som da vida! Numa fase primordial foram os urros assustadores, frendo as cordas das gargantas gigantes das dinossauros. Depois a sinfonia de animais em meio à floresta. O silêncio estranho e ensurdecido de sua extinção. Depois de uma evolução extraordinária por milhões de anos, enfim grita o homem nas savanas, como que anunciando a sua tímida

chegada. Comede tudo, fuça em tudo, aprende instintivamente a formar família. Um dia seu grito será de espanto, de surpresa, de medo, de sofrimento. Mas, em seguida, sua voz controlada vai cantar, ensinar, repreender, perguntar. Depois virão as ondas eletromagnéticas cruzando a comunicação inimaginável dos tempos modernos. O que virá pela frente, o que ocorrerá quando o homem, cansado de comer, beber, juntar ouro e mandar, cogitar da possibilidade de viver em paz, permitindo uma vida feliz para todos, sem exceção?

Paramos por aqui, nessa pergunta que ecoa no coração de milhares de homens ainda hoje, espalhados por toda a humanidade. São mulheres, homens, crianças, fazendo reverberar em uníssono o retido brado da esperança, vibrando nas faixas sublimes do fluido cósmico universal, tendo como origem os corações e as mentes de suas almas, podendo ser ouvidos como uma só voz, pela espiritualidade que a registra, como se fosse uma prece da renovação:

– Obrigado, senhor da vida. Obrigado por nos conceder a liberdade de conquistarmos, por nosso esforço, todas as sabedorias, qualidades e capacidades próprias e diferentes, em cada um de nós, neste minúsculo grão de poeira, sobra periférica da explosão das estrelas. Só um ser absolutamente eterno e infinito, em todas as suas qualidades, poderia olhar por tudo, e até por nós, minúsculas criaturas. Honraremos a tarefa a nós confiada. Cada um por sua vez, a partir da fé raciocinada. Faremos a escolha da caridade desinteressada, para atender às necessidades dos pequenos que a nós confiou. Trataremos a eles como irmãos menores que são. Sem explorá-los equivocadamente, como tem sido. Mas valorizando suas individualidades, tendo a paciência para que façam suas descobertas no tempo necessário. Provendo as necessidades, compreendendo sua inocência e simplicidade. Para isso, Senhor, vamos contra o egoísmo e o orgulho, chagas da sociedade, onde quer que eles estejam. Primeiramente na

imperfeição daqueles que os carregam. Depois das instituições carcomidas pelo tempo, próprias do mundo velho. Para todo mundo ouvir, exclamam as multidões: Liberdade! Nosso alicerce é a autonomia, nossa bandeira a caridade desinteressada, nossa meta, a mudança de mentalidade. Somos muitos, vamos juntos. Quem poderá nos deter? Um dia, seremos todos.

Essa prece vai certamente se realizar na Terra. Não há dúvida. Mas que restará? Como se dará esse caminho? Quais serão os avanços e quais os retrocessos? Quanto tempo essa conquista vai levar para acontecer?

Essas perguntas somente serão respondidas posteriormente, quando esse último capítulo da história do mundo puder ser escrito, quando enfim sucedido. Mas, certamente, os escribas do futuro vão olhar para o nosso tempo como sendo o seu passado vivido e superado, e então vão grafar, com letras de luz, no livro da eternidade:

– Tudo valeu a pena. Pois essa é a nossa história, não temos vergonha de quem fomos, em virtude da grandiosa alegria pelo que nos tornamos. Pois a solidariedade que hoje nos une, a fraternidade que nos assegura o bem-estar e a felicidade compartilhada, foi nossa conquista, depois de muito suor, sofrimento e pranto. Vivenciadas no terreno fértil da Liberdade. E, no espaço infinito, ecoará a mensagem final da Terra, conquista milenar de milhões de almas persistentes:

– Enfim, amigos.

O reino de Deus, que estava em nós, se fez, finalmente, entre nós!

FIM



## REFERÊNCIAS

- AKSAKOF, A. Researches on the Historical Origin of the Reincarnation Speculations of French Spiritualists. *Spiritualist Newspaper*, Londres, p. 74-5, 13 ago. 1875.
- AMADO, J. J. da S. *História natural da cellula, particularmente no homem*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1868.
- BAYLE, Pierre. *De la Tolérance: commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ “Contrains-les d’entrer”*. Paris: Presses Pocket, 1992.
- BENOIT, L. O. *Auguste Comte: fundador da física social*. São Paulo: Moderna, 2002.
- BERGSON, H. *La Science française*. Paris: Larousse, 1915.
- BERNARD, C. *Discours: prononcé à sa réception à l’Académie Française, le 27 mai 1869*. Paris: Librairie Académique, 1869.
- BÍBLIA. v. I. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BIRAN, M. F. P. G. M. D. *Journal intime, 1792-1817*. Paris: A de la Valette-Mobrum, 1927.
- \_\_\_\_\_. *Œuvres choisies*. Paris: Aubier, 1942.
- \_\_\_\_\_. *Journal intime*. v. 2. Neuchâtel: Édition de la Baconnière, 1957.
- BLAVATSKY, H. *A chave para a teosofia*. 4. ed. Brasília: Teosófica, 2011.
- BOBBIO, N. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

- CASTRO, D. D. B. D. *O tradicionalismo em d. Romualdo Antonio de Seixas*. Rio de Janeiro, 1983. Tese (Doutorado) – Universidade Gama Filho.
- COMTE, A. *Catecismo positivista*. In: *Comte*. São Paulo: Abril, 1978. [Coleção Os Pensadores.]
- \_\_\_\_\_. *Opúsculos de filosofia social 1819-1828*. Porto Alegre: Globo, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Curso de filosofia positiva*. In: *Comte*. São Paulo: Abril, 1978. [Coleção Os Pensadores.]
- COUDRAY, A. -F. -P. F. du. *Memoirs of the Count de Falloux*. Sidney: Wentworth Press, 2016.
- COUSIN, V. *Défense de l'université et de la philosophie*. 3. ed. [S. l.]: Joubert, 1844.
- \_\_\_\_\_. *Justice et charité*. Paris: Imprimeure de l'Institute, 1848.
- \_\_\_\_\_. *Du Vrai, du Beau et du Bien*. Paris: Didier, 1853.
- DELANNE, G. *A evolução anímica: estudos sobre a psicologia fisiológica segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Espiritismo perante a ciência*. Trad. Carlos Imbassay. Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- DELEUZE, J. P. F. *Historie critique du magnétisme animal*. Paris: Chez Belin--Leprieur, 1813.
- DENIS, LÉON. *No invisível*. Brasília: Federação Espírita Brasileira, [1911], 2008.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- EINSTEIN, A. ; INFELD, L. *A evolução da física*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- FARIA, E. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: José Vianna,

1854.

FARIAS, R. F. D. ; BASSALO, J. M. F. *Para gostar de ler a história da física*. Campinas: Átomo, 2010.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB). *Revista Reformador*, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, periódico evolucionista, n. 457, 1. ed. 1º maio 1902.

\_\_\_\_\_. *Revista Reformador*, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1. ed. , 1917.

FIGUEIREDO, P. H. D. *Revolução espírita, a teoria esquecida de Allan Kardec*. 2. ed. São Paulo: Feal/Maat, 2016.

\_\_\_\_\_. *Mesmer: a ciência negada do magnetismo animal*. 4. ed. São Paulo: Feal/Maat, 2017.

FLAMMARION, C. *As forças naturais desconhecidas*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2011.

FRANÇA, E. F. *Investigações de psicologia*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1973.

FROPPO, B. *Beaucoup de lumière*. Paris: Imprimerie Polyglotte, 1884.

GARCIA, W. *O Corpo Fluídico*. 2 ed. Capivari: EME, 1996.

GOIDANICH, S. P. *El legado de Allan Kardec*. Buenos Aires: Confederación Espiritista Argentina, 2017. [Ed. bras. : *O legado de Allan Kardec*. São Paulo: Edição USE; CCDPE, 2018.]

GOMEZ, D. S. Los inicios de la expansion de las ideas de Pestalozzi en Francia. *Revista Espanhola de Pedagogia*, Madri, n. 157, p. 47-61, jun.-set. 1982.

HAHNEMANN, S. *Organon of homœopathic medicine*. Trad. Constantine Hering. Nova York: William Radde, 1849.

\_\_\_\_\_. *Exposição da doutrina homeopática, ou, Organon da Arte de Curar*. 5. ed. São Paulo: GEHSP “Benoit Mure”, 2013.

HERRENSCHNEIDER, F. *La Religion et la politique de la société*

*moderne*. Paris: Dentu, 1867.

HUGO, V. *Victor Hugo contrela loi Falloux*. Contient: La Liberté de l'enseignement. Paris: Broché, 1933.

JANET, P. A. R. *La Morale*. Paris: Librairie Charles Delagrave, 1874.

\_\_\_\_\_. *Tratado elementar de philosophia*. v. 1. Rio de Janeiro: Garnier, 1885.

\_\_\_\_\_. *Victor Cousin et son œuvre*. Paris: Calmann Lévy, 1885.

\_\_\_\_\_. *Tratado elementar de philosophia*. v. 2. Rio de Janeiro: Garnier, 1886.

JAUME, L. *L'Individu effacé ou le paradoxe du liberalisme français*. Paris: Fayard, 1997.

JOURDAN, L. *Les Prières de Ludovic*. Paris: Librairie Nouvelle, 1849.

\_\_\_\_\_. *Les Célébrites du jour 1860-1861*. Paris: Aux Bureaux du Journal *Le Siècle*, 1861.

KANDEL, E. R. *Princípios de neurociências*. 5. ed. São Paulo: AMGH, 2014.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. 76. ed. Brasília: FEB, [1860] 1995.

\_\_\_\_\_. *O que é o Espiritismo?* 37. ed. Brasília: FEB, [1859] 1995.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Médiuns*. 62. ed. Brasília: FEB, [1861] 1996.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 112. ed. Brasília: FEB, [1864] 1996.

\_\_\_\_\_. *O Céu e o Inferno, ou a justiça divina segundo o Espiritismo*. 40. ed. Brasília: FEB, [1865] 1995.

\_\_\_\_\_. *A Gênese, obra aprovada, traduzida e publicada sob os auspícios da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Rio de Janeiro: Garnier, [1868] 1882.

\_\_\_\_\_. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo: conforme a 1ª edição original*. 2. ed. São Paulo: Fundação Espírita André

Luiz (FEAL), [1868] 2018.

\_\_\_\_\_. *Obras Póstumas*. 26. ed. Brasília: FEB, [1890] 1996.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Primeiro ano – 1858. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1858. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Segundo ano – 1859. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1859. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Terceiro ano – 1860. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1860. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Quarto ano – 1861. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1861. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Quinto ano – 1862. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1862. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Sexto ano – 1863. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1863. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Sétimo ano – 1864. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1864. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Oitavo ano – 1865. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1865. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Nono ano – 1866. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1866. [versão digital.]

digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Décimo ano – 1867. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1867. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Décimo primeiro ano – 1868. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1868. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Décimo segundo ano – 1869. 1. ed. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, [RE] 1869. [versão digital.]

\_\_\_\_\_. *Revue Spirite: Journal d'Études Psychologiques*. Anne 1869. Paris: Union Spirite Française et Francophone, [RE] 1869.

LAFONTAINE, C. -L. *A arte de magnetizar*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2016.

LAMENNAIS. *Palavras de um crente*. São Paulo: Edições Mundo Latino, 1965.

LAVOISIER, A. -L. *Tratado elementar de química*. São Paulo: Madras, 2007.

LE CAT, C. L. *Traité des sensations et des passions em general*. v. 1. Paris: Vallat-la-Chapelle, 1767.

LUZ, N. D. Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Por dentro da África, 24 set. 2014. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

MAGALHÃES, J. G. D. *Fatos do espírito humano*. Rio de Janeiro: Garnier, 1858.

MAIDRON, E. *Revue Illustrée*, Paris, 15 jun. 1894.

- MAISTRE, J. de. *Considerações sobre a França*. Trad. e introd. Rita Sacadura Fonseca. Coimbra: Almedina, 2010.
- MALTHUS, Thomas Robert. Ensaio sobre a população. In: *Malthus*. São Paulo: Best Seller, 1996. [Coleção Economistas.]
- MANSOIS-DUPREY, L. *Cours de philosophie élémentaire em L'École Normale*: Journal de L'Enseignement Pratique. Paris: Larousse et Boyer, 1864.
- MARINHO, G. S. *A Igreja e o Estado*. Rio de Janeiro: J. C. De Villeneuve & Co. , 1873.
- MENEZES, B. D. *Discursos parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1986.
- MESMER, F. A. *Mesmerismus, oder, System der Wechselwirkungen*. Berlin: Nikolaischen Buchhandlung, 1814.
- \_\_\_\_\_. Mémoire de F. A. Mesmer, docteur en medicine, sur ses découvertes. Avec des notes de J. L. Picher Grandchamp. Paris: Pierre Maumus et Cie., 1826.
- MICHEL, A. *Les Jesuites*. Paris: Sandoz et Fishbacher, 1879.
- MONTEGGIA, E. *A verdadeira medicina physica e espiritual, propaganda de magnetotherapia, jornal científico*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1861.
- MOTTA, R. P. S. Paradoxos do pensamento contrarrevolucionário: Joseph de Maistre. *Revista de História Locus*, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, 2001.
- MUSSET, A. de. *A confissão de um filho do século*. São Paulo: Manole, 1959.
- NEWTON, I. *Óptica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- NICOLAS, S. *Théodule Ribot, philosophe breton, fondateur de La psychologie française*. Paris: Harmattan, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2008.

- OCHOROWICZ, J. *A sugestão mental*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.
- PAIM, A. *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Convívio, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Escola eclética, estudos complementares à história das ideias filosóficas no Brasil*. v. IV. 2. ed. Londrina: Edições Cefil, 1999.
- \_\_\_\_\_. *História das ideias filosóficas no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Edições Humanidades, 2007.
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.
- PIRES, J. H. *O reino*. São Paulo: [s. n.], 1946. Disponível em: <[http://files.comunidades.net/portaldoespirito/01\\_\\_O\\_Reino\\_1946.pdf](http://files.comunidades.net/portaldoespirito/01__O_Reino_1946.pdf)>.
- \_\_\_\_\_. *O verbo e a carne*. São Paulo: Paideia, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Curso dinâmico de Espiritismo: o grande desconhecido*. São Paulo: Paideia, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Revisão do cristianismo*. 4. ed. São Paulo: Paideia, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O reino*. São Paulo: Paideia, 2002.
- POPPER, K. *O mito do contexto: em defesa da ciência e da racionalidade*. Lisboa: Edições 70, 1996.
- PUYSÉGUR, A. M.-J. D. C. *Memórias para contribuir com a história e a instituição do magnetismo animal*. Paris: Cellot, 1784.
- \_\_\_\_\_. *Du Magnetisme animal*. 2. ed. Paris: Cellot, 1809.
- RIBOT, T. *La psychologie anglaise contemporaine*. Paris: G. Baillièrre, 1870.
- \_\_\_\_\_. Philosophie et psychologie en France. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n. 2, p. 107-23, 1877.
- ROUSSEAU, J. -J. *Emílio ou Da educação*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Emílio ou Da Educação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- ROUSTAING, J.-B. *Os quatro Evangelhos*. Brasília: FEB, 1996.
- ROUSTAING, L. É. D. J.-B. *Les quatre Évangiles de J.-B. Roustaing: réponse a ses critiques et a ses adversaires*. Bordeaux: J. Durand, 1882. [Ed. bras.: *Os quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing: resposta a seus críticos e a seus adversários*, editado pelos discípulos de J.-B. Roustaing. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 2007.]
- ROWLAND, M. P. *Millennials Are Driving the Worldwide Shift Away from Meat*. Blog da revista *Forbes*, 23 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/michaelpellmanrowland>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- RYDELL, A. *Ladrões de livros: a história real de como os nazistas roubaram milhões de livros durante a Segunda Guerra*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- SAND, G. *História da minha vida*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- SAYÃO, A. L. *Trabalhos espíritas de um pequeno grupo de crentes humildes*. Rio de Janeiro: Typografia Moreira Maximino, 1893.
- \_\_\_\_\_. *Trabalhos espíritas de um pequeno grupo de crentes humildes: estudo dos Evangelhos de S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas em espírito e em verdade*. Rio de Janeiro: Typografia Moreira Maximino, Chagas e Co., 1896.
- SCHWANN, T. *Microscopical Researches into the Accordance in the Structure and Growth of Animals and Plants*. Londres: Sydenham Society, 1847.
- SIMON, J. *Victor Cousin*. Paris: Hachette, 1887.
- TAUBER, A. I. *Science and the Quest for Meaning*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2009.
- TINOCO, C. A. *As Upanishads*. São Paulo: Ibrasa, 1996.
- TOLSTÓI, L. *O reino de Deus está em vós: o cristianismo apresentado não*

- como uma doutrina mística, mas como uma nova moral. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- TORTEROLI, A. *O spiritismo no Brasil e em Portugal: notícias de todas as aggremações spíritas de 1857 até hoje*. Rio de Janeiro: Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, 1898.
- TRACY, A. D. D. *Éléments d'idéologie: Première partie – Idéologie proprement dite*. Paris: Courcier, 1817.
- UMBELINO, L. A. F. *Somatologia subjetiva, a percepção de si e corpo em Maine de Biran*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- UNION SPIRITE FRANÇAISE. *J.-B. Roustaing devant le Spiritisme: réponse à ses élèves*. Paris: Bureaux du Journal *Le Spiritisme*, 1883.
- VATICANO. <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s2c1\\_198-421\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2c1_198-421_po.html)>. Acesso em: 6 fev. 2019.
- \_\_\_\_\_. <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p3s1cap1\\_1699-1876\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1cap1_1699-1876_po.html)>. Acesso em: 6 fev. 2019.
- VERMEREN, P. *Victor Cousin: el juego político entre la filosofía y el Estado*. Rosário: Homo Sapiens, 2009.
- VOLNEY, C.-F. D. C. *La Loi naturelle ou catéchisme du citoyen français*. Paris: Coucier, 1809.
- WAISSE, S. ; AMARAL, M. T. C. G. ; ALFONSO-GOLDFARB, A. M. Raízes do vitalismo francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. *Hist. cienc. Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, jul.-set. 2011.
- WATSON, J. B. Clássico traduzido: a psicologia como o behaviorista a vê. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 289-301, 2008. Disponível em: <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2008000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200011)>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- WIJINGAARDEN, A. L. Boerhaave: una mente brillante, un carácter

virtuoso. *Revista Médica*, Santiago do Chile, v. 130, n. 9, set. 2002.  
XAVIER, F. C. *Mecanismos da mediunidade*. Brasília: FEB, 2017.

### **Iconografia**

Fotografia do acervo do CDOR retratando Allan Kardec (página 22).

"Vista do Sena em Paris", 1820. Pintura de Giuseppe Canella (1788-1847).  
Coleção particular, Milão, Itália (página 144).

Esboço da face de Jesus Cristo na última Ceia. Leonardo da Vinci (1452-1519), Milão, Pinacoteca Di Brera (página 528).

Imagem de Yoko Aziz na Etiópia, retratando habitantes do vale Omo da etnia Hamar (página 646).